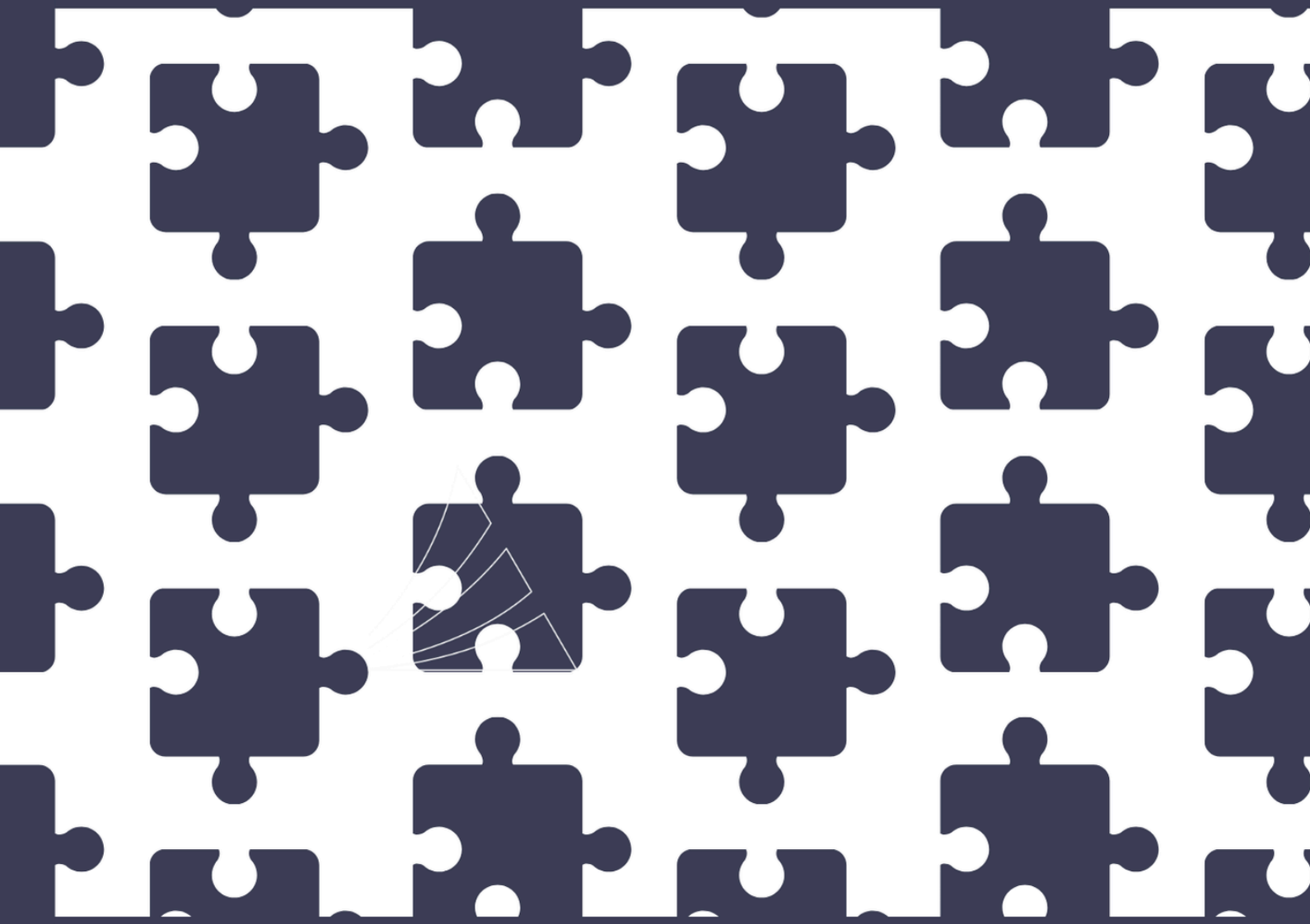
Kelber Abrão
Fábio Pereira Vaz
Thiago Nilton Alves Pereira
(Organizadores)

Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade, Transtorno do Espectro Autista, Altas Habilidades e Superdotação:

PESQUISAS NO TOCANTINS

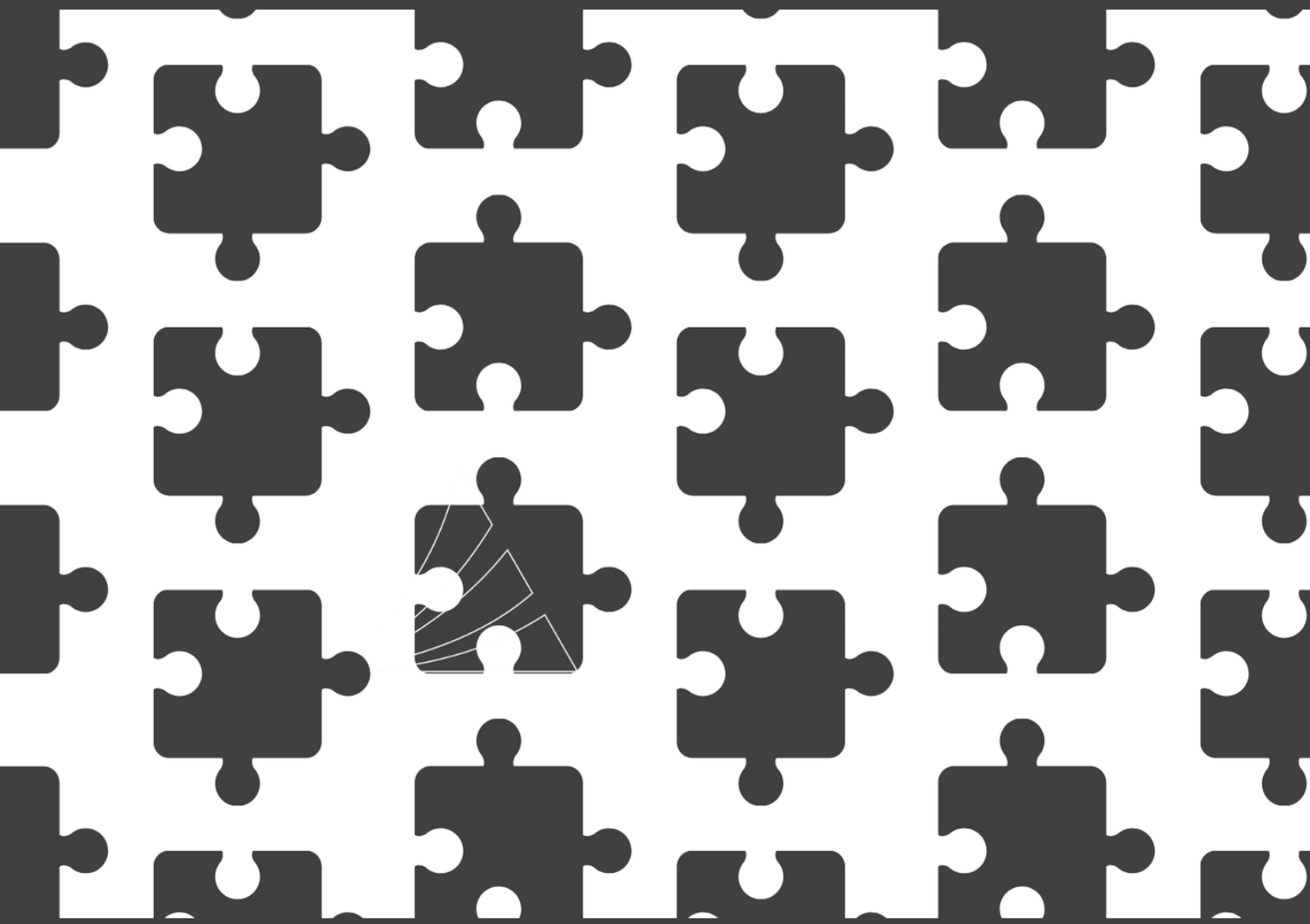


EDUFT
Conhecimento na palma da mão

Kelber Abrão
Fábio Pereira Vaz
Thiago Nilton Alves Pereira
(Organizadores)

Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade, Transtorno do Espectro Autista, Altas Habilidades e Superdotação:

PESQUISAS NO TOCANTINS



EDUFT
Conhecimento na palma da mão

Ruhena Kelber Abrão
Fábio Pereira Vaz
Thiago Nilton Alves Pereira

TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE, TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA, ALTAS HABILIDADES E SUPERDOTAÇÃO: PESQUISAS NO TOCANTINS

VOLUME 1

Ruhena Kelber Abrão
Fábio Pereira Vaz
Thiago Nilton Alves Pereira

TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE, TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA, ALTAS HABILIDADES E SUPERDOTAÇÃO: PESQUISAS NO TOCANTINS

1º Edição
Volume 1
PALMAS
2026

Universidade Federal do Tocantins

Editora da Universidade Federal do Tocantins - EDUFT

Reitora
Maria Santana Ferreira dos Santos Milhomem

Vice-reitor
Marcelo Leineker Costa

Pró-Reitor de Administração e Finanças (PROAD)
Carlos Alberto Moreira de Araújo Junior

Pró-Reitor de Avaliação e Planejamento (PROAP)
Eduardo Andrea Lemus Erasmo

Pró-Reitor de Assuntos Estudantis (PROEST)
Kherlley Caxias Batista Barbosa

Pró-Reitor de Extensão (PROEX)
Bruno Barreto Amorim Campos

Pró-Reitora de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas (PROGEDEP)
Michelle Matilde Semiguem Lima Trombini Duarte

Pró-Reitora de Graduação (PROGRAD)
Valdirene Gomes dos Santos de Jesus

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPESQ)
Marcos Vinicius Giongo Alves.

Pró-Reitora de Tecnologia e Comunicação (PROTIC)
Olívia Tozzi Bittencourt

Conselho Editorial
Presidente
Ruhena Kelber Abrão Ferreira

Membros do Conselho por Área

Ciências Biológicas e da Saúde
Ruhena Kelber Abrão Ferreira

Ciências Humanas, Letras e Artes
Fernando José Ludwig

Ciências Sociais Aplicadas
Ingrid Pereira de Assis

Interdisciplinar
Wilson Rogério dos Santos

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.

http://www.abecbrasil.org.br

http://www.abeu.org.br

Ficha técnica
Revisão Linguística: os autores

Revisão Técnica: Alderise Pereira da Silva Quixabeira
Thiago Nilton Alves Pereira
Ana Paula Machado Silva

Diagramação: Diana Alves Silva e Ana Julia Campos Vieira

Capa: Diana Alves Silva

DOI 10.20873//_eduft_2026_31
Ficha catalográfica

Copyright © 2026 – Universidade Federal do Tocantins – Todos direitos reservados

www.uft.edu.br

Universidade Federal do Tocantins (UFT) | Câmpus de Palmas
Avenida NS 15, Quadra 109 Norte | Plano Diretor Norte Bloco IV, Reitoria
Palmas/TO | 77001-090

Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da Universidade Federal do Tocantins

W388 Transtorno Do Déficit De Atenção E Hiperatividade, Transtorno Do Espectro Autista, Altas Habilidades E Superdotação: Pesquisas No Tocantins [livro digital] Volume Único / Organização: Kelber Abrão, Fábio Pereira Vaz, Thiago Nilton Alves Pereira.

Palmas, TO
: EdUFT, 2026.
660 p.

ISBN nº 978-65-5390-264-0

1. TDAH. 2. Memorial. 3. Saúde. 4. Tocantins. 5 Educação; I. Abrão, Kelber. II. Vaz, Fábio Pereira. III. Pereira, Thiago Nilton Alves. IV. Transtorno Do Déficit De Atenção E Hiperatividade, Transtorno Do Espectro Autista, Altas Habilidades E Superdotação: Pesquisas No Tocantins.

CDD 980.1

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Apresentação

Esta obra nasce de um processo focado na transformação e aprofundamento humano: a trajetória vivida por cada um dos acadêmicos do Curso de Especialização em Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), Transtorno do Espectro Autista (TEA), Altas Habilidades e autobiografias e/ou memoriais descritivos e/ou compêndio teórico, este livro é o retrato fiel do percurso percorrido por educadores, psicólogos, psicopedagogos e profissionais da saúde e da educação que aceitaram o desafio de olhar para a neurodiversidade sob a luz da ciência. A essência que perpassa cada capítulo é, fundamentalmente, a história de quem se dispôs a trilhar uma jornada de descobertas/redescoberta/aprendizado pessoal e reconstrução profissional, culminando na consolidação de saberes que hoje impactam diretamente o cenário educacional tocantinense.

No ponto de partida dessa caminhada, os autores encontravam-se diante dos dilemas e angústias cotidianos da prática pedagógica no território tocantinense. Deparavam-se com a escassez de literatura regionalizada, com os desafios do Atendimento Educacional Especializado (AEE) em municípios do interior e da capital, e com a urgência de respostas concretas para acolher estudantes neurodivergentes. Ao ingressarem na pós-graduação, trouxeram em suas bagagens memórias de suas próprias escolarizações, dúvidas sobre como intervir adequadamente e, em muitos casos, inquietações pessoais. Durante o percurso formativo, a imersão nos eixos do TDAH, TEA, AH/SD e Superdotação provocou um movimento duplo e contínuo: ao mesmo tempo em que se apropriavam das evidências neurocientíficas e das metodologias inclusivas, debruçavam-se reflexivamente sobre suas próprias histórias de vida. Para vários acadêmicos, a travessia pelo curso

significou também a descoberta ou a confirmação de suas próprias condições de neurodivergência, ressignificando dores antigas em potência pedagógica ou até mesmo, a motivação do aprender em virtude de neurodivergências em seus seios familiares.

À medida que o curso avançava rumo ao seu encerramento, a escrita autoetnográfica e a pesquisa narrativa tornaram-se o elo integrador dessa caminhada. Cada capítulo reflete o amadurecimento gradativo dos cursistas até o momento culminante da conclusão da especialização. Neles, o leitor acompanha como a teoria sobre funções executivas, comunicação alternativa, PDI e enriquecimento curricular deixou de ser um conceito abstrato para se tornar instrumento de intervenção e transformação na vida real de professores e alunos. Chegar ao final desse processo formativo não representou apenas o cumprimento de uma etapa acadêmica, mas a emersão de uma nova identidade profissional, mais empática, tecnicamente fundamentada e profundamente consciente das especificidades sociais e culturais do coração do Brasil, o Tocantins.

Ao final desta leitura, fica evidente que o valor supremo deste livro reside na coragem dos acadêmicos em expor suas trajetórias do início ao fim da especialização. Ao registrarem suas dúvidas iniciais, seus sobressaltos, suas descobertas teóricas e a satisfação do dever cumprido no encerramento da pós-graduação, os autores entregam à comunidade um legado inestimável. Trata-se de uma obra viva que convida o leitor a refletir e compreender que a verdadeira educação inclusiva não se constrói apenas com manuais ou decretos, mas com o compromisso ético e afetuoso de profissionais que aceitam transformar suas próprias histórias para transformar a história de seus estudantes.

Os organizadores.

Prefácio

Escrever o prefácio desta obra é, para mim, motivo de grande alegria e também de profundo significado. Ao longo da minha trajetória como psicóloga, professora, pesquisadora e supervisora clínica, aprendi que o conhecimento só alcança sua verdadeira finalidade quando transforma pessoas, amplia perspectivas e fortalece práticas comprometidas com a dignidade humana. É exatamente essa experiência que encontro nas páginas deste livro.

Minha formação em Psicologia pela Universidade do Vale do Itajaí, o mestrado em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina, as especializações em Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes, Saúde da Família e Terapia Cognitivo-Comportamental construíram uma base sólida para compreender a complexidade do desenvolvimento humano.

Ao longo de mais de duas décadas dedicadas ao ensino superior, à formação de profissionais da saúde e da educação e ao atendimento clínico, pude acompanhar inúmeras histórias de superação, aprendizagem e reconstrução de trajetórias. Essas vivências reforçaram em mim a convicção de que uma educação verdadeiramente inclusiva depende da união entre conhecimento científico, sensibilidade humana e compromisso ético.

Foi com esse olhar que tive a honra de atuar como professora e pesquisadora junto ao Centro de Formação, Extensão, Inovação e Pesquisa em Educação, Lazer e Saúde da Universidade Federal do Tocantins (Cepels/UFT), integrando a equipe responsável pela formação e pesquisas com profissionais que participaram dos cursos de pós-graduação lato sensu em Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), Transtorno do Espectro Autista (TEA), Altas Habilidades e Superdotação, desenvolvidos em parceria com a Secretaria de Estado da Educação do Tocantins (Seduc).

Essa experiência permitiu acompanhar de perto o amadurecimento acadêmico e humano de professores, psicólogos, pedagogos e demais profissionais da educação e da saúde que assumiram o desafio de aprofundar seus conhecimentos para responder às demandas cada vez mais complexas da educação inclusiva no Tocantins.

Durante esse percurso, percebi que a formação ultrapassou os limites da sala de aula. Cada encontro, cada discussão, cada produção científica e cada memorial construído revelavam profissionais dispostos a revisitar suas histórias, confrontar suas práticas e reconstruir suas formas de compreender a neurodiversidade. Vi nascer pesquisas comprometidas com a realidade regional, fundamentadas em evidências científicas, mas profundamente conectadas às experiências vividas nas escolas, nos serviços de saúde e nos diferentes espaços de acolhimento.

Este livro materializa esse movimento. Mais do que reunir capítulos acadêmicos, apresenta histórias de vida que dialogam com a ciência, com a prática profissional e com o compromisso social. Cada autor compartilha seu percurso com coragem, permitindo que o leitor compreenda como a formação continuada pode transformar não apenas competências técnicas, mas também a maneira como enxergamos o outro, respeitamos as diferenças e construímos possibilidades de inclusão.

Enquanto psicóloga cognitivo-comportamental, acredito que o desenvolvimento humano acontece quando somos capazes de ressignificar experiências, ampliar repertórios e construir novas formas de agir diante dos desafios. Essa perspectiva está presente em cada página desta obra. Os relatos aqui reunidos demonstram que aprender também significa reconstruir crenças, superar limitações, desenvolver empatia e reconhecer que cada estudante possui potencialidades que merecem ser acolhidas e estimuladas.

Também considero especialmente relevante o compromisso desta publicação com a produção de conhecimento voltado à realidade tocantinense. A inclusão escolar exige respostas contextualizadas, sensíveis às características culturais, sociais e educacionais de cada território. Nesse sentido, os estudos aqui apresentados fortalecem uma produção científica regional de elevada qualidade, oferecendo subsídios concretos para professores, pesquisadores, gestores, psicólogos e demais profissionais que atuam na promoção de uma educação cada vez mais acessível, equitativa e humanizada.

Parabenizo os organizadores pela iniciativa, pela seriedade acadêmica e pela capacidade de reunir tantas vozes comprometidas com a transformação social. Cumprimento, igualmente, cada autor que aceitou revisitar sua própria trajetória para compartilhar experiências que certamente inspirarão muitos outros profissionais.

Tenho a convicção de que esta obra representa um importante marco para a formação continuada em Educação Especial e Inclusiva no Tocantins e contribuirá para fortalecer uma cultura educacional pautada no conhecimento científico, na ética, no respeito à diversidade e na valorização da singularidade humana.

Desejo que cada leitor encontre nestas páginas não apenas informações e fundamentos teóricos, mas também inspiração para continuar acreditando que a educação, quando construída com ciência, sensibilidade e compromisso, permanece sendo uma das mais poderosas ferramentas de transformação da sociedade.

Andréia Ayres Gabardo

Psicóloga, Mestre em Psicologia, Especialista em Terapia Cognitivo-Comportamental, Saúde da Família e Violência Doméstica

contra Crianças e Adolescentes, Coordenadora do Curso de Psicologia – UNINASSAU Palmas

Sumário

Capítulo 1 17
ÁGUAS QUE ME MOLDARAM: UMA TRAVESSIA DE VIDA, FORMAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO.
Adgilma Shirlei da Conceição Gonzaga
Capítulo 2 35
RELATOS DE UM RECOMEÇO: MISSÃO E UM PROPÓSITO DE CONHECIMENTO
Aldilene Borges Asevêdo
Capítulo 3 47
RESILIÊNCIA, SABERES E CAMINHOS DA INCLUSÃO
Alessandra Andrade Rezende
Capítulo 4 60
DA INVISIBILIDADE À INCLUSÃO: MEMORIAL DESCRITIVO DE UMA TRAJETÓRIA PESSOAL E PROFISSIONAL RUMO À EDUCAÇÃO ESPECIAL
Ana Cristina Viana Ribeiro Verçosa
Capítulo 5 88
TECENDO SABERES, NARRANDO HISTÓRIAS: MEMORIAL DE UMA VIDA EM FORMAÇÃO
Andrei Da Silva Sousa
Capítulo 6 99
BRUNA REGES - ENTRE EXPERIÊNCIAS E APRENDIZAGENS: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE POR MEIO DA FORMAÇÃO E DA EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL
Bruna Reges Furtado da Cunha
Capítulo 7 116
TRAJETÓRIA, PERTENCIMENTO E FORMAÇÃO MEMORIAL DE UM PERCURSO ENTRE NEURODIVERGÊNCIA, DOCÊNCIA E INCLUSÃO
Bruno Marcell Paiva Costa
Capítulo 8 139
MEMORIAL ACADÊMICO E PROFISSIONAL.
Camilla Coáglio Peixoto
Capítulo 9 150
DA CASA DE BARRO AOS ESPAÇOS DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO: UMA TRAJETÓRIA DE RESISTÊNCIA, FORMAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL.
Célia Cirqueira Da Silva
Capítulo 10 181
PERCURSO FORMATIVO NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA
Cleide Diamantino Lopes
Capítulo 11 192
MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS DE VIDA PESSOAL, FORMAÇÃO E PROFISSIONALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO PÚBLICA
Edinalva Luiz Cardoso
Capítulo 12 203
DA INFÂNCIA À MATURIDADE: MINHA JORNADA DE VIDA
Eliane Oliveira Santos Araújo
Capítulo 13 209

MEU QUEBRA-CABEÇAS: MEMÓRIAS, SILÊNCIOS, DESCOBERTAS E RECONSTRUÇÕES
Elizia Aparecida Pinheiro
Capítulo 14 **241**
FLOR DO CAJUEIRO, CAPIM DOURADO
Flávia Lustosa De Alencar
Capítulo 15 **259**
DA FÍSICA À EDUCAÇÃO FÍSICA RELEMBRANDO AS EXPERIÊNCIAS QUE COREOGRAFARAM MINHA EXISTÊNCIA E A CONSTRUÇÃO DA MINHA IDENTIDADE DOCENTE
Gabriela Silva dos Santos
Capítulo 16 **265**
AUTOBIOGRAFIA: CAMINHOS QUE ME TROUXERAM ATÉ AQUI
George José dos Santos
Capítulo 17 **285**
POR ENTRE CAMINHADAS: MEMÓRIAS, VIVÊNCIAS E APRENDIZAGENS NA CONSTRUÇÃO DA MINHA FORMAÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL
Geovany Pereira da Silva
Capítulo 18 **307**
MEMORIAL DESCRITIVO: TRAJETÓRIAS DE SUPERAÇÃO, GESTÃO E ACOLHIMENTO DE UMA EDUCADORA QUE APRENDEU ENSINANDO.
Helane Dias Rodrigues
Capítulo 19 **332**
PELOS CAMINHOS QUE EXU ABRIU: UM MEMORIAL DE ESCREVIVÊNCIA.
Hilton Oliveira Nogueira da Silva
Capítulo 20 **346**
EDUCAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO: MINHA TRAJETÓRIA DE VIDA, FORMAÇÃO E PROJETO DE CARREIRA.
Ingrid Ferreira Furtado
Capítulo 21 **366**
A CABANA: AUTOBIOGRAFIA E RESSIGNIFICAÇÃO DA DEPRESSÃO PÓS-PARTO NA MATERNIDADE ATÍPICA
Isabelle Gomes do Nascimento
Capítulo 22 **386**
DO MAR DA BAHIA AO CORAÇÃO DO TOCANTINS: A EDUCAÇÃO COMO PONTE PARA OS MEUS SONHOS
Ivaneide da Conceição Pitanga
Capítulo 23 **399**
DIREITO, SOCIOLOGIA E EDUCAÇÃO: CAMINHOS FORMATIVOS E COMPROMISSOS COM A EQUIDADE, A INCLUSÃO E A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL
Jadson Lobato Gonçalves
Capítulo 24 **412**
O CHÃO QUE PISEI, AS VIDAS QUE TOQUEI: MEU MEMORIAL AUTOBIOGRÁFICO DE AFETO, CIÊNCIA E EDUCAÇÃO
Janaina Justino da Silva
Capítulo 25 **423**
ENTRE SONHOS, EDUCAÇÃO E INCLUSÃO: AUTOBIOGRAFIA E ESBOÇO DE

PRÉ-PROJETO SOBRE OS DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA EDUCAÇÃO DE ESTUDANTES COM TEA NO MUNICÍPIO DE ARAGUATINS/TO
Jaumineide Oliveira dos Santos Soares
Capítulo 26 434
ENTRE DOURADOS E CAMINHOS: MEMÓRIAS, FORMAÇÃO E COMPROMISSO COM A EDUCAÇÃO INCLUSIVA
Kátia Cilene Siqueira da Silva Leite
Capítulo 27 444
MEMORIAL ACADÊMICO: BAÚ DE MEMÓRIAS: O TESOURO DA VIDA
Kátia de Almeida Macêdo
Capítulo 28 457
ENTRE VIVÊNCIAS E APRENDIZAGENS: MEMORIAL DA MINHA TRAJETÓRIA PESSOAL E PEDAGÓGICA
Laís Silva Ferreira
Capítulo 29 469
ENTRE POTENCIALIDADES E DESAFIOS: UMA AUTOBIOGRAFIA SOBRE TEA, TDAH E ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO
Leilane Silva Carvalho
Capítulo 30 482
MEMORIAL ACADÊMICO: MEMÓRIAS DE UMA ETERNA APRENDIZ
Marcelene Batista Cunha
Capítulo 31 488
A VIDA COMO ELA NÃO É, NOS BASTIDORES: COMO UM PROFESSOR SE PREPARA PARA A PROFISSÃO DO "SACERDÓCIO"
Maria Aparecida Fernandes de Sousa
Capítulo 32 518
DA ALFABETIZAÇÃO EM CASA À PESQUISA ACADÊMICA: CAMINHOS DE FORMAÇÃO E COMPROMISSO COM A EDUCAÇÃO INCLUSIVA
Marilene Carvalho Soares
Capítulo 33 536
AUTOBIOGRAFIA: MEMÓRIAS QUE CONTAM MINHA HISTÓRIA
Meridiana do Nascimento Bastos
Capítulo 34 543
O CAMINHO QUE ESCOLHI: MEMÓRIAS DE UMA TRAJETÓRIA ACADÊMICA E PROFISSIONAL
Milena Ferreira Galvão
Capítulo 35 557
COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E LINGUAGEM: CONVERGÊNCIAS NA CONSTRUÇÃO DE UM PERCURSO FORMATIVO
Núbia Daiana Mota Carvalho
Capítulo 36 575
VIDA É SORTE PERIGOSA: O QUE ELA QUER DA GENTE É CORAGEM
Rickesley da Silva Alves
Capítulo 37 585
MINHAS MEMÓRIAS: LEMBRANÇAS QUE ME FAZEM CRESCER
Ronaira Lourenço Gomes
Capítulo 38 597

ENTRE A EXPERIÊNCIA E A REFLEXÃO: UMA TRAJETÓRIA EM CONSTRUÇÃO
Rosimere Pinheiro da Silva
Capítulo 39
A EDUCAÇÃO COMO PROJETO DE VIDA: MEMÓRIAS DE FORMAÇÃO, RESISTÊNCIA E ESPERANÇA.
Santina Faustina Passos
Capítulo 40 **631**
MEMORIAL DESCRITIVO E REFLEXIVO: REVISITANDO O PASSADO, RESSIGNIFICANDO HISTÓRIAS E PROJETANDO O FUTURO
Verônica Marques Barbosa
Capítulo 41 **638**
PROJETO DE PESQUISA
Zirlene Morais da Silva
Sobre os autores 652
Sobre os organizadores **656**

Capítulo 1

ÁGUAS QUE ME MOLDARAM: UMA TRAVESSIA DE VIDA, FORMAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO.

Adgilma Shirlei da Conceição Gonzaga

RESUMO

Esta autobiografia apresenta uma reflexão sobre minha trajetória pessoal, acadêmica e profissional, evidenciando os caminhos que contribuíram para minha constituição como mulher, educadora e gestora da educação pública. Intitulada Águas que me Moldaram: uma travessia de vida, formação e transformação, a narrativa resgata memórias da infância vivida em Pindorama do Tocantins, marcada pelos valores familiares, pela vida comunitária e pelas experiências escolares que despertaram meu interesse pela educação. Filha caçula de uma família numerosa, formada por pais trabalhadores e resilientes, aprendi desde cedo a importância da persistência diante das dificuldades. O percurso formativo iniciou-se com o Curso Normal Superior na modalidade a distância, em um contexto de acesso limitado às tecnologias, e ampliou-se posteriormente com a graduação em Enfermagem, cursada concomitantemente ao ingresso na carreira docente. Ao longo de mais de duas décadas de atuação profissional, exerci funções na Assistência Social, Educação Infantil, Docência, Coordenação Pedagógica, Gestão Escolar e no Atendimento Educacional Especializado. A experiência na Educação Especial Inclusiva, especialmente o acompanhamento de estudantes cujas necessidades educacionais não foram identificadas precocemente, fortaleceu meu compromisso com a defesa do direito à educação de qualidade para todos. A narrativa também contempla experiências significativas relacionadas à maternidade, aos desafios da vida adulta, aos processos de recomeço e à busca contínua por formação. Atualmente, atuando como técnica da Educação Especial Inclusiva na Superintendência Regional de Educação de Porto Nacional e cursando especialização em TEA, TDAH e Altas Habilidades/Superdotação, reconheço a educação como eixo estruturante da minha história. Ao revisitar essa trajetória, compreendo que cada experiência vivida contribuiu para a construção de uma identidade profissional pautada pelo cuidado, pela inclusão, pela justiça social e pela crença transformadora da educação.

Palavras-chave: Autobiografia. Formação docente. Educação inclusiva. Trajetória profissional.

INTRODUÇÃO

Toda história precisa de um fio que conduza sua narrativa. Ao sentar para escrever a minha, procurei esse fio nas lembranças. Corpus Christi, banho, café e a missão de aproveitar essa pausa para escrever. Então volto às músicas da adolescência, como quem procura uma chave esquecida em alguma gaveta do tempo. Deixo que as lembranças venham sem pressa, emergindo como corpos na água, trazendo consigo rostos, lugares, cheiros, sons e afetos que ajudaram a construir quem sou.

Chamo-me Adgilma Shirlei. Sou filha de Antônio Roxo e Luzia, a décima quarta e última filha de uma família numerosa, forjada pelo trabalho, pela fé e pela resistência. Nasci em Porto Nacional, mas foi em Pindorama que aprendi a caminhar, a observar o mundo e a compreender o valor das pessoas, da comunidade e da educação. É dali que reconheço minhas raízes mais profundas, foi entre suas ruas, seus festejos, suas paisagens e suas histórias que aprendi as primeiras lições sobre pertencimento, coletividade e esperança.

Em Pindorama, cursei o Normal Superior a distância, quando estudar também significava ligar de um orelhão e rezar para o sinal não cair. Anos depois, fui para Porto Nacional cursar Enfermagem, conciliando faculdade e sala de aula com o relógio sempre apertado. Ao longo de mais de quinze anos na educação pública do Tocantins, percorri muitos caminhos: à docência, a coordenação pedagógica, a gestão escolar, o atendimento educacional especializado. Hoje atuo na área da Educação Especial Inclusiva e curso esta especialização pela Universidade Federal do Tocantins, que me trouxe até a escrita destas páginas.

Ao percorrer as margens das minhas memórias, reconheço que algumas paisagens mudaram, pessoas partiram e muitos sonhos foram transformados pela passagem do tempo. No entanto, assim como as águas guardam vestígios das chuvas que as alimentam, também carrego comigo marcas que permanecem vivas e que continuam orientando meus passos. É a partir dessas permanências que convido o leitor a conhecer a história que segue.

NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA

O Que a Água Não Levou — Raízes

Sou a décima quarta e última filha de Antônio Roxo e Luzia. Dos quatorze filhos gerados por minha mãe, onze sobreviveram. Os demais foram natimortos ou abortos espontâneos, realidade infelizmente comum para muitas famílias do interior brasileiro na época. Cresci entre nove irmãs e dois irmãos, aprendendo desde cedo que compartilhar era menos uma escolha do que uma condição da vida.

Meus pais se casaram muito jovens. Meu pai tinha dezenove anos; minha mãe, apenas dezesseis. Desde então construíram uma história marcada pelo trabalho, pelos desafios e por uma admirável capacidade de permanecer juntos apesar das dificuldades.

Meu pai nasceu na Bahia. Foi um legítimo retirante nordestino, que comungou da história dos que cruzaram estradas em busca de uma vida mais digna, fugindo da seca que castigava o sertão. Na família também circula outra versão, contada sempre entre risos e mistérios: a de que meu avô teria se envolvido em uma confusão amorosa da qual era prudente desaparecer por algum tempo. Nunca soube exatamente onde termina a verdade e começa a lenda, mas aprendi que toda família guarda histórias que sobrevivem mais pela oralidade do que pelos registros.

Minha mãe nasceu na região que hoje corresponde ao Quilombo do Mumbuca. Perdeu o pai ainda criança. Quando minha avó Joana se casou novamente, os pais dela decidiram criar a neta, acreditando oferecer-lhe melhores condições de vida. Assim, Luizinha, como era chamada na infância, cresceu entre cuidados, responsabilidades e muitos mimos. Talvez por isso sempre tenha carregado consigo uma delicadeza firme, dessas que acolhem sem abrir mão da coragem.

Embora minha certidão de nascimento não registre Porto Nacional como minha cidade natal, foi lá que de fato nasci. Minha mãe decidiu que eu seria sua última filha e realizou a laqueadura durante o parto cesáreo, procedimento bastante comum naquele período. Fui a única gestação em apresentação pélvica entre todos os filhos. Graças ao acesso à assistência médica, eu e minha mãe passamos bem. Nasci no Hospital Vicente de Paula, conhecido pelos moradores como Hospital do Dr. Chiquim, médico responsável pelo meu nascimento.

Pindorama: o chão onde cresci

Não vejo melhor forma de falar sobre mim sem antes falar de Pindorama do Tocantins. Uma cidade bem interiorana, cercada por rios, serras, palmeiras e histórias. Quem chega pela primeira vez talvez enxergue apenas uma cidade tranquila, de ritmo desacelerado. Eu enxergo o lugar onde aprendi a observar as pessoas, a respeitar o tempo das coisas e a compreender que pertencimento não se explica, sente-se.

O Rio Gameleira, suas cachoeiras, as praias do Rio Balsas formadas na estiagem e a Lagoa do Japonês compõem parte da paisagem afetiva da minha infância. Hoje a lagoa é um dos principais cartões-postais do estado e integra a rota turística do Jalapão. Gosto

de vê-la reconhecida, mas confesso sentir saudades do tempo em que era apenas nossa.

Lembro-me dos poucos passeios que fiz por lá quando tudo era, literalmente, mato. O Japonês, um senhorzinho meio franzino, garantia a preservação do ambiente: permitia entrada gratuita, não havia exploração comercial, apenas famílias e amigos que iam se divertir. Em troca, éramos orientados a recolher o lixo e a não cortar árvores. Tenho a lembrança de um espaço coberto por uma copa densa de árvores, era mágico ver o fundo da lagoa, claro e límpido.

Os festejos de Nossa Senhora Aparecida eram sempre um evento, desde a retirada do mastro, em maio, até a derrubada após a missa dos festeiros, no dia 12 de junho. Doze dias de missa, leilões, quermesses e festa nas barracas. O cheiro das palhas de babaçu, do chão batido molhado, do pastel frito, dos caldos de mocotó da Barraca do Dureis. Consigo ouvir o burburinho das conversas, as músicas, os vendedores ambulantes anunciando seus produtos. São lembranças que permanecem vivas porque pertencem a um tempo em que a comunidade inteira parecia caber naquele mesmo espaço.

Com o passar dos anos, muita coisa mudou. Em nome da preservação das palmeiras, as antigas barracas de palha deram lugar às tendas; o chão de terra foi substituído pelo calçamento. Mas talvez não tenham sido apenas as festas que mudaram. Eu também mudei. Hoje compreendo que os lugares permanecem vivos menos pela paisagem que conservam e mais pela memória de quem os viveu. Existe uma Pindorama que continua exatamente como era, ela já não está no mapa. Habita minhas lembranças.

Os primeiros passos na escola

Foi em Pindorama que também dei meus primeiros passos na vida escolar. Iniciei meus estudos no Prédio Escolar Eurico Gaspar

Dutra, uma pequena escola localizada na Praça da Igreja. Eram apenas três salas de aula, dois banheiros e uma cantina. Vista pelos olhos de hoje, parecia um espaço simples; para a menina que eu era, representava o início de um universo que, sem que eu soubesse, definiria toda a minha trajetória.

Curiosamente, guardo poucas lembranças desse período. Não consigo recordar o rosto das professoras, os nomes dos colegas ou mesmo alguma brincadeira específica do recreio. Minha mãe conta que minhas irmãs mais velhas me levavam à escola todos os dias, zelando por mim como fizeram durante boa parte da minha infância. Talvez essa ausência de lembranças seja também uma forma de memória: nem tudo permanece nítido quando olhamos para trás; algumas experiências deixam marcas profundas sem conservar imagens precisas.

Foi na Escola Estadual Manoel dos Santos Rosal, conhecida por todos como "o Colejão", que vivi a maior parte da minha formação escolar. Ali cursei todo o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Não fui uma criança de grande protagonismo nas apresentações culturais. Recordo-me de ter participado apenas uma vez da quadrilha junina. Nos desfiles de Sete de Setembro, eu e minhas irmãs gêmeas alternávamos entre fantasias de indígenas e o uniforme da escola, como tantas outras crianças do interior.

Naquela época, eu enxergava apenas a sala de aula e as pessoas que ali ensinavam. Somente anos depois, ao me tornar professora, passei a compreender que a escola refletia as possibilidades e os desafios do contexto em que estava inserida. Mesmo diante das limitações estruturais de uma pequena cidade do interior do Tocantins, alguns professores desempenhavam um papel fundamental na construção de nossas histórias.

Entre as lembranças mais vivas da minha trajetória escolar está a professora Neusanita. Era uma mulher de personalidade marcante,

alta, assim como eu, profundamente inspiradora. Foi ela quem despertou em mim o interesse pela Biologia, disciplina que passei a admirar graças à forma apaixonada como conduzia suas aulas.

Éramos uma turma bastante jovem, embora já estudássemos no período noturno. A escola ficava a poucos metros do Clube Tropicália, principal ponto de encontro da juventude de Pindorama. Em uma sexta-feira, daquelas em que muitos estudantes costumavam faltar, a professora nos surpreendeu. Ao término da aula, convidou a turma para atravessar a rua e passar alguns momentos no clube. Ficamos ali apenas nós e ela. Dançamos, rimos e, depois, cada um seguiu para sua casa.

Hoje compreendo que aquele gesto simples ia muito além de um momento de descontração. A professora nos ensinava que a escola também podia ser um espaço de construção de vínculos, de confiança e de alegria. Décadas depois, essa continua sendo uma das memórias mais afetuosas que guardo da minha vida escolar — e um exemplo de que os melhores educadores deixam marcas que ultrapassam os conteúdos ensinados.

Quando a educação deixou de ser apenas escola

O ano era 2000. Eu, Elnir e Elmir, minhas irmãs gêmeas, tínhamos acabado de sair do ensino médio. Sem condições de migrarmos para cursar uma faculdade presencial, encontramos no Curso Normal Superior, na modalidade a distância, a oportunidade possível de continuar estudando. Como tantos jovens do interior, carregávamos um sonho maior do que as possibilidades que tínhamos naquele momento.

A decisão não foi apenas nossa. Outros quatro irmãos, Eliete, Deusdete, Aurelina e Antônio Filho, também ingressaram no mesmo curso. Éramos sete irmãos estudando juntos. Entre colegas e

professores, logo ganhamos um apelido que até hoje desperta um sorriso: a Família Real.

Meu pai continuava trabalhando nas empreitas, construindo cercas para complementar a renda e ajudar no pagamento das mensalidades de quatro de nós. Hoje, olhando para trás, compreendo que aquele diploma não pertence apenas a quem o recebeu. Ele também carrega as mãos calejadas de meu pai e a renúncia silenciosa de minha mãe.

Naquele tempo, estudar a distância era muito diferente do que conhecemos hoje. Não existiam plataformas digitais, videochamadas ou internet de fácil acesso. Assistíamos diariamente às aulas, a maioria ao vivo, durante cerca de quatro horas. Nossa tutora, Marilene, acompanhava cuidadosamente os portfólios, corrigia atividades e orientava os estudos. Professores como Gemina e Lauro marcaram esse período de formação.

Em Pindorama sequer havia sinal de telefonia celular. Quando surgiam dúvidas, recorríamos ao velho orelhão da cidade para telefonar aos professores durante os intervalos destinados ao atendimento dos alunos. Hoje essa lembrança parece distante, mas ela revela quanto esforço era necessário para que o direito de estudar chegasse ao interior. Foi também durante esse percurso que comecei a compreender que a educação seria mais do que uma profissão. Ela começava a se tornar um projeto de vida.

Logo após concluir o curso de Normal Superior, ainda morando em Pindorama, dei continuidade à minha formação e iniciei, também na modalidade a distância, a pós-graduação em Gestão Educacional, com especialização em Metodologias de Ensino na Área de Linguagens. A essa altura, estudar já não representava apenas a busca por um diploma ou melhores oportunidades de trabalho. Tornara-se um compromisso comigo mesma, uma forma de ampliar meus conhecimentos para compreender melhor a educação e

contribuir de maneira mais significativa com a aprendizagem dos meus futuros estudantes. Sem perceber, eu começava a construir um percurso que seria marcado pela formação continuada, pela dedicação ao ensino e pela convicção de que a educação tem o poder de transformar vidas, começando pela minha.

Primeiras experiências profissionais

As oportunidades de trabalho começaram cedo, enquanto ainda vivia em Pindorama. Logo após concluir o ensino médio, iniciei minha vida profissional dando aulas de reforço particulares. Depois fui trabalhar na Secretaria da Assistência Social da cidade como assistente administrativo. Mais tarde ministrei aulas de reforço pelo Programa de Erradicação ao Trabalho Infantil, que oferecia bolsas a estudantes em situação de vulnerabilidade.

Atuei também como Coordenadora do Programa Pioneiros Mirins em seus últimos anos de existência, um trabalho que conciliava reforço escolar, artesanato e esporte. Foi meu primeiro contato com a educação para além da condição de estudante. Sem perceber, eu começava a desenvolver habilidades que mais tarde se tornariam parte essencial da minha identidade profissional.

Algum tempo depois, assumi a Coordenação Geral da Creche Tia Carmosina. Além da gestão da rotina escolar, participei da implantação da instituição. A equipe administrativa era reduzida, o que exigia que eu acumulasse diferentes responsabilidades: demandas administrativas, logística da alimentação escolar, organização da rotina da unidade e coordenação pedagógica. Aprendi, ainda muito jovem, que educar também envolve planejamento, organização e compromisso com processos que, embora invisíveis para a maioria das pessoas, fazem toda a diferença na vida das crianças. Atendíamos em uma casa, sem estrutura física adequada nem recursos suficientes, mas era um começo. Alguns anos

depois, a instituição recebeu espaço próprio, construído de acordo com as exigências para a Educação Infantil.

A enfermagem e Porto Nacional

Em 2004, inscrevi-me no vestibular da ITPAC, em Porto Nacional, para o curso de Enfermagem. Sem condições de me manter, precisei encontrar uma forma de viver na cidade. Morei com uma colega também de minha cidade e dividimos as despesas. Foram tempos difíceis, mas com muito esforço, ajuda dos familiares e uma bolsa de estudos conquistada já no primeiro semestre, pude me manter.

Entre tantas lembranças dessa fase, guardo com carinho uma que parece simples, mas que simboliza aquele período de luta. Próximo à casa onde eu morava havia uma barraca de espetinhos. Depois de um longo dia de aulas na faculdade, era ali que eu fazia minha refeição. O espetinho de peito de frango com bacon acompanhado de mandioca tornou-se meu jantar e, em algumas ocasiões, até mesmo meu almoço. Hoje, ao recordar esse sabor, não me lembro apenas do sabor da comida, mas da jovem que sonhava, trabalhava e estudava com a esperança de construir um futuro melhor.

Foi por causa da faculdade que deixei Pindorama e vim morar em Porto Nacional, a cidade onde havia nascido, agora banhada por um rio que se transformou em lago, revelando uma nova paisagem às margens do Rio Tocantins. Curiosamente, a cidade onde eu havia nascido tornou-se o lugar onde realmente comecei a descobrir quem eu era. Pela primeira vez vivi longe da família, precisei construir minha própria rotina e, principalmente, tive contato com pessoas de diferentes histórias, culturas e formas de enxergar o mundo. Para quem vinha de uma cidade pequena, foi uma experiência profundamente transformadora.

A docência: Dom Pedro II e o encontro com a educação pública

Conclui a Enfermagem em 2011. Em 2009, ainda durante a graduação, havia sido aprovada no concurso público da Educação. Em maio de 2010, tomei posse como professora na Escola Dom Pedro II, assumindo uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental.

Era uma turma bastante dinâmica, composta por crianças que, em sua maioria, vivenciavam realidades marcadas por dificuldades econômicas e familiares. Logo nos primeiros dias percebi que ensinar ia muito além de ministrar conteúdo. Minha maior dificuldade era a gestão da sala de aula. Foi um período intenso e, muitas vezes, doloroso. Houveram momentos de insegurança e dúvidas sobre minha capacidade de desempenhar aquele papel. Entretanto, foi justamente diante dessas dificuldades que cresci profissionalmente.

Na mesma época, ainda cursava Enfermagem. Minha rotina era exaustiva: durante o dia trabalhava na escola e, nos intervalos, precisava administrar cuidadosamente o tempo para conseguir chegar à faculdade. Eu não possuía carro e me deslocava a pé, muitas vezes sob o forte sol de Porto Nacional, com o horário do almoço rigorosamente cronometrado.

Após a conclusão do curso de Enfermagem, fui convidada para atuar no Curso Técnico de Enfermagem Integrado ao Ensino Médio, na Escola Professor Florêncio Aires. Uma experiência enriquecedora, pois pude conciliar minhas duas formações, atuando tanto como docente quanto como coordenadora do curso. Dois anos depois, atuei na Alimentação Escolar, mais um grande desafio, mas a experiência na Creche Tia Carmosina tornou tudo mais familiar. Aprendi muito sobre gestão, licitação e os processos que envolvem a merenda escolar.

A Sala de Recursos e o reencontro com Maria

No Florêncio, a Sala de Recursos era um espaço mais acolhedor que os demais, talvez pela presença da professora e amiga Geilma, que atuava no Atendimento Educacional Especializado. Sempre que tinha um tempo, eu estava por lá, observando o trabalho, ajudando na decoração e, às vezes, na produção de algum material. Em 2021, Geilma decidiu se mudar para sua cidade natal e fui convidada para assumir a Sala de Recursos.

Foi na Sala de Recursos Multifuncionais que reencontrei Maria, uma estudante que havia sido minha aluna anos antes, no 4º ano do Ensino Fundamental. Na época, Maria era uma menina organizada, zelava pelo caderno, realizava as atividades com cuidado e alimentava o sonho de ser juíza. Falava pouco, demonstrava certa timidez, mas mantinha boas relações com os colegas. Havia, porém, um aspecto que contrastava com todo o seu empenho: Maria ainda não era alfabetizada e apresentava significativa distorção idade-série. Apesar de todo o esforço dela e meu, os avanços eram mínimos, e eu não conseguia entender o porquê.

Quando a reencontrei na Sala de Recursos, ela já cursava o Ensino Médio. A menina que, anos antes, falava com entusiasmo sobre ser juíza agora enfrentava o tratamento para ansiedade e depressão. O diagnóstico de Deficiência Intelectual lhe permitirá compreender a origem de muitas de suas dificuldades, mas também parecia ter abalado a forma como enxergava o próprio futuro. Após nosso primeiro atendimento, chorei.

Passei dias me perguntando o que havia acontecido durante todos aqueles anos. Como uma estudante tão dedicada e comprometida com a escola atravessara toda a Educação Básica sem que suas necessidades fossem efetivamente compreendidas? Num primeiro momento, além do autojulgamento, silenciosamente

julguei também os demais profissionais que haviam participado de sua trajetória escolar.

Com o passar do tempo, porém, percebi que meu julgamento inicial era simplista. A história de Maria não revelava o fracasso isolado de professores, da família ou da escola. Ela evidenciava as limitações de um sistema que, por muitos anos, não conseguiu identificar precocemente suas necessidades nem garantir os apoios necessários para que seu potencial fosse plenamente desenvolvido. Essa constatação marcou profundamente minha trajetória e redefiniu meu compromisso profissional. Compreendi que queria dedicar minha carreira a evitar que outras "Marias" percorressem o mesmo caminho de invisibilidade.

Novos caminhos: família, maternidade e recomeços

Em 2012, me casei, no ano seguinte ao término da graduação em Enfermagem. Mudei-me para São Luís do Norte, Goiás, na reta final da gestação, para que o parto e a licença-maternidade acontecessem na cidade onde residia Cleomar, pai da minha filha e, na época, meu esposo.

Ele era sócio de uma empresa de mineração de areia e eu costumava acompanhá-lo com frequência no trabalho. Passávamos horas às margens do Rio da Posse, onde eu encontrava alívio para o peso da gravidez e momentos de paz em contato com a natureza. Foi nesse cenário que redescobri uma brincadeira da infância: modelar argila. Sem qualquer pretensão artística, produzi duas esculturas, uma representava uma mulher grávida; a outra, uma versão particular de uma sereia. Infelizmente, a escultura da gestante foi quebrada por um colaborador da empresa, mas a lembrança daquele momento permanece viva.

Foi também às margens do Rio da Posse que vivi um dos episódios mais marcantes da minha gestação. Em uma tarde ensolarada, enquanto permanecia sentada na água, percebi que havia perdido o tampão mucoso. Mantive a calma, chamei meu esposo e seguimos para o hospital. O que parecia um trajeto tranquilo transformou-se em uma verdadeira peregrinação: no primeiro hospital, o médico não foi localizado; em Niquelândia, não havia instrumentos esterilizados para uma cesariana. Finalmente, o parto aconteceu conforme planejado, na cidade de Itapaci, em Goiás.

Em 13 de setembro de 2012 nasceu Maiara, minha maior dádiva. Hoje, ao olhar para minha filha, vejo uma menina amorosa, gentil e extremamente sensível às emoções das pessoas ao seu redor. A maternidade me ensinou que educar um filho é, ao mesmo tempo, educar a si mesma.

A direção escolar e a Educação Especial Inclusiva

Em 2023, surgiu a oportunidade de participar do processo seletivo para a função de diretora escolar. Incentivada por amigas e motivada pelo desejo de colocar em prática os conhecimentos construídos ao longo da minha trajetória, decidi aceitar o desafio. Fui aprovada e, no início de 2024, assumi a direção da Escola Estadual Dom Pedro II.

Ao chegar à unidade, encontrei uma equipe majoritariamente composta por profissionais recém-empossados, muitos oriundos de diferentes estados brasileiros. A diversidade de experiências e culturas enriquecia o ambiente, mas também exigia a construção de vínculos e de uma identidade coletiva. Meu maior desafio não era apenas administrar a escola, mas promover o sentimento de pertencimento entre aqueles profissionais, transformando um grupo de pessoas em uma equipe comprometida com um propósito comum.

Aos poucos, construímos relações de confiança e desenvolvemos práticas colaborativas que impactaram positivamente o cotidiano escolar. O reconhecimento desse trabalho veio por meio da premiação no concurso "Escola que Transforma", no qual conquistamos o primeiro lugar com o projeto Tecendo a Cultura de Paz. A conquista representou muito mais do que um prêmio: foi o reconhecimento de um trabalho construído coletivamente.

Entretanto, pouco tempo depois, a Escola Estadual Dom Pedro II foi descontinuada em decorrência de uma reorganização da rede estadual de ensino. Recebi essa notícia com profunda tristeza. Ali compreendi, de forma muito concreta, que nem sempre os desfechos acompanham a dedicação investida. Lembrei-me de uma frase de minha mãe: "Nem tudo acontece do jeito que a gente deseja." Naquele momento, ela deixou de ser apenas um conselho para se tornar uma experiência vivida.

A equipe foi redistribuída entre diferentes unidades e setores. Fui lotada na Superintendência Regional de Educação, onde assumi a função de Técnica Pedagógica da Educação Especial Inclusiva. Esse novo capítulo ampliou significativamente meu olhar: se antes minha atuação estava concentrada em uma única escola, passei a acompanhar o trabalho desenvolvido por diversas unidades, assessorando gestores, professores e equipes pedagógicas na implementação das políticas inclusivas. Nesse período, ingressei também na pós-graduação em Transtorno do Espectro Autista (TEA), Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e Altas Habilidades/Superdotação.

No mesmo período, minha vida pessoal também passou por uma profunda transformação. Em julho de 2025, encerrei um ciclo importante com a separação conjugal. Embora toda mudança exija tempo para reorganizar afetos e projetos, escolhi viver esse momento como uma oportunidade de reconstrução. Minha maior preocupação

era minha filha, que também precisou elaborar esse processo. Caminhamos juntas, acolhendo nossos sentimentos e aprendendo, dia após dia, que o fim de uma etapa também pode significar o início de outra.

Foi nesse contexto que decidi investir ainda mais na minha formação. Ingressar na pós-graduação representou muito mais do que a continuidade dos estudos; tornou-se um gesto de renovação pessoal e profissional. Compreendi que estudar também era uma forma de cuidar de mim, ampliar meus horizontes e reafirmar o compromisso com a educação que escolhi construir. Hoje reconheço esse período não pelo que perdi, mas pelo que fui capaz de reconstruir.

Foi nesse percurso que minhas inquietações profissionais ganharam ainda mais consistência e se transformaram em questões de pesquisa, conduzindo-me, naturalmente, ao desejo de ingressar no mestrado. Mais do que uma oportunidade de progressão na carreira e de valorização profissional, o mestrado representa a possibilidade de aprofundar conhecimentos teóricos e metodológicos que me permitam compreender, de forma mais crítica e fundamentada, as múltiplas nuances que envolvem o processo de escolarização de estudantes com necessidades educacionais específicas, compreendendo as barreiras, potencialidades e singularidades presentes em seus percursos de aprendizagem e desenvolvimento.

REFLEXÃO FINAL

Embora nunca tenha exercido a enfermagem como profissão principal, a graduação ampliou meu olhar sobre o desenvolvimento humano, o cuidado e a importância de compreender o indivíduo em sua integralidade. Durante muito tempo imaginei que tivesse escolhido dois caminhos distintos. Hoje entendo que eles sempre

caminharam lado a lado: a professora e a enfermeira compartilham a mesma essência, ambas cuidam de pessoas.

Olhar para essa trajetória é perceber o quanto cada escolha, nem sempre consciente, muitas vezes forçada pelas circunstâncias, foi na verdade, um passo em direção a quem me tornei. Da filha caçula de uma família retirante, que estudou em escola pública no interior do Tocantins, à educadora que hoje atua na Educação Especial Inclusiva em uma Superintendência Regional de Ensino: o fio que conecta tudo isso é a persistência, o cuidado com o outro e a crença de que a educação transforma.

Este curso representa, para mim, muito mais do que uma especialização. É um espaço de sistematização de saberes que venho construindo na prática há mais de duas décadas. Busco nele o aprofundamento teórico que dê suporte e nome às experiências que vivo cotidianamente, especialmente no campo da Educação Especial Inclusiva, área em que cada dia traz novos desafios e a necessidade de respostas mais qualificadas.

Pretendo aprimorar meus conhecimentos aprofundando as bases legais e pedagógicas da inclusão escolar, ampliando meu repertório de estratégias para o atendimento educacional especializado e fortalecendo minha capacidade de articular políticas públicas com práticas educativas efetivas. Mais do que isso, espero transformar este processo formativo em ação: na escola, na superintendência, na vida de cada estudante que passa pelo meu caminho.

Vejo o futuro com a mesma determinação com que encarei cada capítulo desta história. Quero continuar contribuindo para a construção de uma educação mais justa e inclusiva no Tocantins, que reconheça e valorize as diferenças, que ofereça condições reais de aprendizagem para todos e que forme educadores preparados para esse compromisso.

Em médio prazo, pretendo aprofundar os estudos na área da Educação Especial Inclusiva, avançando para o nível de mestrado, com o objetivo de produzir conhecimento que dialogue com a realidade do interior do estado, especialmente de cidades como Pindorama, onde as demandas são grandes e os recursos ainda insuficientes.

A lição que desejo transmitir a mim mesma, e que espero que minha filha também carregue, é simples: a origem não nos limita, mas nos forma. E é da terra de onde viemos que florescemos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei n. 13.146/2015. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Brasília, DF, 2015.

BRASIL. Decreto n. 12.686, de 20 de outubro de 2025. Institui a PNEEI. Brasília, DF, 2025.

BRASIL. Portaria MEC n. 421, de 15 de maio de 2026. Dispõe sobre a PNEEI e a Reneei. Diário Oficial da União, Seção 1, n. 91, 18 maio de 2026.

FRANÇA, Marileide Gonçalves; PRIETO, Rosangela Gavioli. O Financiamento da Educação Especial no Plano Nacional de Educação (2014-2024): Entraves e Desafios. Revista Brasileira de Educação Especial, Corumbá, v. 31, e0341, p. 1-20, 2025.

LAGARES, Rosilene. Organização da educação municipal no Tocantins. Tese (Doutorado) – UFG, Goiânia, 2008.

LAGARES, Rosilene; SOUSA, Adaires Rodrigues de; MESQUITA, Greice Quele; CAVALCANTE, Jemima G. Barreira. Planejamento da Educação Municipal no Tocantins: processos de construção de planos, regime de colaboração, gestão democrática. Interacções, n. 35, p. 75-86, 2015.

LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

JOSSO, Marie-Christine. Experiências de vida e formação. São Paulo: Cortez, 2004.

TANIHARA, Ingred Luana Souza Rosario. A Educação Especial e Inclusiva no Plano Nacional de Educação 2014-2024: mapeamento da Meta 4 na cidade de Porto Nacional no estado do Tocantins. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2021.

Capítulo 2

RELATOS DE UM RECOMEÇO: MISSÃO E UM PROPÓSITO DE CONHECIMENTO

Aldilene Borges Asevêdo

RESUMO

A vida nos permite trilhar diversos caminhos e detalhar parte dele é um privilégio. É como voltar ao passado, regozijar- se, sorrir, refletir e perceber que tudo valeu a pena, sabendo que somos guiados a fazer diferença onde quer que estejamos e que aprendemos muito. Esse aprendizado, porém, é contínuo e diário, permitindo-nos reviver sentimentos e encontrar contentamento em cada um deles. Nesta autobiografia estará em destaque minha vida pessoal, profissional e acadêmica os desafios que se apresentaram, nessa jornada estarão detalhadas através de registro fotográficos e depoimentos para destacar o caminho que percorri até a conclusão desse curso e para mostrar como a Pedagogia se incorporou à vida dessa Administradora até o presente momento.

Palavras-chave: Retomada. Inclusão. Conhecimento.

INTRODUÇÃO

Eu, Aldilene Borges Asevêdo, nasci em 15/06/1977, em Gurupi– GO, Filha de Raimundo Asevedo Guimarães e Maria de Fatima Borges Asevedo, a primogênita de 5 filhos. Casaram em 16 de janeiro de 1977, eu nasci em junho de 1977, não sou prematura, mas fruto de um amor intenso, que permanece até hoje, em 1979 nasce Adeuma, em 1983 Suelma, em 1987 Suele e Doriel 1988, o filho tão desejado nasceu, no mesmo ano da criação do Estado do Tocantins.

Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, foram marcos pelas lembranças de ter sempre presente uma professora particular, ou uma parente para me ajudar a fazer as tarefas, esse período a alfabetização foi a parte mais desafiadora, havia atraso na leitura, na matemática sempre tive dificuldades, tempos depois fui me atentar que o nível de escolaridade dos meus pais estava ligado diretamente a minha dificuldade escolar, era evidente que eles se esforçavam para compensar essa realidade com uma escola particular e com professores contratados.

Hoje, infelizmente observo que nas escolas onde atuei algumas crianças passam por situações semelhantes com a minha somados a outros problemas familiares.

Sou casada com Elcio há 20 anos e tenho duas filhas Sofia hoje com 17 anos e Clara com 15 anos, trabalho na rede Municipal de Ensino de Gurupi, com crianças TEA na Escola de Tempo Integral Odair Lúcio como profissional de Apoio no Pré II e também com o 3 ano para acompanhar a hora do descanso, desafio que jamais imaginei, minha formação é em Administração e Especialista em Gestão Ambiental e Manejo Florestal e a Pedagogia foi exercida nas ministrações de Ensino Religioso, não propriamente na rede de Ensino.

TRAJETÓRIA ACADÊMICA E PROFISSIONAL

Minha vida acadêmica se resume, ao ensino fundamental em uma única escola particular, na infância apresentei inúmeras dificuldades no aprendizado, conforme relatado, em resumo minha vida acadêmica evoluiu e completei cada etapa com esforço e força de vontade, ainda tenho sinais que carrego, evito ler em público, apesar de ter facilidade de falar e me expressar naturalmente, minha vida acadêmica se resume em:

Ensino Fundamental: Escola Presbiteriana de Gurupi 1984-1993

Técnico Contabilidade - Colégio Estadual Ary Ribeiro Valadão 1994 a 1996

Técnico de Enfermagem – SENAC 1999 - 2000

Formação: Administração – UNIRG - 2001 - 2006

Especialização Gestão Ambiental e Manejo Ambiental - UFLA – MG 2007 a 2009

Ao concluir o Ensino Fundamental fui para a escola estadual, fazer o curso técnico em Contabilidade a ideia era trabalhar imediatamente e ter uma renda, porém não houveram possibilidades para a área contábil, fui levada a área da saúde, daí para o curso de

Técnico de Enfermagem, ao findar, me inscrevi para o curso de Administração, com o intuito de seguir na carreira de Administração hospitalar.

Foram 5 anos bem intensos, trabalhava durante o dia e estudava à noite, em 2003 passei num processo Seletivo para estágio no IEL- Instituto Euvado Lodi, ligado ao Sistema S – SESI, SENAI, foi um período em que fiquei muito popular na Faculdade. A minha atividade se resumia em fazer seleção de acadêmicos para estágio nas empresas. Realizava parceria com várias empresas na qual acabei ingressando em uma delas, me refiro a Usina UHE Peixe Angical do grupo EDP – Energias de Portugal, em 2004, que ficava no município de Peixe a 120km da cidade de Gurupi. Nesse período conheci meu esposo e logo nos casamos, em 25/02/2006, no primeiro ano de casados fizemos vários projetos dentre eles: construir a casa, fazer uma especialização e depois ter um filho, um planejamento acertado e focado no profissional.

Por trabalhar no Meio Ambiente, fomos fazer a especialização em Gestão Ambiental na Universidade Federal de Lavras, um curso que preparou o casal, devido ao cronograma de demissão planejada sai do grupo em dezembro de 2007. O meu esposo Elcio permaneceu no grupo, em fevereiro 2008 comecei a trabalhar na Universidade de Gurupi – Unirg, no Administrativo do curso de Odontologia, nesse período curto engravidei e tive que fazer repouso absoluto devido a complicações na gestação, nasceu Sofia nasceu 2008, resolvemos ter logo outro filho e depois de 1 ano e 11 meses veio Clara em 2010 nossa caçulinha, a casa estava repleta de alegria.

Após o nascimento das crianças, a proposta era ficar um tempo com elas e assumi diversos cargos na igreja Batista Sião, era Diretora de Escola Bíblica Dominical, eram 12 professores e organizava as planilhas de aula, separava material para a ministração das classes e também confeccionava os Boletins semanais da Igreja, exercia funções de Pedagogia sem ao menos saber o que era isso. Hoje consigo ver como fui sendo capacitada em cada etapa.

Em 2014 Elcio foi transferido para o estado do Amapá, nos mudamos em março só com as malas, foi um momento bem diferente, ele morava em Porto Grande, há 120km da capital Macapá onde fiquei com as crianças, foi um período difícil, mas, porém, de amadurecimento tanto pessoal.

Lá iniciei trabalhos com mulheres e crianças na Congregação Boas Novas ligada a Igreja Batista Central, realizava atividades como reuniões de oração e ministrava aulas na sala de adolescentes.

Ingressei no curso promovido pelo Sebrae o curso de biojoias com Escama de Peixe, couro e sementes, as peças eram expostas e comercializadas no espaço da Casa do Artesão em Macapá.

Com as mudanças previstas fomos morar em Caraguatatuba – SP, onde iniciei um curso de contação de história, promovido pela Primeira Igreja Batista com aula prática voltada para o evangelismo o local escolhido foi o Bairro Barra do Ouro para a prática de contação de histórias, aprendi mais um pouco da arte de ensinar e lidar com crianças no mundo da leitura.

Em 2017 fomos para capital Paulista, momento das crianças conviverem com a família paterna, mais uma vez fiquei no cuidado das crianças, devido ser intensa as viagens a trabalho do esposo, aproveitei cada instante. A Casa de Cultura da Freguesia do Ó nos proporcionou a prática balé, Yoga, pintura e outras que tiveram nesse período como: natação, judô, piano, bateria. violão também o artesanato, sendo uma história a parte, assumi a responsabilidade na Igreja Presbiteriana de Brasilândia. Nesse período assumi a Coordenação de Evangelismo juntamente com as atividades de Artesanato.

Os nossos encontros eram nas segundas-feiras com aulas de: crochê, pintura, pedraria, patchwork com adultos e as crianças, que acompanhavam os avós, mães, promovíamos contação de história, momento que requer um planejamento para um grupo de cerca de 42 integrantes. Para um bom funcionamento era necessário contar com professoras voluntárias e pessoas que contribuíam para a organização. Dentre as atividades ali realizadas podemos destacar as confecções de lembrancinhas para serem doadas ao Hospital público Vila Penteado, aos pacientes internados, nas datas comemorativas a exemplo: no dia das mães, dia do enfermeiro, psicólogo, fisioterapeuta... conforme planejamento que nos era passado pela Capelania hospitalar e assim ocorreu por um período de 5 anos, na pandemia foi difícil os cumprir os protocolos, porém

confeccionamos cartas de gratidão aos profissionais que estavam na

linha de frente. E mantinha aulas de adultos e adolescentes aos domingos na Escola Bíblica Dominical, figura 11, em destaque uma foto, figura 10, do encontro de Evangelismo e o panfleto distribuíamos.

Juntamente com esse trabalho, iniciei um grupos de mulheres do condomínio Villa Rica, o cantinho do Café com Arte, eram aulas de bordados e crochê e tricô, convivendo com senhoras idosas vi a necessidade de envolvimento e comunhão com as mulheres prendadas e talentosas ali os saberes eram compartilhados cada uma levava seu material e nos envolvíamos nessa atmosfera de lazer e arte composição das moradoras das 8 torres, desses encontros veio a ideia de realizarmos Bazares e na pandemia foi ampliado tendo uma padaria, um supermercado e uma loja do artesanato fixa no hall do condomínio e no findar dessas conquistas uma deliciosa amizade entre os moradores, figura 12, que até hoje é mantida e fortalecida mesmo à distância.

Em 2023 voltei para o Tocantins, foi um momento de alegria retornar, organizar depois de 10 anos longe do nosso lar e as crianças voltarem a conviver com a família materna.

Dentre os novos objetivos iniciei buscar um trabalho, foi um início de frustração pois, as empresas que fui não se agradaram com as experiências de voluntariado, fiz processos seletivos na Unirg, Sebrae, Senac e não consegui alcançar a vaga desejada. Nesse período, o Instituto Federal do Tocantins-IFTO abriu um processo seletivo para trabalhar com o programa Mulheres Mil, no curso de Recepcionista, com as aulas teóricas e aulas prática. O público era composto por mulheres em vulnerabilidades, esse momento foi a minha efetivação na docência de forma profissional, foram 3 meses de duração, figura 13

CONTEXTO E AMBIENTE

Após finalizar com o Instituto Federal do Tocantins- IFTO, as únicas propostas que surgiram foi para trabalhar com crianças TEA, confesso que não tinha receio de assumir essa atividade, porque em relação a salário representa regredir profissionalmente, mas depois de 3 convites entendi que era um chamado, então aceitei e no dia 09 de junho iniciei a busca para um aperfeiçoamento nesse sentindo participar do curso promovido pela Universidade Federal do Tocantins- UFT fez toda a diferença. Essa experiência me trouxe ideias e infinitas possibilidades pra trabalhar com professores e profissionais de Apoio, o meu desejo é multiplicar o conhecimento adquirido e desenvolver material de capacitação junto a equipe de Inclusão do município de Gurupi, oportunidade de anseio.

A primeira experiência com criança TEA , no período da manhã, ficava com Pedro, nome fictício, criança não verbal no maternal, Instituto Pequeninos de Jesus, recebi a criança assustada, queria só colo e segurava minha mão e outra na orelha, foi amor à primeira vista, sem comunicação com os familiares, a mãe escreveu em uma folha as preferências de Pedro relando poucos detalhes, fui observando os medos e anseios da criança, não queria ficar na carteira, não queria ir ao parquinho só queria colo, eu procurava detalhar o espaço da escola e incentivá-lo a fazer a rotina da sala e diária, pedia ajuda para outras crianças e todos me ajudavam na socialização com o Pedro, a aceitação delas me encantava.

No parquinho, ele parecia não querer interagir com nada. Nos primeiros dias, deixei-o apenas em observação e mostrava a dinâmica de esperar. Ele compreendeu que ali era preciso obedecer a uma ordem para utilizar o balanço, o escorregador e o pula-pula. Para tudo o que acontecia, eu descrevia a cena e lhe mostrava os amiguinhos.

Um dia, resolvi tirar os sapatos e caminhar com ele até cada brinquedo, até que adquirisse confiança. Foi um momento maravilhoso. Ele exigia minha permanência ao seu lado, até o dia em que conquistou a autonomia; vi nesse momento a inclusão simples e verdadeira acontecer através da vivência do Pedro.

Porém, começaram a ocorrer episódios de agressão, pois ele já demonstrava irritação e falta de cooperação. Na hora dos brinquedos, quando não entendia a dinâmica, eu precisava intervir e levá-lo ao pátio ou ler um livro específico que ele não deixava ninguém pegar, pois considerava apenas dele.

Vi um desenvolvimento rápido, mas também mudanças de comportamento diante de estímulos como o barulho. No entanto, a mãe começou a procurar outra escola, sob o argumento de que a instituição não mantinha uma comunicação adequada para uma mãe atípica, ocorrendo assim a transferência de unidade. A escola não se manifestou, e eu me sentia insegura e frustrada com o acontecido.

No período da tarde, ficava com outra criança cujo diagnóstico era incerto, mencionando-se bipolaridade e TEA. No entanto, ela não apresentava nenhuma dessas características em sala: fazia tudo sozinha, era aplicada, detalhista na pintura, conversadeira e muito tranquila. Só preferia brincar sozinha, mas, com o tempo e um pouco de insistência, resolvemos isso e ela passou a se relacionar bem.

Na mesma turma estava o José (nome fictício), sem diagnóstico formal, mas bastante hiperativo. Ele colocava tudo na boca, tinha o hábito de comer no chão e lambia os objetos. Durante a leitura do livro Mundo Theo, deparamo-nos com a história de um pai que comprou um mordedor para a filha se acalmar durante uma viagem. Relatei a leitura à professora regente e sugeri fazermos o mesmo com o José. Ela solicitou o item aos pais, mas a mãe afirmou que em casa ele agia da mesma forma e recusou-se a comprar o mordedor.

Diante da situação, tomei a iniciativa e confeccionei por conta própria um mordedor utilizando um brinquedo macio. Quando ele chegava à escola, eu colocava em seu pescoço um colar com o mordedor, o que resolveu o problema na sala. Foi um pequeno detalhe que transformou positivamente sua situação comportamental crítica.

Essas histórias me marcaram e esse curso me deu uma visão holística da realidade vivenciada nas escolas com as crianças TEA precisava saber mais e falta muito para entendemos essas preciosidades, é uma função desafiadora que afeta nosso emocional, espiritual e físico, os profissionais envolvidos com esse tema precisam ser reconhecidos e valorizados, receber informações para atuar corretamente e saber intervir, porque a informação faz a diferença e só com a parceria com a família e estado iremos de fato realizar a inclusão.

REFLEXÃO FINAL

O Tempo passou muito rápido e agora ao findar essa etapa os sonhos florescem com o desejo de realizar atividades voltadas para essa demanda que aumenta a cada dia, há necessidade de estudar mais e continuar fazendo pesquisa com relação às necessidades para melhorar a Inclusão. Como diz o poema de Cora Coralina "Estamos todos matriculados na escola da vida onde o mestre é o tempo". o intuito é de contribuir, multiplicar as informações adquiridas.

Acredito que preciso me direcionar para um novo curso porque as aulas de ABA me despertaram e percebi que sempre fiz essa ciência no meu lar e nos trabalhos realizados com idosos, crianças e na sala de aula com as crianças TEA, agora anseio aprimorar e fazer uma complementação talvez em psicologia, psicopedagogia ou

pedagogia e posteriormente, avançar para um mestrado, me sinto uma pesquisadora em constante busca.

Diante de toda a caminhada acadêmica vejo necessidade de preparar material para trabalhar o acolhimento das profissionais de Apoio, compartilhando o conhecimento adquirido, transmitir dados e informações que recebi ao longo dessa formação.

REFERÊNCIAS

MONTOAN, Maria Teresa Egler. Inclusão Escolar O que é? Por quê? Como fazer?:Moderna, 1edição, São Paulo, 2023

COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús & Colaboradores. Desenvolvimento psicológico e educação transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais: volume 3, Artmed. São Paulo, 2010.

SARTORETTO, Mara Lúcia; BERSCH, Rita de Cássia Reckziegel. A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, Universidade Federal do Ceará, Brasília, 2010.

WALLON, Henri; JALLEY, Émile; BERLINER, Claudia; GALVÃO, Izabel. A evolução psicológica da criança: Martins Fontes Editora Ltda. São Paulo, 2010.

Capítulo 3

RESILIÊNCIA, SABERES E CAMINHOS DA INCLUSÃO

Alessandra Andrade Rezende

RESUMO

O presente trabalho configura-se como um memorial descritivo articulado a um esboço de pré-projeto de pesquisa voltado para a formação de professores na perspectiva da educação inclusiva. A obra contextualiza a trajetória pessoal, acadêmica e profissional, destacando a atuação no Atendimento Educacional Especializado (AEE) e os desafios enfrentados na docência diante de estudantes com TEA, TDAH e Altas Habilidades/Superdotação. O objetivo geral consiste em analisar a importância da formação inicial e continuada dos docentes para a efetivação prática da educação inclusiva na Educação Básica, investigando como essa preparação mitiga barreiras pedagógicas. A abordagem metodológica proposta para o pré-projeto delineia-se como uma pesquisa qualitativa de natureza bibliográfica. O procedimento fundamenta-se no levantamento e análise de produções científicas (livros, artigos e teses) e documentos legais nacionais, utilizando a técnica de análise de conteúdo para o tratamento dos dados. Os achados reflexivos indicam que a inclusão escolar frequentemente esbarra na insegurança docente decorrente de lacunas na formação inicial e na falta de recursos estruturais. Evidencia-se, contudo, que o uso de metodologias diversificadas, o planejamento colaborativo e o investimento em formação continuada atuam como estratégias viáveis para potencializar o aprendizado singular dos alunos. Conclui-se que a formação continuada e permanente é o caminho indispensável para afastar práticas homogeneizadoras na escola, respondendo ao problema de pesquisa ao demonstrar que o preparo teórico-prático do professor transforma a realidade escolar, promovendo equidade e justiça social.

Palavras-chave: Memorial Descritivo. Formação de Professores. Educação Inclusiva. Educação Especial.

APRESENTAÇÃO GERAL

A elaboração deste trabalho acadêmico, configurado sob a forma de Memorial Descritivo articulado a um Esboço de Pré-Projeto de Pesquisa, constitui um espaço de reflexão teórico-prática e autorreflexão formativa. De acordo com Passeggi (2006), a escrita de memoriais autobiográficos na formação docente permite que o educador ressignifique suas experiências passadas, transformando vivências pessoais e profissionais em objetos de conhecimento e em pilares para a reconstrução de sua identidade pedagógica. Não se trata de um mero relato cronológico de fatos, mas de um exercício analítico em que a subjetividade da trajetória dialoga diretamente com as escolhas teóricas e científicas que sustentam o fazer educativo.

Sob essa perspectiva, este documento divide-se em duas vertentes complementares. A primeira seção compreende a narrativa memorialística propriamente dita, abrangendo as dimensões pessoais, acadêmicas e profissionais. Nela, explicitam-se as marcas biográficas, os desafios de saúde superados, as vivências no campo missionário e a transição profissional para o campo da pedagogia e da Análise do Comportamento Aplicada (ABA). Destaca-se, nesse percurso, a atuação no Atendimento Educacional Especializado (AEE) na Escola SESI de Referência de Palmas, elemento crucial que consolidou a docência inclusiva como propósito de vida e impulsionou a busca por qualificação continuada no âmbito da Universidade Federal do Tocantins (UFT).

A segunda vertente materializa-se no Esboço do Pré-Projeto de Pesquisa, intitulado "Formação de Professores para a Educação Inclusiva: Desafios e Possibilidades na Educação Básica". Esta seção propõe um desdobramento investigativo de natureza qualitativa e bibliográfica, cujo escopo é analisar os dilemas e os caminhos pedagógicos para a consolidação da inclusão escolar. Amparado nas

contribuições de Mantoan (2018) e Nóvoa (2009), o projeto visa problematizar como a formação docente, tanto a inicial quanto a permanente, pode atuar como elemento transformador frente às demandas de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e Altas Habilidades/Superdotação. Assim, o presente trabalho instiga a compreender o nexo indissociável entre a história vivida e o rigor científico almejado para o futuro acadêmico na pós-graduação stricto sensu.

MEMORIAL

Introdução

Meu nome é Alessandra Andrade Rezende. Minha trajetória pessoal, acadêmica e profissional foi construída por meio de desafios, aprendizagens e experiências que contribuíram para minha formação humana e docente. Desde a infância, aprendi a valorizar a educação como instrumento de transformação social e de desenvolvimento pessoal. Ao longo dos anos, compreendi que ensinar vai muito além da transmissão de conteúdos, envolvendo compromisso, sensibilidade, respeito às diferenças e dedicação ao desenvolvimento integral dos estudantes.

Minha caminhada na educação foi marcada pela busca constante por conhecimento e aperfeiçoamento profissional. O contato com estudantes que apresentam diferentes formas de aprender despertou em mim o interesse pelas temáticas relacionadas à inclusão escolar, à diversidade e ao atendimento das necessidades educacionais específicas. Essa vivência fortaleceu minha convicção de que a escola deve ser um espaço de acolhimento, respeito e oportunidades para todos.

O presente memorial tem como finalidade apresentar aspectos significativos da minha trajetória pessoal, acadêmica e profissional, evidenciando experiências que contribuíram para minha formação e motivaram minha participação no Curso de Especialização em TDAH, TEA, Altas Habilidades e Superdotação da Universidade Federal do Tocantins.

Nasci em 15 de agosto de 1974, na cidade de Anápolis, Goiás, filha de Alexandre Andrade Rezende e Olga Pereira Rezende. Ainda muito pequena, com apenas dois anos de idade, mudei-me com minha família para a cidade de Paraíso do Norte, atualmente Paraíso do Tocantins, local onde cresci, construí minhas primeiras amizades e vivi experiências que contribuíram significativamente para a formação dos meus valores e princípios.

Minha trajetória escolar teve início no Colégio Raio de Sol, passando posteriormente pelo Colégio Adventista, pelo Colégio Presbiteriano e, por fim, pelo Colégio Estadual. Desde a infância, fui incentivada por minha família a cultivar a fé, a perseverança e o respeito ao próximo. Cresci em um ambiente pautado por princípios cristãos, que exerceram grande influência sobre minha formação pessoal.

Durante a adolescência, vivi experiências marcantes que ampliaram minha visão de mundo. Aos 17 anos, conquistei o título de Miss Tocantins 1992, oportunidade que me levou a participar do concurso Miss Brasil. A partir dessa experiência, iniciei uma trajetória no universo da moda e da publicidade, atuando como modelo em diferentes estados brasileiros. Ao longo dos anos, participei de diversos concursos de beleza, representando diferentes estados da federação. Em 1997, representei Goiás, alcançando importante colocação nacional, e, posteriormente, representei o Distrito Federal, obtendo destaque em âmbito nacional.

Entretanto, minha caminhada não foi construída apenas por conquistas. Ao longo da vida, enfrentei desafios pessoais significativos que exigiram força, resiliência e fé. Em meio a momentos de sofrimento, perdas, dificuldades emocionais e situações que marcaram profundamente minha história, encontrei na espiritualidade e no apoio familiar recursos para continuar seguindo em frente. Essas experiências contribuíram para o desenvolvimento da minha sensibilidade humana, fortalecendo minha capacidade de compreender a dor do outro e de valorizar ainda mais a vida.

Um dos momentos mais marcantes da minha trajetória ocorreu quando fui acometida por uma grave enfermidade. O diagnóstico recebido pelos médicos era extremamente preocupante, e as perspectivas de recuperação eram mínimas. Esse período representou um dos maiores desafios da minha existência, exigindo coragem, esperança e confiança. Contudo, contrariando prognósticos médicos, vivi um processo de recuperação que considero um verdadeiro milagre em minha vida. Essa experiência transformou profundamente minha maneira de compreender a existência humana, fortalecendo minha fé e renovando meu propósito de viver.

Após esse período, tive a alegria de constituir minha família e ser mãe de quatro filhos, que representam uma das maiores bênçãos da minha vida: Alexandre Rodrigues do Nascimento, Lucas Eduardo Andrade Machado, Thiago Kauãn Barbosa Andrade e Davi Emanoel Barbosa Andrade. A maternidade tornou-se uma das minhas maiores escolas de aprendizagem, ensinando-me diariamente sobre amor, responsabilidade, empatia e perseverança.

Ao longo da minha caminhada, também desenvolvi uma intensa atuação religiosa e missionária, dedicando anos ao trabalho de evangelização e assistência espiritual. Como missionária e pastora, tive a oportunidade de ministrar para milhares de pessoas em

diferentes regiões do país, vivenciando experiências que fortaleceram minha compreensão sobre acolhimento, escuta, cuidado e valorização da vida humana. Essas vivências contribuíram significativamente para minha formação como educadora, uma vez que ensinar e cuidar caminham lado a lado.

Apesar dos inúmeros desafios enfrentados ao longo da vida, jamais abandonei o desejo de aprender e crescer profissionalmente. Durante muitos anos, priorizei a criação dos meus filhos e as responsabilidades familiares. No entanto, em determinado momento da minha trajetória, compreendi que era hora de retomar meus projetos acadêmicos. Assim, iniciei minha graduação em Publicidade e Propaganda, minha primeira formação superior, ampliando meus conhecimentos sobre comunicação, relações humanas e produção de conhecimento.

Posteriormente, motivada pelo desejo de contribuir de forma mais efetiva para a educação, ingressei no curso de Pedagogia. Foi nesse momento que descobri minha verdadeira vocação profissional. Meu primeiro contato com a Educação Especial ocorreu no CMEI Carrossel, onde passei a atuar diretamente com estudantes que apresentavam diferentes necessidades educacionais. Inicialmente, tratava-se de uma realidade desconhecida para mim, mas, à medida que fui conhecendo as histórias, os desafios e os potenciais de cada estudante, percebi que havia encontrado uma área pela qual desenvolveria profundo interesse e dedicação.

A convivência com crianças e adolescentes público-alvo da Educação Especial despertou em mim uma nova forma de compreender o processo educativo. Passei a estudar com maior profundidade temas relacionados ao Transtorno do Espectro Autista (TEA), ao Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), às Altas Habilidades/Superdotação e aos demais transtornos do neurodesenvolvimento. Compreendi que a inclusão escolar exige não

apenas conhecimento técnico, mas também sensibilidade, compromisso ético e respeito à singularidade de cada estudante.

Essa experiência motivou minha busca contínua por qualificação profissional, levando-me à realização de cursos de especialização, entre eles a formação em Análise do Comportamento Aplicada (ABA), área pela qual desenvolvi grande admiração devido à sua contribuição para o desenvolvimento e aprendizagem de pessoas com TEA. Atualmente, ao concluir a Especialização em TDAH, TEA, Altas Habilidades e Superdotação pela Universidade Federal do Tocantins, reafirmo meu compromisso com uma educação inclusiva, humana e transformadora.

Ao olhar para minha trajetória, reconheço que cada desafio enfrentado, cada conquista alcançada e cada experiência vivida contribuíram para a profissional que sou hoje. Minha história é marcada pela superação, pela fé, pela busca constante de conhecimento e pelo desejo de fazer a diferença na vida das pessoas por meio da educação. É com esse propósito que sigo construindo minha caminhada acadêmica e profissional, acreditando que educar é um ato de amor, transformação e esperança.

Foi nesse contexto que passei a compreender que a Educação Especial não era apenas uma área de atuação profissional, mas um verdadeiro propósito de vida. Cada estudante que encontrei ao longo dessa caminhada contribuiu para minha formação humana e profissional. Com eles aprendi muito mais do que ensinei. Aprendi sobre resiliência, superação, empatia, respeito às diferenças e, principalmente, sobre a capacidade extraordinária que cada ser humano possui de evoluir quando encontra oportunidades e acolhimento.

Os estudantes com os quais trabalhei me ensinaram a reconstruir minha própria história. Em muitos momentos, foram eles que me ajudaram a reencontrar a alegria, a confiança e o

amor-próprio. Compreendi que todas as experiências vividas ao longo da vida, sejam elas positivas ou negativas, carregam consigo um propósito e uma oportunidade de aprendizado. Foi por meio desse olhar que passei a enxergar a educação como um instrumento poderoso de transformação social e humana.

Posteriormente, atuei como professora no CMEI Chapeuzinho Vermelho, trabalhando com as séries iniciais da Educação Infantil. Em seguida, exerci minhas atividades docentes no CMEI Pequeno Príncipe, também junto às séries iniciais. Essas experiências ampliaram minha compreensão acerca do desenvolvimento infantil e fortaleceram minha convicção de que a aprendizagem deve respeitar o ritmo, as potencialidades e as singularidades de cada estudante.

Durante a realização da Especialização em TDAH, TEA, Altas Habilidades e Superdotação pela Universidade Federal do Tocantins, surgiu uma oportunidade que representou um importante marco em minha trajetória profissional. Participei do processo seletivo para a Escola SESI de Referência de Palmas, concorrendo com centenas de candidatos para uma única vaga destinada ao Atendimento Educacional Especializado. O processo foi composto por diversas etapas, exigindo preparo, dedicação e confiança.

A cada fase superada, aumentava minha certeza de que estava trilhando o caminho para o qual fui chamada. Ao final do processo seletivo, tive a alegria de ser aprovada e assumir a função de professora da Sala de Atendimento Educacional Especializado da Escola SESI de Referência. Essa conquista representou não apenas um avanço profissional, mas a confirmação de um sonho construído ao longo de anos de dedicação aos estudos e à educação inclusiva.

Atualmente, exerço minhas atividades com profundo sentimento de realização. O trabalho desenvolvido junto aos estudantes público-alvo da Educação Especial proporciona diariamente experiências enriquecedoras e transformadoras. Cada avanço

conquistado pelos alunos, por menor que pareça, representa uma grande vitória. É gratificante perceber que, por meio da educação, podemos contribuir para o desenvolvimento da autonomia, da aprendizagem e da qualidade de vida dessas pessoas.

Minha trajetória acadêmica continua em constante construção. Atualmente, participo de atividades acadêmicas voltadas para a pesquisa e preparo-me para novos desafios educacionais. Entre meus objetivos futuros está a realização do mestrado, seguida pelo doutorado e pelo pós-doutorado, fortalecendo minha formação como pesquisadora e profissional da educação. Aos 51 anos de idade, mantenho a convicção de que o conhecimento não possui limites nem idade. Aprender é um processo contínuo que amplia horizontes, transforma perspectivas e possibilita novas oportunidades de crescimento pessoal e profissional.

Entre os sonhos que ainda pretendo concretizar está a criação de uma clínica especializada no atendimento a pessoas com deficiência, especialmente indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Desejo contribuir de forma significativa para a construção de uma sociedade mais inclusiva, oferecendo suporte, acolhimento e oportunidades de desenvolvimento para crianças, jovens e suas famílias.

Ao concluir esta etapa da minha formação, percebo que minha história é marcada pela superação, pela fé, pela perseverança e pelo compromisso com a educação. Cada desafio enfrentado fortaleceu minha capacidade de acreditar no potencial humano e na força transformadora do conhecimento. Mais do que uma professora, desejo ser uma agente de transformação social, alguém que contribua para a construção de uma educação cada vez mais inclusiva, humana e acessível.

Meu compromisso é continuar estudando, pesquisando, produzindo conhecimento e buscando novas formas de contribuir

para o desenvolvimento da Educação Especial e Inclusiva no Brasil. Acredito que o educador que permanece aprendendo mantém viva a capacidade de transformar vidas.

Finalizo este memorial com profunda gratidão a Deus, que sustentou cada passo da minha caminhada e me permitiu chegar até aqui. Agradeço também aos professores, mestres e doutores da Universidade Federal do Tocantins, que compartilharam seus conhecimentos, experiências e saberes, ampliando minha visão sobre a educação e fortalecendo meu desejo de continuar pesquisando, aprendendo e contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e humana.

Minha história ainda está sendo escrita. E enquanto houver vidas para acolher, conhecimento para buscar e sonhos para realizar, continuarei avançando, acreditando que a educação é uma das mais poderosas ferramentas de transformação do mundo e que ensinar é, acima de tudo, um ato de amor, esperança e compromisso com o futuro.

Trajetória pessoal e acadêmica

Minha história é marcada pela valorização da educação como instrumento de crescimento pessoal e profissional. Durante minha infância e adolescência, vivenciei experiências que despertaram o interesse pelo conhecimento e fortaleceram o desejo de contribuir para a formação de outras pessoas.

Ao ingressar no ensino superior, ampliei minha compreensão sobre o papel social da educação. Os estudos acadêmicos proporcionaram conhecimentos importantes sobre ensino, aprendizagem, desenvolvimento humano e práticas pedagógicas. Além disso, as atividades desenvolvidas ao longo da graduação

permitiram estabelecer relações entre teoria e prática, fundamentais para a construção da identidade docente.

Ao longo da minha formação, compreendi que a educação precisa considerar as singularidades de cada estudante. Essa percepção tornou-se ainda mais evidente durante minha atuação profissional, quando passei a conviver com diferentes realidades educacionais e desafios relacionados à inclusão escolar.

Trajetória profissional

Minha atuação profissional na área da educação tem sido marcada pelo compromisso com a aprendizagem e o desenvolvimento dos estudantes. O trabalho realizado nas instituições de ensino possibilitou vivenciar diferentes situações pedagógicas e compreender a complexidade do processo educativo.

Entre os aspectos mais significativos dessa trajetória, destaca-se o contato com estudantes público-alvo da Educação Especial, incluindo alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), deficiência intelectual e outras condições que demandam práticas pedagógicas diferenciadas.

Essas experiências evidenciaram a necessidade de constante atualização profissional, bem como a importância da formação continuada para o desenvolvimento de estratégias inclusivas capazes de promover a participação e a aprendizagem de todos os estudantes.

Ao longo dessa caminhada, percebi que a inclusão escolar depende não apenas de recursos materiais e adaptações físicas, mas principalmente da preparação dos profissionais da educação para lidar com a diversidade presente na escola.

Reflexão sobre a trajetória acadêmica e profissional

Ao refletir sobre minha trajetória, percebo que cada experiência vivenciada contribuiu para minha formação pessoal e profissional. Os desafios encontrados ao longo do caminho serviram como oportunidades de crescimento, fortalecendo valores como responsabilidade, empatia, respeito e compromisso social.

A educação inclusiva tem ocupado lugar central em minhas reflexões e práticas pedagógicas. Compreendo que a construção de uma escola verdadeiramente inclusiva exige mudanças de concepções, atitudes e metodologias, além de investimentos na formação docente.

Nesse sentido, a especialização representa uma importante oportunidade para ampliar conhecimentos, aprofundar estudos e desenvolver competências relacionadas ao atendimento educacional inclusivo.

Reflexão final

A jornada educacional é um processo contínuo de aprendizagem, construção de saberes e transformação pessoal. Ao longo da vida, cada experiência contribui para o desenvolvimento de novas perspectivas e para a ampliação da compreensão sobre o mundo e sobre o papel da educação na sociedade.

Participar deste curso de especialização representa mais uma etapa desse percurso, marcada pelo desejo de aprimorar conhecimentos e contribuir para a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas e humanizadas. Acredito que a educação tem potencial para transformar vidas e promover oportunidades. Por isso, busco constantemente aperfeiçoar minha atuação profissional, tornando-a cada vez mais comprometida com os princípios da equidade, da diversidade e da inclusão.

No futuro, pretendo continuar investindo em minha formação acadêmica e profissional, ampliando conhecimentos relacionados à educação inclusiva, à formação de professores e às práticas pedagógicas voltadas para a diversidade.

Desejo contribuir para a construção de ambientes educacionais mais acessíveis, acolhedores e inclusivos, nos quais todos os estudantes tenham condições de aprender, participar e desenvolver suas potencialidades.

Também pretendo aprofundar estudos por meio da participação em cursos de pós-graduação, projetos de pesquisa e atividades de formação continuada, fortalecendo minha atuação como educadora comprometida com a qualidade da educação e com a promoção dos direitos educacionais de todos os alunos.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 24 jun. 2026.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 2013.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?. São Paulo: Summus, 2018a.

NÓVOA, António. Professores: imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Memorial acadêmico: do gênero administrativo ao gênero autobiográfico. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 11, n. 31, p. 203-215, jan./abr. 2006.

Capítulo 4

DA INVISIBILIDADE À INCLUSÃO: MEMORIAL DESCRITIVO DE UMA TRAJETÓRIA PESSOAL E PROFISSIONAL RUMO À EDUCAÇÃO ESPECIAL

Ana Cristina Viana Ribeiro Verçosa

RESUMO

Este memorial descritivo tem como objetivo narrar a trajetória pessoal e profissional da autora, professora da rede pública estadual de Porto Nacional-TO há 25 anos, evidenciando a educação como instrumento de autonomia e transformação social. Partindo de uma infância marcada pela pobreza e pela ausência de oportunidades simbolizada pela alfabetização no Centro Social Urbano e pela observação precoce da invisibilidade materna, a narrativa percorre a formação no Magistério, a graduação em Ciências Biológicas e mais de duas décadas de atuação docente em diferentes etapas da Educação Básica, até a chegada à Sala de Recursos Multifuncionais, em 2025. Resgatam-se, ao longo do texto, memórias afetivas e profissionais — entre elas a influência decisiva do professor Erialdo Augusto e as experiências com os estudantes Guilherme, Miguel e Paulo Henrique —, que revelam como a prática pedagógica foi continuamente moldada pelo contato com estudantes que, de diferentes formas, evidenciavam a necessidade de um olhar mais sensível e especializado. A vivência direta na Educação Especial expôs lacunas na formação inicial da autora, impulsionando-a a buscar a Especialização em TDAH, TEA, Altas Habilidades e Superdotação, cujo percurso é também relatado neste memorial. Ao final, apresenta-se o esboço de um pré-projeto de pesquisa, voltado à investigação da formação docente e da invisibilidade de estudantes com altas habilidades e superdotação nas escolas públicas de Porto Nacional-TO, como desdobramento natural da trajetória aqui narrada e horizonte para um futuro mestrado em Educação.

Palavras-chave: Memorial descritivo. Educação como autonomia. Educação Especial. Formação docente. Altas habilidades e superdotação.

INTRODUÇÃO

Escrever um memorial é um exercício que exige profunda reflexão e o resgate de memórias que, por vezes, carregam cicatrizes ainda sensíveis ao toque do tempo. Este processo teve início em outubro de 2025, quando a professora Karylleila dos Santos Andrade Klinger, responsável pela disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da pós-graduação em TDAH, TEA, Altas Habilidades e Superdotação, ofertado pela Universidade Federal do Tocantins (UFT) apresentou a proposta da escrita memorial, inaugurando-a com um exercício singular: uma carta endereçada a nós mesmas na infância, em que deveríamos narrar como foi a trajetória percorrida até aqui.

E assim, com o nó na garganta e a certeza de que cada experiência vivida foi parte necessária da construção de quem me tornei, iniciei esse exercício de revisitar o passado. Um passado que dói em alguns lugares, mas que também ilumina — e que, ao ser narrado, pode finalmente ser ressignificado.

Nasci às vinte horas de uma quinta-feira, no dia 12 de abril de 1979, na cidade de Porto Nacional, então pertencente ao Norte Goiano, hoje estado do Tocantins. Sou filha de Maria Neide Ribeiro de Souza e Antero Viana de Souza, e vim ao mundo por parto natural, em casa, pelas mãos da parteira Brasilina (in memoriam), a quarta filha do casal. Naquela época, era prática comum o nascimento assistido por parteiras, e guardo com doçura a lembrança da dona Brasilina, a quem fui ensinada a chamar de mãe de leite. Meus pais tiveram dez filhos; sobreviveram sete. Uma criança faleceu logo ao nascer e outras duas foram perdidas em abortamentos espontâneos.

Cresci em uma família de poucos recursos, mas de muita gente e muito movimento. Meu pai trabalhava como agente de endemias na SUCAM — Superintendência de Campanhas de Saúde Pública —, órgão extinto em 1991, quando suas atribuições foram absorvidas pela recém-criada Fundação Nacional de Saúde (FUNASA). Sua rotina

de trabalho seguia um ciclo de vinte dias na zona rural e dez dias em casa, o que tornava sua presença física escassa durante minha infância. Além da ausência imposta pelo trabalho, meu pai enfrentou nesse período o alcoolismo, situação que, ainda criança e sem ferramentas para compreender, sentia de maneira intensa e silenciosa.

Minha mãe era o centro e o sustento emocional daquela casa. Sem oportunidade de estudar e com tantos filhos para criar, jamais teve condições de trabalhar e conquistar renda própria. Dedicou a vida à criação dos filhos e aos afazeres domésticos, e muitas vezes a vi invisível naquele contexto, precisando justificar cada necessidade, cada pedido, cada centavo destinado ao sustento da família. A imagem da minha mãe nessa condição ficou gravada em mim com uma força que só o tempo me permitiu nomear.

A casa dos meus pais era simples, cômodos pequenos, paredes sem reboco, comida humilde porque a família era numerosa e a única renda vinha do salário paterno. Ainda assim, era também um lugar de acolhimento. Minha mãe sempre abriu as portas para familiares e conhecidos que vinham a Porto Nacional em busca de consultas médicas ou exames, já que a cidade era referência regional em saúde. A casa estava sempre cheia — e havia, nessa abundância de pessoas, uma forma de riqueza que levaria anos para reconhecer.

Figura 1 — Com aproximadamente três anos de idade, ao lado de minha mãe, em frente à casa de uma tia, vizinha à residência da família, em Porto Nacional — TO. A estrutura de tijolos à vista e o chão de terra batida retratam as condições simples em que cresci.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Tive, apesar de tudo, uma infância feliz. Na rua em que morava, o vínculo entre os vizinhos era forte e as crianças eram muitas. À noite, era quase um ritual: os adultos sentavam nas calçadas para conversar e tomar café, enquanto as crianças brincavam na rua até tarde, com liberdade e segurança. Lembro dessa fase com saudade genuína — e com a tristeza de saber que as crianças de hoje, mergulhadas em telas e redes sociais, raramente experimentam esse tipo de conexão humana simples e profunda. Uma memória em especial guardo com alegria: o dia em que minha família adquiriu a primeira televisão da rua — um aparelho de tubo, preto e branco, que chegou em carroça, com toda a vizinhança celebrando como se fosse festa.

Por volta dos dez anos, porém, algo se transformou na forma como eu enxergava o mundo ao meu redor. Observando minha mãe dividir-se entre os cuidados com os filhos e as tarefas domésticas, sem espaço, sem voz, sem autonomia, comecei a refletir — ainda naquela idade tão precoce — que, se ela tivesse tido acesso à educação, talvez sua história fosse diferente. Foi naquele momento silencioso de observação infantil que compreendi, de forma ainda intuitiva, aquilo que se tornaria a convicção central de toda a minha trajetória: a educação seria minha única e mais poderosa ferramenta de autonomia. É a partir dessa convicção, nascida na simplicidade de

uma casa sem reboco, na ausência de um pai e na força invisível de uma mãe que este memorial se constrói.

INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA — AS RAÍZES

A convicção de que a educação seria minha ferramenta de autonomia não nasceu em uma sala de aula, nem de um discurso motivacional. Nasceu da observação silenciosa de uma menina de dez anos que via a mãe invisível dentro de casa — e decidiu, sem ainda ter palavras para isso, que trilharia um caminho diferente. Foi essa menina quem me trouxe até aqui.

Iniciei minha trajetória acadêmica aos três anos de idade. Naquela época, funcionava em Porto Nacional uma instituição de fundamental importância para a cidade, especialmente para as famílias de menor poder aquisitivo: o Centro Social Urbano — o CSU. Os primeiros cinco filhos de Maria Neide e Antero foram alfabetizados nesta instituição. O CSU era muito mais do que um espaço de alfabetização: era um centro de vida comunitária, onde se realizavam eventos culturais, atividades esportivas, feiras e cursos diversos — corte e costura, manicure e pedicure, bordados — com o propósito de oferecer às famílias, sobretudo às mulheres, a possibilidade de gerar renda e conquistar alguma autonomia. Era, sem que eu soubesse nomear assim, um espaço de educação em seu sentido mais amplo. Guardo daquele lugar uma gratidão que o tempo não apagou. Hoje, o prédio histórico do CSU abriga a sede da APAE — outra instituição que, não por acaso, também dedica sua missão àqueles que mais precisam, e que ressurge com outro significado na etapa mais recente da minha trajetória profissional.

Foi sobre essa base que, em 1986, com sete anos de idade, meus pais me matricularam na primeira série do Ensino Fundamental no Colégio Estadual Marechal Artur da Costa e Silva, situado na Avenida São Paulo, no Jardim Querido, em Porto Nacional. Naquela época,

garantir uma vaga na escola pública exigia esforço desde cedo — era preciso enfrentar longas filas para efetivar a matrícula, o que já revelava, àquela criança, algo sobre o valor daquilo que se buscava. Permaneci nessa escola até a conclusão do Ensino Fundamental, percorrendo cada etapa de um caminho que hoje reconheço como essencial para a construção da minha identidade.

Das séries iniciais, não guardo muitas recordações nítidas. Mas foi nos anos finais do Ensino Fundamental que as memórias se tornaram mais vivas, mais densas e definitivas.

Figura 2 — Recordação escolar da 1ª série do Ensino Fundamental.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

O CCS — Colégio Costa e Silva, como o chamávamos carinhosamente — era o meu espaço: de convivência, de muitas amizades que mantenho até hoje, de aprendizado e de esperança. Ali vivi com muita intensidade tudo o que nos era oferecido. Os professores daquela época, entre eles Erialdo Augusto (in memoriam), Olga Bélem (in memoriam) Adélia Martins, Deusina Ribeiro, Maria Eunete Guimarães, e tantos outros, movimentavam a escola com projetos diversos, apesar da escassez de recursos. Entre as iniciativas que mais me marcaram, destaco um projeto de apresentação teatral

que mobilizava as turmas em torno de temas escolhidos coletivamente, com a orientação de professores. Cada grupo se organizava, pesquisava, criava e subia ao palco para apresentar o que havia aprendido. Foi nesse espaço que comecei a perceber que aprender poderia ser também um ato de expressão, de posicionamento e de pertencimento.

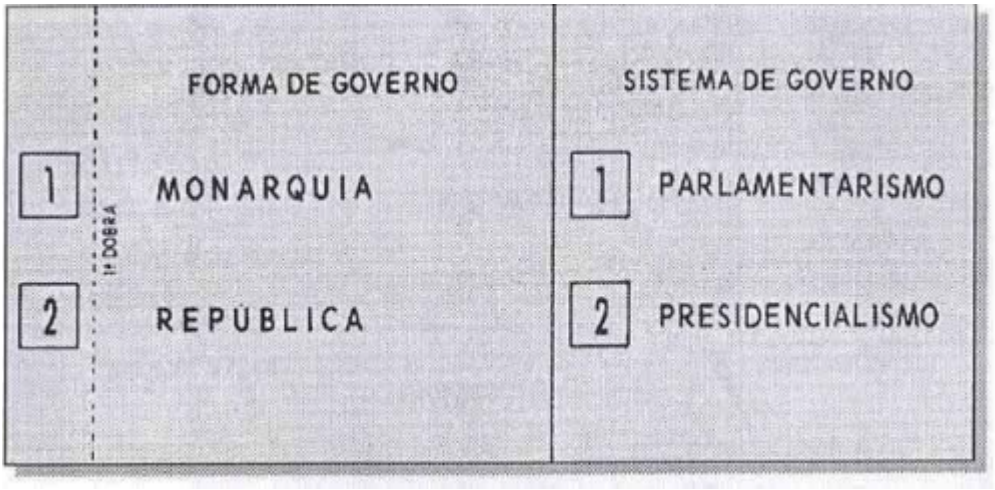
O professor Erialdo Augusto sempre ocupará um lugar especial na minha memória. É, sem dúvida, a minha maior referência na educação e o principal responsável por muitas das minhas escolhas, sobretudo as profissionais. Regente das aulas de Matemática e Ciências, a ele devo os fundamentos da minha compreensão matemática e o despertar pela Biologia, ciência que mais tarde escolheria como minha área de formação, mas suas aulas iam muito além do conteúdo programático.

Ele tinha o dom raro de contextualizar o ensino com a realidade dos seus alunos, conduzindo-nos a uma reflexão profunda sobre nossas origens e sobre os horizontes que a educação poderia abrir diante de nós. Ele não ensinava apenas conteúdos, ensinava que era possível ir além. E para uma menina que já carregava consigo a determinação silenciosa de construir um futuro diferente, aquelas palavras encontravam solo fértil.

Um momento em particular ficou gravado na minha memória com precisão e afeto. Era o ano de 1993. Eu cursava a 7ª série quando, em abril daquele ano, o Brasil vivia um momento histórico: o governo de Itamar Franco realizava um plebiscito para que a população escolhesse entre o parlamentarismo e o presidencialismo, e entre a república e a monarquia. O professor Erialdo, orientador da nossa turma no projeto de teatro daquele ano, propôs que este fosse o nosso tema. Entusiasmados com a ideia, estudamos, debatemos, interpretamos — e levamos ao palco não apenas personagens, mas

ideias, argumentos e a consciência de que éramos sujeitos de um país em construção.

Figura 3 — Cédula oficial do Plebiscito de 21 de abril de 1993, por meio do qual os brasileiros escolheram a forma de governo (Monarquia ou República) e o sistema de governo (Parlamentarismo ou Presidencialismo). O resultado consagrou a República Presidencialista.



Fonte: Agência Senado

Nossa peça teatral não ficou em primeiro lugar, mas aquela experiência me ensinou algo que nenhum livro poderia ensinar sozinho: que a educação não é neutra. Ela transforma, situa e liberta. E que um professor, quando verdadeiramente comprometido com seus alunos, pode plantar sementes que demoram anos para florescer, mas que nunca deixam de crescer. O professor Erialdo foi, para mim, esse professor. Confirmou, com sua prática diária, aquilo que eu já intuía desde muito cedo, observando minha mãe em silêncio: que a educação não era apenas um caminho, era o caminho. E que eu já havia decidido percorrê-lo.

O MAGISTÉRIO NO ENSINO MÉDIO — A PRIMEIRA ESCOLHA

Se a infância plantou a semente e o Ensino Fundamental regou as primeiras convicções, foi no Ensino Médio que a escolha pelo magistério deixou de ser intuição para se tornar decisão. A menina que observava a mãe em silêncio e ouvia o professor Erialdo com atenção agora precisava, concretamente, escolher um caminho e o fez com a clareza de quem já sabia, há algum tempo, para onde queria ir.

Em 1995, ingressei no então segundo grau, hoje denominado Ensino Médio. Naquela época, havia intensa concorrência pelas vagas disponíveis, pois apenas uma escola pública na cidade de Porto Nacional oferecia essa modalidade: o Centro de Ensino Médio Professor Florêncio Aires, o CEM. As turmas eram numerosas e as salas, lotadas; lembro-me de ter estudado em uma turma com cinquenta estudantes matriculados. A instituição ofertava quatro modalidades: o Científico hoje Ensino Médio Regular, o Técnico em Contabilidade, o Técnico em Edificações e o Magistério, posteriormente transformado em Normal, que habilitava o estudante a lecionar na Educação Infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

Vinda de uma família humilde, convicta da profissão que já havia escolhido e ciente de que precisava contribuir com as despesas da casa, vi no curso de Magistério uma oportunidade concreta: a de me tornar professora ainda jovem. Não era apenas vocação — era também estratégia de sobrevivência digna. A legislação da época permitia que essa formação habilitasse o profissional para o exercício da docência nas etapas iniciais da educação básica, e anos mais tarde, já no início da minha carreira e ainda cursando a graduação, foi exatamente essa habilitação que me permitiu ser contratada. O Magistério não foi um desvio de percurso foi o primeiro passo concreto de uma caminhada que eu já havia decidido fazer.

Iniciei o Ensino Médio no turno vespertino, onde cursei o primeiro ano. A maioria dos meus colegas era composta por pessoas mais velhas — donas de casa, mulheres casadas —, mas a interação com esse grupo era rica e me ensinava, à sua maneira, sobre a diversidade de trajetórias que chegavam à escola em busca do mesmo sonho.

A adolescência, no entanto, não foi apenas de conquistas. Sofri muito com o bullying por conta do meu sorriso — meu dente incisivo central era levemente projetado, e os apelidos cruéis eram frequentes. Com muita timidez, chorava em silêncio e me encolhia de vergonha. O tratamento ortodôntico, escasso e inacessível financeiramente para minha família, parecia um horizonte impossível — até que a vida, como costuma fazer, abriu uma janela inesperada.

Em julho de 1996, tive minha primeira experiência profissional: fui substituir a secretária da Madeireira Rego Barros, empresa muito conhecida em Porto Nacional. Ali conheci o senhor Antônio Rego Barros (in memoriam), proprietário de alma generosa, que, ao perceber minha situação, tomou para si o gesto de me apresentar a uma ortodontista recém-chegada à cidade. Trabalhei na madeireira apenas trinta dias, mas aquele encontro mudou o rumo da minha adolescência.

Em meados de setembro, comecei a trabalhar como babá dos filhos da ortodontista durante o dia e, muitas vezes, nos finais de semana. Após cerca de dois meses, ela me convidou a ser sua auxiliar no seu consultório, com uma proposta incomum: meu trabalho seria a moeda de pagamento do aparelho ortodôntico. O salário mínimo daquele ano era de R$ 112,00, e trabalhei oito meses sem receber nenhum centavo para poder assim quitar o valor do tratamento. Após a quitação, passei a receber metade do valor, enquanto a outra metade cobria a manutenção do aparelho. Não havia margem para recusa era a oportunidade que tinha, e não poderia deixá-la escapar.

Por conta do emprego, precisei mudar de turno na escola. Passei a estudar à noite, como tantos outros filhos de trabalhadores daquela época. Era exaustivo: o consultório ficava distante de casa, eu não tinha condução e fazia os trajetos a pé, do consultório à escola, e da escola para casa, chegando por volta das 23 horas muitas vezes com trabalhos para terminar e conteúdos para estudar. Mas havia também, naquele turno noturno, uma vitalidade própria. Minha turma tinha cinquenta alunos, com esmagadora maioria feminina, recordo-me de apenas dois colegas homens e a convivência naquele grupo de mulheres trabalhadoras, determinadas e resilientes, foi também uma escola.

Foi no chão do CEM Professor Florêncio Aires que conheci Sebastião Verçosa de Araújo, meu esposo, que na época cursava o Técnico em Contabilidade no mesmo turno. Ele foi, e continua sendo, uma presença fundamental nessa trajetória alguém que sempre colaborou e apoiou cada escolha que fiz.

As primeiras experiências concretas com o ambiente escolar aconteceram nesse período de formação, durante o estágio supervisionado — disciplina obrigatória do currículo do Magistério. Foi ali que tive minha primeira noção real da rotina escolar, dos documentos que regem a instituição e da dinâmica da sala de aula. Realizei o estágio em duas escolas: a Escola Estadual São Geraldo Magela, hoje extinta, e a Escola Estadual Dom Domingos Carrerot. Naqueles corredores e salas de aula, algo que era convicção passou a ser também experiência. E a experiência, como eu já sabia, é o que transforma intenções em identidade.

A GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS — APROFUNDANDO A IDENTIDADE DOCENTE

Para escrever sobre essa fase tão significativa da minha vida pessoal e profissional, preciso retornar às palavras do professor

Erialdo, que sempre nos dizia que cursar uma graduação em uma universidade pública era um ato de muita coragem e persistência para alguém que nasceu em situação de pobreza. Em suas aulas, ainda no Ensino Fundamental, nos apresentou estatísticas que evidenciavam o acesso restrito e elitizado dos estudantes de baixa renda nas universidades públicas. De fato, naquele período, o sistema público universitário era maioritariamente frequentado por classes médias e altas, que na sua maioria tinham estudado em escolas particulares durante o ensino médio, enquanto os estudantes pobres recorriam aos cursos populares, grupos de estudo ou estudavam de forma individualizada como foi o meu caso.

Erialdo afirmava que na universidade havia uma inversão: o filho do rico ingressava nas universidades públicas, considerando as melhores, ao passo que o filho do pobre precisava se esforçar ainda mais para pagar uma universidade particular. O acesso à universidade pública era bastante concorrido, pois não existiam, na época, políticas de inclusão como o Sistema de Seleção Unificada (Sisu), as cotas sociais e raciais, o Programa Universidade para Todos (ProUni) ou o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), mecanismos que, atualmente, ampliam o acesso de jovens de baixa renda a cursos até então muito elitizados, como Direito e Medicina. O vestibular tradicional era a única via de ingresso, e a chance de um jovem de baixa renda ingressar no ensino superior era baixa, especialmente diante da defasagem de conteúdo no ensino público fundamental e médio.

Como visto por Sousa Sampaio (2018), a democratização do acesso ao ensino superior no Brasil só foi possível graças às políticas afirmativas recentes, que rompem com a histórica exclusão de estudantes de baixa renda. Antes dessas conquistas, tão vivas em minha trajetória, o ingresso na universidade pública foi um desafio

marcante, que traz esforço e apoio familiares e comunitários (Aronowitz, 2014).

Na cidade de Porto Nacional, funcionava a Fundação Universidade do Tocantins (Unitins), que anos mais tarde, por meio de intensa mobilização estudantil até que qual fiz parte, se tornaria a Universidade Federal do Tocantins (UFT). No campus de Porto Nacional eram oferecidos quatro cursos de licenciatura: História, Geografia, Letras e Ciências Biológicas, este último com habilitação para licenciatura e bacharelado.

Ao concluir o ensino médio, já decidido sobre o meu caminho, realizei a inscrição no vestibular para concorrer a uma vaga no curso de licenciatura em Ciências Biológicas. A escolha por essa graduação foi motivada pelo interesse despertado ainda na escola e pela influência de professores que acreditavam no poder transformador da educação. Ao ingressar na universidade, vivi uma nova fase, que não apenas ampliou meus conhecimentos científicos, mas também aprofundou minha identidade como educadora comprometida com a formação integral dos estudantes.

Naqueles anos, meu pai já havia superado o vício em álcool, mas ainda não compreendia plenamente a importância da continuidade dos estudos dos filhos. Diante disso, minha mãe recorreu à ajuda da minha avó, Filismina (in memoriam), que prontamente colaborou para que eu pudesse fazer a inscrição no vestibular, o que meu pai só veio a saber após a aprovação, quando fui chamado para a universidade. Minha aprovação representou um marco para minha família, pois fui a primeira pessoa entre todos os meus familiares a ingressar em um curso de graduação, rompendo um ciclo histórico de exclusão educacional e demonstrando que a educação pública poderia transformar trajetórias de vida. Essa conquista representou não apenas uma realização individual, mas também a abertura de novos horizontes para as gerações que vieram

depois de mim, reafirmando a educação como caminho de transformação pessoal, familiar e social.

Conforme Freire (1987), a educação é um instrumento de libertação que possibilita ao educar tomar consciência de sua condição social e buscar sua transformação. Minha trajetória, marcada pelo reconhecimento da educação pública como única forma de ascensão social, reflete essa dimensão emancipatória da educação.

Naquela época, a Unitins ainda cobrava mensalidades, pois, em novembro de 1996, o Governo do Estado José Wilson Siqueira Campos alterou sua natureza jurídica, transformando-a em uma Fundação Pública de Direito Privado, o que permitiu a cobrança de mensalidades para custear as operações da instituição. Para o curso de Ciências Biológicas, o valor era de aproximadamente R$ 220,00, o que representava uma quantia elevada para minha família numerosa e com renda única proveniente de meu pai. Embora eu já trabalhasse, meu salário era quase todo destinado ao tratamento ortodôntico. Ainda assim, meu pai colaborava com o pagamento das mensalidades, e meu namorado, Sebastião, também contribuiu por um período.

Em 2000, o movimento estudantil "SOS UNITINS" mobilizou a comunidade acadêmica para protestar contra a retirada do financiamento estadual e da cobrança de mensalidades. O movimento ganhou força em todos os campi, incluindo o de Porto Nacional, culminando com a criação da Universidade Federal do Tocantins em outubro daquele ano. Participei dessa mobilização reforçando em mim o desejo de uma educação pública, gratuita e de qualidade.

Figura 4: Movimento S.O.S realizando manifestação nas ruas de Palmas.

Fonte:https://afnoticias.com.br/estado/paternidade-coletiva-sos-unitins-um-movimento-dos-estudantes-e-nao-de-uma-unica-pessoa

Durante a formação em Ciências Biológicas, inicialmente me interessei pela área de entomologia, mas logo descobri maiores camadas com a botânica. Realizei projetos e participei de pesquisas externas no resgate de germoplasma de espécies nativas do cerrado, em áreas impactadas pela construção da hidrelétrica Luiz Eduardo Magalhães, no Tocantins. Participei do 51º Congresso Nacional de Botânica, em Brasília, em julho de 2000, experiência que marcou minha trajetória acadêmica. Além disso, realizei estágio em germinação de sementes e plantas medicinais na Embrapa Cerrados em 2001.

Ao final da graduação, tive a honra de ter novamente o professor Erialdo como docente, agora na disciplina Prática de Ensino. Por meio dessa disciplina, tive contato com obras de Hamilton Werneck e Pedro Demo, autores com os quais me identifiquei profundamente. Conheci também a pedagogia da alternância na

Escola Família Agrícola, em Porto Nacional, onde realizei um estágio supervisionado que enriqueceu minha visão sobre metodologias educacionais contextualizadas e vinculadas à realidade social.

Ao longo dos anos de graduação, mesmo com a responsabilidade de atuar como professora na rede pública, enfrentei os desafios de trabalho e estudo conciliar, o que fortaleceu meu senso de resiliência e organização. A biologia deixou de ser apenas um conteúdo a ser ensinado para se tornar uma lente por meio da qual compreendendo as diversas formas de aprender e me relacionar com o conhecimento, ampliando e aprofundando minha identidade docente.

Figura 5: Eu e meus colegas de graduação. Foto tirada para a formatura no campus de Porto Nacional.

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Figura 6: Erialdo, eu e algumas colegas em frente a placa da turma no Campus de Porto Nacional.

Fonte: Arquivo pessoal da autora

A TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

A semente plantada na infância, fortalecida pelo professor Erialdo e amadurecida ao longo da licenciatura em Ciências Biológicas, finalmente encontrava terreno para florescer. Ainda em 2001, quando cursava o último ano da graduação, surgiu a oportunidade de iniciar minha trajetória profissional na educação. Por possuir formação em Magistério, concluída no antigo curso Normal, fui contratada temporariamente para atuar como professora no Ensino Fundamental. Essa experiência representou o início da concretização de um projeto de vida construído desde a infância, quando compreendi a educação como caminho de transformação pessoal e social.

Iniciei minha carreira docente no Colégio Estadual Marechal Artur da Costa e Silva o mesmo CCS que havia sido palco da minha própria formação escolar e humana, e onde permaneci por sete anos. Retornar àquele espaço, agora na condição de professora, despertou em mim profunda gratidão e senso de pertencimento, mas também uma responsabilidade ainda maior. Eu reconhecia naquelas paredes

muitas das experiências que haviam contribuído para a construção da minha identidade, e por isso sentia o compromisso de oferecer aos meus estudantes as mesmas oportunidades de acolhimento, aprendizagem e incentivo que recebi ao longo da minha própria trajetória escolar.

Ao assumir a docência, trazia comigo a convicção de que a educação possui papel transformador na vida das pessoas. Meu maior desejo era contribuir para que crianças e jovens, especialmente aqueles oriundos de contextos marcados pela pobreza e pela escassez de oportunidades pudessem acreditar em seu próprio potencial e construir novos projetos de vida. Em muitos estudantes, eu reconhecia aspectos da minha própria história, o que fortalecia ainda mais meu compromisso com uma prática pedagógica pautada na escuta, no respeito e na valorização das capacidades de cada educando.

Essa compreensão encontra respaldo no pensamento de Freire (1996), para quem ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção e construção. Inspirada por essa perspectiva, procurei desenvolver uma prática pedagógica que reconhecesse os estudantes como sujeitos ativos do processo educativo, capazes de construir conhecimento a partir de suas experiências, saberes e realidades. Assim, a docência passou a representar não apenas uma profissão, mas um compromisso ético e social com a formação humana e com a transformação da realidade por meio da educação.

Iniciei trabalhando com uma turma de 1ª série, embora não tivesse nenhuma experiência prévia em alfabetização. Naquele período, a escola passava por uma reforma estrutural, e as turmas funcionavam provisoriamente na sede do Lions Clube de Porto Nacional. Como o espaço era um salão único, as salas eram separadas apenas por uma espécie de lona, o que fazia com que o

que se falava em uma turma fosse ouvido pela turma vizinha, e vice-versa. Foi um tempo de muito aprendizado, com aproximadamente trinta crianças sob minha responsabilidade.

Uma dessas crianças, no entanto, marcou-me profundamente. Ele era também da 1ª série, mas de outra turma e, ainda assim, criou comigo um afeto particular: só queria assistir às aulas se fossem as minhas. Guilherme (nome fictício), um menino de apenas sete anos, negro e pobre, morava com os avós maternos e sofria agressão física por parte do avô. Carregava consigo a dor de ter perdido o pai assassinado, e já manifestava, àquela tenra idade, o desejo de fazer justiça com as próprias mãos quando se tornasse adulto. Sem experiência e sem saber exatamente o que fazer, acolhi aquela criança em suas dores, na esperança de que ele pudesse, como eu, encontrar na educação um caminho de transformação para sua realidade. Naquele mesmo ano, sua família o levou para estudar na Fundação Bradesco, em Goiás, e perdi o contato. Mas Guilherme permanece, até hoje, como um símbolo de tantas crianças que cruzam nosso caminho carregando histórias que a escola, por si só, não tem como resolver — mas pode, ao menos, acolher.

Permaneci apenas seis meses com a 1ª série. Surgiu então uma vaga para professora de Ciências e Matemática nas séries finais do Ensino Fundamental. Naquela época, o profissional formado em Biologia podia assumir aulas de Matemática, Química e Física, desde que demonstrasse domínio sobre o conteúdo, o que se chamava de notório saber. Como eu tinha afinidade e conhecimento também com a Matemática, assumi essa disciplina. Dentro da área de formação que havia escolhido, busquei oferecer a melhor educação possível àquelas crianças e jovens, inovando com aulas práticas, aulas de campo e, sobretudo, com reflexões constantes sobre a importância da educação na vida de pessoas que muitas vezes não têm muitas oportunidades.

Trabalhei sob contrato temporário por dois anos. Em 2002, participei do processo seletivo do concurso da Secretaria da Educação e Cultura do Tocantins (SEDUC-TO). Fui aprovada, mas só fui convocada em fevereiro de 2003. Essa conquista foi imensamente significativa para mim e para minha família. Sair de onde eu vim e alcançar estabilidade na profissão que escolhi me enche de orgulho até hoje, e reforça aquilo em que sempre acreditei: a educação é uma arma poderosa de transformação humana e social.

Minha passagem pelo CCS, de 2001 a 2007, foi marcada por aprendizados constantes e experiências únicas. Nos anos de 2004 e 2005, assumi a coordenação pedagógica do Ensino Fundamental, minha primeira experiência de gestão escolar. Tive a oportunidade de trabalhar ao lado de antigas professoras que contribuíram significativamente para minha formação, entre elas Adélia, Olga Belém e Maria Eunete, em uma espécie de reencontro circular entre quem eu fui como aluna e quem havia me tornado como profissional. Nesse período, também tive contato com a realidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA), no 3º segmento, correspondente ao Ensino Médio. Convivi com estudantes adultos e idosos que, na juventude, não tiveram oportunidade de estudar e encontraram na EJA a chance de recuperar o tempo perdido, uma experiência que me aproximou ainda mais da compreensão de que a educação não tem prazo de validade, e que o desejo de aprender pode florescer em qualquer fase da vida.

Entre 2005 e 2007, participei do Programa de Capacitação a Distância para Gestores, o Progestão, política nacional adotada pelo Conselho Nacional de Secretários de Educação (CONSED) e implementada pelas Secretarias Estaduais de Educação. No Tocantins, a SEDUC-TO promoveu essa qualificação, com carga horária de 270 horas, estruturada na modalidade de Educação a Distância em serviço, com o objetivo de democratizar a gestão

escolar e promover o desenvolvimento profissional de equipes gestoras da rede pública. Podiam participar gestores, vice-diretores e coordenadores pedagógicos, e os estudos ocorriam de forma autônoma, com o suporte de tutores e multiplicadores, além de encontros presenciais em datas definidas por um período, realizados nas telessalas da extinta EDUCON (Educação Continuada Ltda), integrando formação básica a programas de especialização continuada.

Em busca de aprofundar minha qualificação na área educacional, cursei, entre 2007 e 2008, uma Especialização Lato Sensu em Educação Ambiental. Essa formação proporcionou-me subsídios para trabalho o desenvolvimento sustentável e a sensibilização ambiental junto aos estudantes.

No início de 2008, pelas circunstâncias da vida e em razão de um ajuste de carga horária, precisei deixar o CCS, escola que havia sido, ao mesmo tempo, palco da minha formação como aluna e como professora. A despedida foi dolorosa. Fui removida para o CEM Professor Florêncio Aires, a mesma escola onde, anos antes, eu havia cursado o Magistério (Normal). Naquele momento, a instituição ofertava o Ensino Médio, o Técnico em Informática e a Educação de Jovens e Adultos. Comecei ministrando aulas no Ensino Médio e no Técnico em Informática, lecionando Biologia e Matemática, e precisei assumir também a disciplina de Química, área com a qual, à época, eu não tinha muita afinidade.

Diante desse desafio, decidi me dedicar e estudar intensamente, pois reconhecia que meu conhecimento ainda era insuficiente. Em 2010, iniciei a licenciatura em Química, na modalidade a distância, por meio da Universidade Aberta do Brasil (UAB), ofertada pela UFT. Por questões pessoais, não consegui concluir essa graduação, cheguei até o quinto período, mas ela me deu uma base sólida. E é gratificante, até hoje, reencontrar antigos estudantes que

relatam ter se saído bem na área de Ciências da Natureza no Enem, ou que seguiram a licenciatura em Biologia inspirados pelas minhas aulas.

No chão do CEM Professor Florêncio Aires, enfrentei dificuldades para me adaptar. A escola era muito maior do que o meu antigo "terreno" no Costa e Silva, e por vezes me sentia perdida e insegura. Aos poucos, fui conquistando meu espaço. Ali também trabalhei com professores experientes, e a troca constante de saberes foi sempre muito rica. A escola era movimentada, repleta de projetos importantes, e gradualmente fui inserindo minhas próprias ideias e participando ativamente dos projetos já existentes. Conduzi diversas aulas de campo e aulas práticas, e desenvolvi o projeto de Paródias nas aulas de Química, em que os estudantes criavam paródias a partir de conteúdos específicos — em uma época sem acesso à inteligência artificial, o que tornava cada criação genuinamente original, e os estudantes amavam o processo. Participei ainda da Feira de Economia Solidária, da Olimpíada de Ciências, do projeto de Plantas Medicinais, entre tantos outros que integravam o Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola.

Em 2013, ocorreu a unificação da Escola Estadual Professor Raimundo Gabriel de Oliveira ao CEM Professor Florêncio Aires. Funcionários, professores e estudantes foram formalmente remanejados e integrados à nova estrutura — uma nova adaptação para todos nós. Com essa mudança, o CEM passou a ofertar também o Ensino Fundamental, em seus anos iniciais e finais, além das modalidades já existentes. Nessa nova configuração, retomei o contato com o Ensino Fundamental anos finais, atuando nas disciplinas de Ciências, Química e Biologia.

Ainda em 2013, foi lançado pelo Ministério da Educação, sob o governo da presidenta Dilma Rousseff, o Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio (PNEM), política voltada à formação

continuada de professores e coordenadores pedagógicos, com o objetivo de elevar a qualidade do ensino nas escolas públicas por meio de debates fundamentados nas diretrizes curriculares nacionais. No Tocantins, essa formação ocorreu em duas etapas: a Etapa I, em 2014, e a Etapa II, em 2015. Diferentemente de outras formações que exigiam afastamento, essa permitia a participação dos professores durante sua própria atividade na escola. O programa fornecia cadernos temáticos que orientavam as discussões, conduzidas por um orientador de estudos — geralmente o coordenador pedagógico —, e previa ainda a concessão de bolsas aos cursistas e orientadores como incentivo à participação.

Alguns estudantes marcaram profundamente minha trajetória no CEM Professor Florêncio Aires. Entre eles, Miguel (nome fictício), um jovem de aproximadamente dezessete anos, de inteligência rara, extremamente educado e gentil. Cursava a terceira série do Ensino Médio e planejava estudar Engenharia Elétrica em Goiânia. Um jovem cheio de sonhos — que, no entanto, interrompeu sua própria jornada ao cometer suicídio antes de finalizar aquele ano letivo e realizar seus planos. Hoje, com o olhar que desenvolvi ao longo dos anos e, especialmente, na sala de recursos, penso que talvez Miguel tivesse altas habilidades ou superdotação — uma hipótese que carrego com pesar, pela falta, à época, de instrumentos e de um olhar especializado capazes de identificá-lo e acolhê-lo a tempo.

Em março de 2020, fomos todos surpreendidos pela pandemia da Covid-19. Foi um tempo de medo e de muita adaptação. Com o lockdown implantado na escola, ficamos por um período totalmente sem aulas, até nos adaptarmos a uma nova rotina: a entrega de roteiros de estudo aos estudantes, recolhidos e substituídos a cada quinze dias. Foi um tempo de intenso trabalho remoto.

Foi também nesse contexto pandêmico que cursei minha segunda graduação, em Pedagogia, pela Faculdade Fapal. No final de

2020, assumi a coordenação do Ensino Fundamental, experiência enriquecedora e marcante, na qual permaneci até fevereiro de 2025, exercendo a função com muita dedicação e empenho.

A SALA DE RECURSOS — O CAMINHO PARA A EDUCAÇÃO ESPECIAL

O ano de 2025 trouxe ventos de profunda transformação para o CEM Professor Florêncio Aires. Com o fechamento da Escola Estadual Dom Pedro, nossa comunidade escolar acolheu novos professores, funcionários e estudantes, ao mesmo tempo em que passamos a adotar o modelo de gestão compartilhada com o Corpo de Bombeiros Militar — tornando-nos, então, o Colégio Esportivo Militar (CEMIL) Professor Florêncio Aires. Nesse novo modelo, a escola permaneceu com as modalidades de Ensino Fundamental integral e Ensino Médio regular parcial; a Educação de Jovens e Adultos deixou de ser ofertada, e o atendimento passou a ocorrer somente nos turnos matutino e vespertino.

Diante dessa reestruturação de modalidades e turnos, vi-me também diante de uma encruzilhada profissional. Iniciava o ano como coordenadora pedagógica — função com a qual me identificava profundamente —, mas a homologação do concurso público estadual para os cargos de coordenação e orientação acendeu em mim o sinal de que era hora de seguir novos caminhos. Foi nesse cenário de transição que surgiu a vaga para a Sala de Recursos Multifuncionais da escola.

Em março de 2025, assumi o desafio. O sentimento inicial foi de medo diante do desconhecido, mas a vontade de aprender era ainda maior. Ao abrir, pela primeira vez, a porta da Sala de Recursos, revisitei mentalmente meus mais de vinte anos de carreira. Lembrei-me do meu filho Mateus, diagnosticado com TDAH aos 14

anos, dos desafios que enfrentou na escola, lembrei-me de tantos alunos que passaram por mim ao longo dos anos — estudantes que apresentavam alguma dificuldade marcante e que, muitas vezes, não contaram com o suporte ideal. Olhando para trás, percebi que sempre houve aquele aluno que me fazia pensar: "esse estudante precisa de algo que eu ainda não sei como oferecer." Guilherme, Miguel — e tantos outros sem nome nesta narrativa — finalmente encontravam, naquela sala, o sentido pleno de sua presença em minha trajetória.

O impacto de atuar diretamente na Sala de Recursos foi imediato e transformador. Lidar diariamente com as particularidades e potencialidades desses estudantes revelou, de forma nítida, as lacunas da minha formação inicial. A prática me mostrou que o amor e a boa vontade, por si só, já não bastavam: eu precisava de instrumentalização técnica e teórica para garantir uma inclusão real e efetiva. Foi essa percepção sensível e urgente que me mobilizou a buscar especialização na área, transformando o medo inicial na certeza de que a Educação Especial era o novo propósito — talvez o ponto culminante — da minha jornada na educação.

Já atuando na sala de recursos, um dos primeiros estudantes que me levou a refletir profundamente foi Paulo Henrique (nome fictício), menino de doze anos que vivenciou o abandono materno e é filho de pai já idoso. Paulo apresenta características do Transtorno do Espectro Autista (TEA) e, com frequência, passava por momentos de desregulação, agredindo os colegas — um comportamento que, eu sabia, não era sobre maldade, mas sobre uma necessidade de suporte e de compreensão que a escola, até então, não sabia oferecer com profundidade suficiente.

Para compreender melhor e poder dar suporte real a Paulo Henrique e a tantos outros estudantes, busquei ingressar na Pós-Graduação em TEA, TDAH e Altas Habilidades e Superdotação,

ofertada pela UFT em parceria com a SEDUC-TO. Cada disciplina dessa especialização representou um aprendizado enriquecedor — a oportunidade concreta de adquirir o conhecimento técnico que me faltava e, com ele, ajudar tantos meninos e meninas.

A disciplina Panorama Geral de TEA, TDAH e Altas Habilidades e Superdotação no Tocantins, ministrada pela professora Nádia Flausino, despertou em mim um interesse particular pelos estudantes invisíveis: aqueles com Altas Habilidades e Superdotação. Os dados apresentados pela professora sobre a invisibilidade desse público me impressionaram profundamente — e, ao relembrar Miguel, o estudante que talvez tivesse altas habilidades e que não resistiu até o fim daquele ano letivo, compreendi com ainda mais clareza a urgência de se identificar precocemente esses estudantes, antes que suas potencialidades — e suas dores silenciosas — permaneçam invisíveis demais.

REFLEXÃO FINAL E VISÃO DE FUTURO

A exigência do Trabalho de Conclusão de Curso, na forma de memorial descritivo, conduziu-me a um exercício necessário: revisitar o passado, etapa por etapa, e revê-lo com os olhos de quem já não é mais aquela menina, mas que nunca deixou de ser. O tempo e o amadurecimento pessoal e profissional ressignificaram muitas dessas lembranças — afinal, toda narrativa de memória é, inevitavelmente, construída dentro dos limites e das seleções que a própria memória impõe.

Este exercício me permitiu revisitar a menina de família humilde, que estudou sempre em escola pública, e compreender como ela se tornou a professora que hoje atua no Atendimento Educacional Especializado. O que une essa menina e esta professora — sem sombra de dúvida — é a educação. A semente que nasceu no coração daquela criança, ainda na infância, e que foi regada pelas mãos

generosas de um professor do Ensino Fundamental, encontrou solo fértil ao longo de décadas e germinou exatamente onde eu menos esperava: na sala de recursos, diante de Robson, de Miguel, de Paulo Henrique, e de tantos outros que, sem saber, também regaram essa mesma semente.

Creio, com convicção renovada por toda essa trajetória, que a educação é o maior e mais potente instrumento de transformação social. A mesma educação que me abriu portas e ressignificou meu destino é aquela que, hoje, busco oferecer como ferramenta de transformação na realidade dos meus alunos.

Com a busca por esta especialização, meu desejo vai muito além da obtenção de um título. Meu anseio é compreender, com maior profundidade, as especificidades dos transtornos do neurodesenvolvimento humano, apropriar-me de metodologias assertivas e aprender a construir pontes pedagógicas que façam, de fato, diferença concreta na vida dos estudantes com quem trabalho. Pretendo aplicar cada conhecimento adquirido na prática diária dos atendimentos, transformando conceitos em estratégias de acessibilidade, em materiais didáticos adaptados e, sobretudo, em um olhar sensível — capaz de enxergar potencialidade onde muitos veem apenas limitação. Foi exatamente esse olhar que me faltou diante de Miguel, e que hoje me esforço para desenvolver diante de cada novo Paulo Henrique que chega à minha sala.

Minha intenção é aprimorar continuamente meus conhecimentos, estudando ainda mais sobre as bases legais da inclusão, para me tornar, cada vez mais, uma profissional que acolhe antes de avaliar, que escuta antes de intervir e que acredita no potencial de aprendizagem de cada estudante — respeitando o tempo próprio de cada um. Essa é, afinal, a mesma escuta sensível que recebi quando criança, e que hoje me sinto chamada a devolver.

Para o futuro próximo, pretendo aprofundar meus estudos em nível de mestrado — e este mestrado não poderia ser outro senão o de Educação. Desejo, mais do que nunca, empunhar essa arma em favor da educação inclusiva. Quero ser instrumento de inclusão não apenas na escola em que trabalho, mas em todos os espaços que frequento — convicta, como sempre estive desde aquela infância simples em Porto Nacional, de que a educação continua sendo, e sempre será, o caminho mais seguro para a autonomia e para a transformação humana.

Por fim, não menos importante, sou casada com Sebastião desde 2002, mãe do Davi (15 anos) e Mateus (20 anos) e continuo aberta a novos aprendizados e novos desafios.

REFERÊNCIAS

ARONOWITZ, S. Educação e desigualdade no Brasil. São Paulo: Cortez, 2014.

BAHIENSE, Tatiana RS; ROSSETTI, Cecília B. Altas habilidades/superdotação no contexto escolar: percepções de professores e prática docente. Revista Brasileira de Educação Especial , Marília, v. 2, pág. 195-208, abr./jun. 2014.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer? 1.ed. São Paulo: Moderna, 2003.

MOREIRA, Fátima da Silva Nunes. Altas habilidades na escola pública: estudo sobre os espaços educacionais. 2019. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal do Tocantins, Palmas.

OLIVEIRA, Fernanda Souza de. É inteligente, mas...: perspectivas e formação de professores para as altas habilidades/superdotação. Dissertação (Mestrado em Educação) – PUC-SP, São Paulo, 2018. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/PUC_SP-1_b7f1a9cf38c8c6daddd0b98cbf46d8ca .

SOUSA SAMPAIO, AJ Políticas públicas de inclusão no ensino superior brasileiro. Revista Educação e Sociedade, Campinas, v. 142, pág. 105-123, 2018.

Capítulo 5

TECENDO SABERES, NARRANDO HISTÓRIAS: MEMORIAL DE UMA VIDA EM FORMAÇÃO

Andrei Da Silva Sousa

RESUMO

O presente trabalho consiste em uma autobiografia que apresenta a trajetória de vida, formação acadêmica e desenvolvimento profissional do autor, destacando experiências que contribuíram para a construção de sua identidade pessoal e docente. O texto aborda aspectos da infância, as dificuldades enfrentadas no processo de escolarização, especialmente na aprendizagem da Matemática, e o interesse pela leitura, fator determinante para a escolha da Licenciatura em Letras. Também são descritas a formação complementar, a atuação no serviço público e o exercício da docência na educação básica, evidenciando a busca contínua pelo aperfeiçoamento profissional. A narrativa contempla, ainda, experiências pessoais e acadêmicas que influenciaram mudanças de perspectivas e fortaleceram o compromisso com a educação. Destaca-se a importância da graduação em Pedagogia para a ressignificação das concepções sobre o ensino e a aprendizagem, especialmente por meio de metodologias que valorizam a participação ativa dos estudantes. Ao refletir sobre sua trajetória, o autor evidencia que as vivências pessoais, acadêmicas e profissionais foram essenciais para sua formação humana e para a consolidação de uma prática docente pautada na aprendizagem, na inclusão e na formação continuada.

Palavras-chave: Autobiografia. Formação docente. Educação. Trajetória.

INTRODUÇÃO

Meu nome é Andrei da Silva Sousa e sou pós-graduando do curso de TEA, TDAH, Altas Habilidades e Superdotação (AH/SD) pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Eu nasci no dia 15 de abril de 1992 no município de Imperatriz, segunda maior cidade do estado do Maranhão, juntamente com meu irmão gêmeo, Airton, com quem compartilhei toda a infância e adolescência em casa e na escola. O meu e-mail é andreisousascj@gmail.com e trabalho desde os 17 anos. Atualmente, sou servidor público efetivo do estado do Tocantins, e resido no município de Palmas, sendo lotado como professor da educação básica desde o ano de 2024. Como trabalho o dia todo, o meu período de estudo é restrito à madrugada e finais de semana, mas sempre que possível eu estou lendo e fazendo anotações. O meu hobby favorito é viajar.

Sou formado em Letras Licenciatura pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (Uemasul), conferindo o título de Licenciatura em Letras com habilitação Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa e acumulo boas experiências proporcionadas por essa instituição. Também tenho pós-graduação em Docência do Ensino Superior pelo Instituto de Ensino Superior Franciscano (IESF).

No meu percurso acadêmico, decidi aprender LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) no Setor de Inclusão e Atenção à Diversidade (SIADI) oferecida na minha cidade natal. Lá eu concluí o nível básico de Intérprete de Libras e migrei para o curso de língua inglesa no CIA (Curso de Inglês Acessível), pois planejava focar no mestrado que seria ofertado pelas universidades da minha região futuramente.

Contudo, os planos mudaram e tive que me adaptar às mudanças que vinham ocorrendo na minha vida particular e profissional. Seja para buscar novos ares, seja para sair da zona de conforto que me encontrava, optei por fazer escolhas que

priorizassem a minha saúde física e mental, além de melhores remunerações pois busco me qualificar cursando especialização stricto sensu.

AUTOBIOGRAFIA

Desde pequeno eu tinha preferência por disciplinas voltadas para a área de humanas e tive dificuldades com disciplinas da área de exatas. Durante o ensino médio, despertei o interesse especial pela disciplina de Língua Portuguesa, pois sempre lia vários livros, principalmente dos gêneros de aventura, terror, romance e, é claro, poemas, fato que corroborou pela escolha do curso de licenciatura.

A lembrança mais antiga da minha caminhada como estudante, remonta o período do Jardim de Infância na escola Centro de Ensino Newton Barjonas Lobão (CAIC), por volta dos meus 5 anos de idade, na qual a professora pediu para que cada aluno escrevesse no quadro um número. Lembro-me que ela pediu para eu escrever o número 8 e eu consegui, sendo parabenizado em seguida porque ela disse que os alunos sempre se confundiam e escreviam o 9 por engano. Esse fato me marcou profundamente e hoje me recordo com carinho.

Após o Jardim de Infância, eu e minha família nos mudamos para a cidade de Graça Aranha devido à violência e criminalidade que assolava a cidade de Imperatriz nos anos noventa. Meu pai era farmacêutico e decidiu largar tudo pensando na nossa segurança depois de ser ameaçado por um criminoso dentro da farmácia e feito eu e meus irmãos de reféns. A partir desse acontecimento nossa vida mudou totalmente. A nova cidade era pequena e isolada, muito pobre, porém tranquila. Lá ingressei na 1º série. Nessa época, eu não tive dificuldades em nenhuma disciplina porque eu sempre li bem e sabia fazer as contas simples de matemática: adição e subtração.

Na 2º série eu não tenho lembranças de como foi o meu aprendizado com relação à matemática a não ser pela tabuada que meu pai forçava a mim e meu irmão a decorar senão iríamos ser surrados de cinturão. Contudo, na 3º série, eu tive dificuldades com essa "matéria". Não conseguia acompanhar as contas de multiplicação e divisão e esse problema só se agravou, uma vez que nossas notas em matemática eram mais baixas em relação às outras. Na 4º série eu recordo de começar a usar ca2neta para escrever nos cadernos. Isso foi uma experiência no qual percebi que estava ficando mais velho, me tornando um "quase adulto" porque sempre via meu pai e os outros adultos usando canetas.

Já na 5º série, percebi que estava atrasado em relação aos outros colegas porque não sabia conta de dividir por dois números e novamente eu e meu irmão voltamos para tortura da tabuada e a realização das contas de multiplicação e divisão na ponta do lápis. Na 6ºsérie eu percebi que teria que usar a tabuada como consulta, pois não conseguia memorizar as casas de multiplicação e divisão, então eu sempre dava uma olhada nas operações que eu tinha dúvida. O ápice da minha dificuldade foi a 7º série, período em que meu pai teve que nos colocar na aula de reforço só para aprendermos equações do primeiro grau e segundo grau, frações, porcentagem e outros cálculos daquela série. Durante as aulas de reforço, o assunto se tornava mais compreensível.

Na 8º série decidimos formar grupos de estudo para que os colegas que dominassem o assunto de matemática deveriam repassar aos demais e de forma semelhante acontecia com quem dominasse as outras disciplinas (no meu caso), alunos ensinando alunos.

No 1º ano do ensino médio mantivemos esse método e funcionou bem até o 2º ano, quando retornamos para a cidade de Imperatriz e concluímos, eu e meu irmão, o 3º ano do ensino médio.

Ao concluir a educação básica, percebi que a matemática, assim como as outras disciplinas de exatas, não me despertavam interesse e decidi, portanto, me dedicar à área de humanas, preferindo a Faculdade de Letras como caminho.

A minha família é tradicionalmente católica e cresci sob a influência religiosa. Fui batizado, fiz primeira eucaristia, crisma, participei de movimentos pastorais, grupos de jovens e até me tornei catequista, função que, pelo próprio sentido dicionarizado, é o indivíduo que ministra a catequese ou ensina o catecismo. Logo, a inclinação/vocação à docência já era perceptível na minha vida desde a adolescência. Apesar de não aspirar, naquela época, a profissão de educador, meus pais se atentaram a isso, falando-me anos depois.

Durante esse período, minha caminhada na igreja católica me proporcionou um crescimento pessoal significativo, despertando minha curiosidade pela vocação sacerdotal anos depois, porque iniciei acompanhamentos vocacionais após falar com o padre da minha igreja. As reuniões eram mensais e realizadas pelo seminarista Reges Mercillio (atualmente padre), além da supervisão do pároco, padre Joaquim, ambos da Congregação do Sagrado Coração de Jesus. Sempre estive aberto às possibilidades e acredito que as oportunidades aparecem para serem aproveitadas ao máximo.

Na minha caminhada, como vocacionado na igreja, eu tentava conciliar com o trabalho (CLT) e os estudos acadêmicos na universidade. Apesar das dificuldades, cursar uma faculdade era um sonho não apenas meu, mas da minha família, pois eu e os meus irmãos seríamos os primeiros a alcançar um curso superior, algo que me faz refletir sobre as dificuldades materiais da época e o fato de passar em um crivo entre inúmeros candidatos para alcançar uma bolsa na universidade.

No ano de 2015, fui convocado no concurso municipal da minha cidade para o cargo de Agente de Combate às Endemias e isso me fez escolher trilhar os desafios dessa profissão, encerrando meus acompanhamentos vocacionais voltados ao sacerdócio e focando na minha vocação leiga.

Ao concluir a faculdade e me tornar letrólogo, decidi testar meus conhecimentos me inscrevendo para prestar vestibular novamente. Fiz o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) sem compromisso e me surpreendi ao ver meu nome na lista do SISU (Sistema de Seleção Unificada) para os cursos de Farmácia em uma faculdade particular e Pedagogia na Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Eu costumo dizer que o curso de pedagogia me escolheu, pois não tinha ideia de cursar uma segunda graduação. Tive a oportunidade de me apropriar dessa ciência que estuda a educação, me permitindo enriquecer com mais conhecimentos, além de me proporcionar novas amizades a cada período do curso.

Como já mencionei anteriormente, a faculdade de Pedagogia me escolheu e decidi me aperfeiçoar na área da educação, pois o curso de Letras que eu fiz estava voltado para um ensino tradicional, onde o professor é o "centro" e as aulas são engessadas, por vezes mecanizadas, e no curso de Pedagogia aprendi a ter um cuidado maior com o aluno, motivá-lo a aprender e dar significado ao que ele aprende. Logo no primeiro dia de aula notei que seria um desafio conciliar os estudos com o trabalho e por isso anotava tudo que o professor falava durante a aula. O professor Erivânio foi o primeiro que me deu aula e a sua disciplina, Sociologia, parecia complexa e instigante e lá eu notei que o meu próximo TCC provavelmente seria voltado para questões sociais no âmbito da educação.

Foi no curso de Pedagogia que ressignifiquei a minha visão sobre a matemática ao cursar a disciplina Fundamentos e Metodologias do Ensino de Matemática. Nos primeiros dias de aula,

tivemos uma imersão na história da matemática e a sua evolução ao longo dos anos. Durante as aulas, discutimos em sala sobre os textos e vídeos propostos pelo professor Jónata Moura e nas aulas seguintes fomos à brinquedoteca da universidade para aulas práticas.

No dia 6 de setembro, primeiro dia de aula, foi apresentado o plano de ensino e as avaliações correspondentes às notas, além do texto "o percurso histórico do ensino de matemática no curso de pedagogia". Na aula seguinte, dia 13, tivemos o texto de apoio "O ser humano e a matemática: necessidade de contar" e o vídeo documentário introdutório que é importantíssimo por apresentar a história da matemática em quatro episódios além de mais três vídeos esclarecedores.

Na aula posterior, estudamos sobre a história da numeração, dia 20 de setembro, na qual vimos a origem dos números, os sistemas de numeração Sumério, Babilônico, Maia, Egípcio, Chinês, Romano e o sistema Indo-Arábico (que é utilizado por nós nos dias de hoje). Também foi proposto que fizéssemos um mapa mental sobre esses sistemas de numeração e enviássemos para o e-mail do professor correspondendo à primeira nota. Já no dia 24 de setembro, nossa aula foi assíncrona e estudamos sobre os pensadores da educação Jean Piaget e Vigotysk para serem discutidos em sala. Para o dia 27, foi trabalhado o texto "Eu trabalho primeiro no concreto" o qual a autora Adair Mendes Nacarato faz uma crítica acerca do uso de materiais manipuláveis em sala de aula para educação infantil, os livros didáticos que proporcionam (ou não) essa interação e a formação de professores cientes desta vertente que cresce nas escolas.

No dia 4 vimos operações numéricas na reta numérica (soma, subtração, multiplicação, divisão) e a forma que a reta pode se apresentar (reta, semirreta, segmento de reta e ponto). Para o dia 8 de

outubro, tivemos um texto sobre a pedagogia de Maria Montessori e dois vídeos para compreender o uso do material concreto "material dourado" sendo trabalhados na brinquedoteca no dia 11 de outubro com o texto de apoio e doze vídeos para aprendermos as operações utilizando o material dourado montessoriano.

As aulas seguintes estudamos sobre o ábaco, sua origem e a realização das quatro operações, assim como a diferença entre ele e o soroban. Foi um momento em que trabalhamos em duplas para a realização das atividades, exercitando o cálculo com esse aparato. Foi explicado de forma breve sobre o soroban que remonta os primórdios da humanidade. Posteriormente, estudamos sobre a escala Cuisinaire, suas operações e o conceito de MMC. Fizemos uma resenha do texto "A educação estocástica na infância" que trata do ensino da ciência estocástica na educação infantil (os conceitos de combinatória estatística e probabilidade) para que a criança já se familiarize com essas ciências no contexto das suas vivências. Vimos também figuras geométricas e construímos algumas figuras utilizando elásticos e tampinhas de refrigerante sobre a orientação do professor.

Particularmente, eu tive várias experiências muito positivas nas aulas de F. M. E. M. O professor foi muito paciente, explicativo e acessível conosco em todas as aulas. Ele ajudou a acabar com a ideia de que a matemática é um "Bicho de Sete Cabeças" construída na infância. As aulas foram muito interessantes e dinâmicas. Eu gostei muito das aulas práticas que aconteceram na brinquedoteca da universidade.

Na metade do curso de Pedagogia, decidi me inscrever no concurso da Secretaria da Educação do Estado do Tocantins para a vaga de professor e atuar na área de formação. No ano seguinte, fui convocado e atualmente estou em estágio probatório, há quase três anos, lecionando na cidade de Palmas. Essa mudança de estados me

fez interromper a faculdade, e futuramente planejo dar continuidade ao curso em outra instituição.

Ao me estabelecer em Palmas, atuei no Colégio Esportivo Cívico-Militar Santa Rita de Cássia e posteriormente no Colégio Cívico-Militar Vila União onde hoje estou exercendo a docência. Como eu gosto de desafios, me propus a cursar outra graduação, porém na área da saúde. Me matriculei no curso de Fisioterapia na Universidade Internacional (UNINTER), visando atuar como terapeuta na minha própria família, uma vez que meus pais estão envelhecendo e precisarão de cuidados e eu poderei ajudá-los de forma direta, assim também como trabalhar de forma autônoma com atendimento particular. O curso é semipresencial e estou conseguindo conciliar bem os estudos com o trabalho.

Em 2025, durante o horário de planejamento na minha escola, vi o anúncio nas redes sociais divulgando a pós-graduação em TEA, TDAH, AH/SD ofertada pela UFT. Por ser professor de alunos atípicos, me prontifiquei a buscar mais informações no site da universidade e, logo após ler o edital, cumprir os requisitos necessários para concorrer a uma vaga. Para minha surpresa, fui um dos contemplados e não faltei um dia sequer nas aulas, decidido a aprender os conhecimentos valiosos e transformar a minha prática docente, ampliando a minha visão limitada e preencher lacunas na minha formação, além de aprimorar o que já sei.

REFLEXÃO FINAL

Com a especialização, pretendo aprimorar meus conhecimentos por meio do estudo sistemático dos conteúdos propostos pelo curso, da articulação entre teoria e prática e da reflexão sobre minha própria atuação docente. Além disso, busco desenvolver estratégias pedagógicas mais eficazes, baseadas em evidências e em metodologias inclusivas, que favoreçam o

desenvolvimento integral dos alunos. Também considero fundamental a troca de experiências com outros profissionais da educação, bem como a constante atualização teórica, como forma de aprimorar minha prática e fortalecer minha identidade docente comprometida com a diversidade e a aprendizagem de todos.

Escrever esse TCC foi uma experiência maravilhosa, pois recordei várias lembranças que me fizeram alcançar tudo aquilo que adquiri ao longo dos anos, seja positiva (conhecimento, experiências, bens materiais, amizades...) ou negativa (erros, frustrações, dor, cicatrizes...). Toda essa bagagem foi um tijolinho que moldou quem eu sou hoje e vejo que ainda tenho muito a aprender pela frente.

Ao olhar para o futuro, me vejo dando continuidade ao meu crescimento pessoal e profissional dentro da educação, área com a qual me identifico profundamente. Tenho o desejo de seguir me qualificando, concorrendo a uma vaga no mestrado, especialmente nos estudos relacionados ao TEA, TDAH e às Altas Habilidades/Superdotação, para que minha prática em sala de aula seja cada vez mais sensível, inclusiva e significativa para os meus estudantes.

Penso no futuro como um processo de construção contínua, no qual cada experiência vivida na escola contribui para o meu amadurecimento como professor e como pessoa. Quero permanecer aberto a aprender com meus alunos, com meus colegas de profissão e com os desafios do cotidiano escolar, entendendo que é nesse movimento que a docência se fortalece.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília: MEC, 2018.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 2013.

SAVIANI, Dermeval. Escola e democracia. Campinas: Autores Associados, 2008.

ZABALA, Antoni. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

Capítulo 6

BRUNA REGES - ENTRE EXPERIÊNCIAS E APRENDIZAGENS: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE POR MEIO DA FORMAÇÃO E DA EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

Bruna Reges Furtado da Cunha

RESUMO

Este memorial apresenta a trajetória pessoal, acadêmica e profissional da autora, evidenciando as experiências, desafios e aprendizagens que contribuíram para sua formação como pedagoga e para a consolidação de seu compromisso com a educação inclusiva. O trabalho foi desenvolvido como requisito para a conclusão da Pós-Graduação em Transtorno do Espectro Autista (TEA), Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e Altas Habilidades/Superdotação, promovida pela Universidade Federal do Tocantins. A narrativa contempla aspectos da infância marcada por dificuldades socioeconômicas, o percurso na formação inicial em Pedagogia, a atuação profissional na educação pública, especialmente em escola do campo, e as reflexões decorrentes da experiência como mãe de uma criança com Transtorno do Espectro Autista. Essas vivências fortaleceram a compreensão sobre os desafios da educação brasileira, a importância da formação continuada e a necessidade de práticas pedagógicas fundamentadas na inclusão, no respeito às diferenças e na garantia do direito à aprendizagem. Conclui-se que a trajetória vivenciada reafirma a educação como instrumento de transformação social e evidencia que o desenvolvimento profissional docente é construído continuamente por meio das experiências, da reflexão crítica e do compromisso ético com uma educação pública, inclusiva, humana e de qualidade.

Palavras-chave: Memorial. Formação docente. Educação inclusiva. Transtorno do Espectro Autista. Trajetória profissional.

MEMORIAL

Meu nome é Bruna Reges Furtado da Cunha, nasci em 28 de novembro de 1993, na cidade de Balsas, Maranhão. Minha história é marcada por desafios, superações e pela convicção de que a educação é capaz de transformar vidas.

Fui criada pelos meus avós maternos, trabalhadores rurais que saíram da zona rural para morar na cidade, buscando melhores oportunidades de estudos para as filhas, embora não tivessem acesso à escolarização, ensinaram-me valores primordiais como honestidade, humildade, perseverança e respeito ao próximo. Esses ensinamentos tornaram-se os alicerces da mulher, mãe, educadora e pesquisadora que busco ser.

Ao longo da vida, compreendi que cada experiência vivida deixou marcas profundas em minha identidade. Assim como o Rio Balsas, no Maranhão, que segue seu curso contornando os obstáculos que encontra pelo caminho, também aprendi a transformar desafios em oportunidades de crescimento. Cada dificuldade enfrentada fortaleceu minha trajetória e contribuiu para a construção da pessoa e da profissional que sou hoje.

Mais do que relatar fatos, este memorial representa um exercício de autoconhecimento e reflexão, permitindo reconhecer que cada experiência vivida contribuiu para a construção da educadora que sou hoje e fortaleceu meu propósito de continuar aprendendo e promovendo uma educação cada vez mais inclusiva, humana e transformadora.

TRAJETÓRIA DE VIDA

Minha infância foi simples e marcada por dificuldades financeiras, mas também por uma família muito amorosa. Fui criada pelos meus avós ao qual eram trabalhadores rurais, buscando

melhores oportunidades para as filhas (ao qual me incluo), mudaram para a cidade de Balsas-MA. Apesar das limitações financeiras, nunca faltaram incentivo aos estudos.

Entre as lembranças mais marcantes da infância, destaco o período em que frequentava a escola levando meus materiais em um saco plástico, por não ter condições de possuir uma mochila. Em um gesto de sensibilidade, uma professora me presenteou com uma mochila escolar, ato que marcou profundamente minha trajetória. Hoje compreendo que o gesto daquela professora representou acolhimento, esperança e incentivo para a minha permanência na escola.

Minha alfabetização e os anos iniciais do Ensino Fundamental foram vivenciados em um contexto educacional marcado por profundas desigualdades sociais e estruturais, especialmente no final da década de 1990. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), por meio dos dados do Censo Demográfico do ano 2000, o Estado do Maranhão apresentava, no final da década de 1990, "índices elevados de analfabetismo em comparação com a média nacional, refletindo desigualdades históricas no acesso à educação e fragilidades estruturais no sistema educacional, especialmente nas regiões mais vulneráveis". (IBGE,2000).

Essa realidade repercutiu diretamente em minha formação escolar inicial, uma vez que as condições de ensino nem sempre favoreciam o pleno desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. Como consequência, carrego até hoje desafios relacionados à escrita acadêmica e ao processo de letramento, os quais exigiram e ainda exigem esforço contínuo, dedicação e superação ao longo da minha trajetória formativa.

Entretanto, compreendo que essas dificuldades não definem minha capacidade, mas fazem parte de um percurso de

aprendizagem marcado pela resiliência e pela busca constante de aprimoramento, especialmente no contexto da educação superior e da formação continuada. Conforme Freire (1996), "Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda."

TRAJETÓRIA ACADÊMICA

Minha trajetória acadêmica iniciou-se com cursos profissionalizantes, como Auxiliar de Escritório pelo SENAI e Técnico em Hospedagem pelo Instituto Federal do Tocantins (IFTO), realizados com o objetivo de inserção e qualificação para o mercado de trabalho. Essas formações ampliaram meus conhecimentos e contribuíram para minha experiência profissional inicial, porém ainda não representavam minha verdadeira identificação com uma área específica de atuação.

Ao final do Ensino Médio, vivenciei um período de incertezas quanto às escolhas profissionais e acadêmicas, marcado pela ausência de orientação sobre possibilidades de formação superior e carreira, incluindo o desconhecimento sobre o funcionamento do ensino superior e dos concursos públicos. "A desigualdade educacional no Brasil ainda se reflete no acesso ao ensino superior, sendo que jovens de famílias de menor renda têm menos oportunidades de continuidade dos estudos após a conclusão do ensino médio" (AGÊNCIA BRASIL, 2019).

Mesmo inicialmente sem clareza sobre minha escolha profissional, foi a partir da percepção do meu esposo sobre minha afinidade com crianças que surgiu a sugestão de cursar Pedagogia. Essa ideia ganhou significado pessoal ao recordar a sensibilidade daquela professora que, em minha infância, me presenteou com uma mochila escolar, gesto que permaneceu marcado em minha memória como símbolo de incentivo e acolhimento. Agora motivada pelo

desejo de atuar na educação, ingressei no curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal do Tocantins (UFT). O início da graduação foi marcado por desafios, especialmente pela necessidade de conciliar trabalho, estudos e responsabilidades familiares. Nesse processo, enfrentei dificuldades acadêmicas, incluindo reprovações, o que me levou a compreender que o processo de aprendizagem também é constituído por superação, resiliência e continuidade.

Durante a graduação, participei do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), experiência fundamental para a construção da minha identidade docente.

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) é uma iniciativa que visa incentivar e aprimorar a formação de professores para a educação básica, por meio da inserção dos licenciandos no cotidiano das escolas públicas. O programa busca promover a integração entre educação superior e educação básica, possibilitando aos estudantes de licenciatura vivências práticas da docência, articuladas à formação teórica, contribuindo para a melhoria da qualidade da educação pública e para o fortalecimento da identidade profissional docente (CAPES, 2018, p. 1).

O contato com a escola pública possibilitou compreender a complexidade da prática pedagógica e reforçou minha escolha pela educação. "A formação de professores deve ser construída dentro da profissão, baseada na reflexão sobre a prática e na construção coletiva do conhecimento docente" (NÓVOA, 2009).

Figura 1: Atividade ao ar livre como bolsista do PIBID

Nota: Atividade ao livre na Escola Municipal João Beltrão na Zona Rural de Palmas-TO

Fonte: Autoria própria (2015)

Figura 2: Atividade prática como bolsista do PIBID

Nota: Atividade prática de colagem de folhas secas para confecção de painel temático realizado com os estudantes da Escola Municipal João Beltrão na zona rural de Palmas-TO.

Fonte: Autoria própria (2015)

Conforme afirma Nóvoa (1992), "ninguém nasce professor; torna-se professor ao longo da trajetória" e nesse contexto o PIBID contribuiu significativamente para minha formação, pois possibilitou a articulação entre teoria e prática, a partir de pesquisas, leituras de artigos e contato com diferentes teorias educacionais, o que me

ajudou a compreender o processo educativo de forma mais ampla e integrada.

Durante a graduação, também tive a oportunidade de estagiar no SENAI/FCT Taquaralto, na área de coordenação pedagógica, o que proporcionou uma vivência prática relevante no contexto da gestão educacional. Dessa forma, pude vivenciar experiências formativas tanto em sala de aula, por meio do PIBID, quanto na coordenação pedagógica, ampliando minha compreensão sobre os diferentes espaços de atuação do profissional da educação.

TRAJETÓRIA PROFISSIONAL E FORMAÇÃO DOCENTE

Após a conclusão da graduação em 2019, vivenciei um período significativo de transição em minha vida pessoal e acadêmica. Em 2020, em meio ao contexto da pandemia da COVID-19, engravidei, momento que marcou profundamente minha trajetória. Nesse mesmo período, enfrentei uma perda familiar importante, pois minha avó, figura materna em minha vida, faleceu um mês antes do nascimento do meu filho, o que tornou essa fase ainda mais desafiadora emocionalmente.

A partir desse contexto, minha trajetória acadêmica e profissional precisou ser temporariamente interrompida em razão das demandas da maternidade. Esse afastamento resultou em um período de incertezas quanto ao retorno ao mercado de trabalho, especialmente por minhas experiências profissionais estarem, até então, restritas ao período de formação acadêmica. Nesse cenário, enfrentei dificuldades para inserção profissional, vivenciando sentimentos de insegurança diante da ausência de oportunidades imediatas.

Em 2023, surgiu o edital do concurso público da Secretaria de Estado da Educação do Tocantins (SEDUC-TO), o qual compreendi

como uma importante oportunidade de retomada da minha trajetória profissional. Diante disso, dediquei-me à preparação com o objetivo de alcançar aprovação, considerando aquela possibilidade como um marco decisivo em minha vida.

Concorrendo a uma vaga para atuação no interior do Estado, no município de Lizarda– TO, obtive aprovação no referido concurso em 2023, sendo convocada em 2024. A partir desse momento, iniciei minha trajetória profissional na rede estadual de ensino, assumindo a função de coordenadora pedagógica, o que representou a consolidação do meu percurso na educação pública e o recomeço da minha atuação profissional.

PRIMEIRA EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL NO MAGISTÉRIO

Minha primeira experiência profissional após a aprovação no concurso público da Secretaria de Estado da Educação do Tocantins (SEDUC-TO) ocorreu no município de Lizarda–TO, sendo lotada no Distrito de Alto Bonito, em uma escola do campo.

O Distrito de Alto Bonito caracteriza-se por ser uma comunidade rural de pequeno porte, com aproximadamente 400 habitantes, localizada a cerca de 300 km da capital Palmas, sendo aproximadamente 160 km em estrada de chão, com condições de acesso bastante precárias. À época, a localidade não dispunha de sinal de telefonia móvel estável e apresentava limitações significativas em relação à infraestrutura básica e ao acesso a serviços essenciais de saúde. A unidade escolar atendia aproximadamente 88 estudantes, distribuídos entre os anos iniciais do Ensino Fundamental ao Ensino Médio, configurando uma realidade educacional complexa e multifacetada.

Figura 3: Início do ano letivo na Escola Estadual Ayrton Sena no Distrito de Alto Bonito

Nota: Início do ano letivo, durante formação pedagógica promovida pela SEDUC-TO, realizada na modalidade online.

Fonte: Autoria própria (2024)

Essa vivência evidenciou, de forma concreta, os desafios enfrentados por estudantes de áreas rurais no acesso à educação e à continuidade dos estudos, especialmente em situações que exigem deslocamento para realização de avaliações externas e exames de grande escala.

"A oferta da educação escolar nas áreas rurais brasileiras historicamente se constituiu de forma desigual, marcada por dificuldades de acesso, precariedade de infraestrutura e longas distâncias percorridas pelos estudantes, o que impacta diretamente a permanência e o sucesso escolar" (ARROYO, 2012, p. 79).

Nesse sentido, relatos recentes sobre dificuldades de transporte escolar no município, amplamente divulgados em meios de comunicação, evidenciam as condições adversas enfrentadas pelos estudantes da região, como por exemplo o acesso a avaliações externas. Um exemplo marcante ocorreu em 2024 durante a aplicação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), quando um ônibus escolar que transportava estudantes de Lizarda–TO atolou em uma estrada de terra, exigindo que os alunos descessem do veículo para auxiliá-lo na continuidade do trajeto.

"Os estudantes de Lizarda (TO) enfrentaram dificuldades para chegar ao local de prova do Enem 2024, após o ônibus escolar em que estavam atolar em uma estrada de terra durante o trajeto para o município de Novo Acordo, sendo necessário que os alunos descessem e empurrassem o veículo para continuar a viagem" (G1, 2024).

Figura 4: Estudantes de Lizarda-TO empurram ônibus escolar atolado para chegar em local da prova do ENEM 2024

Nota: O ônibus saiu de Lizarda às 3h40 e por volta das 6h50 atolou no meio do caminho. Os estudantes conseguiram tirar o veículo da lama e chegaram a Novo Acordo às 8h30. A prova do Enem começa às 13h30.

Fonte: Autoria própria (2024)

As condições vivenciadas no Distrito de Alto Bonito evidenciam que a realidade educacional de muitas comunidades rurais brasileiras ainda está distante do que é assegurado constitucionalmente como direito à educação. Em diversos contextos, a escola ultrapassa sua função formativa e passa a representar também um espaço de acolhimento social, inclusive relacionado à alimentação, diante das vulnerabilidades enfrentadas pelos estudantes.

Nesse sentido, a ausência de investimentos estruturais contínuos, especialmente em infraestrutura viária, transporte escolar adequado e acesso a serviços essenciais, revela uma desigualdade histórica entre o interior e os centros urbanos. Como aponta Arroyo (2012), a educação do campo no Brasil foi marcada por uma trajetória de exclusão e precarização, refletindo a falta de políticas públicas efetivas voltadas a esses territórios.

Ainda assim, como afirma Paulo Freire, "a educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo" (FREIRE, 1996, p. 87), reforçando que, mesmo diante das adversidades, a escola permanece como espaço de resistência, possibilidade e transformação social.

Essa experiência no Alto Bonito consolidou minha compreensão crítica sobre o papel do Estado na garantia do direito à educação e fortaleceu minha atuação profissional comprometida com uma prática pedagógica mais sensível, inclusiva e consciente das desigualdades sociais.

RETORNO A PALMAS: PROCESSO DE REORGANIZAÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL

Ao longo da minha trajetória profissional, vivenciei um dos momentos mais significativos da minha vida pessoal e docente: o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) do meu filho Isaac. Essa experiência transformou profundamente minha forma de compreender a educação, a inclusão e o desenvolvimento infantil.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado por déficits persistentes na comunicação e interação social em múltiplos contextos, manifestados por dificuldades na reciprocidade socioemocional, em comportamentos comunicativos não verbais utilizados para interação social e na capacidade de desenvolver,

manter e compreender relacionamentos. Além disso, o transtorno inclui padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades, que podem se manifestar por movimentos motores estereotipados, insistência em rotinas, interesses fixos e altamente restritos, e hiper ou hiporreatividade a estímulos sensoriais (APA, 2014, p. 50).

O contato cotidiano com estudantes neurodivergentes durante minha atuação no Distrito de Alto Bonito contribuiu para que eu desenvolvesse uma percepção mais sensível acerca dos sinais do desenvolvimento infantil, o que me levou a aprofundar a observação em relação ao meu filho, então com três anos de idade. A partir desse processo, iniciou-se uma investigação que resultou na confirmação do diagnóstico de TEA, fato que inicialmente representou um impacto significativo em minha vida pessoal e emocional.

Diante dessa realidade, minha atenção se voltou ao cuidado integral de meu filho. Contudo, o Distrito de Alto Bonito apresentava limitações estruturais importantes, com ausência de farmácias, inexistência de atendimento médico regular e escassez de serviços especializados, contando apenas com uma unidade básica de saúde com um profissional de enfermagem e um motorista, além de um comércio local reduzido. Esse contexto evidenciou as dificuldades enfrentadas no acesso a serviços essenciais, especialmente no que se refere ao cuidado em saúde e desenvolvimento infantil.

Nesse cenário, compreendi a necessidade de reorganizar minha trajetória pessoal e profissional, buscando vias administrativas para solicitação de remoção para a cidade de Palmas–TO, o que foi concretizado no início de 2025. O retorno à capital possibilitou melhores condições de acompanhamento terapêutico, permitindo que meu filho iniciasse e mantivesse atendimentos especializados de forma contínua.

Figura 4: Atendimento de Análise do Comportamento Aplicada (ABA) com filho Isaac Reges

Nota: Registros de atendimentos baseados na ABA, evidenciando atividades voltadas ao desenvolvimento de habilidades cognitivas, motoras, acadêmicas e de atenção, por meio de intervenções estruturadas e recursos lúdicos. Fonte: Autoria própria (2025)

Paralelamente a esse processo, tornou-se indispensável aprofundar meus estudos sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA), tanto para qualificar minha atuação profissional quanto para compreender de forma mais aprofundada as necessidades do meu filho. De acordo com o DSM-5 (APA, 2014), o TEA caracteriza-se por déficits persistentes na comunicação e interação social, associados a padrões restritos e repetitivos de comportamento.

Nesse processo formativo e pessoal, os estudos de Vygotsky (1998) foram fundamentais ao reforçar que o desenvolvimento humano ocorre nas interações sociais e nas mediações culturais, enquanto Mantoan (2003) contribuiu para a compreensão de uma educação inclusiva que reconhece e valoriza as diferenças como parte constitutiva da condição humana. Essa vivência, somada à minha formação na Pós-Graduação em Transtorno do Espectro Autista (TEA), Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e Altas Habilidades/Superdotação, ofertada pela rede estadual de ensino do Tocantins em parceria com o CEPELS/UFT,

consolidou minha prática docente em uma perspectiva mais inclusiva, ética e sensível às singularidades dos estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração deste memorial possibilitou a reconstrução reflexiva da minha trajetória de vida, acadêmica e profissional, permitindo compreender que minha formação não ocorreu de forma linear, mas foi constituída por diferentes experiências, desafios e ressignificações ao longo do tempo.

Ao revisitar minha infância marcada por desigualdades sociais e educacionais, foi possível reconhecer o quanto as condições de acesso à educação influenciaram minha trajetória inicial, ao mesmo tempo em que também fortaleceram minha determinação em seguir no caminho da aprendizagem e da superação. Essas experiências, somadas à minha formação acadêmica, contribuíram para a construção de uma identidade docente sensível às realidades sociais dos estudantes.

No percurso acadêmico, a participação em programas como o PIBID, bem como as vivências em estágios e formações iniciais, foram fundamentais para a articulação entre teoria e prática, possibilitando a construção gradual da minha identidade profissional. Já na trajetória profissional, a atuação em contextos educacionais diversos, especialmente em regiões do interior, ampliou minha compreensão sobre as desigualdades educacionais e os desafios enfrentados no cotidiano escolar.

As experiências pessoais vivenciadas, especialmente a maternidade e o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) do meu filho, representaram um ponto de inflexão em minha trajetória, ressignificando minha forma de compreender a educação e fortalecendo meu compromisso com práticas pedagógicas

inclusivas. Esse processo foi fundamental para o aprofundamento dos estudos na área da educação especial e para o fortalecimento da minha atuação docente com base em uma perspectiva mais humana, ética e sensível às singularidades dos estudantes.

Dessa forma, este memorial evidencia que minha formação docente é resultado da articulação entre vida pessoal, formação acadêmica e experiência profissional, sendo continuamente construída por meio da reflexão crítica e da formação continuada.

Minha trajetória desenvolveu-se entre diferentes contextos sociais e educacionais. Da infância vivida em uma família de lavradores, passando pela escola pública, pela universidade e pela atuação em escolas do campo, cada ambiente contribuiu para ampliar minha visão sobre a realidade educacional brasileira. Essas vivências permitiram compreender que educar significa muito mais do que transmitir conteúdos; significa reconhecer histórias, respeitar trajetórias e construir possibilidades de transformação social a partir da realidade de cada estudante.

REFLEXÃO FINAL

Ao ingressar neste curso de pós-graduação, busquei ampliar meus conhecimentos científicos sobre Educação Especial e Inclusiva, fortalecendo minha prática profissional e desenvolvendo competências para uma atuação cada vez mais qualificada. Compreendo que a formação continuada representa um compromisso ético com a educação e com os estudantes que necessitam de práticas pedagógicas fundamentadas na ciência, no respeito às diferenças e na garantia do direito à aprendizagem.

Mais do que a obtenção de um título acadêmico, esta trajetória representa a construção de conhecimentos capazes de contribuir para uma educação mais inclusiva, acolhedora e transformadora.

Ao olhar para o futuro, percebo uma trajetória marcada pela continuidade do aprendizado e pelo compromisso com o aprimoramento profissional. Desejo seguir me qualificando para oferecer uma educação cada vez mais inclusiva, voltada ao desenvolvimento integral das crianças, especialmente daquelas que apresentam dificuldades de aprendizagem e Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Pretendo concluir esta especialização e dar continuidade à minha formação por meio de um curso de Pós-Graduação em Psicopedagogia, aprofundando meus conhecimentos sobre os processos de aprendizagem, avaliação e intervenção psicopedagógica. Essa formação tem como objetivo qualificar ainda mais minha atuação no acompanhamento de estudantes com necessidades educacionais específicas, contribuindo para práticas pedagógicas mais sensíveis às singularidades de cada aluno.

Mais do que uma realização profissional, essa trajetória representa a consolidação de um propósito de vida, fortalecido pela minha experiência como mãe e educadora. Desejo que minha caminhada continue sendo guiada pelo compromisso com a educação, pela busca constante de conhecimento e pela convicção de que toda criança é capaz de aprender quando encontra oportunidades, acolhimento e profissionais preparados para compreender suas necessidades.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5. Tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento et al. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ARROYO, Miguel González. Educação básica e o movimento da educação do campo. Petrópolis: Vozes, 2012.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, 1988.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Brasília, 2018. Disponível em: https://www.gov.br/capes. Acesso em: 25 jun. 226.

CUNHA, Eugênio. Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. Rio de Janeiro: Wak Editora.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 68. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico 2000: educação e características da população. Rio de Janeiro: IBGE, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: pontos e contrapontos. São Paulo: Summus.2015.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Summus, 2015.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 2. ed. São Paulo: Cortez; UNESCO, 2000.

NÓVOA, António (Org.). Os professores e a sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Capítulo 7

TRAJETÓRIA, PERTENCIMENTO E FORMAÇÃO MEMORIAL DE UM PERCURSO ENTRE NEURODIVERGÊNCIA, DOCÊNCIA E INCLUSÃO

Bruno Marcell Paiva Costa

RESUMO

Este memorial descritivo apresenta uma trajetória formativa atravessada pela experiência pessoal, pela docência e pelo estudo das neurodivergências. A narrativa parte da infância em Bacabal, no Maranhão, onde aprendizagens familiares, comunitárias e culturais antecederam a escolarização formal. Em seguida, revisita experiências de inquietação, aprendizagem rápida, necessidade de movimento e suspeitas diagnósticas que não se converteram em acompanhamento especializado. Essas lembranças são tratadas com cautela, sem tentativa de produzir diagnóstico retrospectivo. O texto percorre a formação em Medicina Veterinária, Pedagogia, Licenciatura em Biologia e Mestrado Profissional em Artes, além das experiências de monitoria, extensão e docência em Arte nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A trajetória profissional é refletida a partir da atuação com estudantes com TDAH, TEA, comportamentos opositores e perfis de elevado potencial. A paternidade de uma criança neurodivergente aparece de modo discreto, como dimensão formativa que amplia o compromisso com práticas inclusivas responsáveis. Ao final, o memorial apresenta perspectivas de futuro e um esboço de atividade formativa voltada a práticas pedagógicas responsivas à neurodiversidade. A escrita compreende a memória como exercício de autoformação e como compromisso com uma escola capaz de reconhecer potencialidades sem ignorar necessidades de suporte.

Palavras-chave: Memorial Descritivo; Neurodiversidade; Formação Docente; Inclusão Escolar.

INTRODUÇÃO

Sou Bruno Marcell Paiva Costa, médico-veterinário, pedagogo, professor de Arte, mestrando no Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Tocantins e especializando em TDAH, TEA, Altas Habilidades e Superdotação. Minha trajetória não se organizou em linha reta. Foi sendo construída por deslocamentos entre as ciências da vida, a educação, a arte, a pesquisa e a experiência familiar com a neurodivergência. Este memorial nasce do desejo de compreender a coerência possível entre esses campos, sem forçar a vida a caber em uma sequência artificialmente ordenada. Enquanto escrevo este memorial, vivo também a conclusão da graduação em Ciências Biológicas nesta mesma instituição, com a defesa do TCC realizada em 19 de junho de 2026, experiência que intensifica o sentido formativo deste percurso.

Este texto integra o percurso formativo da Especialização em TDAH, TEA, Altas Habilidades e Superdotação da Universidade Federal do Tocantins. Não pretendo expor uma biografia completa. Reúno experiências pessoais, acadêmicas e profissionais que ajudam a explicar como me tornei o professor e o pesquisador que hoje procura compreender, com maior responsabilidade, diferentes modos de aprender, participar e permanecer na escola.

Ao revisitar a infância, a escolarização, a formação superior, a docência, a pesquisa e a paternidade, procuro compreender como essas experiências produziram um modo particular de olhar para estudantes com TDAH, TEA e altas habilidades/superdotação. Esse olhar nasce de vivências próprias, mas precisa amadurecer pela formação técnica, pelo estudo sistemático e pelo reconhecimento dos limites éticos da experiência individual.

Escolhi o memorial descritivo porque os temas desta especialização não chegaram à minha vida apenas como conteúdos acadêmicos. Eles atravessam minha história escolar, minha atuação

docente e minha experiência familiar. Reunir essas dimensões permite compreender por que a formação em neurodesenvolvimento se tornou necessária e como ela pode qualificar práticas que, durante anos, foram conduzidas sobretudo pela intuição, pela observação e pelo desejo de acolher.

A escrita autobiográfica exige medida. Quando a experiência pessoal entra em um trabalho acadêmico, precisa tornar-se matéria de reflexão, não confissão sem mediação. Por isso, selecionei os episódios pelo vínculo que mantêm com minha formação e com o campo da inclusão escolar. Algumas cenas aparecem com maior densidade porque explicam deslocamentos importantes. Outras são apresentadas com discrição, para preservar aquilo que não precisa ser exposto.

Como exercício de escrita autobiográfica, o memorial dialoga com estudos que compreendem as histórias de vida como espaços de formação e elaboração de sentidos sobre a docência (NÓVOA, 1995; PINEAU; LE GRAND, 2012; PASSEGGI; SOUZA, 2008; JOSSO, 2010). A experiência, aqui, não aparece como relato espontâneo, mas como matéria que pede interpretação e elaboração crítica (LARROSA, 2015).

A narrativa combina descrição, memória e reflexão dissertativo-argumentativa. Escrevo em primeira pessoa porque o objeto é a própria trajetória. Recorro, porém, a datas, formações, vínculos, referências e limites interpretativos para que a subjetividade não dispense o rigor. O percurso é majoritariamente cronológico, embora o presente retorne ao passado para interrogá-lo e reconhecer sentidos que não estavam claros quando os fatos aconteceram.

Assumo, desde o início, uma cautela necessária. Lembranças não são diagnósticos retrospectivos, e uma história pessoal não constitui modelo universal. A experiência singular pode iluminar

perguntas e deslocar certezas, mas não substitui pesquisa, avaliação multiprofissional, políticas públicas ou formação continuada

TRAJETÓRIA PESSOAL E FORMAÇÃO HUMANA

De onde venho, entre território, memória e sensibilidade

Minha aproximação com a educação antecede qualquer formação docente formal. Ela tem raiz no chão de barro vermelho de um terreiro qualquer em Bacabal, no Maranhão, onde cresci rodeado de vozes altas, gargalhadas e rostos em riso frouxo. Filho, neto e bisneto de pessoas simples e muito unidas, aprendi cedo que o conhecimento circula também pelo gesto, pelo sabor, pela roda e pela observação silenciosa do que os adultos fazem antes mesmo de explicar.

Cresci perto de mulheres que quebravam coco babaçu em rodas de trabalho. Havia uma medida cotidiana chamada "lítu", leia-se litro, uma lata de óleo reaproveitada que organizava o esforço do dia e o pagamento possível. Naquela lógica de sobrevivência, o tempo se media em coco quebrado, conversa longa, macetadas precisas e pequenos intervalos de riso.

Entre os lítus de coco, havia outra lata que me atraía de modo particular. Nela eram guardados os gongos, larvas retiradas dos cocos mais velhos. Por volta do meio da tarde, elas encontravam o fogareiro improvisado e viravam farofa. Essa memória permanece como uma das mais fortes imagens sensoriais da minha infância. Minha avó me chamou de Zé Farofa por muitos anos. O apelido, para mim, era uma forma de pertencimento.

Com o distanciamento que a formação permite, reconheço hoje naquela cena uma dimensão estética que eu ainda não sabia nomear. Havia técnica, ritmo, corpo, oralidade, economia doméstica, memória e território. A palavra arte não circulava naquele ambiente. Circulava a vida, com sua dureza e sua invenção. Mesmo assim, a

experiência estética estava ali, nos modos de fazer, comer, narrar e permanecer junto.

Neste memorial, trago as imagens buscando algo além da ornamentação. A Figura 1 situa visualmente o território familiar em que essas aprendizagens primeiras se organizaram: o terreiro, a casa de barro, os animais, o coco babaçu e o corpo infantil em movimento.

Figura 1 – Território de infância no povoado Bomba, zona rural de Bacabal (MA): casa de barro, galinhas e coco babaçu no terreiro.

Fonte: Acervo pessoal do autor (s.d.).

A arte também me encontrava pela vizinhança. De um lado, um brincador de boi bumbá. Do outro, uma família ligada a práticas culturais de matriz africana. A rua tinha música, dança, cheiros e cores que eu ainda não sabia interpretar. Recordo a primeira vez que vi uma roda de boi bumbá, com o animal negro, as estrelas brilhantes na cabeça e as fitas coloridas em movimento. Fiquei fascinado e assustado. Décadas depois, compreendi que parte da minha formação sensível começou naquele encontro entre curiosidade, estranhamento e desejo de compreender.

Hoje reconheço naquele menino traços de um funcionamento neurodivergente, embora a infância não possa ser reconstruída como se fosse um prontuário. Eu aprendia rápido, perdia-me em detalhes, fazia perguntas fora de hora e raramente cabia nas expectativas de silêncio da sala de aula. Levei décadas para elaborar essa experiência. Os sinais estavam espalhados nas broncas da coordenação, nas notas altas de Ciências, na dificuldade de permanecer quieto e no esforço constante para parecer mais ajustado do que eu conseguia ser.

A escola e o corpo que buscava movimento

Estudei no SESI de Bacabal, uma escola do Sistema S que oferecia certa estrutura para o contexto da cidade. Eu aprendia com rapidez, especialmente nas áreas ligadas às Ciências. O conteúdo chegava e permanecia. O que escapava era a postura esperada do aluno ideal, sentado, silencioso, visualmente atento e corporalmente contido.

Aprendi a ouvir enquanto rabiscava o caderno, furava a borracha com o lápis, dobrava papel, mexia com cola ou buscava qualquer objeto que desse ao corpo alguma ocupação. Professores interpretavam esses gestos como desinteresse. Na minha experiência, acontecia o inverso. O movimento sustentava minha atenção. Quando o corpo encontrava uma saída, a escuta melhorava.

A escola, porém, tinha poucos instrumentos para ler esse funcionamento. O resultado eram idas frequentes à coordenação. Em determinado momento, na renovação da matrícula para a antiga quinta série, minha mãe foi chamada para assinar um termo de responsabilidade. A permanência na escola foi condicionada ao compromisso formal de que ela responderia pelos meus comportamentos. A justificativa se apoiava no bom desempenho estudantil. Eu continuava ali porque as notas eram altas.

A cena, revisitada hoje, revela um problema ainda reconhecível por muitos professores e famílias. A escola mede resultados com relativa facilidade, mas nem sempre compreende o processo pelo qual eles se produzem. O estudante que aprende depressa e desorganiza a rotina pode ser lido como uma contradição moral. O bom rendimento intensifica a cobrança por autocontrole, como se desempenho cognitivo e regulação comportamental fossem equivalentes.

Uma professora de Ciências da quarta série, dona Maria de Jesus, representou uma exceção importante. Ao devolver uma avaliação com nota máxima, perguntou com espanto afetuoso como eu podia ser tão bom em Ciências e tão danado. A frase carregava uma pergunta que a escola ainda não sabia formular com precisão. Como compreender um estudante que domina o conteúdo e, ao mesmo tempo, apresenta dificuldades claras de autorregulação, espera, organização e permanência corporal?

A Figura 2 reinscreve essa infância no espaço escolar, acompanhando a pergunta que atravessa a narrativa: como a escola olhava para um corpo que aprendia, mas não permanecia imóvel?

Figura 2 – Registro escolar de infância em Bacabal (MA).

Fonte: Acervo pessoal do autor (s.d.).

A suspeita diagnóstica que não se transformou em cuidado

Na transição entre as séries iniciais, outro episódio marcou minha história escolar. A escola identificou que eu era mais novo que os colegas e considerou a possibilidade de repetir o ano para ajustar a idade à turma. A professora Matilde discordou. Para ela, a repetência seria um desperdício. Eu lia bem, resolvia operações básicas e demonstrava desempenho acima do esperado em algumas áreas, embora continuasse inquieto.

A insistência da professora levou minha mãe a me levar até São Luís para uma avaliação indicada pela própria escola. A expectativa era investigar superdotação. Voltamos sem esse laudo e com a recomendação de acompanhamento médico por uma suspeita que minha mãe guardou à sua maneira, como algo próximo ao que se chamava então de Asperger.

Aquele encaminhamento não avançou. Minha família não tinha acesso a informação especializada, nem condições simbólicas e materiais para transformar uma suspeita neuropsicológica em acompanhamento clínico. No cotidiano, havia urgências mais visíveis, como crises respiratórias e questões de saúde física. O menino inquieto, com notas boas e muita energia, permaneceu sendo apenas danado.

Ao reler essa passagem à luz dos estudos sobre neurodesenvolvimento, considero possível que a avaliação tenha percebido sinais de funcionamento atípico, ainda que a nomeação disponível naquele momento fosse imprecisa. O DSM-5 reuniu sob a categoria Transtorno do Espectro Autista quadros antes classificados separadamente, entre eles a síndrome de Asperger, e classificou também o TDAH entre os transtornos do neurodesenvolvimento (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014). Essa referência não

resolve a memória, mas ajuda a compreender a distância entre sinais percebidos e cuidado efetivamente ofertado.

Os diagnósticos formais vieram apenas na vida adulta, após avaliação clínica especializada. Ao recebê-los, compreendi que muitas cenas da infância não podiam ser reduzidas a falhas de caráter. Elas expressavam um modo de funcionamento que demandava leitura adequada, suporte e mediação. Essa compreensão não apaga responsabilidades pessoais. Ela desloca a culpa para um terreno mais justo, no qual o sujeito pode conhecer melhor suas necessidades e a escola pode agir com maior precisão.

PERCURSO ACADÊMICO E PROFISSIONAL

Formação acadêmica e escolhas profissionais

O desejo de ser professor apareceu cedo, alimentado por docentes do ensino médio que abriam mundos diante de nós. Eu queria cursar Biologia e dar aulas. A família, porém, avaliou a escolha com os olhos de quem conhece a escassez por dentro. Um tio sugeriu uma formação ligada à vida e com maior possibilidade de estabilidade inicial. Mais tarde, se fosse possível, eu voltaria à docência. A Medicina Veterinária pareceu, naquele momento, uma escolha sensata.

A decisão, que poderia ter permanecido apenas como renúncia, tornou-se fundação. A graduação na Universidade Federal do Tocantins me ensinou a observar sistemas vivos, relações ecológicas, organismos, ambientes e variações funcionais. A Veterinária formou em mim uma atenção persistente para a diversidade da vida. Mais tarde, sem reduzir a educação à Biologia, essa atenção me ajudaria a compreender que nenhum estudante pode ser lido fora das condições concretas em que aprende, participa e se relaciona.

Depois da graduação, a ausência de oferta local de licenciatura em Biologia me conduziu à Pedagogia. A princípio, pareceu outro desvio. Com o tempo, revelou-se uma formação decisiva. A Pedagogia me ofereceu instrumentos para compreender a escola como instituição, o currículo como campo de disputa, a infância como experiência social e o aluno como sujeito situado. Também me deu linguagem para reconhecer que ensinar envolve técnica, afeto, mediação, escuta e responsabilidade pública.

Há certa estranheza, compreensível, em uma trajetória que reúne Medicina Veterinária, Pedagogia, docência em Arte, Licenciatura em Biologia, Mestrado Profissional em Artes e uma Especialização em TDAH, TEA, Altas Habilidades e Superdotação. Durante muito tempo, eu mesmo li essa multiplicidade como dispersão. Hoje, compreendo que há nela uma coerência menos linear, ligada a uma curiosidade persistente e a uma necessidade de estabelecer conexões entre campos.

A curiosidade intensa que atravessa minha vida intelectual pode ser compreendida, no meu caso, em diálogo com meu funcionamento neurodivergente. Essa leitura exige cuidado. Ela não transforma todo interesse amplo em sinal diagnóstico, nem todo diagnóstico em talento automático. Reconhece apenas que minha busca por novas áreas de conhecimento esteve ligada à necessidade de manter o pensamento em movimento. Quando acolhida e orientada, essa característica favorece aprendizagem, criação e síntese.

A Veterinária me ensinou a pensar a vida em sistemas. A Pedagogia me ensinou a pensar a escola como instituição histórica e política. A Arte me ensinou que sensibilidade também é conhecimento. A Biologia, retomada como licenciatura, fechou um ciclo iniciado na adolescência. A especialização em neurodesenvolvimento trouxe o campo que atravessa todos esses

percursos, pois ajuda a compreender como sujeitos diferentes aprendem, sofrem, criam estratégias e constroem pertencimento em ambientes que nem sempre foram pensados para eles.

Essa multiplicidade formativa também me fez desconfiar de respostas simples. Crianças com TDAH, TEA ou altas habilidades/superdotação não se apresentam como categorias prontas. Elas chegam à escola com histórias, famílias, repertórios, medos, habilidades, interesses e necessidades muito particulares. A formação técnica ajuda a nomear padrões. A escuta impede que o padrão engula a pessoa.

Atividades de ensino, pesquisa e extensão

Durante a graduação, a educação reapareceu por meio da monitoria e da extensão. Participei por quatro semestres do Projeto Institucional de Monitoria Indígena (PIMI) da UFT, voltado ao acompanhamento acadêmico de estudantes indígenas ingressantes pelo sistema de cotas. Essa experiência ampliou minha percepção sobre trajetórias escolares, pertencimento, diferença e universidade. Aprendi que o estudante que chega à instituição carrega muito mais do que lacunas acadêmicas. Ele carrega território, língua, memória, deslocamento, expectativas familiares e modos próprios de aprender.

Foi essa formação que me levou à rede municipal de Araguaína, onde atuei por cinco anos, entre 2021 e 2025, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, especialmente como professor de Arte do primeiro ao quinto ano. Naquele contexto, a disciplina foi atribuída ao professor iniciante como se exigisse menor especialização. Essa hierarquia silenciosa diminui a Arte. Para mim, porém, ela se tornou um território de formação intensa.

Ensinar Arte nos anos iniciais me colocou diante de crianças em um momento decisivo da escolarização. Ali, os primeiros padrões

de aprendizagem aparecem com nitidez. Também aparecem as dificuldades de linguagem, autorregulação, socialização, coordenação motora, atenção compartilhada e organização. O professor que olha com cuidado percebe cedo aquilo que, se ignorado, pode virar fracasso acumulado.

No Mestrado Profissional em Artes da UFT, a pesquisa passou a ocupar lugar mais sistemático em minha formação. Voltei-me à relação entre currículo, ensino de Arte e representações indígenas, investigando possibilidades de escuta de epistemologias Apinayé e Krahô e de elaboração de material pedagógico para escolas não indígenas. Esse percurso consolidou uma compreensão decisiva. Pesquisa e docência não são atividades separadas, pois investigar também significa revisar o próprio modo de ensinar.

Os marcos objetivos dessa trajetória, incluindo cursos, vínculos, projetos e produções, encontram-se registrados no Currículo Lattes, que funciona aqui como referência documental complementar à narrativa (COSTA, 2026). O memorial não reproduz integralmente esse currículo. Seleciona experiências que adquiriram sentido formativo quando relidas em conjunto.

DOCÊNCIA, NEURODIVERGÊNCIA E INCLUSÃO

A sala de aula como espelho

Ser um professor neurodivergente em uma sala com estudantes neurodivergentes produz formas de reconhecimento difíceis de reduzir à linguagem técnica. Muitas vezes, eu percebia nos alunos pequenos gestos que conhecia por dentro. A inquietação que buscava estímulo. A atenção que melhorava quando a mão se ocupava. A fala intensa diante de um interesse específico. A exaustão depois de tentar parecer adequado durante tempo demais.

Esse reconhecimento, porém, não basta. A experiência pessoal pode aproximar o professor, mas não o autoriza a improvisar sem estudo. Foi na sala de aula que compreendi uma exigência central desta especialização. A empatia aproxima, e a técnica ajuda a sustentar o caminho. Sem empatia, o procedimento fica frio. Sem técnica, a boa intenção pode falhar exatamente quando o aluno mais precisa de suporte. A docência, nesse sentido, aproxima-se do que Schön (2000) descreve como prática reflexiva, uma ação que se reorganiza diante das situações concretas sem abandonar o rigor profissional.

Os anos de docência me colocaram diante de diferentes modos de funcionamento e de participação. Alguns estudantes tinham diagnóstico de TDAH e apresentavam hiperatividade marcante. Outros tinham diagnóstico de TEA, com necessidades muito diversas. Havia também crianças com comportamentos opositores, dificuldades de regulação emocional, ausências frequentes por questões de saúde e desempenho elevado em áreas específicas. Cada situação exigia do professor algo além do domínio de conteúdo. Exigia leitura de contexto.

TDAH e engajamento construído

Com alguns estudantes com TDAH e hiperatividade marcante, aprendi que permanecer sentado por longos períodos pode ser uma tarefa genuinamente custosa. A exposição prolongada, especialmente quando não oferece participação, pode aumentar desconforto e desengajamento, não por falta de inteligência ou de interesse, mas porque, para certos alunos, o corpo precisa participar do processo de aprendizagem. Quando a escola interpreta todo movimento como indisciplina, perde a oportunidade de organizar formas legítimas de participação.

Na minha experiência, as respostas pedagógicas mais efetivas vieram da incorporação planejada do movimento. Alternância de tarefas, escolhas possíveis, materiais concretos, produção manual e deslocamentos com propósito favoreciam uma atenção de melhor qualidade. O engajamento não pode ser presumido. Ele se constrói quando a proposta oferece ao estudante uma forma possível de entrar na aula.

Em alguns desses estudantes, também observei ideias rápidas, associações inesperadas, soluções não convencionais e humor abundante quando a aula permitia participação ativa. Esses traços não constituem características diagnósticas do TDAH e não devem ser romantizados. Pedagogicamente, o desafio era criar condições para que produções criativas pudessem aparecer sem serem soterradas pelo desgaste de uma rotina centrada apenas na correção do comportamento.

TEA, interesses específicos e vínculos

Com estudantes com Transtorno do Espectro Autista, a experiência exigiu observação ainda mais individualizada. A palavra espectro precisa ser levada a sério. Dois alunos com o mesmo diagnóstico podem demandar mediações muito diferentes. Alguns apresentam comunicação oral fluente e dificuldades sociais menos evidentes. Outros necessitam de apoios intensos para comunicação, previsibilidade, regulação sensorial e participação nas atividades.

Uma estratégia que se mostrou relevante foi identificar interesses específicos, por vezes descritos como hiperfocos. Quando o conteúdo escolar encontrava uma área de interesse intenso, a participação do estudante podia se reorganizar. O desafio docente era transformar esse interesse em ponte, sem tratá-lo apenas como recompensa ou curiosidade. Com planejamento, ele podia abrir caminhos para linguagem, vínculo, permanência e produção.

Também aprendi, por vezes com dureza, que certos desafios ultrapassam a capacidade individual do professor. A rotatividade de profissionais de apoio, por exemplo, pode afetar de modo importante estudantes que constroem vínculo lentamente e dependem de previsibilidade para se regular. Cada ruptura relacional repercute no cotidiano escolar. Esse é um limite institucional. A inclusão exige pessoas preparadas, mas também continuidade, gestão, formação e condições de trabalho.

Diante de estudantes com maior necessidade de suporte, compreendi que afeto sem estrutura se fragiliza. Reduzir estímulos, antecipar mudanças, observar sinais de desregulação, organizar o espaço, respeitar tempos de recuperação e comunicar-se com a família são ações que dependem de conhecimento técnico e de articulação coletiva. Nenhum professor, sozinho, sustenta uma política inclusiva.

Comportamentos opositores e a desconstrução do confronto

Os primeiros contatos com estudantes descritos pela escola ou pela família como opositores foram desconcertantes. Essa descrição não equivale a diagnóstico, mas nomeava situações de recusa persistente, enfrentamento direto e resistência à autoridade que podiam provocar no professor uma resposta imediata de confronto. Aprendi, pela prática e pelo erro, que essa resposta geralmente ampliava o conflito.

Em contextos marcados por rejeição, punição recorrente ou baixa confiança nos adultos, a resistência pode funcionar como proteção. Quando o professor entra na escalada, a aula se transforma em disputa de poder. A saída exigiu uma presença firme, previsível e menos reativa. Dizer o necessário, manter combinados claros, oferecer escolhas reais e separar o comportamento da pessoa

foram estratégias mais produtivas do que discursos longos ou ameaças.

Também observei que crianças vistas apenas como agressivas podiam participar de forma mais colaborativa quando certos fatores de desregulação eram reduzidos. Fome, sono, barulho, humilhação pública, excesso de exigência, ausência de vínculo e histórico de punição atravessam a cena escolar. Isso não elimina a necessidade de limites. Torna o limite mais pedagógico e menos punitivo.

Afeto, presença e potencial

Em meio a desafios intensos, havia momentos de beleza pedagógica que nenhum relatório consegue registrar por inteiro. Alguns estudantes com TDAH produziam soluções visuais inesperadas. Estudantes autistas encontravam modos próprios de vínculo, muitas vezes discretos, mas profundamente significativos. Crianças consideradas difíceis revelavam delicadezas quando se sentiam seguras.

Esses encontros me ensinaram que a sala de aula é, antes de tudo, um espaço de relação. A técnica organiza a prática, mas a presença dá consistência à técnica. Estar presente significa observar com atenção, corrigir sem humilhar, manter a palavra, reconhecer esforço, sustentar combinados e perceber quando uma criança expressa sofrimento ou necessidade de ajuda por meio de comportamentos que a escola costuma apenas punir.

Ao mesmo tempo, aprendi a desconfiar da romantização. Neurodivergências podem vir acompanhadas de sofrimento, prejuízo funcional, exaustão familiar e barreiras reais. Uma postura neuroafirmativa responsável reconhece potencialidades sem negar necessidades de suporte. O estudante não precisa ser tratado como

problema, mas também não deve ser abandonado em nome de uma celebração abstrata da diferença.

A paternidade como dimensão formativa

Há uma dimensão da minha trajetória que precisa aparecer com discrição. Sou pai de uma criança diagnosticada com TEA, com necessidade de suporte nível 1, e TDAH. Essa experiência não será exposta em detalhes, porque pertence também à intimidade de outra pessoa. Ainda assim, ela compõe meu modo de olhar para o tema e ajuda a explicar por que esta formação se tornou tão necessária.

A avaliação diagnóstica do meu filho antecedeu a minha. Acompanhar seu desenvolvimento me obrigou a revisitar a própria infância com outra lente. Depois, em avaliação clínica especializada, recebi diagnósticos que deram nome a muitas perguntas antigas. A proximidade entre algumas de nossas formas de funcionamento não me trouxe apenas emoção. Trouxe responsabilidade.

Ser pai de uma criança neurodivergente me fez compreender com maior nitidez algumas das exigências que podem atravessar a vida familiar. Há amor, orgulho, medo, cansaço, burocracia, busca por profissionais, diálogo com a escola e a tentativa permanente de diferenciar aquilo que demanda intervenção daquilo que precisa sobretudo de acolhimento. Essa aprendizagem tornou minha docência menos apressada em julgar e mais exigente quanto à qualidade dos apoios.

Se as imagens da infância registram território e pertencimento, a vida adulta também organiza seus próprios sinais materiais de identidade e cuidado. No espaço doméstico, chaves, credenciais e documentos passam a compor uma espécie de cartografia cotidiana da paternidade, da circulação e da neurodivergência vivida (Figura 3).

Figura 3 – As cores do meu hall de entrada: chaves, identificações e pertencimentos.

Fonte: Acervo pessoal do autor (2026).

Também me ensinou a proteger a esperança de modo realista. Desejo que meu filho cresça sem carregar o peso de precisar parecer outra pessoa para ser aceito. Desejo, igualmente, que tenha acesso aos apoios necessários para desenvolver autonomia, linguagem, vínculos e segurança. Essa dupla exigência orienta minha compreensão da inclusão. Acolher a diferença e oferecer suporte caminham juntos.

REFLEXÕES SOBRE A TRAJETÓRIA

Por que esta especialização

A escolha pela Especialização em TDAH, TEA, Altas Habilidades e Superdotação da UFT não foi circunstancial. Ela nasce da convergência entre três dimensões. A primeira é biográfica, marcada por diagnósticos tardios e pela releitura de uma trajetória escolar atravessada por sinais pouco compreendidos. A segunda é profissional, constituída na sala de aula dos anos iniciais, onde as diferenças do neurodesenvolvimento aparecem de forma concreta. A terceira é familiar, atravessada pela paternidade de uma criança neurodivergente.

Cada dimensão, isoladamente, já justificaria o interesse. Juntas, tornaram a formação urgente. A escola inclusiva precisa de professores sensíveis, mas sensibilidade sem preparo deixa lacunas. A inclusão escolar, compreendida como reorganização das práticas para acolher a diferença sem reduzir o estudante ao diagnóstico, exige compromisso ético, técnico e institucional (FREIRE, 1996; MANTOAN, 2003). A Lei nº 12.764/2012 institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. A Lei nº 13.146/2015 estabelece a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. A Lei nº 14.254/2021 prevê acompanhamento integral para educandos com dislexia, TDAH ou outro transtorno de aprendizagem (BRASIL, 2012; BRASIL, 2015; BRASIL, 2021). Esses marcos definem direitos que a escola precisa transformar em condições concretas de participação e aprendizagem.

O que busco construir a partir desta formação ultrapassa um repertório de estratégias isoladas. Procuro uma compreensão mais madura sobre avaliação pedagógica, adaptação curricular, manejo de sala, comunicação com famílias, trabalho intersetorial e reconhecimento de potencialidades. Também busco aprender a diferenciar cuidado de superproteção, suporte de baixa expectativa, flexibilidade de ausência de critério.

A formação em TDAH, TEA e altas habilidades/superdotação me ajuda a nomear com mais responsabilidade aquilo que vivi de modo intuitivo durante anos. O estudante que aprende ouvindo enquanto desenha pode estar regulando a atenção. Aquele que evita contato visual pode estar administrando sobrecarga sensorial ou social, hipótese que exige observação e diálogo. Quem retorna repetidamente ao mesmo tema pode estar buscando segurança por meio de um interesse específico. E o estudante que aprende rápido, mas se desorganiza diante de tarefas aparentemente simples, pode

demandar mediações próprias, mesmo quando apresenta desempenho elevado em determinadas áreas.

Essa compreensão muda a pergunta pedagógica. Em vez de perguntar apenas por que a criança não se ajusta à aula, passo a perguntar quais condições a aula oferece para que ela participe. Essa mudança não dispensa regras, objetivos ou acompanhamento. Ela torna a exigência mais justa.

O que os desvios me ensinaram

Quando observo a trajetória em conjunto, percebo que seus desvios não foram intervalos vazios. A Medicina Veterinária ampliou minha leitura dos sistemas vivos. A Pedagogia me ensinou a compreender a escola como instituição histórica. A Arte tornou visível o papel da sensibilidade e da criação. A Biologia retomou um desejo antigo. O mestrado colocou a pesquisa no centro da prática. A especialização em neurodesenvolvimento passou a articular experiências que antes pareciam dispersas.

Essa leitura não transforma a trajetória em destino previamente traçado. Houve escolhas condicionadas por necessidades materiais, oportunidades locais, expectativas familiares e circunstâncias profissionais. O sentido não estava pronto em cada etapa. Foi construído posteriormente, quando passei a reconhecer que o fio comum entre esses campos era o interesse pela vida, pela aprendizagem e pelas condições que permitem a um sujeito desenvolver suas possibilidades sem abandonar sua singularidade.

A maior aprendizagem profissional foi perceber que reconhecer-se em um estudante não basta. A identificação pessoal pode produzir empatia, mas também pode levar a projeções indevidas. Por isso, a experiência precisa ser tensionada por

conhecimento técnico, diálogo com a família, trabalho coletivo, avaliação cuidadosa e respeito aos limites de atuação do professor.

Ao reunir esses deslocamentos, a escrita do memorial tornou-se também um exercício de autoformação. Revisitar infância, escola, universidade, docência e paternidade mostrou que minha relação com o TDAH, o TEA e as altas habilidades/superdotação nunca foi apenas temática. Ela atravessa meu corpo, minha história, minha profissão e meu modo de perceber os estudantes, sem me autorizar a transformar experiência pessoal em explicação universal.

O menino que aprendia rápido e visitava a coordenação com frequência não desapareceu. Tornou-se adulto, professor, pesquisador em formação e pai. Hoje consigo olhar para essa história com mais generosidade e mais rigor. Generosidade para compreender o que antes parecia falha pessoal. Rigor para reconhecer que a experiência vivida precisa ser acompanhada de estudo, ética e responsabilidade profissional.

Sou médico-veterinário, pedagogo, professor de Arte e concluinte em Ciências Biológicas. Essa composição pode parecer irregular, mas traduz uma trajetória movida pela curiosidade, pelo desejo de compreender a vida e pelo compromisso com a educação. A Especialização em TDAH, TEA, Altas Habilidades e Superdotação oferece a esse percurso um eixo de amadurecimento. Ela permite transformar vivências dispersas em conhecimento mais organizado e em práticas mais cuidadosas.

Ao longo da jornada, aprendi que formação não é acumulação de títulos. É a capacidade de retornar às próprias experiências e produzir delas uma compreensão mais justa. Algumas lembranças continuam abertas e não precisam ser encerradas por uma explicação total. O que mudou foi a posição a partir da qual as observo: menos culpabilizadora, mais crítica e também mais responsável.

PERSPECTIVAS DE FUTURO

A escola que desejo ajudar a construir é aquela que aprende a perguntar melhor. O que o estudante já consegue fazer. De que suporte ele precisa. Em quais condições sua atenção melhora. Que interesses podem abrir vínculos. Como a família compreende aquela criança. O que a rotina escolar produz no corpo de quem aprende de outro modo.

A construção segue aberta. Um memorial honesto talvez termine sem encerramento definitivo, mas não sem direção. Meu horizonte é contribuir para que menos crianças sejam reduzidas ao comportamento que incomoda e mais estudantes sejam reconhecidos como sujeitos em desenvolvimento, com direitos, necessidades, história e potência.

No futuro, desejo consolidar uma atuação que aproxime formação de professores, pesquisa e produção de materiais pedagógicos acessíveis. Pretendo contribuir para práticas que reconheçam a neurodiversidade sem reduzir estudantes a rótulos e sem romantizar dificuldades reais. Quero também aprofundar o diálogo entre educação, arte, ciências da vida e políticas de inclusão, áreas que minha trajetória reuniu antes mesmo que eu soubesse nomear sua convergência.

A lição que desejo deixar a mim mesmo é simples e exigente. Não confundir familiaridade com certeza. Continuar estudando, ouvir antes de interpretar, pedir colaboração quando a situação ultrapassar minha competência e proteger a dignidade de quem aparece nas narrativas e nas práticas profissionais. O futuro que procuro não depende apenas de ampliar conhecimentos, mas de permanecer capaz de revisar convicções diante da realidade.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Brasília, DF: Presidência da República, 2012.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Brasília, DF: Presidência da República, 2015.

BRASIL. Lei nº 14.254, de 30 de novembro de 2021. Dispõe sobre o acompanhamento integral para educandos com dislexia ou Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade ou outro transtorno de aprendizagem. Brasília, DF: Presidência da República, 2021.

COSTA, Bruno Marcell Paiva. Currículo do sistema Currículo Lattes. Brasília, DF: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, 2026. Disponível em: http://lattes.cnpq.br/6393752432034960. Acesso em: 21 jun. 2026.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JOSSO, Marie-Christine. Experiências de vida e formação. 2. ed. rev. e ampl. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

LARROSA, Jorge. Tremores: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

NÓVOA, António. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, António (org.). Vidas de professores. 2. ed. Porto: Porto Editora, 1995. p. 11-30.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de (org.). (Auto)biografia: formação, territórios e saberes. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

PINEAU, Gaston; LE GRAND, Jean-Louis. As histórias de vida. Tradução de Carlos Eduardo Galvão Braga e Maria da Conceição Passeggi. Natal, RN: EDUFRN, 2012.

SCHÖN, Donald A. Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2000.

Capítulo 8

MEMORIAL ACADÊMICO E PROFISSIONAL.

Camilla Coáglio Peixoto

RESUMO

Este memorial acadêmico apresenta minha trajetória pessoal, profissional e formativa, destacando experiências que contribuíram para a construção da minha identidade profissional e para a escolha da Especialização em TDAH, TEA, Altas Habilidades e Superdotação. Embora minha formação de graduação seja em Direito e minha atuação profissional esteja voltada para a área jurídica, sempre manifestei interesse pelas ciências humanas, especialmente pela Psicologia e pelo desenvolvimento de crianças e adolescentes. Ao longo da minha carreira, tive a oportunidade de atuar em demandas relacionadas à educação, inclusão e garantia de direitos, encontrando no Direito uma forma de contribuir para a proteção e promoção da dignidade de crianças, adolescentes e suas famílias. A especialização proporcionou aprofundamento teórico e prático sobre temas relacionados à neurodiversidade, ampliando minha compreensão acerca dos transtornos do neurodesenvolvimento e das múltiplas formas de aprendizagem e interação social. Além da contribuição para minha atuação profissional, o curso trouxe impactos significativos para minha vida pessoal, possibilitando a identificação de características compatíveis com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) em meu filho e, principalmente, o aprendizado de estratégias efetivas para compreender e lidar de forma mais adequada com seu funcionamento cerebral. A formação também fortaleceu minha atuação na área jurídica, especialmente em casos envolvendo neurodivergência, inclusão escolar e direitos educacionais, proporcionando maior segurança técnica, sensibilidade e humanização no atendimento às diversas demandas apresentadas. Por fim, o memorial reflete sobre a importância da educação continuada como instrumento de transformação pessoal e profissional, destacando a necessidade de profissionais preparados para compreender as mudanças sociais contemporâneas e atuar de forma ética, inclusiva e comprometida com a valorização das diferenças humanas.

Palavras-chave: Neurodiversidade. Inclusão. Direitos Educacionais. Desenvolvimento Humano.

MEMORIAL ACADÊMICO E PROFISSIONAL

Escrever sobre a própria trajetória é um exercício de revisitar caminhos, reconhecer desafios e compreender como cada experiência contribuiu para a construção da profissional e da mulher que sou hoje. Mais do que relatar acontecimentos, este memorial representa uma oportunidade de refletir sobre as escolhas, os aprendizados e as transformações que marcaram minha caminhada acadêmica, profissional e pessoal, culminando no ingresso na Especialização em Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), Transtorno do Espectro Autista (TEA), Altas Habilidades e Superdotação, ofertada pela Universidade Federal do Tocantins.

Meu nome é Camilla Coáglio Peixoto e, ao escrever estas páginas, percebo que minha trajetória sempre foi conduzida por um propósito que, durante muito tempo, permaneceu implícito em minhas escolhas: compreender o ser humano e contribuir para que cada pessoa tenha suas potencialidades reconhecidas, respeitadas e desenvolvidas.

Atualmente, atuo como Técnica em Assuntos Jurídicos e Ouvidoria na Superintendência Regional de Educação de Palmas e realizo estágio de pós-graduação no Ministério Público do Estado do Tocantins, junto à Promotoria da Infância e Juventude. Além da atuação profissional, dedico parte da minha vida ao trabalho voluntário na igreja que frequento, onde sou responsável pelo ministério infantil. Dessa forma, convivo diariamente com crianças e adolescentes em diferentes contextos: na educação, no sistema de justiça e na comunidade religiosa.

Embora essas experiências ocorram em ambientes distintos, todas convergem para um mesmo propósito: a promoção do desenvolvimento humano, a proteção da infância e da adolescência e o compromisso com uma atuação pautada na escuta, no acolhimento e no respeito às singularidades de cada indivíduo. Foi

justamente essa vivência cotidiana que fortaleceu em mim a certeza de que compreender as diferenças humanas é um passo essencial para promover uma sociedade verdadeiramente inclusiva.

Entretanto, minha história não começou no Direito. Desde muito jovem, sempre fui movida pela curiosidade de compreender o comportamento humano. Gostava de observar as pessoas, entender suas emoções, suas formas de aprender, suas dificuldades e as diferentes maneiras de perceber o mundo. Ainda na adolescência, sonhava em cursar Psicologia. Meu maior desejo era trabalhar com crianças e adolescentes, especialmente aqueles que vivenciavam situações de vulnerabilidade, como os impactos da alienação parental. Cheguei a prestar vestibular para essa graduação, mas, por decisão familiar, não pude seguir esse caminho naquele momento.

A vida, contudo, conduziu-me ao Direito. Durante muitos anos, acreditei que havia me distanciado do meu verdadeiro sonho. Somente com o passar do tempo percebi que não havia abandonado meu propósito, mas encontrado outra forma de realizá-lo. Por meio do Direito, descobri a possibilidade de proteger direitos, promover a dignidade humana e contribuir para transformar realidades.

Minha trajetória pessoal também foi marcada por desafios que exigiram maturidade desde muito cedo. Fui criada pelos meus avós maternos e me casei aos dezenove anos, quando já era mãe da minha primeira filha. Pouco tempo depois, deixei Brasília, cidade onde nasci e cresci, para recomeçar a vida em Palmas, distante da minha família de origem e cercada por incertezas. Ainda muito jovem, precisei construir uma nova história ao lado da minha própria família, aprendendo a conciliar responsabilidades, sonhos e desafios.

Concluí a graduação em Direito já sendo mãe de duas meninas e grávida do meu terceiro filho. Naquele momento, entretanto, a advocacia não encontrou espaço em minha vida profissional. Durante vários anos, mantive a carreira jurídica adormecida, acreditando,

equivocadamente, que talvez tivesse escolhido a profissão errada. Dediquei-me ao empreendedorismo no ramo de vestuário, atividade que me permitia conciliar o trabalho com a criação dos meus filhos, que sempre foram minha prioridade.

Seis anos após a graduação, retornei à área jurídica. Esse reencontro ocorreu em um momento de maior maturidade pessoal e profissional e permitiu que eu enxergasse minha trajetória sob uma nova perspectiva. Compreendi que minha vocação nunca esteve limitada a uma profissão específica. Independentemente do espaço em que atuasse, o que sempre me impulsionou foi o desejo de servir às pessoas, acolher suas necessidades e contribuir, de alguma forma, para transformar suas vidas.

Ao revisitar minha história, percebo que minhas escolhas acadêmicas e profissionais jamais aconteceram de maneira isolada. Cada experiência ampliou minha compreensão sobre o ser humano e fortaleceu meu compromisso social. Antes mesmo de compreender racionalmente esse percurso, minhas decisões já apontavam para um mesmo destino: aproximar conhecimento, sensibilidade e responsabilidade em favor daqueles que mais necessitam de proteção, acolhimento e oportunidades.

A atuação na Superintendência Regional de Educação proporcionou experiências que transformaram profundamente minha maneira de compreender a realidade. Ao visitar escolas e dialogar com gestores, professores, estudantes e familiares, percebi que muitos dos desafios vivenciados no ambiente escolar ultrapassavam as questões pedagógicas. Eram situações permeadas por aspectos emocionais, sociais e jurídicos, envolvendo crianças e adolescentes cujas necessidades nem sempre eram compreendidas, famílias em busca de orientação e profissionais que, apesar do compromisso com a educação, muitas vezes não dispunham dos recursos necessários para promover uma inclusão efetiva. Essas vivências

despertaram em mim inquietações que, mais tarde, motivariam minha aproximação com os estudos sobre neurodiversidade.

Hoje compreendo que o Direito, a Educação e a Neurodiversidade não representam caminhos distintos, mas dimensões complementares de uma mesma missão. A curiosidade que nasceu ainda na adolescência permanece viva e continua orientando minhas escolhas. Esta especialização não representa uma mudança de direção, mas a continuidade de uma história construída muito antes da universidade, fortalecida pelas experiências da maternidade, pela atuação profissional e pelo contato diário com crianças e adolescentes. Ao longo dessa caminhada, consolidei a convicção de que cada pessoa possui singularidades que precisam ser reconhecidas, respeitadas e valorizadas.

Nesse contexto, o estágio de pós-graduação na Promotoria da Infância e Juventude do Ministério Público do Estado do Tocantins representa um dos momentos mais significativos da minha trajetória profissional. A atuação cotidiana proporciona contato direto com situações que envolvem vulnerabilidade social, proteção integral, inclusão escolar, conflitos familiares e a articulação entre os diversos órgãos da rede de proteção. Essa experiência ampliou minha compreensão acerca da complexidade das demandas envolvendo crianças e adolescentes e reforçou a convicção de que a efetivação dos direitos depende da atuação integrada entre família, escola, sistema de justiça e políticas públicas.

Mais do que aplicar conhecimentos jurídicos, a experiência na Promotoria da Infância e Juventude transformou minha maneira de compreender o exercício da profissão. Passei a perceber que cada processo representa muito mais do que um conjunto de documentos ou procedimentos legais; representa histórias de vida, marcadas por desafios, vulnerabilidades e expectativas. Compreendi, sobretudo, que as decisões tomadas pelos profissionais que atuam na proteção

da infância e da adolescência possuem impactos profundos na vida e no desenvolvimento das pessoas envolvidas. Foi nesse contexto que reconheci a necessidade de ampliar meus conhecimentos sobre neurodiversidade, inclusão e desenvolvimento humano, buscando uma formação que transcendesse os limites do Direito e me permitisse atuar de forma mais completa e fundamentada.

Essas vivências fortaleceram minha convicção de que a promoção da inclusão e a garantia dos direitos das pessoas neurodivergentes exigem muito mais do que domínio técnico. Exigem sensibilidade, escuta atenta, compreensão das singularidades humanas e compromisso permanente com a construção de uma sociedade mais justa e acessível.

Ao longo da minha trajetória profissional, passei a acompanhar um número crescente de demandas envolvendo estudantes, famílias e pessoas neurodivergentes. Paralelamente, o avanço dos debates sobre inclusão, acessibilidade, transtornos do neurodesenvolvimento e educação inclusiva despertou em mim o desejo de aprofundar conhecimentos que não haviam sido suficientemente explorados durante minha formação jurídica.

Foi nesse cenário que iniciei esta especialização. Desde os primeiros módulos, compreendi que não se tratava apenas de um curso de aperfeiçoamento profissional, mas de uma oportunidade de ampliar minha compreensão sobre o ser humano. A formação proporcionou contato com conhecimentos científicos, legislações, estudos de caso e estratégias de intervenção que enriqueceram significativamente minha visão acerca da neurodiversidade.

Mais do que compreender conceitos e diagnósticos, aprendi a enxergar as pessoas para além dos laudos. Passei a reconhecer suas potencialidades, respeitar suas singularidades e compreender que diferentes formas de funcionamento humano não representam

limitações, mas maneiras distintas de perceber, aprender e interagir com o mundo.

O contato constante com famílias, instituições de ensino e órgãos públicos também despertou novos questionamentos. Passei a perceber que muitos conflitos jurídicos decorriam não apenas da ausência de políticas públicas, mas da insuficiente compreensão sobre a neurodiversidade e sobre os desafios da inclusão escolar. Essa constatação fortaleceu em mim o desejo de buscar respostas fundamentadas na ciência, capazes de subsidiar uma atuação cada vez mais técnica, humana e comprometida com a efetivação dos direitos.

Um dos momentos mais significativos dessa caminhada aconteceu dentro da minha própria família. À medida que aprofundava os estudos ao longo da especialização, passei a identificar em meu filho características compatíveis com o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Essa descoberta transformou profundamente a forma como compreendia seus comportamentos, suas dificuldades e, sobretudo, suas potencialidades.

Entretanto, o maior aprendizado não esteve apenas na identificação dos sinais do transtorno. O conhecimento adquirido permitiu que eu compreendesse estratégias mais adequadas para lidar com seu funcionamento cerebral de maneira respeitosa, acolhedora e fundamentada em evidências científicas. Passei a interpretar comportamentos que antes poderiam ser vistos como simples desatenção ou desinteresse sob uma nova perspectiva, reconhecendo-os como manifestações de uma forma singular de processar informações e interagir com o mundo. Essa mudança de olhar fortaleceu nossa convivência familiar e ampliou minha capacidade de apoiá-lo em seu desenvolvimento.

Os reflexos dessa formação também se fizeram presentes em minha atuação profissional. Hoje procuro direcionar minha prática, sempre que possível, para demandas relacionadas à neurodivergência, à inclusão escolar, aos direitos educacionais e à garantia de acesso a serviços adequados para crianças, adolescentes e suas famílias. O conhecimento adquirido ao longo da especialização proporcionou maior segurança técnica para minha atuação jurídica e, ao mesmo tempo, ampliou minha sensibilidade diante das diferentes realidades vivenciadas pelas pessoas que buscam orientação e proteção.

Compreendo, hoje, que a defesa de direitos exige muito mais do que domínio da legislação. Requer empatia, escuta qualificada, respeito às diferenças e a capacidade de compreender cada indivíduo em sua singularidade. Nesse sentido, esta especialização representou um importante marco em minha formação, tornando minha atuação mais consciente, mais humana e verdadeiramente comprometida com os princípios da inclusão, da equidade e da dignidade da pessoa humana.

Ao refletir sobre minha caminhada, percebo que existe uma profunda conexão entre os sonhos que cultivava na juventude e a profissional que me tornei. A curiosidade que despertou meu interesse pelo comportamento humano permanece viva, agora fortalecida pela experiência, pela maturidade e pelo conhecimento científico. Se antes sonhava compreender as pessoas, hoje encontro, na interseção entre o Direito, a Educação e a Neurodiversidade, o espaço onde consigo alinhar vocação, propósito e compromisso social, contribuindo para que crianças, adolescentes e suas famílias tenham seus direitos assegurados e suas singularidades verdadeiramente respeitadas.

Ao olhar para o futuro, pretendo continuar aprofundando meus estudos na área da neurodiversidade, ampliando minha atuação

profissional e contribuindo para a construção de ambientes verdadeiramente inclusivos, especialmente nos contextos educacional e jurídico. Desejo seguir atuando na defesa dos direitos de crianças, adolescentes e suas famílias, promovendo conhecimento, conscientização e o efetivo acesso às garantias asseguradas pelo ordenamento jurídico brasileiro.

Reconheço que a sociedade ainda enfrenta inúmeros desafios quando o assunto é inclusão e respeito às diferenças. Por isso, compreendo a educação continuada não apenas como uma escolha, mas como um compromisso permanente com a transformação social e com o aprimoramento da minha atuação profissional.

As experiências acadêmicas, profissionais e pessoais relatadas neste memorial despertaram em mim o interesse em aprofundar os estudos sobre a participação da família no processo de inclusão escolar de estudantes neurodivergentes.

CONCLUSÃO

Ao concluir este memorial, compreendo que minha trajetória não foi construída por escolhas isoladas, mas pelo encontro de experiências que, ao longo do tempo, moldaram minha identidade acadêmica, profissional e pessoal. Cada etapa vivida ampliou minha compreensão sobre o ser humano e fortaleceu a convicção de que o conhecimento somente cumpre sua verdadeira finalidade quando se transforma em instrumento de promoção da dignidade, da inclusão e da justiça social.

Ao revisitar minha história, percebo que os sonhos da juventude, os desafios da maternidade, a formação jurídica, a atuação na educação, a experiência no Ministério Público e os estudos sobre neurodiversidade não representam capítulos desconexos, mas partes de uma mesma trajetória. Cada vivência

contribuiu para consolidar meu propósito de atuar na defesa dos direitos das pessoas, especialmente de crianças e adolescentes, por meio de uma prática pautada na ética, na sensibilidade e no compromisso com a transformação social.

Olhando para o futuro, desejo continuar aprofundando meus estudos na área da neurodiversidade, fortalecendo minha atuação profissional e contribuindo para a produção de conhecimento científico que possa auxiliar na construção de políticas públicas e de práticas cada vez mais inclusivas. Pretendo seguir trabalhando para aproximar o Direito da realidade vivenciada por crianças, adolescentes, famílias e profissionais da educação, contribuindo para que a inclusão deixe de ser apenas um ideal e se consolide como um compromisso efetivo da sociedade.

Esta especialização representou muito mais do que uma etapa de aperfeiçoamento acadêmico. Ela ampliou meu olhar sobre o ser humano, fortaleceu minha prática profissional e reafirmou a importância de compreender cada indivíduo em sua singularidade. Mais do que adquirir novos conhecimentos, aprendi que a verdadeira transformação acontece quando o saber é colocado a serviço das pessoas.

Sigo convicta de que aprender é um processo permanente. Esta caminhada não se encerra com a conclusão deste curso; ao contrário, marca o início de uma nova etapa de pesquisa, reflexão e atuação profissional. Espero que os conhecimentos construídos ao longo desta formação ultrapassem os limites da minha trajetória pessoal e profissional e se traduzam em ações capazes de promover inclusão, garantir direitos e transformar realidades.

Finalizo este memorial com gratidão por tudo o que vivi e pela certeza de que cada experiência contribuiu para formar a profissional e a mulher que sou hoje. Levo comigo o compromisso de continuar aprendendo, pesquisando e atuando com

responsabilidade, empatia e sensibilidade, acreditando que o conhecimento, quando aliado à ética e ao respeito à diversidade humana, possui o poder de transformar vidas e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e humana.

REFERÊNCIAS

BARKLEY, Russell A. TDAH: transtorno do déficit de atenção com hiperatividade: guia completo para pais, professores e profissionais da saúde. Porto Alegre: Artmed, 2022.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 28 dez. 2012.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União: Brasília, DF, 7 jul. 2015.

BRASIL. Lei nº 14.254, de 30 de novembro de 2021. Dispõe sobre o acompanhamento integral para educandos com dislexia, Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) ou outro transtorno de aprendizagem. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 1 dez. 2021.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Summus, 2015.

ORRÚ, Sílvia Ester. Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2016.

ROHDE, Luis Augusto; MATTOS, Paulo. Princípios e práticas em TDAH. Porto Alegre: Artmed, 2020.

UNESCO. Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais. Brasília: CORDE, 1994.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. A formação social da mente. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Capítulo 9

DA CASA DE BARRO AOS ESPAÇOS DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO: UMA TRAJETÓRIA DE RESISTÊNCIA, FORMAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL.

Célia Cirqueira Da Silva

RESUMO

O presente memorial descritivo apresenta minha trajetória de vida, acadêmica e profissional, marcada por processos de vulnerabilidade social, superação, formação permanente e compromisso ético com a defesa dos direitos humanos e das políticas públicas. A narrativa inicia-se em minha infância, no meio rural, após a perda precoce de minha mãe aos sete anos e três meses de idade, período em que fui acolhida por minha avó materna em uma residência simples construída de barro e palha, cenário no qual foram construídos os primeiros valores que orientariam minha existência. Meu processo de escolarização ocorreu em meio a limitações socioeconômicas, tendo iniciado minha alfabetização de forma domiciliar e posteriormente conciliando trabalho e estudo desde os dez anos de idade, quando iniciei minhas atividades como babá na cidade de Imperatriz-MA. Ao longo da minha trajetória educacional, percorri diferentes instituições de ensino, destacando a Escola Adventista, Escola Estado de Goiás durante o ensino fundamental e o Centro Educacional Graça Aranha durante o ensino médio e, posteriormente, o ingresso no ensino superior no Curso de Serviço Social da Unidade de Ensino Superior do Sul do Maranhão (UNISULMA), conquista alcançada quatorze anos após a conclusão do ensino médio. A formação em Serviço Social representou uma transformação pessoal e profissional, permitindo minha inserção no Sistema Único de Saúde (SUS) e em diferentes políticas sociais. Atuei nos serviços de Tratamento Fora do Domicílio (TFD), Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), Casa de Apoio às Pessoas em Tratamento de Saúde, Atenção Primária à Saúde (APS), atualmente no Serviço de Atenção Especializada às Pessoas em Situação de Violência (SAVIS) junto ao Hospital Regional de Augustinópolis, Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) e atual coordenação do Centro de Atenção Psicossocial Infanto Juvenil (CAPS IJ) de imperatriz - MA. A busca pela qualificação permanente constituiu um dos principais eixos da minha trajetória, materializada por meio de especializações nas áreas de Saúde Mental e Atenção Psicossocial, Gestão em Saúde Pública, Saúde da Pessoa Idosa, Políticas Públicas de Gênero e Raça e, atualmente, pela especialização em Transtorno do Espectro Autista (TEA), Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), Altas Habilidades (AH) e Superdotação. A presente narrativa evidencia que a educação se constituiu como instrumento de transformação social, possibilitando que uma história iniciada em um contexto de vulnerabilidade se transformasse em uma trajetória profissional pautada no conhecimento, na resiliência e no compromisso com o cuidado ao outro.

Palavras-chave: Superação. Educação. Serviço Social. Formação profissional.

APRESENTAÇÃO GERAL

Sou Célia Cirqueira da Silva, Assistente Social, servidora pública municipal da cidade de Imperatriz - Maranhão, e servidora pública estadual do Estado do Tocantins com atuação junto ao Hospital Regional de Augustinópolis (HRAug), há cerca de 56 km de Imperatriz. Além da identidade profissional construída ao longo de décadas de dedicação ao serviço público, reconheço-me como mulher, mãe, avó, filha de uma história de lutas e de uma realidade social marcada por desafios, desigualdades, perdas e, sobretudo, por inúmeros processos de resistência e superação.

Minha trajetória de vida iniciou-se em um contexto de vulnerabilidades sociais e econômicas, no qual a ausência de recursos materiais nunca foi capaz de impedir a presença de valores fundamentais como o trabalho, a solidariedade, o respeito e a esperança. Ainda na infância vivenciei uma das perdas mais significativas da minha vida: o falecimento precoce de minha mãe. Sua partida representou um marco profundo na minha história, pois, em um período em que ainda necessitava dos cuidados maternos, precisei aprender a conviver com a dor da ausência e com as mudanças impostas por uma realidade que exigiu amadurecimento antes do tempo.

Minha infância em parte foi vivida no contexto rural, em um cenário de muitas limitações quanto ao acesso a direitos básicos, especialmente à educação. As dificuldades de deslocamento, as condições socioeconômicas da família e a necessidade de contribuir com as atividades laborais desde muito cedo fizeram parte do meu processo de crescimento.

O trabalho infantil esteve presente em minha história como expressão das desigualdades sociais que atingem inúmeras crianças brasileiras, privando-as, muitas vezes, do direito de viver plenamente

a infância. Entretanto, mesmo diante dos obstáculos, desenvolvi a capacidade de transformar as adversidades em força para seguir em frente. Cada dificuldade enfrentada tornou-se um elemento constitutivo da minha identidade, fortalecendo minha sensibilidade diante do sofrimento humano e despertando, gradativamente, o desejo de compreender as desigualdades sociais e contribuir para a transformação da realidade das pessoas que vivem situações de vulnerabilidade.

Ao longo da minha caminhada, a educação tornou-se um instrumento essencial de transformação pessoal e social. Cada etapa de formação representou uma conquista alcançada com esforço, persistência e o apoio de pessoas que fizeram parte da minha trajetória. A escolha pela formação em Serviço Social não ocorreu apenas como uma decisão profissional, mas como um encontro entre minha história de vida, meus valores éticos e o compromisso de atuar em defesa da dignidade humana, da justiça social e da garantia de direitos.

Atualmente, minha trajetória profissional está profundamente vinculada ao Sistema Único de Saúde (SUS), espaço onde construí experiências em diferentes níveis de atenção, especialmente na Atenção Primária à Saúde (APS), Atenção Hospitalar (AH), Saúde Mental (SM) e no Serviço de Atenção Especializada às Pessoas em Situação de Violência (SAVIS). Minha atuação profissional está fundamentada nos princípios da universalidade, integralidade e equidade enquanto tripé dos princípios organizativos do Sistema Único de Saúde (SUS), buscando desenvolver um cuidado humanizado, interdisciplinar e comprometido com a defesa da vida e dos direitos humanos.

Além da atuação direta junto à população usuária dos serviços de saúde, minha caminhada profissional também é marcada pelo compromisso com a formação permanente, pela participação em

atividades de ensino, pesquisa, produção do conhecimento, compreendendo que o aprimoramento profissional constitui uma responsabilidade ética de quem atua em uma área comprometida com a transformação social.

Este memorial descritivo representa, portanto, mais do que o registro de acontecimentos pessoais e profissionais. Ele constitui um encontro entre memória e identidade, permitindo revisitar o passado, compreender os caminhos percorridos no presente e reconhecer que cada experiência vivida contribuiu para a construção da mulher, mãe, avó, cidadã e Assistente Social que sou hoje. Minha história demonstra que, mesmo diante das maiores adversidades, é possível ressignificar dores, construir novos caminhos e transformar a própria trajetória em instrumento de acolhimento, cuidado e compromisso com o outro.

MEMORIAL

A escrita deste memorial descritivo representa um exercício de reencontro com minha própria história, possibilitando revisitar memórias, reconhecer aprendizados e atribuir novos significados às experiências que marcaram minha existência. Ao olhar para o caminho percorrido, compreendo que minha trajetória foi construída por meio de múltiplas vivências, algumas marcadas pela dor e pela ausência, outras pelas conquistas, pelos encontros, pelos afetos e pelas oportunidades que surgiram ao longo da caminhada.

Narrar minha própria história significa reconhecer que a construção de uma identidade humana e profissional não ocorre de maneira isolada ou imediata. Ela é resultado das relações estabelecidas com a família, com a comunidade, com os espaços de formação, com os ambientes de trabalho e com todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram para meu crescimento pessoal e profissional.

Cada desafio enfrentado, cada dificuldade superada e cada conquista alcançada constituem elementos fundamentais na construção dos valores que orientam minha forma de compreender o mundo e de exercer minha profissão. A escolha pela escrita em primeira pessoa traduz a importância de reconhecer a memória como uma ferramenta de reflexão crítica sobre a própria existência. A narrativa presente neste memorial possui uma dimensão subjetiva, pois apresenta sentimentos, emoções, lembranças e os significados que atribuo às experiências vividas.

Contudo, também incorpora uma dimensão objetiva ao registrar acontecimentos relacionados à minha formação acadêmica, às experiências profissionais desenvolvidas no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), às atividades de ensino, pesquisa, extensão, à formação permanente e aos processos de construção do conhecimento. Este memorial também permite compreender que minha escolha pelo Serviço Social está diretamente relacionada às experiências acumuladas ao longo da vida, especialmente diante da convivência com diferentes expressões da questão social.

Ter vivenciado situações de vulnerabilidade contribuiu para desenvolver uma percepção mais sensível acerca das necessidades humanas e fortaleceu meu compromisso ético-político com a defesa dos direitos sociais, da justiça social, da dignidade humana e da valorização das pessoas em sua singularidade. Ao registrar minha trajetória, não busco apenas relatar uma sequência cronológica de acontecimentos, mas apresentar os sentidos que cada etapa assumiu no processo de construção da minha identidade.

As experiências vividas na infância, as dificuldades de acesso à educação, a formação acadêmica, os desafios profissionais, os vínculos estabelecidos no ambiente de trabalho e as possibilidades de crescimento pessoal e profissional compõem uma história de perseverança, determinação e constante busca por conhecimento. A

elaboração deste memorial possui, ainda, um significado de reconhecimento e gratidão. Reconhecimento pelas lutas que enfrentei, pelas pessoas que estiveram ao meu lado e pelos caminhos que se abriram ao longo da vida. Gratidão por cada experiência que contribuiu para meu amadurecimento enquanto ser humano e profissional comprometida com o cuidado, com a escuta qualificada e com a defesa dos sujeitos em situação de vulnerabilidade.

Dessa forma, este memorial constitui um testemunho da minha caminhada, revelando que a vida é um processo contínuo de construção e reconstrução. As marcas do passado não representam limites para o futuro, mas sim elementos que fortalecem a capacidade de transformar a própria realidade e contribuir para a transformação da realidade daqueles que cruzam o nosso caminho. Assim, a narrativa da minha história reafirma o compromisso de continuar aprendendo, ensinando, cuidando e defendendo os princípios éticos que orientam minha existência pessoal e profissional.

MINHA FORMAÇÃO HUMANA:

A Casa Da Minha Avó Materna Como O Primeiro Espaço De Aprendizagem.

Minha história começa em um cenário simples do meio rural, em uma casa construída artesanalmente com paredes de barro, cobertura de palha e chão batido, em um lugarejo chamado "Altos" situado a cerca de 48 km de Imperatriz – MA, onde resido. Mais do que uma moradia, aquela casa representa minhas raízes, minha história e o primeiro espaço onde aprendi os valores que conduzem minha existência.

Casa da minha avó Antônia – Anos 1970 - 2021

Fonte: Álbum de família.

Foi naquele ambiente que fui acolhida por minha avó materna – Antônia Cirqueira *(in memoriam*), após a ausência de minha mãe (in memoriam), ocorrido quando eu tinha apenas sete anos e três meses de idade. A perda materna representou uma ruptura profunda em minha infância e exigiu de mim um amadurecimento precoce diante das circunstâncias impostas pela vida.

Apesar das limitações materiais, minha avó foi uma referência de cuidado, proteção e amor. Foi com ela que aprendi valores como humildade, respeito, solidariedade, responsabilidade, fé e perseverança, princípios que permaneceram presentes em todas as etapas da minha caminhada.

A residência, construída de forma artesanal com paredes de barro e cobertura de palha, chão batido, simboliza não apenas um espaço físico de moradia, mas sobretudo o cenário das minhas origens, das minhas memórias afetivas e da construção dos valores que moldaram minha existência. Situada em contexto de simplicidade e limitações materiais, a casa representava proteção, acolhimento e sobrevivência diante das dificuldades enfrentadas naquela época.

Após a perda precoce da minha mãe, haja vista que a mesma faleceu aos 25 anos de idade, vivi profundas transformações emocionais e sociais. A ausência materna provocou impactos significativos na minha infância, exigindo amadurecimento precoce diante das circunstâncias da vida. Nesse contexto, minha avó materna assumiu papel fundamental na minha criação, oferecendo cuidado, orientação e suporte emocional, mesmo diante das condições limitadas em que vivíamos.

Os primeiros anos da minha infância foi marcada pela convivência com a realidade rural, e pela ausência de recursos básicos que, para muitas crianças, fazem parte da rotina. Ainda assim, foi nesse ambiente simples que aprendi valores essenciais, como respeito, humildade, solidariedade, perseverança e fé.

ALFABETIZAÇÃO

Minha alfabetização ocorreu de maneira tardia e em condições bastante limitadas, por meio de um ensino domiciliar improvisado, sem acesso adequado a materiais pedagógicos. Entretanto, cada letra aprendida representava uma conquista, e a descoberta da leitura abriu caminhos para um mundo até então desconhecido.

A lembrança de minha primeira bolsa escolar feita de um saco de açúcar, do pequeno lápis já desgastado pelo uso e da borracha improvisada do conta-gotas de remédio simboliza a realidade de

escassez material vivenciada naquele tempo. Contudo, mais do que representar hipossuficiência financeira, esses objetos representam criatividade, esperança e o início da compreensão de que o conhecimento seria o instrumento capaz de transformar minha trajetória.

Essa imagem representa muito mais do que a minha primeira bolsa escolar feita de um saco plástico de açúcar para guardar meu primeiro instrumento de conhecimento: o "ABC". Representa muito mais do que um lápis já gasto pelo uso ou uma simples borracha de conta-gotas de remédio adaptada para apagar os erros das primeiras letras.

Ela retrata uma fase da minha vida em que os recursos eram escassos, mas os sonhos eram abundantes. Cada objeto presente nessa lembrança carrega uma história de simplicidade, criatividade e persistência. O saco de açúcar não era apenas uma bolsa; era a prova de que a falta de recursos não impedia a busca pelo aprendizado. O lápis pequeno não simbolizava limitação, mas a vontade de continuar escrevendo novos capítulos da minha história. A borracha improvisada mostrava que, mesmo diante das dificuldades, sempre havia a possibilidade de corrigir, aprender e recomeçar.

Ao olhar para essa imagem, vejo uma criança que possuía poucas condições materiais, mas carregava dentro de si potencialidades imensuráveis. Vejo alguém que aprendeu desde cedo que nem sempre teremos tudo o que desejamos, mas podemos fazer muito com aquilo que temos. As circunstâncias podem até limitar os recursos, mas não precisam limitar os sonhos, a esperança e a capacidade de crescer. A força para superar desafios está justamente em reconhecer e desenvolver o potencial que existe dentro de nós.

Por isso, essa imagem não fala sobre pobreza ou privação. Ela fala sobre possibilidades. Fala sobre uma menina que, mesmo com

tão pouco nas mãos, agarrou-se ao que tinha de mais valioso: sua vontade de aprender, sua coragem de continuar e a certeza silenciosa de que o conhecimento poderia levá-la muito além das condições em que vivia.

Hoje, compreendo que o verdadeiro valor dessa lembrança não está nos objetos retratados, mas na mensagem que eles carregam: quando acreditamos em nossas potencialidades, até os recursos mais simples podem se transformar em instrumentos capazes de construir grandes histórias. Aquele saco de açúcar, aquele lápis gasto e aquela borracha improvisada não guardavam apenas materiais escolares; guardavam sonhos, esperança e o início de uma trajetória de superação.

Aos dez anos de idade, iniciei minha trajetória de trabalho na cidade de Imperatriz-MA como babá. Ainda criança, precisei assumir responsabilidades incompatíveis com minha idade, renunciando parte da infância em razão da necessidade de sobrevivência. Entretanto, essa experiência também contribuiu para o desenvolvimento da responsabilidade, da disciplina e da compreensão do valor do trabalho.

Ao lembrar dessa fase da minha vida, compreendo que a menina que carregava um saco de açúcar como mochila escolar e que deixou a zona rural em busca de melhores condições de vida não poderia imaginar todos os caminhos que ainda percorreria. No entanto, foi exatamente naquela infância marcada por limitações que nasceram a coragem, a determinação e a esperança de que sustentariam todas as minhas conquistas futuras.

Foi movida pela esperança de dias melhores que, aos dez (10) anos de idade, iniciei minha trajetória de trabalho na cidade de Imperatriz, exercendo a função de babá. Ainda criança, precisei assumir responsabilidades que ultrapassavam minha idade, compreendendo desde cedo o valor do trabalho e da luta diária pela

sobrevivência. Minha ida para a cidade representava não apenas a busca por melhores condições de vida, mas também a tentativa de construir um futuro diferente daquele marcado pelas limitações da pobreza e pelas dores da perda materna.

Trabalhar tão cedo significou renunciar a parte da minha infância, porém também fortaleceu em mim sentimentos de responsabilidade, coragem e determinação. Em meio às dificuldades, mantive viva a esperança de transformar minha realidade por meio do esforço, da honestidade e da perseverança. Cada experiência vivida contribuiu para a formação da mulher que me tornei, fortalecendo minha capacidade de enfrentar desafios e continuar acreditando na possibilidade de dias melhores.

MINHA TRAJETÓRIA ESCOLAR NA ZONA URBANA - ESCOLA ADVENTISTA DE IMPERATRIZ – MA.

A imagem abaixo apresentada resgata parte importante da minha trajetória educacional e afetiva na cidade de Imperatriz - MA. Trata-se da antiga Escola Adventista, localizada na Rua Amazonas, 223, Centro, Imperatriz – MA, instituição que marcou profundamente minha infância e meu processo de aprendizagem.

Escola Adventista de Imperatriz – MA – Anos 1990

Fonte: Página do Instagram da Escola Adventista.

A Escola Adventista representa uma memória significativa da minha vida, pois foi a primeira escola que frequentei fora da ambiência doméstica e rural. Estudar naquela instituição, aos dez (10) anos de idade, significava muito mais do que apenas frequentar uma sala de aula. Para mim, representava oportunidade, esperança e o início de novas descobertas em meio às dificuldades enfrentadas naquele período da minha vida.

Naquela época, eu já carregava as marcas de uma infância marcada pela perda precoce da minha mãe, pelas limitações financeiras e pelas responsabilidades assumidas ainda muito cedo. Mesmo diante das dificuldades, a possibilidade de estudar em uma escola particular despertava em mim sentimentos de gratidão, motivação e desejo de construir um futuro diferente, haja vista que aquela oportunidade só foi possível porque a família da qual eu cuidava dos filhos, me matriculou na mesma escola em que as crianças estudavam.

Foi naquele ambiente escolar que vivenciei importantes experiências de aprendizado e convivência. Recordo-me com clareza dos momentos em sala de aula, das atividades escolares e do esforço diário para acompanhar os conteúdos ensinados. Entre tantas lembranças, guardo de maneira especial o período em que aprendi a tabuada, um marco importante no meu desenvolvimento escolar.

Aprender a tabuada representou, para mim, uma das maiores conquistas daquela fase da infância. Cada operação compreendida significava uma vitória pessoal, principalmente considerando minha trajetória de alfabetização tardia e as dificuldades educacionais enfrentadas anteriormente. A escola contribuiu significativamente para fortalecer minha confiança no aprendizado e ampliar minha percepção sobre a importância da educação na transformação da vida.

A Escola Adventista também representava um ambiente de disciplina, organização e incentivo aos valores humanos e espirituais. Mais do que conteúdos pedagógicos, aquele espaço transmitia ensinamentos relacionados ao respeito, à responsabilidade e à perseverança, princípios que permaneceram presentes ao longo da minha caminhada pessoal e profissional.

Ao recordar essa fase da minha vida, reconheço a importância que aquela instituição teve na construção da minha identidade educacional. Mesmo tendo frequentado a escola em condições simples e em meio às dificuldades da infância, foi ali que comecei a perceber que o conhecimento poderia abrir caminhos e criar possibilidades antes inimagináveis para alguém com minhas origens.

TÉCNICO EM CONTABILIDADE - A CONQUISTA DO ENSINO MÉDIO E O DESPERTAR DE NOVOS SONHOS

Posteriormente, em decorrência de mudanças na minha realidade de vida, passei a estudar na rede pública de ensino, na Escola Estado de Goiás, antes de ingressar no ensino médio, cursei da sexta à oitava série do ensino fundamental no período noturno. Essa etapa da minha vida revelou, mais uma vez, a necessidade de conciliar trabalho e educação, realidade vivenciada por muitos jovens de minha geração que precisavam contribuir para sua própria sobrevivência sem abandonar o sonho de estudar.

A imagem apresentada acima retrata a Escola Centro Educacional Graça Aranha, localizada na cidade de Imperatriz - MA, uma instituição de grande relevância na história da educação pública da Região Tocantina. Na década de 1990, a Escola Centro Educacional Graça Aranha representava um verdadeiro símbolo de oportunidade para inúmeros jovens que concluíam o ensino fundamental e buscavam a continuidade dos estudos, especialmente aqueles que precisavam conciliar a vida escolar com o trabalho.

Minha trajetória até chegar à Escola Graça Aranha foi marcada por mudanças, desafios e pela constante busca por melhores oportunidades. Após concluir a terceira, quarta e quinta séries do ensino fundamental na Escola Adventista, que foi a primeira e única escola particular que frequentei durante minha vida escolar, precisei mudar novamente de realidade. A saída da residência da família para a qual eu trabalhava como babá representou também uma mudança no meu percurso escolar.

Embora eu tenha sido acolhida por uma família pertencente ao mesmo núcleo familiar, a decisão da atual família foi pela minha matrícula na rede pública de ensino. Dessa forma, dei continuidade à minha formação na Escola Estado de Goiás, onde cursei da sexta à oitava série do ensino fundamental no período noturno. A escolha pelo turno da noite não aconteceu por acaso: assim como muitos outros adolescentes da minha geração, eu precisava trabalhar durante o dia para contribuir com minha sobrevivência e, ao mesmo tempo, manter vivo o sonho de continuar estudando.

Ao concluir o ensino fundamental, como acontecia com grande parte dos estudantes oriundos das escolas públicas de Imperatriz, meu maior objetivo era conquistar uma vaga na Escola Centro Educacional Graça Aranha. Naquele período, a instituição era reconhecida como a principal referência de ensino médio noturno da cidade e região tocantina em ensino público, sendo praticamente a única escola pública que ofertava o ensino médio profissionalizante no turno da noite, disponibilizando dois cursos técnicos: Técnico em Contabilidade e Técnico em Magistério.

O curso Técnico em Contabilidade era o mais disputado. Todos os anos, havia grande concorrência pelas vagas, principalmente porque atraía jovens que buscavam uma formação técnica que possibilitasse uma inserção mais rápida no mercado de trabalho. Muitos estudantes, assim como eu, chegavam à escola após longas

jornadas de trabalho durante o dia, carregando consigo não apenas cadernos e livros, mas também sonhos, responsabilidades e a esperança de transformar suas próprias histórias por meio da educação.

Conquistar uma vaga no curso Técnico em Contabilidade representou uma grande vitória na minha trajetória pessoal e acadêmica. Vinda de uma história de vida marcada pela simplicidade no meio rural, pelo trabalho doméstico iniciado aos 10 anos de idade e pelas constantes mudanças de moradia e de escola, cada etapa alcançada simbolizava a confirmação de que meus esforços estavam abrindo novos caminhos.

Quando escolhi o curso Técnico em Contabilidade, acreditava que seguiria carreira nessa área. Via naquele curso uma oportunidade concreta de conquistar estabilidade profissional e construir um futuro diferente daquele que as minhas condições de origem pareciam determinar. A organização dos registros contábeis, os cálculos, a responsabilidade com os documentos e o conhecimento sobre o funcionamento das instituições despertavam em mim o interesse pelo mundo profissional.

No entanto, ao longo da minha formação no curso técnico, novas perspectivas começaram a surgir. O ambiente escolar, o contato com diferentes disciplinas, os debates em sala de aula e a ampliação do meu conhecimento sobre a sociedade fizeram nascer em mim uma inquietação intelectual voltada para outra área: o Direito.

Gradativamente, passei a perceber que minha verdadeira vocação estava relacionada ao desejo de compreender as leis, a organização social, os direitos das pessoas e os mecanismos de justiça. Minha própria trajetória de vida, marcada por vulnerabilidades, desigualdades e pela necessidade de superar

inúmeras barreiras, despertava em mim uma sensibilidade especial para as questões humanas e sociais.

Assim, aquilo que inicialmente seria apenas uma formação técnica direcionada à Contabilidade tornou-se também o caminho que abriu meus horizontes para um sonho ainda maior: ingressar no ensino superior e cursar Direito. A Escola Centro Educacional Graça Aranha não foi apenas a escola onde realizei meu ensino médio; foi um espaço de amadurecimento, descoberta e transformação pessoal.

Recordo-me do movimento dos corredores, das salas de aula ocupadas por estudantes de diferentes classes sociais e históricas, haja vista que o Graça Aranha era reconhecidamente como ensino de excelente qualidade, das noites dedicadas aos estudos após um dia inteiro de trabalho e do sentimento coletivo de que a educação era a principal ferramenta capaz de mudar nossos destinos. Ali, encontravam-se não somente trabalhadores, jovens em busca do primeiro emprego, havia também mães e pais de família, todos unidos pelo mesmo propósito: conquistar conhecimento e construir uma vida melhor.

Hoje, ao revisitar essa etapa da minha história, compreendo que a Escola Centro Educacional Graça Aranha ocupa um lugar especial na minha memória. Mais do que uma instituição de ensino, ela representou uma ponte entre as dificuldades da minha infância e os sonhos que começaram a ganhar forma na juventude.

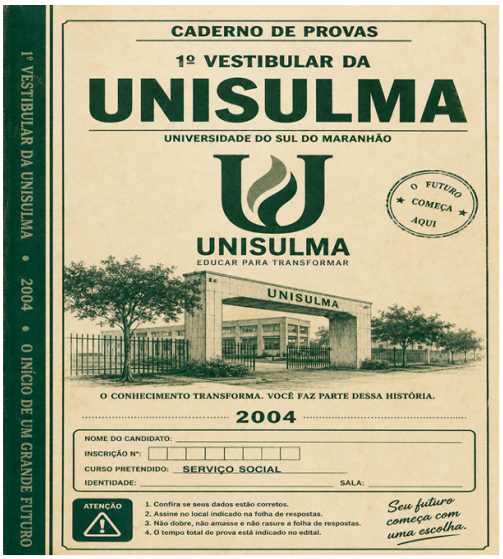
A menina que iniciou sua trajetória escolar de forma tardia em uma escola domiciliar, que ficou órfão de mãe aos sete anos de idade, que aos dez anos precisou trabalhar como babá em busca de dias melhores e que estudava à noite para conciliar trabalho e educação, encontrou na Escola Centro Educacional Graça Aranha a oportunidade de ampliar seus horizontes.

Minha passagem por essa escola reforçou em mim a convicção de que a educação é capaz de transformar realidades. Cada sala de

aula, cada professor, e por falar em professor, foi através do educador da disciplina de Estatística que conheci o significado da palavra "óbvio ululante": que significa dizer e afirmar quando algo é mais que óbvio. Cada conteúdo aprendido e cada desafio enfrentado contribuíram para a construção da mulher que me tornei. A Escola Centro Educacional Graça Aranha permanece, portanto, como um marco da minha trajetória de superação, perseverança e descoberta de novos caminhos, sendo o lugar onde um curso escolhido pela busca de uma profissão revelou, na verdade, o despertar de um sonho maior: o desejo de trilhar o caminho do ensino superior na área do Direito.

INGRESSO NO ENSINO SUPERIOR: A CONCRETIZAÇÃO DE UM SONHO POSSÍVEL E O ENCONTRO ENTRE MINHA HISTÓRIA E MINHA PROFISSÃO

Capa do caderno de provas do 1º vestibular da Faculdade Unisulma



A imagem apresentada representa a capa do meu caderno de provas do 1º Vestibular da Universidade – Unidade de Ensino Superior do Sul do Maranhão (UNISULMA), realizado no ano de 2004, um marco inesquecível da minha trajetória de vida, pois simboliza a

concretização de um sonho que permaneceu vivo por muitos anos: o ingresso no ensino superior. Mais do que um instrumento avaliativo, esse caderno representa uma história construída por meio da persistência, da resistência e da convicção de que a educação seria o caminho capaz de transformar a minha realidade.

Minha caminhada até a universidade foi marcada por inúmeros desafios. Ainda na adolescência, aos 16 anos de idade, tive a oportunidade de conquistar meu primeiro vínculo empregatício fora do trabalho doméstico, uma mudança significativa em minha história, considerando que aos dez (10) anos já trabalhava como babá na cidade de Imperatriz, em busca de dias melhores.

A oportunidade de trabalho fora da ambiência doméstica surgiu por intermédio de um dentista de origem pernambucana, que chegou a Imperatriz como Tenente Dentista do Exército Brasileiro, instalou um consultório odontológico particular e me oportunizou ingressar na área odontológica como Auxiliar de Consultório Dentário (ACD), mesmo sem nenhuma experiência na área. Esse momento representou o início da minha construção profissional, pois, mesmo antes de concluir o Ensino Médio, já exercia uma atividade que me proporcionava autonomia, novos conhecimentos e uma nova perspectiva de futuro.

A experiência adquirida nessa área contribuiu posteriormente para minha aprovação no concurso público da Prefeitura Municipal de Imperatriz, no qual ingressei como Auxiliar de Consultório Dentário (ACD), profissão que exerci antes de construir minha trajetória como Assistente Social.

Após concluir o Ensino Médio Técnico em Contabilidade na Escola Centro Educacional Graça Aranha, meu maior sonho era cursar Direito. Naquele período, a Universidade Federal do Maranhão (UFMA) era a única instituição pública da região a ofertar o curso, àquela época não havia também a oferta em universidade

particulares, melhor dizendo, as únicas faculdades existentes era a Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, juntamente com a UFMA, cuja concorrência era extremamente elevada. Por três vezes participei do vestibular, alcançando aprovação na primeira etapa do processo seletivo, porém sem conseguir a aprovação final.

As tentativas não representaram fracassos, mas fortaleceram minha certeza de que o ensino superior fazia parte do meu projeto de vida. Entretanto, o tempo passou, constitui uma família, e somente quatorze anos após a conclusão do Ensino Médio surgiu uma nova oportunidade de ingressar em uma graduação.

Nesse período, minha realidade era ainda mais desafiadora. Eu era mãe de duas crianças pequenas, de dois e um ano de idade, encontrava-me recentemente divorciada e assumia sozinha a responsabilidade pela criação dos meus filhos, sem o recebimento de pensão alimentícia quaisquer outra ajuda. Minha renda como servidora pública municipal era de apenas um salário-mínimo e meio, o que exigia de mim um exercício diário de equilíbrio entre o sustento da família e o desejo de continuar estudando.

Foi nesse contexto que surgiu o Instituto de Ensino Superior do Sul do Maranhão (UNISULMA), primeira instituição de ensino superior privada da Região Tocantina a ofertar o Curso de Serviço Social, ampliando as possibilidades de acesso à graduação para muitos que até então não tinha condições de se deslocarem para outros centros em busca de uma formação de nível superior.

O vestibular de ingresso trazia como tema "Maranhão do Sul", uma discussão de grande relevância política e social na época, relacionada ao movimento que defendia a divisão político-administrativa do Estado do Maranhão, em uma configuração semelhante à divisão do antigo Estado de Goiás que resultou na criação do Estado do Tocantins.

Esse tema possuía para mim um significado ainda mais particular, pois embora eu tenha nascido em território maranhense, meu registro de nascimento foi realizado no cartório da cidade de Sítio Novo, pertencente ao Estado de Goiás naquele período e que, posteriormente, passou a integrar o Estado do Tocantins.

Ao realizar aquela prova, eu não carregava apenas conhecimentos acadêmicos. Levava comigo a história de uma criança órfã de mãe, criada em uma casa simples de barro pela minha avó materna, de uma menina que iniciou o trabalho doméstico aos dez anos, de uma adolescente que encontrou sua primeira profissão na área odontológica aos 16 anos e de uma mulher que nunca abandonou a esperança de alcançar o ensino superior aos 32 anos de idade.

Embora a UNISULMA também ofertasse o Curso de Direito, a realidade financeira determinou minha escolha. O valor da mensalidade do curso de direito era aproximadamente três vezes maior que a do Curso de Serviço Social, tornando-se incompatível com minha condição econômica naquele momento. Inclusive, o primeiro obstáculo foi a própria inscrição no vestibular, cuja taxa precisei pagar com dinheiro emprestado.

A aprovação representou o início de uma nova etapa, mas os desafios permaneceram durante os cinco anos de graduação. Manter-me na faculdade significava arcar não somente com as mensalidades, mas também com despesas de transporte, livros, apostilas, cópias de textos, trabalhos acadêmicos e demais custos da vida universitária, ao mesmo tempo em que sustentava sozinha meus dois filhos.

Entretanto, foi dentro da universidade que vivi uma das experiências mais simbólicas da minha existência: foi na ambiência acadêmica que o meu passado e o meu futuro se encontraram.

Ao caminhar pelos corredores da UNISULMA como acadêmica do Curso de Serviço Social, reencontrei uma jovem estudante do Curso de Administração que, aproximadamente dezesseis anos antes, havia sido uma das crianças sob os meus cuidados quando eu trabalhava como babá.

Esse reencontro ultrapassou a dimensão de uma simples coincidência. Ali estavam duas histórias que se encontravam em novos lugares sociais: de um lado, a criança que um dia recebeu meus cuidados e que agora construía sua formação universitária; do outro, a antiga babá que, após uma trajetória marcada por trabalho precoce, pobreza, maternidade, dificuldades financeiras e muitas renúncias, ocupava também o mesmo espaço universitário. Naquele momento, compreendi que a educação possui o poder de transformar trajetórias e ressignificar histórias.

Minha passagem pela primeira turma do Curso de Serviço Social da UNISULMA também foi marcada por uma particularidade. Embora tenha concluído a graduação juntamente com meus colegas, fui a única aluna da turma que não participou da cerimônia festiva de colação de grau.

Essa ausência ocorreu porque necessitei realizar a colação de grau em caráter extemporâneo, diante da urgência em obter a documentação necessária para solicitar minha inscrição no Conselho Regional de Serviço Social (CRESS) e, assim, estar legalmente habilitada ao exercício profissional. Pessoas que me ajudaram a ingressar na faculdade como também a manter-me ingressa até a finalização do curso me ofertaram todas as despesas para a colação de grau, porém optei por, ao invés da festa ingressar numa pós-graduação, ao invés do anel, optei por uma ferramenta de trabalho: um notebook.

Paradoxalmente fui a única acadêmica da primeira turma a concluir o curso já praticamente inserida no mercado de trabalho

como Assistente Social. Enquanto muitos colegas finalizavam a graduação em busca da primeira oportunidade profissional, eu encerrava aquele ciclo sabendo que uma nova etapa da minha vida já estava prestes a começar.

Hoje, ao revisitar essa trajetória, compreendo que nenhuma das dificuldades enfrentadas foi capaz de limitar o meu futuro. A menina que saiu de uma casa de barro no interior, que perdeu a mãe ainda na infância, que trabalhou como babá aos dez anos, que estudou à noite para conciliar trabalho e educação, tornou-se uma profissional comprometida com a defesa dos direitos humanos, da justiça social e da dignidade das pessoas.

Minha passagem pela UNISULMA não representa apenas a obtenção de um diploma. Ela representa a concretização de uma trajetória de resistência e transformação, na qual o conhecimento foi a ponte que ligou minha origem ao meu destino.

Foi naquele espaço acadêmico que, simbolicamente, o meu passado e o meu futuro deram as mãos: a menina que um dia cuidou de crianças como babá reencontrou uma delas como colega universitária; e a criança que precisou trabalhar para sobreviver transformou sua própria história em instrumento de cuidado, acolhimento e compromisso com a vida de outras pessoas.

A FORMAÇÃO PERMANENTE COMO CAMINHO DE TRANSFORMAÇÃO PROFISSIONAL E DE AUTOSSUPERAÇÃO.

Ao longo da minha trajetória profissional como Assistente Social, sempre compreendi que a formação acadêmica não se encerra com a conquista do diploma de graduação. Pelo contrário, a busca pelo conhecimento permanente tornou-se uma escolha ética, política e profissional, especialmente por estar inserida no campo das políticas públicas de saúde, onde as demandas humanas são

complexas, dinâmicas e exigem constante atualização técnico-científica.

Minha graduação em Serviço Social pela Unidade de Ensino Superior do Sul do Maranhão (UNISULMA) representou o início de uma caminhada profissional marcada pelo compromisso com a defesa dos direitos sociais e pela busca incessante de qualificação. Ao longo dessa trajetória, realizei pós-graduações em Políticas Públicas em Gênero e Raça pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA-2012-2014), Saúde Mental e Atenção Psicossocial pela Escola de Saúde Pública do Maranhão (ESPMA-2021-2022), Saúde da Pessoa Idosa pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA-2014-2016) e Gestão em Saúde Pública pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA-2017-2019), formações que dialogaram diretamente com os diferentes cenários em que desenvolvi minha prática profissional. Minha atuação no Sistema Único de Saúde foi construída em diferentes níveis de atenção e dispositivos de cuidado.

Iniciei minha trajetória como Assistente Social no Serviço de Tratamento Fora do Domicílio (TFD), entre os anos de 2009 e 2012, sendo esta minha primeira experiência que possibilitou compreender a realidade dos usuários que necessitavam ultrapassar barreiras geográficas e sociais para garantir o acesso aos serviços de saúde. Paralelamente, entre 2010 e 2012, também atuei na política de Assistência Social, no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), ampliando minha compreensão sobre as vulnerabilidades sociais e a importância da articulação intersetorial entre as políticas públicas.

Entre os anos de 2013 e 2015, atuei na Casa de Apoio às Pessoas em Tratamento de Saúde, desenvolvendo um trabalho voltado ao acolhimento de usuários em situação de fragilidade decorrente do processo de adoecimento. Em março de 2013, ingressei como servidora efetiva da Secretaria Municipal de Saúde de Imperatriz -

MA, inicialmente vinculada ao então Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF), atualmente denominado eMulti, onde permaneci até o ano de 2019. Essa experiência consolidou minha atuação na Atenção Primária à Saúde (APS), fortalecendo minha compreensão sobre o território, o cuidado longitudinal, o trabalho interdisciplinar e a importância da promoção e prevenção em saúde.

Em janeiro de 2015, também passei a integrar o quadro efetivo da Secretaria Estadual da Saúde do Tocantins, lotada no Hospital Regional de Augustinópolis, experiência que permanece até os dias atuais. A atuação na ambiência hospitalar, exercida entre 2015 até os dias atuais, possibilitou ampliar minha visão acerca do cuidado em saúde em situações de maior complexidade, diante do sofrimento, das rupturas provocadas pelo adoecimento e da necessidade de uma abordagem integral aos usuários e suas famílias. Minha trajetória profissional seguiu sendo construída em diferentes dispositivos especializados.

Desde 2019, atuo no Serviço de Atenção Especializada às Pessoas em Situação de Violência (SAVIS) junto ao Hospital Regional de Augustinópolis (HRAug), desenvolvendo ações voltadas ao acolhimento, proteção e garantia de direitos de pessoas em situação de violência.

A partir de 2020, passei a integrar a Rede Especializada de Saúde Mental do município de Imperatriz, iniciando minha atuação no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS III), espaço que fortaleceu ainda mais meu vínculo com a saúde mental e a atenção psicossocial.

A experiência acumulada na Rede de Atenção Psicossocial, associada à minha especialização em Saúde Mental e Atenção Psicossocial, despertou em mim o interesse contínuo pelo aprofundamento teórico sobre os diferentes modos de existir, de se desenvolver e de se relacionar no mundo. Entretanto, uma experiência específica em minha trajetória profissional

transformou-se em um marco de profunda reflexão e ressignificação. No ano de 2025, ao apresentar uma proposta de projeto enquanto perspectiva de pleitear uma vaga de supervisora institucional, por meio de uma iniciativa do Ministério da Saúde (MS) em parceria com a Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), vivenciei uma situação de questionamento acerca da minha capacidade técnica por parte de alguns integrantes da equipe multiprofissional de um dispositivo – Centro de Atenção Psicossocial Infanto Juvenil (CAPS IJ) da Rede Especializada de Saúde Mental (RESM).

Embora eu atendesse aos critérios técnicos estabelecidos pelo projeto, os questionamentos apresentados durante aquele momento fizeram com que eu me sentisse constrangida e desconsiderada em minha trajetória de formação e experiência profissional. Contudo, ao invés de permitir que aquele episódio limitasse minha caminhada, transformei aquele sentimento em um movimento de fortalecimento pessoal e busca por novos conhecimentos.

Cerca de quinze dias após o ocorrido, de maneira inesperada, ao acessar as notícias em meu aparelho celular, visualizei o edital de seleção para o Curso de Especialização em Transtorno do Espectro Autista (TEA), Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), Altas Habilidades (AH) e Superdotação (SD), ofertado pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Embora o critério de acesso estivesse relacionado ao meu vínculo como servidora efetiva da Secretaria Estadual da Saúde do Tocantins (SES-TO), minha motivação para participar do processo seletivo suscitou em mim a possibilidade de uma nova certificação.

Tratava-se de um compromisso comigo mesma, de uma oportunidade de superar os limites que outras pessoas, equivocadamente, tentaram estabelecer sobre minha competência profissional. Desde o início, tinha consciência dos desafios que enfrentaria.

O curso possuía número reduzido de vagas destinadas para quem atua na área da saúde, sendo a maioria voltada aos profissionais da educação. Além disso, as aulas presenciais exigiam um deslocamento de aproximadamente 670 quilômetros, a distância entre Imperatriz – MA e o Campus da UFT Palmas – TO, cujo cronograma das aulas inicialmente uma vez ao mês e, posteriormente, duas vezes por mês. Ainda assim, a vontade de aprender foi maior do que o cansaço, o tempo de viagem e as dificuldades impostas pela rotina profissional e familiar, porque atualmente os meus filhos já são adultos, mas tenho um neto – João Arthur Cirqueira - de cinco (05) anos de idade do qual eu cuido para que sua mãe, minha filha possa concluir a faculdade de medicina fora do Brasil.

Ao ingressar na especialização, compreendi que o conhecimento adquirido poderia contribuir significativamente com minha prática na Rede de Atenção Psicossocial, especialmente considerando a crescente demanda de usuários neurodivergentes atendidos nos serviços especializados. Assim, em setembro de 2025, solicitei minha migração do CAPS III para o Centro de Atenção Psicossocial Infanto Juvenil (CAPS IJ), compreendendo que a aproximação entre teoria e prática potencializaria minha atuação profissional junto ao público infantojuvenil e suas especificidades.

Essa decisão demonstrou, mais uma vez, que a minha trajetória sempre esteve fundamentada na busca por aperfeiçoamento e no compromisso com a qualidade do cuidado ofertado aos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS). Em dezembro de 2025, assumi a Coordenação do Centro de Atenção Psicossocial Infanto Juvenil (CAPS IJ), ocupando um lugar que, meses antes, havia sido cenário de um dos momentos mais constrangedores da minha vida profissional.

O que inicialmente se apresentou como um episódio de constrangimento e desestimulação, transformou-se em um poderoso

processo de crescimento, amadurecimento e reafirmação da minha capacidade técnica, ética e profissional. Existe uma simbologia profunda nesse percurso: o mesmo espaço onde um dia minha competência foi colocada em dúvida tornou-se o lugar onde hoje exerço uma função de liderança, coordenação e responsabilidade técnica.

Entretanto, essa conquista não representa uma resposta às pessoas que me subestimaram, mas a confirmação de um compromisso que sempre tive comigo mesma: jamais permitir que as limitações impostas pelo olhar do outro sejam maiores do que a minha capacidade de aprender, evoluir e transformar a minha própria história. Hoje, na fase final da especialização, no décimo primeiro módulo de um total de doze, percebo que o maior título conquistado não será apenas o certificado em TEA, TDAH, Altas Habilidades e Superdotação. A maior conquista foi compreender que cada obstáculo vivido ao longo da minha existência, desde a infância marcada pela perda, pelo trabalho precoce e pelas dificuldades socioeconômicas até os desafios da vida profissional tornou-se parte de uma trajetória construída pela perseverança, pela formação contínua e pela convicção de que o conhecimento é uma das mais poderosas ferramentas de transformação humana.

Minha história reafirma que a verdadeira qualificação profissional não é medida apenas pelos títulos que acumulamos, mas pela capacidade de transformar experiências, inclusive as mais dolorosas, em novas possibilidades de crescimento, cuidado e compromisso com a vida do outro. Ao longo da minha trajetória profissional, compreendi que o conhecimento adquire maior sentido quando compartilhado. Por isso, minha atuação como Assistente Social ultrapassa o espaço assistencial, alcançando também os campos do ensino, da pesquisa e da extensão.

Minha participação em grupos de estudo e pesquisa em saúde mental, processos de educação permanente em saúde, elaboração de projetos e desenvolvimento de atividades voltadas à qualificação dos serviços de saúde, em específico em saúde mental demonstra meu compromisso com a produção e a socialização do conhecimento.

Destaca-se, nesse percurso, minha participação em iniciativas de fortalecimento da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), na construção de estratégias de cuidado em saúde mental e no desenvolvimento de ações intersetoriais voltadas à promoção da saúde, proteção social e garantia dos direitos humanos.

As atividades acadêmicas, científicas e de formação desenvolvidas ao longo da minha caminhada encontram-se registradas e atualizadas em meu Currículo Lattes, demonstrando que a busca pelo conhecimento permanece como um processo contínuo, inseparável da minha identidade profissional.

REFLEXÕES SOBRE MINHA TRAJETÓRIA: ENTRE A VULNERABILIDADE E A POTÊNCIA DE TRANSFORMAÇÃO.

Ao revisitar minha história, percebo que minha trajetória é marcada por inúmeros encontros e reencontros. A menina que perdeu a mãe aos sete anos de idade, que viveu em uma casa de barro, que carregou seus primeiros materiais escolares em um saco de açúcar e que iniciou o trabalho infantil aos dez anos, é a mesma mulher que hoje ocupa espaços de formação, gestão e cuidado dentro das políticas públicas de saúde.

Cada obstáculo vivido tornou-se uma possibilidade de aprendizado. As dificuldades não apagaram meus sonhos; ao contrário, fortaleceram a minha capacidade de persistir e de

reconhecer que a educação é uma das mais importantes ferramentas de emancipação humana.

Também compreendi, ao longo da vida, que os desafios profissionais podem se transformar em oportunidades de crescimento. Momentos de questionamento sobre minha capacidade técnica tornaram-se impulsionadores de novas formações, novas buscas e novos caminhos, reafirmando minha convicção de que a competência profissional se constrói diariamente, por meio da humildade para aprender e da coragem para evoluir.

Minha história revela que não somos definidos pelo lugar de onde partimos, mas pelas escolhas, pelos valores e pelo compromisso que assumimos durante a caminhada, em específico consigo mesmo.

REFLEXÃO FINAL E VISÃO DE FUTURO:

A Jornada Que Continua.

Ao olhar para o caminho percorrido, reconheço que cada etapa da minha vida possui um significado singular. A infância marcada pela escassez ensinou-me o valor das pequenas conquistas; o trabalho precoce revelou a importância da dignidade; a maternidade fortaleceu minha capacidade de amar e resistir; a formação acadêmica ampliou meus horizontes; e o exercício profissional permitiu transformar minha própria história em instrumento de acolhimento primeiramente comigo e o cuidado com o outro.

A jornada, entretanto, não se encerra nas conquistas já alcançadas. O futuro que vislumbro é o da continuidade do aprendizado, da produção de novos conhecimentos, da participação em pesquisas, do fortalecimento das práticas de ensino e da contribuição para a qualificação das políticas públicas, especialmente no campo da saúde mental, da infância e

adolescência e da defesa dos direitos das pessoas em situação de vulnerabilidade.

A principal lição que desejo transmitir a mim mesma é a de nunca permitir que as circunstâncias da origem determinem os limites dos meus sonhos. A casa de barro onde minha história começou não representou o fim das possibilidades, mas o alicerce sobre o qual construí minha existência.

Hoje, compreendo que a maior conquista da minha trajetória não está apenas nos títulos obtidos, nos cargos ocupados ou nos reconhecimentos alcançados. Minha maior conquista é permanecer fiel à menina que um dia sonhou com o conhecimento mesmo tendo tão pouco em suas mãos, e que descobriu, ao longo da vida, que a verdadeira grandeza está na capacidade de transformar a própria história em esperança e possibilidade para a sua própria vida e de outras pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este memorial não representa apenas o registro de uma trajetória individual, mas a expressão de uma história construída por muitas mãos: a força da minha avó materna, o amor pelos meus filhos e neto, o apoio de pessoas que acreditaram em minha capacidade, os professores que compartilharam seus conhecimentos, os colegas de trabalho e os inúmeros usuários que, ao longo da minha prática profissional, também me ensinaram sobre humanidade.

A caminhada iniciada em uma simples casa de barro continua sendo escrita todos os dias. Ainda existem novos caminhos a percorrer, novos conhecimentos a adquirir e novas contribuições a oferecer. Afinal, a maior lição que a vida me ensinou é que a educação transforma destinos, mas é a sensibilidade humana que dá sentido a essa transformação.

REFERÊNCIAS

AMARANTE, Paulo. Saúde mental e atenção psicossocial. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.

CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa; DOMITTI, Ana Carla. Apoio matricial e equipe de referência: uma metodologia para gestão do trabalho interdisciplinar em saúde. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 399-407, 2007.

DELGADO, Pedro Gabriel Godinho. Saúde mental e atenção psicossocial: temas para uma agenda de pesquisa. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2021.

FOUCAULT, Michel. História da loucura na idade clássica. São Paulo: Perspectiva, 2014.

LEITÃO, Iagor Brum et al. Dez anos de um CAPSi: comparação da caracterização de usuários atendidos. Psicologia USP, São Paulo, v. 33, 2022.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2015.

OLIVEIRA, Walter Ferreira de. Ética, clínica e atenção psicossocial. São Paulo: Hucitec, 2011.

ORRÚ, Silvia Ester. Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2016.

Capítulo 10

PERCURSO FORMATIVO NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Cleide Diamantino Lopes

RESUMO

O memorial acadêmico constitui em um formato de texto que permite apresentar a trajetória pessoal, acadêmica e profissional de uma pessoa com o objetivo de concorrer a uma vaga de trabalho ou de estudo, ou de conclui um processo formativo. Relembrar fatos que constituíram sua formação intra e interpessoal contribui para a compreensão e organização dos próximos percursos a serem seguidos. O presente memorial cumpri às exigência para a conclusão da pós-graduação lato sensu em TEA, TDAH, Altas Habilidades e Superdotação, ofertada pelo Cepels/UFT. Tem como objetivo apresentar, ainda que de forma sucinta, o percurso formativo da cursista, bem como suas perspectivas para a continuidade desse processo.

Palavras-chave: Memorial. Formação Acadêmica. Formação Profissional.

APRESENTAÇÃO

O formato do Memorial Acadêmico coloca o sujeito no centro da narrativa, permitindo-lhe abordar em seu texto aspectos da sua trajetória acadêmica, profissional e até mesmo vivências anteriores que lhe possibilitou adentrar esses espaços. Sua estrutura permite a flexibilização da linguagem não havendo a exigência da formalidade dos documentos acadêmicos. A escolha do tema para esse gênero textual, assim como para os demais textos acadêmicos, incidirá no percurso da escrita, delineando os aspectos a serem abordados no decorrer da escrita. A relevância da abordagem do conhecimento

social permite transcender a perspectiva teórica e abordar dimensões subjetivas que antecedem o percurso formativo acadêmico e profissional.

Assim, essa forma de registro das vivências contribui para a compreensão do percurso formativo de determinado sujeito, a partir do relato das suas experiências abordando aspectos fundamentais que demonstrem seu processo de desenvolvimento.

O memorial acadêmico, gênero que tem na memória sua força criadora, não foge às coerções do presente, ou ainda, ao trabalho realizado no tempo presente, em que se dá a narração e o processo de reconstrução do vivido. Nesse gênero, um professor/pesquisador reelabora, por meio da escrita, seu percurso profissional, intelectual e acadêmico como resposta a uma exigência institucional (Barros, 2021, p.2)

A retomada do processo de formação humana constitui-se em um exercício de esforço intelectual, mas também afetivo. Este consiste em um momento em que o recordar remete a fatos históricos individuais e coletivos que proporcionaram o desenvolvimento intelectual e afetivo. É preciso reconhecer que no decorrer desse processo de memorização os fatos relembrados provocaram sentimentos diversos que remetem a frustrações ou realizações a depender das relações estabelecidas e das possibilidades de dedicação às atividades em determinado momento histórico. Sendo assim, [...] aquilo que é lembrado e esquecido correlaciona-se aos diferentes grupos dos quais cada memorialista participa e, dentre esses grupos, encontram-se [...] aqueles ligados à vida acadêmica. (Barros, 2021, p. 3)

A produção dessa autobiografia tem por objetivo apresentar minha trajetória educacional, acadêmica e profissional enquanto requisito para a conclusão do Curso do Programa de Pós-Graduação Lato Sensu em TEA, TDAH, Altas Habilidades/Superdotação, ofertado

pelo Centro de Formação, Inovação e Pesquisa em Educação, Saúde e Lazer (Cepels) da Universidade Federal do Tocantins (UFT)

MEMORIAL

Minha trajetória formativa na educação escolar inicia na instituição privada, como aluna bolsista desde a educação infantil até a 8ª série do ensino fundamental, em uma escola chamada Colégio Padre Manoel da Nóbrega, tendo como nome fantasia Colégio Nóbrega, sendo uma escola de bastante referência à época na cidade. Durante essa etapa de escolaridade as relações eram mantidas com filhos e filhas de uma classe trabalhadora ascendida (apenas), mas que se considerava a pequena burguesia de uma cidade interiorana, localizada no Alto Sertão da Bahia, chamada Guanambi.

Conviver entre filhos e filhas de médicos, juízes e empresários medianos, nos mostravam (a mim e às minhas irmãs) que não pertencíamos à realidade social a qual estes vivenciavam. O motivo pelo qual estudamos em escola privada durante as duas primeiras etapas da educação básica tem a ver com o fato da nossa mãe ser secretária dessa escola. Então, por muito tempo fomos reconhecidas como as filhas de Bete do Nóbrega.

Vale reconhecer que tivemos um acesso privilegiado ao conhecimento científico durante as duas primeiras etapas de escolaridade. Uma situação bastante comum durante esse período foi o fato de Cláudia (minha irmã gêmea) e eu estudarmos na casa de algumas colegas para a realização das avaliações bimestrais, pois mãe trabalhava o dia inteiro e pai trabalhava viajando (na construção de rodovias por todo o estado da Bahia). As festividades realizadas na escola são fortes lembranças. Dentre elas destaco as festas de São João e o desfile de 7 de Setembro, que nessa época as escolas privadas também participavam. As gincanas eram

festividades grandiosas nessa escola e as provas a serem realizadas integravam o conteúdo escolar das aulas. Interessante destacar que anos mais tarde, os professores e demais profissionais que trabalhavam nessa escola pararam a ser meus colegas de trabalho.

A etapa do ensino médio foi realizada com o curso profissionalizante do magistério, em escola pública, entre os anos de 1997 à 1998. Além das disciplinas que promoveram intensos debates sobre a docência, os trabalhos em equipes e os estágios foram momentos significativos de trocas de conhecimentos e de interações subjetivas. Os estágios proporcionaram experiências nas escolas quando atuei na primeira etapa do ensino superior e na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Apesar do acompanhamento das professoras no decorrer das aulas-campo, as lembranças dos equívocos cometidos são bem nítidas, decorrentes do processo inicial e tímido da docência. No entanto, a etapa do curso do magistério foi fundamental para introduzir o debate de metodologias de ensino nas disciplinas ofertadas. Para além do estudo ofertado nas disciplinas, o foco de todas as integrantes da turma, havendo apenas um homem, era a realização da formatura ao final do curso. Para a realização desse momento extremamente significativo para muitas, realizamos diversas atividades para arrecadar verba para arcar com os custos: feijoada, jogos esportivos, barraquinha de comidas típicas e festas de São João, dentre outras. A partir desse esforço conseguimos realizar a formatura como desejado.

Destaca-se que até o curso do magistério, Cláudia e eu estudamos juntas nas mesmas turmas devido ao fato de sermos gêmeas. Essa situação era considerada quase que "como um fator biológico", não podendo separar as irmãs de turmas. O ponto negativo em tal situação estava no fato da atribuição de responsabilidades sobre uma das duas, neste caso à mim. Explico: o

fato de Cláudia ter ficado de recuperação em Geografia na 8ª série, mãe atribuiu a responsabilidade à mim por estar na mesma sala que ela e não tê-la ajudado. Resultado: mãe não me deixou ir à festa de final de ano da turma.

Ao término do ensino médio, no ano de 2000, iniciei meu primeiro emprego na escola em que cursei as duas primeiras etapas de escolaridade, no Colégio Nóbrega. De início assumi a função de digitadora com mais três colegas, após um ano e meio de trabalho assumi a docência na educação infantil na qual permaneci até o início do ano letivo de 2010 ao ser demitida. Minha atuação docente na instituição privada, apesar de ocorrer de forma espontânea, pautada no achismo, sem nenhuma base teórica consistente, me proporcionou vasta experiência na atuação com os estudantes e no diálogo com os seus responsáveis. O currículo da escola privada é recheado por atividades extracurriculares que são priorizadas, para além do cumprimento obrigatório do conteúdo científico. Nesse sentido era muito comum o trabalho com metodologias de projetos, as festividades tais como Acampamento Legal (o mesmo que noite do pijama), gincanas, jogos internos e os aniversários grandiosos feitos para toda a educação infantil.

A demissão do meu primeiro emprego, me levou a dar continuidade à docência em outra escola privada, de menor porte, chamada Qui-Mimo. O trabalho nessa instituição ocorreu de forma amadora devido se tratar de uma escola pequena. O período de atuação nesse espaço foi curto devido a aprovação no concurso público na cidade de Palmas, no estado do Tocantins, momento que abordarei mais adiante. Durante a atuação nas duas escolas privadas, realizei as graduações que passarei a descrever a seguir.

A formação em nível superior, ainda que havendo apenas uma opção de curso na cidade (Pedagogia), foi uma exigência de mãe e pai às quatro filhas. Entre os anos de 2001 e 2006 cursei a licenciatura

em Pedagogia na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), no Campus XII em Guanambi no período noturno. Minha atuação no curso de pedagogia deu-se de forma superficial, sem a realização de leituras adequadas e aprofundadas, necessárias para uma atuação docente com competência. Isso não significa afirmar que não tive professores competentes, mas sim que não me dediquei o necessário durante toda a graduação por ter que conciliar trabalho e estudos. O resultado da falta de interesse nos estudos traduziu-se em uma atuação docente pautada no "achismo", com um respaldo teórico fragilizado.

Ao término da graduação de Pedagogia iniciei a pós-graduação em Psicopedagogia Institucional e Clínica, à época na Faculdade Guanambi, hoje Centro Universitário UniFG. Este foi um curso presencial com 750/H. Alguns dos professores da graduação em pedagogia também foram nossos professores nesse curso. As discussões proporcionadas nessa formação promoveram uma compreensão mais aprofundada do desenvolvimento infantil, principalmente sobre os aspectos psicológicos e sociais que influenciam os diversos níveis de dificuldade da aprendizagem dos estudantes. Ressalta-se ainda que alguns colegas da graduação realizaram essa pós-graduação comigo, quando foi possível trabalharmos em equipe e realizarmos juntos as vivências em campos (estágios).

Entre 2006 e 2010 cursei a Licenciatura em Educação Física também na UNEB-Campus XII, o que me possibilitou manter relações de estudo com perspectivas de análises mais críticas do contexto social, a partir da participação em espaços formativos como grupos de estudos e congressos, avançando, ainda que timidamente, na consciência de classe.

Vale ressaltar, porém, que as duas graduações tiveram características bem semelhantes: vivenciei apenas o ensino, pois a

pesquisa e extensão não fizeram parte desses momentos formativos decorrentes da conciliação entre trabalho e estudo. No ano de 2010, a graduação de Educação Física foi interrompida devido a aprovação no concurso público da Educação de Palmas-TO, quando tomei posse, sendo este um divisor de água em meu percurso tanto profissional quanto acadêmico.

Entre os anos de 2010 e 2019 mantive relações de militância política, quando estive organizada em instrumento político de âmbito nacional. Por consequência integrei a diretoria do Sindicato dos Trabalhadores do Estado do Tocantins (Sintet), na Regional de Palmas, entre os anos de 2013 a 2015. Nesse período também fui Secretária da Mulher Trabalhadora da Central Única dos Trabalhadoras (CUT) Tocantins. Durante a construção desses instrumentos políticos atuei nas frentes sindical, negros e negras e feminista, os quais me proporcionaram formações políticas a nível municipal, estadual e nacional.

No decorrer da minha atuação no movimento sindical e, por consequência, junto aos movimentos sociais construímos manifestações a nível nacional tendo como objetivo a conquista e manutenção dos direitos da classe trabalhadora. Dentre as diversas atividade construída destaco A Marcha das Mulheres Negras de 2015, o Movimento Ele Não em 2018 para barrar a entrada da extrema-direita no governo federal, os movimentos de mulheres no 8M (8 de Março), diversas manifestações no âmbito educacional que culminaram em duas grandes greves organizada pelo Sintet regional de Palmas-TO nos anos de 2014 e 2017.

Ressalta-se que durante a greve de 2017, contras as ingerências do governo municipal sob o comando do prefeito Carlos Amastha, foi realizada uma greve de fome com participação de 7 professores durante 22 dias. Devido a esse movimento, nos anos subsequentes os servidores da educação tiveram algumas vitórias quanto ao

cumprimento do Plano de Cargos, Carreiras e Remuneração (PCCR), que estão relacionadas ao cumprimento das progressões, demanda salarial – assim como à melhoria das condições de trabalho tanto da estrutura física quanto da estrutura profissional.

A apresentação da trajetória política se faz necessária para a compreensão da minha atuação no contexto profissional, que se dá de forma técnica e política, considerando a articulação contraditória entre a realidade social e o cenário educacional.

No decorrer da atuação profissional na escola pública estabeleci relações de estudos centrados na perspectiva histórico-crítica (Saviani, 2008) e histórico-cultural (Vygotsky, 1991) que defendem que o desenvolvimento humano está diretamente relacionado ao processo de apropriação da produção cultural. A partir desses estudos, no ano de 2019 dei início à realização da pós-graduação stricto sensu, pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), no Campus de Palmas, no mestrado em Educação Profissional. Para conseguir retornar aos estudos de forma institucionalizada ingressei como aluno especial cursando apenas uma disciplina. Neste ano o processo de estudo foi interrompido por duas situações pessoais: separação e em seguida a morte de Maíra (irmã mais velha – 42 anos). Com o passar do tempo retomei minha capacidade de concentração e, por consequência, aos estudos. Voltei a cursar disciplinas como aluna especial (2 disciplinas por bimestre) e em 2023 ingressei como aluna regular.

O processo formativo no mestrado me proporcionou um salto qualitativo significativo quanto à compreensão da organização do trabalho educativo. As perspectivas teóricas utilizadas para respaldarem a pesquisa exigiu-me intensa concentração nos estudos. Os estudos contribuíram para a transformação da minha atuação docente a partir da compreensão das categorias fundamentais para o desenvolvimento da aprendizagem, segundo a perspectiva

histórico-cultural de Vygotsky e histórico-crítica de Saviani: intencionalidade da ação educativa, planejamento, mediação do ensino e da aprendizagem e o trabalho enquanto processo de humanização dos sujeitos.

O processo formativo do mestrado me apresentou pessoas que tiveram grande relevância para a conclusão dessa fase. Faço essa ressalva para afirmar que todo processo formativo é coletivo apesar dos momentos individualizados. A conclusão do mestrado ocorreu no ano de 2025 com a certeza que não estava adquirindo apenas mais um título importante, mas sim com o sentimento de um sonho realizado.

No ano de 2021, durante a realização do mestrado em Educação, iniciei minha atuação na Rede Colaboração Tocantins (RCT), no projeto EducaTO que atua no cenário educacional no estado do Tocantins com a oferta de formações, monitoramento e avaliação da educação pública nos municípios que aderem ao projeto. De início atuei como monitora, passando para formadora e em seguida como assistente pedagógica. Toda minha atuação no EducaTO exigiu e segue exigindo aprofundamento nos estudos da etapa de ensino em que atuei e atuo.

A dinâmica de estudos estabelecida com a minha "dupla formadora" – pessoa com quem divido os momentos formativos – possibilitou a apropriação de novos conhecimentos a partir das intensas trocas de ideias, sugestões de leituras e compartilhamento de conhecimentos adquiridos ao longo das nossas jornadas formativas. O contato com professores/as dos diversos municípios do estado do Tocantins nos proporcionou um acesso à realidade educacional que dificilmente teríamos condições de acessar por algum outro instrumento de pesquisa.

A partir das discussões, análise das realidades educacionais dos municípios e produções das atividades, produzimos artigos

científicos como forma de materialização e socialização de um trabalho formativo que promove transformações significativas na organização do trabalho pedagógico de inúmeros profissionais da educação do estado. Nas duas últimas etapas do projeto (2025 e 2026), mantive/mantenho atuação no Atendimento Educacional Especializado (AEE), realizando assistência pedagógica junto às formadoras.

Em paralelo à atuação no EducaTO, quando durante o mestrado realizei o experimento didático formativo em turma do 1º ano do ensino fundamental, tive contato com uma criança com TEA com a qual mantive uma atuação adequada, tendo como resultado o avanço da sua linguagem escrita e do pensamento abstrato, ainda que o objetivo da pesquisa não estivesse centrado na educação inclusiva.

As experiências proporcionadas pelo EducaTO e pelo mestrado despertou o interesse em ampliar minha formação na área da educação inclusiva diante das inúmeras dúvidas que foram suscitadas referentes à educação desenvolvimentista para estudantes neurodivergentes. Nesse sentido, a realização da pós-graduação em TEA, TDAH, Superdotação e Altas Habilidades atendeu às exigências do cenário educacional atual mediante o crescente número de estudantes que apresentam tais condições.

Um aspecto a ser destacado consiste no formato que o curso foi ofertado, sendo este presencial. Essa configuração nos proporcionou momentos de discussão e trocas de experiências consideradas positivos, atrelado à dinâmica da realização das atividades em grupos. O contato presencial com os/as docentes possibilitou sanar as intensas dúvidas em meio a um cenário educacional que ainda provoca inúmeras angústias principalmente em quem atua na educação básica.

A partir da apropriação dos conhecimentos acerca da educação inclusiva, de forma mais centrada no AEE, minha atuação na docência do ensino fundamental teve um salto qualitativo, havendo tal reconhecimento no ambiente escolar, demonstrado no decorrer das falas de profissionais durante os conselhos de classe. Essa situação me impõe a necessidade da continuidade para aprofundamento no conhecimento a fim de ofertar uma educação desenvolvimentista de forma adequada para estudantes neurodivergentes.

Diante da necessidade exposta, apresento um esboço do pré-projeto do doutorado.

REFERÊNCIAS

BARROS, M. L. P. Lembranças de um percurso acadêmico: uma análise semiótica da construção do ator da enunciação dos memoriais. Alfa, São Paulo, v.65, e13241, 2021

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC, 2008.

PIRES, M.M. O trabalho colaborativo no atendimento educacional especializado (AEE) na perspectiva histórico-cultural. 2024. 145 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel. Disponível em: http://tede.unioeste.br/handle/tede/7308

SAVIANI, D. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

VYGOTSKY, L. S. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Capítulo 11

MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS DE VIDA PESSOAL, FORMAÇÃO E PROFISSIONALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO PÚBLICA

Edinalva Luiz Cardoso

RESUMO

O presente trabalho configura-se como um memorial descritivo focado na cartografia existencial e profissional, articulando elementos da infância rural, ancestralidade e superação socioeconômica à atuação no Atendimento Educacional Especializado (AEE) e na coordenação pedagógica da rede pública do estado do Tocantins. O estudo ampara-se teórica e filosoficamente nos pressupostos de libertação e dialogicidade de Paulo Freire e na perspectiva histórico-cultural de Vygotsky, estendendo-se ao desenho de um pré-projeto focado na área de Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD) sob o Modelo dos Três Anéis de Renzulli. O objetivo geral consiste em analisar criticamente os processos de identificação de estudantes com AH/SD em uma escola pública, tomando os documentos pedagógicos quotidianos (PEI, relatórios e planejamentos) como material de reflexão, a fim de subsidiar parâmetros orientadores para a comunidade escolar. A questão problema indaga: Como os processos de identificação e os indicadores de estudantes com altas habilidades/superdotação estão configurados e expressos nos documentos pedagógicos produzidos no cotidiano de uma escola pública do interior do Tocantins? A abordagem metodológica proposta delineia-se como uma pesquisa qualitativa do tipo documental, cuja coleta de dados incidirá sobre o acervo de registros escolares (Plano Educacional Individualizado, relatórios de desempenho e planejamentos docentes) do Colégio Estadual Oneides Rosa de Moura, em Palmeirópolis - TO, utilizando a Análise de Conteúdo de Laurence Bardin para o tratamento das informações. Os achados preliminares e reflexões biográficas apontam que a escola pública tende a reproduzir modelos homogeneizadores de ensino devido a mitos limitantes e lacunas na formação docente, invisibilizando o potencial superior de alunos vulneráveis. Evidencia-se que os registros cotidianos carregam indicadores latentes de AH/SD, mas estes são subutilizados por falta de uma sistematização teórica e prática estruturada. As conclusões preliminares apontam que a conversão da prática documental em objeto de reflexão crítica, aliada à integração entre o AEE e a coordenação pedagógica, é fundamental para superar a burocratização do ensino. A pesquisa projeta-se como um retorno social concreto por meio da futura formulação de subsídios pedagógicos robustos, promovendo a equidade, a justiça social e o acolhimento da diversidade no cenário educacional tocantinense.

Palavras-chave: Memorial Descritivo. Altas Habilidades/Superdotação. Educação Inclusiva. Escola Pública.

MEMORIAL

Introdução

O chão que pisamos desenha os contornos da nossa identidade. Escrever sobre si mesma é um exercício de escavação, onde memórias e afetos se entrelaçam para dar sentido à caminhada. Sou Edinalva Luiz Cardoso, mulher, educadora, tecida pelos contrastes de uma trajetória que se iniciou no interior, sob as cores e os silêncios do Cerrado, e que hoje se consolida na firmeza das salas de aula e das dinâmicas da coordenação pedagógica na rede pública de ensino do Tocantins.

Nasci no dia 02 de fevereiro de 1983, na cidade de Campos Belos, interior de Goiás, cidade fronteira com Arraias do Tocantins. Última de uma numerosa linhagem de oito irmãos, meu nascimento carregou a silenciosa expectativa paterna por um filho homem. Contudo, a vida fez brotar uma menina que, futuramente, subverteria as ausências e dificuldades em sementes de transformação. Fui moldada pela união de mais de cinquenta anos de meus pais, Domingos Luiz Cardoso e Eliza Pereira de Souza, cujo enlace terreno se desfez apenas com a partida de meu pai, em 2017. Trago no sangue as heranças profundas do Brasil profundo: a ancestralidade indígena de minha avó paterna, Augustinha Rodrigues, que resistiu ao tempo ao longo de seus 99 anos de existência, e as marcas da herança da descendência escrava deixadas por meu avô paterno, José Luiz Cardoso, a quem não conheci em vida, mas de quem herdei a dignidade. Pela via materna, as bênçãos e os passos de João Pereira Novais e Joana Rosalina de Souza completam a fundação da minha árvore genealógica.

Minhas primeiras pegadas, até os seis anos de idade, foram deixadas na terra úmida da fazenda. Naquele universo rural, a infância se traduzia em experiências sensoriais puras vividas pelas brincadeiras na lama em dias de chuva e o afago térmico do leite

tomado diretamente no curral, no momento em que meu pai tirava o leite das vacas e nos oferecia ainda quentinho. Quando a idade escolar exigiu a transição para a cidade, passei a habitar uma casa simples em um bairro tranquilo ao lado dos meus irmãos, enquanto nossos pais permaneciam no campo, garantindo nossa subsistência através da lida diária na roça. Essa base, estruturada na responsabilidade e em valores éticos inegociáveis, forneceu-me as ferramentas necessárias para enfrentar os desafios impostos pela vulnerabilidade social e financeira que rondava nossa história.

A escola, portanto, apresentou-se como um território de profunda alteridade. Inicialmente assombrada pela timidez e pela desadaptação no período vespertino da alfabetização, encontrei meu porto seguro ao transitar para o período matutino no segundo ano. Ali, a curiosidade intelectual que me habitava começou a transbordar.

Enquanto o contexto de vulnerabilidade, muitas vezes agravado pelo adoecimento decorrente do alcoolismo de meu pai e pela escassez de alimento, tentava silenciar minhas perspectivas, os livros tornavam-se meu refúgio e minha bússola. Manifestando um aprendizado marcadamente acima da média, terminava os exercícios com celeridade e liderava os grupos de trabalho, tecendo na rua, ao final das tardes, brincadeiras em que eu assumia voluntariamente o papel de professora dos meus vizinhos.

Essa aproximação precoce com a docência operou-se pela via da subjetividade, pois meus sonhos infantis miravam o universo corporativo, as vestimentas clássicas, os saltos altos e a formalidade das grandes empresas. No entanto, a vida me convocou para uma missão mais profunda: compreender a educação como uma ferramenta elementar de libertação e equidade social. O ato educativo, como nos ensina a literatura inclusiva inspirada em pressupostos freireanos, evoca uma escola viva e democrática, que

reconhece o sujeito em sua completude histórico-social e em suas especificidades humanas (Mello et al., 2025; Esquinsani, 2021). Da mesma forma, compreender o estudante que se destaca, que manifesta potencialidades latentes no cotidiano, como a curiosidade viva que me impulsionava na infância, exige da escola um olhar atento para o desenvolvimento cultural e socioemocional, permitindo que essas capacidades se manifestem em contextos concretos de convivência e aprendizagem (Piske, 2013). Foi sob esse pano de fundo, transformando cicatrizes em horizontes, que tracei, ainda na adolescência, o meu projeto de vida, disposta a romper as barreiras da exclusão por meio do conhecimento.

Apresentação de Aspectos da Formação Humana e Profissional

A profissionalização docente é um território edificado tanto pelo rigor acadêmico quanto pelas urgências da vida. O meu ingresso no ensino superior ocorreu no ano de 2003, ao ser admitida no curso de Licenciatura em Pedagogia em uma universidade pública. Em uma época em que os índices estatísticos apontavam que apenas cerca de 3% dos jovens brasileiros logravam acesso ao ensino superior público, cruzar os portões da academia revestiu-se de um sentimento de profunda excepcionalidade e responsabilidade social. Aquele período, registrado graficamente nas linhas iniciais do meu Currículo Lattes, foi marcado pela efervescência típica da juventude universitária, entre celebrações, churrascos e intensas trocas afetivas, mas também pela imediata semente da dedicação pelas noites partilhadas com a colega Júlia no estudo obstinado para os concursos da educação.

A aprovação no concurso público municipal foi o primeiro degrau de uma estabilidade que me permitiu, ainda jovem, materializar metas do meu projeto de vida, como a conquista da casa própria financiada. Contudo, o anseio por horizontes mais amplos

conduziu-me a uma experiência enriquecedora no Cartório da comarca local, inserida no ambiente do Fórum, onde permaneci até que o destino definitivo se manifestasse em 2009, com a aprovação no concurso da Educação do Estado do Tocantins.

A nomeação inicial para Rio Sono redesenhou-se através de uma permuta que me conduziu a São Salvador do Tocantins, município onde permaneci por três longos anos. Foi nesse cenário de isolamento e maturação que a vida entrelaçou o amor pessoal e o profissional, ali conheci meu esposo e vivenciei a chegada da minha filha, hoje com 13 anos. A maternidade trouxe consigo o desafio agudo de conciliar uma jornada de 40 horas semanais com os cuidados de saúde que a fragilidade de uma recém-nascida exigia, um período de privações vencido pela resiliência.

O retorno aos voos intelectuais materializou-se com a inscrição e conclusão da Pós-Graduação lato sensu em Coordenação Pedagógica, realizada no polo de Porto Nacional, percurso no qual o apoio do meu esposo foi fundamental nas viagens mensais. A batalha subsequente pela progressão funcional, negada inicialmente pelo Estado sob alegações de interstício probatório e solucionada após sete anos de recursos administrativos que revelaram a ausência de minha primeira avaliação, restituiu-me não apenas direitos financeiros retroativos, mas a dignidade profissional. O restabelecimento do autocuidado, da alimentação e da saúde física coincidiu com um momento de fechamento de portas na escola regular, que, ao negar-me a extensão de carga horária, impulsionou-me a prestar o concurso estadual de 2023. Convocada em 2025 para a função de Coordenadora Pedagógica, acumulo hoje dois vínculos públicos, consolidando uma trajetória marcada pela atuação direta no Atendimento Educacional Especializado (AEE) e na gestão escolar.

Essa trajetória, que transita da sala de aula para a coordenação, reflete a busca por uma prática pedagógica que dialogue com a inclusão material. Ao analisar a atuação no AEE e na gestão sob o prisma da educação inclusiva de base freireana, compreende-se que a escola democrática deve combater a exclusão gerada pelas desigualdades estruturais, garantindo que o direito de aprender seja estendido a todos em sua plenitude (Mello et al., 2025).

Adicionalmente, as funções de identificação e mediação pedagógica exercidas no cotidiano tocantinense encontram eco na perspectiva histórico-cultural de Vygotsky, a qual postula que as funções psicológicas superiores e as potencialidades humanas não nascem prontas, mas são construídas socialmente a partir das mediações culturais e das interações estabelecidas no ambiente educacional (Piske, 2013). Minha formação humana e profissional, portanto, é o resultado dessa constante fricção entre as condições concretas da escola pública e o desejo ético de mediar o desenvolvimento integral de cada estudante.

Reflexão a respeito da Trajetória Profissional e Acadêmica

Olhar para o caminho percorrido nas salas de aula e nos corredores da gestão escolar exige mais do que um inventário de cargos, demanda decifrar os sentidos políticos e humanos impressos em cada escolha. Minha inserção na docência e, posteriormente, na coordenação pedagógica da rede pública do Tocantins não se deu de forma linear ou isenta de fricções sociais. Ela foi gestada no contraste entre a vulnerabilidade socioeconômica da juventude e a convicção consciente de que o espaço escolar funciona como o principal catalisador de transformações estruturais.

Ao exercer a regência no Atendimento Educacional Especializado (AEE) e assumir a complexidade da coordenação pedagógica, percebi que a prática cotidiana necessita estar

ancorada em uma práxis verdadeiramente inclusiva. Sob a luz dos pressupostos freireanos, a atuação do coordenador e do professor não pode se reduzir a uma execução burocrática de currículos, ela deve se constituir como um ato político focado na equidade e na democratização real do saber (Esquinsani, 2021). A escola pública que buscamos construir e que se reflete na minha caminhada profissional é aquela que se assume como um espaço de diálogo, onde as diferenças não são padronizadas, mas valorizadas como a base do fazer educativo (Mello et al., 2025). Essa bagagem técnico-pedagógica acumulada permitiu-me compreender que os registros escolares, os relatórios e os Planos Educacionais Individualizados (PEIs) que manuseio cotidianamente são, em verdade, a materialidade das vidas e dos potenciais que nos cabe mediar.

Reflexão Final: A incompletude que move a busca pelo conhecimento

A inserção no cotidiano do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e nas instâncias da coordenação pedagógica gera indagações profundas, que não encontram respostas em receitas prontas. É a partir desse cenário de fricções e buscas que se desenha a minha escolha por este curso de Especialização em TDAH, TEA, Altas Habilidades e Superdotação. Minha busca nesta formação não se restringe à mera acumulação de títulos, ela se ampara no desejo de desvelar novos horizontes metodológicos e científicos que me permitam mediar, com maior intencionalidade, o desenvolvimento integral de estudantes cujas especificidades humanas demandam urgência pedagógica.

Sob a luz das contribuições de Paulo Freire, compreendo que o ser humano é essencialmente um projeto inacabado. É justamente na conscientização dessa inconclusão histórica que reside a mola propulsora para a busca constante de aprimoramento através da educação (Esquinsani, 2021; Mello et al., 2025). Diante do exposto,

pretendo aprimorar meus conhecimentos ao tensionar as teorias aqui estudadas com a materialidade da escola pública tocantinense. Desejo traduzir os conceitos de inclusão e equidade em ferramentas práticas capazes de subverter a exclusão que historicamente silencia as diferenças no ambiente educacional.

Minha travessia formativa, contudo, não se encerra nas fronteiras desta especialização. Tomando este curso como um trampolim intelectual e um espaço de amadurecimento da práxis, pretendo dar continuidade imediata aos meus estudos. O horizonte que se delineia nos meus planos de vida projeta, para um futuro breve, o ingresso em um programa de Mestrado em Educação. Nele, pretendo transformar meus registros documentais e saberes docentes em objeto de estrita investigação científica. Subsequentemente, manterei viva a busca por formação ao pleitear o acesso ao Doutorado, consolidando um percurso de permanente vigilância epistemológica focado na construção de uma escola verdadeiramente inclusiva, democrática e promotora da justiça social.

Visão de Futuro: Lições para a caminhada

Olhar para o amanhã exige a coragem de abraçar o inédito viável, aquela realidade ainda não alcançada, mas que se torna possível por meio da nossa ação consciente no mundo (Esquinsani, 2021). Vejo o futuro não como um destino estático ou predeterminado, mas como um território em constante gestação, edificado passo a passo pela persistência e pelo compromisso ético-político com o ato de educar. Visualizar-me consolidando a transição para a pós-graduação *stricto sensu*, alcançando a titulação de mestre e, posteriormente, de doutora, e ocupando os palcos de palestras e conferências na área da inclusão, partilhando saberes e

instrumentalizando redes de ensino para acolher a neurodiversidade e potencializar talentos.

Como lição fundamental a mim mesma para as próximas etapas dessa travessia, registro o imperativo de jamais permitir que a rigidez técnica ou os labirintos burocráticos engulam a sensibilidade pedagógica que me trouxe até aqui. Como nos ensinam Mello et al. (2025), a escola inclusiva necessita ser um organismo vivo, onde a diversidade é valorizada como a maior riqueza do processo de ensino-aprendizagem.

Que eu me lembre sempre de que o desenvolvimento intelectual e cognitivo é indissociável da dimensão socioemocional e das mediações culturais que estabelecemos (Piske, 2013). Portanto, a maior lição que transmito ao meu eu do futuro é a diretriz de manter o olhar atento para a totalidade do sujeito, acolhendo as dores, os lutos e as singularidades de cada estudante com o mesmo afeto e resiliência com que aprendi a reconstruir a minha própria história de vida. Que a docência permaneça sendo, acima de tudo, um ato de amor e de profunda libertação.

REFERÊNCIAS

ALVES, D. O.; ALMEIDA, M. Z. C. M.; SANTOS, W. B. Paulo Freire e Michel Foucault: uma conversa sobre educação inclusiva. Humanidades & Tecnologia, [s. l.], 2021.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

BORGES, Nádia Flausino Vieira. Educação especial na perspectiva inclusiva: práticas e desafios. Palmas: EDUFT, 2018.

DORINI, Eliesi Bettin Chaves. Altas habilidades/superdotação na perspectiva sociocultural: dilemas, desafios e direções futuras para formação de professores. 2019. 298 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), Guarapuava, 2019.

ESQUINSANI, Rosimar Serena Siqueira. Paulo Freire e a escola necessária à inclusão. Revista Teias, Rio de Janeiro, v. 22, n. 67, p. 195-206, out./dez. 2021. DOI: https://doi.org/10.12957/teias. 2021.62071.

FLEITH, Denise de Souza. Altas habilidades/superdotação: atendimento educacional especializado. Brasília: MEC/SEESP, 2007.

FLEITH, Denise de Souza; ALENCAR, Eunice Maria Lima Soriano de. Desenvolvimento de talentos e altas habilidades: orientação a pais e professores. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FREIRE, Paulo. Educação como prática de liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Tolerância. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

GALIZA, A. B.; MERCÊS, R. S. das; BENTES, J. A. de O. Inclusive education in the Freirean perspective. Research, Society and Development, [s. l.], v. 11, n. 9, p. e25711931971, 2022.

GUENTHER, Zenita Cunha. Capacidade e talento: um programa para a escola. São Paulo: EPU, 2006.

MELLO, Mikel Eduardo de; CORREA, Thiago Pessanha; BARBOSA JUNIOR, Elenisio Rodrigues; FERREIRA, Rogério dos Santos; LAVANDER, Thiago Lucas; CUNHA, Fabricio Moraes; COSTA, Fernanda Cristina Corrêa da. Paulo Freire e suas contribuições para a educação inclusiva. Lumen et Virtus, São José dos Pinhais, v. XVI, n. XLIV, p. 116-125, jan. 2025. DOI: https://doi.org/10.56238/levv16n44-010.

NÓBREGA, Lorrana Nara Naves. A experimentação investigativa na sondagem de indicadores de Altas Habilidades ou Superdotação e na potencialização no ensino de Química. 2022. Tese (Doutorado em Educação em Ciências e Matemática). Instituto de Química, Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, 2022.

PISKE, Fernanda Hellen Ribeiro. O desenvolvimento socioemocional de alunos com altas habilidades/superdotação (AH/SD) no contexto escolar: contribuições a partir de Vygotsky. 2013. 174 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

RENZULLI, Joseph S. The three-ring conception of giftedness: a developmental model for promoting creative productivity. In: STERNBERG, Robert J.; DAVIDSON, Janet E. (org.). Conceptions of giftedness. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. p. 246–279.

TRAVAGLIA, Fabiana Silva Azevedo. Tecnologias digitais para otimizar a identificação de estudantes com altas habilidades/superdotação. 2024. 101 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Inclusiva em Rede Nacional -

PROFEI) – Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), Apucarana, 2024.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Capítulo 12

DA INFÂNCIA À MATURIDADE: MINHA JORNADA DE VIDA

Eliane Oliveira Santos Araújo

RESUMO

Este Memorial Descritivo apresenta a trajetória pessoal, profissional e acadêmica de Eliane Oliveira Santos Araújo, destacando experiências que contribuíram para sua formação humana, docente e científica. O texto descreve aspectos marcantes da infância vivida na zona rural do município de Carolina, Maranhão, os desafios enfrentados durante a juventude, a constituição da família e o retorno aos estudos, culminando na construção de uma sólida carreira na educação pública. São apresentados os percursos formativos desenvolvidos ao longo da graduação, especializações, mestrado e formação continuada, evidenciando o compromisso permanente com a aprendizagem e o aperfeiçoamento profissional. O memorial também aborda a atuação docente na Rede Municipal de Educação de Palmas – TO, as experiências em ensino, pesquisa e produção acadêmica, bem como reflexões sobre os desafios e conquistas vivenciados ao longo da carreira. Destaca-se ainda a relevância da especialização em Transtorno do Espectro Autista (TEA), Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD) para o fortalecimento das práticas inclusivas e para a ampliação dos conhecimentos acerca da neurodiversidade. Por fim, são apresentadas perspectivas futuras voltadas à continuidade dos estudos, à produção de pesquisas na área educacional e à valorização da convivência familiar, reafirmando o compromisso com a educação como instrumento de transformação social.

Palavras-chave: Formação docente. Inclusão escolar. Neurodiversidade.

INTRODUÇÃO

Meu nome é Eliane Oliveira Santos Araújo, sou professora da Rede Municipal de Educação de Palmas – Tocantins, graduada em Normal Superior com complementação em Pedagogia, especialista em diferentes áreas da educação, mestre em Gestão de Políticas Públicas e atualmente pós-graduanda em Transtorno do Espectro Autista (TEA), Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD).

Minha trajetória de vida foi construída a partir de valores aprendidos no ambiente familiar, do compromisso com a educação e da busca constante pelo conhecimento. Ao longo dos anos, conciliei os desafios da vida familiar, da maternidade e da carreira docente, sempre acreditando que a educação é um instrumento de transformação social e desenvolvimento humano.

De acordo com Nóvoa (1992), a formação docente não se limita ao acúmulo de cursos, conhecimentos ou técnicas, mas resulta de um processo contínuo de reflexão crítica sobre a prática e de construção permanente da identidade profissional. Este memorial descritivo apresenta aspectos relevantes da minha trajetória pessoal, acadêmica e profissional, evidenciando experiências, aprendizados, conquistas e perspectivas futuras.

TRAJETÓRIA PESSOAL E FORMAÇÃO HUMANA

Nasci em 30 de dezembro de 1967, na Fazenda Novo Sítio, município de Carolina – Maranhão. Sou filha de Manoel Alves dos Santos e Elinda de Oliveira Santos e cresci em um ambiente simples, marcado pelos valores da honestidade, do trabalho e da solidariedade.

Minha infância foi vivida na zona rural, onde tive contato direto com a natureza e com uma realidade social bastante diferente

daquela encontrada nos centros urbanos. Iniciei meus estudos em uma escola multisseriada, experiência que contribuiu para despertar minha admiração pelo trabalho dos professores. Conforme Freire (1996), o processo educativo é marcado pela troca de saberes, na qual ensinar e aprender constituem ações complementares que promovem o crescimento de educadores e educandos.

Aos doze anos mudei-me para Araguaína para dar continuidade aos estudos. Mais tarde, aos dezoito anos, constituí família, tornando-me mãe de três filhas e um filho. Durante esse período, interrompi temporariamente meus estudos para dedicar-me à maternidade. Contudo, o desejo de continuar aprendendo permaneceu vivo, motivando meu retorno à escola e, posteriormente, ao ensino superior.

FORMAÇÃO ACADÊMICA E ATIVIDADES DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

Minha trajetória acadêmica no ensino superior, teve início no ano de 2000, quando ingressei no curso Normal Superior da UNITINS. Após a conclusão da graduação, realizei a complementação em Pedagogia, ampliando minha formação para o exercício da docência.

Ao longo da carreira, busquei constantemente o aperfeiçoamento profissional por meio de cursos de especialização, dentre eles:

- Pedagogia Escolar com habilitação em Supervisão, Orientação e Gestão Escolar;
- Formação de Formadores da Educação Básica;
- Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade PROEJA;

- Mídias na Educação.

Em 2016, fui aprovada no Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional da Universidade Federal do Tocantins, desenvolvendo pesquisa sobre Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação e a alfabetização de nativos digitais. De acordo com Tardif (2014), os saberes docentes são construídos a partir de múltiplas fontes, incluindo a formação acadêmica, a experiência profissional e as vivências cotidianas da prática educativa.

Minha atuação profissional na Rede Municipal de Educação de Palmas teve início em agosto de 2005. Trabalhei na Educação Infantil até 2011 e, posteriormente, passei a atuar na Educação Básica, especialmente em escolas de tempo integral. No campo da pesquisa e da produção acadêmica, participei da elaboração de artigos científicos relacionados à educação, tecnologias educacionais, alfabetização e políticas públicas, incluindo publicação em periódico científico na área das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação.

Atualmente, mantenho o interesse pela pesquisa acadêmica e pela formação continuada, compreendendo que a produção de conhecimento contribui para o fortalecimento da educação pública e da prática docente.

A TRAJETÓRIA PROFISSIONAL E ACADÊMICA

Ao analisar minha trajetória, percebo que minha formação foi construída por meio da persistência, da superação de desafios e do compromisso permanente com a aprendizagem. Cada etapa percorrida representou uma oportunidade de crescimento. A experiência na Educação Infantil me possibilitou compreender a importância dos primeiros anos de vida para o desenvolvimento humano. A atuação na Educação Básica ampliou minha visão sobre

os processos de ensino e aprendizagem, enquanto a formação continuada fortaleceu minhas competências profissionais. Conforme Schön (2000), os profissionais desenvolvem novos conhecimentos quando refletem criticamente sobre suas ações e experiências no contexto da própria prática.

A realização do mestrado despertou meu interesse pela pesquisa científica, permitindo aprofundar reflexões sobre educação e tecnologia. Da mesma forma, a especialização em TEA, TDAH e AH/SD tem ampliado minha compreensão sobre inclusão escolar e neurodiversidade, aspectos fundamentais para a construção de uma educação mais equitativa e acolhedora.

O CAMINHO DA JORNADA AO LONGO DA VIDA

Ao revisitar minha história, compreendo que cada experiência vivida contribuiu para a construção da pessoa e da profissional que sou hoje. Os desafios enfrentados fortaleceram minha capacidade de adaptação e resiliência, enquanto as conquistas alcançadas reafirmaram a importância da dedicação e da perseverança.

Para Freire (1996), os seres humanos se constituem continuamente por meio das experiências e das relações sociais das quais participam ao longo da vida. E assim a educação esteve presente em todos os momentos da minha trajetória, não apenas como profissão, mas como elemento transformador da minha vida. Por meio dela ampliei horizontes, desenvolvi competências e encontrei meios de contribuir para a formação de outras pessoas.

Nóvoa (2009) defende que a qualidade do ensino e o desenvolvimento de práticas inovadoras dependem diretamente de processos consistentes de formação docente. Isso reforça meu pensamento de que, mesmo estando próxima a me aposentar, pretendo continuar estudando, pesquisando e participando de

atividades acadêmicas relacionadas à Educação. Desejo aprofundar investigações sobre inclusão escolar, neurodiversidade, tecnologias educacionais e formação docente, contribuindo para a produção e disseminação de conhecimentos que possam beneficiar a sociedade.

Também pretendo ampliar minha participação em eventos científicos, fortalecer minha produção acadêmica e compartilhar experiências construídas ao longo da carreira.

Paralelamente, desejo dedicar mais tempo à convivência familiar, acompanhando o crescimento dos meus netos e participando ativamente de suas descobertas e aprendizagens. Além disso, pretendo conhecer novos lugares e culturas, enriquecendo minha visão de mundo por meio das experiências proporcionadas pelas viagens.

A principal lição que desejo transmitir a mim mesma é que o aprendizado é permanente e que nunca é tarde para continuar sonhando, aprendendo e contribuindo para a transformação da sociedade.

REFERÊNCIAS

JOSSO, Marie-Christine. Experiências de Vida e Formação. São Paulo: Cortez, 2004.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão Escolar: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Summus, 2015.

NÓVOA, Antônio (Org.). Vidas de Professores. Porto: Porto Editora, 1992.

NÓVOA, Antônio. Professores: imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009.

ORRÚ, Sílvia Ester. Autismo, linguagem e educação. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2017.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Inclusão: construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 2010.

SCHÖN, Donald. Educando o Profissional Reflexivo. Porto Alegre: Artmed, 2000.

TARDIF, Maurice. Saberes Docentes e Formação Profissional. Petrópolis: Vozes,

2014..

Capítulo 13

MEU QUEBRA-CABEÇAS: MEMÓRIAS, SILÊNCIOS, DESCOBERTAS E RECONSTRUÇÕES

Elizia Aparecida Pinheiro

RESUMO

Este memorial descritivo apresenta a trajetória pessoal, acadêmica e profissional de uma educadora cuja história é marcada por movimentos de construção, desconstrução e reconstrução identitária. A narrativa percorre a infância vivida na zona rural, as primeiras experiências escolares e o modo introspectivo de existir que, mais tarde, se revelaria parte de sua neurodivergência. O texto evidencia como a busca pelo conhecimento se tornou eixo estruturante de sua vida, conduzindo-a da formação em Ciências Biológicas à atuação na educação básica, passando por experiências profissionais diversas, como o trabalho na Agroceres PIC Suínos e a vivência transformadora na Europa. A trajetória docente é apresentada como espaço de descobertas, desafios e encantamentos, especialmente no ensino de Matemática, onde projetos, formações e práticas pedagógicas inovadoras fortaleceram sua identidade profissional. Experiências marcantes, como o desenvolvimento do jogo "Varal Matemático", revelam a potência das atividades práticas e informais na aprendizagem dos estudantes. O memorial também aborda momentos de deslocamento, mudanças geográficas, vivências na roça, perdas afetivas e reconstruções emocionais, que contribuíram para o amadurecimento pessoal e profissional da autora. A narrativa ganha profundidade ao relatar o encontro com estudantes neurodivergentes e o impacto dessa experiência na percepção de suas próprias características. O processo de avaliação neuropsicológica, que culminou no diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista, é apresentado como peça fundamental para a compreensão de sua história e de seus modos de ser. A partir desse marco, a autora ressignifica sua trajetória e fortalece seu compromisso com a educação inclusiva. O memorial culmina na visão de futuro, na qual a autora expressa o desejo de aprofundar estudos na área da Educação Especial e Inclusiva, avançar para o doutorado e contribuir para práticas pedagógicas que respeitem as singularidades humanas. O texto revela uma caminhada marcada por coragem, sensibilidade, propósito e constante construção de si, reafirmando a educação como espaço de transformação pessoal e social.

Palavras-chave: Trajetória formativa. Educação inclusiva. Neurodiversidade. Identidade docente.

APRESENTAÇÃO DA AUTORA

Sou Elizia, uma mulher que aprendeu a se reconhecer em partes, fases e movimentos. Minha trajetória pessoal e profissional sempre foi marcada pela busca por sentido, por compreensão e por pertencimento. Ao longo dos anos, construí caminhos, desconstruí outros e me reinventei inúmeras vezes, reunindo experiências que moldaram quem sou hoje.

Carrego comigo uma história feita de memórias, silêncios, descobertas e reconstruções, e é a partir desse lugar, de autenticidade e de olhar atento para mim mesma, que apresento este memorial. Aqui, reúno fragmentos que me constituem e que ajudam a revelar a pessoa que venho me tornando em minha caminhada. Este é o ponto de partida para compreender minha trajetória.

ASPECTOS DA FORMAÇÃO HUMANA E PROFISSIONAL

Formação Humana e Primeiras Influências

Sou a caçula de uma família de cinco filhos, criada na zona rural de Patos de Minas — MG, em um ambiente marcado pelo trabalho na terra, pela simplicidade e por valores sólidos transmitidos pelos meus pais. Cresci cercada pela natureza, pelos cheiros da terra, pelos animais e pelo silêncio que moldou meu modo de perceber o mundo. Essa ligação com o campo e com a vida simples sempre me acompanhou.

Meus pais estudaram apenas até a 4ª série primária, mas carregavam habilidades que sempre admirei: meu pai com os números, fazendo contas enormes em pedaços de papel; minha mãe com a precisão da costura, da fita métrica e dos pontilhados. Foram meus primeiros espelhos de disciplina, esforço e dignidade.

Da minha infância, guardo poucas lembranças, mas recordo com nitidez o tempo da escola. O conhecimento sempre me encantou.

Estudei até a 4ª série primária na Escola Municipal Maria Augusta, na comunidade de Bertioga, e era uma aluna dedicada, cuidadosa e curiosa. Brincava muito sozinha, e minha brincadeira preferida era "escolinha": cadernos espalhados representavam meus alunos, e eu repetia o que via na sala de aula — explicava, corrigia, chamava atenção, elogiava. Sem perceber, já ensaiava a profissão que mais tarde abraçaria.

Por viver na zona rural, em um ambiente naturalmente mais silencioso e com poucas crianças por perto, muitas das minhas brincadeiras aconteciam sozinhas. Eu me ocupava por longos períodos em atividades que eu mesma criava, imersa em rotinas detalhadas e repetidas, algo visto com naturalidade naquele contexto, em que cada criança encontrava seu próprio modo de ocupar o tempo e o espaço. Hoje reconheço que esse modo reservado de estar no mundo já revelava traços que só mais tarde fariam sentido.

Figura 1: No colo da infância, onde a terra, os bichos e o silêncio ensinaram meus primeiros modos de existir

(As imagens apresentadas foram transformadas em ilustrações com o auxílio de Inteligência Artificial, com o objetivo de melhorar a qualidade visual de fotografias antigas e preservar a identidade das pessoas retratadas, mantendo os traços essenciais das cenas originais.)

Quando concluí a 4ª série, não havia continuidade de estudos na zona rural. Para seguir estudando, precisei me mudar para a cidade e morar com uma família que me acolheu, assim como havia feito com minha irmã mais velha. Minha mãe, percebendo meu amor pelos estudos, permitiu que eu fosse. Foi um passo difícil, mas decisivo na minha trajetória. Eu estava com 11 anos nessa época.

Desde então, o estudo se tornou meu caminho, minha companhia e minha forma de compreender o mundo. Essas vivências iniciais formaram algumas das primeiras peças da minha trajetória, ainda dispersas, mas fundamentais para o que viria depois.

FORMAÇÃO ACADÊMICA

Fiz o Ensino Fundamental na Escola Estadual Elza Carneiro Franco, conhecida como Escola Polivalente, onde a matriarca da família que me acolheu trabalhava. Eu gostava muito daquele espaço: amplo, recuado, silencioso — preservava algo da paz que eu carregava da roça. A escola ofertava Ensino Médio Técnico e, já no Fundamental, experimentávamos práticas relacionadas a essa formação. Cursamos disciplinas como Técnicas Comerciais, em que montávamos um pequeno comércio; Técnicas Agrícolas, com atividades de cultivo e cuidado com plantas; Técnicas Industriais, onde confeccionei um quadro desde o início, na marcenaria, com madeira e colagens; e Economia Doméstica, da qual guardo a lembrança do delicioso rocambole de chocolate que preparamos e degustamos. Minha formação no Ensino Fundamental foi marcada por experiências ricas e diversificadas.

A única atividade que gerava medo coletivo era o Teste Cooper, na Educação Física, quando precisávamos completar um número determinado de voltas na pista de corrida. Revisitar essa memória

ainda provoca um frio na barriga, misturado a uma alegria leve por ter superado aquela fase e por hoje achar graça de um medo que, no fundo, não fazia sentido. Também me destaquei como goleira de handebol e quase fui selecionada para os jogos estudantis — não me lembro por que não fui. Muitas coisas, naquela época, simplesmente não faziam sentido para mim. O que era importante para os outros não tinha o mesmo peso no meu mundo, que parecia mais silencioso, menos exigente, mais leve.

Eu não me enturmava. Era uma menina que sonhava outros sonhos, que vivia muito dentro de si. Não tinha amigos. Hoje percebo que, naquele momento, eu apenas vivia o que a vida me oferecia: sem questionamentos, sem pressa, sem desejar mais do que cabia no meu próprio ritmo. O conhecimento, esse sim, sempre fez sentido. Era o que me movia.

Lembro-me também de ter participado de um concurso de poesia. Escrevi sobre a simplicidade, o amor e a natureza. Teria ficado em primeiro lugar se tivesse ido à fase final para declamar o poema. Não me lembro por que não fui. Naquele tempo, as decisões não eram minhas; seguíamos o que os adultos determinavam, e eu era totalmente dependente dessas escolhas. Ainda assim, guardo esse período com carinho. Finalizei o Ensino Fundamental com boas lembranças.

Naquele tempo, o Ensino Médio era dividido em cursos técnicos, e a escolha dependia do interesse — ou da vontade de outras pessoas. As opções eram Curso Técnico em Contabilidade, Técnico em Magistério e o Científico — que oferecia mais possibilidades para a continuidade dos estudos. Meus irmãos, que haviam ficado na roça, decidiram ir para a cidade, e fomos morar todos juntos no fundo da casa de um tio. Minhas primas estudavam na Escola Estadual Antônio Dias Maciel, conhecida simplesmente

como Escola Estadual. Por influência delas, fui para lá cursar o Ensino Médio Científico.

Conseguir a vaga foi difícil: dormimos uma noite na fila para garantir a matrícula. A escola era central e muito disputada. Continuei meus estudos com o mesmo amor e dedicação de sempre, reconhecendo-me em cada descoberta. Passei ilesa pelos professores considerados "carrascos", temidos por muitos. Nunca tive medo. Era a estudante exemplar: calada, introspectiva, organizada, cumpria todas as tarefas e tirava boas notas. Era elogiada pelos professores e, por isso mesmo, "odiada" por alguns colegas.

Participei de uma Feira Científica, na qual meu grupo apresentou um trabalho sobre o elemento químico chumbo — sua presença no cotidiano e seus riscos. Fiz praticamente todo o trabalho sozinha, movida pela dedicação e pelo prazer de aprender e, naquele tempo o trabalho era datilografado e os desenhos feitos à mão. Estudava pela manhã e trabalhava como babá à tarde para ajudar nas despesas de casa. Assim foi todo o meu primeiro ano do Ensino Médio.

No segundo ano, precisei mudar para o período noturno para trabalhar em tempo integral. Atuava como doméstica e cuidava de uma criança durante o dia; à noite, estudava. Lembro das caminhadas solitárias de volta para casa, acompanhada apenas dos meus pensamentos, observando a lua entre as luzes intensas da cidade. Sempre fui muito organizada, metódica e exigente, o que gerava conflitos com meus irmãos. Eles me chamavam de chata; minha mãe, sempre cuidadosa, dizia que eu era apenas organizada. Não me lembro de ter amigos e não convivia bem com meus irmãos. Eu os amava e respeitava, mas não gostava de conviver. Até hoje sinto assim.

Terminei o Ensino Médio com o desejo de continuar estudando, aprendendo e descobrindo a vida ao meu modo, no meu ritmo, no

meu próprio mundo. Isso me bastava. Essas experiências acrescentaram novas peças ao meu percurso formativo, ampliando o desenho que começava a se formar.

Às vezes recebo da vida peças que exigem de mim um novo jeito de montar o meu quebra-cabeças. Há um descompasso curioso entre o que eu desejo e o que a vida me oferece como caminho. Naquele tempo, embora brincasse de "escolinha" na infância, tinha outras vontades mais latentes. Sempre quis cursar Medicina Veterinária, talvez pela minha origem rural e pelo amor profundo que sempre tive pelos animais. Mas esse curso não era ofertado na minha cidade e, segundo minha mãe, meu pai — depressivo e alcoólatra — não suportaria que eu fosse morar sozinha em outra cidade. Ela me disse para escolher algum curso na faculdade local, que ele pagaria. Eu entendi e obedeci. Sempre fui muito compreensiva e pacífica.

A Fundação Educacional de Patos de Minas (FEPAM), vinculada à Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), ofertava cursos de licenciatura, e o mais próximo de Medicina Veterinária era a Licenciatura em Ciências Biológicas. Foi o que fiz. Estudei, prestei vestibular e passei em nona colocação. Matriculei-me e segui em frente. Já era vitoriosa por ser a única da família a cursar uma faculdade. Tenho certeza de que sempre serei orgulho para meus pais.

Na época, eu estava sem trabalho e precisava muito de um. Cuidava da casa enquanto meus irmãos trabalhavam, mas a dependência financeira nunca me interessou. Um dia, ouvi no rádio, que era nossa principal fonte de notícias, o anúncio de vagas para trabalhar na inauguração de um Cemitério Jardim, novidade na cidade. Anotei o endereço e fui.

A entrevista consistia em escrever, em uma folha de papel, o resumo da própria história. Eu amei a atividade. Papel e caneta sempre foram minhas melhores companhias. As vagas eram para

vendas de lotes do cemitério, com treinamento e tudo. Bater de porta em porta oferecendo lotes não é para qualquer um, mas sempre gostei de desafios. O que não agrada ninguém me instiga — é estranho, mas é assim que sou.

Pela forma como escrevi minha história, fui direcionada para a vaga de secretária no escritório central. Atender ao público, ao telefone, auxiliar os vendedores e organizar toda a documentação. Comecei a trabalhar e fazia faculdade à noite. Sem dinheiro para transporte, fazia todo o trajeto a pé. Era cansativo, mas eu seguia firme. Como sempre fiz: fechada no meu mundo, como um sapo surdo — seguia e confiava, confiava e seguia, não escutava a gritaria do mundo.

Ainda no primeiro semestre da faculdade, recebemos uma equipe anunciando vagas de estágio na maior empresa da cidade. Eu nem sabia da existência dela. Meu mundo era pequeno, restrito ao essencial. Fui participar da seleção. Fiquei deslumbrada com o tamanho da empresa: uma fazenda recuada, silenciosa, acolhedora. Dava para ir a pé da faculdade até lá. Fiz os testes, mas não acreditei que tivesse chance. Eram muitos candidatos e eu me senti pequena, como se o mundo pudesse me engolir.

Voltei para minha rotina no escritório do Cemitério Jardim. Até que, uma semana depois, o telefone tocou: eu havia sido selecionada. Graças ao foco e à concentração — meus pontos fortes. Veio então a indecisão: trocar a carteira assinada por um estágio temporário. Conversei com o gerente da empresa, que me incentivou, fez meu acerto e deixou as portas abertas. Fui ser estagiária na Agroceres PIC Suínos, empresa da qual carrego boas histórias e ricas lembranças.

Foi um tempo muito bom. Muito aprendizado, muita leveza. Três meses se passaram, o estágio foi prorrogado por mais três e, depois, veio a efetivação. Trabalhei ali por nove anos. Nesse período, terminei a faculdade, fiz o estágio obrigatório e atuei como professora

substituta por três meses. Fiz também uma Especialização em Educação Ambiental, um curso de férias que reunia colegas de vários estados. Nesse curso, conheci uma pessoa que morava em Palmas (TO) e trabalhava na educação.

Continuei trabalhando na Agroceres PIC. Gostava da rotina, das metas cumpridas. Meu trabalho era solitário, como eu gostava, exigia foco, organização e precisão — exatamente como eu funciono. Ali também conheci uma pessoa especial, com quem namorei por oito anos. Hoje vejo com mais clareza os encontros e desencontros da vida e aceito que tudo tem seu tempo. Eu trabalhava no escritório com o registro genealógico de suínos, mas vez por outra íamos nas granjas fazer a contagem dos animais, eu amava essa parte do trabalho.

Até que, movida por leituras e descobertas, senti que não poderia me estacionar ali, meu trabalho já não me preenchia como antes. Eu tinha mais a oferecer ao mundo — e o mundo tinha mais a me ensinar. Sempre tomei minhas decisões sozinha e sou muito determinada. Quando decido, é muito difícil que eu volte atrás. É a minha verdade, e todo o meu ser se organiza para alcançá-la.

Nesse intervalo, conheci um rapaz aventureiro que me convidou para sair do país. Eu, dona de mim, aceitei. Fomos para a Bélgica e ficamos um mês na Europa. Foi a aventura mais corajosa e necessária da minha vida. Ali percebi mais de mim do que em qualquer outra experiência. Usando as palavras atribuídas a José Saramago "é preciso sair da ilha para ver a ilha" e foi exatamente assim: eu me vi fora da ilha e vi a ilha sem mim. Entendi que muitos limites são imposições — nossas ou dos outros. Conheci minha força, minha coragem e minhas necessidades com mais clareza. Voltamos, nos separamos. Cada um seguiu seu caminho. O que precisava se cumprir naquele encontro se cumpriu.

Decidi me mudar para o Tocantins e experimentar a educação, seguindo assim o curso natural da minha formação. E as coincidências — ou energias — começaram a se alinhar. Em um sábado de dezembro, andando pelo comércio, encontrei um colega da Especialização. Contei minha intenção de tentar a vida em Palmas (TO). Ele me incentivou e se colocou à disposição para ajudar, já que trabalhava na Superintendência Regional de Educação.

Na semana seguinte, participei de uma seleção para professores de Biologia em uma escola particular, ainda na minha cidade. A entrevista era coletiva. Entre os candidatos, havia uma jovem recém-chegada do Tocantins, que contou sua experiência e incentivou quem tivesse interesse em buscar novas oportunidades. No final, procurei por ela. Mais uma vez, fui incentivada e recebi contatos importantes.

Segui adicionando mais uma peça ao meu quebra-cabeças. Rubem Alves dizia que se tornou escritor porque tudo o que tentou antes deu errado, acrescentando que a vida o levou à escrita por caminhos inesperados (ALVES, 2012). A vida é caprichosa e, às vezes, faz curvas muito fechadas para nos conduzir ao caminho certo. Tenho a plena certeza de que tudo o que vivi para chegar até aqui foi necessário. São peças que a vida me oferece e que, juntas, vão compondo o quebra-cabeças da minha trajetória.

INÍCIO DA NOVA JORNADA: CORAGEM, DESLOCAMENTO E DESCOBERTA

O Começo

Comecei minha jornada na educação em 2007, longe da minha cidade de origem. A experiência na Europa havia sido uma preparação para o novo que estava por vir, tanto para mim quanto para minha família. Com os contatos que havia conseguido ainda na

minha cidade, fui, corajosa e aventureira, buscar uma oportunidade de atuar na minha área de formação no Tocantins. A capital Palmas me acolheu com muito "calor". Assim que cheguei, levei meu currículo à Superintendência Regional de Palmas, onde reencontrei meu colega da Especialização. Fui muito bem recebida, conheci a superintendente e me coloquei à disposição. Foram cerca de vinte dias de espera até que o telefone finalmente tocou com a minha vaga.

Até isso acontecer, percorri Palmas entregando currículos em escolas particulares. Também estive em Miracema, Paraíso e Porto Nacional, deixando meu currículo nas Superintendências. Quando a vaga surgiu, era para Lajeado — regência em Matemática. Como minha formação em Biologia permite atuar também em Matemática no Ensino Fundamental, aceitei — mesmo incluindo turmas do Ensino Médio e da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Professores de Matemática sempre foram poucos diante da demanda de carga horária. Abracei o desafio com garra, coragem e esperança.

Fui conhecer a escola, me apresentei e logo já deixei um quarto alugado com a secretária da escola. Voltei a Palmas apenas para buscar minha mala. Estava empolgada com a oportunidade; sentia que era o caminho certo. Recebi os livros didáticos e mergulhei nos estudos e planejamentos. Tenho uma postura naturalmente otimista e, diante dos desafios, costumo acreditar na força dos meus propósitos.

Primeiros desafios e conquistas

Os desafios começaram junto com minha jornada, mas minha força de vontade era maior. Depois de assumir a vaga, soube que eu era a sexta professora a assumir aquela substituição em poucos meses. A professora titular estava afastada por perda auditiva e tirava dois meses de licença, depois mais dois — um ciclo que se

repetia ao longo do ano e atrasava o pagamento da substituição. Eu recebia praticamente duas vezes por ano: no final do primeiro semestre e no final do ano.

Aprimorei minhas habilidades de administração na prática; foi a época em que mais economizei. A cidade era pequena, eu morava perto da escola, saía pouco e havia pessoas muito boas ao meu redor. Eu estava feliz.

Na sala de aula, tudo era novo: conviver com as crianças, administrar o barulho, gerenciar comportamentos e, acima de tudo, aprender para ensinar. Sempre gostei de Matemática e era uma estudante de notas máximas, mas precisei revisitar conteúdos e aprender outros novos. Essa parte foi fácil; gostava de estudar. O mais difícil foi conquistar os estudantes. Sentia que eles não me queriam, e eu também vivia esse duelo de emoções.

Foram seis meses intensos de conquista, dúvida e incerteza. Nesse período, soube que meu irmão mais velho estava doente e morando com meus pais, o que me impactou, especialmente por meu pai ser depressivo.

Férias, reflexão e retorno transformado

As férias de julho chegaram e lembro-me da diretora me perguntar se eu retornaria. Havia ali uma desconfiança na minha capacidade de superação. Eu mesma sentia dificuldades, como se ainda não tivesse encontrado o fio da meada, mas havia muita vontade.

Respondi que veria primeiro como estavam os meus, para depois dar a resposta definitiva. No íntimo, eu já sabia que voltaria. Bastou colocar os pés no ônibus para minha cabeça desenhar mil cenários. Planejei aulas, projetos e metodologias durante as vinte e quatro horas de viagem.

Aproveitei muito minhas férias, visitei familiares e passei grande parte do tempo na casa dos meus pais, no sossego da roça — me recompondo. Minha família sempre me deixou livre, talvez por confiarem em mim. Nunca questionaram minhas escolhas e isso me traz paz.

Voltei para Lajeado sentindo que havia conquistado meu espaço. Ali vivi a liberdade de buscar mais conhecimento. Estudava de manhã, de tarde e de noite, todos os dias. O que mais eu poderia querer? Estava realizada!

Gestar II, projetos e encantamento pela Matemática

No segundo semestre, participei de dois programas importantes: o Gestar II e a especialização pela Fundação Cesgranrio. O Gestar II era uma formação continuada riquíssima, com apostilas, atividades e encontros presenciais. Eu amava esse programa. Ele me ajudou muito na minha atuação em sala de aula. Era a professora mais empolgada nos encontros, apresentando resultados com fascínio e entusiasmo.

Tenho saudades desse tempo. Com o Gestar II, trabalhei a Matemática voltada ao cotidiano: contas de energia, tabelas e gráficos no computador, medições pela cidade, cálculos de área e perímetro, gincanas e o Tangram. Passei a compreender que a Matemática podia ser viva, concreta, cheia de sentido. Os projetos desenvolvidos com os estudantes me encantavam. Eu estudava, criava, testava, ajustava e recomeçava.

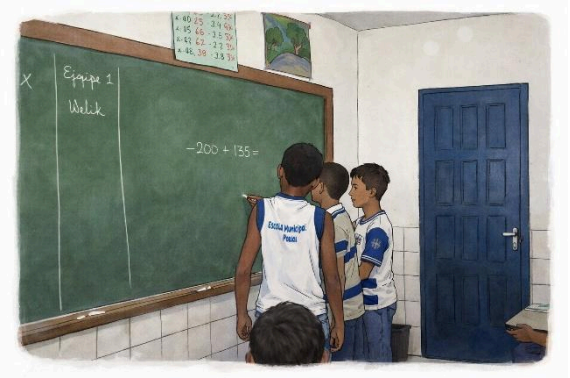


Figura 6: Participação dos estudantes na resolução de desafios no quadro

Figura 7: Aula campo — observando a geometria nas construções e coletando medidas

Figura 8: Aula campo — coletando medidas para cálculos de área e perímetro em sala de aula

Lembro-me de um evento científico em que fiquei com a turma da Educação de Jovens e Adultos (EJA) para organizarmos uma apresentação. Fizemos recortes de Tangram em papel cartão de várias cores, cortamos TNT colorido de um metro quadrado e fixamos no chão. Imprimimos figuras para serem montadas com as peças do Tangram. Eu me vesti de palhacinha e apresentava a atividade; os estudantes conduziam o processo. Cada participante pegava um Tangram com as peças recortadas, sorteava uma figura, sentava-se em um quadrado colorido e montava sua composição. Foi muito divertido.

O segundo programa que participei foi a Especialização em Avaliação Matemática pela Fundação Cesgranrio, também com encontros presenciais, apostilas e exercícios. Era mais voltada à Matemática pura, mas me saí bem. Gostei tanto que me matriculei na graduação em Matemática pela Fundação Universidade do Tocantins — UNITINS. Foi nesse período que percebi que a matemática me escolheu, e não o contrário.

Vida pessoal, diários e rotina intensa

A vida seguia como eu gostava: estudando. Comecei a escrever cartas para meus familiares e reflexões em diários. Era um exercício de conversa comigo mesma que me fazia muito bem. Os dias passavam e eu continuava a mesma pessoa: de poucos amigos, de pouca conversa. Muito exigente comigo mesma e metódica com minhas atividades. Meus diários de classe eram impecáveis; cumpria prazos à risca. Alguns colegas me chamavam de enigmática pelo meu jeito de ser. Eu apenas seguia meu jeito metódico.

Fiz aulas de Inglês aos sábados. Minha rotina era estudo, estudo e estudo. E eu me sentia realizada nessa "correria". Era uma rotina cheia, mas leve ao mesmo tempo.

Concurso, aprovação e transição

Quando anunciaram concurso para a educação em 2009, senti outro descompasso, como se a vida me testasse de novo: estava envolvida demais com a Matemática, mas minha formação acadêmica era Biologia. Fiz o concurso para Biologia em Lajeado, sem estudar especificamente para ele. Fui com a bagagem que tinha — e com a serenidade que sempre me acompanhou. Fiz as provas com a calma de quem não esperava muito, mas com a entrega e

dedicação de quem faria o melhor. Caprichei na prova escrita e mais ainda na redação.

O resultado veio: passei em primeiro lugar para Lajeado e em segundo lugar geral. Tirei nota máxima na redação — fruto dos meus diários de reflexões. Assumi o concurso em 2010, atuando na mesma escola, agora em Ciências e Biologia, afastando-me um pouco da Matemática — mas sem perder o vínculo com ela.

Criação de jogo, corrida de rua e vida em Lajeado

No final da graduação em Matemática, participei do Grupo de Pesquisa em Educação Matemática da UNITINS (GEPEMTINS), com a professora Arlenes Buzatto Delabary Spada.

Foi ali que nasceu o jogo de conceitos para ensinar Números Inteiros, um conteúdo que sempre considerei desafiador para os estudantes do 7º ano.

Na dissertação de mestrado da professora, participei da pesquisa sob o pseudônimo "Suzi", utilizado à época para preservar minha identidade. Hoje, ao revisitar essa experiência neste memorial, retomo-a em meu próprio nome, reconhecendo que aquele processo formativo fez parte de quem eu me tornava como professora e pesquisadora.

Minha ideia de representar a reta numérica por meio da Terra, do Sol e da Lua foi acolhida, aprimorada e incorporada na dissertação de mestrado da professora. O jogo recebeu o nome de "Varal Matemático" e foi testado na escola onde eu trabalhava, em Lajeado. A recepção dos estudantes foi maravilhosa.

Ao observar as atividades na prática, fiquei surpresa com a força que emergia quando os alunos tinham liberdade para expressar seu pensamento. Percebi o quanto, muitas vezes, subestimamos o conhecimento deles — talvez por hábito, talvez por

insegurança, talvez por tradição. Até vivenciar o "Varal Matemático", eu mesma não tinha dimensão do quanto meus alunos sabiam de Números Inteiros. Essa experiência me fez acreditar ainda mais nas atividades informais, que revelam o processo de aprendizagem de forma verdadeira.

Naquele período, escrevi uma avaliação sobre o uso do Varal Matemático com meus alunos do 7º ano. Fragmentos desse registro foram incorporados à dissertação da professora, sob o pseudônimo "Suzi". Hoje, ao revisitar essa experiência, recupero minhas próprias palavras, pois elas revelam o olhar que eu já lançava sobre a aprendizagem e sobre a necessidade de diversificar práticas e avaliações:

> "Hoje, como educadora de Matemática, vejo com clareza que a maior dificuldade dos meus alunos do 7º ano não está na Matemática em si, mas na leitura e na escrita. Eles sabem matemática — o desafio está em expressar esse saber de forma escrita e organizada. Isso me mostrou a urgência de diversificar a avaliação. Uma prova escrita não dá conta de revelar o conhecimento de todos. Precisamos de estratégias variadas, de métodos que acolham diferentes formas de aprender e de se expressar. Os jogos de regras, como aponta Piaget, são ferramentas poderosas para equilibrar o saber entre aqueles que sabem muito e aqueles que ainda enfrentam dificuldades. E é fantástico ver isso acontecer diante dos nossos olhos. A interação, o envolvimento, a liberdade, a valorização — tudo isso floresce quando o jogo entra em cena. Vi alunos tímidos, inseguros com lápis e papel, arriscarem palpites, experimentarem, se permitirem outra faceta do saber... com sabor.
>
> Tenho certeza de que essa experiência ficou registrada neles e será acionada quando a necessidade surgir. Está guardada no banco de dados interno que chamamos de "estratégias", associada para sempre aos números positivos e negativos, às relações simbólicas, às vivências significativas".

Participar do grupo de pesquisa foi um marco na minha trajetória. Ampliou meu olhar, fortaleceu minha prática e me mostrou que a Matemática pode — e deve — ser viva, sensível e profundamente humana. Nessa mesma época, comecei a correr. Na verdade, comecei com as caminhadas, mas, para agilizar o processo,

corria pequenos trechos, até que estava correndo o trajeto inteiro. Lembro da sensação gostosa de correr ao nascer do sol e ouvir o barulho dos meus pés no asfalto. Um barulho suave e contínuo que me levava para frente. Ao redor, a natureza, as serras, o verde. Minha cabeça relaxava nesses momentos.

Conheci o senhor Virgílio, educador físico que trabalhava na Secretaria de Esportes; ele promovia e incentivava corridas de rua. Participei de várias, inclusive da Meia Maratona de Palmas. Levamos estudantes para competições de corrida; eles sempre traziam prêmios. Foram momentos marcantes na minha trajetória.

Morei quatro anos em um quartinho simples e aconchegante. Depois, mudei para uma kitnet e ganhei dois cachorrinhos: Dorothy e Joe. Passeávamos pela cidade e pela orla do Rio Tocantins. Eram meus companheiros fiéis; eu os amei muito. Atuei seis anos na Escola Estadual Nossa Senhora da Providência em Lajeado, tudo com muita intensidade, dedicação, leveza, ousadia e coragem. Tenho muita gratidão por tudo que vivi ali.

Mestrado, mudanças e novos desafios

Em 2012, passei na seleção de mestrado em Ecologia de Ecótonos na Universidade Federal do Tocantins (UFT) no Campus de Porto Nacional, para onde me mudei no início de 2013. Trabalhava quarenta horas, mas pedi redução para estudar. De manhã, eu estudava na UFT. Ao meio-dia, subia na bicicleta e força nas pernas — até a Escola Carmênia Matos Maia, onde trabalhava à tarde.

Voltei para a Matemática do Ensino Fundamental e, com ela, reencontrei velhos desafios: a aceitação, a adaptação, o esforço silencioso de recomeçar. Não havia outra escolha. Então segui — com força, com fé, sem olhar para trás, sem apressar o tempo. Apenas um dia de cada vez.

Aprendi, com o tempo, a criar pequenos refúgios dentro de mim. Janelas que se abrem quando o mundo pesa demais. Na sala de aula, enquanto o ruído da tensão ecoava, eu buscava abrigo em lembranças boas, um instante leve, um plano para depois, um sonho que me esperava adiante. Era o meu jeito de suportar: desviar o olhar do que fere e mirar o que acalma.

Fiquei boa nisso, em abrir janelas invisíveis e respirar por elas. n Foi uma etapa importante, marcada por grandes desafios e superação — que me fortaleceram. Continuei acreditando na educação e me esforçando para fazer a diferença.

Em maio, concluí o estágio probatório e pedi licença por interesse particular. Consegui uma bolsa na faculdade e mergulhei no mestrado, entregando-me ao novo que se descortinava diante de mim, como se cada dia abrisse uma porta diferente.

Sempre achei o conhecimento mágico. Ele me conecta a uma energia maior, que chamo de Deus. Quanto mais aprendo, mais sinto que me aproximo do Criador. Para mim, conhecimento é oração.

Fiz o mestrado sendo quem sempre fui: solitária, organizada, metódica, dedicada. Foi uma fase intensa, produtiva, valiosa — um período em que cresci para dentro, em silêncio, mas profundamente.

Figura: Dissertação de mestrado encadernada em capa dura

Figura: Resultados da pesquisa — materialização de um sonho

Ao concluir o mestrado, em 2014, retornei ao trabalho como Coordenadora Pedagógica na Escola Brasil, a 30 quilômetros de Porto Nacional. Eram novos desafios — agora também na direção veicular. Quando o ano letivo terminou, pedi uma vaga para uma escola mais próxima de casa. Foi assim que me encaminharam para a Escola Família Agrícola (EFA). Eu não a conhecia. Fui até lá, carta de apresentação em mãos — e, ao atravessar o mata-burro, senti algo familiar, quase ancestral. Era uma fazenda-escola. Bichos, plantas, terra viva, cheiro de mato. Um cenário que me devolvia à infância, às raízes que nunca deixaram de pulsar em mim.

Fiquei encantada. Era como se Deus tivesse me conduzido, mais uma vez, para um lugar que conversava com a minha origem. Comecei ali em 2015, de volta à Matemática e às disciplinas do curso técnico.

A escola funciona em alternância: uma semana inteira com os estudantes, outra semana eles retornavam às comunidades. Atende jovens da zona rural, e cada um carrega no olhar a força da terra. Apaixonei-me pelo modelo, pela metodologia, pela intensidade das vivências. Aprendi muito — como profissional e como pessoa.

Em 2015, fui professora regente. Em 2016, coordenei os cursos técnicos. Em 2017, participei do processo para gestão; era a única candidata, fui eleita e cumpri o mandato até 2018.

A escola era feita de partilha, convivência, presença. Eu me sentia feliz, mas também profundamente exausta. A gestão me cobrava mais do que eu podia dar. A sensação era sempre a de ficar devendo, de não alcançar o que esperavam de mim. Foi um período pesado, marcado também pela perda inesperada do meu pai, no final de 2017. Fui muito acolhida pela equipe e guardo uma gratidão imensa por isso.

Continuei em 2018, mas já desejando que o ciclo se encerrasse. No fim daquele ano, decidi parar. Voltar às minhas origens. Minha

mãe estava muito só, e eu senti que era hora de ficar ao lado dela. Pedi licença por interesse particular e deixei que a vida me conduzisse de volta ao lugar de onde tudo começou.

Novas mudanças e retorno às origens

Voltei para a roça, para a rotina simples, para o silêncio. Foi um tempo de cura. Foi uma decisão sábia. Meus cachorros, companheiros fiéis, atentos, presentes foram comigo, agora já eram três: Dorothy, Joe e Maria. Eles pareciam entender meu cansaço, meu retorno, meu reencontro comigo mesma.

Aqueles dias me devolveram algo que eu nem sabia que tinha perdido. Revivi minha infância de um jeito único — voltei para o ritmo lento da terra, para o cuidado com plantas e animais, para o tempo que não exige pressa. Ali, entre o barulho e o silêncio das quatro estações, reencontrei minhas origens. Observei o ciclo da vida com atenção, a abundância que brota sem esforço, o cuidado de Deus em cada detalhe.

Mas a falta de renda me chamou de volta. Não dava para viver para sempre sob o cuidado da minha mãe. Procurei emprego nas escolas da região, mas não havia vagas para minha formação. Foi então que iniciei o curso de Pedagogia a distância pela Universidade Santo Amaro (UNISA). Coloquei internet na fazenda e segui estudando dali mesmo, entre o canto dos pássaros e o cheiro da terra molhada.

Nesse intervalo, veio a pandemia. Eu precisava me cuidar para cuidar da minha mãe. Nossa exposição era mínima. Sabíamos da importância do cuidado redobrado naquele momento. Meus irmãos da cidade vinham quando podiam e mantinham todos os cuidados e restrições. Mas a vida não espera. Ela é urgente às vezes — muitas vezes.

Pandemia, mais mudanças e retorno ao Tocantins

A pandemia não foi um processo fácil, mas se tornou mais leve porque eu estava "refugiada" exatamente onde precisava estar: na roça, perto da minha mãe, cercada pelo silêncio que cura. Ainda durante a pandemia, quando a vacinação começou para os grupos prioritários, precisei me mudar para a cidade. A vida chamava por movimento, por sustento, por escolhas práticas. Dorothy já não estava mais conosco. Foi uma partida muito doída e até hoje sinto sua falta. Seguimos eu, Joe e Maria, para a cidade.

Consegui um emprego em um laticínio e comecei a trabalhar — agora um pouco mais longe de mamãe, longe do ritmo sereno da roça que ainda ecoava dentro de mim. Foi ali que conheci um rapaz charmoso, desses encontros que acontecem sem aviso. Trocamos ideias, olhares, pequenas afinidades. Meu salário mal cobria o aluguel. Continuava dependente dos outros, e isso pesava. Não era sustentável, nem justo comigo mesma.

Trabalhei seis meses no laticínio até perceber que minha situação financeira havia chegado ao limite. Joe também nos deixou numa tarde ensolarada de setembro. Foi muito difícil seguir sem meus companheiros Dorothy e Joe, mas Maria seguia firme comigo. Para não a deixar sozinha, adotei Ana Bela, outra cadelinha para nos fazer companhia. No início, a timidez diante do desconhecido. Logo se tornaram tão amigas que era impossível pensar em uma sem que a outra estivesse junto.

Decidi voltar para o Tocantins. Não voltei sozinha. Além das minhas duas cadelas (Maria e Ana) e de um punhado de coisas que couberam no meu carro preto, trouxe também o rapaz — tão solitário quanto eu. Retornei ao trabalho em abril de 2021, ainda em tempos de pandemia. O trabalho era remoto, e voltei para a Escola Família Agrícola, agora como Coordenadora Pedagógica.

Casei-me em 2021 e permaneci na escola até o final de 2022, quando pedi remoção para uma escola mais central na zona urbana de Porto Nacional. Minha cachorrinha Ana Bela se perdeu na orla do lago em Porto Nacional, foi outro momento difícil. Para que Maria não ficasse só, adotei três irmãs pequenas e seguimos todas juntas essa jornada de aventuras e descobertas, agora: Maria, Shakira; Shitara e Shenna — minhas doces companheiras.

Em 2023, iniciei minhas atividades na Escola Estadual Irmã Aspásia, com quarenta horas em sala de aula, do sexto ano à terceira série do Ensino Médio. Foi ali que encontrei, pela primeira vez na minha trajetória, estudantes neurodivergentes. Eu estava motivada, cheia de ideias, com projetos novos e um entusiasmo que parecia renascer depois de tanto tempo longe da sala de aula. Vivi intensamente o ano de 2023. Mesmo quando o interesse dos estudantes diminuía, meu entusiasmo permanecia firme. É assim que sou!

Mas algo me atravessou profundamente: eu não soube lidar com os estudantes neurodivergentes. Foram poucas as aulas em que consegui incluí-los de verdade. Senti frustração — e percebi que não era só minha. A maioria dos professores também se sentia despreparada. Foi um espelho difícil, mas necessário. Um ponto da minha trajetória que ainda pulsa, pedindo reflexão, estudo, cuidado.

Sentia que as atividades práticas, além de despertarem maior interesse em toda a turma, tinham o poder de incluir e revelar habilidades — como no trabalho de montagem das células utilizando massinhas de modelar. Essa experiência marcou minha prática. Sempre que possível, inseria propostas práticas nos conteúdos, também com o objetivo de promover inclusão.

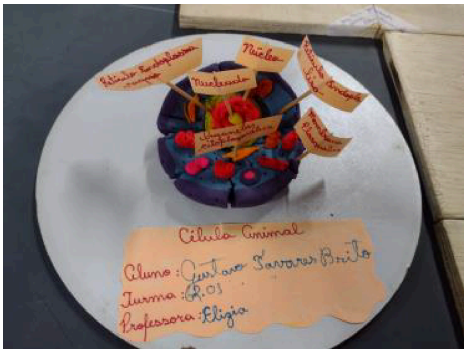


Figura 16: Atividade prática inclusiva com a turma de 6º ano (montagem da célula animal e vegetal com massinhas de modelar)

Figura 17: Trabalho muito caprichado de um estudante neurodivergente (TEA)

Outro momento significativo foi a observação do ciclo de vida do Aedes aegypti e sua visualização ao microscópio, seguida da reprodução do desenho no caderno. Ali, novamente, pude perceber envolvimento, aprendizagem e, sobretudo, inclusão.

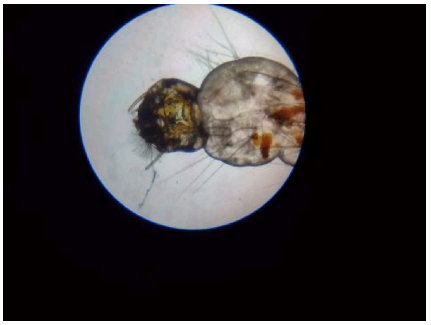


Figura 18: Atividade prática inclusiva com a turma de 6º ano com utilização do microscópio

Figura 19: Observação da larva do mosquito *Aedes aegypti*

Figura 20: Observação da organização do corpo da larva do mosquito *Aedes aegypti*

Outras atividades práticas também foram desenvolvidas com o mesmo propósito e, embora demandassem tempo, preparo e dedicação, tinham a capacidade de nos devolver a satisfação pelo envolvimento da turma e pela aprendizagem que emergia desses momentos.

Descobertas pessoais, saúde e diagnóstico

Aos poucos, sinais antigos começaram a ganhar nitidez. Percebi semelhanças entre meu jeito de ser e o comportamento de muitos estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Essa identificação me assustava e me alertava — como se algo dentro de mim pedisse para ser visto. Ao mesmo tempo, minha convivência com meu parceiro já não fluía bem. Sentia saudade de mim mesma — da minha organização, dos meus métodos, da minha rotina silenciosa. Não era falta de afeto, era falta de mim.

Em uma consulta no posto de saúde, compartilhei minha tristeza e insatisfação com a médica. Ela me encaminhou para um psiquiatra para melhor avaliação. Na consulta, relatei minhas angústias, meus incômodos, minhas dúvidas. Ele suspeitou de TEA e solicitou uma Avaliação Neuropsicológica. Isso foi em 2023 — um ano em que me senti emocionalmente exausta, dividida entre a intensidade da sala de aula e o conflito interno de ver meu "eu solitário" se quebrar sem ter onde se recompor. Sem plano de saúde, entrei na fila de espera para atendimento no Serviço de Psicologia (SEPSI) da Universidade Luterana de Palmas (ULBRA).

Enquanto isso, meu corpo também falava. O barulho natural das salas de aula me provocava dores de cabeça e um zumbido constante no ouvido esquerdo, onde eu já tinha perda auditiva. Fiz

novos exames: a perda havia avançado, e recebi indicação de aparelho auditivo.

Em 2024, assumi a Coordenação da Área de Ciências da Natureza. Com menos tempo em sala, os sintomas diminuíram — mas eu me sentia deslocada. Não conseguia me enturmar. Preferia o silêncio, a reclusão. Ainda assim, seguia envolvida com a educação, criando projetos, movida por essa energia de vida que sempre me acompanhou. Dois momentos marcaram aquele ano: a Gincana Sustentável do Dia do Meio Ambiente e a criação de um Viveiro de Mudas. Sempre me realizei nesses projetos — ver o impacto deles no aprendizado dos estudantes é algo que me alimenta. Mas, ao mesmo tempo, sentia que meu jeito quieto era mal interpretado.

Como eu não me enturmava, parecia antipatia, desinteresse, até falta de profissionalismo. Em 2025, fui lotada novamente com 40 horas em sala de aula. Eu gostava da sala, mas minha saúde mental e física já não era a mesma. Logo vieram as consequências: dores de cabeça, zumbido intenso, exaustão. Foi no mesmo período em que me separei do meu companheiro. Consegui cumprir o primeiro bimestre com dificuldade. Voltei ao especialista, que sugeriu afastamento. Levei o laudo ao meu superior, explicando a necessidade de reduzir a exposição ao ruído. Não queria me afastar totalmente — pedi outra função.

Fui removida para o Colégio Estadual Angélica Ribeiro Aranha, para atuar como secretária. Ali me senti bem, produtiva, acolhida. O zumbido diminuiu, as dores desapareceram. Em 2025 também busquei uma Especialização em Educação Especial e Inclusiva.

A inquietação que a experiência com estudantes neurodivergentes havia despertado em mim pedia respostas. Fiz a Especialização pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER) e me encantei com as conexões entre o que eu já sabia e o novo que se revelava. Foram muitas leituras, atividades, descobertas.

Como a fila da ULBRA demorava, decidi fazer a Avaliação Neuropsicológica com recurso próprio. Iniciei as sessões em maio de 2025.

Em meados de 2025, vi o anúncio da Especialização da UFT em TEA, TDAH e Altas Habilidades e Superdotação em parceria com a Secretaria da Educação do Estado (SEDUC). Fiquei imediatamente animada — afinal, eu já vinha estudando sobre o tema, e era justamente isso que me inquietava naquele momento. Entrei no processo seletivo e fiquei na fila de espera. Meu nome não ficou entre os classificados da primeira lista publicada. Talvez por insistência, talvez por intuição, fui ao primeiro encontro como ouvinte. Para minha surpresa, haviam publicado uma nova lista — e meu nome estava lá. Eu estava matriculada. Iniciamos o curso em julho de 2025.

Em setembro, saiu meu laudo neuropsicológico e psiquiátrico, confirmando o diagnóstico de TEA e indicando terapias e aprofundamento teórico, o que eu já estava fazendo através dos cursos. Embora a suspeita já existisse, o laudo foi a peça que faltava para que meu quebra-cabeças finalmente fizesse sentido. A partir dele, consegui me compreender melhor — e minha luta passou a ter ainda mais propósito.

Hoje: sentido e propósito

Houve uma mudança de percurso na minha formação, provocada pela inquietação que vivi em sala de aula diante do desafio de incluir todas as crianças no processo de ensino e aprendizagem.

Essa inquietação ganhou ainda mais força quando percebi o quanto os estudantes neurodivergentes são negligenciados em suas especificidades. Passei a buscar respostas: como essas crianças aprendem, como potencializar o que já possuem, como despertar

habilidades ainda adormecidas. Além disso, meu diagnóstico também fortaleceu minha busca.

Hoje me sinto plena, me completando a cada dia nessa construção infinita que é o ser humano. O diagnóstico de TEA não me define, mas alivia o peso de ser diferente. Ele não me livra do preconceito, mas me mostra a beleza de ser quem sou — e eu amo quem sou!

REFLEXÃO FINAL

Quando olho para a Figura 1, anexada no texto, vejo mais do que uma menina segurando um cachorro. Vejo uma criança que já carregava, sem saber, a delicadeza e a força que moldariam toda a sua vida. O vestido de retalhos, feito de muitas partes, parece hoje uma metáfora perfeita: cada pedaço costurado ali antecipa as peças que, ao longo dos anos, eu reuniria para me entender, me construir e me reconhecer.

Vejo também o silêncio. Um silêncio que não era vazio, mas abrigo. A menina da foto não precisava de plateia, nem de barulho, nem de muitos ao redor. Ela se bastava. Havia um mundo inteiro dentro dela — um mundo que ninguém via, mas que sempre esteve ali, pulsando, organizado, sensível, atento.

O cachorro nos braços revela outra parte de mim: a conexão profunda com os animais, com o cuidado, com aquilo que não exige palavras para existir. É um gesto simples, mas cheio de verdade. Ali, naquele instante congelado, já havia traços da mulher que eu me tornaria: afetuosa, observadora, reservada, capaz de amar com intensidade silenciosa.

A luz que atravessa a cena, mesmo discreta, ilumina algo que só hoje consigo nomear: eu sempre fui assim. Sempre fui essa mistura de doçura e firmeza, de introspecção e coragem, de simplicidade e

profundidade. A foto não revela um traço autista — revela uma essência. Uma forma de estar no mundo que só mais tarde ganharia sentido, nome, compreensão.

Hoje, ao revisitar essa imagem, não vejo apenas uma lembrança. Vejo uma origem. Vejo a primeira peça do meu quebra-cabeças.

Ao ingressar na Especialização em TEA, TDAH e Altas Habilidades e Superdotação, eu estava em busca de compreensão — não apenas teórica, mas humana. Buscava respostas para inquietações que nasceram na sala de aula, diante de estudantes que me desafiaram a olhar para além do currículo, para além das metodologias tradicionais, para além do que eu acreditava saber. Entrei neste curso movida pelo desejo de entender como esses estudantes aprendem, como se relacionam com o mundo, como constroem sentido. Mas, acima de tudo, entrei movida pela necessidade de me tornar uma educadora mais sensível, mais preparada e mais justa. E, agora, percebo que buscava respostas também para mim mesma.

A Especialização em TEA, TDAH e Altas Habilidades e Superdotação representou um marco importante no meu percurso formativo. Cada disciplina, cada leitura e cada diálogo ampliaram meu olhar sobre a diversidade humana e sobre o papel ético e sensível do professor diante das singularidades dos estudantes. Foi um processo que não apenas aprofundou conhecimentos, mas também ressignificou práticas, despertando em mim novas perguntas, novas inquietações e um compromisso ainda mais consciente com a inclusão.

Penso em aprimorar meus conhecimentos transformando teoria em prática: aplicando estratégias inclusivas, ampliando meu repertório pedagógico, fortalecendo minha escuta e desenvolvendo intervenções que respeitem as singularidades de cada estudante.

Este curso tem sido, para mim, uma oportunidade de reorganizar minha prática, ressignificar minhas experiências e construir um olhar mais amplo sobre a neurodiversidade. Ele me oferece ferramentas para compreender não apenas meus alunos, mas também a mim mesma — minha trajetória, meu diagnóstico, minhas formas de ser e de aprender.

Sigo neste caminho porque acredito que a educação inclusiva não é um campo de estudo, mas um compromisso ético. E é isso que busco aqui: conhecimento que transforme vidas — inclusive a minha.

VISÃO DE FUTURO

Concluí a Especialização em Educação Especial e Inclusiva pela UNINTER e, agora, estou finalizando a Especialização em TEA, TDAH e Altas Habilidades e Superdotação pela UFT.

Estou com uma pesquisa, em parceria com a UFT, autorizada pela Secretaria de Educação do Estado (SEDUC), cujo objetivo é analisar como a formação inicial e continuada dos professores da rede estadual do Tocantins se articula com suas práticas pedagógicas e com a materialização das políticas públicas de educação especial na perspectiva inclusiva. Essa compreensão é essencial para orientar a formação inicial e continuada dos docentes e para fortalecer as políticas públicas voltadas a esse público tão frequentemente esquecido.

Essa pesquisa foi pensada e elaborada com muito cuidado e carinho, porque acredito que ela trará respostas importantes para a Educação Especial e Inclusiva no nosso Estado. Hoje, meu tema de estudo, de aprofundamento e de interesse é justamente esse: a Educação Especial e Inclusiva. Nunca imaginei que seguiria por esse caminho. Não foi algo planejado — foi algo que se revelou. As peças foram se encaixando, trazendo sentido para minha vivência e para

minha existência. Pretendo seguir nessa linha de pesquisa para o Doutorado e continuar fazendo diferença por onde eu passar.

Quando olho para o futuro, vejo um caminho que continua sendo construído com propósito, estudo e sensibilidade. Quero seguir aprofundando minha pesquisa em Educação Especial e Inclusiva, avançar para o Doutorado e contribuir para que a escola seja, de fato, um espaço onde todas as crianças possam aprender e existir com dignidade.

Desejo me tornar uma profissional cada vez mais consciente das singularidades humanas, capaz de transformar inquietações em ações e desafios em oportunidades de crescimento.

A mim mesma, deixo algumas lições:

- que eu nunca perca a coragem de aprender.
- que eu continue honrando minha história, inclusive as partes difíceis.
- que eu lembre que o diagnóstico não limita meu caminho – ele ilumina.
- que eu siga acreditando na potência da educação como ferramenta de equidade.
- que eu permaneça fiel à beleza de ser quem sou.

O futuro que desejo é aquele em que eu sigo fazendo diferença por onde passo, construindo pontes, abrindo caminhos e acolhendo vidas, inclusive a minha. Que eu nunca esqueça: estou em constante construção, e isso é o que torna a jornada tão profundamente humana.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. Ostra feliz não faz pérola: jabuticabas, amor e outras crônicas. Campinas: Papirus, 2012.

AMARAL, Lígia Assumpção. Autismo: uma leitura psicanalítica. São Paulo: Escuta, 2016.

BOSA, Cleonice Alves. Autismo: intervenções psicoeducacionais. Revista Brasileira de Psiquiatria, São Paulo, v. 28, supl. 1, p. 47–53, 2006.

GARCIA, Rosalba Maria Cardoso. Políticas de educação especial no Brasil: avanços, tensões e desafios. Campinas: Autores Associados, 2021.

SARAMAGO, José. O conto da ilha desconhecida. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

Capítulo 14

FLOR DO CAJUEIRO, CAPIM DOURADO

Flávia Lustosa De Alencar

RESUMO

Esta autobiografia constitui o produto central do meu Trabalho de Conclusão de Curso da Especialização Lato Sensu em TEA, TDAH e Altas Habilidades/Superdotação, pelo Centro de Formação em Educação, Saúde e Lazer (CEPELS) da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Ancorada na tradição das narrativas de formação e na abordagem (auto)biográfica em Educação, conforme os referenciais de Josso (2004) e Delory-Momberger (2008), narro e analiso criticamente minha trajetória de vida e de formação profissional, buscando compreender os processos que constituíram minha identidade docente no campo da educação especial e inclusiva. Minha narrativa tem início em Santa Filomena, no Piauí, onde nasci como a caçula de oito irmãos, em um ambiente marcado pelo afeto familiar, pela valorização da educação e pela cultura do sertão nordestino. A travessia geográfica e existencial que se seguiu de Santa Filomena a Teresina, do Piauí ao Pará e, finalmente, a Palmas, Tocantins constitui o fio condutor desta obra, articulando experiências de deslocamento, luto, maternidade solo e engajamento progressivo com a educação inclusiva. Compreendo a memória não como arquivo passivo do vivido, mas como instrumento ativo de ressignificação e produção de conhecimento. A escrita de mim mesma revela como minhas experiências pessoais e profissionais a atuação na APAE, nas escolas da rede estadual do Tocantins, no Núcleo de Altas Habilidades/Superdotação (NAAH/S) e na Superintendência de Educação Inclusiva da SEMED Palmas entrelaçam-se na construção de uma prática pedagógica comprometida com a equidade e a visibilidade dos talentos invisíveis. A obra inclui ainda um pré-projeto de pesquisa voltado à investigação das políticas públicas de identificação e atendimento de estudantes com Altas Habilidades/Superdotação nas redes públicas do Tocantins, projetando o horizonte do doutorado como continuação natural de uma trajetória entregue ao saber e à transformação. Afirmo que minha experiência vivida possui validade epistemológica e contribuição original para o campo da formação docente em educação especial, convicta de que narrar a própria história é, também, um ato político e um compromisso ético com a educação pública brasileira.

Palavras-chave: Autobiografia. Educação especial. Altas habilidades/superdotação. Formação docente.

INTRODUÇÃO

A presente autobiografia constitui o produto central deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), elaborado como exigência parcial para obtenção do grau de em Especialista em TEA, TDAH e Altas Habilidades/ Superdotação pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). O gênero autobiográfico, enquanto modalidade de pesquisa qualitativa, ancora-se na tradição das narrativas de formação, reconhecida por autores como Marie-Christine Josso (2004) e António Nóvoa (1992) como método legítimo de investigação da constituição do sujeito docente. Segundo Josso (2004, p. 19), narrar a própria história de formação é aprender a reconhecer os momentos decisivos que nos constituíram como educadores.

Nessa perspectiva, cada capítulo desta obra não é apenas um relato memorialístico, mas um exercício de reflexão crítica sobre os processos que forjaram minha identidade profissional e minha visão de mundo. A memória, aqui, é compreendida não como arquivo passivo do vivido, mas como instrumento ativo de ressignificação e produção de conhecimento. Os princípios que orientam esta narrativa filiam-se à abordagem (auto)biográfica em Educação, conforme sistematizada por Delory-Momberger (2008), e ao conceito de "narrativa de si" como prática emancipatória, desenvolvido no âmbito das pesquisas sobre formação docente e subjetividade.

A escrita autobiográfica, neste contexto, constitui-se em um ato político: o de afirmar que a experiência vivida marcada pela travessia geográfica, pelo luto, pela maternidade solo e pelo engajamento com a educação inclusiva possui validade epistemológica e contribuição original para o campo da educação especial. Essa narrativa está organizada em capítulos que percorrem, cronológica e tematicamente, os territórios geográficos, afetivos e profissionais que constituíram minha identidade docente ao longo dessa travessia.

A RAIZ E A FORJA DO AFETO

Santa Filomena · Piauí · Infância

Minha história é tecida sob o sol intenso do Piauí, na pequena cidade de Santa Filomena. Sou a caçula, a última dos oito filhos que compunham a prole de meus pais e trago na memória a doçura intransferível daquele chão. O cheiro da terra molhada após a chuva e o sabor da cajuína feita em família são âncoras sensoriais que me prendem a uma infância forjada entre roças de cajueiros e fazendas, cenários oníricos dos quintais dos meus avôs. Mas o meu primeiro universo era o quintal de casa: um espaço de segurança e alegria criado sob as sombras generosas das mangueiras, onde a vida pulsava e transbordava.

Naquele quintal, minha mãe, mesmo com a prole numerosa, acolhia toda a vizinhança, exercendo uma forma instintiva e poderosa de nos proteger do mundo. Fui moldada nas brincadeiras de faz de conta, na euforia dos jogos de queimada e vôlei, misturando irmãos, amigos, primos, tios e, por vezes, meu próprio pai. Esse mosaico de relações, essa rede de afeto tecida coletivamente, é a verdadeira fonte da minha resiliência.

A "Flor do Cajueiro" não é apenas a lembrança da raiz que me nutre; é a fibra do ser que foi nutrida por risos e proteção o conjunto de lembranças que me sustenta até hoje. A cada domingo, a casa se preenchia com uma outra dimensão de amparo: o cheiro acolhedor da rosca salgada, o toque da toalha felpuda após o banho, rituais que se seguiram à missa dominical. Era ali, no colo materno, naquele cheiro de maternidade que não tem nome, que nascia minha afetividade mais profunda. Em contraponto, a formação do meu caráter vinha do meu pai, um homem de toque firme, fruto da rigidez de sua própria criação que nos ensinava os passos a serem seguidos. Seu maior incentivo era sutil e poderoso: as enciclopédias que ele

trazia para casa, uma aposta silenciosa no estudo como caminho e na certeza de que o saber seria a nossa verdadeira liberdade.

Minha formação pessoal começou, formalmente, no Jardim de Infância, com a querida Tia Zi, minha primeira professora, em um ambiente encantado de cadeiras amadeiradas e uma boneca na parede que se mexia quando se puxava a corda. Do jardim ao Ensino Fundamental, frequentei o Educandário São José, reconhecida como a melhor escola da cidade, comandada pela Madre Elizabeth: uma mulher que havia cruzado o Atlântico fugindo do nazismo alemão para prestar serviço voluntário no sertão piauiense. Sua história de exílio e resistência incutiu em nós, desde cedo, o valor da liberdade e o poder transformador da educação. Carrego esse legado: a certeza de que educar é o nosso ato político mais potente.

A ADOLESCÊNCIA E O PRIMEIRO EXÍLIO

Teresina · Colégio Objetivo · Resiliência Forjada

Os anos da adolescência vieram acompanhados de uma responsabilidade silenciosa: a de ser a filha obediente, o espelho do afeto recebido de minha mãe. Meu porto seguro em Santa Filomena me havia preparado para o mundo, mas também me incutiu o imperativo de corresponder às expectativas. No Piauí, crescemos com a crença inegociável de que, através da educação, tudo se transforma. Foi com essa fé e com o sacrifício de meus pais que, aos quatorze anos, embarquei para Teresina, a capital do estado.

Deixei o quintal das mangueiras e os braços dos meus pais para morar na casa de uma tia, com o objetivo de ter acesso ao ensino de qualidade no Colégio Objetivo.O que se seguiu foi meu primeiro exílio. A saudade de casa era uma dor física, e a adaptação revelou-se um desafio multifacetado. O ensino na capital era mais

complexo; a rotina na casa da tia, rígida. Mas o que mais doía não era o cansaço físico, e sim o sofrimento invisível. Fui vítima de bullying tanto na escola quanto dentro da própria casa, por parte de um primo que lançava comentários depreciadores sobre o interior, como se a nossa origem fosse sinônimo de ignorância. Não contei a ninguém. A dor era calada, mas a vontade de vencer, nutrida pelo investimento e pelo apoio incondicional dos meus pais, era maior que toda a dificuldade. Pouco tempo depois, minha irmã Valéria veio de Goiânia para morar conosco, e juntas encontramos uma nova morada, um apartamento cedido por outra tia onde vivemos dias mais tranquilos.

Meu irmão Caio também estudava na capital, no Colégio Agrícola, e passava os finais de semana conosco. Nesses encontros, forjamos um vínculo que perdura até hoje: éramos ingênuos em muitos aspectos, mas seguíamos em frente, aprendendo a habitar uma cidade de quase um milhão de habitantes depois de uma infância em uma cidade de seis mil. Ao final dessa travessia de amadurecimento, os três caçulas da família passaram no vestibular da Universidade Federal do Piauí (UFPI), na Capital Teresina, eu em Pedagogia, minha irmã em Serviço Social, e meu irmão em Medicina Veterinária.

A Pedagogia me encantou e surpreendeu. Lembro com carinho da disciplina de Epistemologia com a professora Edna, da Antropologia apaixonante com o professor William, da Legislação Educacional com a professora Rosana e da Psicologia da Educação com a professora Socorro. Era tímida e ficava vermelha ao falar em público, mas os seminários me forjaram. Apaixonei-me pelo curso e pelo processo de ensinar e aprender da sala de aula.

A TRAVESSIA: DO SERTÃO AO CERRADO

Piauí → Pará → Tocantins · O Vir a Ser

A vida, em sua dialética de movimento, é uma travessia contínua que nos exige cruzar o horizonte. A semente plantada na fartura afetiva do Piauí precisava florescer em um novo solo. O destino ou talvez a ousada busca pelo vir a ser, como defende Josso (2004) levou-me a empreender a jornada para o Tocantins. Antes disso, porém, passei por Belém do Pará, onde o desejo de estabilidade me impulsionou a prestar os primeiros concursos públicos.

Passei para a técnica em Educação da Seduc-PA , mas foi o Tocantins, contudo, que eu escolhi. Em 2008, desembarquei em Palmas carregando, em malas prontas, o sonho audacioso de transformar minha própria existência. A cidade jovem fundada em 1989, capital do estado mais novo do Brasil tinha algo de promessa não cumprida, de horizonte aberto, que ressoava com minha própria condição de migrante em busca de pertencimento. Inicialmente, atuei na esfera administrativa em uma empresa familiar que prestava serviços ao Banco do Brasil.

No entanto, o cotidiano burocrático logo revelou um descompasso com minha essência: as manhãs eram dedicadas aos números, enquanto as tardes eram preenchidas pelo brilho dos olhos das crianças em escola particular de educação infantil. Não demorou para que a vocação falasse mais alto. Abandonei os números para me dedicar inteiramente ao humano. Dois anos de contratos em escolas particulares foram verdadeiros laboratórios sociais, permitindo-me compreender as nuances da realidade educacional tocantinense.

A colheita do esforço não tardou: vi-me diante de um dilema privilegiado a aprovação simultânea em concursos no Pará e no Tocantins. Entre a regionalidade paraense e a promessa do novo cerrado, Palmas já havia me conquistado. Escolher o Tocantins foi uma decisão estratégica e afetiva; era o solo que me permitia

florescer profissionalmente sem me distanciar das raízes do meu querido Piauí. A Flor do Cajueiro, nutrida pela sombra da mangueira e pela cajuína, havia encontrado o Capim Dourado. Este não é apenas um adorno local; é o símbolo de um novo começo, de um brilho que nasce no solo árido e se irradia pelo Jalapão. Como o capim dourado, aprendi que a beleza e a força podem emergir exatamente de onde ninguém espera do árido, do adverso, do distante dos grandes centros.

O CHAMADO DA DOCÊNCIA EM PALMAS

Escola · APAE · A Professora Maluquinha do Cerrado

Em junho de 2010, ocorreu o marco decisivo em minha história: a transição para a docência efetiva na rede estadual do Tocantins. Esse momento representou minha verdadeira emancipação intelectual e profissional. Deixei de ser uma professora silenciada que se moldava às expectativas institucionais sem questionar , para me tornar uma agente ativa, convicta de que a educação possui uma função social transformadora, conforme preconizado pela sociologia de Durkheim e aprofundado por Freire (1996).

Minha atuação na Escola Maria dos Reis, no Setor Taquari, foi um marco divisor. Em uma instituição que acolhia quase três mil estudantes e funcionava como o coração pulsante de sua região, compreendi que a escola não é apenas um espaço de transmissão de conteúdos, mas o centro vital de uma comunidade inteira. Na Escola João Paulo II, na Região Norte de Palmas, exerci o estilo que passei a chamar de "professora maluquinha": sempre propondo novidades, desafiando os estudantes com metodologias lúdicas e criativas, semelhante à professora literária de Ziraldo (1995).

Minha grande paixão consolidou-se na alfabetização do 1º ao 3º ano , período em que busquei semear em cada criança o desejo pelo conhecimento e pela descoberta. O divisor de águas definitivo para minha especialização foi a experiência de seis anos na APAE, atuando na estimulação precoce com crianças de 0 a 5 anos. No cotidiano daquela sala de atendimento, pude validar empiricamente a eficácia da estimulação mediada: observei estudantes desenvolverem habilidades comunicativas em velocidade surpreendente, e crianças com quadros sensoriais comprometidos passaram a responder a estímulos luminosos e texturas, demonstrando ganhos significativos de foco e interação.

Conforme Vygotsky (1997), a mediação pedagógica intencional é o fator determinante para a ampliação da zona de desenvolvimento proximal e ali eu era testemunha viva dessa teoria. Essa vivência prática fundamentou minha especialização em Educação Especial e orienta hoje minha atuação na SEDUC-TO, na Diretoria de Educação Inclusiva, especificamente no Núcleo de Altas Habilidades/ Superdotação (NAAH/S), e na SEMED Palmas, na Superintendência de Educação Inclusiva. Acredito piamente que a efetivação da inclusão exige o reconhecimento das Altas Habilidades/Superdotação como parte integrante da diversidade humana e que nenhum talento pode ser desperdiçado por falta de um olhar docente atento e formado.

A PEQUENA FLOR DE CAJUÍNA

Maternidade · 2013 · Laura

Em 2013, tive a honra de me tornar mãe , uma experiência que transformou profundamente minha vida e minha identidade. Aos 33 anos, engravidei de forma inesperada. Em junho daquele ano, nasceu a melhor parte de mim: Laura, minha filha, minha razão de ser e o

maior desafio amoroso que já enfrentei. A maternidade me ensinou as dimensões da resiliência que nenhum livro poderia alcançar. Criar Laura sozinha conciliando os papéis de mãe, professora e pesquisadora foi um exercício cotidiano de reinvenção. Não havia manuais, não havia receitas prontas. Havia apenas o amor imenso e a determinação de que ela teria tudo aquilo que eu pudesse oferecer: presença, afeto, estímulo e o exemplo de uma mulher que não desiste. A maternidade também transformou meu olhar pedagógico. Passei a compreender, de dentro, o que significa acompanhar o desenvolvimento de uma criança com atenção amorosa, a mesma atenção que procuro oferecer a cada estudante que cruza meu caminho. Laura me ensinou que toda criança carrega dentro de si um potencial que espera apenas ser visto, nomeado e cultivado. Esse ensinamento tornou-se a pedra angular da minha atuação com estudantes com deficiência, transtornos ou altas Habilidades/ Superdotação identificar o que cada criança tem de singular e criar as condições para que esse potencial floresça.

O ALICERCE DO AFETO E A RESSIGNIFICAÇÃO DO LUTO

Saudade · Mestrado · Propósito

Minha trajetória não se inicia nos livros, mas no seio de uma família que sempre foi meu maior tesouro, o lugar onde fui forjada sob a base de um afeto profundo e estruturante. Hoje, vivendo na complexidade da cidade grande e geograficamente distante do Piauí, busco nas amizades e nos laços fraternos com meus irmãos, sobrinhos e cunhados o prolongamento desse acolhimento que me constitui. No entanto, é na ausência física de meu pai e de minha mãe que encontro minha maior saudade e, paradoxalmente, minha maior força. Após a partida de minha mãe, mergulhei nos livros não apenas como exercício intelectual, mas como forma de honrar sua existência

e manter vivo o diálogo que o silêncio da morte tentou interromper. O estudo tornou-se meu refúgio e minha forma de dizer: "Mãe e Pai, eu continuo aqui e vencerei por vocês." Esse empenho quaseimediato em passar no mestrado e a aprovação no concurso da SEMED Palmas foram mecanismos de transformação da dor em propósito. Conforme Josso (2004), a narrativa de si é também um processo de cura: ao narrar a

perda, o sujeito a ressignifica e a incorpora como parte constitutiva de sua identidade, não como ruptura definitiva. Sinto que, a cada conquista acadêmica, há uma força que vem "lá de cima" , um incentivo invisível que me impulsiona a ocupar espaços de relevância na educação pública e a ser gigante onde fui pequena. Hoje, embora preserve minha vida social e os vínculos afetivos que me nutrem, meu empenho vital é o estudo dentro da minha área de pesquisa: a Educação Especial, as Altas Habilidades /Superdotação, e a formação docente. Trabalho e investigo com a urgência de quem sabe que a educação é um ato de amor e resistência e que cada talento invisível que se torna visível é uma homenagem a todos os que acreditaram em mim.

ENTRE CHÃOS E SABERES

Formação Contínua · Mestrado · O Horizonte do Doutorado

Esta caminhada não é feita apenas de anos letivos, mas de travessias geográficas e intelectuais que me permitiram compreender a profundidade radical do ato de educar. Do solo da Universidade Federal do Piauí (UFPI) ao acolhimento da Universidade Federal do Tocantins (UFT), construí meu alicerce acadêmico e humano não como edifício acabado, mas como canteiro sempre em obra. Foi nesses espaços de excelência e resistência que solidifiquei minha

graduação e, mais importante, desconstruir o papel passivo do ensino. Ali, compreendi na prática o que Freire (1996) postula como princípio: que o estudante é o protagonista de sua própria descoberta e o professor, o mediador que provoca, questiona e orienta o processo de humanização pelo conhecimento. As perdas, não paralisou meu desejo de aprender, pelo contrário, ampliou-o. É o que Santos e Torga (2020) reconhecem no movimento autobiográfico: os momentos de ruptura não encerram a narrativa; eles a ressignificam.

Mergulhei nas especializações em Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), compreendendo as ferramentas digitais não como soluções mágicas, mas como pontes necessárias para a inclusão real. Aprofundei-me, ainda, no Atendimento Educacional Especializado (AEE) e retornei às raízes acadêmicas da UFPI para me debruçar sobre Prática e Docência no Ensino Fundamental sempre com o olhar voltado para o chão vivo da escola.

Hoje, sigo minha caminhada no Mestrado Profissional da UFT, sob a orientação zelosa e instigante da professora Denise Capuzzo. Cada discussão teórica, cada linha revisada, cada devolutiva generosa reforçam meu compromisso com a pesquisa de qualidade e com a educação pública como projeto coletivo. Paralelamente, reúno saberes através da pós-graduação em TEA, TDAH e Altas Habilidades/Superdotação, e exploro as fronteiras da Educação Profissional e Tecnológica (EPT) no IFTO. Cada um desses passos converge para um mesmo horizonte: o aprimoramento da minha prática profissional e a consciência de que a formação docente é um processo sem ponto final.

Olho para trás e para o agora com um sentimento profundo de orgulho e gratidão. Pelas instituições federais e públicas que me acolheram a UFPI, a UFT, o IFTO , nutro uma admiração que se

confunde com dívida de vida. Elas não foram apenas prédios ou currículos: foram chãos onde aprendi a florescer. Como o cajueiro que resiste ao sol intenso do sertão e ainda assim frutifica, a educação pública é a raiz que me segura e a seiva que me faz crescer. A cada diploma, a cada aprovação em concurso, a cada pesquisa concluída, sinto que honro os que acreditaram em mim antes que eu acreditasse em mim mesma.

A travessia, contudo, não termina aqui. O horizonte agora aponta para o doutorado não como ambição abstrata, mas como continuação natural de uma vida entregue ao saber e à transformação. Sigo firme nesse propósito, honrando o ensino público que me formou, sabendo que a educação é, acima de tudo, um compromisso de vida que se renova a cada novo saber, a cada sala de aula, a cada criança cujos olhos se acendem diante de uma descoberta. Narrar esta história é, como nos ensina Santos e Torga (2020), um ato de ressignificação: o eu que escreve não é mais o mesmo que viveu cada uma dessas travessias é alguém que as integrou, e com elas tornou-se mais inteiro.

NENHUM TALENTO INVISÍVEL

Educação Especial AH/SD · A Flor que Floresce

Ao narrar esta travessia do quintal das mangueiras em Santa Filomena ao cerrado dourado de Palmas , percebo que cada deslocamento geográfico foi, também, um deslocamento interior. A "Flor do Cajueiro" que saiu do Piauí aos quatorze anos carregando saudade e determinação é a mesma que hoje investiga, com rigor acadêmico e paixão pedagógica, por que tantos talentos permanecem invisíveis no sistema educacional brasileiro. Minha

pesquisa sobre Altas Habilidades /Superdotação (AH/SD) não é uma escolha intelectual abstrata: é a síntese de toda a minha história.

Vim de um contexto em que o potencial humano era valorizado independentemente das condições materiais meu pai comprava enciclopédias em uma cidade de seis mil habitantes. Cresci em uma escola fundada por uma mulher que cruzou o oceano para ensinar. Aprendi, na APAE, que toda criança independentemente de seus limites ou de seu diagnóstico carrega dentro de si uma força que espera apenas ser reconhecida. É por isso que meu trabalho no NAAH/S e na Superintendência de Educação Inclusiva da SEMED não é apenas um cargo: é uma missão. Conforme apontam Renzulli (2005) e Virgolim (2007), o comportamento superdotado emerge da interação entre habilidade, criatividade e comprometimento e todos esses elementos precisam de um ambiente que os reconheça e os cultive.

Minha pesquisa e minha prática são o esforço contínuo de criar esse ambiente para que nenhum talento se perca por falta de um olhar docente atento, informado e comprometido com a equidade. A Flor do Cajueiro floresceu no Cerrado. E segue florescendo em cada criança vista, em cada professor formado, em cada política pública construída com a convicção de que a educação é o ato de amor e resistência mais potente que conhecemos

A AULA QUE MUDOU MINHA HISTÓRIA

Mestrado Profissional · UFT · Um Marco de Vida

Há conquistas que não cabem em palavras, mas que precisam ser narradas porque fazem parte do tecido mais profundo de quem somos. A aprovação no Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal do Tocantins (UFT/PPGE) foi, para mim, muito mais do que um avanço acadêmico: foi a confirmação de que os

sonhos plantados na infância, em Santa Filomena, entre enciclopédias e cajueiros, podiam florescer no cerrado de Palmas.

A aula inaugural da 8ª turma do Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação marcou o início dessa jornada de maneira inesquecível. Realizada no auditório da Reitoria do campus de Palmas, aquela cerimônia reuniu educadores, gestores, pesquisadores e, sobretudo, professores da rede pública estadual, pessoas como eu, que chegavam ao mestrado carregando não apenas curiosidade intelectual, mas décadas de vivência nas salas de aula do Tocantins.

O processo seletivo foi altamente concorrido: mais de 700 candidatos disputaram 20 vagas exclusivas para professores da rede pública estadual, fruto de um convênio inédito entre a Secretaria de Estado da Educação (Seduc) e a UFT. Passar nessa seleção, portanto, não era apenas uma conquista pessoal, era um privilégio carregado de responsabilidade coletiva. Cada vaga era um voto de confiança da instituição na capacidade transformadora dos professores do Tocantins.

Fontes Seduc : Foto: Mari Rios/Governo do Tocantins Aula inaugural do PPGE/UFT — 8ª Turma · Palmas, 2024

A fotografia que guardo daquele dia é mais do que um registro: é um espelho da diversidade e do comprometimento que nos unia. Professores de diferentes regiões do Tocantins, com trajetórias distintas, reunidos pelo mesmo propósito, aprofundar o conhecimento para transformar a educação pública. Estávamos ali, juntos, como prova viva de que a formação continuada é o caminho mais potente para a equidade educacional.

A Aula Magna, que abordou o tema 'Tecnologia nas Escolas', ecoou em mim de forma particular. Ao ouvir o coordenador do Mestrado, Damião Rocha, afirmar que aquele era um momento histórico a primeira vez que a UFT abria vagas exclusivas para professores da rede estadual , senti o peso e o privilégio de estar presente naquele instante. A parceria entre Seduc e UFT representava exatamente o tipo de política pública em que eu sempre acreditei: a que coloca o professor no centro do processo de transformação educacional.

Não cheguei ao mestrado por acaso. Cheguei carregando o luto de quem perdeu os pais e transformou a dor em propósito. Cheguei como mãe solo, como professora de alfabetização, como servidora da educação inclusiva, como mulher do sertão piauiense que escolheu o Tocantins para florescer. Cada disciplina cursada, cada texto lido nas madrugadas, cada devolutiva generosa da minha orientadora, a Professora Denise, foram confirmações de que eu estava exatamente onde deveria estar.

O mestrado não me transformou em outra pessoa. Ele me devolveu a mim mesma , mas com mais rigor, mais repertório, mais convicção. Confirmou em mim a certeza de que a educação especial, as altas habilidades e superdotação, e a formação docente são os campos onde minha voz encontra seu lugar e onde meu trabalho tem o maior impacto possível. Este capítulo da minha história, iniciado

naquele auditório em Palmas, ainda está sendo escrito e cada página revela que a 'Flor do Cajueiro' não para de florescer.

O CURSO CEPELS E O TEMPO VALIOSO

O curso de pós-graduação do CEPELS chegou como mais um capítulo de uma jornada que já se consolidava com três especializações anteriores. Não menos importante que as demais talvez, em muitos aspectos, ainda mais significativa , essa quarta pós-graduação chegou na minha trajetória com a marca dos finais de semana que se tornaram espaços de troca, reflexão e crescimento genuíno.

A temática central TEA, TDAH e Altas Habilidades/Superdotação, não era estranha para mim. Como técnica do NAAH/S, vivo diariamente os desafios que envolvem essas áreas. Mas ouvir colegas de outros contextos, debater perspectivas diversas e dialogar com quem chegava de lugares distantes para estar ali, presente, comprometido, renovou em mim algo que o cotidiano intenso às vezes ameaça apagar: o entusiasmo de quem sabe por que escolheu essa causa. E o cotidiano, de fato, era intenso. Dois vínculos empregatícios, trabalho até a noite, sábados dedicados a outra pós-graduação on-line, as exigências crescentes do mestrado e, atravessando tudo isso, a maternidade , com sua beleza e sua demanda inegociável de presença.

Era um período apertado, como se o tempo fosse uma malha fina que precisava conter muito mais do que sua medida permitia. Mas eu aprendi, nessa época, a não desperdiçar nenhum minuto. Aprendi que meu tempo vale ouro , e age como ouro quem sabe extrair o melhor de cada fragmento dele. O sacrifício valeu. Cada final de semana no CEPELS ampliou meu repertório técnico e humano.

Os colegas que enfrentaram horas de estrada para estar ali me lembravam, sem palavras, do que significava levar a educação a sério. E eu volto para minha prática no NAAH/S com mais ferramentas, mais perguntas qualificadas e mais certeza de que fazer o melhor, sempre, não é uma meta, é uma postura. Aprendi, porém, que o descanso não é ausência de propósito: é parte dele. Os finais de semana serão, doravante, territórios preservados para a família, os afetos e a renovação da alma, pois uma educadora que não se cuida não tem como cuidar plenamente do outro.

HORIZONTES QUE FLORESCEM - Educação Inclusiva

Ao encerrar esta autobiografia, percebo que a travessia narrada nos capítulos anteriores não é apenas um memorial de formação é, sobretudo, o mapa de uma missão que ainda se desdobra. Da Flor do Cajueiro que floresceu no quintal das mangueiras em Santa Filomena à educadora que hoje atua no Núcleo de Altas Habilidades/Superdotação (NAAH/S) e na Superintendência de Educação Inclusiva da SEMED Palmas, há uma linha invisível, mas inabalável: a convicção de que nenhum talento pode permanecer invisível cultivar os talentos que, por invisibilidade institucional, se perdem antes mesmo de florescer.

Este pré-projeto não é uma ambição abstrata. É a continuação natural de uma vida construída entre os cajueiros, salas de aula, no sertão nordestino e do cerrado, a APAE, o mestrado e os corredores das políticas públicas de educação. Cada experiência narrada nesta obra converge para a pergunta que orienta minha pesquisa: como o sistema educacional brasileiro pode reconhecer, acolher e cultivar os talentos que, por invisibilidade institucional, se perdem antes mesmo de florescer.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. Ostra feliz não faz pérola: jabuticabas, amor e outras crônicas. Campinas: Papirus, 2012.

Capítulo 15

DA FÍSICA À EDUCAÇÃO FÍSICA RELEMBRANDO AS EXPERIÊNCIAS QUE COREOGRAFARAM MINHA EXISTÊNCIA E A CONSTRUÇÃO DA MINHA IDENTIDADE DOCENTE

Gabriela Silva dos Santos

RESUMO

Este memorial apresenta um percurso de vida e formação marcado pela dança como linguagem de expressão, resistência e inclusão. A narrativa entrelaça experiências pessoais e acadêmicas, destacando a criança interior como força vital que impulsiona a persistência e a reinvenção de caminhos. A partir dos projetos Vivências de Dança e Positive-se Dançando, a arte revela-se como ferramenta pedagógica e transformadora, capaz de promover acolhimento, regulação emocional e valorização da neurodiversidade. A formação na Universidade Federal do Tocantins (UFT), enriquecida pelas contribuições de mestres e professores, consolidou reflexões sobre corpo, educação e sensibilidade. Assim, este trabalho sintetiza um percurso que une vida, arte e educação, reafirmando a dança como prática pedagógica e ato político de transformação social.

Palavras-chave: Dança. Educação. Neurodiversidade. Inclusão.

INTRODUÇÃO

Retorno às minhas lembranças para iniciar este memorial, revisitando experiências que moldaram minha identidade pessoal, acadêmica e profissional. Sou Gabriela Silva dos Santos, nascida em Porto Nacional/TO e criada em Palmas/TO, onde construí minhas principais referências de vida, educação e cultura. Desde cedo manifestei curiosidade e interesse pelo conhecimento, sendo alfabetizada em casa antes de ingressar na escola. Esse descompasso levou-me a auxiliar colegas, antecipando o papel docente que mais tarde se consolidaria em minha trajetória.

Durante a vida escolar, mantive bom desempenho e afinidade com metodologias criativas, enquanto enfrentava traumas que resultaram em crises de ansiedade e isolamento. Hoje, à luz dos conhecimentos sobre neurodiversidade e dos diagnósticos de TDAH e Transtorno de Personalidade Borderline, reconheço características como hiperfoco, inquietação intelectual e sensibilidade emocional já presentes desde a infância.

A dança, iniciada aos cinco anos com o ballet, tornou-se linguagem essencial para compreender meu corpo e expressar emoções, expandindo-se para quadrilhas juninas, dança de salão e produção cultural. Filha de um eletricista e de uma técnica de enfermagem, cresci observando a dedicação de minha mãe, que assumiu sozinha a criação das filhas e se tornou minha maior referência de força. Ao revisitar essa trajetória, percebo que a professora e a artista que hoje me constituem emergem do encontro entre curiosidade intelectual, sensibilidade artística e a busca por compreender os processos de aprendizagem e desenvolvimento humano.

Como convite à leitura, disponibilizo nos anexos QR Codes que direcionam para duas trilhas sonoras: Tchaikovsky: Pas de deux from The Nutcracker (Tom Fetherstonhaugh/Bournemouth Symphony

Orchestra) e Hans Zimmer – Interstellar | Imperial Orchestra. A primeira remete ao ballet, linguagem que coreografou minha existência; a segunda evoca a física, campo que também atravessou minha formação. Ouvir primeiro Tchaikovsky e depois Hans Zimmer é mergulhar na dualidade que me constitui: arte e ciência, sensibilidade e razão.

APRESENTAÇÃO DA FORMAÇÃO HUMANA E PROFISSIONAL

Minha trajetória articula experiência pessoal, formação acadêmica e prática artística e docente, sempre atravessadas pela percepção de diferentes modos de aprendizagem. Desde a infância, vivi uma aprendizagem acelerada e uma postura ativa diante do conhecimento, frequentemente assumindo o papel de mediação entre colegas, o que me permitiu reconhecer a diversidade de ritmos e formas de aprender.

A transição da Física para a Educação Física representou reencontro com minha identidade. Após abandonar o curso de Física no sexto período, retornei em 2017 como professora de balé infantil e, em 2019, ingressei na Licenciatura em Educação Física no IFTO, concluída em 2024. O que parecia fracasso revelou-se como escolha verdadeira de vida.

No eixo artístico, a dança é o alicerce da minha identidade: iniciada no ballet aos cinco anos, ampliada para quadrilhas juninas, dança de salão e projetos culturais, consolidando atuação como brincante, coreógrafa, diretora e avaliadora junina. Essa experiência conecta estética, atenção, memória e expressão emocional, aspectos relacionados à neurodiversidade.

No eixo acadêmico e de extensão, destaco projetos dos quais participei o Vivências de Dança e Dança – PSID, que se tornaram espaços terapêuticos e culminaram no Positive-se Dançando,

apresentado no TEDx Praia da Graciosa em 2023. Paralelamente, aprofundei minha paixão pela Ginástica Rítmica em estágios no Centro de Treinamento do Tocantins e na Escola Move Up.

Atualmente, atuo como professora efetiva da rede estadual e docente de ballet infantil no Studio Ritmo Vertical, além de agente cultural e coreógrafa. Essa atuação integrada evidencia a convergência entre arte, educação e inclusão, consolidando a dança como instrumento pedagógico potente para atenção, autorregulação emocional e valorização da neurodiversidade.

REFLEXÃO SOBRE A TRAJETÓRIA PROFISSIONAL E ACADÊMICA

Ao refletir sobre minha trajetória, percebo que minha formação não se construiu apenas nos cursos realizados, mas sobretudo nas experiências que me desafiaram a ensinar e aprender de diferentes formas. A graduação em Educação Física pelo IFTO forneceu base teórica, mas foi no cotidiano das salas de aula, ensaios e projetos culturais que essa teoria se transformou em prática.

Muitas estratégias que utilizo nasceram da minha própria experiência como estudante, privilegiando recursos visuais, movimento e experimentação. A convivência com estudantes neurodivergentes reforçou a compreensão de que não existe uma única forma de aprender, e que o papel do educador é criar caminhos diversos. Reconhecer em minha história o TDAH e Transtorno de Personalidade Borderline ampliou minha sensibilidade diante das singularidades escolares.

Essa trajetória também foi marcada por frustrações: a burocracia da rede estadual e a falta de condições para vínculos pedagógicos geraram exaustão e afastamentos médicos. Reconhecer o agravamento dos meus quadros não é fragilidade, mas resistência. É admitir que a educação, quando castrada pela rigidez institucional,

pode adoecer quem a vive com intensidade. Essa experiência me ensinou que acolher as diferenças dos estudantes exige também acolher as próprias vulnerabilidades, e que cuidar de si é parte do compromisso ético de educar.

Assim, minha identidade profissional se construiu na intersecção entre arte, educação e neurodiversidade. Sou uma professora que educa pela dança e uma educadora neurodivergente que encontrou no movimento e na multiplicidade de linguagens uma forma de ensinar, aprender e resistir.

REFLEXÃO FINAL: O CAMINHO DA JORNADA AO LONGO DA VIDA.

Minha trajetória me ensinou que estar "fora da caixinha" não é erro, mas singularidade. Durante muito tempo não aceitava meus próprios ritmos, demorar a me formar, não permanecer em empregos, começar e não concluir projetos. Hoje compreendo que cada pessoa tem seu tempo e sua forma de existir.

Os traumas, erros e acertos não me definem como fracasso, mas como parte da construção de quem sou. Reconhecer a importância da saúde mental é admitir que todos merecemos ser felizes e que cuidar de si é também um ato pedagógico.

Assim, minha jornada se revela como um contratempo e contraponto como na dança e na música, onde o ritmo não é uniforme, mas cheio de pausas e variações que dão sentido à melodia. É nesse movimento que encontro minha identidade: uma educadora que transforma pela arte e que acredita que a diversidade de tempos e trajetórias é o que torna a vida plena.

Talvez por isso, desde a adolescência, escrevia poemas e contos que guardava apenas para mim, como se fossem ensaios íntimos de uma voz que ainda buscava coragem para se revelar. Hoje, ao concluir este memorial, percebo que aquela escrita silenciosa já

anunciava a necessidade de transformar sentimentos em linguagem. Agora, não mais escondida, essa voz se afirma: educar é também poetizar a vida e acolher os ritmos diversos.

VISÃO DE FUTURO

Ao olhar para o futuro, sinto-me como aquela criança descrita por Isaac Newton, "brincando à beira-mar, divertindo-me em descobrir uma pedrinha mais lisa ou uma concha mais bonita que as outras, enquanto o imenso oceano da verdade continua misterioso diante de meus olhos". Essa imagem traduz meu desejo de seguir explorando, aprendendo e reinventando caminhos, sem perder a curiosidade que sempre me guiou.

Pretendo cursar o bacharelado em Educação Física e expandir o projeto Positive-se Dançando, tornando-o prática pedagógica de inclusão e regulação emocional. Carrego comigo valores que desejo cultivar: aceitação, merecimento, inclusão e motivação.

E, como disse Ana Botafogo, "eu danço porque eu sou eu quando eu danço". Essa frase sintetiza minha vocação: transformar vidas através da arte, acreditando que a dança é mais que movimento, ela é identidade, resistência e esperança.

A lição que deixo para mim mesma é nunca esquecer da criança que habita em mim, pois ela é minha motivação. Que eu siga acreditando que a arte transmuta, e que cada passo, seja na sala de aula ou no palco, seja também um passo em direção a um futuro mais humano e inclusivo.

REFERÊNCIAS

MARTINS, Marcelo José; FARIA, Bráulio Emilio Maciel. Resenha do livro: Goleman, D. (2012). A inteligência emocional. Rio de Janeiro: Objetiva. Psicologia e Saúde em Debate, v. 4, n. 3, p. 121-130, dez. 2018.

LABAN, Rudolf. Movimento e corpo (parte I) análises de ações corporais complexas movimentos relacionados a pessoas e objetos correlação entre ações corporais e esforço. In: LABAN, Rudolf. Domínio do movimento. São Paulo: Summus, 1978. p. 88 - 132.

MARQUES, Isabel A. Dançando na escola. Motriz, Rio Claro, v. 3, n. 1, p. 20-28, jun. 1997.

STRAZZACAPPA, Márcia; MORANDI, Carla. Entre a arte e a docência: a formação do artista da dança. 4. ed. Campinas: Papirus, 2012.

SANTOS, Gabriela Silva dos. Currículo Lattes. Disponível em: <https://lattes.cnpq.br/4545181117622050>. Acesso em: 15 jul. 2026.

SANTOS, Gabriela Silva dos. Gaby Roxa. YouTube, 2026. Disponível em: <https://www.youtube.com/@gabyroxa>. Acesso em: 15 jul. 2026.

SANTOS, Gabriela Silva dos. Gaby Roxa – Perfil no Mapa da Cultura. Ministério da Cultura, 2026. Disponível em: <https://mapa.cultura.gov.br/agente/1002875/#info>. Acesso em: 15 jul. 2026.

Capítulo 16

AUTOBIOGRAFIA: CAMINHOS QUE ME TROUXERAM ATÉ AQUI

George José dos Santos

RESUMO

A autobiografia vem trazer um pouquinho da minha história de vida, desde a infância até a vida adulta. Minha história começa no ano de 198, ano em que nasci, na minha infância, grande parte foi vivida na fazenda, com os meus pais, despois mudo para a cidade para iniciar os estudos. E nessa minha autobiografia conto toda a minha história, todas as lutas, desafios e conquistas. Em 2002, foi um ano dos mais marcantes devido ao falecimento da minha avó, fato que me abalou muito. Existem ainda outros fatos marcantes, tais como; início dos meus estudos, férias que eram vividas na fazenda, conclusão do ensino médio, rotina de trabalho na empresa privada, logo depois o início do trabalho na rede pública, pandemia, casamento, filho e especialização.

Palavras-chave: Autobiografia; Conquistas; Histórias.

Apresentação Geral

Meu nome é George José dos Santos, filho de Maria Martins dos Santos e Antônio José dos Santos. Nasci em 28 de julho de 1987, no município de Arraias, estado do Tocantins. Sou irmão de Gisele José dos Santos, Gisléia José dos Santos e Géssica José dos Santos.

Escrever esta autobiografia representa a oportunidade de revisitar minha história de vida, refletindo sobre os acontecimentos que contribuíram para minha formação pessoal, acadêmica e profissional. Ao relembrar minha trajetória, percebo que cada desafio enfrentado, cada conquista alcançada e cada pessoa que cruzou meu caminho deixaram marcas profundas na construção da pessoa e do profissional que sou hoje.

Minha história é marcada por muito trabalho, perseverança e pelo desejo constante de aprender. Desde a infância, vivi experiências que fortaleceram valores como responsabilidade, respeito, humildade e compromisso, princípios que continuam norteando minha caminhada.

Este memorial tem como objetivo apresentar minha trajetória de vida, destacando experiências pessoais, acadêmicas e profissionais que contribuíram para minha formação humana e educacional. Além disso, busca refletir sobre os desafios enfrentados, as conquistas alcançadas e as aprendizagens adquiridas ao longo dessa caminhada, evidenciando como essas vivências influenciaram minha atuação na área da educação e minha busca constante pelo aperfeiçoamento profissional.

A elaboração desta autobiografia constitui um importante momento de reflexão sobre minha própria história. Ao organizar as lembranças de diferentes fases da vida, percebo como cada experiência contribuiu para meu crescimento pessoal e profissional.

Recordar os caminhos percorridos permite compreender que as dificuldades enfrentadas nunca representaram obstáculos intransponíveis, mas oportunidades de aprendizado, amadurecimento e fortalecimento. Da infância simples vivida na zona rural até minha atuação na educação pública, cada etapa reafirmou minha convicção de que o conhecimento transforma vidas e amplia horizontes.

Assim, este memorial não se limita ao relato de fatos, mas representa a construção de uma identidade profissional baseada na dedicação, no compromisso com a educação e na valorização das experiências vividas.

Minha infância foi vivida entre a tranquilidade da Fazenda Pau Ferro e a cidade de Arraias. Permaneci com meus pais na fazenda até os seis anos de idade, período em que aprendi importantes lições sobre trabalho, respeito e simplicidade.

Posteriormente, mudei-me para a cidade para morar com minha avó paterna e minhas tias, iniciando uma nova fase da vida marcada pelo ingresso na escola e pelo afastamento da convivência diária com meus pais. Apesar da mudança, todo o final de semana retornava à fazenda para estar com minha família.

As viagens eram sempre motivo de alegria. Todas as sextas-feiras, por volta das quinze horas, seguia até a rodoviária para embarcar no ônibus que passava próximo à propriedade rural. Depois de descer do ônibus, ainda caminhava aproximadamente seis quilômetros até chegar em casa. Embora o percurso fosse longo, jamais representou um sacrifício, pois significava reencontrar meus pais e participar da rotina da fazenda.

Na propriedade rural, ajudava em diversas atividades, como cuidar do gado, capinar, roçar, construir cercas e tirar leite. Minha mãe produzia queijos e requeijões que posteriormente eram vendidos na cidade. Muitas vezes, eu mesmo saía pelas ruas carregando um

pequeno tabuleiro para comercializar os produtos. Em alguns dias as vendas aconteciam rapidamente; em outros, era necessário percorrer praticamente toda a cidade. Essas experiências ensinaram-me, desde cedo, o valor do trabalho digno, da perseverança e da responsabilidade.

Hoje compreendo que foi nesse ambiente simples, cercado pela natureza e pelos ensinamentos de meus pais, que comecei a construir os princípios que orientam minha vida.

Minha vida escolar iniciou-se em 1993, quando fui matriculado no Colégio Estadual Professora Joana Batista Cordeiro, onde cursei o Pré-Escolar e a primeira série do Ensino Fundamental.

Em 1995, fui transferido para a Escola Estadual Brigadeiro Felipe, instituição onde permaneci até a oitava série. Sempre fui um estudante participativo, dedicado às atividades escolares e comprometido com meus estudos. Embora minhas notas fossem medianas, procurava realizar todas as tarefas e manter boas relações com colegas e professores.

As aulas de Educação Física eram momentos muito aguardados por toda a turma. A escola possuía apenas um campo de terra, que frequentemente precisava ser preparado pelos próprios estudantes. Antes das partidas de futebol, capinávamos o terreno, fazíamos o nivelamento do solo e marcávamos as linhas do campo. Somente depois iniciavam-se os jogos.

Apesar do meu entusiasmo, nunca fui habilidoso com a bola e, por isso, recebia dos colegas o apelido de "perna de pau". Hoje recordo essas situações com carinho, pois fizeram parte de uma infância feliz, marcada pela convivência, pelo companheirismo e pelas brincadeiras típicas daquele período.

No ano de 2002 retornei ao Colégio Estadual Professora Joana Batista Cordeiro para concluir o Ensino Fundamental. Entretanto, aquele seria um dos períodos mais difíceis da minha vida.

Nesse mesmo ano, perdi minha avó paterna, pessoa com quem mantinha um vínculo de profundo amor e admiração. Sua partida deixou um vazio imenso em minha vida e representou minha primeira grande experiência com o luto.

Mesmo enfrentando esse momento de profunda tristeza, compreendi que precisava continuar estudando e seguir em frente. Essa experiência fortaleceu minha capacidade de enfrentar adversidades e ensinou-me que a vida exige resiliência para superar as perdas inevitáveis.

Em 2003 iniciei o Ensino Médio. Já adolescente, comecei a refletir sobre meu futuro e a estabelecer objetivos para minha vida profissional. Esse período foi marcado por maiores responsabilidades e pela necessidade de conciliar estudos com as expectativas relacionadas ao ingresso no mercado de trabalho. Em 2005, apesar de não conseguir aprovação nas disciplinas de Matemática e Biologia, mantive minha determinação e concluí o Ensino Médio no final de 2006.

Essa experiência ensinou-me que os obstáculos fazem parte da caminhada e que a persistência é indispensável para alcançar nossos objetivos. Aprendi que cada dificuldade superada fortalece nossa confiança para enfrentar novos desafios.

Concluir o Ensino Médio representou o encerramento de uma etapa importante e o início de um novo desafio: ingressar no ensino superior. Naquele momento, meu maior sonho era cursar Engenharia Agronômica, área pela qual sempre tive afinidade devido à minha criação no campo. Entretanto, esse curso ainda não era ofertado no município de Arraias.

No final de 2006 participei do vestibular da Universidade Federal do Tocantins (UFT), recém-instalada na cidade, oferecendo os cursos presenciais de Pedagogia e Matemática, além do curso de Biologia na modalidade a distância. Decidi prestar vestibular para o curso de Pedagogia e fui aprovado em quinto lugar.

Jamais esquecerei o momento em que recebi essa notícia. Eu estava trabalhando em um supermercado quando minha mãe telefonou para informar que havia sido aprovado. A felicidade foi imensa. A partir daquele instante compreendi que uma nova etapa estava começando e que ela exigiria ainda mais dedicação.

As aulas tiveram início em março de 2007. Nos primeiros anos, a universidade funcionava no antigo campus da Unitins, enquanto a estrutura definitiva da UFT estava sendo construída. Minha rotina tornou-se bastante intensa: estudava no período da manhã, trabalhava durante toda a tarde e somente retornava para casa no final da noite, quando ainda precisava realizar leituras, trabalhos e demais atividades acadêmicas.

Conciliar estudo e trabalho foi um grande desafio. Muitas vezes o cansaço parecia maior que a disposição, mas jamais pensei em desistir. Aos poucos fui organizando melhor minha rotina e compreendi que cada esforço representava um investimento no futuro que eu desejava construir.

Embora inicialmente a Pedagogia não fosse minha primeira opção, algo começou a mudar ao longo do curso. A partir do quarto período passei a compreender melhor a importância da educação e a enxergar o impacto que um professor pode exercer na vida das pessoas. Aquilo que havia começado como uma escolha possível transformou-se, gradativamente, em uma verdadeira vocação.

Entre todas as experiências vividas durante a graduação, o estágio supervisionado ocupa um lugar especial em minha memória.

Minha primeira experiência aconteceu em uma escola pública, onde fui acolhido pela gestora Ana Lúcia e pela professora Erenita, responsável pela turma do segundo ano do Ensino Fundamental.

Inicialmente acompanhei apenas as aulas como observador. Durante esse período procurava registrar cuidadosamente tudo aquilo que acontecia em sala de aula: a postura da professora, a organização das atividades, a relação com os estudantes e as estratégias pedagógicas utilizadas.

Chegado o momento da regência, os papéis se inverteram. A professora passou a observar meu trabalho e eu assumi a responsabilidade pela condução das aulas. Confesso que o nervosismo foi inevitável, afinal era minha primeira experiência efetivamente como professor.

Dediquei-me intensamente ao planejamento de cada aula. Mesmo reconhecendo que minha caligrafia nunca foi das melhores, fazia questão de manter um caderno de planejamento extremamente organizado, pois entendia que um bom professor precisa preparar cuidadosamente cada momento da aprendizagem.

Ao término do estágio recebi elogios da professora supervisora e da equipe gestora, especialmente pela organização do planejamento e pela maneira como conduzi as atividades com os estudantes.

Mais do que uma avaliação positiva, aquele momento representou a confirmação de que eu havia encontrado minha verdadeira profissão. Pela primeira vez tive certeza de que havia escolhido o caminho certo. Nos últimos semestres da graduação iniciei a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso sob orientação da professora Raquel, que prontamente aceitou acompanhar minha pesquisa.

Escolhi investigar a realidade dos estudantes que residiam na zona rural e estudavam na cidade. Essa temática dialogava diretamente com minha própria trajetória, pois eu também havia vivenciado as dificuldades enfrentadas pelos alunos do campo.

Durante a pesquisa realizei entrevistas com professores e estudantes da Escola Estadual Brigadeiro Felipe, instituição onde cursei grande parte do Ensino Fundamental. Desenvolver esse trabalho permitiu-me compreender ainda mais a importância da educação para reduzir desigualdades e ampliar oportunidades. Em dezembro de 2010 apresentei minha monografia, sendo aprovado com média 8,5. Embora esperasse uma nota maior, senti enorme satisfação por concluir mais uma importante etapa da minha formação.

A cerimônia de colação de grau aconteceu em fevereiro de 2011. Foi um dos momentos mais emocionantes da minha vida. Ao receber o diploma, lembrei-me da infância simples vivida na fazenda, dos esforços dos meus pais, das dificuldades enfrentadas ao longo dos estudos e da certeza de que todo aquele caminho havia valido a pena.

Enquanto cursava a universidade, continuei trabalhando no supermercado onde havia iniciado minha vida profissional em 2005, logo após completar dezoito anos.

Foi nesse emprego que aprendi importantes valores relacionados ao compromisso, à responsabilidade e ao atendimento ao público. Permaneci na empresa durante vários anos, conciliando o trabalho com a graduação, até que uma nova oportunidade surgiu.

Em maio de 2011 fui convidado para trabalhar na Escola Agrícola de Arraias. Inicialmente conciliei o emprego na iniciativa privada com o serviço público, mas logo percebi que manter duas jornadas de trabalho tornava-se fisicamente desgastante.

Após refletir bastante, tomei uma decisão importante: pedi demissão do supermercado e passei a dedicar-me exclusivamente à educação. Essa escolha representou um divisor de águas em minha vida. A partir daquele momento deixei de enxergar a educação apenas como profissão e passei a compreendê-la como missão.

Foi nessa instituição que iniciei, de fato, minha caminhada como servidor da educação pública, dando os primeiros passos de uma trajetória profissional que continuaria sendo construída com dedicação, responsabilidade e compromisso com a formação dos estudantes.

No dia 5 de maio de 2011 iniciei oficialmente minha trajetória na educação pública, assumindo a função de monitor noturno na Escola Agrícola de Arraias. A instituição possuía características bastante particulares, pois oferecia o Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio e atendia estudantes de diversas regiões do Tocantins por meio do sistema de internato e semi-internato.

Ao chegar à escola fui recebido pela equipe gestora e pelos demais servidores, que me apresentaram o funcionamento da instituição e as atribuições da função. Durante a primeira semana acompanhei a rotina ao lado de outros profissionais, observando atentamente cada procedimento. Em seguida, passei a desempenhar minhas atividades de forma autônoma.

Minha rotina era bastante intensa. Trabalhava em regime de plantão, iniciando as atividades por volta das 17 horas e encerrando somente às 7h30 da manhã do dia seguinte. Após algumas horas de descanso, seguia para o supermercado, onde ainda trabalhava no período da tarde. Foram meses de muito esforço, dedicação e resistência física.

Com o passar do tempo compreendi que seria impossível manter duas jornadas de trabalho sem comprometer minha saúde e meu desempenho profissional. Assim, tomei uma das decisões mais

importantes da minha vida: desliguei-me da iniciativa privada para dedicar-me exclusivamente à educação pública.

Essa escolha marcou o início de uma trajetória construída com compromisso, ética e dedicação, princípios que passaram a orientar minha atuação profissional.

Durante os primeiros anos de atuação procurei desempenhar minhas funções com responsabilidade e respeito aos estudantes. Aos poucos fui conquistando a confiança da equipe gestora, dos colegas de trabalho e da comunidade escolar. Em 2011 conheci Ronária, que mais tarde se tornaria minha companheira de vida. Sua presença representou um importante apoio emocional durante toda minha caminhada profissional, compartilhando conquistas, desafios e momentos de superação.

Nesse mesmo período construí uma grande amizade com Marcelo, colega de trabalho que se tornou um verdadeiro parceiro nas atividades desenvolvidas junto aos estudantes. Trabalhar em equipe permitiu-nos enfrentar situações desafiadoras e fortalecer o ambiente escolar.

Em 2016 recebi um convite da direção para atuar como monitor diurno. Aceitei imediatamente o novo desafio, entendendo aquela oportunidade como reconhecimento pelo trabalho que vinha desenvolvendo na instituição.

No ano seguinte, outro momento marcante transformou minha carreira. O ano de 2017 representou um divisor de águas em minha trajetória profissional, a escola passava por mudanças importantes, entre elas o ingresso das primeiras estudantes do sexo feminino, o que exigiu reorganização dos espaços, novas estratégias de acompanhamento e maior atenção da equipe pedagógica.

Naquele mesmo período surgiu a possibilidade da criação do cargo de Professor Inspetor. A equipe gestora acreditava que meu

trabalho reunia as características necessárias para exercer essa função e decidiu indicar meu nome. Entretanto, diversos obstáculos surgiram ao longo do processo. Em razão de meu vínculo contratual, inicialmente fui informado de que não poderia assumir o cargo.

Mesmo diante das negativas, a equipe escolar permaneceu mobilizada, defendendo minha indicação junto à Superintendência Regional de Educação. Jamais esquecerei a demonstração de confiança recebida naquele momento. Gestores, coordenadores e colegas acreditaram em minha capacidade profissional e lutaram para que eu tivesse essa oportunidade.

Após várias tentativas, reuniões e encaminhamentos administrativos, fui finalmente informado de que o cargo seria meu.

Receber essa notícia foi um dos momentos mais emocionantes de minha carreira. Senti-me profundamente valorizado e compreendi que o reconhecimento profissional é resultado de um trabalho realizado diariamente com dedicação, responsabilidade e compromisso.

Assumir a função de Professor Inspetor ampliou significativamente minhas responsabilidades e fortaleceu ainda mais meu compromisso com a educação pública. Em 2018 vivi uma experiência que modificou profundamente minha rotina. Após apresentar perda significativa de peso, sede excessiva e necessidade frequente de utilizar o banheiro, procurei atendimento médico e recebi o diagnóstico de Diabetes Mellitus.

A notícia provocou medo, insegurança e muitas dúvidas. Percebi que seria necessário mudar completamente meus hábitos alimentares e meu estilo de vida. Nos primeiros meses adaptar-me à nova realidade foi bastante difícil. Precisei abandonar alimentos aos quais estava acostumado, controlar rigorosamente a alimentação, iniciar atividades físicas e aprender a conviver diariamente com a doença.

Com acompanhamento médico especializado, ajustes na medicação e mudanças na rotina, consegui recuperar minha qualidade de vida. Essa experiência ensinou-me que cuidar da saúde também representa um compromisso com a própria vida e com aqueles que caminham ao nosso lado.

O ano de 2020 iniciou-se como qualquer outro. As aulas haviam começado normalmente quando, em março, fomos surpreendidos pela suspensão das atividades presenciais em razão da pandemia provocada pela COVID-19. A escola atendia estudantes provenientes de mais de trinta municípios, o que exigiu uma rápida organização para garantir o retorno seguro de todos às suas residências.

Nos meses seguintes toda a rotina escolar precisou ser reinventada. As aulas passaram a ocorrer remotamente e novos meios de comunicação foram utilizados para manter o vínculo entre escola e estudantes. Foram criados grupos de WhatsApp, produzidas atividades impressas e organizadas estratégias para alcançar alunos residentes em áreas rurais e comunidades quilombolas. Professores, monitores e demais servidores participaram ativamente desse processo, realizando inclusive visitas às famílias e ações de busca ativa para evitar a evasão escolar.

Como pessoa diagnosticada com diabetes, também vivi momentos de grande preocupação, pois fazia parte do grupo considerado de maior risco para complicações da doença. Apesar das dificuldades, a pandemia revelou a importância da colaboração entre escola, família e comunidade, além de reforçar minha convicção de que a educação permanece essencial mesmo diante das maiores adversidades.

Em meio às incertezas provocadas pela pandemia, outro sonho começava a ganhar forma: meu casamento com Ronária. Inicialmente a cerimônia estava prevista para julho de 2021, mas precisou ser

adiada em razão do aumento dos casos de COVID-19. Finalmente, em 18 de dezembro de 2021, conseguimos celebrar nossa união.

Mesmo com uma cerimônia mais simples e um número reduzido de convidados, aquele dia tornou-se inesquecível. Um imprevisto marcou a celebração: momentos antes do início da cerimônia ocorreu uma interrupção no fornecimento de energia elétrica no local, obrigando todos a aguardarem por quase duas horas.

Quando a energia foi restabelecida, a cerimônia aconteceu normalmente e transformou-se em uma grande celebração do amor, da perseverança e da esperança após um período tão difícil vivido por toda a sociedade.

Após o casamento surgiu um novo desafio: construir uma vida em comum, já que trabalhávamos em cidades diferentes. Foi então que iniciei o processo de solicitação de remoção para Porto Nacional, acreditando que essa mudança permitiria conciliar minha vida profissional e familiar de forma mais equilibrada.

Sem imaginar, essa decisão abriria um novo capítulo em minha trajetória profissional. Em março de 2022 recebi a notícia de que meu pedido de remoção havia sido aprovado. Depois de onze anos dedicados à Escola Agrícola de Arraias, iniciava uma nova etapa em minha vida pessoal e profissional. A despedida foi marcada por muita emoção. Colegas de trabalho, estudantes e amigos fizeram homenagens que jamais esquecerei, demonstrando o carinho e o respeito construídos ao longo dos anos.

Ao olhar para trás, reconheço que minha trajetória em Arraias foi fundamental para minha formação como educador. Destaco, com profunda gratidão, o apoio de profissionais que contribuíram significativamente para meu crescimento, entre eles Maria Lúcia, Janaína, Veronice e Anelice. Cada uma, à sua maneira, acreditou em meu potencial, oferecendo orientações, incentivo e oportunidades que fortaleceram minha caminhada profissional.

No dia 15 de março de 2022 assumi minhas funções na Escola Estadual Família Agrícola de Porto Nacional, permanecendo como Professor Inspetor. Logo nos primeiros dias percebi que estava diante de uma realidade bastante diferente da que havia vivenciado até então.

A instituição desenvolve suas atividades com base na Pedagogia da Alternância, metodologia que articula o tempo de permanência do estudante na escola com o tempo vivido junto à família e à comunidade. Esse modelo amplia o processo de aprendizagem ao integrar teoria e prática, valorizando os conhecimentos construídos no contexto social e cultural dos estudantes.

Apesar das diferenças metodológicas, fui muito bem acolhido por toda a equipe escolar. A receptividade dos gestores, professores, servidores e, especialmente, da colega Luciana Rivas, facilitou minha adaptação e fortaleceu minha confiança para enfrentar mais esse desafio. Durante o período em que trabalhamos juntos, desenvolvemos uma relação de respeito, parceria e colaboração. Sua experiência na função contribuiu significativamente para minha adaptação à nova realidade escolar.

Ao longo dos meses compreendi que a essência da educação permanece a mesma, independentemente do modelo pedagógico adotado: formar cidadãos conscientes, críticos e comprometidos com a transformação da sociedade.

Sempre compreendi que a formação de um educador não se encerra com a graduação. Pelo contrário, ela exige estudo permanente, atualização constante e disposição para aprender continuamente. Em 2023 participei do concurso público da Educação do Estado do Tocantins para o cargo de Professor. Embora tenha sido aprovado, minha classificação não foi suficiente para assumir uma das vagas destinadas ao município de Porto Nacional. Apesar disso,

recebi o resultado com serenidade, entendendo que cada experiência representa um aprendizado e uma oportunidade para continuar evoluindo.

Nesse mesmo período, tive a satisfação de trabalhar ao lado da orientadora educacional Meridiana do Nascimento Bastos, profissional extremamente competente, comprometida e humana. Além do excelente trabalho desenvolvido na escola, tornou-se uma importante incentivadora da minha formação continuada.

Foi por seu intermédio que tomei conhecimento da pós-graduação ofertada pelo CEPESLS, em parceria com a Secretaria de Estado da Educação do Tocantins. Realizei minha inscrição e fui selecionado para o curso de Especialização em Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD).

Embora minha atuação profissional não ocorra diretamente em sala de aula, compreendo que conhecer essas temáticas é essencial para todos os profissionais da educação. A inclusão escolar exige sensibilidade, conhecimento científico e práticas pedagógicas que respeitem as singularidades de cada estudante.

Participar dessa especialização representa mais um passo na construção de uma prática profissional pautada na formação permanente e na busca constante pela melhoria da qualidade da educação. O ano de 2024 ficará eternamente marcado em minha memória.

Após anos de sonhos e planejamentos, minha esposa engravidou do nosso primeiro filho. Desde o início da gestação acompanhei cada consulta, exame e atendimento pré-natal, procurando oferecer todo o apoio necessário à minha família. No dia 19 de outubro de 2024 nasceu nosso filho, Enzo Gabriel.

Tive o privilégio de acompanhar seu nascimento dentro da sala de parto. Permanecer ao lado de minha esposa naquele momento foi uma experiência indescritível. Quando ouvi o primeiro choro do meu filho e o vi pela primeira vez, compreendi que minha vida jamais seria a mesma.

A paternidade trouxe novos significados para minha existência. Passei a compreender ainda mais o valor da responsabilidade, da dedicação, do cuidado e do amor incondicional. Poucos dias após o nascimento vivemos um momento de grande tensão, quando Enzo se engasgou durante a amamentação. Felizmente, graças ao atendimento imediato da equipe médica, tudo terminou bem. Posteriormente, aprendemos os procedimentos corretos para agir em situações semelhantes, o que nos proporcionou maior segurança como pais.

Em maio de 2025 minha esposa retornou ao trabalho após o término da licença-maternidade. Nesse período contamos com o apoio fundamental de nossas famílias, especialmente de nossas mães, que se revezaram nos cuidados com nosso filho. Alguns meses depois, Enzo iniciou sua adaptação ao berçário. Como todo pai, senti um misto de preocupação, saudade e esperança.

Com o passar do tempo percebemos que ele estava sendo bem acolhido e cuidado, o que trouxe tranquilidade para toda a família. A experiência da paternidade ampliou minha compreensão sobre a importância da educação, do afeto e do cuidado desde os primeiros anos de vida.

Ao revisitar minha história, percebo que minha trajetória foi construída por meio de escolhas, desafios, renúncias e conquistas. A infância vivida no campo ensinou-me a valorizar o trabalho, a simplicidade e o respeito pelas pessoas. A vida escolar despertou em mim o desejo de aprender, enquanto a universidade revelou minha verdadeira vocação para a educação.

A atuação profissional consolidou valores como responsabilidade, ética, compromisso e dedicação ao serviço público. Cada estudante acompanhado, cada colega de trabalho, cada gestor e cada desafio enfrentado contribuíram para minha formação humana e profissional.

Compreendo que a educação vai muito além da transmissão de conhecimentos. Ela transforma vidas, fortalece sonhos e amplia possibilidades. Por isso, procuro desempenhar minhas funções sempre com respeito, empatia e compromisso com a formação integral dos estudantes.

Escrever esta autobiografia foi muito mais do que recordar acontecimentos. Foi revisitar emoções, reconhecer aprendizados e perceber o quanto cada etapa da minha vida contribuiu para a construção da pessoa que sou hoje. Ao longo dessa caminhada compreendi que nenhuma conquista acontece de forma isolada. Cada vitória foi construída com o apoio da minha família, dos meus professores, colegas de trabalho, amigos e de todas as pessoas que acreditaram em meu potencial.

Também aprendi que as dificuldades fazem parte do processo de crescimento. As perdas, os desafios profissionais, os problemas de saúde e os momentos de incerteza ensinaram-me a desenvolver resiliência, equilíbrio e esperança. Neste curso de pós-graduação busco ampliar meus conhecimentos científicos, fortalecer minha prática profissional e adquirir novas competências que contribuam para uma educação cada vez mais inclusiva, humana e comprometida com a aprendizagem de todos os estudantes. Acredito que o aperfeiçoamento contínuo é indispensável para qualquer educador que deseja exercer sua profissão com excelência e responsabilidade.

Olho para o futuro com entusiasmo e gratidão. Tenho consciência de que ainda existem muitos sonhos a serem realizados e

inúmeros desafios a serem enfrentados. Pretendo continuar investindo em minha formação acadêmica, participando de cursos, especializações e, futuramente, ingressar em um programa de mestrado, ampliando meus conhecimentos e contribuindo ainda mais para a educação pública.

Desejo permanecer atuando com dedicação, ética e compromisso, buscando oferecer uma educação de qualidade e colaborando para a formação de cidadãos conscientes, críticos e preparados para transformar a realidade em que vivem. Acima de tudo, espero continuar sendo um exemplo para meu filho, demonstrando por meio das minhas atitudes que o conhecimento, o trabalho, a honestidade e a perseverança são os caminhos mais seguros para a realização pessoal e profissional.

Concluo esta autobiografia com a convicção de que minha história continua sendo escrita a cada novo desafio, a cada nova aprendizagem e a cada oportunidade de contribuir para a transformação da educação e da sociedade.

REFERÊNCIAS

BARKLEY, Russell A. Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade: manual para diagnóstico e tratamento. Porto Alegre: Artmed, 2013.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 1999.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2015.

MORAN, José Manuel. Metodologias ativas para uma educação inovadora. São Paulo: Penso, 2018.

RENZULLI, Joseph S. The three-ring conception of giftedness. Mansfield Center: Creative Learning Press, 2014.

RODRIGUES, David. Educação inclusiva: dos conceitos às práticas. Porto: Porto Editora, 2013.

SILVA, Ana Paula; ALMEIDA, Ricardo. Tecnologias digitais e autismo: possibilidades educacionais. São Paulo: Cortez, 2020.

Capítulo 17

POR ENTRE CAMINHADAS: MEMÓRIAS, VIVÊNCIAS E APRENDIZAGENS NA CONSTRUÇÃO DA MINHA FORMAÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL

Geovany Pereira da Silva

RESUMO

Neste Memorial Descritivo, apresento e reflito sobre minha trajetória pessoal, acadêmica e profissional, evidenciando as experiências, os desafios, as aprendizagens e as conquistas que construí ao longo da vida. Por meio deste relato, busco resgatar aspectos significativos de minha caminhada, destacando os acontecimentos e processos que contribuíram para minha formação humana, educacional e profissional. Este estudo caracteriza-se como um memorial descritivo fundamentado na memória, na reconstrução de vivências e na análise crítica dos processos formativos que vivenciei em diferentes contextos sociais, educacionais e profissionais. Nesse sentido, proponho uma reflexão sobre os caminhos percorridos, as dificuldades enfrentadas e os conhecimentos adquiridos, reconhecendo a importância dessas experiências na construção de minha identidade e no desenvolvimento de minha trajetória. O texto aborda a infância vivida na zona rural do município de Tocantinópolis/TO, marcada pelas dificuldades socioeconômicas, pelo trabalho familiar na agricultura e pelas limitações de acesso à educação, destacando a importância da escola como instrumento de transformação social. Além disso, evidencia o percurso acadêmico desenvolvido desde a Educação Básica até a formação superior, incluindo graduações em Ciências Sociais, Pedagogia e Direito, bem como especializações e o Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Tocantins. O memorial também apresenta experiências profissionais na docência, gestão e orientação educacional, além da participação em projetos de pesquisa, extensão e formação continuada. Por fim, o trabalho enfatiza a relevância do aperfeiçoamento profissional contínuo, da educação inclusiva e da construção de novos projetos de vida, compreendendo a formação humana e acadêmica como um processo permanente de transformação, aprendizagem e desenvolvimento pessoal.

Palavras-chave: Memorial descritivo. Formação acadêmica. Trajetória profissional. Educação.

INTRODUÇÃO

Me chamo Geovany Pereira da Silva, brasileiro, natural de Tocantinópolis, estado do Tocantins. Atualmente, resido no distrito de Luzimangues, município de Porto Nacional (TO). Casado com Taiza Ferreira de Souza e pai de Heitor Ferreira da Silva. No âmbito profissional, exerço a função de Orientador Educacional, atuando como técnico da Secretaria Municipal de Educação (SEMED), no anexo de Luzimangues.

Graduado em Ciências Sociais – Licenciatura pela Universidade Federal do Tocantins, campus de Tocantinópolis, Tocantins, curso concluído em 2013. Posteriormente, concluí a graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário de Jales, em 2018, bem como o curso de Bacharelado em Direito pela Faculdade Morgana Potrich, também concluído em 2018.

Possuo especialização em Gestão Estratégica da Inovação e Políticas de Ciência e Tecnologia (GEIPCT), promovida pelo Núcleo de Pesquisa e Extensão Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo e ao Ensino (OPAJE), vinculado à Universidade Federal do Tocantins, na modalidade mediada por recursos virtuais. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Tocantins. Atualmente, curso a Licenciatura em Educação Bilíngue de Surdos (segunda licenciatura – PARFOR) pela Universidade Federal do Tocantins e sou discente da especialização em Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade, Transtorno do Espectro Autista, Altas Habilidades e Superdotação.

Um memorial descritivo é, antes de tudo, um lugar de memória. Constitui-se como ponto de partida e de chegada, um percurso que transita entre o presente e o passado, em um constante movimento de idas e vindas. Esse exercício de revisitar experiências, aprendizagens e vivências revela-se complexo, por vezes impreciso e até mesmo desconexo, pois a memória nem sempre segue uma ordem

linear. Assim, desde já, peço desculpas por eventuais lacunas que possam surgir ao longo desta narrativa.

O principal instrumento para a elaboração de um memorial é a memória, compreendida como a capacidade de revisitar acontecimentos do presente que evocam experiências vividas no passado. Trata-se de recordar trajetórias construídas no campo profissional, na formação acadêmica, nas realizações alcançadas e, sobretudo, na vida pessoal.

Entretanto, não é possível lembrar-se de tudo. A memória é seletiva e, muitas vezes, precisa ser despertada. Alguns acontecimentos permanecem guardados em "gavetas" quase esquecidas, enquanto outros se mantêm vivos na superfície das lembranças, emergindo com facilidade e intensidade. Desse modo, escrever um memorial significa também revisitar fragmentos da própria história, atribuindo novos sentidos às experiências vividas ao longo do tempo.

É importante ressaltar que o memorial constitui uma narrativa pessoal, construída a partir de uma imersão em meu próprio passado, aproximando-se, em muitos aspectos, de uma autobiografia. Algumas lembranças permanecem na superfície da memória, flutuando com facilidade, enquanto outras se encontram escondidas nos mais profundos labirintos das recordações, exigindo esforço para serem resgatadas.

Nesse processo de escrita, não houve uma preocupação rigorosa com a linearidade dos fatos, mas, sim, o compromisso com os documentos comprobatórios reunidos ao longo de minha trajetória acadêmica e profissional. Foram esses registros que possibilitaram recuperar experiências e acontecimentos que já não estavam tão presentes na memória, seja por terem sido esquecidos pelo tempo, seja por terem sido, de alguma forma, silenciados pelas circunstâncias da vida.

Sem mais delongas, apresento, a seguir, uma breve reflexão sobre minha trajetória pessoal, acadêmica e profissional, evidenciando as experiências, os desafios, as aprendizagens e as conquistas que construí ao longo da minha vida. Este memorial descritivo fundamenta-se na memória, na reconstrução de vivências e na análise crítica dos processos formativos que experienciei em diferentes contextos sociais, educacionais e profissionais.

O texto parte de um resgate histórico da minha infância, vivida na zona rural do município de Tocantinópolis, no estado do Tocantins, marcada por dificuldades econômicas, limitações de acesso à educação e diversos outros desafios que influenciaram significativamente minha formação pessoal e acadêmica. Essas vivências contribuíram para a construção dos valores, conhecimentos e perspectivas que orientam minha trajetória de vida.

Além disso, abordo meu percurso acadêmico desde a educação básica até a educação superior, destacando os desafios enfrentados, as oportunidades conquistadas e as aprendizagens adquiridas ao longo desse processo. Também apresento as experiências proporcionadas pelo exercício da docência, bem como pelos cursos de graduação e especialização que realizei, os quais contribuíram de forma significativa para minha formação profissional e para o aprimoramento das minhas práticas educativas.

Dessa forma, este memorial busca não apenas descrever fatos marcantes da minha trajetória, mas também refletir criticamente sobre as contribuições dessas experiências para minha formação humana, acadêmica e profissional, evidenciando os caminhos percorridos e os conhecimentos construídos ao longo dos anos.

BREVE HISTÓRICO ACADÊMICO

Minha trajetória educacional iniciou-se no povoado Ipepaconha, localizado no município de Tocantinópolis, Tocantins, onde vivi durante minha infância. Antes de residir na zona urbana, cresci nesse povoado ao lado de minha família, em um contexto marcado por muitos desafios e aprendizados.

Sou filho de Raimunda Pereira da Silva e Benito Pereira da Silva. Minha família é composta por seis irmãos: Gil Pereira da Silva, Gildete Pereira da Silva, Geovana Pereira da Silva, Claudete Pereira da Silva, Valdete Pereira da Silva e eu, Geovany Pereira da Silva, sendo o caçula da família.

Meus pais possuíam baixa escolaridade, tendo estudado apenas até a 2ª série do ensino primário, equivalente ao atual 2º ano do Ensino Fundamental (Ensino Mobral/Cartilha). Desde muito cedo, eu e meus irmãos participávamos das atividades laborais desenvolvidas por nossa família. A agricultura constituía nossa principal fonte de subsistência e renda. Meu pai trabalhava no cultivo da chamada "roça de toco", enquanto minha mãe dedicava-se à quebra do coco babaçu e à produção de carvão vegetal. Parte da produção agrícola era destinada ao consumo familiar e outra parte era comercializada para complementar a renda doméstica. O coco babaçu, por exemplo, era vendido para a empresa Tobasa Agroindustrial, localizada no município de Tocantinópolis. Os recursos obtidos com essa atividade eram utilizados por meus pais para suprir as necessidades básicas da família.

Com o passar dos anos, meus dois irmãos mais velhos mudaram-se para o estado de Goiás em busca de melhores condições de vida e oportunidades de estudo, passando a residir com um tio paterno. Posteriormente, minhas duas irmãs mais velhas casaram-se e foram morar na cidade de Tocantinópolis. Permaneceram no povoado apenas meus pais, minha irmã Valdete e eu.

Minha irmã Valdete e eu iniciamos nossa trajetória escolar no próprio povoado Ipepaconha. As aulas aconteciam em uma construção simples, coberta com palha de babaçu, com piso de terra batida e quadro de giz. O professor responsável pelas aulas era um morador da comunidade, sem formação superior. Recordo-me que seu nome era Vailson Almeida. A escola também contava com dona Eva, moradora da comunidade, que desempenhava simultaneamente as funções de merendeira e auxiliar de serviços gerais.

Posteriormente, essa unidade escolar foi desativada e transferida para o povoado Chapadinha, situado a aproximadamente 2 quilômetros de nossa residência. Em razão dessa mudança, nossa rotina precisou ser reorganizada. Diariamente, acordávamos por volta das cinco horas da manhã para nos prepararmos e seguirmos a pé até a escola. Esse percurso era acompanhado por minha mãe e por outras crianças da comunidade vizinha.

No povoado Chapadinha, as aulas eram realizadas em um salão comunitário coberto com palha e piso de terra batida. Inicialmente, continuamos sob a orientação do professor Vailson. Após sua saída, a professora Vanessa assumiu a turma, permanecendo por alguns anos. Em seguida, a professora Ediléia passou a ministrar as aulas, deslocando-se diariamente da cidade até o povoado para atender os estudantes da comunidade (Diariamente, ela deslocava-se da cidade até o povoado para lecionar, percorrendo aproximadamente 13 quilômetros de bicicleta).

Após o término das aulas, minha mãe ia nos buscar na escola. Ao chegarmos em casa, almoçávamos e, logo em seguida, seguíamos para a roça, onde auxiliávamos nossos pais nas atividades agrícolas. Como eu e minha irmã ainda éramos crianças, costumávamos percorrer o trajeto montados no lombo de um jumento, conduzido por nossa mãe. Meu pai já se encontrava na roça desde as primeiras horas da manhã, iniciando suas atividades por volta das cinco horas.

Permanecíamos no campo durante todo o período da tarde e retornávamos para casa apenas ao anoitecer. Essa rotina fez parte significativa da minha infância e contribuiu para a construção de valores como responsabilidade, dedicação ao trabalho e compromisso com a família.

Vale ressaltar que, nessa nova unidade de ensino, a Escola Municipal Ipepaconha, concluí a 1ª série do Ensino Fundamental, atualmente correspondente ao 1º ano das séries iniciais. Algum tempo depois, a referida escola também foi desativada, o que levou meus pais a realizarem minha matrícula em uma instituição de ensino localizada na cidade. Nesse período, minha mãe foi contemplada com uma moradia popular concedida pela Prefeitura Municipal de Tocantinópolis. Em razão dessa mudança, passei a residir na cidade juntamente com minha irmã, Valdete, e minha avó materna.

Durante essa fase, minha avó permaneceu conosco de forma permanente, enquanto minha mãe nos visitava apenas nos finais de semana, pois precisava permanecer no povoado auxiliando meu pai nas atividades de trabalho. Ela chegava às sextas-feiras e retornava às segundas-feiras, enquanto meu pai permanecia na propriedade cuidando das atividades familiares.

Cabe destacar que, durante o período em que estudamos na escola do campo, enfrentamos inúmeros desafios, dentre eles a escassez de materiais pedagógicos e a ausência de um espaço escolar adequado, uma vez que as aulas aconteciam em um salão de festas da comunidade adaptado para funcionamento da escola.

Além disso, frequentemente ficávamos dias ou até mesmo semanas sem aulas, pois a professora responsável pelo ensino deslocava-se diariamente da cidade de Tocantinópolis, percorrendo aproximadamente 13 quilômetros de bicicleta para chegar até a comunidade. Tais dificuldades ocasionaram prejuízos significativos no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes.

Posteriormente, ao sermos matriculados em uma escola da cidade, enfrentamos grandes dificuldades em relação à aprendizagem. No meu caso específico, devido à defasagem escolar em que me encontrava, foi necessário ingressar na modalidade de Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI), na qual cursei da 4ª à 7ª série do Ensino Fundamental I e II.

Na cidade, fui matriculado na Escola Municipal Pio XII, na turma do 2º ano do ensino Fundamental I, onde estudei do 2º ao 8º ano do Ensino Fundamental, concluindo essa etapa em 2004. Nesse período, minha irmã Valdete interrompeu os estudos ainda na 3ª série do Ensino Fundamental, em razão de sua gravidez e posterior casamento, retornando ao povoado onde havíamos morado anteriormente. Apesar das dificuldades enfrentadas ao longo da infância e da adolescência, permaneci dedicado aos estudos.

Apesar das dificuldades enfrentadas ao longo da infância e da adolescência, permaneci dedicado aos estudos. Meus pais sempre nos orientavam afirmando que, embora não pudessem nos oferecer todas as condições materiais desejadas, a educação seria o maior bem que poderiam proporcionar aos filhos. Constantemente nos incentivaram, destacando que os estudos nos possibilitariam melhores condições de vida e um futuro mais digno e confortável.

Além disso, meus pais afirmavam que, caso algum dos filhos não quisesse estudar, retornaria ao trabalho na roça, submetendo-se às condições árduas do trabalho braçal sob o sol intenso. Tal discurso serviu como uma grande motivação para que eu buscasse superar aquela realidade e conquistar melhores oportunidades de vida por meio da educação. Meus pais também compartilhavam suas próprias histórias de vida, relatando que não tiveram oportunidade de estudar, pois pertenciam a uma época em que as famílias eram numerosas e os filhos precisavam auxiliar no trabalho rural. Relatavam, ainda, que se casaram muito jovens e enfrentaram

inúmeras dificuldades para criar os seis filhos. Por essa razão, sempre nos aconselhavam a estudar, conquistar independência financeira e somente constituir família após a conclusão da formação acadêmica.

Minha trajetória educacional foi marcada por desafios relacionados às condições socioeconômicas da família, às limitações estruturais das escolas rurais e às longas distâncias percorridas para ter acesso à educação. Contudo, essas experiências contribuíram significativamente para minha formação pessoal, acadêmica e profissional, fortalecendo valores como perseverança, responsabilidade e compromisso com a educação. Em 2005, ingressei no Colégio Estadual CEM Deputado Darcy Marinho, onde cursei o Ensino Médio, concluindo essa etapa da educação básica no ano de 2007.

Em 2008, fui aprovado no vestibular para o curso de Ciências Sociais – Licenciatura da Universidade Federal do Tocantins, concluindo a graduação em 16 de dezembro de 2013. Durante esse período, participei do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/UFT), em parceria com o Colégio Estadual Professor José Carneiro de Brito, em Tocantinópolis/TO, além de atuar como bolsista do Programa Institucional de Monitoria (PIM), na disciplina de Sociologia da Educação. Abaixo imagem da turma de Ciências Socias (Licenciatura).

Figura 1 – I período do curso de Ciências Sociais – UFT campus de Tocantinópolis, Tocantins.

Figura 2 - PIBID – Ciências Sociais: Ação desenvolvida no Colégio Professor José Carneiro de Brito, Tocantinópolis, TO.

Fonte: Acervo Particular.

Figura 3 - PIBID – Ciências Sociais. Biblioteca da UFT, campus de Tocantinópolis: momento de Planejamento das atividades a serem desenvolvidas no Colégio José Carneiro de Brito (escola parceira).

Fonte: Acervo Particular.

Figura 7 - Formatura do curso de Ciências Sociais em 16 de dezembro de 2013 – UFT campus de Tocantinópolis, Tocantins.

Fonte: Acervo Particular.

Após a conclusão da graduação, mudei-me para Mineiros, Goiás motivado pelo interesse na área jurídica, especialmente voltado à docência no campo do Direito. Em fevereiro de 2014, iniciei o curso de Bacharelado em Direito pela Faculdade Morgana Potrich – (FAMP), concluído em fevereiro de 2018. Paralelamente, em julho de 2017, iniciei o curso de Pedagogia (2º licenciatura) pelo Centro Universitário de Jales, concluído em julho de 2018.

Figura 4 - Formatura do curso de Direito em 2018 – FAMP Faculdade.

Fonte: Acervo Particular.

Figura 5 - Curso de Pedagogia, Faculdade FAEC, Mineiros, Goiás.

Fonte: Acervo Particular.

Figura 6 - Defesa da monografia do curso de Pedagogia em 2018, Faculdade FAEC, Mineiros, Goiás.

Fonte: Acervo Particular.

Ainda em Mineiros/GO, tive minhas primeiras experiências profissionais na docência, atuando como professor substituto nas escolas estaduais Arquilino Alves de Brito e Deputado José Alves de Assis, trabalhando com turmas do Ensino Fundamental II (anos finais 6º ao 9º ano). Posteriormente, mudei-me para Ceilândia, Distrito Federal, onde permaneci por aproximadamente oito meses dedicando-me à preparação para concursos públicos. Nesse período, também atuei como professor particular de Matemática para estudantes do Ensino Fundamental II (anos finais).

Em 2019, fui aprovado no concurso público da Prefeitura Municipal de Porto Nacional/TO para o cargo de professor 40 horas.

Figura 7 – Momento de posse no concurso público professor graduado 40h em Porto Nacional, Tocantins.

Fonte: Acervo Particular.

Tomei posse em 20 de janeiro de 2020, sendo inicialmente lotado na Escola Municipal Deasil Aires, atuando em turma de 4º ano do Ensino Fundamental. Posteriormente, exerci atividades na Escola Municipal Cabo Wilson Costa Farias, trabalhando na Educação Infantil, especialmente no I Período e no berçário.

Em 2021, iniciei a especialização em Gestão Estratégica da Inovação e Política de Ciência e Tecnologia, promovida pelo OPAJE/UFT, concluída em 2022. Ainda em 2021, solicitei remoção para o distrito de Luzimangues, Porto Nacional, sendo lotado na Escola Municipal Eulina Braga (atualmente se tornou escola em tempo integral), localizada na zona rural do distrito. Nessa instituição, atuei com turmas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II, posteriormente com turmas do 3º ano do Ensino Fundamental I e, mais tarde, em regime de rotatividade pedagógica do 1º ao 5º ano.

Figura 7 – Turma Especialização em TEA/TDAH/AH/SD

Fonte: Acervo Particular

Não poderia deixar de destacar um dos momentos mais especiais e marcantes da minha trajetória pessoal. No ano de 2023, tive a alegria de conhecer aquela que se tornaria minha digníssima esposa. Nosso encontro representou o início de uma nova etapa em minha vida, repleta de amor, companheirismo e aprendizado. Nesse mesmo ano, tivemos a felicidade de celebrar nossa união matrimonial, um momento único e inesquecível que ficará eternamente guardado em nossas memórias. Sou profundamente grato a Deus pela vida da minha esposa e por sua constante presença ao meu lado, compartilhando sonhos, desafios e conquistas. Seu apoio, dedicação e amor têm sido fundamentais em minha caminhada pessoal, familiar e profissional.

No ano seguinte, fomos agraciados com a chegada de nosso filho, Heitor Ferreira da Silva. Seu nascimento trouxe ainda mais alegria e significado à nossa família, transformando nossas vidas de maneira extraordinária. Com sua chegada, nosso lar foi preenchido por novos sentimentos, responsabilidades e inúmeras bênçãos, tornando nossa família ainda mais completa e fortalecida. Em setembro de 2023, fui aprovado no processo seletivo do Programa de

Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Tocantins. Em 4 de março de 2026, concluí o curso de Mestrado em Educação pela referida instituição.

Figura 8 - Palestra de recepção aos novos mestrandos do Programa de pós-graduação em Educação – PPGE/UFT – 2023.

Figura 9 – Defesa de dissertação do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE/UFT) realizada em 04/03/2026.

Em 27 de janeiro de 2025, fui convidado a integrar a equipe diretiva da unidade escolar na função de professor de apoio da Escola Municipal em Tempo Integral Eulina Braga. As experiências vivenciadas nesse contexto contribuíram significativamente para minha formação profissional, ampliando meus conhecimentos

pedagógicos e administrativos. Em agosto de 2025, assumi a função de Supervisor Educacional junto à Secretaria Municipal de Educação (SEMED) – Anexo Luzimangues, permanecendo no cargo até dezembro do mesmo ano. Em janeiro de 2026, fui novamente convidado pela SEMED para atuar como Orientador Educacional, exercendo funções técnicas vinculadas à rede municipal de ensino.

No âmbito acadêmico-científico, participei da apresentação de resumo expandido no Seminário Internacional em Inovação, Pesquisa e Práticas Disruptivas: "A universidade, a pesquisa e o ensino pós-pandemia". Também apresentei trabalho no "III Encontro Nacional de

Licenciaturas e II Seminário Nacional do PIBID", realizado na Universidade Federal do Maranhão, na cidade de São Luís. Integrei ainda no Grupo de Estudos CEP: Cultura, Educação e Política, da Universidade Federal do Tocantins.

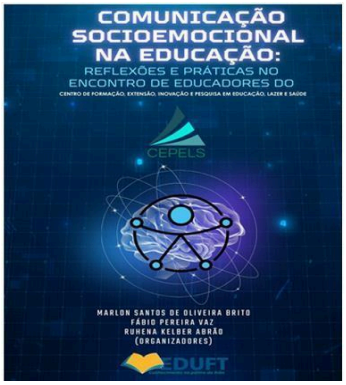
Autor do capítulo "A importância da interação entre universidade e setor privado para o desenvolvimento da sociedade", publicado na obra Universidade e Inovação: Estudos em Transferência de Tecnologia, Propriedade Intelectual e Prospecção, organizada pela Universidade Federal do Tocantins. Também sou autor de capítulo no livro PIBID da UFT:

Processo de Ensino-Aprendizagem na Formação Inicial de Professores; do artigo A Trajetória de Consolidação de Direitos da Criança no Marco Legal Brasileiro da Educação Infantil, publicado na revista Multidebates; e do capítulo "Supervisão Escolar e Comunicação

Socioemocional: Caminhos para a Inclusão e Superação de Estigmas", publicado na obra Comunicação Socioemocional na Educação: Reflexões e Práticas no Encontro de Educadores do Cepels/UFT. Além disso, participei do Programa Autismo na Escola, realizado em Mineiros.

Somando-se a essas experiências, a elaboração deste memorial descritivo representa mais um importante capítulo de minha trajetória acadêmica e profissional. Este texto integra a obra intitulada "Comunicação Socioemocional na Educação: Reflexões e Práticas no Encontro de Educadores do Centro de Formação, Extensão, Inovação e Pesquisa em Educação, Lazer e Saúde", produzida como requisito para a conclusão do curso de Especialização em Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), Transtorno do Espectro Autista (TEA), Altas Habilidades e Superdotação, ofertado pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), Câmpus de Palmas, Tocantins.

Figura 10 – Capa do livro produzido com os artigos dos alunos do curso de Especialização em Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), Transtorno do Espectro Autista (TEA), Altas Habilidades e Superdotação, da Universidade Federal do Tocantins (UFT), campus de Palmas, Tocantins.



Comunicação Socioemocional na Educação:
Reflexões e Práticas no Encontro de Educadores do Cepels/UFT

Andrei da Silva Sousa
Ingrid Ferreira Furtado
Kellen Cristiny Araujo Menezes
Verônica Marques Barbosa
Vanessa Gomes Ferreira
Geovany Pereira da Silva

1 INTRODUÇÃO 111
2 COMUNICAÇÃO SOCIOEMOCIONAL 115
Imagem 1: Supervisores escolares em formação: discutindo comunicação socioemocional e práticas inclusivas 115
3 INCLUSÃO ESCOLAR 118
Imagem 2: Construindo uma Escola Inclusiva: diálogo e colaboração para o respeito à diversidade 118
Tabela 1: Atuação do Supervisor Escolar na Educação Inclusiva 120
4 GUIA DE ATUAÇÃO DA SUPERVISÃO EDUCACIONAL 122
Imagem 3: Inclusão Escolar em Ação: Supervisão, Diversidade e Combate ao Estigma 122
Tabela 2: Guia de Atuação da Supervisão Educacional: Estratégias, Ações e Indicadores de Sucesso 124
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 126

Fonte: UFT

Atualmente, sou servidor efetivo da Secretaria Municipal de Educação de Porto

Nacional, exercendo a função de orientador Educacional técnico da Secretaria Municipal de Educação SEMED, anexo de Luzimangues, Porto Nacional/TO. A participação no 1º Encontro Formativo do Programa EducaTO/2026, realizado na cidade de

Palmas, entre os dias 30 e 31 de março e 1º de abril de 2026. O evento teve como objetivo promover formação presencial destinada aos Orientadores de Estudo, Articuladores e Supervisores, contemplando diferentes etapas e modalidades de ensino.

O Programa EducaTO é uma política pública social desenvolvida por coletivos de especialistas em educação, com foco na melhoria da qualidade da educação básica, com ênfase na formação de professores(as), na gestão escolar, na proteção e garantia do direito à educação e inclusão de todas as crianças e na implementação de práticas pedagógicas emancipadoras, reconhecendo a formação docente como eixo estratégico para superar as desigualdades educacionais e garantir uma educação democrática, inclusiva e de qualidade socialmente referenciada.

O objetivo concerne em promover a otimização e sistematização dos processos, gestão e práticas pedagógicas voltadas para a alfabetização, recomposição das aprendizagens e desenvolvimento humano, fortalecimento da rede de proteção e garantia de direitos dos estudantes por meio da oferta de formação continuada, acompanhamento, monitoramento, avaliação, produção e difusão do conhecimento para os profissionais da educação das unidades escolares dos sistemas e redes de ensino municipais do estado Tocantins que aderirem à Rede ColaborAção Tocantins (RCT).

Nos dias 15 e 16 de maio de 2026, vivenciei minha primeira experiência como formador multiplicador no projeto RIGA/2026 – Rede Intersetorial de Garantia da Aprendizagem, realizado no CMEI Duerita, localizado no distrito de Luzimangues. A formação teve como temática central "Educação, Equidade e Proteção Integral: articulação intersetorial e garantia do direito à aprendizagem", promovendo discussões voltadas à importância da atuação integrada entre os diferentes setores educacionais e sociais na

efetivação do direito à educação e na promoção de práticas pedagógicas inclusivas e equitativas.

A formação constituiu-se como uma ação de formação continuada destinada aos Orientadores Educacionais das unidades de ensino, monitores de pátio das Escolas em Tempo

Integral e secretários (as) escolares das instituições pertencentes ao distrito de Luzimangues, município de Porto Nacional. O projeto teve como finalidade fortalecer as práticas pedagógicas, administrativas e intersetoriais no contexto educacional, promovendo espaços de diálogo, troca de experiências e aperfeiçoamento profissional entre os participantes.

REFLEXÃO FINAL: O CAMINHO DA JORNADA AO LONGO DA VIDA.

Chegar ao final deste Memorial não representa o encerramento de um ciclo, mas sim o ponto de observação mais elevado que pude alcançar nesta jornada ao longo da vida. A retrospectiva revelou um caminho sinuoso, pontuado por acertos luminosos e por desvios que, embora desafiadores, se mostraram as fontes mais ricas de aprendizado.

Ao revisitar minha trajetória pessoal, profissional e acadêmica, reconheço que cada etapa vivida se entrelaça na construção do sujeito que hoje sou. Meu caminho não foi linear, tampouco isento de dúvidas, desafios e reinícios. Entretanto, foi justamente nesses movimentos de pausa, mudança e retomada que encontrei sentido e propósito para continuar avançando.

Desde a infância, aprendi que o conhecimento é uma ferramenta poderosa de transformação. As primeiras descobertas, as curiosidades espontâneas e o incentivo de pessoas que acreditaram em mim foram responsáveis por despertar o desejo de compreender o mundo e de encontrar meu lugar nele. Mais tarde, na adolescência,

a escola se tornou espaço de ampliação de horizontes, onde comecei a entender que aprender não se resume a acumular informações, mas a desenvolver a capacidade de pensar criticamente, dialogar e construir autonomia.

No percurso acadêmico e profissional, passei a perceber que cada nova etapa exigia de mim não apenas habilidades técnicas, mas também maturidade emocional, flexibilidade e capacidade de adaptação. Os desafios — sejam eles financeiros, pessoais ou intelectuais — nunca deixaram de existir, mas a forma como aprendi a enfrentá-los foi se transformando. Aos poucos compreendi que dificuldades não anulam caminhadas; ao contrário, são elas que moldam nosso caráter e ampliam nossa visão de mundo.

O contato com novos conhecimentos, autores, metodologias e experiências práticas durante o curso fortaleceu em mim a percepção de que aprender é um ato contínuo. Hoje entendo que a formação acadêmica não se encerra com a conclusão de uma etapa, mas se prolonga por toda a vida. Cada oportunidade de estudo, cada troca de saberes, cada diálogo construído é parte essencial do processo de desenvolvimento humano.

Ao longo desse percurso, aprendi também a reconhecer minhas limitações e potencialidades. O autoconhecimento tornou-se ferramenta imprescindível para que eu pudesse ajustar rotas, redefinir prioridades e reafirmar sonhos. Percebi que crescer não significa saber tudo, mas estar aberto ao novo, disposto a reaprender, a ressignificar experiências e a acolher mudanças.

Chego a este momento final do memorial com a sensação de que minha jornada é feita de ciclos: alguns que se fecham, outros que apenas começam. Sinto gratidão por tudo o que vivi, pelas pessoas que me acompanharam e pelos desafios que me fortaleceram. Entendo que o futuro não é um destino pronto, mas um caminho que

se constrói a cada passo, com escolhas conscientes e responsabilidade sobre a própria história.

Assim, sigo adiante comprometido com o aprendizado contínuo, com a construção de relações humanas mais justas e com a busca de um propósito que dê sentido à minha existência. A vida, tal como a educação, é um processo em permanente movimento — e é nesse movimento que encontro motivação para continuar caminhando.

Hoje, ao concluir esta reflexão final, sinto orgulho do caminho percorrido e da pessoa que me tornei. Sei que ainda há muito a aprender, a construir e a transformar. A jornada ao longo da vida não termina, ela se renova a cada escolha, a cada desafio aceito, a cada sonho que decidimos perseguir.

Sigo adiante como advogado, estudante permanente e ser humano em constante evolução. Carrego comigo a certeza de que o conhecimento é um aliado poderoso e que a vida, assim como o Direito, é feita de movimento, interpretação e propósito. E é nesse movimento que encontro força para continuar caminhando.

REFERÊNCIAS

SEVERINO, Antonio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 24. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2016. Disponível em: https://share.google/VEPAA9LfuAnn8fybv. Acesso em: 18 jun. 2026.

COSTA, Jeferson Morais da; MAXIMIANO, Cintia Fernandes; PÔRTO JÚNIOR, Gilson. Universidade e inovação: estudos em transferência de tecnologia, propriedade intelectual e prospecção [recurso eletrônico]. Palmas: EdUFT, 2021.

PIBID da UFT: Processo de Ensino-Aprendizagem na Formação Inicial de Professores.

ROCHA, Damião Rocha Trindade; SILVA, Geovany Pereira da. A trajetória de consolidação de direitos da criança no marco legal brasileiro da educação infantil. Revista Multidebates, Palmas, v. 8, n. 3, ago. 2024. ISSN 2594-4568.

BARBOSA, Verônica Marques; FURTADO, Ingrid Ferreira; MENESES, Kellen Cristiny Araújo; SOUSA, Andrei da Silva; SILVA, Geovany Pereira da; FERREIRA, Vanessa Gomes. Supervisão escolar e comunicação socioemocional: caminhos para a inclusão e superação de estigmas. In: BRITO, Marlon Santos de Oliveira; VAZ, Fábio Pereira; ABRÃO, Ruhena Kelber (org.). Comunicação socioemocional na educação: reflexões e práticas no Encontro de Educadores do CEPELS/UFT.

Capítulo 18

MEMORIAL DESCRITIVO: TRAJETÓRIAS DE SUPERAÇÃO, GESTÃO E ACOLHIMENTO DE UMA EDUCADORA QUE APRENDEU ENSINANDO.

Helane Dias Rodrigues

RESUMO

Este memorial descritivo narra a trajetória de vida pessoal e profissional de uma educadora ao longo de 28 anos de atuação na rede pública de ensino do Tocantins. Organizado em capítulos temáticos, o trabalho percorre desde a infância marcada pela influência da mãe professora e do pai pedreiro, passando pela alfabetização acolhedora que, até o bullying sofrido na adolescência, a experiência que a levou a prometer a si mesma que estudaria para superar as humilhações. Aos 17 anos, aprovada em concurso público, iniciou a carreira como professora de alfabetização na mesma escola onde estudara e onde sua mãe trabalhava, desenvolvendo. A formação em Pedagogia na Ulbra de Palmas foi marcada por dificuldades. A carreira expandiu-se para a gestão pública: supervisora escolar, formadora de programas nacionais, Diretora Pedagógica da rede municipal de Porto Nacional, e Diretora de Projetos Educacionais. Como Secretária Municipal de Educação (2021-2022), enfrentou os desafios da Educação pública. De volta à escola, atuou como Orientadora Educacional, criando a Sala Socioemocional, com o Projeto "Mãos que Apoiam", premiado em 2º lugar no Prêmio Escola que Transforma (SEDUC/2024). Atualmente, é professora de Atendimento Educacional Especializado (AEE) no Colégio Militar Custódia da Silva Pedreira e mestranda em Educação Matemática, pesquisando o uso do ábaco soroban para alunos com Transtorno do Espectro Autista. O memorial evidencia três eixos fundamentais - alfabetização, gestão pública e educação especial, revelando uma trajetória de superação, acolhimento e compromisso com a transformação da educação pública.

Palavras-chave: Alfabetização. Gestão educacional. Educação especial. Superação.

MEMORIAL

Introdução

Helane Dias Rodrigues, brasileira, casada, mãe de duas filhas, pedagoga, pós-graduada em Orientação Educacional, Tecnologias em Educação e Gestão Escolar, mestranda em Educação Matemática pela UFT. Filha de Tereza Rodrigues Pereira, professora, e Angelino Dias Pereira, pedreiro. Iniciei minha trajetória na educação antes mesmo da formação acadêmica, aos 13 anos, ajudando minha mãe na alfabetização de crianças em uma escola pública de Porto Nacional, Tocantins.

O presente memorial descritivo tem como objetivo narrar e refletir sobre minha trajetória pessoal, acadêmica e profissional ao longo de 28 anos dedicados à educação pública. Busco, por meio deste relato, articular as experiências que me constituíram como educadora - desde a infância marcada pelo bullying e pela superação, passando pela formação em Pedagogia na Ulbra de Palmas, a luta judicial de cinco anos para assumir o concurso público estadual, a atuação como Diretora Pedagógica da rede municipal de Porto Nacional, Secretária Municipal de Educação, Orientadora Educacional e, atualmente, professora de Atendimento Educacional Especializado (AEE) - evidenciando os três eixos que atravessam minha carreira: a alfabetização, a gestão pública e a educação especial.

Este memorial descritivo atende ao requisito da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso TCC e Elaboração do Memorial Descritivo, que propõe ao educador o exercício de refletir criticamente sua trajetória profissional, articulando experiências vividas com os referenciais teóricos estudados ao longo da formação. A justificativa para esta escrita reside, portanto, na necessidade de registrar e compreender criticamente o percurso que me trouxe até aqui, reconhecendo as marcas, as lutas e as conquistas que

moldaram minha identidade profissional. Mais do que um relato cronológico, este texto busca estabelecer conexões entre a teoria e a prática, entre os desafios enfrentados e as soluções construídas, entre o que aprendi ensinando e o que ensinei aprendendo. Como nos ensina Içami Tiba (2006), "ensinar aprendendo" é o movimento em que o educador se reconhece como eterno aprendiz — e é esse o espírito que orienta cada página deste memorial.

Este memorial está organizado em seis capítulos que acompanham a trajetória de uma educadora que nunca deixou de aprender. O Capítulo 1- As Raízes resgata a infância, a família e as primeiras experiências com a alfabetização. O Capítulo 2- A Estudante que superou o Bullying narra a superação das humilhações sofridas na adolescência. Seguindo, o Capítulo 3- O Concurso, Faculdade e a Luta pelo Direito de Ensinar aborda os desafios da formação acadêmica e a batalha judicial de cinco anos para exercer a docência na rede estadual. O Capítulo 4- A Gestão Pública em dez anos na Secretaria Municipal de Educação, da supervisão à direção de projetos. O Capítulo 5- Entre a Missão e o Sonho reflete sobre os desafios como Secretária Municipal de Educação, as conquistas e as marcas deixadas pela experiência. Por fim, o Capítulo 6- O Reencontro com a Vocação revela a descoberta do Atendimento Educacional Especializado, o projeto "Mãos que Apoiam", o encontro com o Ábaco Soroban e o ingresso no mestrado em Educação Matemática.

As raízes: infância, família e as primeiras letras

Sou filha de Tereza Rodrigues Pereira, professora, e Angelino Dias Pereira, pedreiro. Casada, mãe de duas filhas. Minha mãe, criou seis filhos e trabalhava 60 horas por semana na educação, eram três turnos e eu, ainda menina, cuidava da casa. Aos 13 anos, comecei a ajudá-la como professora na turma de alfabetização. Ia para a escola e me debruçava sobre o mimeógrafo, girando a manivela para

reproduzir as atividades dos alunos; primeiro fazia as atividades nos stencil, aquelas folhas de papel vegetal que se escrevia à máquina ou à mão, ajudava a corrigir os diários de classe dos professores na escola que trabalhava como administrativo. Foi ali, naquele chão de escola pública, que a docência começou a germinar em mim, muito antes de qualquer formação acadêmica.

Minha alfabetização aconteceu no pré-escolar do Colégio Estadual Professor Florêncio Aires da Silva, a mesma escola onde minha mãe trabalhava um período. Tive uma professora chamada Marfisa. Ela foi a primeira a me ensinar os traços da letra, a firmeza do caderno de caligrafia, a exigência do capricho, o cuidado com cada detalhe. Hoje, quando alguém elogia minha letra legível, eu lembro dela. O perfeccionismo que carrego em tudo o que faço, aprendi com a professora Marfisa.

Lembro como se fosse hoje de um fato, minha mãe, sempre tão criativa, fez um teatro na escola, CEM Professor Florêncio Aires, o mesmo chão que mais tarde seria também o meu. Ela se vestiu de palhaça, com aquele nariz vermelho e a roupa colorida, e eu e minha irmã estávamos lá, ao lado dela. Alguém registrou o momento: uma foto que guardo comigo até hoje. Minha mãe, de palhaça, eu e minha irmã abraçadas. Mas ela cortou a si mesma da foto, só ficamos nós duas. Por muito tempo olhei para aquela imagem e sentia falta dela ali. Queria reconstruir aquela cena, devolver minha mãe ao lugar que sempre foi dela: ao nosso lado. O teatro sempre foi paixão para mim. Naquela época, era brincadeira. Depois, virou ferramenta pedagógica, usei o teatro para conquistar turmas difíceis, para ensinar literatura, para acolher alunos, para evangelizar crianças. Mas a semente foi plantada ali, naquele palco improvisado do Florêncio Aires, com minha mãe de palhaça e o flash da câmera registrando um amor que o tempo não apaga.

Depois, fui para uma escola perto de casa, Escola Estadual Frei José Maria Audrin, onde encontrei a professora Ely. Ela continuou o trabalho de alfabetização com a mesma dose de acolhimento e exigência. Era maravilhosa. Foi com ela que aprendi que ensinar não é apenas transmitir conteúdo, é acolher, é exigir com amor, é acreditar que cada criança pode aprender. Essas duas professoras me deram uma alfabetização sólida e, mais do que isso, me deram um modelo do que eu queria ser um dia, professora. A professora Ely foi o meu exemplo e muitas vezes me lembro sempre dela quando estou com meus alunos, de como ensinava e amava a educação.

Lembro também de uma cena que me marcou profundamente. Por volta da quarta série, presenciei a professora Berenice sendo agredida dentro da sala de aula. Uma mãe entrou, na frente de todos os alunos, e deu um tapa nela. Aquilo ficou gravado em mim. Eu vi ali, ainda estudante, o quanto a profissão de professora pode ser desrespeitada, o quanto a sala de aula pode ser um lugar de vulnerabilidade. E, mesmo assim, segui adiante.

Minha formação humana e profissional começou ali: entre o mimeógrafo e os diários, entre o exemplo da minha mãe e o acolhimento das minhas professoras. Como registra meu currículo Lattes, iniciei minha trajetória escolar no CEM Professor Florêncio Aires e, anos depois, seria na mesma escola que eu iniciaria minha carreira como professora concursada. A vida tem dessas circularidades que só o tempo explica.

A estudante que superou o bullying

Quando eu tinha 5 anos, minha mãe me levou ao dentista para retirar um dente. Era um dente de leite, e outro deveria nascer no lugar. Mas não nasceu. Passaram-se meses, anos, foram quase 10 anos e o dente simplesmente não nascia. Eu fiquei "banguela", como

se dizia na época, e aquele espaço vazio na boca se tornou o centro da minha existência na escola.

Minha adolescência foi marcada pelo massacre dos colegas de classe. Os apelidos vinham de todos os lados: "banguela", "porteira", "dente de cavalo". Quando minha mãe finalmente conseguiu me levar a um dentista em Palmas que tinha tecnologias mais desenvovidas, ele colocou um dente provisório, mas era pequenininho, e ficava uma "vaguinha" visível. Então começaram a dizer que tinham "colocado dente de cavalo" em mim. Não importava o que eu fizesse, sempre havia uma nova forma de me humilhar.

Quantas vezes me chamaram de feia? Não sei contar. Sei que doía. Doía muito. Foi nesse contexto que fiz uma promessa a mim mesma: estudaria tanto, seria tão boa aluna, que eles teriam que me respeitar. Eu seria a melhor da turma. Estudei com uma obsessão que, olhando hoje, vejo que me prejudicou em alguns aspectos, a cobrança excessiva, a necessidade de provar algo o tempo todo, mas também me salvou. Os estudos foram meu refúgio, meu lugar de competência, minha resposta ao mundo que me julgava pela aparência.

Lembro que os professores de matemática sempre me colocavam na primeira fileira, pertinho deles. Não era para me ajudar, era para eu não passar cola para os outros. Eu terminava as provas rápido, tinha facilidade com os números, e eles sabiam que se eu estivesse perto, os colegas pediriam ajuda. Então me isolavam na frente. E eu, silenciosamente, resolvia as questões.

No ensino médio, retornei para o CEM Florêncio Aires da Silva como estudante do curso de Magistério e logo ganhei um apelido de "Donzela". Cada um na sala tinha seu apelido, e o meu era esse, talvez porque eu fosse quieta, estudiosa, "certinha". Talvez porque, no fundo, eu estivesse sempre protegendo algo de mim que não queria que tocassem.

Foi também no ensino médio que encontrei a professora Maria José, de estágio, e a professora Isabel Cristina, de matemática. Foi Isabel Cristina quem me fez amar verdadeiramente a matemática. E Maria José, com sua exigência, continuou me ensinando a importância do capricho nas atividades, eu sempre fui boa em desenho, em dobraduras, em criatividade, e ela valorizava isso. Meu caderno de dobradura era caprichado, meus desenhos eram elogiados. Naquelas aulas, eu existia para além do dente que não nascia.

Aos 18 anos, finalmente, retornei a Palmas para novos exames e descobriram que o dente estava lá, dentro da gengiva, esperando. Fiz uma cirurgia para puxá-lo, e ele nasceu. Mas as marcas já estavam plantadas. O bullying me ensinou que o mundo pode ser cruel com quem é diferente e me ensinou também que o estudo é uma forma de resistência. Concluí o ensino médio e, logo em seguida, passei no concurso público para professora. A "Donzela" estava pronta para escrever sua própria história.

Como consta no meu Lattes, cursei o Ensino Médio em Magistério no CEM Professor Florêncio Aires, a mesma escola onde tudo começou. A vida, mais uma vez, se encarregava de fechar o círculo.

Concurso, faculdade e a luta pelo direito de ensinar

Passei no concurso público em 5º lugar para professora aos 17 anos. Tomei posse ao completar 18 anos e fui trabalhar na mesma escola onde minha mãe trabalhava, a Escola Municipal Celso Alves Mourão. Era como se a vida estivesse fechando um círculo: a menina que ajudava a mãe no mimeógrafo e nos stencils agora era professora concursada naquele mesmo chão. Tive uma diretora muito boa, dona Iraildes, que me acolheu e confiou em mim desde o início.

Foram três anos como professora de alfabetização e eu amava cada minuto. Tinha mais de 30 alunos por turma, e apenas um ou dois saíam sem estar alfabetizados. Meu segredo era o método lúdico: eu acreditava que criança aprende brincando, mexendo, fazendo. Depois, fui coordenadora pedagógica por mais três anos, sempre incentivando os professores a trabalharem com projetos.

Lembro com carinho de um projeto que marcou minha trajetória: o Projeto Lilica. Era uma boneca de pano, preta, grandona, que eu mesma fiz. A história partia de um livro de Alaíde Lisboa de Oliveira sobre preconceito: A bonequinha preta. A boneca passava por todas as salas de aula, e cada aluno a levava para casa, cuidava dela, escrevia num caderno tudo o que faziam juntos. Os pais participavam. Era um projeto de língua portuguesa, de produção de texto e, acima de tudo, de combate ao preconceito racial. A Lilica ensinava o que nenhum livro didático conseguia: que o respeito se aprende com o coração.

Mas eu tinha um sonho maior: estudar matemática. Sempre fui apaixonada por números, e também por desenho e arquitetura, amava fazer maquetes de casas, construir projetos, ficar pensando e fazendo contas quando chegava em alguma loja por exemplo, já calculava quanto aquele estabelecimento estava faturando. Na UFT, o curso de matemática era oferecido apenas em Miracema. Uma amiga muito próxima foi e eu queria ir com ela. Mas minha mãe não tinha condições financeiras de sustentar a minha estadia em outra cidade, e eu não podia deixar o trabalho/concurso. O sonho da matemática ficou guardado.

Diante disso, fiz o vestibular no CEULP – Ulbra e fui aprovada, uma faculdade particular, de Palmas-To e cursei o curso de Pedagogia. A rotina era exaustiva: trabalhava o dia inteiro, saía de casa às 18 horas, pegava o ônibus, assistia às aulas e chegava de volta à meia-noite. Meu pai ou meu namorado às vezes me buscava

no ponto; outras vezes, eu ia sozinha, com medo da escuridão e do silêncio da noite. Muitas vezes também não tinha dinheiro nem para comer quando chegava na faculdade. Minhas colegas, generosas, dividiam o lanche comigo, me davam dinheiro para a passagem. A gratidão que sinto por elas até hoje é imensa.

Na faculdade, o preconceito me acompanhou. Éramos poucos alunos negros naquela instituição particular. Lembro de um episódio que me marcou: fui ao banco sacar R$ 50,00, naquela época, era muito dinheiro para mim. Precisava pagar o ônibus e estava com fome. Fui comer num espetinho, e o homem retrucou "esse dinheiro é roubado? A pergunta ficou atravessada em mim. Não era a primeira vez que me olhavam com desconfiança por ser negra, do cabelo cacheado e não seria a última.

Mas o pior veio de dentro da própria academia. No primeiro semestre do TCC, uma professora virou para mim e disse: "Desiste. Você não vai conseguir esse semestre. No outro, você volta." Chorei bastante. Trabalhava o dia inteiro, viajava todos os dias, às vezes com fome, às vezes sem dinheiro, e ouvir aquilo não foi fácil. Lurdes Gói, esse é o nome dela. Hoje eu entendo que, de alguma forma, aquela fala dura foi necessária para que eu me esforçasse mais. Em vez de desistir, me agarrei com mais força. Terminei o TCC com a nota final 98. Meu trabalho era sobre minha prática como coordenadora pedagógica, era a prova de que eu era capaz. No final de tudo, a mesma professora que me disse para desistir percebeu minha superação. Quando não me via na faculdade, sabia que era porque eu não tinha dinheiro para o deslocamento. Então mandava recursos por minhas amigas. Uma vez, recebi um envelope com dinheiro dentro e uma mensagem dela. Lurdes Gói não foi apenas a professora que me desafiou. Foi a professora que, depois de me testar, me acolheu. E eu jamais esqueci. Concluí o curso, me formei. Mas a luta não terminou.

Passei no concurso do Estado, era meu grande sonho. Passei em primeiro lugar. Quando fui tomar posse, não aceitaram meu diploma que me esforcei tanto para consegui. O problema era a palavra "anos iniciais" como habilitação. Naquela época, o curso de pedagogia estava passando por uma reformulação, e meu diploma não trazia expressamente aquela nomenclatura. Estavam me negando o direito de ser professora, como se eu fosse apenas supervisora que era minha habilitação formal.

Encontrei um blog chamado "João e Maria" que me ajudou a entender o que fazer. Fui à faculdade, que me negou apoio. Fui à Justiça. Em três dias, consegui um mandado de segurança para assumir o concurso. Mas o Estado não aceitou. Durante cinco anos, esperei. Enquanto isso, outros candidatos que estavam abaixo de mim na classificação tomaram posse usando a minha própria decisão judicial como respaldo. E o Estado simplesmente esperou todo o meu processo acabar para me convocar. Foram cinco anos de luta. Cinco anos vendo outros ocuparem o lugar que era meu por direito. Cinco anos ouvindo que talvez eu não fosse feita para aquilo e que não iria tomar posse, mas eu não desisti. E, no final, venci.

Como registra meu currículo Lattes, minha formação acadêmica inclui a Graduação em Pedagogia pelo CEULP/ULBRA (2000-2004), com TCC intitulado "Experiência nossa como coordenadora pedagógica de uma escola pública de Porto Nacional-TO", e nota 98.

A gestão pública: de supervisora a Secretária Municipal de Educação

No ano de 2004, me convidaram para trabalhar na Secretaria Municipal de Educação de Porto Nacional como supervisora escolar, uma grande amiga Elza Barros fez parte desse convite. Ali começava

uma jornada de dez anos que marcaria profundamente minha trajetória. Não imaginava, naquele momento, que passaria por tantos papéis, supervisora, formadora, Diretora Pedagógica Geral do município e, por fim, Diretora de Projetos Educacionais.

Como supervisora e formadora, trabalhei com programas do governo federal: Parâmetros Curricular Nacional (PCN), PRALER (Programa de Apoio à Leitura e Escrita), PROLETRAMENTO e Circuito Campeão. Eram programas voltados à formação continuada de professores alfabetizadores, e eu estava na linha de frente, formando outros educadores. Viajava pelos municípios, ministrava oficinas, acompanhava o trabalho em sala de aula. Foi uma época de muito aprendizado, aprendi que formar professores é tão importante quanto alfabetizar crianças, porque um bom professor multiplica seu saber em dezenas de alunos a cada ano.

Como Diretora Pedagógica da Rede Municipal, trabalhava com as propostas pedagógicas de Porto Nacional. Éramos aproximadamente 400 professores e cerca de 1.200 funcionários, dentre 44 escolas urbana e do campo. Eu acompanhava cada uma delas, visitava, ouvia, orientava. Foi nesse período que expandimos o Projeto Lilica para toda a rede, a boneca preta que começou na minha sala de aula agora percorria muitas escolas do município. Quando a Lilica chegava, à escola a recebia com festa, e as crianças aprendiam, por meio dela, a respeitar as diferenças e combater o preconceito racial.

Também ajudei na implantação do piso salarial no município, garantindo que os professores tivessem a livre docência e a valorização que mereciam. Lutávamos pela educação de Porto Nacional com um fervor que, naquela época, ainda alimentava a esperança de mudança. Passamos por greves, por momentos difíceis, mas nunca perdemos a vontade de transformar.

Depois, chegou à Diretora de Projetos Educacionais. Ali, realizei um sonho antigo: trabalhar planejamento de obras de escolas. Eu sempre gostei de desenho, de maquetes, de construção, na adolescência, sonhava em ser arquiteta. Agora, como pedagoga, eu estava à frente de uma equipe com engenheiros e arquitetos, fazendo projetos para mudar a estrutura física das escolas. Eu via, como Diretora Pedagógica, que a questão pedagógica estava mudando, mas as escolas continuavam as mesmas, salas apertadas, sem acessibilidade, sem espaços adequados para o aprendizado.

Nesse contexto, dentro dessa equipe, fizemos projetos, planejamos através de um mapa construído de todos os bairros onde seriam as escolas, e assim submetemos ao Governo Federal, e foram aprovadas sete escolas grandes de uma vez, cada uma com 12 salas, também quatro quadras de esportes, Três creches, mais de 49 milhões. Muitos diziam que era só um sonho meu e da Secretária de Educação, que não ia dar certo. Mas eu fiz, a equipe e a Secretária da Educação da época acolheram e deu certo. Porto Nacional merecia aquela estrutura, e eu tive a honra de fazer parte dessa conquista.

Depois de dez anos na gestão, o cansaço físico e mental começou a ter um peso e decidi desacelerar. Voltei para a sala de aula. Fui para a Escola Municipal Padre Luso Matos, dar aula para o 1º ano, alfabetização, novamente. Foram 36 crianças, e apenas uma não saiu alfabetizada. Eu fazia projetos que incentivavam a leitura e a matemática, sempre com o lúdico como método. Foi um ano de reencontro com a essência da docência.

Logo me chamaram para assumir o concurso do Estado que tinha sido aprovado, aquele que havia ficado cinco anos na Justiça. Tive que escolher: ficar no município e trabalhar 60 horas, ou ir para o Estado e reduzir a carga. Optei pelo Estado. Peguei licença do

município para trabalhar na mesma escola onde tudo começou: o CEM Professor Florêncio Aires como professora do 5º ano.

Nessa escola, assumi uma turma que era de uma professora contratada, e o desconforto foi imediato. Uma coordenadora olhou para mim e disse que eu não iria dar conta, que a turma era muito difícil. Aquilo me marcou. Realmente, era uma turma desafiadora. Mas eu não desisti. Usei o teatro como ferramenta pedagógica, criei vínculos, conquistei cada aluno. E, um dia, a coordenadora me chamou e pediu desculpas. Reconheceu que eu tinha mudado a turma, que minhas ações estavam transformando aquele grupo. Foi uma vitória silenciosa, mas imensa.

Depois, me convidaram para ir para a Diretoria Regional de Ensino. Como supervisora do campo, depois assessora de gabinete da Diretora Regional de Educação. Trabalhei no fortalecimento da gestão, apoiando os municípios da regional de Porto Nacional, orientando secretários municipais e diretores escolares. Foi mais um período de aprendizado sobre a educação para além da sala de aula, a educação como política pública, como gestão de sistemas.

Anos depois, voltei ao município no ano de 2021, dessa vez, como Secretária Municipal de Educação de Porto Nacional. Quem fez parte desse convite foi uma grande amiga, Ana Cristina, que tinha acesso ao prefeito e sugeriu meu nome. Voltei com a alma cheia de propósito para fazer tudo aquilo que eu gostaria que tivessem feito por mim quando eu estava na escola, nas outras funções. Meu desejo era superar os desafios ainda persistentes na educação municipal.

Como registra meu currículo Lattes, minha atuação na gestão pública inclui os cargos de Supervisora Escolar e Formadora (2004-2008), Diretora Pedagógica da Rede de Educação (2009-2012), Diretora de Projetos Educacionais/Coordenadora do PAR-MEC (2013-2014) e Secretária Municipal de Educação de Porto Nacional (2021-2022). Foram anos de muito trabalho, de muito sonho, de lutas e

de muito aprendizado. A educação pública me formou tanto quanto eu a formei.

Entre a missão e o sonho: os desafios de uma Secretária Municipal de Educação

Ao voltar para o município como Secretária Municipal de Educação de Porto Nacional, um convite do prefeito Ronivon Maciel, que me deu toda a abertura e apoio para realizar as mudanças que a Secretaria de Educação precisava. Quem também fez parte desse processo foi uma grande amiga, Ana Cristina, que acreditou em mim e sugeriu meu nome. Voltei com a alma cheia de propósito, guiada por uma certeza que só quem já esteve no chão da escola tem: eu sabia exatamente o que precisava ser feito, porque eu havia vivido cada uma daquelas dores.

Voltei para fazer tudo aquilo que eu gostaria que tivessem feito por mim quando eu era professora, supervisora, diretora pedagógica. Voltei com o desejo de contribuir para mudança da educação e dar aqueles profissionais a valorização que mereciam.

Ali também vivi muitas coisas. Encontrei grandes profissionais. Foi um período extremamente desafiador, estávamos começando a pandemia de COVID-19, e ficamos sem aulas presenciais. Depois, veio o grande desafio de retornar às aulas, reorganizar protocolos, acolher alunos e professores que estavam fragilizados. Era algo novo para todos no mundo, e eu estava à frente de toda a rede municipal.

O prédio onde funcionava a Secretaria era antigo. Uma parte chegou a cair. Tivemos que fazer uma mudança drástica e repentina. Inauguramos um prédio todo reformado para atender a Secretaria de Educação, e foi uma conquista importante naquele contexto tão difícil. Passamos por várias situações, mas também por muitas conquistas.

Nesse período, chamamos novos profissionais por meio de concurso público. Muitas pessoas novas entraram na educação e adentraram minha equipe. Foi uma equipe muito promissora, muito competente, que realmente abraçava a causa, que vestia a camisa. Pessoas que acreditavam na educação tanto quanto eu. Guardo gratidão por cada uma delas.

Mas me deparei com desafios que não imaginava. A política partidária, progressões atrasadas, profissionais com desejos de ter salários melhores, infraestrutura precária das escolas, transporte escolar sucateado, dentre outros. A primeira coisa que me marcou, ao chegar, foi ver os professores do Estado com notebooks fornecidos pela rede, enquanto os professores do município nunca tinham recebido. Aquilo me doía. Não era justo. Então, a primeira ação que tomei foi fornecer notebooks para cada professor da rede municipal. Dobramos o recurso financeiro das escolas, organizamos a gestão, recursos humanos, transporte escolar, pagamos progressões atrasadas que há anos estavam paradas, reformamos escolas, trouxemos proposta como a Escola com parceria do Bombeiro Militar, voltamos a proposta tão aguardada do CEMEIs, dobramos recurso para alimentação. Cada conquista era um passo na direção do que eu acreditava.

E os resultados vieram. Ganhamos um recurso chamado VAAR, Valor Aluno por Resultado, diante de tantos desafios, o trabalho de dois anos trouxe esse reconhecimento. Além disso, Porto Nacional voltou a ocupar uma cadeira na UNDIME, União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação e eu fui eleita Secretária de Finanças. Era a prova de que, apesar das dificuldades, estávamos no caminho certo.

Mas os desafios eram muitos, não foi suficiente. Eu, que sempre fui movida pela missão, pelo amor pela educação e muito trabalho, precisei aprender a navegar por águas que não eram as minhas.

Houve uma greve. As questões políticas partidárias se intensificaram. E, no meio de tudo isso, saí do cargo com a sensação de ter deixado algo para trás, como se não tivesse conseguido fazer o principal, a mudança salarial que motivou minha volta. Durante muito tempo, carreguei o peso de não ter completado o que fui fazer.

Mas me lembro de um ocorrido, houve um momento em que os obstáculos quase me paralisaram. A greve aconteceu- política, dolorosa, carregada de palavras duras ditas em ruas, em microfones contra mim. Eu estava no gabinete da Secretaria de Educação, olhando pela janela, sentindo o peso de tudo que havia construído e tudo que agora parecia desmoronar. Foi quando Ricardo Ribeirinha entrou no gabinete. Eu não o conhecia, nunca havia visto antes. Ele simplesmente entrou na minha sala, sentou no chão, literalmente no chão, e ali naquele momento uma grande lição marcaria para sempre minha história. "Você vai ficar aí", ele disse, "olhando para essa situação com toda essa tristeza? Ou você vai levantar dessa cadeira, ir para as escolas, enfrentar os grandes desafios, enfrentar as pessoas que te fizeram isso, que falaram mal de você nos lugares, e passar por toda essa situação?"

Aquelas palavras foram um chamado e tenho certeza que Deus havia mandado essa pessoa ali, para trabalhar o meu emocional naquele instante. Levantei daquela cadeira e fui. Entrei em cada escola, conversei com as pessoas e tratei cada uma como se nada tivesse acontecido. Porque aquele era o cargo que eu ocupava e o cargo exigia que eu fosse corajosa o suficiente para enfrentar tudo isso. Ricardo Ribeirinha me ensinou que a liderança não é conforto. É coragem. E eu agradeço até hoje. Mesmo que posteriormente eu sair do cargo, mas levei comigo essa coragem de sempre recomeçar, um ato de superação.

Hoje, olhando em outra perspectiva, vejo que minha missão, meu tempo ali era aquele. Dois anos. Não consegui fazer tudo o que

sonhei, mas fiz o que estava ao meu alcance. E aprendi uma lição que levo para a vida: às vezes, o maior ato de amor à educação é saber a hora de sair.

E essa reflexão fica para toda a vida. Hoje, às vezes vejo pessoas me colocando culpas que não são minhas. Mas você carrega o peso de um cargo, o peso de não ter feito, de não ter olhado, de ter errado, mas também de pessoas que me encontram com gratidão. Enfim, são marcas que ficam. Aprendi que ser gestora pública é isso: é carregar o peso das escolhas, é saber que, por mais que você faça, sempre haverá algo que ficou por fazer. E é preciso ter paz com isso.

A missão não se cumpre apenas no cargo, ela se cumpre em cada aluno que alfabetizamos, em cada professor que formamos, em cada projeto que plantamos e que continua florescendo mesmo depois de nossa partida.

Como registra meu currículo Lattes, minha atuação como Secretária Municipal de Educação de Porto Nacional (2021-2022. Participei de seminários da UNDIME, do Congresso "Educação para Transformação" em Gramado-RS, e continuei me formando, porque a educação não para e o educador também não.

O reencontro com a vocação: orientação educacional, AEE e o mestrado

Depois de deixar a Secretaria Municipal de Educação, voltei novamente para a escola onde tudo começou, o CEM Professor Florêncio Aires. Dessa vez, como Orientadora Educacional. Voltei com a mesma energia, a mesma vontade de mudança, o mesmo desejo de fazer projetos que transformassem a realidade dos alunos.

E foi ali que a vida me mostrou um novo caminho. A Sala Socioemocional e o Projeto “Mãos que Apoiam”, logo no início, me deparei com uma situação que me paralisou e, ao mesmo tempo, me

impulsionou. Alunos chegavam desmaiados de ansiedade. Às vezes estávamos tranquilos, e de repente um professor entrava com um aluno nos braços, desmaiado. Todo dia chamávamos o Samu ou os bombeiros. Em 2023, os registros de ocorrências eram frequentes, desmaios, crises de pânico e interrupções na rotina escolar.

Até que um dia eu decidi: não chamar mais bombeiros e ir para UPA. Coloquei uma música, ajudei a aluna a sair daquela situação, e a também conseguiu montar um quebra-cabeça. Tudo com ajuda de uma professora chamada Adgilma Shirlei, a professora da Sala do AEE. A aluna se acalmou, focou, superou a crise. Naquele dia, não chamamos pai, não chamamos bombeiro, não chamamos Samu. E ela conseguiu.

Foi um divisor de águas. Percebemos que aquilo dava certo. Montamos uma sala chamada Sala Socioemocional, um espaço de acolhimento para alunos em sofrimento, preparado com sofás, pufes, jogos, materiais de pintura e música. Dali nasceu o projeto "Mãos que Apoiam", com 14 alunos protagonistas que se tornaram mediadores voluntários, apoiando outros estudantes em crise. O resultado veio rápido: em 2024, nenhum aluno precisou de atendimento do Samu ou dos bombeiros. A sala funcionava. Os 12 casos mais graves de ansiedade eram monitorados de perto, com registro em diário de bordo. Uma pesquisa aplicada no Conselho Escolar revelou que 79 alunos de 400 estudantes matriculados na escola declararam ter sintomas de ansiedade que afetavam o rendimento escolar e todos passaram a ser acolhidos antes que a crise se instalasse.

As estratégias eram simples, mas profundamente eficazes: dinâmicas das emoções, conversas entre pares, xadrez, quebra-cabeças, pintura, colagem, podcasts sobre setembro Amarelo e bullying, gincanas, o Dia do Abraço. O ambiente era cuidadosamente preparado para ser um espaço de paz. Uma aluna, em depoimento, escreveu: "A sala socioemocional é uma sala que

ajuda bastante em relação às minhas crises de ansiedade. [...] Lá sempre tenho acolhimento, sempre me tratam bem, me ajudam em tudo, dão vários conselhos." O projeto foi tão significativo que ganhamos o 2º lugar no Prêmio Escola que Transforma, da SEDUC Tocantins, no ano de 2024.

Nessa época, encontrei três grandes amigas que se tornaram meu grupo terapêutico, a Tríade das Educadoras. Até hoje elas estão presentes na minha vida profissional e pessoal. Conversamos sobre tudo, nos ajudamos nos estudos, nos apoiamos nos momentos difíceis. Uma educadora precisa disso: de uma rede de acolhimento para continuar. Nesse contexto, nós as amigas decidimos levantar voo na Educação Especial.

Por questões de saúde física, precisei sair da orientação educacional. Fui para o Colégio Militar Custódia da Silva Pedreira, assumir a Sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE). E ali foi amor à primeira vista. A sala era um depósito. Materiais empilhados, sem identidade, sem acolhimento. Os alunos não gostavam de ir, sentiam vergonha de estar ali. Eu olhei para aquele espaço e vi potencial. Com uma sugestão da Diretora da Escola, pintei, e chamei os alunos para serem protagonistas da transformação. Juntos, pintamos um laço gigante com girassóis na parede externa, o laço que simboliza a neurodiversidade, os girassóis que representam o acolhimento. Eles mesmos desenharam, mediram, calcularam as proporções. Foi um projeto que uniu arte e matemática, língua portuguesa de forma natural e significativa.

Quando assumi a Sala de AEE, percebi que precisava de formação específica para atender adequadamente aos alunos neurodivergentes, como também é pré-requisito para continuar como professora dessa modalidade de ensino. O Estado oferecia a especialização e me matriculei na pós-graduação (Transtorno do Espectro Autista, TDAH e Altas Habilidades/Superdotação) pela UFT,

uma vez que, foi um divisor de águas na minha vida. Foi nesse curso, que descobri verdadeiramente minha vocação. A educação especial deixou de ser apenas um campo profissional e se tornou um propósito de vida. Cada aluno autista, cada criança com TDAH, com deficiência, cada superdotado que encontrei na Sala de AEE me mostrou que era ali que eu deveria estar.

Quando saí da Orientação Educacional e entrei na Sala de AEE, percebi que precisava de formação específica para permanecer naquele espaço. Não era apenas mais um estudo obrigatório; era o encontro com meu verdadeiro propósito. Naqueles encontros em Palmas, ao lado da Tríade, Ana Cristina e Shirlei, minhas amigas que me incentivaram, descobri um grupo que se tornou família: o Povo de Porto, os Neurodiversos. Eles me deram carona, compartilharam almoços, tiraram fotos em cada encontro para memorar os momentos. Naquele espaço, entre conversas e aprendizados, eu finalmente entendi: a educação especial não era apenas um cargo, era minha vocação. E é nela que quero me aposentar trabalhando com crianças neurodivergentes, porque foi ali que descobri que ensinar é, acima de tudo, amar quem precisa ser visto.

Nesse universo da Educação especial que encontrei também com um recurso que seria meu objeto de estudo, redescobri o Ábaco Soroban.

Eu já conhecia aquele instrumento de longe, estava na sala de recurso da escola anterior, mas sempre o vi como um recurso para alunos com deficiência visual. Nunca tinha me aprofundado. Até que um aluno com altas habilidades chegou até mim. Ele era brilhante, rápido, curioso e eu não sabia o que fazer com ele. Ele terminava tudo antes, se entediava, e eu sentia que precisava de algo que o desafiasse de verdade.

Ao mesmo tempo, tinha alunos com TEA (Transtorno do Espectro Autista) que não conseguiam avançar na matemática. Os

métodos tradicionais não funcionavam. Eles travavam, se frustravam, desistiam. Foi aí que a curiosidade me levou a pesquisar. Descobri que existia um método chamado Supera, que trabalhava com o Soroban de forma estruturada. Entrei em contato, fiz uma aula experimental e foi amor à primeira vista. A forma como o ábaco materializa o cálculo, transforma o abstrato em concreto, envolve o tato e a visão ao mesmo tempo... Aquilo me encantou. Nesse espaço de tempo, pensei que não estudaria mais, mas a vida, e as pessoas certas, me mostraram o contrário. Achava que ia só me aposentar na educação, falava isso para uma grande amiga Alessandra Escobar, que me incentiva muito a continuar os meus estudos e a fazer o Mestrado, doutorado.

Tudo começou quando aceitei um trabalho voluntário no IFTO, a convite de uma pessoa que admiro profundamente: o diretor Albano Dias Pereira. Fui ministrar a disciplina de Educação Inclusiva no curso de Pedagogia. E ali, naquela sala de aula, algo se reacendeu em mim. O Albano quem me apresentou o mestrado e hoje é meu Orientador. Ele e sua esposa, Cynthia, me incentivaram de uma forma que eu nunca imaginei. Eu não acreditava que era capaz de fazer um mestrado. Achava que era longe demais, difícil demais, que não era para mim. Muitas pessoas diziam: "É muito longe, Helane, é em Arraias, você vai sofrer." O mais bonito dessa história é que, tempos depois, descobri que Cynthia é filha da minha primeira professora, a professora Ely, aquela que marcou minha alfabetização.

Mas eu fui. Prestei a prova, passei na entrevista, passei em todas as etapas. E aqui estou: mestranda em Educação Matemática no PPGEMaT/UFT. Hoje, meu objeto de estudo é o Ábaco Soroban e o Transtorno do Espectro Autista (TEA), uma paixão que estou vivendo agora, neste momento. A pesquisa que estou desenvolvendo une a matemática que sempre amei com os alunos que me ensinaram a amar o AEE. E tudo começou com um convite, um voluntariado e a

generosidade de quem acreditou em mim antes mesmo que eu acreditasse.

Como diz Içami Tiba, "ensinar é aprender". Fui dar aula no IFTO e acabei me tornando aluna outra vez. Eu aprendi com cada aluno que passou pela Sala Socioemocional. Aprendi com o aluno de altas habilidades que me desafiou a buscar mais. Aprendi com os alunos com TEA que me mostraram que o caminho não é forçar a abstração, mas oferecer o concreto. E aprendi com o Soroban, um instrumento centenário, criado para deficientes visuais, que se revelou uma chave de inclusão para tantos outros.

O mestrado não é o ponto de chegada. É mais uma curva nessa estrada que comecei a construir em 1998, na sala de aula com a Boneca Lilica, e que hoje me leva a pesquisar, a escrever, a compartilhar. A educadora que fui se encontra com a educadora que estou me tornando.

Reflexão final - o caminho da jornada ao longo da vida

Ao longo destas páginas, percorri 28 anos de uma caminhada que começou na sala de aula onde fui aluna e se transformou na sala de aula onde me tornei professora. Não foi uma trajetória linear, nem isenta de pedras no caminho. Foi, isso sim, uma estrada construída com escolhas, algumas dolorosas, outras ousadas, todas necessárias.

Quando olho para trás, vejo a menina que prometeu a si mesma que estudaria para superar as humilhações do bullying. Vejo a jovem professora que, aos 17 anos, assumiu uma turma de alfabetização com a Boneca Lilica debaixo do braço, sem saber que aquele gesto lúdico já era um ato político de resistência e inclusão. Vejo a gestora que enfrentou desafios em salas de reunião, que estudou em escolas enquanto ouvia "isso não é lugar de mulher preta", que aprendeu que a política partidária desgasta, mas que a política pública transforma.

Vejo, acima de tudo, uma educadora que nunca parou de aprender. Cada fase dessa jornada me ensinou algo essencial. A alfabetização me ensinou que o encontro com a leitura é um ato de afeto. A gestão pública me ensinou que transformar a educação exige coragem administrativa e visão sistêmica. A orientação educacional me ensinou que, às vezes, o que o aluno mais precisa não é de conteúdo, é de acolhimento. O AEE me ensinou que a inclusão não é um discurso, é uma prática que se constrói com as mãos, com o olhar, com a escuta atenta. E o Soroban me ensinou que o concreto pode abrir portas que o abstrato insiste em fechar.

O Prêmio Escola que Transforma, o 2º lugar conquistado com o projeto "Mãos que Apoiam", não foi um ponto de chegada. Foi a confirmação de que o caminho estava certo. E o mestrado em Educação Matemática não é a conclusão de uma carreira, é o começo de uma nova curva nessa estrada.

Hoje, como professora de AEE no Colégio Militar Custódia da Silva Pedreira e mestranda, carrego comigo as marcas de cada aluna e cada aluno que passou por mim. Cada um deles está presente na professora que sou hoje.

Se há uma frase que resume esta jornada, é a de Içami Tiba: "Ensinar é aprender". Ensinei alfabetização, gestão, acolhimento, matemática. Mas aprendi muito mais. Aprendi que a educação pública brasileira é feita de gente que não desiste. Aprendi que o afeto é a base de qualquer aprendizagem significativa. Aprendi que uma educadora preta, filha de pedreiro e professora, pode chegar onde quiser, desde que não se cale, não desista e não esqueça de onde veio.

O memorial que aqui se encerra não é um ponto final. É uma pausa para respirar antes de continuar a caminhada. A estrada segue adiante, e eu sigo com a certeza de que o melhor da jornada ainda está por vir.

Visão de futuro

Ao chegar neste ponto da minha trajetória, olho para frente com a mesma determinação que me acompanhou desde a infância. O mestrado em Educação Matemática no PPGEMaT/UFT é apenas o começo, o doutorado já está no meu horizonte, seja na mesma linha de educação matemática inclusiva, seja na interface entre neurociência, matemática e educação especial. Quero aprofundar a pesquisa sobre o uso do ábaco soroban para alunos com TEA e ampliar o olhar para outros recursos pedagógicos que tornem a matemática acessível a todos.

As lições que desejo transmitir a mim mesma são estas: nunca duvide da sua capacidade de recomeçar, o fracasso é apenas uma curva na estrada, não o fim dela. O estudo é o seu porto seguro, foi ele que te salvou do bullying, te tirou do preconceito e te devolveu a autoestima. O acolhimento é a base de tudo: a Sala Socioemocional, o laço de girassóis, o Soroban, todas as suas melhores invenções nasceram da escuta atenta de quem precisava de você.

A educação pública brasileira vale a pena. Apesar de tudo, da política partidária, da falta de recursos, do cansaço, cada aluno que você alfabetizou, cada professor que você formou, cada escola que você contribuiu é prova disso. Não se cale. A menina que prometeu estudar para ser a melhor da turma cresceu e se tornou uma mulher preta, filha de professora e pedreiro, que foi Secretária de Educação, que está no mestrado, que pesquisa inclusão. O futuro me espera, com o Soroban em uma mão, o acolhimento na outra, e a certeza de que a melhor parte da jornada ainda está por vir.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Brasília, 2012.

KATO, H. O soroban e o desenvolvimento do raciocínio matemático. São Paulo: Instituto Cultural Brasil-Japão, 2004.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: o que é? como fazer? São Paulo: Moderna, 2023.

RODRIGUES, HELANE DIAS /http://lattes.cnpq.br/1455534629164735

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do Trabalho Científico. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2016.

VYGOTSKY, Lev S. A Formação Social da Mente. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Capítulo 19

PELOS CAMINHOS QUE EXU ABRIU: UM MEMORIAL DE ESCREVIVÊNCIA.

Hilton Oliveira Nogueira da Silva

RESUMO

Este memorial constitui-se como um exercício de escrevivência, conforme a perspectiva de Conceição Evaristo, servindo como registro e reflexão sobre a minha trajetória acadêmica e profissional. Ao longo destas páginas, revisito minha formação na Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens, Códigos e suas Tecnologias pela Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), o período de amadurecimento no Colégio Universitário (CUNI) e as vivências que me fizeram reconhecer como um escritor negro e periférico. Este trabalho marca também a finalização da minha Especialização em TDAH, TEA, Altas Habilidades e Superdotação pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), sendo o ponto de encontro entre minha experiência prática e o aprofundamento teórico necessário para qualificar ainda mais minha atuação docente. O relato abarca minha jornada como professor, passando por estágios na educação infantil e indígena, pela residência pedagógica e pela atuação no cursinho pré-enem, até alcançar a docência efetiva em Palmas (TO), após um percurso marcado por desafios, superação e resiliência. A escrita aqui apresentada não é apenas um relato cronológico, mas um ato político de autoria, onde a memória atua como ferramenta de denúncia contra um sistema estruturalmente racista. Mais do que apresentar o percurso do mestrado e a conquista da carreira docente, este memorial busca afirmar a minha identidade e a importância da educação — inclusiva e consciente — como via para a emancipação da comunidade preta, reafirmando meu compromisso contínuo com a escrita, com a luta antirracista e com o desejo de ocupar todos os espaços que nos foram historicamente negados.

Palavras-chave: Escrevivência. Lembranças. Sonhos.

MEMORIAL

Este memorial tem como objetivo sistematizar e refletir sobre os caminhos percorridos em minha trajetória acadêmica e profissional. Mais do que organizar fatos ou datas, este exercício de escrita propõe um mergulho em minha própria história, rememorando momentos que foram fundamentais para a construção do educador e do escritor que sou hoje.

Ao adotar a perspectiva da escrevivência, compreendo este relato como uma ferramenta de autoafirmação e resistência. O intuito é, portanto, revisitar vivências, marcas e memórias, transformando-as em fonte de inspiração para sustentar minha caminhada. Ao olhar para o passado e compreender a importância de cada passo dado dos desafios enfrentados aos sonhos realizados, busco fortalecer a clareza sobre meus propósitos e renovar a motivação necessária para continuar buscando, com determinação, os novos objetivos que se desenham no meu horizonte profissional e pessoal.

O termo "memorial" é mais que uma mera escrita; por meio dele, praticamos o exercício de rememorar fatos e acontecimentos que perpassam as nossas vidas. Mais que relembrar esses momentos históricos em nossas trajetórias, esse exercício nos possibilita refletir acerca de nossa construção identitária como um processo contínuo e inacabado.

Neste percurso, compreendo que minha escrita não é apenas um registro, mas o exercício que Conceição Evaristo denomina como:

> Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. (EVARISTO, 2009, p. 30).

Assim, este memorial assume a dimensão de um ato político, no qual a escrita afirma a minha voz e a minha trajetória que, anos atrás, eram silenciadas. Ou seja, estou "escre-vivendo" a minha própria jornada e luta mediante todos os aspectos do racismo estrutural que tenta, a todo tempo, apagar e silenciar as vozes negras. Escrever a minha trajetória sem que haja este impasse se torna uma ferramenta contra o sistema opressor. É, portanto, a possibilidade de contar a minha história a partir das minhas vivências, com marcas e memórias, sem que o outro faça isso por mim. Ocupar este espaço da escrita é um ato político de autoria sobre escrever vivências de muitos que foram silenciados.

TRAJETÓRIA ACADÊMICA

Período da Graduação em Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens Códigos e suas tecnologias

O meu percurso na educação básica foi guiado pelas instituições públicas. Como toda criança, não sabia qual área seguir profissionalmente. Recordo-me de que ao chegar ao ensino médio cogitei seguir duas áreas: educação ou saúde. Apesar do contato constante com a educação, seja trabalhando na catequese ou substituindo a minha antiga professora do reforço escolar quando ela precisava de apoio, tentei fugir do que já parecia prescrito para a minha vida profissional.

No ano de 2018, tentei ingressar no curso de enfermagem por meio de uma bolsa de estudos oferecida por uma instituição. Apesar da obrigatoriedade de ressarcir os valores investidos após a conclusão do curso, eu estava disposto a fazer a inscrição e iniciar o semestre letivo. Todavia, no mesmo período saiu o resultado do ingresso interno da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB). Neste seguimento, fui selecionado para conhecer a UFSB pelo CUNI (Colégio Universitário), um modelo da universidade destinado a

ampliar o acesso ao ensino superior em cidades que não possuem um campus fixo. Após vivenciar entre um e três semestres, utilizamos a média obtida para escolher o curso de progressão.

Nesse processo de vivência no CUNI, fiz grandes amizades que levo até hoje em minha vida profissional e pessoal. Por meio da universidade, não só pude aprender as matérias específicas, mas, principalmente, compreender quem sou no mundo, o que o meu corpo representa e a autoafirmação da minha raça negra. Estar em contato com várias etnias, classes e gêneros proporcionou-me um olhar mais humano para as pessoas e o desenvolvimento do senso crítico em diversos aspectos da sociedade que passavam despercebidos perante o conhecimento que eu tinha antes.

Enfim, escolhi o curso de Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Embora essa fosse a minha área favorita desde o ensino médio, tive como grandes inspirações as professoras Luciana e Celene. Elas me deram o pontapé inicial para tomar essa decisão, que, no início, gerava-me bastante dúvida.

Assim, minha trajetória foi marcada por grandes aprendizados e conhecimentos que superaram os conteúdos das disciplinas. Foi uma grande revelação de uma parte da minha vida que estava apagada, mas que, ao adentrar na universidade, reacendeu com força: o amor pela escrita e o autorreconhecimento como escritor de poesias periféricas. Além disso, pude conhecer o Prof. Dr. Gabriel Nascimento, que me inspirou e impulsionou para que eu tentasse o ingresso no mestrado.

Dessa forma se consolidou o meu percurso acadêmico na UFSB, repleto de amizades, conhecimentos para a vida e, o maior de todos eles, o reconhecimento de quem eu sou e o amor próprio, principalmente pelos meus fenótipos negros.

Figura 1 – Colegas da UFSB

Fonte: Arquivo Pessoal

Eu sou escritor?

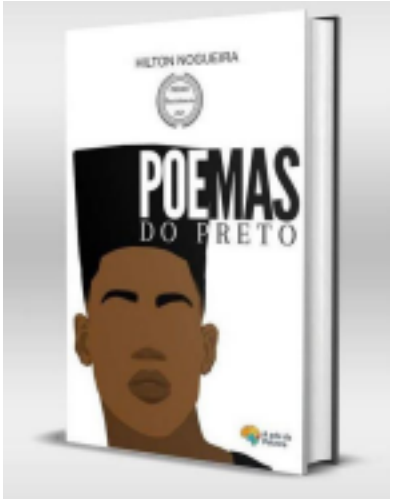
Como já relatado anteriormente, por meio da UFSB pude reacender meu amor pela escrita e, principalmente, reconhecer-me como um escritor negro e periférico. Através das minhas produções, busco relatar a vivência do povo negro, utilizando a palavra como ferramenta de denúncia para expor a realidade de como os negros vivem na sociedade atual, que é extremamente e veladamente racista. E assim me fiz, por meio de uma antologia com diversos artistas, publiquei meu primeiro texto. Dali em diante não parei mais. Participei de diversas antologias, fortalecendo a voz que utilizava como instrumento de denúncia: a escrita.

No ano de 2021, participei do Prêmio Resistência, da Editora "A Arte da Palavra", sendo contemplado com a publicação de um livro autoral, o qual denominei "Poemas do Preto". No livro, busquei trazer como me sentia na sociedade, quem eu sou e como o povo preto é retratado. Por meio da escrita, fiz denúncias e demonstrei à

sociedade a realidade da comunidade que é diariamente silenciada, morta e excluída por apenas um aspecto: a cor da pele.

A partir da escrita, participei de diversos eventos no período pandêmico, desde movimentos regionais até nacionais. Além disso, fui responsável por organizar antologias de escritores que também faziam denúncias por meio de seus textos.

Figura 2 - Livro autoral "Poemas do preto", de Hilton Nogueira



Fonte: Arquivo Pessoal

Mestrado em Linguística Aplicada

No ano de 2023, ingressei na Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) — no programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), na área de Linguística —, orientado pelo Prof. Dr. Gabriel Nascimento, a quem devo eternamente pelo incentivo para ingressar no mestrado.

Durante o meu percurso na pós-graduação, embora no início não tenha sido fácil me adaptar ao mundo acadêmico, pude adquirir grandes conhecimentos e construir amizades concretas. O programa favoreceu grandes trocas de saberes, além de novas perspectivas acerca do ambiente escolar. As apresentações em simpósios foram

um divisor de águas, visto que foi uma experiência acadêmica que eu não havia tido na graduação.

No ano de 2025, defendi a minha dissertação de mestrado intitulada "ESCRITAS DE RESISTÊNCIA: PAISAGENS LINGUÍSTICAS E SUAS MANIFESTAÇÕES NOS BAIRROS PERIFÉRICOS DE ILHÉUS". O trabalho teve o intuito de investigar as manifestações linguísticas presentes nos bairros Teotônio Vilela, Tapera e Barra do Itaípe, em Ilhéus (BA). A partir das pichações registradas em muros e paredes, busquei compreender como as expressões escritas compõem a paisagem linguística dos bairros periféricos e de que maneira refletem aspectos sociais, culturais e identitários das comunidades locais.

Figura 3 – Colegas do mestrado

Fonte: Arquivo Pessoal

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

Estágio Creche Oka Katuana

No ano de 2019, já no ensino superior, comecei minha vida profissional por meio de um estágio como auxiliar de sala em uma creche indígena na cidade de Ilhéus, Bahia. Agradeço imensamente à

professora Edna por me abraçar naquele espaço e compartilhar o vasto conhecimento que possuía sobre a educação infantil. Foi um ano de longos aprendizados. Fiquei extremamente feliz em conhecer mais a fundo a cultura indígena e abraçar a causa da educação diferenciada. Mesmo com grandes dificuldades, a comunidade conseguiu abrir a creche, favorecendo mães que precisam trabalhar, mas que não tem pessoas para deixar os filhos. Na creche, as crianças são cuidadas e ao mesmo tempo aprendem.

Figura 4 – Aula na Creche Katuana

Fonte: Arquivo Pessoal

Estágio Estadual Antônio Sá Pereira

Em 2020, tive a oportunidade de novamente estar presente em uma escola, mas, diferente do estágio anterior, fui direcionado para o setor administrativo que também me gerou um grande aprendizado. Notei a importância do trabalho executado fora da sala de aula. Conheci ótimos professores e pude ter a oportunidade de sentir os desafios de cada aluno. Agradeço imensamente a diretora Luliana que me deu amparo e me recebeu de braços abertos, ensinando diariamente com amor pela educação.

Residência pedagógica no Colégio Modelo

Durante os anos de 2021 e 2022, participei do projeto de "Residência Pedagógica" da UFSB. Mesmo no período pandêmico, ocorriam as formações de maneira remota para nos preparar para o momento em que atuássemos com os alunos, ainda que virtualmente. Foi um período de grande aprendizado, apensar do medo instalado no país e no mundo. Apesar das incertezas, conseguimos realizar alguns encontros on-line e, logo após a normalização e o retorno das aulas presenciais, pude estar em sala de aula aplicando os projetos que trabalhávamos na residência.

Infelizmente, não tive o prazer de vivenciar o projeto de forma mais aprofundada devido à pandemia da COVID-19, mas o pouco tempo de prática foi enriquecedor para lecionar e planejar atividades, oferecendo-me o suporte necessário para entender a dinâmica da vida escolar e a regência com estudantes do ensino médio.

Cursinho Pré-Enem UFSB

No ano de 2022, por meio de um Programa de Extensão, tive a satisfação de auxiliar estudantes do ensino médio de uma escola pública de Ilhéus no processo de ingresso na universidade. Atuei oferecendo suporte na área de Linguagens e Redação. As aulas aconteciam na própria escola, uma vez por semana, como forma de apoiar os estudantes. Foi um momento muito prazeroso e inédito, visto que eu nunca havia trabalhado em cursinhos preparatórios. Foi enriquecedor saber que pude dar um suporte para que os alunos realizassem seus sonhos e os de muitas famílias vindas de uma realidade financeira vulnerável.

No ano de 2024, prestei concurso para a cidade de Palmas, no Tocantins. Mesmo sem conhecer a cidade, fui em busca de um dos grandes sonhos da minha vida: tornar-se professor concursado. O caminho foi árduo e de muita dedicação. Ao chegar à cidade, um dia

antes da prova, recebi a notícia do falecimento do meu primo-irmão. Meu mundo desabou; fiquei sem saber que rumo tomar e pensava apenas em voltar para casa e desistir da avaliação. No entanto, com a insistência da minha família e dos meus amigos, mantive-me forte para tentar conciliar o sonho com a dor do luto. Assim foram os meus momentos durante a prova: de tensão, dor da saudade e pensamentos distantes do objetivo imediato.

Diante de todos os percalços, consegui vencer a etapa da prova objetiva, sem imaginar os desafios que viriam a seguir. Após o processo, houve a suspensão do concurso devido a uma suposta fraude que em nenhum momento foi comprovada. Em conversa com minha família, decidi que iria para Palmas assumir o cargo em regime de contrato temporário, já que foi uma oportunidade dada pela gestão municipal enquanto o caso se resolvia na justiça. Foram seis meses de medo sem saber se o concurso seria mantido. Felizmente, a situação foi regularizada judicialmente e pudemos tomar posse.

Durante o tempo de contrato, trabalhei no CMEI Contos de Fadas como professor de planejamento, o que me rendeu grandes aprendizados e amizades duradouras. Lá pude novamente ter contato com a educação infantil e me permitir resgatar o meu "eu" criança na minha atuação profissional, focando no desenvolvimento daqueles estudantes.

Em julho de 2025, tomei posse como professor efetivo do município de Palmas e assumi a Escola de Tempo Integral Professor Fidêncio Bogo, localizada em Taquaruçu Grande, onde estou até o exato momento como regente da turma 42.01. Ao longo desses meses, adquiri um aprendizado imenso e construí vínculos de amizade com pessoas maravilhosas que estimo muito.

Figura 5 – Colegas da ETI Professor Fidêncio Bogo

Fonte: Arquivo Pessoal

REFLEXÃO FINAL: O CAMINHO DA JORNADA AO LONGO DA VIDA

Ao chegar ao fim deste memorial, compreendo que a escrita aqui produzida não encerra o que vivi, mas, pelo contrário, abre caminhos para que eu continue a trilhar a minha jornada com mais lucidez. Olhar para trás e rememorar os episódios que compuseram a minha trajetória, desde o CUNI até a sala de aula na Escola Fidêncio Bogo, não é apenas um exercício de memória, mas a constatação de que a minha construção identitária é um processo contínuo e inacabado.

Reconheço que cada passo, cada desafio e cada conquista relatados nestas páginas foram fundamentais para que eu me tornasse o homem e o professor que sou hoje. O percurso não foi linear, tampouco isento de dores, mas foi justamente essa complexidade que forjou a minha resiliência. Ao retomar esses momentos, percebo que eles funcionam como uma bússola, um

lembrete constante de que a minha luta é também o que me impulsiona a buscar novos horizontes.

Esta escrevivência me permitiu, acima de tudo, o autorreconhecimento. Ao escrever sobre as minhas vivências, marcas e memórias, assumi o protagonismo de narrar a minha própria história, negando que qualquer sistema opressor o faça por mim. A escrita, que antes buscava denúncia, agora se consolida também como um registro de possibilidades e de sonhos concretizados.

A jornada ao longo da vida é, assim, uma construção que se faz no presente, olhando para o passado com gratidão e para o futuro com coragem. Sigo, pois, com a certeza de que a educação, a escrita e a minha identidade negra e periférica são forças indissociáveis que guiam meu caminhar. Este memorial é o testemunho de que não apenas percorri o caminho, mas que me tornei o próprio caminho, pronto para continuar a escrever-vivendo as novas histórias que ainda hei de trilhar.

VISÃO DE FUTURO (PROSPECÇÃO)

Quando penso no que vem pela frente, não vejo apenas um destino, mas a continuação de tudo o que venho construindo através da minha escrevivência. O meu futuro vai muito além de estar bem estabilizado financeiramente; quero ser reconhecido pelo meu trabalho na educação, por ter deixado uma marca real na vida dos estudantes e por ter transformado a sala de aula em um lugar de resistência. Tenho como meta terminar o doutorado, pois entendo que esse mergulho no conhecimento é o que me dará fôlego para continuar defendendo o que acredito e ocupando lugares que, historicamente, foram negados ao povo preto.

Quero, também, que a minha escrita ganhe ainda mais corpo. Tenho o desejo de lançar outros livros, usando a literatura como uma

ferramenta de denúncia e de valorização das nossas memórias. Sei que a palavra escrita é poderosa, e pretendo usá-la para que as vivências da nossa comunidade não sejam apenas lidas, mas sentidas e respeitadas. Além disso, quero me dedicar a desenvolver novos projetos sociais que coloquem a questão racial e a educação no centro da discussão. A minha missão é fortalecer a nossa comunidade para que jovens negros e negras ocupem todos os espaços que nos foram negados, entendendo que a educação é a nossa maior aliada nesse processo.

Eu desejo, do fundo do coração, que a educação que eu pratico e os projetos que irei criar ajudem a nossa gente a entender que o conhecimento é uma arma que ninguém tira da gente. É essa bagagem que nos dá forças para nunca baixar a guarda e para nos mantermos firmes diante de um sistema que é estruturalmente racista e que tenta, o tempo todo, nos silenciar. Não quero que os nossos jovens busquem a educação apenas para subir na vida; quero que busquem para ter consciência, para ter voz e para ter autoridade na hora de cobrar o seu lugar no mundo.

Escrevo isso hoje como um compromisso comigo mesmo. Daqui a alguns anos, quero reler estas palavras e ter a certeza absoluta de que fui muito mais longe do que eu imaginava quando comecei a minha caminhada na UFSB. Quero olhar para trás e ver que, entre todos os percalços e as dores da jornada, eu não desisti. Que o futuro me encontre não apenas em um lugar de sucesso, mas com a paz de saber que a minha trajetória ajudou a abrir portas e a pavimentar o caminho para que outros negros e negras também ocupem os seus lugares de direito, sabendo que a sua história merece ser escrita, lida e, acima de tudo, vivida em sua plenitude.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 2009. CARLOS, Ana Fani A. A cidade. São Paulo: Contexto, 2005.

EVARISTO, C. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. Scripta, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009.

FOUCAULT, M. A ordem do discurso. São Paulo: Loyola, 2010.

LANDRY, R.; BOURHIS, R. Y. Linguistic Landscape and Ethnolinguistic Vitality. Journal of Language and Social Psychology, 1997.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Atlas, 2001.

NASCIMENTO, G. Entre o lócus de enunciação e o lugar de fala. Trabalhos em Linguística Aplicada, 2021.

SHOHAMY, E. Linguistic Landscape: Expanding the Scenery. London: Routledge, 2009.

Capítulo 20

EDUCAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO: MINHA TRAJETÓRIA DE VIDA, FORMAÇÃO E PROJETO DE CARREIRA.

Ingrid Ferreira Furtado

RESUMO

Sou natural de Palmas, Tocantins, nascida em 8 de novembro de 1994, com uma trajetória marcada pela superação de desafios sociais e econômicos. Fui criada por minha avó materna, cuja figura foi fundamental na formação dos meus valores. Desde cedo, conciliei estudos e trabalho, desenvolvendo autonomia e determinação, o que incluiu a participação no programa Jovem Aprendiz na adolescência. Em 2014, ingressei em Pedagogia na Universidade Federal do Tocantins (UFT), equilibrando a graduação com o trabalho e a maternidade. Após formada, atuei na área educacional e, em 2019, passei em concurso para professora na rede municipal de Porto Nacional, onde atuei por cinco anos na docência, coordenação e supervisão. Em 2024, fui aprovada no concurso da Prefeitura de Palmas, assumindo o cargo de professora efetiva na Escola de Tempo Integral Santa Bárbara, com estudantes do Ensino Fundamental. Paralelamente, curso Gestão Pública na UNITINS. Minha história reafirma a educação como principal instrumento de transformação social, pautando minha prática na empatia e na promoção de oportunidades.

Palavras-chave: Superação. Educação. Determinação.

APRESENTAÇÃO

Escrever este memorial é revisitar minha própria história e reconhecer o caminho percorrido até aqui. Ao olhar para trás, percebo que minha trajetória foi marcada por desafios, dificuldades e inúmeras conquistas que contribuíram para a construção da pessoa e da profissional que sou hoje.

Nasci em 8 de novembro de 1994, na cidade de Palmas, Tocantins. Sou filha de Vanda Alves Ferreira, trabalhadora de serviços gerais, e João Ribeiro Furtado, pedreiro. Meus pais tiveram poucas oportunidades de estudo: minha mãe concluiu apenas parte do Ensino Fundamental e meu pai não concluiu o Ensino Médio. Apesar das limitações financeiras e das dificuldades enfrentadas por nossa família, aprendi desde cedo o valor do trabalho, da honestidade e da perseverança.

Ao longo da minha vida, a educação representou muito mais do que um processo de escolarização. Ela se tornou um instrumento de transformação social, crescimento pessoal e realização profissional.

Minha Infância

Minha infância foi marcada por desafios que exigiram força e resiliência desde muito cedo. Nasci em um contexto de vulnerabilidade social e econômica, realidade vivenciada por muitas famílias que chegaram a Palmas em busca de melhores oportunidades de vida. Pouco antes do meu nascimento, um incêndio atingiu a área onde meus pais e avós moravam. Os barracos, construídos com lona e materiais improvisados, foram rapidamente consumidos pelas chamas, destruindo tudo o que a família possuía.

Após essa tragédia, meus familiares receberam uma moradia popular na região norte de Palmas. Embora a conquista da casa tenha representado um recomeço, as dificuldades financeiras

continuaram presentes durante muitos anos. Cresci em um ambiente simples, onde os recursos eram limitados, mas onde nunca faltaram afeto, união e esperança de dias melhores.

Embora meus pais sempre estivessem presentes em minha vida, fui criada principalmente por minha avó materna, Helena, uma mulher forte, trabalhadora e batalhadora, que exerceu papel fundamental em minha formação. Foi ela quem cuidou de mim durante grande parte da infância, transmitindo valores que carrego até hoje, como honestidade, respeito, responsabilidade e perseverança.

Minha avó sustentava a família realizando trabalhos domésticos e lavando roupas para outras pessoas. Desde pequena acompanhei seu esforço diário para garantir o sustento da casa. Observando sua dedicação, aprendi que o trabalho digno é uma das maiores ferramentas de transformação da vida das pessoas.

Durante muito tempo, questionei os motivos pelos quais não fui criada diretamente por meus pais. Com o passar dos anos e o amadurecimento, compreendi que cada pessoa enfrenta suas próprias limitações e desafios. Hoje, ao olhar para minha história, sinto gratidão por todos aqueles que contribuíram para minha criação e para a pessoa que me tornei.

As dificuldades enfrentadas na infância me permitiram conhecer de perto as desigualdades sociais e compreender a importância das oportunidades educacionais e das políticas públicas voltadas às populações mais vulneráveis. Muitas vezes, a realidade parecia limitar os sonhos, mas foi justamente nesse contexto que comecei a perceber a educação como um caminho capaz de transformar vidas.

Apesar das dificuldades, guardo lembranças felizes desse período. Recordo-me das brincadeiras, da convivência com os familiares e dos ensinamentos recebidos dentro de casa. Foram

experiências simples, mas profundamente significativas, que contribuíram para a construção da minha identidade e dos valores que orientam minha vida pessoal e profissional.

Ao revisitar essas memórias, compreendo que minha infância foi uma importante escola de vida. Foi nesse período que aprendi a enfrentar desafios, valorizar conquistas e acreditar que, por meio do esforço e da educação, seria possível construir um futuro diferente.

Figura 1 - Minha avó materna e meus dois irmãos, Angra e Alef.

Minha trajetória escolar

Iniciei minha vida escolar aos cinco anos de idade em uma pequena escola do bairro onde morava. Desde cedo demonstrei interesse pelos estudos e encontrei na escola um espaço de aprendizagem, convivência e descoberta. Para mim, a escola era um lugar especial, onde eu podia aprender, fazer amizades e viver momentos felizes da infância.

Posteriormente, ingressei na Escola Municipal Cora Coralina, onde cursei os primeiros anos do Ensino Fundamental. Guardo lembranças muito positivas desse período, especialmente das

professoras que contribuíram significativamente para minha formação. Entre elas, recordo com carinho da professora Ivagna, minha primeira professora do Ensino Fundamental. Sua dedicação, atenção e compromisso com os alunos deixaram marcas importantes em minha trajetória. Ela foi uma das primeiras pessoas a despertar em mim a admiração pela profissão docente.

Ao longo dos anos escolares, participei ativamente das atividades propostas pela escola. Gostava de estudar, mantinha bom relacionamento com professores e colegas e sempre procurava cumprir minhas responsabilidades como estudante. Tinha grande interesse pelas aulas de Língua Portuguesa, disciplina pela qual sempre demonstrei facilidade e entusiasmo. Eu me considerava uma boa aluna e buscava realizar minhas atividades com dedicação e responsabilidade.

As experiências vividas nesse período contribuíram para o desenvolvimento da disciplina, da organização e do senso de responsabilidade que mais tarde se tornariam fundamentais em minha vida profissional. Lembro que, em algumas ocasiões, quando os professores precisavam sair da sala por alguns minutos, eu era escolhida para ajudar a manter a organização da turma. Embora fosse uma responsabilidade simples, esses momentos despertavam em mim um sentimento de orgulho e admiração pelos meus professores. Aos poucos, comecei a imaginar como seria estar no lugar deles e percebi que desejava ser professora, assim como aqueles educadores que eu tanto admirava.

Durante os anos finais do Ensino Fundamental, estudei na Escola Municipal Luiz Gonzaga. Nessa fase, comecei a desenvolver maior autonomia e independência. Ao mesmo tempo, continuava convivendo com limitações financeiras que exigiam esforço e maturidade para superar as dificuldades do cotidiano.

Ainda muito jovem, comecei a trabalhar para ajudar nas despesas familiares. Aos onze anos já realizava pequenos trabalhos como babá e, posteriormente, exerci outras atividades remuneradas. Essa realidade me fez compreender desde cedo o valor do trabalho e da responsabilidade.

Em 2008, minha família mudou-se para a região sul de Palmas. Passei a estudar em novas instituições e a enfrentar os desafios típicos da adolescência. Mesmo diante das dificuldades econômicas e das mudanças familiares, mantive meu compromisso com os estudos.

Durante o Ensino Médio, cursei meus estudos no Centro de Ensino Médio de Taquaralto. Sempre procurei ser uma estudante dedicada, participando das atividades escolares e exercendo funções de liderança como representante de turma. Nesse período, tive a oportunidade de ingressar no programa Jovem Aprendiz, experiência que contribuiu significativamente para meu crescimento pessoal e profissional.

Quando recordo minha vida escolar, também me vêm à memória momentos simples que marcaram minha infância. Uma das maiores expectativas do dia era descobrir qual seria o lanche servido na escola. O horário do recreio também era aguardado com ansiedade por todos os alunos, pois representava um momento de diversão, convivência e alegria. Essas lembranças demonstram que, apesar das dificuldades enfrentadas fora da escola, aquele ambiente era para mim um espaço de acolhimento, aprendizado e felicidade.

A formação escolar foi essencial para a construção dos meus projetos de vida. Foi nesse período que compreendi que a educação poderia ser o caminho para transformar minha realidade e ampliar minhas oportunidades de crescimento. Além disso, foi na escola que nasceu o sonho de me tornar professora, profissão que hoje exerço com orgulho e gratidão.

Figura 2: Formatura da pré-escola

Figura 3: Minha professora do 1°ano. Ivagna, em meu aniversário.

Juventude, maternidade e ingresso no ensino superior

No ano de 2011, participei de um processo seletivo para o programa Jovem Aprendiz, realizado por meio do SENAI. Fui aprovada e iniciei o curso de Auxiliar Administrativo, conciliando trabalho e estudos. Durante esse período, trabalhava no turno vespertino e cursava o Ensino Médio no período noturno.

Essa experiência representou meu primeiro contato com o mercado de trabalho formal e contribuiu para o desenvolvimento de habilidades importantes, como responsabilidade, organização e comprometimento. Desde cedo compreendi que o esforço e a

dedicação seriam fundamentais para alcançar meus objetivos e construir um futuro melhor.

Concluí o Ensino Médio em 2012. Naquele mesmo período, participei do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), embora ainda possuísse pouco conhecimento sobre as possibilidades de acesso ao ensino superior por meio da nota obtida. Pouco tempo depois, descobri que estava grávida do meu primeiro filho, Renan Emanuel.

A maternidade chegou em um momento de muitas transformações. Embora tenha enfrentado inseguranças e dificuldades, recebi a notícia com alegria, pois sempre tive o desejo de constituir uma família. Em 2013, meu filho nasceu e minha rotina passou a ser dedicada aos cuidados com ele e à busca de condições para garantir seu bem-estar.

Os desafios foram inúmeros. Houve momentos de dificuldades financeiras, escassez de recursos e incertezas sobre o futuro. Entretanto, essas experiências fortaleceram minha determinação e me fizeram compreender ainda mais a importância da educação como instrumento de transformação social. Foi nesse período que percebi que meus sonhos não poderiam ser abandonados e que eu precisava continuar acreditando na possibilidade de construir uma trajetória profissional sólida.

No final de 2013 surgiu uma oportunidade que mudaria o rumo da minha história. Incentivada por familiares, realizei a inscrição para o vestibular da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Inicialmente, acreditava que não seria capaz de conquistar uma vaga, mas fui encorajada a tentar. Embora as dificuldades fossem muitas, compreendi que aquela poderia ser a oportunidade de transformar minha realidade por meio da educação.

A escolha pelo curso de Pedagogia não aconteceu por acaso. Desde a infância, admirava meus professores e sonhava em seguir a mesma profissão. As experiências vividas na escola, a convivência

com educadores que marcaram minha trajetória e o desejo de contribuir para a formação de outras pessoas fortaleceram minha decisão de ingressar na área da educação.

No dia da prova enfrentei diversos obstáculos para chegar ao local do exame. Mesmo diante das dificuldades, consegui comparecer e realizar a avaliação. Quando o resultado foi divulgado e vi meu nome entre os aprovados, senti uma felicidade indescritível. Aquela conquista representava a realização de um sonho que parecia distante para alguém que havia enfrentado tantas limitações ao longo da vida. Lembro-me da emoção daquele momento e da sensação de que uma nova etapa estava começando.

Ingressar na Universidade Federal do Tocantins foi um marco em minha trajetória. A universidade representava um mundo novo, repleto de possibilidades, aprendizados e desafios. Estar naquele espaço significava muito mais do que iniciar um curso superior; significava romper barreiras, ampliar horizontes e acreditar que era possível construir um futuro diferente por meio do conhecimento.

A entrada na UFT marcou o início de uma nova fase da minha vida, caracterizada por muito esforço, dedicação e superação. Ao olhar para trás, reconheço que aquela aprovação foi uma das decisões mais importantes da minha trajetória, pois abriu caminhos que contribuíram significativamente para minha formação pessoal, acadêmica e profissional.

Figura 4: 1º período do curso de Pedagogia.

Formação Acadêmica e Desafios da Graduação

O ingresso no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins marcou o início de uma das fases mais importantes da minha formação pessoal e profissional. Estar na universidade representava a concretização de um sonho que parecia distante durante boa parte da minha vida. Ao mesmo tempo, significava assumir novos desafios e responsabilidades.

Conciliar maternidade, trabalho e estudos não foi uma tarefa simples. Durante boa parte da graduação, trabalhei para garantir o sustento da minha família. Em 2014, iniciei minhas atividades em uma empresa de telemarketing e, após a jornada de trabalho, seguia diretamente para a universidade. Muitas vezes enfrentava longos deslocamentos, cansaço físico e limitações financeiras, mas mantinha firme o propósito de concluir minha formação.

Houve períodos em que os recursos financeiros eram escassos, sendo suficientes apenas para as passagens de ônibus e para a reprodução dos materiais necessários às disciplinas. Ainda assim, jamais considerei desistir. Cada aula frequentada, cada trabalho entregue e cada semestre concluído representavam uma vitória e um passo a mais em direção aos meus objetivos.

Minha avó teve papel fundamental nesse processo, oferecendo apoio nos cuidados com meu filho para que eu pudesse estudar. Sua ajuda foi essencial para que eu permanecesse na universidade e conseguisse avançar em minha formação acadêmica. Sua dedicação e incentivo foram fundamentais para que eu continuasse acreditando nos meus sonhos, mesmo nos momentos mais difíceis.

Em 2015, durante a graduação, descobri que estava grávida da minha segunda filha, Emily Fernanda. A notícia trouxe novas preocupações e desafios, pois eu ainda estava construindo minha

trajetória acadêmica e profissional. Contudo, mais uma vez encontrei forças para seguir em frente, motivada pelo desejo de proporcionar um futuro melhor para meus filhos.

Ao longo da graduação enfrentei inúmeras dificuldades, incluindo limitações financeiras, longos deslocamentos, problemas de transporte e a responsabilidade de cuidar de duas crianças. Entretanto, cada obstáculo superado fortalecia minha convicção de que a educação era o caminho capaz de transformar minha realidade e ampliar minhas oportunidades.

Mais do que adquirir conhecimentos teóricos, a graduação em Pedagogia ampliou minha compreensão sobre a importância da educação na formação humana e social. Durante o curso, tive contato com diferentes concepções pedagógicas, reflexões sobre o papel do professor e discussões que contribuíram para a construção da minha identidade docente. Aos poucos, fui compreendendo que ensinar vai muito além da transmissão de conteúdos; significa contribuir para o desenvolvimento integral dos estudantes e para a construção de uma sociedade mais justa.

Participei de atividades acadêmicas, estágios e experiências formativas que enriqueceram minha trajetória universitária. Em 2018, realizei estágio no Serviço Social do Comércio (SESC), atuando em uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental. Essa experiência foi extremamente significativa para minha formação, pois possibilitou o contato direto com a prática pedagógica e permitiu que eu aplicasse os conhecimentos construídos ao longo do curso. Foi nesse período que me senti, pela primeira vez, exercendo de forma concreta a profissão que havia escolhido para minha vida.

Em fevereiro de 2019, concluí minha graduação em Pedagogia e participei da cerimônia de colação de grau. Aquele momento simbolizou a concretização de um sonho construído com muito esforço, dedicação e persistência. Ao receber meu diploma, recordei

cada dificuldade enfrentada, cada obstáculo superado e cada pessoa que contribuiu para que eu chegasse até ali. Foi um momento de profunda emoção e gratidão.

A conclusão da graduação não representou o fim da minha trajetória acadêmica, mas o início de uma nova etapa de crescimento profissional, formação continuada e busca constante por conhecimento. A universidade me proporcionou não apenas uma formação profissional, mas também a certeza de que a educação tem o poder de transformar vidas, assim como transformou a minha.

Figura 7: Colação de Grau - 2019

Ingresso na carreira docente e conquistas profissionais

Após a conclusão da graduação em Pedagogia, iniciei uma nova etapa da minha trajetória profissional. Em abril de 2019, comecei a atuar como professora de reforço escolar por meio de um

programa de alfabetização. Embora a remuneração fosse modesta, aquela oportunidade representava a possibilidade de exercer a profissão que havia escolhido e para a qual me preparei durante anos.

No mesmo período, surgiu o concurso público da Prefeitura de Porto Nacional para a área da Educação. Diante da oportunidade de conquistar estabilidade profissional e melhores condições de vida para minha família, dediquei-me intensamente aos estudos. Organizei uma rotina de preparação juntamente com colegas, frequentando cursos preparatórios e conciliando estudo, trabalho e responsabilidades familiares.

Todo o esforço foi recompensado quando fui aprovada em 4º lugar para o cargo de professora. Essa conquista representou um marco em minha vida, pois simbolizava a realização de um sonho construído ao longo de muitos anos de dedicação e persistência.

Durante os cinco anos em que atuei na rede municipal de Porto Nacional, tive a oportunidade de exercer diferentes funções e ampliar significativamente minha experiência profissional. Trabalhei na Educação Infantil, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, além de desempenhar funções de coordenação pedagógica e supervisão escolar.

Essas experiências contribuíram para o desenvolvimento de competências relacionadas à gestão educacional, ao planejamento pedagógico e ao acompanhamento dos processos de ensino e aprendizagem. Também fortaleceram minha compreensão sobre a complexidade do trabalho docente e sobre a importância da atuação coletiva para a construção de uma educação de qualidade.

O deslocamento diário entre Palmas e Porto Nacional exigia esforço e determinação. Durante muito tempo realizei esse percurso de ônibus, van e, posteriormente, de motocicleta. Enfrentei chuvas, estradas difíceis, problemas mecânicos e situações desafiadoras. No

entanto, cada viagem representava mais um passo em direção aos meus objetivos profissionais e pessoais.

Além da atuação em sala de aula, participei de movimentos em defesa da valorização dos profissionais da educação, compreendendo que a luta por melhores condições de trabalho também faz parte do compromisso com uma educação pública de qualidade.

Apesar das conquistas alcançadas em Porto Nacional, meu desejo era conquistar uma vaga efetiva no município de Palmas, cidade onde construí minha história e onde minha família estava estabelecida.

Figura 9: assinatura do termo de posse em Porto Nacional

A conquista do concurso de Palmas

Ao longo dos anos, mantive o hábito de estudar para concursos públicos. Acredito que a formação continuada e a busca constante por conhecimento são elementos fundamentais para o crescimento profissional.

Em 2023 participei do concurso da rede estadual de ensino. Embora não tenha sido eliminada, a classificação obtida não foi suficiente para garantir uma convocação. Ainda assim, encarei

aquela experiência como mais uma oportunidade de aprendizado e preparação.

No ano de 2024 foi publicado o concurso da Prefeitura de Palmas, oportunidade que eu aguardava havia muitos anos. Ciente da importância daquele momento, intensifiquei meus estudos, dedicando noites, finais de semana e feriados à preparação.

A aprovação representou uma das maiores conquistas da minha vida profissional. Após anos de trabalho, estudo e persistência, alcancei o objetivo de ingressar como servidora efetiva do município de Palmas.

Atualmente, atuo na Escola de Tempo Integral Santa Bárbara, trabalhando com uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental. Exercer a docência na rede municipal da minha cidade é motivo de grande orgulho e satisfação. Essa conquista simboliza não apenas a realização de um sonho pessoal, mas também o resultado de uma trajetória construída com muito esforço e dedicação.

Figura 10: Assinatura termo de posse em Palmas

Formação continuada e perspectivas futuras

Acredito que a formação profissional é um processo permanente. Por essa razão, busco constantemente ampliar meus conhecimentos e aperfeiçoar minha prática pedagógica.

Além da graduação em Pedagogia e da presente pós-graduação, iniciei o curso de Gestão Pública na Universidade Estadual do Tocantins (UNITINS), motivada pelo desejo de ampliar minha compreensão sobre gestão, administração pública e políticas educacionais.

Também continuo me preparando para novos concursos públicos, especialmente na esfera federal. Tenho como objetivo alcançar novos patamares profissionais e contribuir cada vez mais para a educação e para a sociedade. Entendo que a busca pelo conhecimento deve ser contínua e que cada etapa formativa acrescenta novas possibilidades de crescimento pessoal e profissional.

Figura 11: Turma do 1º período de Gestão Pública

Figura 12: Turma pós em TEA/TDAH/AH/SD

Reflexão sobre minha trajetória acadêmica e profissional

Ao refletir sobre minha trajetória pessoal, acadêmica e profissional, percebo que cada desafio enfrentado contribuiu significativamente para a construção da pessoa e da profissional que sou hoje. As dificuldades vivenciadas desde a infância me ensinaram valores como perseverança, responsabilidade, humildade e determinação.

Minha história foi marcada por limitações financeiras e pela necessidade de conciliar estudo, trabalho e responsabilidades familiares desde muito cedo. Entretanto, essas experiências fortaleceram minha capacidade de enfrentar adversidades e de acreditar que a educação é um dos principais instrumentos de transformação social.

A maternidade também desempenhou papel fundamental em minha formação. Tornar-me mãe ainda jovem trouxe desafios e responsabilidades que exigiram maturidade e dedicação. Ao mesmo tempo, meus filhos se tornaram minha maior motivação para continuar estudando e buscando melhores oportunidades profissionais.

A graduação em Pedagogia ampliou minha visão sobre o processo educativo e fortaleceu meu compromisso com a educação. Durante a formação acadêmica, compreendi que ensinar vai além da transmissão de conteúdos; significa contribuir para a formação humana, social e cidadã dos estudantes.

Minha experiência profissional na educação possibilitou o desenvolvimento de conhecimentos pedagógicos, habilidades de gestão e uma compreensão mais ampla da realidade escolar. O contato diário com os estudantes permitiu perceber que cada aluno possui uma história, necessidades e potencialidades próprias, exigindo do professor sensibilidade, planejamento e compromisso com a aprendizagem.

Ao longo dessa caminhada, compreendi que os desafios enfrentados não foram obstáculos para o meu crescimento, mas oportunidades de aprendizado e fortalecimento. Cada conquista alcançada representa o resultado de muito esforço, dedicação e da confiança de que a educação pode transformar vidas, assim como transformou a minha.

Por isso, continuo investindo em minha formação acadêmica e profissional, buscando aperfeiçoar minha prática docente e contribuir para uma educação pública de qualidade, inclusiva e capaz de promover o desenvolvimento integral dos estudantes.

Reflexão Final: O Caminho da Jornada ao Longo da Vida

Ao concluir este memorial, percebo que minha trajetória foi construída por meio de desafios, aprendizados e conquistas que contribuíram significativamente para minha formação pessoal, acadêmica e profissional. Cada etapa vivenciada, desde a infância marcada por dificuldades financeiras até a conquista da graduação, da aprovação em concursos públicos e da atuação como professora, deixou ensinamentos que carrego comigo até hoje.

Ao longo dessa jornada, compreendi que os obstáculos não devem ser vistos como impedimentos, mas como oportunidades de crescimento e fortalecimento. As dificuldades enfrentadas me ensinaram a valorizar cada conquista e a reconhecer a importância da persistência, da disciplina e da dedicação na construção dos meus objetivos.

Ao longo da minha caminhada, compreendi que o conhecimento e a formação contínua foram fundamentais para meu crescimento pessoal e profissional, permitindo-me superar desafios e construir novas oportunidades. Como educadora, procuro transmitir aos meus estudantes a mesma esperança que me acompanhou

durante toda a minha caminhada: a certeza de que o conhecimento tem o poder de transformar vidas.

Ao revisitar minha trajetória, sinto gratidão por todas as pessoas que contribuíram para minha formação e por cada experiência que me permitiu crescer como ser humano e profissional. Reconheço que minha história ainda está em construção e que cada etapa vivida continuará contribuindo para meu desenvolvimento pessoal e profissional.

Visão de Futuro (Prospecção)

Ao pensar no futuro, vejo uma trajetória marcada pela busca contínua por conhecimento, crescimento profissional e realização pessoal. Pretendo continuar investindo em minha formação acadêmica, aperfeiçoando minha prática docente e buscando novos desafios que contribuam para meu desenvolvimento como educadora.

Entre meus objetivos está a continuidade dos estudos, a conclusão da graduação em Gestão Pública e a aprovação em concursos da esfera federal, visando ampliar minhas oportunidades profissionais e proporcionar melhores condições de vida para minha família. Também desejo contribuir cada vez mais para a educação pública, desenvolvendo práticas pedagógicas que favoreçam a aprendizagem e o desenvolvimento integral dos estudantes.

As lições que desejo transmitir a mim mesma são a importância da perseverança, da fé, da dedicação e da confiança nos próprios sonhos. Minha trajetória demonstra que, mesmo diante das dificuldades, é possível alcançar objetivos quando se mantém o compromisso com o trabalho, com os estudos e com o crescimento pessoal.

Assim, sigo olhando para o futuro com esperança, determinação e a convicção de que a educação continuará sendo o principal instrumento para a realização dos meus projetos e para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. Quem somos. Rio de Janeiro: ABNT, [s.d.]. Disponível em: https://www.abnt.org.br. Acesso em: 21 jun. 2026.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos, para quê? São Paulo: Cortez, 2010.

PIMENTA, Selma Garrido. Saberes pedagógicos e atividade docente. São Paulo: Cortez, 2012.

Capítulo 21

A CABANA: AUTOBIOGRAFIA E RESSIGNIFICAÇÃO DA DEPRESSÃO PÓS-PARTO NA MATERNIDADE ATÍPICA

Isabelle Gomes do Nascimento

RESUMO

Este trabalho autobiográfico apresenta a trajetória de uma mulher negra, nordestina, enfermeira, docente, servidora e mãe atípica de duas crianças com transtorno do espectro autista (TEA). O objetivo é refletir sobre a constituição de si por meio da memória e de vivências marcadas por deslocamentos, mudanças subjetivas e desafios familiares. O texto inicia na infância, atravessada por mudanças regionais e forte influência familiar na construção de valores. Em seguida, aborda experiências afetivas e a maternidade: uma primeira gestação planejada e uma segunda inesperada, com intercorrências clínicas e mudanças na dinâmica familiar. Nesse percurso, espiritualidade, cuidado intergeracional e redes de apoio foram fundamentais. Com o segundo filho, surgiram o puerpério, a sobrecarga e questões sobre a saúde mental materna. A narrativa destaca a reconstrução subjetiva com a reorganização da rotina, retomada da autonomia e investimento profissional. Os diagnósticos dos filhos exigiram novas demandas de cuidado e aprofundamento teórico para estratégias de estimulação. Por fim, sem estabelecer modelos universais, o texto compartilha uma trajetória de enfrentamento, propondo pensar a maternidade atípica além da idealização, reconhecendo seus atravessamentos e reafirmando a potência do cuidado e da escuta.

Palavras-chave: Puerpério; Autismo; Depressão Pós-Parto.

MEMORIAL

Escrever esta autobiografia foi revisitar caminhos que permaneceram organizados apenas na memória e no silêncio. Ao reconstruir parte dessa trajetória, entendi que narrar não é apenas recordar acontecimentos, mas atribuir sentido às experiências vividas, reconhecendo como elas participaram da constituição da mulher negra nordestina e mãe que sou hoje. Minha história inicia-se no Nordeste brasileiro, marcada por deslocamentos geográficos, mudanças culturais e diferentes experiências familiares que moldaram minha forma de compreender o mundo.

Ao longo da infância e adolescência, transitei entre estados, crenças, vínculos e modos distintos de viver, carregando comigo referências afetivas, religiosas e políticas que contribuíram para a construção da minha identidade. Na vida adulta, encontrei na formação acadêmica e no trabalho possibilidades de autonomia e transformação, porém, foi a experiência da maternidade que produziu mudanças mais profundas na forma como eu compreendia cuidado, responsabilidade e existência.

A maternidade inicialmente idealizada revelou-se, na prática, um território complexo, atravessado por desafios emocionais, físicos e sociais. A chegada do segundo filho, associada às demandas do puerpério, à sobrecarga cotidiana e às transformações das relações familiares, colocou em evidência limites que até então eu desconhecia.

Vivi experiências marcadas pelo cansaço extremo, pelo isolamento, pela sensação de insuficiência e por questionamentos relacionados à minha própria saúde mental. Durante esse processo, fui confrontada por dúvidas que atravessam muitas mulheres: até que ponto o sofrimento vivido era resultado de um adoecimento psíquico e até que ponto expressava as condições concretas de materna, cuidar e existir naquele contexto?

Posteriormente, o reconhecimento da maternidade atípica e os diagnósticos dos meus filhos produziram novos deslocamentos em minha trajetória. Passei a reorganizar rotinas, aprofundar conhecimentos e construir estratégias próprias de cuidado, sem abandonar meu percurso profissional e acadêmico.

Ao revisitar essa história, compreendo que não caminhei sozinha. Minha rede de apoio — composta por familiares, amizades e pessoas que estiveram presentes em diferentes momentos — foi parte importante desse processo. Ao mesmo tempo, reconheço que houve escolhas, posicionamentos e movimentos internos que precisaram partir de mim.

Esta biografia não busca apresentar respostas universais nem estabelecer modelos de maternidade ou enfrentamento. Seu propósito é registrar uma experiência singular e individual e, por meio dela, produzir reflexão sobre temas como puerpério, maternidade atípica, saúde mental materna, cuidado e autonomia.

Se em algum momento da minha trajetória existiu uma cabana onde permaneci recolhida tentando sobreviver aos meus próprios limites, hoje compreendo que sair dela não significou deixar de sentir dor, mas aprender a construir caminhos possíveis apesar dela. Assim, encerro esta biografia reconhecendo que minha trajetória não foi construída apenas pelas dificuldades enfrentadas, mas também pelas formas que encontrei de permanecer, cuidar, aprender e continuar existindo.

Da sombra, emane memória, ensinamento de força e determinação para continuarmos a mudar o mundo, a partir do estratégico e quilombola coração. (BENTO, 2022, p.117)

PALMAS-TO

No ano de 2004, minha família mudou-se para Palmas, no estado do Tocantins. Mais uma vez, vivenciei um importante processo de adaptação e um novo choque cultural. Inicialmente, apresentei grande resistência à mudança, sobretudo porque, pela primeira vez, havia construído vínculos de amizade que percebia como mais sólidos e significativos. Entretanto, não havia possibilidade de escolha naquele contexto familiar, e seguimos para um novo recomeço.

Aos 17 anos, ainda durante o ensino médio, vivi minha primeira experiência afetiva com perspectiva de constituição matrimonial. Tratava-se de um relacionamento com um namorado que residia em Brasília e que posteriormente mudou-se para Palmas com a intenção de construirmos uma vida em comum. Contudo, ao longo da convivência, tornaram-se evidentes diferenças importantes entre nossas expectativas de futuro, projetos de vida e relação com os estudos e o trabalho.

Naquele período, eu conciliava atividades laborais e acadêmicas e, simultaneamente, assumia frequentemente o papel de incentivá-lo a buscar maior envolvimento com essas responsabilidades, o que, para mim, se tornou emocionalmente desgastante. Aos 21 anos, decidimos encerrar a relação de forma bastante conturbada. Dessa união não resultaram filhos. No ano de 2009, mudei-me para a cidade de Araguaína, no estado do Tocantins, após ser aprovada no curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Naquele momento, essa conquista representava a realização de um importante projeto pessoal e acadêmico. Entretanto, em decorrência de um quadro depressivo vivenciado naquele período, ainda relacionado aos impactos emocionais do término do relacionamento, não foi possível dar continuidade ao curso.

Diante desse contexto, tomei a difícil decisão de interromper a graduação e retornar para Palmas, Tocantins. Naquele momento da minha trajetória, abandonar o curso significou abrir mão, ainda que temporariamente, de um sonho que havia sido conquistado com grande expectativa e investimento pessoal.

No ano de 2010, conheci o pai dos meus filhos. Naquele período da minha vida, ele teve papel importante no processo de superação de questões pessoais que, até então, limitavam diferentes aspectos do meu desenvolvimento e da forma como eu me relacionava comigo mesma e com o mundo. Desde o início, percebi que seus comportamentos e formas de compreender a vida eram bastante diferentes daqueles observados em relações anteriores.

Nossa relação foi intensa e, em pouco tempo, passamos a morar juntos. Por meio dessa convivência, aprofundei meu interesse e envolvimento com a participação política e partidária, chegando a me filiar ao Partido dos Trabalhadores (PT), partido ao qual permaneço filiada até o presente momento. Meus pais já eram simpatizantes do partido e, anteriormente, tivemos a oportunidade de participar da cerimônia de posse do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, período em que residíamos em Brasília.

Foi também nesse contexto que comecei a me reconhecer de forma mais consciente como mulher e como sujeito político. Além disso, meu ex-marido contribuiu para que eu desenvolvesse maior autonomia em diferentes dimensões da vida cotidiana. Ainda hoje reflito sobre esse processo e questiono se esse incentivo ocorreu como forma de compartilhamento de responsabilidades ou como estímulo genuíno à minha independência. Independentemente disso, reconheço que essa experiência produziu impactos que, à época, percebi como positivos para meu processo de amadurecimento pessoal.

PRIMIGESTA (primeira gestação)

Em agosto de 2014, nasceu nossa primeira filha, identificada neste estudo por Ana. Tratou-se de um nascimento a termo, com 39 semanas e 5 dias de gestação. Ela nasceu com peso de 3,345 kg e estatura de 51 cm, por meio de parto cesáreo, sem intercorrências clínicas relevantes, recebendo alta hospitalar no segundo dia de internação. Nos primeiros meses de vida, seu desenvolvimento parecia ocorrer dentro do esperado, entretanto, ao longo do primeiro ano, passamos a observar mudanças em seu processo de comunicação, especialmente relacionadas à regressão da linguagem oral previamente apresentada. Progressivamente, ela passou a utilizar formas próprias de comunicação, que, naquele momento, eram compreendidas por nós como um tipo particular de linguagem.

A partir dessas mudanças, iniciamos uma trajetória de busca por respostas e compreensão acerca dos sinais observados em seu desenvolvimento. No sexto mês de vida da Ana, descobri minha segunda gestação. A notícia representou um grande impacto emocional para mim, embora eu já percebesse em meu corpo alguns sinais e sintomas gestacionais. Recordo-me de uma tarde específica em que senti intenso desconforto na região lombar e pedi ao meu então marido, que trouxesse um teste de farmácia durante o horário de almoço. Ao receber o resultado positivo, chorei intensamente.

A confirmação de uma nova gestação provocou em mim sentimentos de desestruturação e insegurança diante da realidade que vivíamos naquele momento. Minha primeira gestação havia sido planejada e desejada. Vivenciei esse período com grande investimento emocional e dedicação aos cuidados gestacionais: realizei atividades como hidroginástica e caminhadas, mantive acompanhamento nutricional e organizei hábitos alimentares de forma bastante disciplinada. Houve também toda a preparação simbólica para a chegada da criança, incluindo a organização de um

quarto rosa e expectativas idealizadas acerca da experiência da maternidade.

Entretanto, a experiência concreta da maternidade apresentou desafios diferentes daqueles que frequentemente me eram narrados, pois a conciliação entre estudos, trabalho e cuidado materno exigia muito de mim física e emocionalmente, e eu não planejava ter outro filho naquele momento. Além disso, meu relacionamento conjugal atravessava períodos frequentes de conflito, e o trabalho do meu ex-marido demandava constantes viagens, fazendo com que, em grande parte do tempo, eu assumisse sozinha os cuidados com nossa filha.

KURU'MI (menino)

Minha segunda gestação chegou como um tsunami, desde o início. Recordo com nitidez do dia em que fui buscar minha Carteira Nacional de Habilitação definitiva no DETRAN de Palmas, Tocantins. Era por volta do meio-dia, uma sexta feira, eu vestia uma calça preta bastante folgada, e naquele dia, percebi em um dado momento um aumento importante da vontade de urinar e fui ao banheiro. Após urinar, senti subitamente um forte impacto na região abdominal, descrito por mim, naquele momento, como uma espécie de explosão interna. Ao olhar para baixo, observei intenso sangramento, que parecia não cessar.

Liguei imediatamente para o meu marido, que foi me buscar e me levou até a obstetra que acompanhava meu pré-natal. Eu estava entrando no terceiro mês de gestação. Durante a consulta, foi realizado exame ultrassonográfico, e a médica informou que, por se tratar de uma gestação inicial associada a um quadro sugestivo de descolamento placentário, existia risco para a continuidade da gestação. Como conduta, foi prescrito o uso de progesterona micronizada por via intravaginal e orientado retorno para novo

exame ultrassonográfico na segunda-feira, com objetivo de reavaliar a evolução do quadro e definir os próximos encaminhamentos clínicos.

Posteriormente, soube que havia sido discutida com meu marido a possibilidade de interrupção espontânea da gestação e, caso isso não ocorresse, haveria a necessidade de procedimentos posteriores, como curetagem, possivelmente. Naquele momento, entretanto, essa informação não foi compartilhada diretamente comigo. No mesmo dia, ele precisou viajar, e eu permaneci com minha filha na casa dos meus pais. Recordo que me encontrava em estado de choque diante da incerteza sobre a gestação e, ainda assim, precisei atravessar aquele período de espera sentindo-me, em grande medida, sozinha.

Nossa família sempre foi constituída por referências religiosas bastante diversas. Entre essas influências, destaco que minha avó materna era filha de povos originários da região do Rio Grande do Norte- Brasil, trazendo consigo práticas e saberes que atravessaram gerações e compuseram também parte da forma como aprendemos a cuidar. No mesmo dia em que cheguei à casa dos meus pais, minha mãe, orientada por sua matriarca, realizou alguns cuidados tradicionais comigo, utilizando banhos e chás como forma de acolhimento e suporte naquele momento de incerteza. Paralelamente, recorri à minha própria espiritualidade. Fiz minhas preces de acordo com minha vivência religiosa, entregando minha vida e a continuidade daquela gestação nas mãos de Deus.

Na segunda-feira, recebi o que, para mim, foi vivido como uma segunda oportunidade de experienciar aquela maternidade. Até então, tratava-se de uma gestação que não havia sido planejada e cuja descoberta inicialmente provocou medo, insegurança e sentimento de desestruturação. Entretanto, a possibilidade concreta de perder aquela criança produziu em mim uma profunda mudança

emocional. Eu ainda não sabia como conseguiria conciliar o cuidado de duas crianças pequenas, mas compreendi, naquele momento, que desejava seguir adiante e faria o possível para que aquela gestação pudesse continuar. Meu pai me acompanhou para realizar o novo exame ultrassonográfico e, para nossa surpresa e alívio, não foram observados sinais do quadro anteriormente descrito, e o bebê apresentava boas condições naquele momento.

Recordo daquele dia como uma experiência marcada por grande alegria e esperança. Ainda que, visualmente, o exame não demonstrasse naquele momento sinais aparentes de continuidade do risco anteriormente identificado, em razão do episódio vivenciado permaneci afastada das minhas atividades habituais por aproximadamente dois meses, mantendo o uso da medicação prescrita até o final da gestação. Adotei repouso rigoroso e reduzi significativamente minhas atividades físicas, realizando poucas caminhadas, diferentemente da minha primeira gestação.

Nesse período, também ocorreram mudanças importantes em meus hábitos alimentares e em minha disposição física: ganhei mais peso, aumentei o consumo de carboidratos e frituras e frequentemente sentia fraqueza e indisposição. Diante desse contexto, fui morar temporariamente na casa dos meus pais, pois ali havia uma rede de apoio que facilitava tanto meus cuidados quanto os cuidados com minha filha, especialmente considerando a ausência de outra pessoa que pudesse assumir essa função de maneira contínua.

No dia 30 de junho de 2015, fiz o ultrassom e consegui ver que estava gestando um menino, fato que trouxe grande felicidade para minha família. Naquele momento, meu irmão realizava intercâmbio no Canadá, lembro da sua felicidade ao receber essa notícia. Grande parte da estrutura familiar encontrava-se mobilizada em torno dos cuidados relacionados à gestação e à organização da nossa rotina

familiar. Entretanto, apesar da ansiedade pela chegada do parto, percebia em mim uma diferença importante em relação à experiência anterior: não me sentia motivada a preparar um quarto para meu filho ou a realizar os mesmos rituais e planejamentos que haviam marcado minha primeira gestação.

Naquele momento, eu ainda não compreendia completamente o significado desse distanciamento, mas reconhecia que vivenciava aquela maternidade de maneira diferente. Eu não estava na minha casa, havia perdido a intimidade e vínculo com meu parceiro, não podia amamentar minha filha ou mesmo segurá-la no colo. Queria que o bebe nascesse o mais rápido possível, queria ir embora, queria cuidar dos meus filhos sozinha.

SECUNDIGESTA (segunda gestação)

Aos vinte e três dias do mês de outubro, por meio de uma cesariana agendada, com 38 semanas gestacionais, no primeiro dia do signo de escorpião, o Augusto (nome escolhido por mim) nasceu com 3,640kg, 50 cm, um apgar de 8, e diferente do nascimento da minha primeira filha, ele não chorou, foi um parto difícil, ele não saia, foram utilizadas várias manobras. Ao sair, ele não corou, estava não reagente, em vez de vir para meu colo como veio e minha primeira filha, ele foiser reanimado, depois ficou no monitoramento, recebendo oxigênio. Eu fiquei também em observação, pois tive uma reação ainda durante o parto, com ritmos cardíacos alterados, sudorese excessiva e calafrios. Meu bebe foi levado para o quarto quando foi estabilizado, tentaram administrar fórmula por sonda via oral, mas ele estava regurgitando toda a alimentação, e seu choro foi constante, até eu chegar no quarto, quando enfim ele pode ser amamentando, seu choro parou e ele dormiu. Era o maior, e o bebe com mais cabelo que eu já havia visto na vida. Recebemos alta hospitalar, e voltamos para casa da minha mãe. Naquele período, eu

não estava em minha própria casa, havia um enfraquecimento importante da intimidade e do vínculo com meu parceiro. Além disso, encontrava-me impossibilitada de amamentar minha filha mais velha ou de segurá-la no colo como gostaria. Nesse contexto, desejava intensamente que o bebê nascesse o mais rápido possível. Sentia o desejo de ir embora, de retomar minha vida e de cuidar dos meus filhos de forma independente. No dia 23 de outubro, por meio de uma cesariana agendada, com 38 semanas de gestação, nasceu A.N.P.[2], no primeiro dia do signo de Escorpião. O bebê nasceu com 3,640 kg e 50 cm, apresentando Apgar 8 no primeiro minuto. Diferentemente do nascimento da minha primeira filha, ele não chorou imediatamente ao nascer. O parto foi descrito como difícil, com necessidade de manobras para a sua retirada. Ao ser retirado, não apresentava coloração adequada nem boa resposta inicial, sendo encaminhado para reanimação e, posteriormente, para uso de oxigênio em sistema de suporte. Após o parto, também precisei permanecer em observação devido a uma reação ocorrida ainda durante o procedimento, caracterizada por alterações do ritmo cardíaco, sudorese intensa e calafrios. O bebê foi encaminhado ao quarto após estabilização clínica. Tentou-se a administração de fórmula por sonda, porém houve regurgitação frequente. Seu choro foi constante até o momento em que cheguei ao quarto. Assim que consegui amamentá-lo, o choro cessou e ele adormeceu. Recordo-o como o maior e mais cabeludo bebê que eu já havia visto até então.

A CABANA

No mês de novembro de 2015, antes mesmo de Augusto completar dois meses de vida, mudamo-nos para um apartamento localizado em uma quadra próxima à residência dos meus pais. A expectativa era que essa mudança nos proporcionasse maior privacidade e me permitisse vivenciar a maternidade de forma mais

autônoma e próxima daquilo que eu imaginava para aquele momento da minha vida. Entretanto, ao nos mudarmos, passei a experimentar de forma mais concreta o peso e a complexidade de ser mãe de duas crianças pequenas, com idades, ritmos e necessidades distintas.

Naquele período, Ana já havia completado dois anos de idade, e comecei a perceber mudanças em aspectos do seu desenvolvimento. O pediatra que a acompanhava naquele momento — profissional que anteriormente havia identificado tardiamente um sopro cardíaco — interpretou aquele comportamento como uma resposta esperada ao nascimento do irmão, relacionando-o a manifestações de ciúmes e dificuldades adaptativas comuns ao contexto de ampliação da família. Eu ainda não sabia nada sobre desenvolvimento infantil, então não busquei outras opiniões no momento, e seguimos.

Recordo-me de como recebi essa informação: senti-me como a pior das mães. Frequentemente me questionava sobre minhas escolhas reprodutivas e revisitava decisões relacionadas à contracepção, perguntando-me se deveria ter utilizado outro método ou evitado aquela gestação.

Naquele momento, atribuí a mim mesma grande parte da responsabilidade pelas dificuldades que percebia em minha filha. Como mulher e como mãe, sentia que precisava encontrar uma forma de dar conta de tudo — da maternidade, da rotina doméstica, do cuidado com duas crianças pequenas e das expectativas que eu mesma construía sobre o que significava ser uma "boa mãe". Então, sob pressão do pai de minha filha, após chorar e dizer que não queria aquilo para ela naquele momento, eu a matriculei em uma creche de tempo integral... Foi uma das maiores violências vividas por mim e por ela naquele momento... e eu senti muito, muito mesmo por isso meu amor!

Conheço mulheres que abandonaram casamentos ruins, mas não foram autorizadas a levar ou sequer ver os filhos porque eles pertencem ao homem. (ADICHIE, 2017, p.63)

Meu pai havia presenteado a Ana com uma barraca cor-de-rosa para que ela pudesse brincar com seus brinquedos em seu tempo livre. No quarto, que passou a ser compartilhado com seu irmão mais novo, depois de montar a barraca, não organizei ali brinquedos, mas almofadas e um lençol. Foi naquele pequeno espaço que passei grande parte do meu tempo com os dois. De forma lenta e dolorosa, fui me retraindo. Já não percebia em mim o mesmo ânimo e alegria que antes reconhecia como parte da minha forma de existir. Havia ganhado muito peso durante a gestação e, naquele período, meu filho menor chorava intensamente quando percebia meu afastamento. Com o objetivo de mantê-lo próximo enquanto realizava as atividades domésticas diárias, adquiri um canguru e passei a carregá-lo junto ao corpo durante boa parte do dia.

Toda a alimentação da casa era preparada de forma artesanal. Entretanto, apesar da rotina intensa de cuidados, eu falava pouco. Ao final do dia, entrava na barraca de brinquedos e dormia ali com as crianças. Com o passar dos dias, fui levada a uma consulta que, naquele momento, me pareceu incomum, com a obstetra que havia acompanhado minha gestação. Naquela ocasião, fui acompanhada por minha mãe e por meu então esposo. Durante a consulta, a médica perguntou como eu estava e, em seguida, de forma acolhedora e direta, explicou que minha família havia procurado atendimento anteriormente para conversar sobre minha situação e relatar preocupações relacionadas ao meu estado emocional.

Diante do quadro apresentado, sugeriu o início de tratamento medicamentoso e prescreveu Assert (cloridrato de sertralina) 25 mg (em baixa dosagem). Recordo que fiquei surpresa, pois até aquele momento, ninguém havia conversado comigo sobre essa

preocupação antes de me levar à consulta. A médica colocou as amostras do medicamento em minhas mãos e, de maneira firme, disse que era o momento de reagir. Não foi a primeira vez que ela adotou uma postura firme diante da minha realidade.

VOU EMBORA, VOU EMBORA!

Em outro momento, ainda durante o pré-natal, posicionou-se diante de interferências do meu marido na consulta e afirmou que eu era a paciente e que as decisões relacionadas ao meu cuidado deveriam priorizar minha escuta e autonomia. Lembro-me de ter pensado naquele instante que, como em outros momentos da minha vida, a decisão final permanecia em minhas mãos: iniciar ou não a terapia medicamentosa. E, junto com essa decisão, surgiu uma pergunta que atravessou profundamente aquele período da minha trajetória: eu estava vivenciando uma depressão pós-parto ou estava experimentando a solidão e a sobrecarga da maternidade solo dentro de um casamento?

A mulher negra tem muitas formas de estar no mundo (todos tem). Mas um contexto desfavorável, um cenário de discriminações, as estatísticas que demonstram pobreza, baixa escolaridade, subempregos e violações de direitos humanos, traduzem histórias de dor. (EVARISTO,2022, p13)

Respirei fundo, agradeci à médica, como fazia habitualmente, e nós nos retiramos da consulta. Ainda naquele período, tomei uma decisão importante: retirei minha filha da creche, instituição na qual meu então marido havia insistido em matriculá-la. Ela chorava diariamente e demonstrava resistência em permanecer naquele ambiente. Diante disso, posicionei-me e decidi que, a partir daquele momento, ela não frequentaria mais a instituição.

Meu marido argumentava que essa decisão poderia prejudicar ainda mais seu desenvolvimento e aumentar minha sobrecarga cotidiana. Entretanto, naquele momento, assumi para mim uma responsabilidade que já sentia como sendo minha e, gradativamente, comecei a reorganizar nossa rotina familiar. Foi também nesse período que vivi experiências que, retrospectivamente, reconheço como marcos do meu processo de autonomia. Em uma situação de necessidade, precisei levar meus filhos ao pronto atendimento sozinha. Meu marido informou que não poderia ajudar naquele momento, e meus pais não atenderam minhas ligações. Foi então que tomei coragem para dirigir pela primeira vez desde a minha habilitação.

Também comecei a produzir geleia de laranja para presentear amigas, como forma de criar pequenos espaços de afeto e expressão pessoal dentro de uma rotina predominantemente dedicada ao cuidado. Aos poucos, passei menos tempo na barraca montada no quarto das crianças, embora continuasse dormindo ali com elas todas as noites. Por que eu não dormia na cama? Porque não havia espaço emocional e material para acomodarmos as crianças junto de nós.

Meu marido desejava retomar aspectos da vida conjugal anteriores ao nascimento do nosso filho, inclusive relacionados à intimidade sexual. Entretanto, eu vivenciava outra realidade naquele momento. Eu cuidava das crianças, da alimentação da família, das roupas, da organização da casa e dos meus próprios cuidados. E me perguntava: como sustentar também a expectativa de continuar desempenhando o papel de esposa da mesma forma que antes? Para mim, naquele contexto, essas demandas não dialogavam com a realidade que eu estava vivendo. Decidi que não faria uso de anticoncepcionais hormonais, principalmente em razão do ganho de peso e das mudanças corporais que havia experimentado. Conversei

com ele e estabeleci um limite: caso não houvesse uso de preservativo, não haveria relação sexual.

A vasectomia não era considerada por ele naquele período, enquanto a esterilização feminina era frequentemente colocada como possibilidade para mim. No entanto, eu ainda carregava lembranças muito difíceis do pós-operatório das cesarianas e entendia que aquela não era uma alternativa que desejava naquele momento. Assim, permanecemos por aproximadamente oito anos utilizando preservativos como método contraceptivo. Nesse período, descobri também uma alergia ao látex, situação que acrescentou novas tensões à vivência da sexualidade.

Ao mesmo tempo, iniciei um movimento intenso de retomada do controle sobre minha própria vida. Buscando recuperar aspectos da minha autoestima e autonomia, participei de um programa de emagrecimento bastante restritivo e perdi aproximadamente 12 kg em um mês. Hoje reconheço que essa escolha teve custos importantes para minha saúde. Como consequência desse processo, desenvolvi problemas gastrointestinais que permanecem até os dias atuais, incluindo hérnia de hiato, gastrite importante à época e esofagite associada ao refluxo decorrente desse quadro.

Com o passar dos anos, meus filhos foram crescendo. Por indicação de uma amiga, quando minha filha completou três anos de idade e ainda apresentava importantes dificuldades relacionadas à linguagem oral, realizei sua matrícula em uma escola na qual permanece até os dias atuais. Naquele espaço, mesmo diante dos desafios na fala, ela encontrou outras possibilidades de comunicação e desenvolveu habilidades que gradativamente me permitiram sentir maior segurança em relação ao seu processo de desenvolvimento.

Nesse período, meu filho já havia recebido o diagnóstico de autismo, e eu passei a reconhecer de forma mais concreta minha experiência como mãe atípica. Também comecei a redistribuir

responsabilidades parentais com o pai dos meus filhos, compreendendo que, para continuar cuidando deles, eu também precisaria cuidar da minha própria saúde e investir na minha formação. Aprofundei meus estudos e, nos momentos livres, entre terapias e cuidados cotidianos, buscava compreender estratégias e conhecimentos que pudessem ser aplicados em casa.

Concluí minha formação, realizei especializações e, quando olho para trás, recordo esse período com sentimentos complexos. Optei por não iniciar a terapia medicamentosa naquele momento. Em vez disso, procurei compreender meus limites, estabelecer rotas possíveis, construir objetivos concretos e seguir ao lado dos meus filhos (imagem 2). Hoje, entretanto, não interpreto essa decisão como uma fórmula ou como um modelo a ser seguido. Também não acredito que tenha atravessado esse percurso completamente sozinha. Meus pais, minhas amigas e, em alguma medida, meu ex-marido estiveram presentes. Talvez não da forma como eu desejava, mas dentro das possibilidades que eles tinham naquele momento.

Com o tempo, também compreendi algo importante: durante muitos anos esperei que determinadas respostas viessem dos outros, quando parte significativa das mudanças que eu buscava exigia também movimento da minha própria parte. Isso não elimina a importância da rede de apoio nem reduz o peso do cuidado, mas me fez refletir sobre aquilo que estava sob minha responsabilidade transformar. Por muito tempo me perguntei: se eu tivesse iniciado aquela medicação, teria chegado onde cheguei? Como meus filhos estariam hoje? Teria iniciado outros tratamentos? Não tenho respostas para essas perguntas.

Também não escrevo estas linhas para julgar mães que recorreram ou recorrem ao cuidado medicamentoso, e outras formas terapêuticas de se cuidar. Cada trajetória possui suas próprias dores,

limites e contextos. Mas, se existe algo que desejo compartilhar ao final deste relato, é isto: eu conheço a dor, a solidão, a sensação de impotência e o esgotamento que tantas mães (a)típicas experimentam, como mulheres, cuidadoras e seres humanos. A minha saída da cabana aconteceu de um jeito que fez sentido para a minha história, mas para aquelas que ainda estão lá dentro, desejo que encontrem caminhos possíveis para sair — no seu próprio tempo, com os apoios que tiverem, e sem abandonar a si mesmas no percurso... Há um mundo inteiro lá fora esperando por todas nós!

REFLEXÃO FINAL

Com esse curso, busquei aprofundar meus conhecimentos sobre as temáticas relacionadas ao Transtorno do Espectro Autista (TEA), ao Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e às Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD), qualificando-me para atuar como uma docente mais sensível, humanizada e aberta a diferentes perspectivas de compreensão do desenvolvimento humano. Minha formação inicial na área da saúde me proporcionou uma base técnica importante; entretanto, ao longo da trajetória profissional e, principalmente, da experiência como mãe atípica, passei a refletir sobre como o cuidado em saúde, em determinados contextos, pode assumir práticas excessivamente centradas em aspectos técnicos e, por vezes, pouco sensíveis às dimensões subjetivas e humanas do sujeito.

A educação passou a ocupar, para mim, um lugar tão relevante e respeitoso no momento em que acompanhei o desenvolvimento dos meus filhos, observei avanços significativos em suas trajetórias com o apoio dos profissionais da educação e das equipes multiprofissionais. Vivenciar esse processo mudou minha vida e ampliou meu olhar sobre o potencial transformador das práticas pedagógicas e do cuidado interdisciplinar.

Ao observar meus filhos ampliarem repertórios, desenvolverem autonomia e modificarem suas necessidades de suporte ao longo do tempo, compreendi que ainda tenho muito a aprender com professores e professoras e com os processos educativos. Essa experiência fortaleceu em mim a convicção de que cuidar e educar são práticas que (co)existem, e que exigem conhecimento técnico, escuta sensível e compromisso com a singularidade de cada sujeito. Hoje, atuando como preceptora e professora do curso técnico de enfermagem, carrego em minha prática profissional um olhar constantemente direcionado à educação especial, à inclusão e à valorização das singularidades humanas. As experiências vividas enquanto mãe atípica e profissional da saúde ampliaram minha compreensão sobre os diferentes modos de aprender, desenvolver-se e participar socialmente.

No meu trabalho voluntário como enfermeira do esporte junto à Federação das APAES do Tocantins, reafirmo diariamente a convicção de que o esporte ultrapassa os limites do desempenho físico: ele inclui, transforma trajetórias, fortalece vínculos, promove autonomia e, em muitos contextos, ressignifica vidas.

Poderia mencionar inúmeros aspectos que hoje orientam minha atuação profissional e acadêmica, entretanto, poucos são tão significativos quanto o desejo de contribuir para que outras pessoas tenham acesso à informação, reconheçam seus direitos e ampliem suas possibilidades dentro dos campos da saúde e da educação. Ao longo da minha trajetória, compreendi que conhecimento, quando compartilhado de forma ética, acessível e humanizada, pode transformar realidades.

Por isso, mais do que formar técnicos ou orientar práticas de cuidado, busco contribuir para a formação de sujeitos capazes de reconhecer o outro em sua integralidade e exercer uma atuação comprometida com inclusão, dignidade e justiça social. Agora desejo

aprimorar meus conhecimentos, fazer mais especializações, agora nas áreas técnicas, contribuir com pesquisas de campo, e buscar o meu título de Mestre dentro da educação, pois é na educação que se deve formar docentes. Não posso ser mais grata aos mestres e doutores que colaboraram com minha formação profissional e senso crítico, espero devolver o investimento público da sociedade nos meus estudos, em forma de trabalho de qualidade.

REFERÊNCIAS

BENTO, Cida. O pacto da branquitude. 1ª Edição. São Paulo, Companhia das Letras, 2022. BRUNES, René. A arte da inclusão. 416 p. Goiania: Kelps, 2012.

CHIMAMANDA, Ngozi Adichie. Para educar crianças feministas: Um manifesto.1ª Edição. São Paulo, Companhia das Letras, 2022.

MARTINS, Flúvia Pereira. "Ela não vai dar conta": (auto)biografia de uma professora aposentada no município de conceição do Tocantins. 53 f. Monografia (Graduação) - Curso de Licenciatura em Educação do Campo: Artes Visuais e Música, Universidade Federal do Tocantins, Arraias, 2023. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11612/7415>. Acesso em: 25 de junho de 2026.

MARTINS, Maria Helena. O que é leitura. 74 p. São Paulo, Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 2006.

SILVA, Sandra Maria Matos. Mãe De Surdo: desafios e superações enfrentados na perspectiva da aquisição da libras: autobiografia. 2023. 29 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras-Libras, Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, 2023. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11612/7207>>. Acesso em: 26 de junho de 2026.

Capítulo 22

DO MAR DA BAHIA AO CORAÇÃO DO TOCANTINS: A EDUCAÇÃO COMO PONTE PARA OS MEUS SONHOS

Ivaneide da Conceição Pitanga

RESUMO

Este memorial descritivo reflete sobre a trajetória pessoal, acadêmica e profissional da autora, destacando a educação como eixo central de transformação social e realização de projetos de vida. A narrativa começa em Maragogipe, no Recôncavo Baiano, onde nasceu e viveu uma infância marcada por dificuldades socioeconômicas e fortes vínculos familiares baseados na resiliência e no valor da educação. A mudança para Vera Cruz, na Ilha de Itaparica, trouxe novos desafios e oportunidades na educação básica. Conciliando estudo e trabalho desde a adolescência, a autora fortaleceu sua autonomia e determinação. O ingresso na Licenciatura em Geografia pela UNEB marcou a consolidação de sua identidade docente, vendo a educação como prática transformadora. O percurso inclui pós-graduações, o mestrado em Geografia pela UFBA e a atuação nas redes municipal e estadual da Bahia. Destaca-se também a aprovação no serviço público do Tocantins, a adaptação a uma nova realidade sociocultural e a atuação como professora e coordenadora de Ciências Humanas. Paralelamente, a narrativa valoriza a família, o casamento, a maternidade e as redes de apoio essenciais para suas conquistas. Por fim, o texto sintetiza a jornada de uma mulher, mãe, esposa, professora e pesquisadora que vê na educação um instrumento de emancipação e inclusão, reafirmando seu compromisso com uma prática pedagógica humana e reflexiva.

Palavras-chave: Memórias. Trajetória docente. Formação acadêmica. Educação.

A MULHER POR TRÁS DA TRAJETÓRIA

Eu sou a Ivaneide da Conceição Pitanga. Olhar para trás e contemplar estes 33 anos de vivência me permite compreender que cada obstáculo, escolha e conquista me transformou exatamente na pessoa que sou hoje. Ao olhar para a minha trajetória, sinto um orgulho profundo de cada passo dado, de cada cicatriz e de cada vitória. Hoje, consolido-me como mulher, casada, mãe, professora e estudante, papéis que não se anulam, mas que se entrelaçam e dão sentido à minha caminhada humana, acadêmica, as minhas vivências.

Este memorial descritivo tem como objetivo resgatar e registrar minhas memórias, vivências, desafios e conquistas pessoais, acadêmicas e profissionais, evidenciando como a educação se constituiu como elemento transformador da minha trajetória de vida. Ao revisitar experiências que se iniciam no interior da Bahia e se estendem até minha consolidação profissional no Tocantins, este trabalho busca promover uma reflexão sobre os caminhos percorridos, as aprendizagens construídas e a constituição da minha identidade como mulher, mãe, professora e pesquisadora. Além disso, o memorial apresenta-se como Trabalho de Conclusão de Curso da Especialização em Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), Transtorno do Espectro Autista (TEA), Altas Habilidades e Superdotação, representando um exercício de autoconhecimento e de compreensão da prática docente pautada na formação continuada e nos princípios da educação inclusiva.

A elaboração deste memorial descritivo justifica-se pela necessidade de revisitar e registrar as experiências que marcaram minha trajetória de vida, reconhecendo que cada vivência, desafio e conquista contribuiu significativamente para a constituição da minha identidade pessoal e profissional. O exercício de rememorar a infância em uma família de origem humilde, as dificuldades

enfrentadas no percurso escolar, a inserção no mundo do trabalho, a formação acadêmica e a construção da carreira docente possibilita compreender a educação como principal instrumento de transformação social e de realização dos meus sonhos.

Além de resgatar memórias e atribuir novos significados às experiências vividas, este memorial representa um importante processo de reflexão crítica sobre minha prática educativa e sobre os caminhos percorridos até a consolidação da minha atuação como professora, pesquisadora e estudante permanente. Assim, este trabalho se justifica por constituir o Trabalho de Conclusão de Curso da Especialização em Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), Transtorno do Espectro Autista (TEA), Altas Habilidades e Superdotação, possibilitando articular a trajetória de formação continuada com a necessidade de compreender a diversidade humana e fortalecer uma prática pedagógica cada vez mais inclusiva, sensível e comprometida com a aprendizagem de todos os estudantes.

RAÍZES E A INFÂNCIA NO RECÔNCAVO BAIANO

Minha história tem início em Maragogipe, na Bahia, onde nasci. Venho de uma família humilde, cujos pais precisaram labutar desde muito cedo para garantir o sustento do lar. Em razão dessas circunstâncias severas, eles não tiveram acesso a uma educação formal de qualidade, estudando apenas até o quarto ano do ensino fundamental. Contudo, o limite da escolaridade nunca foi um teto para a sabedoria deles: ambos sempre se empenharam ao máximo para oferecer uma realidade diferente e uma boa educação aos seus cinco filhos.

A vida no interior de Maragogipe era marcada pelo isolamento e pelo trabalho árduo. O acesso à escola era extremamente difícil, dada a distância e a total ausência de meios de transporte. Meus

pais dedicavam-se ao cultivo da mandioca e à produção artesanal da farinha, que era vendida nas feiras de sábado no cenro da cidade. Diante da impossibilidade de nos deixar com alguém, minha mãe nos levava , a mim e às minhas irmãs, para a plantação. Apesar da escassez, a criatividade e o afeto supriam a falta de recursos: lembro-me, com carinho, das bonecas que minha mãe confeccionava com troncos de bananeira e pedaços de pau para que brincássemos sob a sombra enquanto ela trabalhava.

Por volta dos cinco anos de idade, vivenciei momentos lúdicos que ficaram eternizados em minha memória. Nas poucas horas em que minha mãe ia à casa de minha tia para assistir à novela, eu aproveitava para brincar com minhas primas mais velhas. Brincávamos de pular corda, esconde-esconde, chuta-lata, elástico e, significativamente, de "professora e estudantes". Aqueles momentos de pura diversão foram fundamentais para marcar minha infância com alegria, plantando, ainda que de forma inconsciente, a semente da minha futura vocação.

Com muito esforço, a casa própria foi erguida. No entanto, a transição estrutural foi gradativa; inicialmente, não possuíamos um fogão, o que obrigava minha mãe a cozinhar a lenha. Foi nesse cenário que vivenciamos uma grande provação: minha irmã mais nova, que estava começando a engatinhar, aproximou-se rapidamente do fogo e derrubou uma fralda que trazia no ombro sobre a panela de café fervente, sofrendo queimaduras em mais de cinquenta por cento do corpo. O desespero tomou conta da família, e ela foi transferida às pressas para o Hospital Geral do Estado (HGE) em Salvador-BA. Esse acidente gerou um impacto emocional e financeiro devastador, esgotando todos os nossos poucos recursos com medicamentos e deslocamentos, mas também testou e fortaleceu a resiliência familiar.

A INSERÇÃO ESCOLAR E A DESCOBERTA DO CONHECIMENTO

Foi em Vera Cruz que a minha trajetória escolar finalmente teve início. Movida pelo desejo ardente de aprender a ler, ingressei na escola pública aos seis anos de idade. Da primeira à quarta série do ensino fundamental, estudei no Colégio Municipal Joaquim Barreto de Araújo. Guardo memórias vívidas e afetuosas desse período: o ambiente acolhedor, o respeito e o amor pelos professores, o rito do Pai Nosso e o canto do Hino Nacional às segundas-feiras, além de amizades que preservo até os dias atuais. Cada dia na escola representava um universo de novas expectativas e emoções.

À medida que ingressava na quinta série, aos dez anos, precisei ser transferida para o Colégio Municipal Jarbas Passarinho. Essa transição gerou angústia e receio de não me adaptar ao novo ambiente ou de não conseguir estabelecer novos laços. Contudo, a realidade desfez meus temores e o Jarbas Passarinho tornou-se um espaço de aprendizado substancial da quinta à oitava série (atual 9º ano).

Foi nessa época que, compreendendo as severas limitações financeiras de meus pais, agravadas pela enfermidade de meu pai e por uma condição gástrica crônica que acometeu minha mãe por oito anos, decidi começar a trabalhar. Acordava diariamente às seis horas da manhã, caminhava por trinta minutos até a "Cesta do Povo", onde atuava como empacotadora, e encerrava o expediente às onze horas, retornando correndo para casa a fim de me arrumar e fazer o mesmo percurso em direção à escola.

Essa rotina exaustiva gerou incompreensão por parte do ambiente escolar. Lembro-me, com certa tristeza, de quando uma professora de Língua Portuguesa me colocou em recuperação por apenas três décimos e advertiu que, se eu não abandonasse o emprego informal, seria reprovada. Ela desconhecia a realidade de vulnerabilidade da minha família. Longe de me abater, a crítica

transformou-se em combustível: dediquei-me à recuperação e obtive nove pontos. Nunca me arrependi de ter trabalhado precocemente; aquela experiência fortaleceu meu caráter e ampliou minha motivação para estudar, sempre respaldada pelo estímulo dos meus pais para que eu corresse atrás dos meus objetivos.

O ENSINO MÉDIO E AS CONTRADIÇÕES DA FORMAÇÃO

Aos quatorze anos, ingressei no Colégio Estadual Júlio Virgínio de Santana para cursar o Ensino Médio. Deparei-me com um cenário complexo e, por vezes, desanimador. Saltava aos olhos a falta de compromisso profissional de alguns docentes que limitavam suas aulas à reprodução de fotocópias e aplicação de avaliações mecânicas. Quando a turma tentava reivindicar um posicionamento pedagógico mais sólido, ouvíamos respostas corporativistas. Em resposta, mobilizamo-nos por meio de abaixo-assinados, exercitando nossa cidadania estudantil, mesmo diante da resistência institucional.

Por outro lado, o Ensino Médio também foi palco de momentos maravilhosos. Foi nele que conheci meu atual esposo e companheiro de todas as jornadas. Além disso, convivi com profissionais exemplares, verdadeiros educadores, que nos motivaram a vislumbrar o horizonte universitário. Prova do sucesso coletivo dessa resistência é que a grande maioria dos amigos que construí nessa época compartilha hoje do espaço da educação superior.

O PROCESSO SELETIVO E O INGRESSO NA UNIVERSIDADE

Concluí o Ensino Médio aos dezessete anos e, determinada a ingressar na universidade, matriculei-me no pré-vestibular comunitário Quilombo Ilha. A rotina dupla de trabalho e estudos me forçou a interromper o curso temporariamente. No ano seguinte,

retornei, mas no dia da prova de seleção não me senti bem e não consegui concluí-la. Diante disso, realizei uma formação em Operador de Microcomputador no SENAC, inscrita pelo meu então noivo.

Obstinada, retornei ao coordenador do Quilombo Ilha, expliquei a situação e pedi permissão para assistir aos dois meses restantes de aula para me preparar para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e para o vestibular da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Ele concordou.

O dia do ENEM foi marcado por uma enorme frustração: no segundo dia de exame, faltando poucos minutos para o término, meu aparelho celular, que estava desligado, vibrou. A prova foi sumariamente recolhida e as lágrimas rolaram pelo meu rosto. Pensei em desistir, acreditando que o esforço havia sido em vão. Contudo, compreendi tardiamente que aquilo configurou um aprendizado e um acúmulo de experiência.

No vestibular da UNEB, enfrentei um ambiente tenso e ouvi comentários desestabilizadores que me entristeceram profundamente. Fiz a prova com o coração apertado, mas firme na convicção de que Deus havia reservado o meu lugar. Dias depois, à meia-noite, recebi a ligação do meu noivo anunciando a minha aprovação. A alegria fundiu-se com a melancolia da partida, pois estudar no campus de Santo Antônio de Jesus exigiria o distanciamento geográfico daqueles que eu amava.

O CASAMENTO E A PARCERIA DE VIDA

A aprovação no vestibular trouxe uma grata e inesperada coincidência: meu noivo e eu fomos aprovados simultaneamente em universidades públicas, ele em História na Universidade Federal da Bahia (UFBA) e eu em Geografia na UNEB. Diante da nova realidade

acadêmica, adiamos o matrimônio por um ano, celebrando-o em 29 de dezembro de 2012, um dia eternamente inesquecível.

O casamento consolidou-se como mais uma vitória partilhada. Construído com base no apoio mútuo, meu esposo sempre foi o maior incentivador dos meus estudos, exortando-me a não desistir perante as primeiras tempestades. Aprendemos a lidar com a distância física, nos encontrando apenas aos finais de semana, pois compreendemos que o amor verdadeiro reside na felicidade e na realização plena do outro.

A CONSOLIDAÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE NA GRADUAÇÃO

A escolha pela Geografia consolidou-se ainda no Ensino Médio, inspirada por excelentes professores que tive. Entretanto, a real compreensão do significado de ser educadora só se materializou ao ingressar no ambiente universitário. Percebi que a docência vai muito além da transmissão mecânica de conteúdos no quadro; ela se configura como uma obra de arte em constante processo de moldagem e aperfeiçoamento. Durante a graduação, a aprovação no PIBID-UNEB permitiu-me vivenciar saberes práticos essenciais dentro do cotidiano de escolas estaduais.

No ano de 2016, concluí minha licenciatura em Geografia. Lembro-me vividamente do dia da defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), cercada por medos, anseios e uma felicidade indescritível por encerrar uma etapa tão significativa. Minha experiência prática na docência havia começado ainda no terceiro semestre, no município de Santo Antônio de Jesus (BA), como estagiária do Instituto Euvaldo Lodi (IEL), com uma carga horária de 20 horas semanais. Naquela ocasião, fui designada para lecionar disciplinas distantes da minha área de formação, como Língua Portuguesa, Matemática e Educação Física. Embora essa experiência inicial tenha me desestabilizado momentaneamente em relação à

carreira docente, superei os obstáculos e encarei cada desafio como um aprendizado enriquecedor.

A vida acadêmica também me proporcionou momentos extraordinários. As aulas de campo do curso de Geografia eram inesquecíveis; conhecer as diversidades físicas e sociais de vários municípios da Bahia e de outros estados, dividindo o espaço com colegas e professores maravilhosos, marcou profundamente minha trajetória. Assim, com o diploma em mãos em 2016, retornei definitivamente para a Ilha de Itaparica, munida de sonhos e projetos para o futuro.

A INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO E A PÓS-GRADUAÇÃO

Ao retornar, o desejo de contribuir para a minha comunidade se manifestou de imediato. Atuei voluntariamente como professora em um cursinho pré-vestibular comunitário sediado no Colégio Júlio Virgínio, a mesma instituição onde cursei meu Ensino Médio e pela qual nutro imenso apreço. Como a inserção no corpo docente do município não ocorreu de imediato, submeti-me a um processo seletivo em 2017 e assumi o cargo de auxiliar de disciplina (corredores) em um colégio municipal. Embora não fosse a posição em que almejava estar, a experiência foi extremamente válida para compreender a dinâmica escolar sob outra perspectiva e estabelecer redes de contatos.

Ainda em 2017, engajei-me na continuidade da minha formação acadêmica ao ingressar na pós-graduação 'lato sensu' em Mineração e Meio Ambiente pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), na modalidade semipresencial. Foi um período de imenso aprendizado, que representou o marco inicial do meu compromisso com a formação continuada.

Em 2018, as portas se abriram e fui contratada como professora da rede municipal de Itaparica. Para integralizar a carga horária, assumi 40 horas semanais distribuídas em quatro escolas diferentes, lecionando nos três turnos. A rotina era exaustiva, mas cumprida com dedicação, pois exercer a docência na minha área de formação já configurava uma grande vitória. As coisas nunca foram fáceis, mas a partir de todo um histórico de vivências marcadas por privações, aprendir desde cedo, ser grata a Deus por cada conquista.

O REGIME REDA, OS DESAFIOS DA TRAVESSIA E O MESTRADO

No ano seguinte, obtive a aprovação no processo seletivo simplificado (REDA) para atuar como professora da rede estadual de educação da Bahia, sendo convocada para a capital, Salvador. Iniciou-se ali um dos capítulos mais desafiadores da minha trajetória profissional. Assumi 40 horas semanais no Colégio Estadual Antônio Carlos de Barros, localizado no Subúrbio Ferroviário de Salvador.

O deslocamento diário configurava uma verdadeira jornada: acordava às 4 horas da manhã, realizava a travessia marítima via lancha na linha Itaparica-Salvador às 5 horas, desembarcava na capital às 6 horas e enfrentava mais uma hora de transporte coletivo rodoviário para conseguir registrar minha presença na unidade escolar às 7h15. Em determinados dias, após cumprir a jornada em Salvador, retornava para a Ilha de Itaparica ao final da tarde para ministrar aulas no turno da noite. Paralelamente a essa rotina, concluí minha especialização na UFRB e iniciei uma nova pós-graduação, focada em Educação Aberta e Digital no sistema EAD, vinculada ao polo de Feira de Santana-BA.

Em setembro de 2019, conquistei minha transferência via REDA para o município de Vera Cruz, sendo alocada justamente no Colégio Estadual Júlio Virgínio de Santana. Nesse momento, as esferas da minha vida se "alinharam": eu estava consolidada em minha área, em

uma condição mais estável e próxima de minha residência. Trabalhei nessa instituição por cinco anos, onde tive a honra de ter ex-professores como colegas de trabalho, uma experiência pedagógica e humana inestimável.

No ano de 2020, alcancei um marco que parecia distante da realidade da minha infância: fui aprovada no processo seletivo para o Mestrado Acadêmico em Geografia na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Fui invadida por um misto de sentimentos. A filha de agricultores, criada sob a simplicidade do interior, estava a caminho de se tornar mestre. Sendo a primeira da minha família a conquistar um diploma de nível superior, reconheci-me como fruto de múltiplos esforços, dedicação, sonhos coletivos e, essencialmente, da escola pública.

No ano de 2020, alcancei um marco que parecia distante da realidade da minha infância: fui aprovada no processo seletivo para o Mestrado Acadêmico em Geografia na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Fui invadida por um misto de sentimentos. A filha de agricultores, criada sob a simplicidade do interior, estava a caminho de se tornar mestre. Sendo a primeira da minha família a conquistar um diploma de nível superior, reconheci-me como fruto de múltiplos esforços, dedicação, sonhos coletivos e, essencialmente, da escola pública."

O percurso no mestrado coincidiu com o advento da pandemia de COVID-19. As restrições sanitárias forçaram a interrupção das atividades de campo, restringindo meu trabalho à leitura e à escrita em isolamento domiciliar. Para alguém historicamente ativa, a pausa abrupta desencadeou crises de ansiedade, um desafio de saúde mental enfrentado por meio da resiliência.

MATERNIDADE, NOVA MUDANÇA E CONCURSO PÚBLICO NO TOCANTINS

Em 2021, a vida me agraciou com a gestação do meu primeiro filho, Zayon Ravi. Ele se tornou meu companheiro silencioso de madrugadas inteiras dedicadas à redação da dissertação. Mesmo no ventre, sua presença me dava a certeza de que eu não caminhava sozinha. Defendi minha dissertação de mestrado com 35 semanas de gestação e, em 29 de abril de 2022, recebi formalmente o título de Mestre em Geografia pela UFBA. Minha identidade expandia-se: eu era mulher, esposa, mãe e, agora, mestre.

A busca por estabilidade financeira e profissional, frequentemente pautada por meu esposo, levou-nos a considerar concursos públicos em outros estados da federação. A ideia de deixar meu território e minha família me causava receio, mas decidimos prestar o concurso para a Secretaria de Estado da Educação do Tocantins (SEDUC-TO). A viagem para a realização da prova impôs um sacrifício emocional: coincidiu exatamente com o primeiro aniversário do meu filho. A aprovação foi o selo de que o sacrifício foi válido; tornamo-nos professores concursados.

A mudança para o Tocantins exigiu desprendimento. "Deixamos" nossa história na Bahia para recomeçar do zero em uma nova cultura. Escolhemos o município de Ponte Alta do Bom Jesus devido à proximidade geográfica com o Nordeste. Tomamos posse em 18 de janeiro de 2024 e atuamos no Colégio Antônio Carlos de França por um ano e meio. Posteriormente, solicitamos remoção por união de cônjuge para a capital, Palmas, uma vez que meu esposo foi aprovado no concurso da Secretaria Municipal de Educação (SEMED-Palmas).

No segundo semestre de 2025, fomos removidos para Palmas, onde assumi a Coordenação da Área de Ciências Humanas no Centro de Ensino Médio (CEM) de Taquaralto. Consolidando nossa fixação no estado, alcançamos o sonho da casa própria por meio do financiamento imobiliário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E PERSPECTIVAS DE FUTURO

Com o objetivo de qualificação profissional contínua e visando compreender a diversidade neurológica dos estudantes, ingressei no curso de Especialização em Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), Transtorno do Espectro Autista (TEA), Altas Habilidades e Superdotação. Este memorial descritivo configura-se como o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) dessa especialização, sintetizando as reflexões de uma trajetória docente que se reconstrói diariamente a partir da práxis e da inclusão.

Atualmente, vivencio a gestação do meu segundo filho, Asafe Martin, encarando cada dia com esperança e novos projetos. No âmbito profissional, aguardo a convocação da SEMED-Palmas e do Instituto Federal do Tocantins (IFTO), estando na iminência de assumir cargos como docente efetiva e, futuramente, ingressar em um programa de Doutorado na área da educação ou correlatas.

Aos 33 anos, a trajetória da menina que brincava com bonecas de bananeira e estudava sob condições adversas se materializa na história de uma mulher que é mãe, professora, esposa, pesquisadora e eterna estudante. A educação foi, e continua sendo, o agente transformador da minha existência.

REFERÊNCIAS

RODRIGUES, David. Educação inclusiva: dos conceitos às práticas. Porto: Porto Editora, 2013.

Capítulo 23

DIREITO, SOCIOLOGIA E EDUCAÇÃO: CAMINHOS FORMATIVOS E COMPROMISSOS COM A EQUIDADE, A INCLUSÃO E A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Jadson Lobato Gonçalves

RESUMO

O presente memorial tem como objetivo apresentar, de forma narrativa e reflexiva, a minha trajetória acadêmica, profissional e de pesquisa, evidenciando minha formação interdisciplinar nas áreas de Direito e Ciências Sociais e a busca da atuação profissional pela Equidade no campo dos Direitos Humanos e da Educação. A metodologia adotada fundamenta-se na abordagem autobiográfica, por meio da qual articulo minhas experiências formativas, práticas docentes e vivências em projetos de pesquisa e extensão, desenvolvidos principalmente no contexto amazônico. Inicio destacando minha formação acadêmica, com graduação em Direito pela Universidade da Amazônia e em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará, que constituíram a base teórica e crítica para minha inserção em atividades científicas e sociais. Em seguida, apresento minha atuação como professor na Casa Familiar Rural de Breves, bem como minha participação em projetos institucionais vinculados à Secretaria de Justiça e Direitos Humanos, com destaque para ações voltadas à formação cidadã de jovens e à promoção dos Direitos Humanos. Ao longo dessa trajetória, evidencio meu compromisso com a promoção da equidade, da justiça social e da dignidade no mundo do trabalho, especialmente junto a populações da agricultura familiar, povos tradicionais e juventudes em situação de vulnerabilidade. Concluo que a articulação entre o Direito e a Sociologia permitiram um campo de atuação na Educação que levou a necessidade de conhecer e perscrutar o campo da Equidade e Inclusão, aliada a uma formação crítica e engajada, constituindo um saber fundamental para a transformação social, reforçando a importância da continuidade acadêmica por meio da especialização como espaço de aprofundamento teórico e de intervenção qualificada na realidade social.

Palavras-chave: Equidade; Educação; Direitos Humanos; Inclusão; Formação interdisciplinar.

INTRODUÇÃO

A construção de uma trajetória acadêmica e profissional não se dá de forma linear, mas por meio de experiências, escolhas e desafios que contribuem para a formação intelectual e ética do sujeito. Nesse sentido, este memorial tem como objetivo apresentar, de forma narrativa e reflexiva, o percurso que venho desenvolvendo nas áreas do Direito, das Ciências Sociais e da Educação, evidenciando os marcos formativos, as experiências profissionais e os processos de amadurecimento que consolidaram minha identidade como educador, pesquisador e operador do direito.

Minha trajetória é marcada pela interdisciplinaridade e pelo compromisso com a transformação social, articulando ensino, pesquisa, atuação institucional e prática jurídica, sempre orientado pela busca por justiça social, fortalecimento das políticas públicas e valorização da educação como instrumento de emancipação.

Sou Bacharel em Direito pela Universidade da Amazônia, Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará, Pós-Graduado em Currículo da Educação Básica pela Universidade Federal do Pará, Pós-Graduado em Direito Administrativo e Contratos pela Faculdade Conexão, possuo MBA em Gestão Escolar pela Universidade de São Paulo e, atualmente, sou Mestrando em Educação pela Universidade Federal do Tocantins.

Atuo na advocacia desde 2018, com ênfase em Direito Público e Direito Administrativo. Essa atuação tem sido fundamental para a consolidação da minha formação jurídica, permitindo a aplicação prática dos conhecimentos teóricos e o aprofundamento da compreensão sobre o funcionamento das instituições.

No campo do Direito Administrativo, desenvolvi habilidades relacionadas à análise de processos, contratos e relações institucionais, além de compreender, na prática, os desafios da gestão pública e da implementação de políticas.

Também atuei no Direito Cooperativo, ampliando minha compreensão sobre formas coletivas de organização econômica e social. Atualmente, venho aprofundando meus estudos em Direito Civil e Processual Civil, ampliando minha base técnica e fortalecendo minha atuação jurídica. A advocacia, nesse sentido, integra-se de forma orgânica à minha trajetória, funcionando como espaço de articulação entre teoria e prática.

As formações complementares em Currículo e Gestão Escolar consolidaram meu interesse pela educação, especialmente no que se refere à organização do trabalho pedagógico e à gestão institucional. O ingresso no mestrado representa a continuidade desse processo, reafirmando meu compromisso com a produção de conhecimento e com o aprofundamento das reflexões sobre educação e políticas públicas.

Minha trajetória profissional foi articulada com a educação e com a formação de sujeitos críticos. Possuo aproximadamente dez anos de experiência docente, com atuação na formação de jovens e adultos no ensino técnico, especialmente em contextos socialmente desafiadores, como a Ilha do Marajó, no Pará. Trabalhei com educação popular e pedagogia da alternância, o que me permitiu compreender o processo educativo como prática social situada, construída a partir da realidade concreta dos educandos. A mediação pedagógica, escuta sensível e valorização dos saberes locais, além de evidenciar a centralidade das habilidades socioemocionais na formação humana, foram tônicas nessa experiência.

Atuei também como professor de Direito no Instituto Federal do Tocantins, lecionando no ensino médio técnico e no ensino superior, em cursos como Licenciatura em Matemática, Gestão Pública e Engenharias. Ministrando disciplinas como Ética, Legislação Aplicada e conteúdos jurídicos aplicados, desenvolvendo uma abordagem

interdisciplinar e adaptada a diferentes públicos, essa experiência docente no Ensino Superior marcariam um desejo latente de retorno como profissional efetivo a ser buscado nos próximos anos.

Esse percurso formativo ajudou a construção de um olhar marcada pelo diálogo entre diferentes campos do conhecimento. O Direito forneceu bases analíticas voltadas à compreensão das instituições, da normatividade e das estruturas formais que organizam a vida social. Mas era fundamental o aprofundamento sociológico para germinar alternativas teóricas e de interpretação da realidade. As Ciências Sociais ampliaram meu olhar crítico sobre as dinâmicas sociais, políticas e culturais, permitindo uma leitura mais sensível das desigualdades e das formas de organização da sociedade.

Minha trajetória como pesquisador é orientada pelo interesse nas dinâmicas das políticas públicas, processos decisórios e atuação dos atores sociais.

Iniciei na pesquisa como bolsista de iniciação científica na área do Direito (2017–2018), analisando, à luz de Michel Foucault, os dispositivos de poder do modelo neoliberal sobre povos tradicionais. Posteriormente, atuei em pesquisa sociológica (2018–2019) sobre agricultura familiar e circuitos curtos de mercado no Pará, ampliando minha compreensão sobre desenvolvimento territorial e economia solidária.

Participei ainda da formulação e implementação de políticas públicas no Projeto Juventude Protagonista, atuando diretamente na gestão de políticas voltadas à juventude. Mais recentemente, atuei como pesquisador no Centro Lemann, trabalhando com análise de dados para avaliação de políticas públicas em Sobral/CE, fortalecendo minha atuação baseada em evidências. Foi aqui que o olhar voltado para a Educação com Equidade começou a ser despertada na minha jornada acadêmica e profissional.

A pesquisa para Liderança para Equidade na Educação tinha como propósito fortalecer a educação básica por meio da formação de lideranças e do fomento à pesquisa aplicada. As iniciativas buscavam promover uma educação de qualidade com equidade, produzindo evidências e soluções capazes de apoiar escolas e redes de ensino no enfrentamento das desigualdades educacionais para diversos públicos da Educação Básica. Nessa oportunidade, pude conhecer os dados institucionais voltados para Inclusão na Educação com Equidade, vivenciando soluções diversas que contribuem para que todos os estudantes, independentemente de sua origem ou contexto social, tenham melhores oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento.

Minha atuação no campo dos Direitos Humanos inclui experiências no setor público, como na Secretaria de Justiça e Direitos Humanos do Pará, além da participação em projetos como o GEDAF, voltado à agroecologia. Atuei também em pesquisa sobre o extermínio da juventude negra na Amazônia, aprofundando minha compreensão sobre desigualdades estruturais e violência institucional. Também trabalhei no IBGE com mapeamento territorial e produção de dados, desenvolvendo competências técnicas fundamentais para análise social e formulação de políticas públicas.

Atualmente, sou professor efetivo de Sociologia na rede pública do Estado do Tocantins, tendo sido aprovado em concurso público em 2023 e convocado em 2024, encontrando-me em fase final de estágio probatório. Minha atuação docente é orientada pela formação crítica dos estudantes, buscando articular teoria e prática. Nesse contexto, das práticas pedagógicas que destaco por considerá-las de alto impacto na aprendizagem dos estudantes, desenvolvi atividades pedagógicas que levaram os jovens a conhecer o Poder Legislativo do Estado do Tocantins, aproximando-os das instituições democráticas. Essa experiência fortaleceu a

compreensão dos alunos sobre cidadania, participação política e funcionamento do Estado, evidenciando uma prática pedagógica comprometida com a realidade social.

SOCIOLOGIA E A FORMAÇÃO PELA CIDADANIA

A possibilidade de desenvolvimento de atividades pedagógicas ampliadas, como visitas técnicas, está diretamente relacionada às condições estruturais e organizacionais da instituição escolar na qual atuo: uma escola de tempo integral. A unidade dispõe de uma organização pedagógica que favorece a construção de experiências formativas mais densas, articulando diferentes dimensões do processo educativo para além da sala de aula. A estrutura física e pedagógica da escola, aliada a uma rotina planejada e intencionalmente construída, permite a integração entre conteúdos curriculares e práticas educativas contextualizadas, de certa forma mitigando os efeitos deletérios de baixa carga horária do componente de Sociologia.

Outro elemento fundamental para a viabilização dessas experiências é a presença de uma equipe pedagógica qualificada e comprometida com uma concepção de educação crítica e transformadora. O papel da gestão democrática, que favorece a participação ativa dos diferentes sujeitos da comunidade escolar na construção das práticas educativas, fortalece a flexibilidade e abertura para o desenvolvimento de projetos interdisciplinares e atividades externas, com visitas técnicas, entendidas como estratégias fundamentais para a consolidação de aprendizagens significativas.

No cargo efetivo de Professor de Sociologia da SEDUC/TO desenvolvi algumas dinâmicas e projetos que irei destacar, não porque elas encerram as possibilidades da didática e do aprendizado, mas porque elas cultivaram marcam sensíveis nos

estudantes e em mim. A ordem de apresentaçao não obdece uma hierarquia e um tempo cronológico, mas a forma com as quais lembrei na construção desse relato profissional.

Equidade na Educação

A discussão sobre equidade ultrapassa o campo teórico e se apresenta como necessidade urgente da realidade social brasileira. Em uma sociedade marcada por desigualdades históricas de classe, gênero, raça, território e geração, compreender a diferença entre igualdade formal e equidade material é fundamental para a formação cidadã. Na 3ª série do Ensino Médio, etapa decisiva para a inserção no ensino superior e no mundo do trabalho, o estudo sistemático desses temas contribui diretamente para a preparação para vestibulares e ENEM, cujas provas frequentemente abordam desigualdade social, políticas públicas, justiça social e direitos humanos.

O projeto Equidade na Educação propôs que os estudantes não apenas compreendam teorias sociológicas clássicas e contemporâneas, mas desenvolvam capacidade argumentativa, pensamento crítico e consciência cidadã, articulando conhecimento acadêmico com intervenção social responsável.

O produto final do projeto integrador foi a exibição dos vídeos produzidos pelos estudantes sobre o conceito de Equidade no mercado de trabalho, com o recorte e estratificação social que cada grupo ficou responsável em realizar pesquisas, produzindo um diagnóstico da situação socioeconômica, formulando um contexto de mudança social e uma proposta de intervenção para se alcançar essa finalidade ideal.

Fonte: Arquivo pessoal da autor, 2026.

Fonte: Arquivo pessoal da autor, 2026.

Projeto Escola Legislativa

A atividade consistiu na realização de uma visita técnica com uma turma vinculada à parte diversificada do currículo, no âmbito das disciplinas voltadas à formação cidadã, nas quais foram trabalhados os conceitos de cidadania, participação política e organização do Poder Legislativo. A proposta pedagógica teve como objetivo aproximar os estudantes das instituições democráticas, proporcionando uma compreensão concreta dos conteúdos abordados em sala de aula.

Durante a visita à sede do Poder Legislativo do Estado do Tocantins, os alunos tiveram a oportunidade de vivenciar, na prática, o funcionamento de uma das principais instituições responsáveis pela representação política e pela elaboração das leis. A experiência foi mediada por ações formativas vinculadas ao projeto Escola Legislativa, que possibilitaram uma imersão orientada nos processos institucionais, ampliando a compreensão sobre o papel do Legislativo na estrutura do Estado.

Figura – Visita Técnica à Sede do Poder Legislativo do Tocantins pelo Projeto Escola Legislativa.

Fo

A atividade também permitiu aos alunos conhecer os bastidores do processo legislativo, incluindo aspectos burocráticos e administrativos que sustentam o funcionamento da instituição. Essa aproximação favoreceu uma leitura mais crítica e informada sobre a política, contribuindo para o desenvolvimento da consciência cidadã e para o fortalecimento da compreensão acerca das responsabilidades e competências dos poderes públicos.

Em suma, a visita técnica configurou-se como uma estratégia pedagógica significativa, articulando teoria e prática e possibilitando aos estudantes o acesso a conhecimentos institucionais, mas também a construção de uma visão mais concreta, crítica e participativa sobre a cidadania e o papel das instituições democráticas na sociedade contemporânea.

Foi dentro desse cenário que o despertar para as questões ligadas à Educação Inclusiva e Neurodiversidades surgiram, pois ao longo da carreira tive muitos alunos com TDAH, TEA, etc. O trabalho de professor de Sociologia no Ensino Médio envolve o enfrentamento de desafios pedagógicos amplos. Promover reflexões, criar e fortalecer o pensamento crítico dos estudantes, o diálogo e a participação em temas complexos, a abordagem interdisciplinar que envolva temas sociais, culturais, políticos, históricos etc por si representam missões singulares na sala de aula. No entanto, ao lidar com o público neurodiverso, esse desafio se torna ainda maior. Então, em 2025, diante da oportunidade da oferta do curso de Especialização em TDAH, TEA e AH/SD promovido pela parceria com a SEDUC e a UFT, considerei um momento singular na minha carreira, onde poderei trabalhar com maior segurança de onde encontrar suporte teórico, metodológico, didático para muitos desafios que enfrento e enfrentarei.

A especialização foi fantástica, permitiu compreender diagnósticos, estratégias pedagógicas inclusivas, formas de adaptação curricular, recursos de acessibilidade, maneiras de criar ambientes de aprendizagem mais equitativos etc fortalecendo o papel do professor de Sociologia como mediador de conhecimentos e agente de inclusão.

OS PRÓXIMOS PASSOS NA SOCIOLOGIA

Considerando a totalidade do percurso narrado e das atividades apresentadas, hoje eu me defino como uma professora de Sociologia que compreende o ensino como um espaço de formação humana, reflexão crítica e transformação social. Minha trajetória me revelou que ser docente vai muito além de transmitir conteúdos, significa construir vínculos, escutar os estudantes, reconhecer seus

saberes e incentivá-los a se perceberem como sujeitos ativos na sociedade.

A Sociologia, nesse contexto, ocupa um papel fundamental, pois possibilita problematizar a realidade, questionar preconceitos, romper silenciamentos e ampliar a consciência social diante de temas muitas vezes tratados como tabus. Por isso, me reconheço como uma professora de Sociologia comprometida com uma prática sensível, dialógica e emancipadora, que acredita no protagonismo juvenil e na escola como espaço de escuta, justiça social e transformação.

Compreendo que minha formação foi construída na intersecção entre diferentes campos do conhecimento. A articulação entre Direito, Ciências Sociais e Educação ampliou meu repertório teórico e fortaleceu minha capacidade de atuação em contextos complexos, nos quais se entrelaçam dimensões sociais, políticas e institucionais. Vivência essa que serve de combustível para a construção de aulas mais intencionais e possíveis de imaginação didática ampliadas, possibilitando teoria e prática.

Minhas perspectivas futuras estão orientadas ao aprofundamento das pesquisas no campo da Educação Ambiental e das Políticas Públicas, com foco na formação docente, governança educacional e equidade. É o que mais tem me atraído, onde o Direito não está afastado, atuando a consolidar as demandas jurídicas e ao debate sobre a judicialização desses campos.

Pretendo consolidar minha atuação como pesquisador e docente no ensino superior, contribuindo para o desenvolvimento de políticas públicas mais eficazes e para o fortalecimento da Educação como instrumento de transformação social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O deslocamento epistemológico, especialmente no que se refere à passagem do campo Jurídico para o campo das Ciências Sociais, foi a tônica na minha formação acadêmica. A graduação em Direito constituiu uma etapa fundamental, na medida em que forneceu bases estruturais para a compreensão das normas, das instituições e dos mecanismos formais de organização da vida social. Entretanto, ao longo desse percurso, também se tornou cada vez mais perceptível a limitação de uma formação excessivamente orientada por uma perspectiva positivista e tecnicista, muitas vezes centrada na norma em si, dissociada das complexas dinâmicas sociais que a produzem e a sustentam.

Essa percepção crítica não significou uma ruptura com o Direito, mas antes a necessidade de ampliá-lo, superá-lo sociologicamente. Assim a formação em Ciências Sociais se tornou imprescindível, oferecendo ferramentas teóricas e metodológicas capazes de aprofundar a compreensão da realidade social. Do olhar normativo para uma perspectiva analítica e crítica, para um olhar sociológico, esse foi o deslocamento marcante de minha jornada, permitindo compreender o Direito não apenas como um sistema de regras, mas como um fenômeno social, historicamente situado, permeado por relações de poder, conflitos e desigualdades. As Ciências Sociais me possibilitaram reformular a minha própria formação no mundo do Direito. Essa síntese entre campos distintos, embora irmãos, constitui, hoje, o eixo central da minha identidade acadêmica e profissional, orientando minha atuação enquanto educador, pesquisador, operador do Direito e sujeito comprometido com a compreensão crítica e a transformação da realidade social. E é na Equidade que esses laços se ancoram no meu horizonte acadêmico profissional atual.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. História da Filosofia (Original: Storia Della Filosofia). v.III, V, VI, ed. Presença. Lisboa:1969

BAREICHA, P. Psicodrama, teatro e educação: em busca de conexões. Linhas críticas revista da faculdade de educação. v.4. n. 7. p. 121-136. Jun/jul. 1999.

BOLSANELLO, M. A. Memorial acadêmico de uma professora universitária: sentido e significado. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 63, p. 251-267, jan./mar. 2017. DOI: 10.1590/0104-4060.50179.

CAVALVCANTE, V; MARINHO, P. Descolonização curricular e uma escola quilombola – uma possibilidade de mais justiça curricular e social. Revista e-Curriculum, São Paulo, v.17, n.3, p. 963-989 jul./set. 2019. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum. Acessado: 10 dez 2021.

COSTA, H.; LOPES, A. A comunidade disciplinar em goodson: impasses em um registro pós-estrutural. Revista Brasileira de Educação v. 21 n. 67 out.-dez. 2016.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Mil Platôs. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 1995.

FREIRE, J. S. E. Concepções de participação nas políticas educacionais: fundamentos sóciohistóricos,

2009. Disponível em: http://35reuniao.anped.org.br/images/ stories/trabalhos/

GT05%20Trabalhos/GT05-1653_int.pdf. Acesso: 11 maio, 2019.

GOMES, Luiz Roberto. Educação e Consenso em Habermas. Campinas: Alínea,

2007.

GOODSON, Ivor F. A Construção Social do Currículo. Lisboa: EDUCA, 1997.

_____. Currículo: teoria e história. Petrópolis: Vozes, 1995

_____. O Currículo em mudança: estudos na construção social do currículo. Porto: Porto Editora, 2001.

_____. School subjects and curriculum change. Londres: The Falmer, 1993.

HAAS, Peter M. (1992) "Intoduction to epistemic communities and International Policy

Coordination". International Organization. Vol. 46 nº1, Knowledge, Power, and International Policy Coordination, 1-35.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa social: teoria, método e criatividade (org.). 30. ed. Petrópolis: RJ: Vozes, 2010.

MORAIS, Andressa Lídicy. O que é um trabalho acadêmico? Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2026. Slides de aula. (Adaptado).

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. Revista Margens, Vol 2, No 3, p. 55-63, 2005.

OLIVEIRA, Maria Clara. Comunidades epistémicas e transferências condicionadas de renda. Preparado para o II Seminário Discente da Pós-Graduação em Ciência Política da USP. 2012. Disponível em:

http://www.fflch.usp.br/centrodametropole/antigo/static/uploads/seminariodiscentedcp_maio_2012 _maria_Clara_Oliveira.pdf

PIERUCCI, A. F. O Desencantamento do mundo: Todos os passos do conceito em Max Weber. São Paulo: 34, 2003.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SACRISTÁN, José Gimeno. O currículo: uma reflexão sobre a prática. 3. ed.Porto Alegre: Artmed, 2000.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico [livro eletrônico]. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2017. 1 recurso online (ePub; 4,4 MB).

SILVA, L. F. Educação ambiental crítica e gestão escolar. Revista Pesquisa em Debate, edição 10, v. 6, n. 1, jan./ jun. 2009. Disponível em: http://www.pesquisaemdebate.net/docs/pesquisaEmDebate_10/artigo_9.pdf. Acesso em: 28 out. 2019._____. Representation: cultural representations and signifying practices. London: Sage, 2016.

Capítulo 24

O CHÃO QUE PISEI, AS VIDAS QUE TOQUEI: MEU MEMORIAL AUTOBIOGRÁFICO DE AFETO, CIÊNCIA E EDUCAÇÃO

Janaina Justino da Silva

RESUMO

A educação inclusiva representa um dos maiores desafios da escola contemporânea, pois exige dos profissionais da educação conhecimentos específicos e práticas pedagógicas capazes de atender às diferentes formas de aprender. Este trabalho apresenta um memorial acadêmico e profissional articulado a um esboço de pré-projeto voltado ao estudo de estratégias pedagógicas inclusivas para estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) no Ensino Médio. A trajetória apresentada evidencia experiências formativas, atuação docente, participação em projetos educacionais e o interesse crescente pela compreensão da neurodiversidade no contexto escolar. O pré-projeto propõe investigar práticas pedagógicas que favoreçam a aprendizagem, a participação e o desenvolvimento integral dos estudantes, considerando metodologias ativas, formação docente e respeito às singularidades. Conclui-se que a construção de uma escola inclusiva exige compromisso ético, fundamentação teórica e disposição para transformar práticas educacionais em experiências mais humanas, significativas e acolhedoras.

Palavras-chave: Educação inclusiva. TDAH. TEA. Estratégias pedagógicas. Aprendizagem significativa.

Minha trajetória: As sementes da minha história

Escrever este memorial é como abrir um antigo álbum de fotografias guardado no coração. Cada lembrança possui um cheiro, uma cor, uma emoção. Algumas páginas ainda carregam lágrimas; outras transbordam alegria. Todas, porém, ajudaram a construir a mulher e a professora que sou hoje.

Meu nome é Janaína Justino da Silva. Nasci em 1977, na cidade de Gurupi, sul do Tocantins. Sou a filha mais velha de uma família simples e trabalhadora. Cresci ao lado dos meus irmãos, Delmeiro e Janete, aprendendo desde muito cedo que honestidade, respeito, trabalho e estudo são heranças muito mais valiosas do que qualquer bem material.

Meu pai, Geraldo Justino da Silva, era mecânico. Com suas mãos marcadas pelo trabalho, ensinou-me que nenhum sonho se realiza sem esforço. Sempre o admirei profundamente. Minha mãe, Marodi, tornou-se meu maior exemplo de fé, coragem e amor incondicional. Foi observando seus gestos silenciosos de dedicação que aprendi que as maiores lições nem sempre são ensinadas com palavras.

Minha infância foi simples, mas extraordinariamente rica em descobertas. Cresci brincando na terra, observando plantas, insetos, pássaros e tudo aquilo que a natureza oferecia. Sem perceber, aquela menina curiosa já alimentava dentro de si a paixão pelas Ciências Biológicas. Hoje compreendo que meu primeiro laboratório foi o quintal de casa.

Durante o Ensino Fundamental participei de um projeto sobre medicina alternativa indígena desenvolvido na Escola Paroquial Bernardo Sayão, em Gurupi. O projeto foi selecionado para representar o Tocantins em São Paulo, por meio do Programa Ciranda da Ciência. Aquela viagem mudou completamente minha forma de enxergar o mundo. Pela primeira vez percebi que o conhecimento

podia ultrapassar os limites da sala de aula e alcançar lugares que eu jamais imaginara.

Nesse mesmo período, nossa escola recebeu o primeiro laboratório de Ciências, equipado com um microscópio. Aquela pequena lente revelou universos invisíveis aos meus olhos e despertou definitivamente meu desejo de compreender a vida. Ali nasceu não apenas uma futura bióloga, mas também uma educadora apaixonada pela investigação científica.

Entretanto, a vida exigiu maturidade muito cedo. Aos treze anos comecei a trabalhar em uma empresa de engenharia realizando serviços de limpeza. Nunca enxerguei aquele trabalho como motivo de vergonha; ao contrário, ele representava dignidade. Com dedicação, responsabilidade e compromisso, fui conquistando a confiança da empresa até ser promovida para o setor financeiro.

Jamais esquecerei o dia em que recebi meu primeiro salário. Com ele comprei uma boneca Barbie, um sonho de infância que minha família nunca havia podido realizar. Aquela boneca simbolizava muito mais do que um brinquedo. Representava a certeza de que o trabalho honesto era capaz de transformar sonhos aparentemente simples em grandes conquistas.

A adolescência também chegou acompanhada de responsabilidades. Casei-me ainda muito jovem, aos dezesseis anos, após ser emancipada. Como sempre fui determinada, conquistei meu primeiro lote e comecei a construir minha independência. Meu pai alimentava uma paixão especial pelos Fuscas e, naturalmente, esse sonho também passou a fazer parte da minha vida. Depois de uma tentativa frustrada com uma motocicleta, comprei meu primeiro Fusca branco, símbolo da liberdade conquistada com muito esforço.

Entre 1992 e 1995 concluí o Curso Técnico em Magistério. Embora minha trajetória profissional ainda seguisse outros caminhos, o desejo de ser professora nunca deixou de habitar meu coração. Era

um sonho silencioso, mas persistente, que esperava apenas o momento certo para florescer. A vida, porém, costuma nos conduzir por caminhos inesperados. Durante alguns anos dediquei-me ao comércio, administrando uma mercearia e, posteriormente, dois supermercados na cidade de Palmas, um localizado na Aureny III e outro nas Arnos. Aprendi muito sobre gestão, relacionamento humano e responsabilidade. Contudo, mesmo diante das conquistas profissionais, havia um sentimento que insistia em permanecer dentro de mim. Era como se uma pequena semente, adormecida desde a infância, continuasse pedindo para florescer. Sentia falta da ciência, da escola e da possibilidade de ensinar.

Foi então que decidi ouvir meu coração. Em 2001 ingressei no curso de Ciências Biológicas. Foram anos de intensa dedicação, conciliando trabalho, estudos e os desafios da vida adulta. Em 2005 concluí minha graduação, realizando um sonho que havia nascido ainda na infância, quando observava curiosamente a natureza e me encantava diante do microscópio da escola.

Enquanto construía minha formação acadêmica, Deus presenteou minha vida com os dois maiores tesouros que poderia receber: meus filhos. Em 2003 nasceu Lucas e, em 2008, Leandro. A maternidade transformou completamente minha maneira de enxergar o mundo. Passei a compreender ainda mais o valor da educação, pois desejava que meus filhos encontrassem, por meio do conhecimento, oportunidades que muitas vezes eu precisei conquistar com enorme esforço.

Movida pelo desejo permanente de aprender, continuei investindo em minha formação. Entre 2010 e 2011 concluí duas especializações: Coordenação e Gestão Escolar e Planejamento e Gestão Ambiental. Essas formações ampliaram minha compreensão sobre a gestão democrática, a organização dos espaços escolares e

a importância do planejamento educacional para a construção de uma escola mais humana e eficiente.

Nesse mesmo período vivi uma das experiências mais transformadoras da minha trajetória profissional. Atuei como professora substituta no Instituto Federal do Pará, Campus Rural de Marabá, trabalhando com a Pedagogia da Alternância junto a estudantes ribeirinhos, quilombolas e agricultores familiares. Mais do que ensinar conteúdos, aprendi a respeitar os diferentes tempos, culturas e formas de aprender. Aquela experiência mostrou-me que a educação só faz sentido quando dialoga com a realidade de cada estudante.

Pouco tempo depois, tive a oportunidade de atuar no Projeto Ibaorebu, desenvolvido junto ao povo indígena Munduruku, no município de Jacareacanga, no Pará. Trabalhar em uma comunidade indígena modificou profundamente minha forma de compreender a docência. A floresta tornou-se uma sala de aula viva, onde aprendi que o conhecimento científico e os saberes tradicionais não competem entre si; ao contrário, complementam-se e enriquecem a formação humana. Ali compreendi que ensinar também é aprender.

Em 2013 retornei ao Tocantins para assumir meu cargo na rede estadual de ensino, iniciando uma nova etapa da minha caminhada profissional. Desde então, tenho dedicado minha vida à Educação Básica, atuando em diferentes escolas e assumindo desafios que contribuíram significativamente para meu crescimento pessoal e profissional.

Durante sete anos construí uma história marcada por muito compromisso no Colégio Cívico-Militar Senador Antônio Luiz Maya. Inicialmente atuei como professora de Biologia e Projeto de Vida e, posteriormente, fui convidada a integrar a equipe gestora como Coordenadora Escolar. Essa experiência ampliou minha visão sobre

os processos educativos, fortalecendo minha capacidade de liderança, planejamento e acompanhamento pedagógico.

Minha trajetória também passou pelo Colégio Mackenzie Palmas e pelo Colégio Ulbra. Foi nessa instituição que tive a oportunidade de apresentar projetos fundamentados em metodologias ativas durante o Fórum de Práticas Pedagógicas. O reconhecimento recebido, com a publicação dos trabalhos na Revista Multiescola, representou um momento de enorme satisfação profissional, pois confirmou que inovar, pesquisar e acreditar no protagonismo estudantil realmente transforma a aprendizagem.

Sempre inquieta diante do conhecimento, iniciei também o curso de Psicologia, chegando ao quarto período. Embora tenha precisado interromper temporariamente essa formação, ela permanece como um dos grandes sonhos da minha vida, pois acredito que compreender o desenvolvimento humano é essencial para promover uma educação verdadeiramente inclusiva.

Atualmente exerço minha profissão no Colégio Cívico-Militar Vila União, em Palmas. Mesmo sendo formada em Ciências Biológicas, aceitei com entusiasmo o desafio de ensinar Física, demonstrando que aprender continuamente faz parte da essência do educador.

Nos últimos anos desenvolvi diversos projetos científicos voltados ao protagonismo estudantil, incentivando a investigação, a criatividade e o pensamento científico. Tive a alegria de acompanhar estudantes participando da Olimpíada Brasileira de Astronomia e Astronáutica (OBA), da Mostra Brasileira de Foguetes (OBAFOG) e da Olimpíada Nacional de Eficiência Energética (ONEE). Cada medalha conquistada por meus alunos representou também uma vitória minha, pois acredito que o verdadeiro sucesso do professor está no crescimento daqueles que ensina.

Quando olho para trás, percebo que minha trajetória se parece com uma árvore frondosa. As raízes foram fortalecidas pelas

dificuldades, o tronco cresceu sustentado pelo trabalho, pela fé e pelo estudo, e os frutos começaram a surgir ao longo dos anos por meio das vidas que tive o privilégio de tocar como professora.

Hoje tenho orgulho da mulher que me tornei. Sou profundamente grata a Wagner, por caminhar ao meu lado, compartilhando sonhos, projetos e fortalecendo minha trajetória pessoal e profissional.. Minhas raízes, da minha família, dos meus estudantes e de cada desafio que enfrentei. Cada lágrima derramada regou a terra onde meus sonhos floresceram. E continuo acreditando que educar é plantar sementes em corações que talvez nunca mais encontremos, mas que certamente produzirão frutos para transformar o mundo.

Contexto e ambiente

Minha trajetória profissional desenvolveu-se em um período de profundas transformações na educação brasileira. Ao longo de mais de duas décadas de atuação, acompanhei mudanças significativas nas políticas educacionais, na incorporação das tecnologias digitais ao ensino, na valorização das metodologias ativas e, principalmente, na ampliação do debate sobre a educação inclusiva.

Minha experiência foi construída em diferentes contextos: da iniciativa privada à rede pública, da Educação Básica ao Ensino Superior, da Educação do Campo ao trabalho com comunidades indígenas, ribeirinhas e quilombolas. Cada ambiente apresentou desafios específicos e ampliou minha compreensão de que ensinar exige sensibilidade, conhecimento científico, compromisso ético e profundo respeito às diferentes realidades culturais e sociais.

Vivenciei também importantes transformações no papel do professor. Se antes predominava a figura do transmissor de conteúdos, hoje compreendo o docente como pesquisador, mediador,

orientador e facilitador da aprendizagem. A escola contemporânea exige práticas pedagógicas inovadoras, capazes de desenvolver competências cognitivas, socioemocionais e científicas, promovendo uma aprendizagem significativa e inclusiva para todos os estudantes.

Nos últimos anos, minha atuação com projetos científicos, olimpíadas do conhecimento, feiras de Ciências e metodologias investigativas fortaleceu minha convicção de que a educação se torna mais significativa quando desperta a curiosidade, incentiva o protagonismo estudantil e transforma desafios em oportunidades de aprendizagem. Essas experiências consolidaram minha identidade profissional, fortaleceram meu compromisso com uma educação inclusiva, humanizada e socialmente comprometida e despertaram em mim o desejo de aprofundar minha formação acadêmica por meio da pesquisa e da docência no Ensino Superior.

Reflexão final

Escrever este memorial foi muito mais do que registrar fatos da minha trajetória. Foi revisitar lembranças, reencontrar pessoas que marcaram minha história, reviver momentos de alegria, enfrentar novamente algumas dores e reconhecer que cada experiência contribuiu para formar a educadora que sou hoje.

Ao recordar minha infância, meu primeiro emprego, minha família, a perda do meu pai, as mudanças de cidade, os desafios da maternidade, o empreendedorismo, a docência e o trabalho com povos indígenas, ribeirinhos e quilombolas, compreendi que minha caminhada sempre foi conduzida pela busca constante do conhecimento e pelo desejo de transformar vidas por meio da educação.

Chego a esta especialização movida pela mesma curiosidade que despertou em mim o interesse pelas Ciências ainda na infância.

Hoje, essa curiosidade direciona meu olhar para a Educação Inclusiva, especialmente para a compreensão dos processos de aprendizagem de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e Altas Habilidades/Superdotação.

Acredito que ensinar é reconhecer que cada estudante aprende de maneira singular. Por isso, desejo ampliar continuamente meus conhecimentos para desenvolver práticas pedagógicas cada vez mais humanas, científicas e inclusivas, capazes de valorizar os potenciais de cada aluno e contribuir para uma escola em que as diferenças sejam compreendidas como possibilidades de aprendizagem, desenvolvimento e crescimento.

Mais do que uma conclusão, este memorial representa um novo ponto de partida. Cada etapa da minha vida preparou-me para novos desafios e fortaleceu minha convicção de que a formação continuada é um compromisso permanente. Vejo esta especialização como mais um passo em uma trajetória que seguirá sendo construída por meio do estudo, da pesquisa e do compromisso com uma educação transformadora.

Visão de futuro

Quando olho para o futuro, percebo que ainda tenho muitos sonhos a realizar. A menina que começou a trabalhar aos treze anos continua acreditando que o conhecimento é a mais poderosa ferramenta de transformação pessoal, profissional e social.

Meu primeiro objetivo é concluir minha graduação em Psicologia, integrando os conhecimentos dessa área à minha sólida experiência na Educação. Em seguida, pretendo ingressar em um curso de Mestrado e, posteriormente, realizar o Doutorado em Educação, consolidando minha formação como pesquisadora e

ampliando minha contribuição para a produção do conhecimento científico.

Desejo aprofundar meus estudos nas áreas da Educação Inclusiva, das Neurociências, da Psicologia da Aprendizagem e das metodologias de ensino, desenvolvendo pesquisas que contribuam para a construção de práticas pedagógicas mais acessíveis, humanizadas, inovadoras e comprometidas com a aprendizagem de todos os estudantes.

Outro grande sonho é atuar como professora universitária, especialmente em uma instituição pública de Ensino Superior, contribuindo para a formação inicial e continuada de professores, desenvolvendo pesquisas, participando de projetos de extensão e fortalecendo a produção científica voltada à educação inclusiva e à melhoria da qualidade do ensino brasileiro.

Também desejo continuar desenvolvendo projetos científicos, orientando estudantes para olimpíadas do conhecimento, feiras de Ciências e iniciação científica, incentivando a investigação como instrumento de transformação social. Cada conquista alcançada por meus alunos reafirma minha convicção de que o professor possui o poder de despertar talentos, ampliar horizontes e transformar trajetórias de vida.

No âmbito pessoal, sinto-me profundamente realizada ao acompanhar o crescimento dos meus filhos. Lucas conclui sua graduação em Engenharia Mecânica, enquanto Leandro finaliza o Ensino Médio, ambos construindo suas histórias por meio da dedicação aos estudos e das conquistas em olimpíadas do conhecimento. Ver que o amor pela educação também floresceu neles representa uma das maiores realizações da minha vida.

Assim como a semente rompe silenciosamente a terra em direção à luz, sigo cultivando conhecimento, esperança, perseverança e fé. Acredito que minha história ainda está sendo escrita e que os

próximos capítulos serão marcados pela conclusão da graduação em Psicologia, pela realização do Mestrado e do Doutorado, pela atuação como professora universitária e pela continuidade de uma missão que sempre orientou minha caminhada: transformar vidas por meio da educação, da ciência e da inclusão.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BARKLEY, Russell A. Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade (TDAH): guia completo para pais, professores e profissionais da saúde. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BRASIL. Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2011.

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Brasília, DF: Presidência da República, 2012.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência: Estatuto da Pessoa com Deficiência. Brasília, DF: Presidência da República, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília, DF: MEC, 2008.

CUNHA, Eugênio. Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. Rio de Janeiro: Wak, 2014.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Summus, 2015.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Inclusão: construindo uma sociedade para todos. 7. ed. Rio de Janeiro: WVA, 2006.

Capítulo 25

ENTRE SONHOS, EDUCAÇÃO E INCLUSÃO: AUTOBIOGRAFIA E ESBOÇO DE PRÉ-PROJETO SOBRE OS DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA EDUCAÇÃO DE ESTUDANTES COM TEA NO MUNICÍPIO DE ARAGUATINS/TO

Jaumineide Oliveira dos Santos Soares

RESUMO

O presente trabalho articula a narrativa autobiográfica e o esboço de um pré-projeto de pesquisa, fundamentando-se no papel da educação como instrumento de transformação social, emancipação e construção identitária. Por meio do resgate de memórias que vão da infância na zona rural de Araguatins/TO à atuação como servidora pública e educadora, a trajetória pessoal interliga-se com a prática docente em turmas multisseriadas, a gestão educacional e a experiência materna frente ao diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA). O objetivo geral é registrar a caminhada de vida e formação acadêmico-profissional, correlacionando as vivências pessoais ao compromisso ético-político com a Educação Inclusiva. A reflexão apoia-se em referenciais normativos (Leis nº 12.764/2012 e nº 13.146/2015) e teóricos (Mantoan, Mittler, Vygotsky), evidenciando a necessidade de transformações nas práticas pedagógicas, no acolhimento e na garantia de direitos. A partir do diálogo entre vida e ciência, propõe-se uma investigação futura direcionada aos desafios e às possibilidades da inclusão de estudantes com TEA na rede municipal de ensino de Araguatins/TO. Conclui-se que a interseção entre memória, maternidade e práxis pedagógica fortalece a busca pela formação continuada e pelo ingresso na pós-graduação stricto sensu, visando contribuir para uma escola pública inclusiva, humana e com aprendizagem efetiva para todos.

Palavras-chave: Autobiografia. Educação Inclusiva. Transtorno do Espectro Autista. Formação Docente. Araguatins/TO.

INTRODUÇÃO

A trajetória de uma vida é tecida pela soma das origens, pelas marcas deixadas pelos desafios e pelas escolhas que, pouco a pouco, dão sentido ao caminho percorrido. Narrar a própria história é, ao mesmo tempo, revisitar memórias e compreender como elas continuam presentes nas decisões, nos sonhos e nas responsabilidades assumidas ao longo da existência.

Esta autobiografia nasce do desejo de reconhecer minha caminhada como mulher, filha, mãe, esposa, educadora e servidora pública comprometida com a educação. Das origens simples na zona rural de Araguatins/TO às experiências profissionais na rede municipal de ensino, carrego comigo a certeza de que a educação foi a principal ponte entre aquilo que parecia impossível e aquilo que consegui construir com esforço, fé e perseverança.

Ao longo da minha trajetória, compreendi que a escola não é apenas um lugar de transmissão de conteúdos, mas um espaço de acolhimento, desenvolvimento humano, pertencimento e transformação social. Essa compreensão dialoga com Mantoan (2003) e Mittler (2003), pois ambos contribuem para pensar a inclusão escolar como mudança na cultura, nas práticas pedagógicas e na organização institucional, para que todos os estudantes participem e aprendam com dignidade.

A temática do Transtorno do Espectro Autista passou a atravessar minha vida de modo íntimo, pela maternidade, e profissional, pelo compromisso com políticas, normas, práticas pedagógicas e direitos educacionais. Conforme Brasil (2012), a Lei nº 12.764/2012 reconhece a pessoa com TEA como pessoa com deficiência para todos os efeitos legais e assegura direitos como o acesso à educação. Na mesma direção, Brasil (2015) reforça, por meio da Lei Brasileira de Inclusão, o direito a um sistema educacional inclusivo em todos os níveis e ao longo da vida.

Por isso, este trabalho articula duas dimensões: a narrativa autobiográfica e o esboço de um pré-projeto de pesquisa. A primeira dimensão resgata experiências que contribuíram para a construção da minha identidade. A segunda aponta para uma investigação futura sobre os desafios e as possibilidades na educação de estudantes com TEA no município de Araguatins/TO, tema que dialoga diretamente com minha atuação na Secretaria Municipal de Educação e com minha busca por formação continuada.

AUTOBIOGRAFIA

Meu nome é Jaumineide Oliveira dos Santos Soares. Minha história começou a ser escrita no dia 16 de junho de 1978, quando nasci no povoado de Morrinhos, zona rural de Araguatins, no estado do Tocantins. Fui recebida em casa por uma parteira, em um contexto simples, marcado pela vida no campo, pela convivência familiar e por valores que me acompanham até hoje.

Morei no povoado até os oito anos de idade. Esse ciclo inicial, entretanto, foi interrompido pelo falecimento do meu pai, acontecimento que modificou profundamente a organização da nossa família. A ausência paterna trouxe dor, insegurança e novas responsabilidades, mas também revelou a força da minha mãe, mulher que se tornou referência de coragem e perseverança.

Após esse momento, mudamo-nos para o Entroncamento do Axixá: eu, minha mãe e minhas quatro irmãs. Foi na Escola Municipal Santa Maria que iniciei minha trajetória escolar e fui alfabetizada por uma de minhas irmãs, que já atuava como professora. Daquela escola guardo lembranças de acolhimento, descobertas e encantamento diante das primeiras letras. Hoje compreendo que ali começou a nascer, ainda de forma silenciosa, minha ligação com a educação.

Desde menina, sempre me percebi como uma pessoa dedicada, sonhadora e movida pelo desejo de aprender. Na adolescência, encontrei no voleibol uma forma de equilíbrio, alegria e convivência. O esporte era um refúgio possível em meio às dificuldades, embora nem sempre eu pudesse praticá-lo nos horários desejados, pois as responsabilidades e limitações da época impunham seus próprios limites.

A promessa de estudar e os anos de resistência

Ao concluir a antiga quarta série, atual quinto ano, minha madrinha de fogueira veio me buscar para morar longe de minha casa e dar continuidade aos estudos. Essa mudança estava relacionada a uma promessa feita ao meu pai, ainda em seu leito de morte. Para uma menina que pouco conhecia o mundo além de sua família, a despedida foi dolorosa e marcou profundamente minha infância.

Passei dez anos morando com essa família. Foram anos difíceis, nos quais precisei amadurecer cedo, assumir tarefas pesadas e conviver com privações. A distância da minha mãe e das minhas irmãs trouxe saudade e sentimentos que, por muito tempo, permaneceram guardados em silêncio. Ainda assim, a ideia de abandonar a escola nunca encontrou espaço definitivo em mim.

A voz da minha mãe continuava presente como um conselho firme: meu futuro dependeria dos estudos. Essa frase tornou-se uma espécie de bússola. Mesmo em dias de cansaço, tristeza ou incerteza, eu repetia para mim mesma que estudar era a possibilidade de construir um caminho diferente.

Em 1997, concluí o Ensino Médio, na época o Magistério. Esse momento representou uma conquista importante, pois, para mim, o diploma não era apenas um documento, mas a prova de que a

resistência havia produzido frutos. A formação no Magistério abriu as primeiras portas para a educação e fortaleceu a percepção de que ensinar também poderia ser uma forma de transformar vidas.

Com o diploma em mãos, mas sem condições financeiras para ingressar imediatamente no Ensino Superior, vi o sonho de cursar Enfermagem ser adiado. A vida seguiu seu curso e, em 1999, nasceu meu primeiro filho. A maternidade trouxe amor, responsabilidade e novos desafios, especialmente porque as condições econômicas eram limitadas.

Naquele período, trabalhei em supermercado, mas o salário mal conseguia atender às necessidades básicas. Também foi uma época em que minha mãe, que morava em Carrasco Bonito, mudou-se para Araguatins, enchendo meu coração de alegria e fortalecendo minha rede de apoio.

A grande virada começou no ano de 2000, quando conquistei um contrato como professora na Rede Municipal de Ensino. Entrar na sala de aula reacendeu em mim a chama da busca pelo saber. Percebi que ensinar exigia estudo, sensibilidade, planejamento e compromisso com cada criança, cada jovem e cada adulto que chegava até a escola.

Em 2001, surgiu a oportunidade de cursar Pedagogia em Regime Especial pela Universidade Estadual do Tocantins (UNITINS), no campus de Tocantinópolis. Minha mãe foi minha grande fortaleza nesse período: cuidava do meu filho nos momentos em que eu precisava viajar e estudar. Concluí a graduação em 2005, carregando a certeza de que aquela conquista era minha, mas também era de todos que me ajudaram a permanecer firme.

Durante a faculdade e nos anos seguintes, continuei exercendo o magistério nas séries iniciais, finais e na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Minhas primeiras experiências profissionais mais marcantes ocorreram na zona rural de São Bento do Tocantins, no

Assentamento Consolação, onde atuei por dois anos na Educação Infantil, Pré-escola I e II, e nos primeiros anos do Ensino Fundamental em turmas multisseriadas.

Trabalhar em classes multisseriadas foi um grande desafio. Era necessário planejar atividades para estudantes em diferentes níveis de aprendizagem, administrar o tempo, lidar com a escassez de recursos e, ao mesmo tempo, manter a esperança de que cada estudante pudesse avançar. Essa experiência me ensinou que a docência exige criatividade, escuta e capacidade de adaptação.

Depois, fui aprovada em concurso público no município de Esperantina do Tocantins. Já como pedagoga, dividi minha jornada de 40 horas semanais: 20 horas dedicadas à supervisão escolar e 20 horas à articulação de projetos sociais na prefeitura. Na ausência de profissional específico da assistência social, desenvolvia uma atuação pedagógica humanizada, ajudando famílias beneficiárias de casas populares a acessarem cursos de geração de renda.

Em 2007, alcancei mais uma vitória ao ser aprovada no concurso público para professores em Araguatins, rede na qual permaneço até hoje. Tomei posse na Secretaria Municipal de Educação enquanto gerava meu segundo filho. Atuei por dois anos como supervisora escolar e, posteriormente, fui lotada na Escola Municipal Professora Nair Duarte, onde dediquei oito anos às funções administrativas como secretária escolar.

No ano de 2014, celebrei meu casamento com Samuel, companheiro que se tornou presença importante em minha caminhada. Em 2017, retornei à Secretaria Municipal de Educação para assumir a função de Coordenadora de Legislação e Normas, cargo que exerço com zelo e responsabilidade. Mais recentemente, assumi também o compromisso de atuar como Formadora Regional da Regional de Araguatins no Pacto pela Alfabetização de Jovens e

Adultos, experiência que tem ampliado meus horizontes teóricos e práticos.

Paralelamente às minhas atribuições profissionais, passei a cursar pós-graduação na área de Transtorno do Espectro Autista, Altas Habilidades e Superdotação pela Universidade Federal do Tocantins. Essa escolha não é apenas acadêmica; ela é também existencial e materna. Em março de 2024, meu filho mais novo, então com 18 anos, recebeu o diagnóstico de autismo.

O diagnóstico trouxe inquietações, perguntas e a necessidade de reorganizar as compreensões. Como mãe, passei a buscar conhecimentos, acompanhamento profissional e formas de apoio que pudessem favorecer sua qualidade de vida e seu desenvolvimento. Como educadora, compreendi ainda mais que o estudante com TEA precisa ser visto em sua totalidade, e não apenas por suas dificuldades.

Essa vivência reforçou em mim a convicção de que a escola precisa de formação continuada, planejamento colaborativo, acessibilidade, comunicação com a família e estratégias pedagógicas adequadas às singularidades dos estudantes. Conforme Brasil (2008) e Mantoan (2003), a educação inclusiva não se realiza apenas pela matrícula; ela se concretiza quando há participação, aprendizagem, pertencimento e respeito.

Hoje olho para minha trajetória e percebo que os obstáculos que enfrentei se converteram em aprendizados. A menina que saiu de casa para estudar, a jovem que se tornou mãe e trabalhadora, a professora das classes multisseriadas, a pedagoga, a servidora pública e a mãe que aprende sobre o TEA caminham juntas dentro de mim. Todas essas versões me conduzem ao desejo de continuar estudando e, futuramente, ingressar no mestrado.

Tenho a convicção de que a pesquisa e a produção de conhecimento podem transformar realidades, humanizar espaços e

contribuir para uma sociedade mais justa. Por isso, desejo que minha história não seja apenas lembrança, mas também ponto de partida para novas ações em favor da educação inclusiva em Araguatins/TO.

REFLEXÃO FINAL E VISÃO DE FUTURO

Ao refletir sobre minha trajetória, compreendo que cada etapa da vida teve um propósito formativo. As dificuldades enfrentadas não foram simples, mas me ensinaram a persistir, a valorizar o estudo e a reconhecer o papel das pessoas que caminharam comigo. A educação, para mim, não foi apenas uma profissão; foi caminho de reconstrução, autonomia e esperança.

Neste curso, busco ampliar meus conhecimentos sobre TEA, TDAH, altas habilidades e superdotação, compreendendo melhor as necessidades, potencialidades e formas de apoio aos estudantes. Desejo aprimorar minha atuação profissional para contribuir com práticas educacionais mais inclusivas, especialmente na rede pública municipal, onde atuo e onde reconheço desafios concretos.

Vygotsky (2007) contribui para compreender que a aprendizagem ocorre por meio das interações sociais, da mediação e das oportunidades oferecidas ao sujeito em seu contexto. Por isso, penso que o estudante com TEA precisa de uma escola que não apenas o aceite, mas que organize condições para que ele participe, aprenda, comunique-se e desenvolva suas potencialidades.

Vejo o futuro como um caminho de novas oportunidades e responsabilidades. Quero continuar estudando, fortalecendo minha prática e contribuindo para que as escolas sejam ambientes de acolhimento, respeito e aprendizagem. A principal lição que desejo transmitir a mim mesma é nunca desistir diante dos obstáculos, cultivar a fé, valorizar as pessoas e compreender que as maiores conquistas são construídas com paciência, esforço e humildade.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR. 5. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2023.

BRASIL. Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2011. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011- 2014/2011/decreto/d7611.htm. Acesso em: 25 jun. 2026.

BRASIL. Decreto nº 12.686, de 20 de outubro de 2025. Institui a Política Nacional de Educação Especial Inclusiva e a Rede Nacional de Educação Especial Inclusiva. Brasília, DF: Presidência da República, 2025. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2025/decreto/d12686.htm. Acesso em: 25 jun. 2026.

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Brasília, DF: Presidência da República, 2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011- 2014/2012/lei/l12764.htm. Acesso em: 25 jun. 2026.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Brasília, DF: Presidência da República, 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 25 jun. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNE/CEB nº 4, de 2 de outubro de 2009. Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. Brasília, DF: MEC/CNE, 2009. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/cne/resolucoes/resolucoes-ceb-2009. Acesso em: 25 jun. 2026.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

MITTLER, Peter. Educação inclusiva: contextos sociais. Porto Alegre: Artmed, 2003.

UNESCO. Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais. Brasília, DF: CORDE, 1994. Disponível em:

https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000139394. Acesso em: 25 jun. 2026.
VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Capítulo 26

ENTRE DOURADOS E CAMINHOS: MEMÓRIAS, FORMAÇÃO E COMPROMISSO COM A EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Kátia Cilene Siqueira da Silva Leite

RESUMO

Este material autobiográfico apresenta reflexões sobre minha trajetória pessoal, acadêmica e profissional, destacando experiências que contribuíram para a constituição da minha identidade docente e para meu compromisso com a educação inclusiva. Nascida em Dourados, Mato Grosso do Sul, vivenciei desafios relacionados às condições socioeconômicas, à maternidade precoce e às constantes mudanças familiares, experiências que influenciaram minha percepção sobre as desigualdades sociais e a importância da educação como instrumento de transformação. Minha formação acadêmica iniciou-se na Universidade Federal do Tocantins, onde concluí o curso de Pedagogia em 2006, integrando a primeira turma da instituição. Ao longo da carreira, investi na formação continuada por meio de cursos de especialização e, atualmente, sou mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Educação Social. Minha atuação profissional está vinculada às redes municipal e estadual de ensino, com destaque para o trabalho desenvolvido na área da Educação Inclusiva, especialmente na Secretaria Municipal de Educação de Palmas, onde participo de ações voltadas à articulação, orientação pedagógica e fortalecimento de práticas inclusivas. O memorial evidencia ainda o envolvimento em projetos sociais que utilizam o esporte como ferramenta de inclusão e desenvolvimento humano. As reflexões apresentadas reafirmam a educação como direito fundamental e prática social comprometida com a justiça, a equidade e o respeito à diversidade. Por fim, o texto projeta perspectivas futuras relacionadas ao fortalecimento da educação inclusiva, à produção de conhecimentos no campo da Educação Social e à ampliação de ações voltadas à garantia dos direitos educacionais de todos os estudantes.

Palavras-chave: Educação, formação docente; educação inclusiva; educação social.

INTRODUÇÃO

Caminhos!
Uma pausa e ao mesmo tempo um movimento!
Os quais nos enchem de lembranças!
Enchem-nos de esperanças!
Ah! Caminhos!
Como são inusitados!
Como são encantadores!
Como são cheios de desafios!
Como são recheados de espinhos!
Como são perfumados pelas belas flores!
Como são suaves com as melodias dos pássaros!
Assim seguimos por caminhos que nos trazem para a vida!

Autora - Kênia Paulino de Queiroz Souza

APRESENTAÇÃO PESSOAL

Meu nome é Kátia Cilene Siqueira. Nasci em 5 de fevereiro de 1979, na cidade de Dourados, Mato Grosso do Sul. Ao longo da minha trajetória pessoal, acadêmica e profissional, construí experiências que contribuíram para minha formação humana e para a constituição da minha identidade docente.

Minha História: DOURADO – DA CIDADE

Minha história de vida começa na cidade de Dourados, no estado do Mato Grosso do Sul, onde nasci numa segunda feira de verão úmido e quente, em 5 de fevereiro de 1979, por volta das 13h30 min. De acordo com relatos de minha mãe, meu nascimento ocorreu de forma inesperada, logo após um delicioso almoço, quando ela estava desejando comer uma bisteca suína, feita por meu tio Romualdo(falecido), cujo apelido era "Cacau".

Como sempre fui apressada, nasci em um pequeno quarto, na casa da minha avó, sem tempo de ir à maternidade. Minha avó materna foi quem fez meu parto e me pegou nos seus braços, fui pesada na balança de um mercadinho da vizinhança. Isso é hilário nos dias de hoje.

Apesar dessa ligação com minha avó, não fui a neta preferida. Minha avó, Dona Divina(falecida), era uma mulher forte, marcada pelas dificuldades da vida, especialmente após ter ficado viúva três vezes. Demonstrava pouco apego às netas e aos netos, o que refletia sua trajetória de dureza e enfrentamentos.

Minha infância foi permeada por choro, doença e pobreza. Recordo das inúmeras internações por causa de bronquite aguda, falta de ar, febre e doídas benzetacil.

Minha família estava distante de um modelo tradicional. Minha mãe, dona Zulmira, teve 4 filhas, cada uma de um pai. E minha infância foi marcada por constantes conflitos familiares, brigas, discussões e mudanças de residência, decorrentes das dificuldades financeiras. Essa instabilidade, embora desafiadora, permitiu-me conhecer diferentes bairros e realidades sociais da cidade. Vivenciamos moradias precárias e deslocamentos frequentes sempre que o aluguel se tornava inacessível, experiências que moldaram minha percepção sobre vulnerabilidade social e adaptabilidade.

Mesmo diante das limitações materiais, meu ambiente familiar tinha afeto, solidariedade e cuidado mútuo. Minha mãe, com dedicação incansável, exerceu diversas atividades profissionais — como trabalhadora doméstica e cozinheira — para garantir o sustento de suas quatro filhas. Esses elementos constituíram a base formativa dos valores que orientam minha trajetória pessoal, profissional e acadêmica.

Recordo bem, da creche que estudei a pré escola, ali conheci um mundo que me permitiu sonhar, buscar lugares diferentes na leitura do que eu vivia, tenho em minha memória, as atividades de pintar, o som das primeiras sílabas, sem contar nas inúmeras brincadeiras no parquinho, lugar que tinha uma árvore frutífera de pitanga, que comia as frutas ainda verdes.

DOURADO – DO PEIXE

A minha adolescência foi marcada por conflitos familiares, especialmente entre minha irmã mais velha e meu padrasto. Brigas e desentendimentos diários eram uma constante em nossa rotina. Hoje entendo que, para me proteger e como fuga daquela realidade difícil, engravidei do meu primeiro e único namorado, que é meu marido até os dias de hoje, e, se Deus permitir até a morte.

Basicamente vivi minha adolescência cuidando e criando uma criança, fui mãe aos 17 anos. Um tanto difícil para todas nós. Mas sobrevivemos e construímos uma linda família. Após o casamento, mudei-me para Cáceres, no Mato Grosso, cidade marcada pela presença do rio Paraguai, da pesca e do peixe dourado. Nesse período, aprendi a exercer os papéis de mãe e esposa, ao mesmo tempo em que começava a refletir sobre meu futuro profissional.

Sempre tive a convicção de que a educação transforma trajetórias. Por isso, concluí o ensino médio por meio da Educação de Jovens e Adultos, após ter interrompido os estudos para cuidar de minha filha. Ingressei, posteriormente, no curso de Ciências Biológicas na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. No entanto, a escolha do curso não se deu por afinidade, mas pela possibilidade de conciliar os estudos com a maternidade.

Desta forma me dediquei nos estudos por 2 anos na área da biologia, mas a vida é assim, cheia de surpresas, interrompi os

estudos novamente para acompanhar meu marido e manter minha família.

DOURADO – DO CAPIM

A virada do século mexeu com o pensamento e a vida de muitos, foi quando decidimos buscar novos ares, uma oportunidade de criar nossa filha e buscar uma melhor fase financeira. Assim, o destino escolhido foi o Tocantins, com seu capim dourado de beleza natural. E desde os anos 2000 moro na capital mais nova do país.

Sem esquecer dos meus sonhos e a convicção que estudar muda a trajetória de vida, em 2002, entrei outra vez na Universidade Federal, agora do Tocantins, no curso de pedagogia. A escolha do curso seguiu a mesma lógica anterior, era diurna e assim conseguiria cuidar da minha filha. Foram 4 longos e desafiadores anos, marcados por dificuldades e mais uma gestação. Ainda assim, consegui concluir o curso. Hoje, reconheço que a profissão, inicialmente escolhida por necessidade, tornou-se uma vocação que exerço com dedicação e compromisso.

Trabalhando ao lado do meu esposo, realizamos o sonho de ter a nossa casa própria. Construir nossa família no estado que escolhemos morar é um sonho realizado. Sigo sempre cultivando

sonhos, como adquirir um carro zero, realizar viagens, ser Mestre e continuar avançando profissionalmente. A cada ano, busco transformar esses sonhos em realidade.

FORMAÇÃO ACADÊMICA E PROFISSIONAL

Minha trajetória acadêmica e profissional está profundamente vinculada à educação e ao compromisso com a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas e transformadoras. Sou graduada em Pedagogia – Docência dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e Supervisão Escolar pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), tendo concluído minha formação em 2006. Ingressei na instituição em 2002, período em que a universidade ainda se encontrava em fase de implantação e organização estrutural, após sua criação em 2000. Os anos se passaram, entre trabalhos, escolas e alunos percorri muitos caminhos. Nunca fiquei um ano sem trabalho, a educação nos proporciona trabalho em qualquer lugar e época.

Fazer parte da primeira turma de Pedagogia da UFT representou uma experiência singular, marcada pela construção coletiva de conhecimentos e pelo fortalecimento de vínculos acadêmicos que permanecem significativos em minha trajetória.

No ano de 2026, completei vinte anos de formação superior, um marco que me proporcionou revisitar memórias, reencontrar colegas e professores e refletir sobre o caminho percorrido desde a graduação. A participação no 1º Encontro dos Egressos da 1ª Turma de Pedagogia da UFT, realizado em 27 de maio de 2026, no auditório da Reitoria, foi um momento de grande emoção e significado, reafirmando a importância da universidade na minha formação pessoal e profissional. Ao longo desses anos, busquei o aprimoramento contínuo por meio da formação continuada, concluindo três cursos de pós-graduação na área da Educação e

encontrando-me, atualmente, em fase de conclusão da quarta especialização.

Minha atuação profissional é pautada pelo compromisso com a garantia do direito à educação e pela valorização da diversidade. Desde 2023, exerço a função de Professora/Técnica da Educação Inclusiva na Secretaria Municipal de Educação de Palmas (SEMED), onde participei da estruturação da Superintendência de Educação Inclusiva, desenvolvendo ações de articulação, acompanhamento e orientação pedagógica voltadas à inclusão escolar. Paralelamente, sou servidora efetiva da Rede Estadual de Ensino, contribuindo para o fortalecimento das práticas educativas, a formação docente e a consolidação de princípios relacionados à gestão democrática da educação.

Destaco, ainda, minha participação no projeto "Pequenos Campeões – Karatê Inclusivo", iniciativa voltada à inclusão de crianças com necessidades educacionais específicas por meio do esporte. O projeto busca promover o desenvolvimento integral, fortalecer a autoestima e ampliar as oportunidades de participação social e exercício da cidadania, reafirmando a importância de ações educativas que ultrapassem os limites da sala de aula.

Minha trajetória na educação é marcada por constantes inquietações, aprendizados e reflexões, especialmente no campo da inclusão escolar. Ao longo de quase duas décadas de atuação, acompanhei desafios, avanços e transformações que evidenciam a complexidade do trabalho educativo e a necessidade permanente de repensar práticas, concepções e políticas públicas. Compreendo que a educação não é neutra, mas atravessada por questões sociais, culturais e econômicas que influenciam diretamente os processos de ensino e aprendizagem.

Nesse sentido, reafirmo meu compromisso ético com a defesa da educação como direito fundamental e instrumento de

transformação social. Mais do que registrar uma trajetória profissional, este memorial representa um convite à reflexão crítica sobre a prática educativa e sobre os desafios da construção de uma escola verdadeiramente inclusiva, democrática e significativa para todos. Trata-se de reconhecer que a promoção da equidade educacional exige compromisso coletivo, sensibilidade às diferenças e a busca constante por práticas que garantam o direito à aprendizagem e à participação de cada estudante.

Ao projetar meu futuro, vislumbro uma trajetória cada vez mais comprometida com a promoção de uma educação inclusiva, humanizadora e socialmente transformadora. A formação no Mestrado Profissional em Educação Social representa uma oportunidade de ampliar conhecimentos, fortalecer minha atuação profissional e contribuir para a construção de políticas e práticas educacionais mais equitativas.

Desejo continuar atuando na defesa dos direitos educacionais e no desenvolvimento de ações que favoreçam a inclusão e a participação de todos os estudantes. Como lição para mim mesma, pretendo preservar a sensibilidade diante das diferenças, a disposição permanente para aprender e a convicção de que a educação, quando fundamentada na justiça social, no diálogo e no respeito à diversidade, possui o poder de transformar vidas, fortalecer comunidades e construir uma sociedade mais democrática e humana.

Para um futuro mais distante, penso em fazer atendimentos especializados na área de inclusão, me aposentar e morar na beira da praia, curtir netos.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2011.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência.

GLAT, R.; BLANCO, V. E. L. Educação Inclusiva: cultura e práticas pedagógicas. Rio de Janeiro: Wak, 2016.

BRASIL. Decreto nº 12.686, de 20 de outubro de 2025. Institui a Política Nacional de Educação Especial Inclusiva e a Rede Nacional de Educação Especial Inclusiva. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 21 out. 2025. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2025/decreto/d12686.htm. Acesso em: 17 de março de 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC/SEESP, 2008. Disponível em: http://portal.mec.gov.br. Acesso em: 20 mar. 2026.

CALIMAN, G. Pedagogia Social: contribuições para a evolução de um conceito. In: SILVA, R. et al. (org.). Pedagogia Social: Contribuições para uma Teoria Geral da Educação Social. São Paulo: Expressão e Arte, 2011, pp. 236-259. [ISBN 9788579350306]

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 49. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: o que é? por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

MORAES, M. C. Interdisciplinaridade e transdisciplinaridade na educação. Fundamentos ontológicos e epistemológicos, problemas e práticas. In: TORRE, S. de la; PUJOL, M. A.;MORAES, M. C. (org.). Transdisciplinaridade e ecoformação: um novo olhar sobre a educação. Tradução de Suzana Vidigal. São Paulo: Triom, 2008b. p. 61-86.

SILVA, A. L. M. Adaptações curriculares na prática docente. Campinas: Autores Associados, 2019.

SOUZA, K. P. Criatividade Ecotranscomplexa e a Educação: Um Olhar Amazônida na Contemporaneidade. 2022. 126 f.Tese (Doutorado em Educação na Amazônia) Universidade Federal do Tocantins – UFT. Palmas, 2022.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

Capítulo 27

MEMORIAL ACADÊMICO: BAÚ DE MEMÓRIAS: O TESOURO DA VIDA

Kátia de Almeida Macêdo

RESUMO

Este memorial acadêmico apresenta uma reflexão sobre minha trajetória pessoal, acadêmica, profissional e social, evidenciando as experiências que contribuíram para a construção de minha identidade como educadora. A narrativa parte das memórias da infância vivida na zona rural de Paratinga, às margens do Rio São Francisco, destacando a influência da família, da Educação do Campo, da cultura local e da música em minha formação humana e das diversas experiências escolares como educadora. Ao longo do percurso, são abordadas as experiências na educação básica, na graduação em Letras, na participação em movimentos sociais e culturais, especialmente na Pastoral da Juventude e do Meio Popular e na Sociedade Filarmônica 13 de Junho, bem como minha atuação docente em diferentes instituições de ensino da Bahia e do Tocantins. Fundamentado em uma perspectiva reflexiva, o memorial evidencia a educação como instrumento de emancipação, transformação social que parte da educação inclusiva e valorização dos saberes construídos ao longo da vida. Por fim, reafirma o compromisso com a formação continuada, a educação inclusiva, a arte e a valorização da diversidade, compreendendo que o processo formativo permanece em constante construção, assim como o percurso das águas do Rio São Francisco, que simboliza a continuidade da aprendizagem e da esperança.

Palavras-chave: Memorial acadêmico. Educação do Campo. Formação docente.

INTRODUÇÃO

O meu nome é Kátia de Almeida Macedo, nasci na maternidade do hospital municipal de Paratinga, cidade ribeirinha que fica à margem direita do Rio São Francisco na região oeste da Bahia. As águas ribeirinhas são carregadas de histórias de infância, memórias e lendas que transformaram a cidade num verdadeiro paraíso cultural. Vivi a infância e a adolescência na comunidade Malhada do Juá, zona rural que fica a 6 quilômetros da cidade, é onde recorro frequentemente para lembrar-me de quem sou, pois, é lá onde passa as águas barrentas do Velho Chico que permanece as minhas memórias, minhas raízes e meu tesouro maior que é a minha família. Assim com o rio segue o seu longo percurso, eu sigo a minha vida deixando algo para trás, para alcançar algo à frente.

Sou persistente, assim como a força da correnteza que ultrapassa os obstáculos do rio, a minha essência é ser forte e corto horizontes atrás das conquistas, e assim me encontro neste lado de cá, em Palmas-TO. Carrego a força de minha ancestralidade e as memórias de um lugar onde a música ecoa no ritmo das ondas e encanta a cidade secular. Paratinga, terra da música, onde minha esperança morava, embora os caminhos fossem distantes, quase que invisíveis, o sonho ensinava o caminho, entre o sofrimento de carregar a enxada sobre a terra seca e não largar o pedaço de lápis para brincar caprichando uma letrinha num papel qualquer enquanto na cabeça cantarolava um ritmo qualquer. Ali, sobre o caminho da lagoa Caveira, banhada pelas águas do Velho Chico, aprendi as primeiras lições que me moldaram como pessoa e como profissional.

Assim como o rio é separado por uma grande ilha e reencontra sua outra margem, eu e meus irmãos cortávamos a estradinha de chão que atravessava para a escola multisseriada Também tive meus desencontros, e muitas incertezas, mas mantive a esperança, de

esperançar, o tempo corre feito a enxurrada que direcionava à lagoa, e eu não podia ficar parada esperando que a correnteza me levasse na canoa ao meu destino. É com esse sentimento que mantenho as expectativas, me encontrando e me desencontrando, porém, mantendo viva a mesma resiliência que fui ensinada no pequeno lugarejo que me inspira, desafia e encoraja. Nessa trilha me proponho a fazer, a ensinar e aprender, as memórias me ensinaram que a educação é um caminho onde o trajeto apesar longo, é a esperança de que as portas com cadeados poderosos podem ser abertas, pois você possui a chave da portinha do paraíso.

MINHA FORMAÇÃO ACADÊMICA

Minha trajetória escolar teve início em uma escola multisseriada, chamada Escola municipal Coelho Neto, na comunidade Baixa-Funda, zona rural do município de Paratinga, no interior da Bahia. Foi nesse espaço simples, sustentado mais pela esperança do que pelos recursos materiais, que estudei do pré à quarta série. A escola era precária, mas ali aprendi as primeiras letras e as primeiras lições sobre perseverança, hoje, a escola foi extinta, mas o predinho carrega memórias de infância e resquícios de esperança nos nomes apagados sob as paredes. Logo mais, ao concluir os anos iniciais, o percurso ficou ainda mais longo, de bicicleta, sob os desequilíbrios das rodas na areia, ainda adolescente, compreendi que precisava ser forte, e entre uma dificuldade e outra, entre um trabalho improvisado e outro, aprendi que o estudo exigia não apenas vontade, mas também resistência. Nesse período, vivi experiências marcantes de socialização. Sendo eu, filha de agricultores e militantes rurais, fui compreendendo que o conhecimento podia abrir caminhos onde antes só havia estrada de chão.

Ao mesmo tempo, me inseri no mundo cultural, não como mera expectadora, mas como protagonista, participei de quadrilhas, peças teatrais e atividades escolares que ampliaram meu olhar sobre o mundo e fortaleceram minha capacidade de convivência. Em 2005 ingressei no Ensino Médio no Colégio Estadual Evandro Brandão. Ali a música passou a atravessar meu caminho como um rio que reencontra seu leito, fortalecendo a minha relação com a arte.

Passei a integrar a fanfarra municipal tocando instrumentos de percussão, conforme a imagem abaixo:

Fotografia 1 – Fanfarra municipal no desfile cívico de 07 de setembro

Fonte: Autoria própria (2005)

Em 2010 aproximei-me da Sociedade Filarmônica 13 de Junho, instituição centenária de Paratinga fundada em 1902. A música deixou de ser apenas um gosto pessoal e tornou-se parte da minha identidade, ensinando-me disciplina, coletividade e sensibilidade desde 2010, ultrapassando o campo da expressão artística em minha trajetória ela tornou-se um espaço de pertencimento, aprendizagem e formação humana. Por meio dela aprendi a ouvir, a trabalhar coletivamente, a respeitar o tempo do outro e a compreender que educar também é sensibilizar. Nesse sentido, Ana Mae Barbosa (2008) afirma que "a arte na educação, como expressão pessoal e como cultura, é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento individual", compreensão que traduz a maneira

como a música atravessou minha história e contribuiu para a constituição da educadora que hoje sou.

Fotografia 2: Foto oficial de aniversário da Filarmônica 13 de junho

Fonte: Pascom Paratinga (2023)

Ao concluir o Ensino Médio, enfrentei a incerteza de quem sonha alto, mas possui poucos recursos. Na minha cidade não havia curso superior presencial e minha família não tinha condições de me manter em outra cidade. A oportunidade surgiu quando a Universidade Federal da Paraíba abriu um polo em Paratinga e então, no primeiro semestre de 2011, prestei vestibular para o curso de licenciatura em Letras/Português, sem grandes expectativas, mas o "ser professorinha" de infância se fizeram presente e fui aprovada em segundo lugar, e passei a compreender o tão longe poderia ir e o quanto poderia contribuir para uma sociedade mais justa, reflexiva, crítica e igualitária. Ao revisitar esse episódio, faço uma relação de minha realidade dialogando com o pensamento "Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda." (FREIRE, 2000, p. 67). Esse pensamento condiz com a minha filosofia de vida que se iniciou com a realização da graduação e que permanece no trabalho diário no qual me encontro.

Durante a graduação participei de observações, intervenções pedagógicas, estágios e projetos de leitura, entre eles uma ação

realizada na Praça 2 de Julho, em que nossa turma desenvolveu atividades literárias para crianças da comunidade. Sequencialmente realizei meu trabalho de TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) voltada para a área de Literatura Infanto-Juvenil a partir de uma experiência de leitura com alunos do ensino fundamental II. Concluí o curso de Letras pela UFPB no segundo semestre de 2014 e colei grau em abril de 2015, consolidando o sonho que começou ainda nas brincadeiras de "escolinha" na comunidade Malhada do Juá.

Fotografia 3: Projeto de literatura infantil e infanto juvenil na praça 2 de Julho

Fonte: Autoria própria (2014)

Paralelamente à formação acadêmica, participei da Pastoral da Juventude e do Meio Popular (PJMP), experiência que contribuiu profundamente para meu desenvolvimento crítico e social. Nos encontros, debates, júris simulados e conferências da juventude aprendi a olhar para minha realidade com mais consciência e a compreender meu lugar no mundo.

Fotografia 4: Júri simulado da PJMP sobre o tema Desigualdades sociais

Fonte: PJMP Paratinga (2012)

A música também seguiu presente em minha caminhada. Em 2020 fui convidada a integrar o grupo feminino Simples Melodia, voltado à valorização da cultura local. Em 2021, durante a pandemia, participei de projetos musicais para homenagear mulheres e incentivar novas musicistas. Em 2023 atuei como proponente de um projeto aprovado pela Lei Paulo Gustavo, voltado ao incentivo da música instrumental e à formação de novos grupos musicais. Paralelo a isso, no ano de 2019 realizei um curso de formação musical pelo Instituto Federal da Bahia, onde tive a oportunidade de desenvolver habilidades e ter contato maior com a história da música.

Fotografia 5: Participação no Projeto do Grupo Simples Melodia

Fonte: Pascom Paratinga (2021)

MINHA ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Minha trajetória profissional na educação teve início em 2017, quando atuei como professora substituta no Centro Territorial de Educação Profissional (CETEP). Permaneci na instituição até maio de 2018, participando de diversos projetos pedagógicos, especialmente

aqueles voltados à valorização da cultura indígena e da ancestralidade por meio do projeto Abril Indígena.

Fotografia 6: Visitação à aldeia Tuxá em Ibotirama-Ba através do Projeto Abril Indígena do CETEP

Fonte: Autoria própria (2018)

Entre 2018 e 2022 também atuei, de forma paralela, na Escola Família Agrícola do Sertão do São Francisco (EFASF), localizada na zona rural entre Ibotirama e Paratinga. Essa experiência aproximou-me ainda mais da Educação do Campo e da pedagogia da alternância, mostrando que a escola pode dialogar com a realidade das famílias rurais, valorizando seus saberes, sua cultura e suas formas de produzir a vida que nos faz refletir o discurso; "Não há saber mais ou saber menos, há saberes diferentes." (FREIRE, 1987, p. 68). Nas formações realizadas com outras EFAs compreendi, de maneira ainda mais profunda, os desafios históricos enfrentados pelas populações do semiárido e a importância das políticas de equidade e dos movimentos sociais na luta pelo direito à terra, à educação e à dignidade. Como filha de pequenos agricultores, desenvolver a educação no campo é um divisor de águas, pois o sentimento de pertencimento incentiva e encoraja a ajudar mudar vidas com históricos semelhantes à minha.

Fotografia 7 : Semana de ambientação na Escola família Agrícola do Sertão do São Francisco

Fonte: EFAS (2019)

Em 2018 também fui aprovada no processo seletivo simplificado do Estado da Bahia (REDA) e passei a atuar como professora de Língua Portuguesa no Colégio Estadual Castelo Branco, posteriormente incorporado à Escola Estadual Odontina Laranjeira de Souza (CEPOLS). Permaneci nessa instituição até março de 2024, desenvolvendo projetos culturais e pedagógicos, entre eles o Festival Anual da Canção Estudantil (FACE) e o Tempos de Artes Literárias (TAL), que incentivavam o protagonismo e a criatividade dos estudantes e dialogava com diferentes culturas de todo o estado.

Fotografia 8: Jornada Pedagógica no início do ano letivo

Fonte: CEPOLS (2019)

Nesse período tive contato com a educação inclusiva, pois trabalhei com surdos, cegos e neurodivergentes, onde a inclusão acontecia de maneira diferente, pois os colegas de classe inconscientemente praticavam a inclusão, pois o profissional de apoio para a escola praticamente não existia, apenas o profissional de libras que trabalhava exclusivamente como intérprete para o surdo da sala, os demais eram ajudados pelos colegas de classe.

Durante a jornada no estado da Bahia, em 2023 me inseri na especialização em Gênero, Raça/Etnia e Sexualidades na Formação de Educadores pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) buscando mais sentido para o fazer pedagógico a partir de uma visão mais abrangente e diversificada da sociedade, pelas adversidades da vida, adiei a conclusão e estou retomando esse estudo atualmente.

Em 12 de março de 2024 iniciei uma nova travessia ao tomar posse como professora de Língua Portuguesa da Escola Estadual Setor Sul, em Palmas, Tocantins. A mudança de estado foi como atravessar um rio desconhecido: trouxe medo, saudade e a sensação de recomeçar do zero. Muitas vezes pensei em desistir e viver apenas

da música, mas compreendi que a docência também faz parte da minha identidade.

Fotografia 9: Apresentação do Projeto Afronto interdisciplinar com Humanas. Tema: Bahia, berço da cultura afro-brasileira.

Fonte: Escola Setor Sul (2025)

Entre dias de sol e dias de chuva, fui me adaptando à nova realidade e ressignificando minhas dificuldades. Foram muitos desencontros, a vida não é linear, embora tenha surgido muitos obstáculos, também surgiram muitas oportunidades de aprendizagem, entre elas a experiência do curso de especialização em TEA, TDAH, AH/SD pela Universidade Federal do Tocantins (UF) que reafirma o meu compromisso com educação e fez ponderar as minhas práticas pedagógicas e sociais para estar em constante evolução, tanto pessoal, como intelectual e profissional. Hoje entendo que ser professora é estar em constante transformação, como uma metamorfose que nunca se encerra. Carrego comigo as águas do Velho Chico, as vozes do campo, os sons da filarmônica e a certeza de que ainda há muitos caminhos a percorrer.

Fotografia 10: Última aula da especialização em TEA, TDAH, AH/SD

Fonte: Centro de mídias CEPELS (2026)

REFLEXÃO FINAL: O CAMINHO DA JORNADA AO LONGO DA VIDA.

Ao retomar as minhas memórias para elaborar este memorial, percorri um caminho onde vivi emoções por trata-se de memórias guardadas que por vezes é necessário revisitá-las no fundo do baú, lembranças que me fez refletir, repensar e agradecer. Não tenho o memorial como o final da história e sim como parte da construção de uma vida em constante evolução. As vivências pessoais, sociais, acadêmicas e profissionais registradas asseguram a busca constante por conhecimento e compromisso com uma educação libertadora capaz de formar cidadão munidos de conhecimento para torná-los críticos e conscientes perante o meio social, respeitando a diversidade e os saberes. Como as águas que percorrem o rio e mata a sede de quem a tem, o conhecimento mata a ignorância de quem a possui e é com conhecimento que me proponho desbravar o mundo.

VISÃO DE FUTURO

Para o futuro às vezes sou como a música de Zeca Pagodinho "Deixa a vida me levar, vida leva eu", mas com o desejo profundo de voltar para minha terra, pretendo me especializar ao máximo para transformar a educação da minha região, ou, como o caminha por

vezes é incerto, desejo colaborar ao máximo onde eu estiver pois a busca por conhecimento deve ser constante, pretendo conhecer a cultura Tocantinense em relação à arte, e nesse pensamento, pretendo dar continuidade à minha trajetória acadêmica, buscando e reproduzindo conhecimento na área educacional e também cultural.

Por atuar de maneira informal na música, pretendo aprofundar os meus conhecimentos e mesclar na educação para tornar o meu trabalho mais dinâmico e menos cansativo, nesse sentido, a arte de fazer educação é um compromisso constante, ou, no mínimo prolongado, e na minha perspectiva, gratificante. A intenção e fazer estudos no campo da arte musical e entender a dimensão desse tema nos currículos da educação básica e inclusiva.

A princípio, meu foco é buscar conhecimento prático na música para atuar socialmente e esporadicamente dentro da educação básica, posteriormente, pretendo desenvolver projetos para desenvolver nas escolas e incentivar a criatividade e o conhecimento através da arte. Nesse sentido, compreendo que há uma necessidade de conhecer melhor os documentos curriculares e repensar as práticas educacionais de maneira inclusiva e equitativa no espaço escolar.

O interesse pelo curso de especialização em TEA, TDAH, AH/SD partiu da ideia de adquirir conhecimento e estar apta para atuar em campos diversos na educação, especialmente da educação inclusiva, pensando no contexto de inclusão em que vivenciaei no colégio Professora Odontina Laranjeira de Souza, desde o princípio, tive a visão de pesquisar mais sobre a área, tenho o objetivo de fazer um mestrado voltado para a pesquisa de metodologias educacionais para essa modalidade, amparada pelos currículos educacionais.

A inserção no curso despertou um interesse maior pela área, diversas curiosidades foram intensificadas, pois já tinha me

deparado várias vezes com situações de estudantes com a necessidade individualizada de atendimentos especiais, não tinha conhecimento suficiente para saber o que fazer. Nessa perspectiva pretendo aprofundar nesse campo de pesquisa, mas ainda é um formato de amadurecimento. O conhecimento é infinito, e ainda há muito caminho a percorrer nesse sentido para que eu me sinta preparada para atuar, assim, estou amadurecendo a ideia de atuar nesse campo de pesquisa em paralelo à arte.

Assim, a minha perspectiva é pesquisar sobre a atuação da música nos espaços inclusivos, através do estudo da música nos espaços culturais e também sua influência como melhorias nos campos da educação especial. Dessa forma, tornando dinâmica a minha atuação nos diversos campos de atuação para me encontrar como educadora de maneira mais leve e descontraída, sem deixar de lado o propósito maior de um educador. Nesse prisma, o projeto consiste em amadurecer as ideias com os conhecimentos já adquiridos e atuar como pesquisadora na relação entre o mundo da arte e os diversos campos de inclusão.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae (org.). Arte/Educação contemporânea: consonâncias internacionais. São Paulo: Cortez, 2008.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 34. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Capítulo 28

ENTRE VIVÊNCIAS E APRENDIZAGENS: MEMORIAL DA MINHA TRAJETÓRIA PESSOAL E PEDAGÓGICA

Laís Silva Ferreira

RESUMO

Este memorial apresenta minha trajetória pessoal, acadêmica e profissional, evidenciando as experiências que contribuíram para a construção da minha identidade como educadora. São retratadas as influências familiares, a formação em escolas públicas, a graduação em Pedagogia e os desafios enfrentados ao longo da vida. Destaca-se a maternidade e o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) do meu filho, experiência que fortaleceu meu compromisso com a Educação Inclusiva e impulsionou minha formação continuada e atuação profissional na área. O memorial reafirma meu propósito de contribuir para uma educação mais inclusiva e de aprofundar meus estudos por meio da pesquisa em Educação.

Palavras-chave: Educação Inclusiva; Formação docente; Trajetória pessoal; Identidade docente.

Memorial de Trajetória Pessoal e Pedagógica

Primeiros relatos: infância, família e primeiros aprendizados

Minha trajetória de vida foi marcada por valores, dedicação e incentivo à educação. Sou filha única e passei minha infância e o início da vida adulta no município de Miranorte, interior do estado do Tocantins, onde construí as primeiras lembranças da minha infância e adolescência. Cresci em um ambiente familiar acolhedor, com pais presentes, que sempre me ensinaram a importância da honestidade, do respeito e, principalmente da educação como instrumento de transformação social e de construção de um futuro melhor.

Desde cedo, meus pais reforçavam que o estudo era o caminho mais seguro para conquistar oportunidades e mudar de vida. Esse incentivo constante despertou em mim o compromisso com a aprendizagem e o desejo permanente de buscar novos conhecimentos. Essa compreensão dialoga com o pensamento de Paulo Freire (1996), ao afirmar que "a educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo." Essa perspectiva sempre esteve presente na minha formação familiar e orientou minhas escolhas pessoais e profissionais.

Minha infância foi feliz, repleta de bons ensinamentos e de grandes amizades. Mesmo sendo filha única, meus pais sempre faziam questão de acolher meus amigos em nossa casa, para que eu pudesse conviver com outras crianças e desenvolver valores como a convivência, o compartilhamento e a amizade. Além disso, fizeram questão de me educar com princípios de solidariedade, empatia e respeito ao próximo, ensinando-me a conviver de forma harmoniosa com as pessoas ao meu redor.

Toda a minha formação na educação básica ocorreu em uma escola pública, onde vivi experiências que contribuíram significativamente para minha formação pessoal e acadêmica. Durante esse período, sempre fui uma estudante dedicada,

responsável e comprometida com os estudos. Procurava demonstrar meu empenho por meio do bom comportamento e do desempenho escolar, destacando-me frequentemente entre os melhores resultados da turma.

Recordo com carinho dos meus professores da educação básica, que foram minha primeira inspiração para a escolha da profissão docente. Ao observar a dedicação e o compromisso de cada um deles, despertou-se em mim o desejo de seguir o mesmo caminho. Ainda na infância, costumava brincar de "escolinha" com meus amigos da rua, assumindo sempre o papel de professora. Além dessa brincadeira, também inventávamos apresentações, brincávamos de circo e realizávamos diversas atividades que estimulavam nossa criatividade, comunicação e espontaneidade.

Conforme destaca António Nóvoa (1992), a identidade profissional do professor é construída ao longo de sua trajetória de vida, sendo resultado das experiências pessoais, acadêmicas e profissionais. Ao revisitar minha história, percebo que minha identidade docente começou a ser construída ainda na infância, por meio das experiências vividas na escola.

Um aspecto marcante da minha infância foi a forma cuidadosa com que meus pais, especialmente minha mãe, me protegiam. Eles evitavam que eu participasse de brincadeiras consideradas perigosas, como correr, subir em árvores, saltar ou qualquer atividade que, na visão deles, pudesse representar algum risco. Somente na vida adulta compreendi que esse excesso de proteção influenciou significativamente minha forma de enxergar o mundo e, posteriormente, também repercutiu na maneira como exerci a maternidade.

Trajetória acadêmica e construção da identidade profissional

Após concluir a educação básica, iniciei minha trajetória acadêmica no curso de Pedagogia com habilitação em Supervisão Escolar, na Universidade Federal do Tocantins, Campus de Miracema do Tocantins. Ingressei na universidade ainda menor de idade e, como meus pais sempre foram muito protetores, meu pai decidiu, no semestre seguinte, ingressar no mesmo curso. Assim, passamos a compartilhar não apenas a graduação, mas também as viagens diárias no transporte coletivo entre nossa cidade e a universidade, localizada a aproximadamente 30 quilômetros de distância.

Ter meu pai ao meu lado durante essa etapa foi motivo de grande alegria e segurança. Da mesma forma, minha mãe, embora não tivesse formação superior, esteve presente durante toda a graduação, incentivando-nos, acompanhando nossas atividades e participando, de diferentes maneiras, dessa conquista. A conclusão do curso, entre os anos de 2004 e 2009, foi marcada por uma emocionante cerimônia de formatura, celebrada ao lado de nossos familiares, que compartilharam conosco a alegria dessa importante realização.

No ano seguinte, aos 21 anos, senti que era o momento de buscar novos desafios e conquistar minha independência. Decidi mudar para Palmas e iniciar uma segunda graduação, desta vez em Ciências Econômicas, na Universidade Federal do Tocantins, campus de Palmas. Essa escolha foi motivada pela influência de um amigo economista que conheci durante os estágios realizados em instituições financeiras e cooperativas de crédito, despertando em mim o interesse pela área.

Embora meus pais tenham enfrentado com emoção a minha saída de casa, compreenderam que aquele era um passo importante para meu crescimento pessoal e profissional. Orgulhosos da minha dedicação aos estudos, apoiaram minha decisão de ingressar, pela

segunda vez, em uma universidade pública federal, incentivando-me a seguir em busca dos meus objetivos.

Estava muito entusiasmada com a possibilidade de morar na capital e conquistar maior independência, já que deixaria a casa dos meus pais para viver sozinha. No entanto, essa experiência foi mais desafiadora do que eu imaginava. A distância da minha família despertou um sentimento intenso de saudade e me fez compreender o quanto era privilegiada por poder estudar e trabalhar contando com o apoio dos meus pais. Foi nesse momento que percebi que assumir todas as responsabilidades da vida adulta exigia muito mais do que eu havia imaginado.

Nos primeiros meses, pensei diversas vezes em desistir. Entretanto, acreditava que não poderia decepcionar meus pais, que sempre confiaram em mim e apoiaram minhas escolhas. Apesar disso, enfrentei dificuldades para conciliar os estudos com o trabalho e acabei trancando o curso. Naquele momento, não tive coragem de comunicar essa decisão à minha família e permiti que acreditassem que eu ainda estava frequentando a universidade.

Em 2010, conheci meu ex-marido, que me incentivou a retomar a graduação. Como ele também era estudante da Universidade Federal do Tocantins, voltamos juntos à vida acadêmica. Contudo, nossos planos mudaram quando nos transferimos para São Luís, no Maranhão, em razão de uma oportunidade profissional dele. Mais uma vez, precisei interromper meus estudos.

A mudança para uma nova cidade trouxe novamente o sentimento de saudade da minha família e representou um período de grandes desafios pessoais. Com o passar do tempo, meu casamento chegou ao fim, em razão de situações que fragilizaram nossa relação e tornaram inviável sua continuidade. Diante disso, decidi retornar para Palmas e recomeçar minha trajetória.

Em 2015, retornei ao curso de Ciências Econômicas e voltei a estagiar na área, trabalhando ao lado de economistas. Nesse período, iniciei um novo relacionamento e nasceu meu primeiro filho e não pude concluir a outra graduação. Embora sua chegada não estivesse planejada, ele foi recebido com muito amor e transformou profundamente minha vida. Após o término desse relacionamento, assumi os cuidados com meu filho, contando com o apoio indispensável da minha família.

Desafios, recomeços e ressignificação da prática educativa

A maternidade trouxe novos significados para minha trajetória pessoal e profissional. Pouco tempo depois, surgiu a oportunidade de retornar à minha cidade natal para trabalhar na mesma escola onde havia estudado durante toda a educação básica. Essa experiência foi motivo de grande orgulho, pois tive o privilégio de atuar ao lado de professores que fizeram parte da minha formação e que, anos depois, tornaram-se meus colegas de profissão. Trabalhar com eles foi uma experiência enriquecedora e uma oportunidade de continuar aprendendo com aqueles que despertaram, ainda na infância, meu interesse pela docência.

Em 2021, casei-me e nasceu meu segundo filho. No mesmo período, fui aprovada no concurso público da rede municipal de educação, o que motivou nossa mudança para Palmas. Meu filho mais velho tinha quatro anos de idade, enquanto o mais novo ainda era um bebê. Vivíamos, naquele momento, os impactos da pandemia de COVID-19, marcada pelo isolamento social. Somente em 2022 retornei às atividades presenciais, e meu filho mais velho iniciou sua trajetória escolar e o convívio diário com outras crianças.

Foi nesse período que começou uma nova fase da minha vida. Aos poucos, percebi que meu filho apresentava um desenvolvimento diferente do observado em outras crianças da mesma idade. Entretanto, muitos de seus comportamentos me pareciam naturais,

pois refletiam aspectos da forma como eu própria havia sido criada. O fato de ele evitar atividades como correr, pular, escalar ou explorar novos desafios não despertou, inicialmente, minha preocupação, já que essas também haviam sido experiências limitadas durante a minha infância. Somente mais tarde compreendi que essa percepção influenciou a forma como interpretei os primeiros sinais do seu desenvolvimento.

À medida que meus filhos cresciam, passamos a observar diferenças significativas em seus processos de desenvolvimento. Enquanto o mais novo demonstrava um comportamento ativo e explorador, o mais velho preferia brincar sozinho, repetia frequentemente as mesmas atividades e apresentava dificuldades de interação e socialização no ambiente escolar.

Diante dessas observações, iniciamos um processo de investigação com psicólogos e outros profissionais especializados. Paralelamente, movida tanto pelas demandas da minha atuação profissional quanto pelas inquietações da maternidade, iniciei a especialização em Transtorno do Espectro Autista no Campo, na Universidade Federal do Tocantins, além das especializações em Psicopedagogia Clínica e Institucional e em Educação Especial. Naquele período, eu atuava como orientadora educacional em uma escola do campo, localizada no distrito de Luzimangues, e compreendia a necessidade de ampliar meus conhecimentos para oferecer um atendimento mais qualificado aos estudantes da Educação Especial Inclusiva. Ao mesmo tempo, buscava compreender melhor o desenvolvimento do meu próprio filho e encontrar caminhos que pudessem contribuir para seu processo de aprendizagem.

O processo de investigação envolveu diversas avaliações e sessões neuropsicológicas, exigindo tempo e acompanhamento especializado até a conclusão do diagnóstico. Aos seis anos de idade, meu filho, Luís Henrique, foi diagnosticado com Transtorno do

Espectro Autista (TEA) e Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Como mãe, vivi um momento de intensa reflexão e sentimentos contraditórios. Senti culpa por acreditar que deveria ter percebido os sinais mais cedo, principalmente por atuar na área da educação. Questionava-me constantemente sobre como não havia identificado anteriormente características que, após o diagnóstico, passaram a fazer sentido.

Com o tempo, compreendi que esse sentimento fazia parte do processo de aceitação vivido por muitas famílias diante de um diagnóstico. À medida que fui entendendo melhor o desenvolvimento infantil e refletindo sobre minha própria história, percebi que a forma como fui criada, marcada por uma infância bastante protegida, influenciou também a maneira como conduzi a educação dos meus filhos. Essa compreensão foi fundamental para que eu deixasse de lado a culpa e passasse a enxergar aquela experiência como uma oportunidade de crescimento pessoal, profissional e humano.

Esse processo promoveu uma profunda transformação em minha vida. Passei a buscar ainda mais conhecimento por meio de cursos de aperfeiçoamento na área da Educação Especial e da Educação Inclusiva, compreendendo que estudar seria a melhor forma de contribuir para a aprendizagem e o desenvolvimento de estudantes com deficiência e transtornos do neurodesenvolvimento.

Posteriormente, passei a atuar na Secretaria de Estado da Educação do Tocantins, na Diretoria de Educação Inclusiva e Acessibilidade, onde desenvolvo ações voltadas à promoção da educação inclusiva. Também atuo como formadora estadual do Programa Alfabetiza Mais Tocantins – Inclusão, realizando formações com profissionais da educação dos municípios tocantinenses. Essa experiência fortaleceu ainda mais meu compromisso com uma educação que respeite as diferenças, valorize as potencialidades de

cada estudante e promova oportunidades de aprendizagem para todos.

Essa trajetória fortaleceu minha compreensão de que a inclusão vai muito além do acesso à escola. Conforme afirma Maria Teresa Eglér Mantoan (2015), a educação inclusiva pressupõe a valorização das diferenças e a garantia de condições para que todos os estudantes participem e aprendam em igualdade de oportunidades. Esse princípio passou a orientar minha atuação profissional e minhas perspectivas de pesquisa.

Hoje compreendo que minha história pessoal e minha trajetória profissional caminham lado a lado. Muitas experiências vividas passaram a fazer sentido quando percebi que a sensibilidade que sempre demonstrei ao trabalhar com estudantes da Educação Especial Inclusiva estava diretamente relacionada às vivências que construíram minha identidade como educadora e como mãe.

Perspectivas futuras: formação continuada e pesquisa em educação inclusiva

Como projeto de vida, pretendo continuar investindo em minha formação acadêmica. Meu objetivo é ingressar em um mestrado em Educação, dando continuidade, futuramente, ao doutorado, mantendo vivo o propósito de nunca deixar de aprender. Além do crescimento profissional, desejo ser exemplo de dedicação, perseverança e compromisso com a educação para meus filhos e minha família.

Minha intenção é desenvolver pesquisas voltadas aos desafios da inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas escolas do campo, especialmente na Educação Infantil. Considero que o ingresso na pré-escola representa um momento desafiador tanto para as famílias quanto para as instituições de

ensino. Embora o debate sobre a inclusão de estudantes com TEA tenha avançado significativamente nos últimos anos, ainda existem inúmeros desafios nas escolas do campo, que frequentemente dispõem de menos recursos, menor acesso à formação continuada e poucas pesquisas voltadas às suas especificidades.

Nesse sentido, acredito que investigar essa temática poderá contribuir para ampliar a produção científica sobre a inclusão escolar no contexto da educação do campo. Pretendo compreender os desafios enfrentados por professores, gestores e famílias, identificando estratégias que favoreçam práticas pedagógicas mais inclusivas e acolhedoras. Trata-se de uma pesquisa que exigirá um acompanhamento de longo prazo, envolvendo investigação de campo e análise das práticas educativas, com o propósito de produzir conhecimentos que possam contribuir para a melhoria da educação inclusiva.

Ao revisitar minha trajetória, reconheço que cada experiência vivida fortaleceu minha disciplina, minha perseverança e meu desejo permanente de aprender. Hoje compreendo que todos os desafios enfrentados contribuíram para a construção da profissional e da pessoa que me tornei. Reafirmo, assim, a convicção de que a educação é capaz de transformar vidas, princípio que aprendi com meus pais e que continua orientando minhas escolhas pessoais e profissionais..

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 67. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Summus, 2015.

NÓVOA, António. Os professores e a sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992

Capítulo 29

ENTRE POTENCIALIDADES E DESAFIOS: UMA AUTOBIOGRAFIA SOBRE TEA, TDAH E ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO

Leilane Silva Carvalho

RESUMO

Este trabalho apresenta uma narrativa autobiográfica sobre minha trajetória enquanto pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA), Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e Altas Habilidades/Superdotação, condição compreendida como tripla excepcionalidade. O estudo tem como objetivo refletir sobre as experiências vivenciadas ao longo da infância, da escolarização, das relações sociais e da vida profissional, analisando como essas neurodivergências influenciaram a construção da minha identidade. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, desenvolvida por meio da metodologia autobiográfica, que possibilita compreender e reinterpretar experiências pessoais à luz de referenciais teóricos relacionados à neurodiversidade, ao TEA, ao TDAH, às Altas Habilidades/Superdotação e à dupla/tripla excepcionalidade. A narrativa evidencia que, durante grande parte da minha vida, habilidades elevadas coexistiram com dificuldades sociais, emocionais e executivas, contribuindo para sentimentos de inadequação e para um processo de diagnóstico tardio. Além disso, discute-se como fatores relacionados ao gênero podem influenciar a invisibilização de características neurodivergentes, especialmente em mulheres que desenvolvem estratégias de adaptação social. Os resultados apontam que a compreensão da tripla excepcionalidade possibilitou uma releitura significativa da minha trajetória, favorecendo processos de autoconhecimento e pertencimento. Conclui-se que reconhecer a coexistência entre potencialidades e desafios é fundamental para a construção de práticas educacionais mais inclusivas e para a ampliação das discussões sobre neurodiversidade, contribuindo para uma compreensão mais ampla e humanizada das diferentes formas de funcionamento humano.

Palavras-chave: Neurodiversidade. Tripla Excepcionalidade. Autobiografia. Identidade.

INTRODUÇÃO

Ao longo da minha trajetória, sempre existiu em mim a sensação de ocupar um lugar paradoxal. Enquanto demonstrava facilidade em aprender determinados conteúdos e aprofundar conhecimentos específicos, também enfrentava dificuldades que pareciam incompatíveis com essas capacidades. Em diversos momentos da minha vida, senti-me deslocada socialmente, incompreendida em minhas formas de sentir, pensar e me relacionar com o mundo. Durante muito tempo, interpretei essas diferenças como falhas pessoais ou inadequações individuais. Apenas anos mais tarde comecei a compreender que muitas dessas experiências estavam relacionadas às minhas neurodivergências.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e as Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD) constituem perfis complexos que, frequentemente, coexistem de maneira pouco compreendida socialmente e até mesmo academicamente. Em muitos casos, características associadas a uma dessas condições podem mascarar ou invisibilizar as demais, dificultando processos de identificação, acolhimento e pertencimento. Além disso, estereótipos socialmente construídos acerca dessas neurodivergências contribuem para interpretações reducionistas sobre indivíduos que apresentam tais características, especialmente quando essas manifestações não correspondem aos modelos tradicionalmente esperados.

Durante grande parte da minha vida, a compreensão que eu possuía sobre Altas Habilidades/Superdotação esteve associada à ideia de genialidade constante, desempenho impecável e ausência de dificuldades. Por esse motivo, eu não conseguia reconhecer em mim características relacionadas a esse perfil neurodivergente, sobretudo porque minhas vivências eram atravessadas por inseguranças, dificuldades sociais, sobrecarga emocional e sentimentos

persistentes de inadequação. Da mesma forma, muitos dos meus comportamentos associados ao autismo e ao TDAH foram interpretados apenas como timidez, desatenção ou sensibilidade excessiva.

Diante disso, este trabalho tem como objetivo refletir, por meio de uma narrativa autobiográfica, sobre minha trajetória enquanto pessoa neurodivergente com TEA, TDAH e AH/SD, articulando experiências pessoais e referenciais teóricos relacionados à neurodiversidade, à dupla/tripla excepcionalidade e aos processos de construção identitária. Mais do que relatar acontecimentos, esta escrita busca compreender como essas características influenciaram minha infância, escolarização, relações sociais, vida profissional e percepções de mim mesma.

A escolha pela autobiografia como metodologia parte da compreensão de que experiências individuais também produzem conhecimento. Nesse sentido, narrar minha própria trajetória não representa apenas um exercício de memória, mas também uma possibilidade de reflexão crítica acerca das formas pelas quais sujeitos neurodivergentes são percebidos, acolhidos — ou invisibilizados — em diferentes contextos sociais e educacionais.

Infância e sinais iniciais

Sempre existiu em mim paradoxos difíceis de explicar: ao mesmo tempo em que eu demonstrava facilidade em aprender e aprofundar conhecimentos, enfrentava dificuldades que pareciam incompatíveis com essa capacidade. Ao mesmo tempo que sou encantada pela forma em que são construídas as relações sociais e vínculos, eu careço de muitas habilidades sociais. Ao mesmo tempo que sinto que não consigo espremer uma frase contundente sobre um assunto qualquer, em minha mente estou em meio a um tornado de pensamentos sobre esse mesmo assunto. Diante disso, peguei-me

incontáveis vezes me considerando "anormal", no entanto sou apenas diferente e ser diferente é mais comum do que supunha.

Eu nasci em uma pequena cidade do Piauí, chamada Luzilândia, que faz divisa com o estado do Maranhão (onde eu cresci e vivi boa parte da minha vida). Como se pode esperar dessa localização, meus pais possuíam poucos recursos e nos mudamos de cidades algumas vezes a fim de conseguir alguma melhora financeira. Tais tentativas não foram muito exitosas. Minhas memórias mais remotas são de quando eu tinha 3 anos quando minha irmã mais nova nasceu. Eu sou a terceira filha de um total de quatro meninas.

Embora eu considere um privilégio ter tido as minhas irmãs ao longo da minha vida, eu devo confessar que não foi muito fácil crescer rodeada de tantas pessoas. Desde criança eu percebia que era um pouco diferente das minhas irmãs e com o tempo essas diferenças foram se acentuando cada vez mais. Eu possuía interesses diferentes para as garotas da minha época, de modo que as minhas brincadeiras eram diferentes e costumava brincar sozinha a maior parte do tempo. Gostava muito de usar minha imaginação e como naquele período eu gostava de reinos e dinastias, passava quase todos os dias brincando sozinha em um universo em que possuía um vasto reino.

Com o passar dos anos, essas diferenças deixaram de aparecer apenas nas brincadeiras infantis e passaram a atravessar a forma como eu me relacionava com o mundo. Enquanto outras pessoas pareciam compreender naturalmente determinadas regras sociais, eu frequentemente precisava observá-las como quem tenta decifrar um idioma novo. Muitas vezes senti que havia uma distância invisível entre mim e os demais, como se eu estivesse sempre alguns passos atrás na compreensão de certas interações.

Ainda assim, existia em mim uma sensibilidade intensa para perceber detalhes, padrões e emoções que, por vezes, passavam

despercebidos pelos outros. Essa mesma sensibilidade que me fazia sentir deslocada também alimentava minha criatividade, minha curiosidade e a maneira profunda com que eu enxergava as pessoas, os vínculos e os conhecimentos que despertavam meu interesse. Durante muito tempo, porém, essas características foram interpretadas apenas como "estranhezas" ou traços de personalidade difíceis de compreender. Em muitos momentos tentei silenciar meus interesses intensos, controlar minha forma de agir e esconder minhas dificuldades para evitar julgamentos.

Experiência escolar

Recordo-me de duas mudanças de cidades que ocorreram quando tinha 5 anos e a outra quando tinha 12 anos. Mesmo que não tivesse muitos amigos nas minhas antigas cidades, ainda assim era muito difícil lidar com o novo, especialmente no ambiente escolar. Na escola, eu vivi alguns episódios de bullying devido a minha aparência, comportamento e até por causa do meu rendimento escolar. E para evitá-los, eu costumava imitar o comportamento dito normal para que de modo algum eu parecesse incomum. Em algumas situações, eu deixei de participar de algumas competições acadêmicas, mesmo sendo incentivada pelos meus professores, por que tinha medo de algum modo me destacar e ser "prejudicada" socialmente por isso.

Além disso, mesmo com todo apoio e inspiração que recebi dos meus educadores ao longo da minha trajetória acadêmica, eu sempre possuí baixa autoconfiança. Eu considerava que a minha família e os meus professores me superestimavam e que talvez eu fosse uma "impostora". À época, eu não compreendia esse comportamento, mas hoje o reconheço como indicativo de características associadas a Altas Habilidades/Superdotação que comumente tece críticas excessivas a si.

Durante o Ensino Fundamental e Ensino Médio sempre mantive excelentes notas e pouquíssimos amigos. Diferente das minhas colegas, eu evitei durante todo esse período possíveis relacionamentos amorosos, pois eu acreditava que fariam que eu perdesse o foco. E de fato a minha concentração é bastante limitada, logo preferi priorizar os meus estudos. Segundo minha neuropsicóloga, eu criei "medidas de compensação" para que as minhas neurodivergências não prejudicasse os meus estudos. Como por exemplo, para minimizar minha dificuldade com assuntos abstratos, eu escrevia tudo sobre esses conteúdos, pois a linguagem faz parte do universo de fascínio.

Ao longo da minha trajetória escolar, percebi que meu desempenho acadêmico funcionava quase como uma forma de validação da minha existência naquele ambiente. As boas notas pareciam compensar as dificuldades que eu possuía em outros aspectos da vida escolar, especialmente nas interações sociais. Muitas vezes me sentia mais confortável na companhia dos livros, dos cadernos e das minhas próprias ideias do que em grupos grandes ou conversas casuais. A dedicação intensa aos estudos acabou se tornando não apenas um objetivo, mas também uma espécie de refúgio seguro diante das complexidades sociais que eu tinha dificuldade em administrar.

Outro ponto a ser mencionado é sobre a facilidade que ficava entediada em sala de aula, visto que compreendia os assuntos rapidamente e depois de compreendê-los ficava ociosa. Talvez por isso tenha escolhido um curso superior que me instigava e que não dominava tão bem na escola. Escolhi fazer licenciatura em Química. Quando entrei na Universidade em 2018, confesso que no 1º semestre não fui tão bem, mas passado esse primeiro momento eu consegui me adaptar e alcançar êxito. Eu fui a primeira da minha turma a se formar. Acredito que esse percalço inicial tenha se dado mais pelas

mudanças sociais que tive que vivenciar do que pelo grau de dificuldade das disciplinas acadêmicas.

Algo bem destoante entre a educação superior e a básica é a não imposição de um conjunto de regras de comportamento ao alunado. Talvez uma das poucas regras do ambiente acadêmico, quanto ao social, é "seja você". E para mim isso foi um pouco complicado, pois eu gosto de seguir regras e elas sempre foram parâmetros de como eu deveria me comportar no ambiente escolar. Logo aquela liberdade tão estimada pelos calouros, para mim era angustiante. Percebi nesse ambiente que eu não sabia quem eu de fato era, mas pude comprovar que era muito diferente dos demais e que esses também se diferenciavam entre si. E pela primeira vez comecei analisar diferenças sob uma ótica acolhedora e científica.

Dessa forma, a entrada na universidade representou, simultaneamente, uma ruptura e um reencontro comigo mesma. Pela primeira vez, encontrei um ambiente em que as diferenças pareciam coexistir de maneira menos rígida e padronizada. Apesar da angústia causada pela ausência de regras sociais explícitas, o contexto acadêmico também me permitiu perceber que a diversidade humana ultrapassa aquilo que a escola básica frequentemente tenta uniformizar. O contato com diferentes pessoas, perspectivas e produções científicas possibilitou que eu enxergasse minhas singularidades não apenas como dificuldades individuais, mas também como parte de uma experiência neurodivergente que merece ser compreendida com sensibilidade, acolhimento e legitimidade.

Conclui meu curso em 2022 e, logo, iniciei meus estudos para ingressar na carreira docente. Ao longo de toda minha vida, eu precisei conciliar estudos com trabalho. Um dos meus primeiros empregos foi como babá aos 14 anos, porém antes disso eu já vendia algumas coisas para obter uma grana e ajudar de alguma forma a diminuir os custos em casa. Mesmo com as minhas notáveis

dificuldades de socialização, eu sempre tive relacionamentos harmoniosos com os meus colegas, porém quase todos superficiais. Eu passei no meu primeiro concurso público aos 17 anos e já naquela época delimitei quais áreas de concursos fariam parte do meu projeto de vida.

Diagnóstico tardio e construção de identidade

No início de 2024, iniciei minhas sessões de terapia a fim de "solucionar" o que eu achava que poderia ser um quadro de Fobia Social, pois sentia que não conseguia interagir socialmente com os meus colegas e com outras pessoas do meu entorno. Mais tarde isso seria posto como uma característica comum das minhas neurodivergências. Além disso, esse período coincide com muitas mudanças na minha vida e isso influenciou de forma significativa minha autopercepção e minhas relações sociais. Em janeiro de 2024, mudei-me de estado. Eu vim para Palmas/TO para assumir um cargo público de professora da educação básica da SEDUC/TO e isso significou a realização de um sonho, assim como de um longo processo de adaptação.

Ainda que o trabalho docente seja nobre, ele carrega em si muitas cobranças e desvalorizações que dificultam ainda mais a sua efetividade e que, consequentemente, afetam a saúde mental dos profissionais da educação. Eu fiquei no ambiente escolar durante um ano e dois meses e, em seguida, fui convidada para trabalhar na DEIA (Diretoria de Educação Inclusiva e Acessibilidade) na função de formadora, onde atualmente me encontro. Eu já tinha tido outra experiência como professora ao longo de 2023 e ambas as experiências foram memoráveis, tanto positiva quanto negativamente.

Eu acredito que sempre tive medo de ser vista como alguém superdotada porque foi construída em mim a ideia de que a pessoa

com AH/SD é sempre genial, logo tal indivíduo não apresentaria nenhuma dificuldade, especialmente acadêmica, ao longo da vida. E embora as minhas notas tenham sido, ao longo da minha trajetória educacional, notáveis, eu não conseguia me tornar bilíngue e isso para mim era prova clara de que não possuía esse perfil neurodivergente.

Essa perspectiva foi sendo gradualmente modificada quando comecei a trabalhar no NAAH/S - TO (Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação), que está inserido na DEIA, no qual comecei a ter contato com inúmeros materiais educativos e teóricos da área que afirmam que as Altas Habilidades/Superdotação vai além de QI (Quociente Intelectual) e de bons rendimentos escolares, visto que essa neurodivergência pode ser percebida em cinco áreas diferente, tais como: intelectual, liderança, psicomotora, artes e criatividade (BRASIL, 2008).

Recebi o convite de alguém que posteriormente relatou que havia percebidos indicadores de TEA e AH/SD no meu comportamento. Nesse local comecei a ser questionada por outros colegas sobre quais seriam meus possíveis o que contribui para que eu conversasse ainda mais sobre esse assunto com a minha terapeuta que me indicou a realização de uma avaliação neuropsicológica. Após as sessões, constatou-se que eu possuía indícios de TEA, TDAH e AH/SD que posteriormente foram confirmadas com outras sessões com um neurologista.

Quando os profissionais conversaram comigo sobre o meu diagnóstico, eu experienciei um misto de emoções. Simultaneamente me encontrava aliviada por ser minimamente compreendida assim como me sentia triste por ter me julgado e me imposto certos comportamentos ditos normais que para mim eram tão difíceis. Por exemplo, eu sempre considerei estranho gostar das pessoas, mas não conseguir passar muito tempo na companhia delas. Eu considerava

isso contraditório e me considerava os meus sentimentos menos sinceros por isso, porém isso ocorre devido a minha pequena "bateria social". Desse modo, eu compreendi que ficar cansado socialmente não significa odiar pessoas.

Com o passar do tempo, comecei a revisitar diversas experiências da minha infância e adolescência sob uma nova perspectiva. Muitas características que antes eram interpretadas apenas como timidez, exagero emocional ou falta de esforço passaram a fazer sentido diante do diagnóstico que recebi. Pela primeira vez, compreendi que minha forma de perceber o mundo não era errada, apenas diferente. Esse entendimento contribuiu para que eu desenvolvesse um olhar mais acolhedor sobre mim mesma e sobre as dificuldades que enfrentei ao longo da vida escolar e social.

Além disso, o diagnóstico tardio também despertou reflexões sobre quantas estratégias de mascaramento foram incorporadas ao longo dos anos como forma de adaptação. Em muitos momentos, tentei reproduzir comportamentos considerados socialmente adequados mesmo que eles me causassem extremo desgaste físico e emocional. Buscava parecer mais comunicativa, mais tolerante aos estímulos e mais próxima das expectativas das outras pessoas, ainda que isso frequentemente resultasse em ansiedade, cansaço e sensação de inadequação. Assim, compreender minhas neurodivergências não significou apenas receber um laudo, mas iniciar um processo de reconstrução da minha identidade, reconhecendo meus limites, necessidades e potencialidades com mais honestidade e menos culpa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, busquei revisitar minha trajetória não apenas como um exercício de memória, mas também como uma tentativa de compreender experiências que, durante muito tempo,

pareceram desconexas, contraditórias e difíceis de nomear. Durante grande parte da minha vida, interpretei minhas dificuldades sociais, emocionais e executivas como falhas individuais, ao mesmo tempo em que desacreditava das minhas próprias potencialidades. Apenas mais tarde compreendi que muitas dessas vivências estavam relacionadas à coexistência entre Transtorno do Espectro Autista, Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade e Altas Habilidades/Superdotação.

A construção desta autobiografia permitiu perceber como a tripla excepcionalidade pode se manifestar de maneira complexa e, muitas vezes, invisibilizada. Em diversos momentos da minha trajetória, habilidades elevadas mascararam dificuldades significativas, enquanto minhas dificuldades também impediram que determinadas potencialidades fossem reconhecidas plenamente. Essa coexistência contribuiu para sentimentos persistentes de inadequação, não pertencimento e autocrítica excessiva, especialmente em contextos sociais e escolares.

Além disso, tornou-se evidente o impacto das expectativas sociais e dos estereótipos construídos acerca das neurodivergências. Durante muito tempo, a ideia socialmente difundida de que pessoas com Altas Habilidades necessariamente apresentam desempenho impecável e ausência de dificuldades dificultou meu processo de identificação com esse perfil. Da mesma forma, aspectos relacionados ao autismo e ao TDAH foram frequentemente interpretados apenas como timidez, sensibilidade excessiva ou traços de personalidade. Nesse sentido, a questão de gênero também se mostrou significativa, considerando que mulheres neurodivergentes frequentemente desenvolvem estratégias de adaptação e camuflagem social que contribuem para processos diagnósticos tardios e para a invisibilização de suas vivências.

Mais do que apresentar respostas definitivas, este trabalho buscou refletir sobre a complexidade existente nas experiências neurodivergentes e sobre a necessidade de ampliar os olhares destinados a sujeitos com dupla ou tripla excepcionalidade. Compreender a neurodivergência para além de perspectivas estritamente patologizantes implica reconhecer que dificuldades e potencialidades podem coexistir simultaneamente, sem que uma anule a outra.

Por fim, escrever sobre minha própria trajetória também representou um processo de ressignificação pessoal. Ao revisitar experiências da infância, da escolarização, das relações sociais e da vida profissional, percebi que muitas das diferenças que durante anos interpretei como inadequações constituem, na realidade, parte da forma singular como experiencio o mundo. Assim, espero que este trabalho possa contribuir, ainda que modestamente, para discussões relacionadas à neurodiversidade, ao reconhecimento de perfis neurodivergentes complexos e à construção de espaços educacionais e sociais mais sensíveis às múltiplas formas de existência humana.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília, DF: MEC/SEESP, 2008.

ARMSTRONG, Thomas. O Poder da Neurodiversidade. Porto Alegre: Artmed, 2011.

ATTWOOD, Tony. Síndrome de Asperger. São Paulo: Memnon, 2008.

BARKLEY, Russell. Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade: Manual para Diagnóstico e Tratamento. Porto Alegre: Artmed, 2008.

PRICE, Devon. Desmascarando o Autismo. Rio de Janeiro: Alta Books, 2022.

SILVERMAN, Linda. A Criança Superdotada. Curitiba: Juruá, 2013.

WEBB, James et al. Diagnóstico Incorreto e Diagnósticos Duplos em Crianças e Adultos Superdotados. Curitiba: Juruá, 2009.

JOSSO, Marie-Christine. Experiências de Vida e Formação. São Paulo: Cortez, 2004.

NÓVOA, António; FINGER, Matthias. O Método (Auto)Biográfico e a Formação. Natal: EDUFRN, 2010.

Capítulo 30

MEMORIAL ACADÊMICO: MEMÓRIAS DE UMA ETERNA APRENDIZ

Marcelene Batista Cunha

RESUMO

Este memorial acadêmico e profissional apresenta a trajetória pessoal, acadêmica e docente de Marcelene Batista Cunha, correlacionando suas vivências à constituição de sua identidade enquanto mulher, mãe atípica, educadora e pesquisadora. Nascida às margens do Rio Sono, na região do Jalapão (Novo Acordo – TO), a autora fundamenta sua narrativa reflexiva nas metáforas de travessia e resistência presentes na obra Morte e Vida Severina, de João Cabral de Melo Neto, e nos pressupostos da educação como prática da liberdade, de Paulo Freire. O percurso formativo abrange as graduações em Pedagogia e Letras (Inglês) pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), a especialização em Coordenação Pedagógica, além do Mestrado em Letras pela mesma instituição. No âmbito profissional, destaca-se a atuação na Educação Básica no Colégio Estadual Dom Pedro I, desempenhando funções de coordenação, docência, tutoria, secretaria e atendimento na Sala de Recursos Multifuncional (SRM). O texto ressalta pesquisas voltadas para o currículo em escolas quilombolas, a formação docente e a educação inclusiva. Por fim, projeta-se a continuidade dos estudos em nível de doutorado, investigando as articulações entre políticas curriculares, flexibilização e garantia do direito à aprendizagem de estudantes atípicos na escola pública.

Palavras-chave: Trajetória Docente; Educação Inclusiva; Currículo Escolar.

INTRODUÇÃO

O meu nome é Marcelene Batista Cunha, nasci às margens do Rio Sono em Novo Acordo, região do jalapão em 1984, onde as águas

correm mansas levando histórias, memórias e sonhos. Foi ali, entre o movimento das correntezas e a imensidão do céu tocantinense, que aprendi as primeiras lições sobre a vida, a resistência e a esperança.

Carrego em mim as marcas desse lugar que me viu nascer: a força das raízes, a sensibilidade de quem aprende a ouvir os silêncios da natureza e a coragem de seguir adiante mesmo quando os caminhos parecem incertos. Sou educadora, pesquisadora, mãe de Pedro Lucas e Lizandra, esposa, filha e, acima de tudo, uma mulher construída pelas águas, pelos afetos e pelas experiências que moldaram minha trajetória.

Assim como o rio segue seu curso sem perder sua essência, também tenho seguido minha caminhada entre memórias e aprendizagens, acreditando que a educação é uma corrente capaz de transformar vidas e abrir novos horizontes. Minha história nasce às margens do Rio Sono, mas continua a se escrever nos encontros, nos desafios e nos sonhos que ainda me movem.

MINHA FORMAÇÃO ACADÊMICA

Minha formação básica iniciou-se em 1989, na extinta Escola Pedro Macedo, onde dei os primeiros passos na minha trajetória escolar. Concluí o ensino básico em 2001, no Colégio Estadual Dom Pedro I, vivência que contribuiu significativamente para minha formação pessoal em 2003 entro na academia no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins (UFT), concluído em 2007. Durante o percurso formativo, desenvolvi interesse pelas discussões relacionadas à educação, currículo e identidade cultural, especialmente no contexto das comunidades quilombolas. Esse interesse resultou na elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado "Currículo de escolas quilombolas e a construção da identidade do educando", sob orientação do professor José Willson Rodrigues de Melo. A pesquisa permitiu compreender a relevância da

valorização das identidades culturais no espaço escolar e fortaleceu meu compromisso com uma educação democrática e inclusiva.

Desde o princípio compreendi que buscar formação acadêmica exige persistência, coragem e determinação e com isto faço minhas as palavras de Paulo Freire quando esse define a Educação como prática da liberdade .

Ainda durante a graduação, participei do Projeto de Extensão Conexões de Saberes, desenvolvido pela Universidade Federal do Tocantins entre os anos de 2006 e 2007. A experiência proporcionou importantes reflexões acerca do acesso e permanência de estudantes de origem popular no ensino superior, ampliando minha visão sobre o papel social da universidade pública. Como resultado dessa vivência, publiquei o capítulo "O Relógio de Deus", na obra Caminhadas de Universitários de Origem Popular, organizada por Ana Inez de Sousa, Jorge Luiz Barbosa e Jailson de Souza e Silva, publicada em 2009.

No âmbito profissional, iniciei minha atuação na educação básica como coordenadora pedagógica no Colégio Estadual Dom Pedro I, função exercida entre os anos de 2008 e 2010. Essa experiência possibilitou o desenvolvimento de competências relacionadas à gestão escolar, acompanhamento pedagógico e articulação entre professores, estudantes e comunidade escolar.

Posteriormente, atuei como professora da educação básica, consolidando minha prática docente e aprofundando os conhecimentos relacionados aos processos de ensino e aprendizagem.

Em busca de aperfeiçoamento profissional, cursei a especialização em Coordenação Pedagógica pela Universidade Federal do Tocantins, concluída em 2011. Nesse período, desenvolvi estudos voltados à educação inclusiva, culminando na pesquisa intitulada "Avaliação de alunos com necessidades especiais numa

perspectiva de inclusão", orientada pela professora Rosimere Birk. A especialização contribuiu significativamente para minha compreensão acerca da necessidade de práticas pedagógicas inclusivas e do respeito às diferenças no contexto escolar.

Entre os anos de 2010 e 2014, realizei minha segunda graduação, em Letras – Inglês, também pela Universidade Federal do Tocantins. Durante essa formação, aprofundei meus estudos sobre ensino de língua inglesa, formação docente e identidade profissional. O Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado "Formação de professores de Língua Inglesa pelo Plano de Formação de Professores da Educação Básica PARFOR/UFT e a construção da identidade profissional: avanços e possibilidades", orientado pela professora Daniela Rocha Corciolle de Azevedo, refletiu minhas inquietações acerca da formação continuada de professores e dos desafios enfrentados pelos profissionais da educação pública. Além da formação acadêmica, participei de cursos de extensão universitária, entre eles o Curso de Inglês – CECCLA Intro I e II, realizado em 2010, e outras atividades de formação continuada que contribuíram para o aprimoramento da prática pedagógica e para a ampliação dos conhecimentos na área educacional.

Minha trajetória profissional no Colégio Estadual Dom Pedro I é marcada pela diversidade de funções exercidas. Atuei como professora da educação básica, tutora do Programa Profuncionário, secretária escolar e professora da Sala de Recursos Multifuncional. Essa atuação fortaleceu meu compromisso com a educação inclusiva, especialmente no atendimento aos estudantes com necessidades educacionais específicas, buscando desenvolver práticas pedagógicas que promovam a equidade, o respeito às diferenças e a garantia do direito à aprendizagem.

Recentemente defendi minha dissertação do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins, sob

orientação da professora Neila Nunes de Souza. O ingresso no mestrado representa a continuidade de minha trajetória acadêmica e o fortalecimento do meu compromisso com a pesquisa, a produção do conhecimento e a formação docente. A experiência na pós-graduação me proporcionou importantes reflexões acerca da linguagem, da educação e das práticas sociais, contribuindo para meu crescimento intelectual e profissional.

REFLEXÃO FINAL: O CAMINHO DA JORNADA AO LONGO DA VIDA.

Ao escrever esse memorial revisitei lembranças e vive emoções guardadas e vozes silenciadas, Ressalto que este memorial não representa um ponto de chegada, mas uma etapa de um percurso que permanece em construção. As experiências aqui registradas reafirmam meu compromisso com a pesquisa, com a docência e com a formação de sujeitos críticos, conscientes e capazes de transformar suas realidades. Como as águas do Rio Sono, que seguem seu curso sem perder sua essência, continuo minha caminhada carregando memórias, saberes e sonhos, certa de que ainda há muitos caminhos a percorrer e novas histórias a construir.

VISÃO DE FUTURO

Sobre o futuro, pretendo continuar estudando e direcionar minhas pesquisas para educação inclusiva com foco no currículo.

Pretendo dar continuidade à minha trajetória acadêmica, mantendo o compromisso com a formação permanente e com a produção de conhecimento na área da educação. Tenho especial interesse em aprofundar meus estudos no campo da educação inclusiva, com foco nas discussões sobre currículo e suas implicações na garantia do direito à aprendizagem de todos os estudantes.

Minha intenção é investigar de que forma os documentos curriculares pode ser pensado e ressignificado para atender à diversidade presente no contexto educacional, considerando as diferentes necessidades, ritmos e formas de aprender. Acredito que o currículo, quando construído de maneira flexível e inclusiva, torna-se um importante instrumento de valorização das diferenças e de promoção da equidade no espaço escolar.

Nesse sentido, pretendo direcionar minhas pesquisas para compreender como as politicas curriculares podem contribuir para a efetivação da inclusão, especialmente no que se refere aos estudantes com necessidades educacionais específicas. Busco, assim, fortalecer uma perspectiva de educação que não apenas reconheça a diversidade, mas que a incorpore como princípio fundamental da organização pedagógica.

A partir dessas inquietações, espero seguir contribuindo com reflexões e práticas que ampliem o debate sobre educação inclusiva, reafirmando meu compromisso com uma escola pública democrática, acessível e comprometida com a formação humana em sua integralidade

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 34. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

MELO NETO, João Cabral de. Morte e vida severina: e outros poemas para vozes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

Capítulo 31

A VIDA COMO ELA NÃO É, NOS BASTIDORES: COMO UM PROFESSOR SE PREPARA PARA A PROFISSÃO DO "SACERDÓCIO"

Maria Aparecida Fernandes de Sousa

RESUMO

"O tempo passa, mas a busca pelo conhecimento permanece." Início esta trajetória inspirada por Mário Quintana, refletindo sobre os meus 50 anos de vida e a caminhada percorrida até a conclusão deste curso na Universidade Federal do Tocantins (UFT). Minhas primeiras memórias escolares remetem à infância em Sítio Novo do Tocantins - TO, onde a ludicidade e a visão vygotskiana de uma professora despertaram meu entusiasmo pelo aprender. Aos 15 anos, enfrentei desafios ao tentar morar em Palmas - TO, decidindo retornar à terra natal para priorizar meus estudos e trabalho. Entre fases de interrupções, a maternidade e a vida familiar, retomei a trajetória acadêmica cursando o Magistério, onde descobri a paixão por lecionar. Em 2004, de volta à capital, fui aprovada no vestibular para Pedagogia na UNITINS e, no ano seguinte (2005), conquistei a aprovação no concurso público da Prefeitura de Palmas como professora alfabetizadora. O desejo de compreender as especificidades de aprendizagem dos alunos me levou à pós-graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional em 2008. Mesmo enfrentando severos problemas de saúde e uma cirurgia de coluna em 2022, a busca pelo aperfeiçoamento continuou. Em 2025, ingressei nesta formação voltada para TEA, TDAH e AH/SD, compreendendo a relevância do olhar especializado para o suporte aos alunos e famílias. Atualmente, expandindo meus horizontes, sou acadêmica de Psicologia e mantenho como objetivo o ingresso no Mestrado Profissional. Reafirmo que nunca é tarde para aprender, pois o cérebro, assim como o corpo, necessita de constante exercício para manter-se ativo.

Palavras-chave: Trajetória Docente; Psicopedagogia; Inclusão Escolar.

INTRODUÇÃO

Começo minha apresentação do memorial descritivo (pessoal, profissional e acadêmico), com o poema de Mário Quintana: O tempo. Muitos de nós não sabemos distribuir o tempo que nos foi permitido durante toda a nossa vida, seja ela nos diversos âmbito da existência humana. Este memorial de cunho pessoal, profissional e acadêmico, requer das minhas palavras, distribuição precisa e prazerosa, para discorrer nas palavras ditas aqui os 50 anos que já vivi àqueles que debruçarem diante dele. Pois, como diz o poema: "já se passaram 50 anos". Estou aqui, diante da finalização do Curso TEA, TDAH, SDAH apresentar minha trajetória até este momento.

A profissão na educação é encantadora e, ao mesmo tempo, desafiadora. Lidamos com Ser Humano em todas as fases da vida. Seja o aluno em sala de aula, os pais em reuniões escolares, os colegas no cotidiano escolar e os demais servidores no "chão da escola". A dinamicidade acontece dia a dia. Além dessa maneira frenética de trabalhar: diários, relatórios, provas, reuniões, etc., temos que lidar com as formações do cotidiano acadêmico para acompanhar o desenvolvimento do Ser, que é nosso aluno. Assim, como profissional, temos a consciência dessa constância de informações necessárias, porque sabe-se que o indivíduo está em evolução e, a educação, por sua vez, não pode ficar aquém desse desenvolvimento, uma vez que as necessidades aparecem no espaço escolar a cada giro do relógio para essa evolução humana.

Muitas foram as cicatrizes deixadas até aqui. Diversos aprendizados aconteceram. A necessidade nos permite evoluir. Assim, diante desses mais de 20 anos em sala de aula, com a prioridade de professora alfabetizadora, pude constatar a felicidade das primeiras descobertas em cada criança que acompanhei. Mas tivemos às que não conseguiram crescer, evoluir como esperado e que, por causa delas, busquei auxílio (didáticos, paradidáticos, familiares, colegas),

pesquisei, rezei, chorei, por não conseguir encucar nessa criança um sonho que não era somente dela, mas de toda família, sobretudo, da Unidade Escolar. No final das contas, acreditávamos que o tempo dela não tinha chegado! Engano. Para tudo existe uma regra, um tempo, um período. E, se aquela criança não aprende, a escola, juntamente com a família, precisa buscar meios para que aconteça essa evolução, caso contrário teremos fracassado.

Esse, O tempo de aprender, é obrigatório, intencional e primordial para cada criança dentro da sala de aula, na interação com seu par, para seu desenvolvimento intelectual e pessoal. Portanto, esse é meu cotidiano na escola. Fazer com que o aprendizado da criança aconteça entre as "quatro paredes" do ambiente intencional e formativo que compila diversas aprendizagens, por meio das reflexões apresentadas nesse espaço formador que é o ambiente escolar.

COMO TUDO COMEÇOU: Sítio Novo do Tocantins - TO

Nascia no extremo norte do Tocantins, em uma região denominada Bico do Papagaio, eu, Maria Aparecida Fernandes de Sousa, de família evangélica, mas com um nome da Padroeira do Brasil, mas tem uma explicação. Segundo meu pai Raimundo que, com seu entusiasmo foi ao Cartório da pacata cidade Sítio Novo de Goiás – GO, com projeção de quase 1.500 habitantes na área urbana para a década de 80 de acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), para registrar sua 3ª filha com minha mãe Maria para homenagear uma moça muito bonita, da região do Sul de Goiás, chamada Aparecida, que era babá de minha irmã primogênita do segundo casamento de meus pais. Sendo que meus pais, segundo relatos, eram "grandes" comerciantes da cidade.

Nasci em "berço de ouro" e, hoje, aqui estou, mãe, esposa, professora, estudante, para escrever em minha linha do tempo. A

cabeça embaralha-se com as lembranças do passado, pois, com meus 50 anos, tenho muitas histórias guardadas, vividas e, em alguns momentos trágicos, em diferentes cidades, desde o início de meu casamento aos 16 anos, autorizado por meus pais, com um policial militar do Tocantins, chamado Adão de Araguaína - TO.

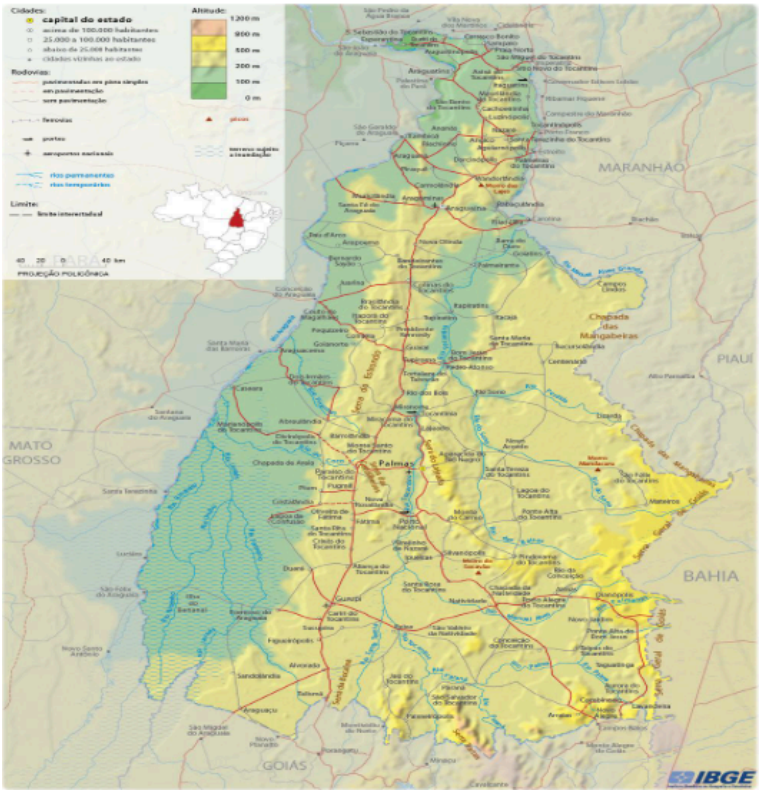
Durante muitos anos o estado do Tocantins era parte do antigo norte do Goiás. Por ser um estado grande, onde as pessoas tinham que viajar para Goiânia para fazer tratamento médico, fazer CNH, estudar, fazer compras e muitas outras situações e que, ficava dispendioso para a população que ali vivia, no norte do estado. Assim o estado de Goiás passara por uma transição, não mais existindo como Goiás e, sim Tocantins. Vou aqui abrir uma caixinha de informação para que possamos entender melhor a história de nosso estado.

Entendi que meu estado era Goiás quando Iris Resende Machado, candidato à Governador do então estado de Goiás na época, foi até nossa cidade, com outros políticos para inauguração da rede de energia elétrica, visto que tínhamos apenas "luz de motor" que funcionava até às 22 h. Comecei a entender o sentido da leitura das palavras devido o "santinho e cartazes que os cabos eleitorais entregavam com o slogan de um desenho de um machado no sobrenome dele.

Assim, na cidade e em muitas outras do bico do papagaio, era muito precário o atendimento no interior do estado de Goiás e, então, um político da época José Wilson Siqueira Campos buscou a criação de um novo estado do Tocantins, justamente no período de transição da ditadura para a redemocratização e, aqui estamos. Meu esposo era militar do antigo Goiás, mas acabou escolhendo, pois tinha a opção, na época, da escolha do estado do Tocantins devido suas "raízes" familiares fazerem parte do antigo e agora, atual estado. Nos

casamos e fomos morar em Araguaína - TO, onde minha trajetória acadêmica começou e, hoje, mais de 20 anos de profissão.

MAPA GEOGRÁFICO DO TOCANTINS



Situada no extremo norte do Estado, a região do Bico do Papagaio é uma área de transição entre a fauna e a flora do cerrado e da Amazônia. A região pertencia ao Estado de Goiás e passou um longo período de isolamento regional, o que serviu como argumento para a emancipação política do Estado do Tocantins.

Com a criação do Tocantins em 1989, muitos municípios foram desmembrados dando origem a vários outros, a exemplo do município de Axixá do Tocantins, desmembrado de Itaguatins. A região onde se localizam os municípios de Axixá do Tocantins, Buriti do Tocantins, Esperantina e São Miguel do Tocantins, é conhecida atualmente como polo pioneiro do Bico do Papagaio.

A região conta com uma cultura popular riquíssima, com festejos tradicionais, e tem entre seus habitantes um povo muito forte, além de estar totalmente ligada à história do Estado.

A região do Bico do Papagaio está localizada entre os rios Araguaia, a Oeste, e Tocantins, a Leste; fazendo fronteira entre o Estado do Pará, a Oeste, e Maranhão, a Leste. Seu território é composto por 25 municípios: Aguiarnópolis, Ananás, Angico, Araguatins, Augustinópolis, Axixá do Tocantins, Buriti do Tocantins, Cachoeirinha, Carrasco Bonito, Darcinópolis, Esperantina, Itaguatins, Luzinópolis, Maurilândia do Tocantins, Nazaré, Palmeiras do Tocantins, Praia Norte, Riachinho, Sampaio, Santa Terezinha do Tocantins, São Bento do Tocantins, São Miguel do Tocantins, São Sebastião do Tocantins, Sítio Novo do Tocantins e Tocantinópolis. Atualmente o estado do Tocantins possui um total de 139 municípios. Atualmente de acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) a cidade de Sítio Novo do Tocantins registrou mais de 10 mil habitantes em seu município.

https://gazetadocerrado.com.br/tocantins/alem-da-riqueza-cultural-bico-do-papagaio-tem-atrativos-que-encantam/

Minhas primeiras lembranças na escola tenho da idade de 5 para 6 anos. Apareceu uma professora na cidade chamada Clarisse, com uma postura de professora Vygotskiana, desenvolvia seu

trabalho da interação entre as crianças por meio de brincadeiras e atividades lúdicas para o desenvolvimento integral do aprendiz. Lembro-me do uniforme que a professora pediu para que os pais fizessem ou comprassem de uma grande costureira da cidade, Dona De Jesus. Uma jardineira pregueada, com um bordado da "Turma da Mônica" na parte de cima da roupa e, com sandálias de plástico fechadinha na frente e rabicho atrás, comprada na cidade de Imperatriz - MA. Começamos as aulas com muito entusiasmo e muita alegria. Muitas crianças eram atendidas pela professora inovadora, com jeito diferente de ensinar. As crianças e, eu, achávamos muito divertido porque ela enfatizava o aprender por meio de brincadeiras, como algo diferente e prazeroso. As horas passavam muito rápido. Vygotsky (2001) compreende que o nosso desenvolvimento está vinculado à natureza e à qualidade das mediações que realizamos ou das quais participamos, bem como ao quanto aprendemos a fazer uso de instrumentos da cultura, como referência do nível de desenvolvimento da nossa mente.

Minha mãe e, muitos pais da cidade, não aceitaram que esse novo de ensinar fosse suficiente para desenvolver a mim e minha irmã. Falou: "minhas filhas precisam estudar numa escola que ensine a ler e escrever, porque elas já brincam o dia todo". Era uma escola particular denominada "Escolinha Turma da Mônica". Foi então que nos matricularam em outra escola, da rede municipal, Tiradentes, que atendia crianças de 6 e 7 anos, onde o foco seria ensinar os sons das letras do alfabeto. Recordo perfeitamente que me colocaram em uma turminha de 6 anos. Como já estava mais desenvolvida, fui para a turma seguinte mesmo com a idade um pouco mais nova. Em minha sala de aula, denominada turma da alfabetização, tinha uma aluna com NEE (Necessidade Educacional Especial), era surda/muda, porém ela já conseguia pronunciar os sons balbuciando, era visível que ela tinha adquirido a consciência fonológica.

Achei muito surpreende, porque eu não conseguia ainda. Hoje percebo que a professora utilizara o método fônico para ensinar os sons das letras para nós, independente do grau de dificuldade de cada um. Carvalho (2005) diz que ao aplicar o método fônico, o professor dirige a atenção da criança para a dimensão sonora da língua, isto é, para o fato de que as palavras, além de terem um ou mais significados, são formadas por sons, denominadas fonemas, que são unidades mínimas de sons da fala, representados na escrita pelas letras do alfabeto. Como gostávamos da professora! Alfabetizadora cativante, dedicada, carinhosa e paciente com todos os alunos. Chamava-se Lenita. Guardo até hoje seu carinho para conosco.

Percebi que esse ano foi muito rápido. O aprendizado tinha acontecido. Conseguia identifica todas as letras do alfabeto. O objetivo para a turma seguinte seria outro: aprender a ler palavras, frases e pequenos livros. Fui matriculada em uma escola estadual denominada Colégio Estadual Marechal Ribas Júnior.

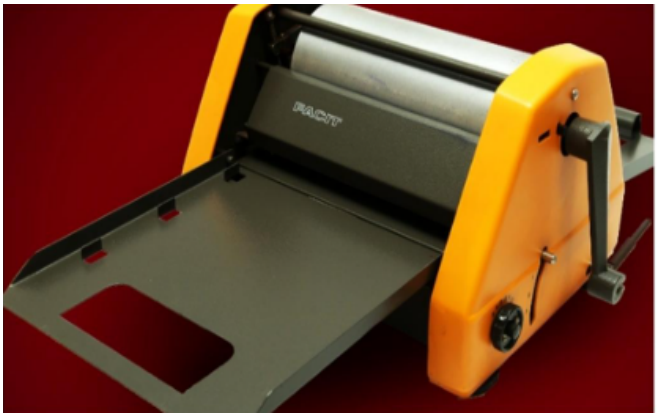
Com bastante entusiasmo fui para a escola com o material dentro da pasta azul de plástico, comprada em Imperatriz - MA. Sendo que na época os pais compravam resma de folha A4, carbonos e pagava a matrícula. Comprava também o uniforme, que era uma camiseta branca com punhos e gola canelados de azul e o brasão da escola no peito com a identificação da escola e com saia de pregas azul e kichute com meia branca. A escola atendia alunos da 1ª série até o 3º ano do ensino médio.

Estudava no período matutino, com turma bastante cheia. A escola tinha biblioteca, mas não oportunizava os alunos ao ato da leitura. Ficava trancada apenas para entrada de professores. Fiquei encantada quando vi a porta da biblioteca aberta e uma professora ofereceu o livro para que eu lesse, meu primeiro livro foi "Soldadinho de Chumbo". Mergulhei na leitura. Terminei em um dia a leitura dele. A

professora não conseguia acompanhar como deveria, mas nos mostrávamos para a professora mais independentes na realização das atividades.

As propostas pedagógicas eram ofertadas por meio do quadro negro com giz e da cartilha de alfabetização e tabuada para decorar. Como meus pais eram comerciantes, eu tinha a vivência do letramento matemático em casa, fazendo as atividades de cálculos na prática. Pois, auxiliava com frequência meus pais em fazer trocas e buscar produtos na prateleira para atender os clientes.

Era diversão para nós, no tempo da criança, ajudar os pais na lida do comércio. Principalmente manusear moedas e cédulas. Abrindo uma caixinha de informação da época: presenciávamos também violência entre os clientes do comércio, pois meu pai vendia bebida alcóolicas e cigarros, assistimos violência com armas brancas e de fogos, chegando a presenciar a pessoa morta por ter sido alvejados no próprio comércio. Por isso meu pai desistiu de vender "vícios", como ele diz. Para fazer as avaliações, os professores utilizavam o mimeógrafo para xerocopiar para toda a turma. Era o único aparelho de fazer cópias para toda a escola. Utilizando carbono e álcool para a realização do processo das xerox.



Mimeógrafo

Imagem atualizada com IA

Comecei meus estudos na década de 80, respectivamente, assim como mostra o quadro abaixo. Nessa época era bastante comum o aluno ser reprovado, até mesmo na alfabetização:

Ano	Série	Aprovada / Reprovada
1981	Educação Infantil	Aprovada
1982	Alfabetização	Aprovada
1983	1ª Série	Aprovada
1984	2ª Série	Aprovada
1985	3ª Série	Aprovada
1986	4ª Série	Aprovada
1987	5ª Série	Aprovada
1988	6ª Série	Aprovada
1989	7ª Série	Aprovada
1990	8ª Série	Aprovada
1991	1º Ano (Ensino Médio)	Aprovada
1992	2º Ano (Ensino Médio)	Desistente / Abandono

No ano de 1985 minha família passou por grandes turbulências, com a troca de governo federal, fim da ditadura e início da redemocratização no Brasil, meus pais fecharam o estabelecimento

comercial, meu pai adoeceu sendo obrigado a buscar tratamento em Goiânia e, eu e minhas duas irmãs ficamos em casa tentando saber notícias de meu pai a cada 7 dias, via telefone público, chamado posto telefônico (local onde as pessoas da cidade comunicava a telefonista para onde gastaria de fazer a ligação, caso ela conseguisse, tinha uma cabine com uma segunda linha para fazer essa comunicação/conversar com o familiar distante), assim também, quando o posto telefônico recebia uma ligação tinha um mensageiro que dava o recado com um cartão registrado pela telefonista com dia e horário que pretendia falar com um familiar.

Hoje, percebemos que nosso pai passava por um momento de ansiedade e estresse devido a vendo do comércio, onde era a principal fonte de renda da família. Nesse ano de 1885 não conseguia evoluir na escola como deveria, provavelmente por causa das conturbações dentro de casa, afetando o emocional e acadêmico.

Em 1986 estava estuda na 4ª série, meu corpo estava em transformação, tinha 10 anos e minha vida adulta estava iniciando. Meus estudos estavam bem. Conseguia desenvolver as atividades com êxito, participava de projetos, festa junina e muitos outros. Sempre no Colégio Estadual Ribas Júnior, já que era a escola mais próxima de nossa casa e que atendia praticamente toda a comunidade da cidade. Nessa época, morávamos em um hotel de trânsito, porque meus pais tinham vendido o comércio de secos e molhados e que, precisavam de uma fonte de renda, comparam o prédio e fomos morar dentro dele. Recebiam os hóspedes, vendiam comida e uma pequena mercearia na entrada do hotel, onde meu pai ficava e, minha mãe, na cozinha atendendo à qualquer hora um novo cliente.

No ano de 1991, aos 15 anos, resolvi morar na capital do estado com minha irmã mais velha, em Palmas, mas como a cidade/capital estava começando, com poucas moradias, apenas vários órgãos do

governo, inclusive a escola estadual (CEM), hoje Escola Militar, já existia, onde estudei por dois meses, morávamos em alojamentos. Como era bastante dispendioso, fazendo economizando para viver melhor, alimentando 2 vezes ao dia, resolvi voltar para a casa dos meus e disse: "lá eu nunca passei por necessidade, não vou ficar aqui para passar fome!". Retorno para a cidade natal, Sítio Novo do Tocantins – TO e retomo meus estudos na escola que fez parte de minha vida, finalizando o 1º ano do ensino médio.

15 anos - 1991

O ano de 1992 inicia com bastante expectativa. Trabalho durante o dia, no Correio da cidade e estudo à noite. Meu esposo aparece para trabalhar na cidade, nos conhecemos e fomos morar juntos. É uma parte da história em que eu desisto de estudar. Engravidei, tentei retornar para os estudos, mas não conseguia interagir e aprender como deveria, abandonando os estudos.

De acordo com pesquisas na atualidade é uma realidade ainda muito presente nos dias de hoje, a evasão escolar. Segundo pesquisas, o maior desafio aparece mais tarde, quando os jovens chegam ao ensino médio: a evasão escolar. A partir dos 16 anos, a taxa de abandono escolar chega a quase 20%. A necessidade de trabalhar e a gravidez são os principais motivos para mulheres jovens abandonarem os estudos. (jornal nacional)

ARAGUAÍNA: O RECOMEÇO

Estava no hospital São Lucas quando minha mudança chegou. Para uma casa que meu esposo tinha num bairro periférico, mas com muita expectativa de dias melhores. Nossa primeira filha nasceu com má formação genética, sem a vesícula biliar e, estávamos há 15 dias na UTI esperando uma solução médica, mas que no íntimo, queríamos uma cura divina.

Porque o caso era bastante grave, com necessidade de transplante. Infelizmente ela não chegou à idade de fazer o transplante, a idade mínima seria de 2 anos. Faleceu aos 11 meses. Estava grávida de gêmeos, com 8 meses, de dois meninos univitelinos. Meus gêmeos nasceram de 9 meses, o 1º gemelar com 3,100 kg e o segundo com 2,750 kg, de parto Cesária porque estava com pré-eclâmpsia. Nasceram saudáveis.

Logo depois do nascimento de meus gêmeos, meu esposo insistiu para que eu retornasse aos estudos, no período noturno, mas acabei não aceitando para poder ficar perto de meus filhos, já que tínhamos passados por um grande trauma. A escola era bem próxima à minha casa, mas percebi que ainda não seria o momento para retomar os estudos. Quase dois anos do nascimento dos gêmeos, nasce minha caçula, Kananda. Eu tinha 20 anos. Quando Kananda tinha 6 meses meu esposo insistiu para que eu retomasse os estudos.

Selton e Herikson

Isabella (im memorian)

Kananda

Ele sugeriu para que eu fizesse magistério, por ser um curso mais feminino e podendo aliar à vida de casada, podendo trabalhar 20 horas fora de casa e, sobretudo, já que era integrado ao ensino médio. Antigamente as escolas de ensino médio tinha dentro do currículo cursos profissionalizantes.

Sendo que eu gostava mais de exatas. Meu 1º ano de ensino médio foi contabilidade e gostaria de continuar para concluir o

ensino médio e partir para o Superior em exatas. Minha casa ficava próximo à Universidade Estadual do Tocantins e, meu objetivo era concluir logo o ensino médio e ingressar na Universidade, fazer Ciências Contábeis e, trabalhar como contadora. Finalizei o ensino médio no Colégio Guilherme Dourado em Araguaína devido o Colégio de Aplicação (funcionara no prédio da Universidade Estadual do Tocantins - Unitins) ter sido construído em outro Setor longe de minha casa.

O que é o amor?!

Falaram-me que o amor é ter/ser pai e mãe
Que a vida de uma menina e um menino surge,
Pelo enlace entre um homem e uma mulher!
Que os primeiros cuidados de alguém,
Demonstram que existe amor.
O crescimento contínuo de uma criança mostra-se
Um amor genuíno daqueles que cuidam
O amor apresenta-se no ato
De falar
De perguntar
De reclamar, por que não?!
De cuidar!
Resumido na palavra AMOR
Amor de mãe é muito além de tudo isso
É lutar dia a dia com a distância
A ausência dos filhos que não estão ao seu lado
Como na primeira infância
Criaram "asas"
Estão prontos para enfrentar o mundo
Um dia... os contos e histórias de uma mãe que embalava os filhos
Para dormir tornou-se passado
Os filhos cresceram...
O amor permanece, deveras MAIOR
Os passos ensinados

Tornaram-se
Alicerce para a
VIDA!
Autora: *Maria Aparecida Fernandes de Sousa*

A escola que estudava era na verdade a Universidade Estadual do Tocantins, em 1997, sendo que o prédio foi cedido para o estado para que funcionasse uma escola de ensino fundamental e médio no período vespertino com denominação de Colégio de Aplicação, pois aconteciam as aulas na Universidade apenas no período matutino e noturno.

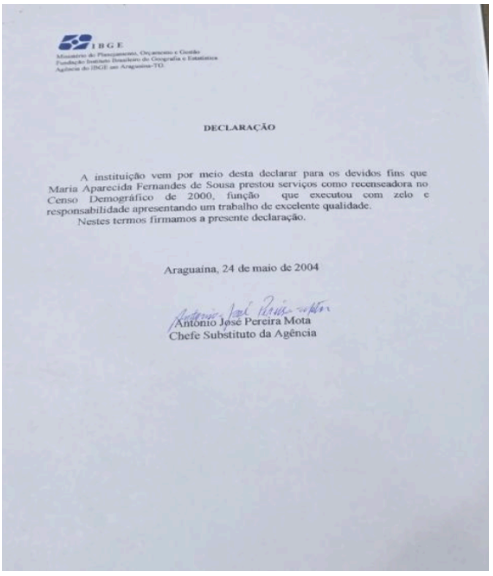
Como eu queria estudar durante o dia, no período vespertino, pós almoço das crianças, eu e Adão fomos até à escola fazer a matrícula, no entanto, não era o ensino médio que eu almejava, o magistério. Como meu 1º ano de ensino médio foi contabilidade, tive que retroceder um ano. No entanto, fiz o ensino médio com dedicação e entusiasmo.

Acabei gostando de lecionar. De repente veio à mente uma parte da história que tinha esquecido, quando pré-adolescente que, quando estava na 7ª série gostava de dar aulas para algumas crianças que apareciam em minha casa, as crianças da vizinhança. Na minha casa tinha o quadro de giz, que era a porta do quarto e o caderno de planejamento, que eram as atividades que tinha aprendido na escola e assim aconteciam as aulas.

Acho que as pessoas passam em nossas vidas e nos dão referência de como seguiremos no futuro. Lembro-me de cinco professoras queridas que foram de Matemática, Wilma, História, Adriana, muito especiais entre a 6ª e 7ª série e, Marieta de Geografia, Rosinete de Didática e Iana de Psicologia da Educação e Estágio no ensino médio acabaram influenciando de alguma maneira na formação de minha personalidade e, me permitindo ser, quem me

tornei hoje. Após terminar o ensino médio em Araguaína, fomos morar em Ananás – TO.

Meu esposo é policial militar, por isso, as mudanças de cidade com frequência. Lá prestei o concurso para recenseador do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), consegui passar e trabalhar na cidade durante seis meses como recenseador. No final do ano retornamos para Araguaína para continuar com meus estudos. Tentando uma vaga na Universidade Federal do Tocantins e ao mesmo tempo fazendo cursinho pré-vestibular. Até que decidimos tentar a vida em Palmas, porque acreditávamos que a cidade estava crescendo e que teríamos oportunidades melhores para os filhos, na Capital.



IBGE
Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão
Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Agência do IBGE em Araguaína-TO

DECLARAÇÃO

A instituição vem por meio desta declarar para os devidos fins que Maria Aparecida Fernandes de Sousa prestou serviços como recenseadora no Censo Demográfico de 2000, função que executou com zelo e responsabilidade apresentando um trabalho de excelente qualidade.
Nestes termos firmamos a presente declaração.

Araguaína, 24 de maio de 2004

Antônio José Pereira Mota
Chefe Substituto da Agência

PALMAS DE TODOS NÓS

Minha vida sempre foi muito dinâmica. Mudamos para Palmas em busca de uma vida melhor, para nós e para os nossos filhos já que estavam crescendo e que o futuro se encontrava na capital do estado, assim acreditávamos. Continuei meus estudos em casa para

prestar o vestibular. Fazia cursos de extensão na área de contabilidade, visto que ainda não tinha desistido de meu primeiro sonho.

Em 2004, recebi uma proposta para trabalhar em uma faculdade da capital, na secretaria da escola de auxiliar administrativo, sendo que nesse período estava fazendo estágio em um escritório de contabilidade, na iminência também de ser contratada. Concomitantemente estudando para o vestibular da Universidade Estadual do Tocantins – UNITINS.

Consegui ser aprovada para a faculdade de Pedagogia e, durante esse período de mudança de cidade, estávamos fragilizados financeiramente, no entanto, meu esposo sugeriu que eu escolhesse a faculdade, porque finalizando o curso de pedagogia teríamos uma vida melhor, assim foi feito. Pedi demissão do trabalho da faculdade particular, onde trabalhava como auxiliar de secretaria e fui estudar o curso de pedagogia no período de férias e aos sábados, na Unitins.

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DO TOCANTINS
CURSO PEDAGOGIA REGIME ESPECIAL - TELEPRESENCIAL
Requerimento de Pré-Matrícula
(Da ou(a) Acadêmico(a))
Nome: Maria Aparecida Fernandes de Sousa Login: 8001240
Curso: Pedagogia em Regime Especial na Modalidade Telepresencial
Turma: 001 Município: Palmas - TO Período: 1º Ano: 2004
Palmas 21 de Junho de 2004
(local/data)
Mª Aparecida Fernandes de Sousa
(Assinatura do(a) Acadêmico(a))
Assinatura do(a) Tutor(a)
OBS: Declaro estar ciente que minha pré-matrícula não será confirmada caso não entregue os documentos acima relacionados, desfazendo-se meu vínculo com o curso nos termos do art 58 do Regimento Acadêmico de 1997.

EDUCON
Cartão de Identificação
Pedagogia Tele-Presencial
10 0537-5
DOCUMENTOS NECESSÁRIOS
- Cópia da Carteira de Identidade.
- Cópia do Contra-cheque.
- Comprovante de pagamento da taxa de inscrição.
- Duas fotos 3x4.
Documento de Identidade: 625 SSP: SSP-TO
Município: Palmas - TO
Código: 16-012
Nome do Candidato: Mª Aparecida Fernandes de Sousa
Mª Aparecida F. de Sousa
Assinatura

No ano de 2005 fui aprovada no concurso do município de Palmas, como professora PI – magistério. Olhando para trás, temos a opção de escolhas, porém o destino prevalecera. Por mais que eu quisesse fazer o curso de contabilidade o tempo foi me moldando e me preparando para exercer no magistério. Continuei estudando na

faculdade, no curso de pedagogia e, trabalhando na unidade escolar, na qual escolhera para exercer minha função, de professora alfabetizadora.

Escolas por onde trabalhei:

2005	Escola municipal Monteiro Lobato	Professora 1ª série / 2º ano
2006	Escola municipal Antônio Gonçalves	Professora 1º ano
2009	E.T.I. Vinícius de Moraes	Professora 1º ano
2012	E.T.I. Vinícius de Moraes	Coordenação Mais Educação
2015	E.T.I. Vinícius de Moraes	Professora 4º ano
2016	E.T.I. Vinícius de Moraes	Professora 5º ano
2017	Escola municipal Antônio Gonçalves	Professora P.P.T 1º ao 5º ano
2018	Escola municipal Antônio Gonçalves	Professora 2º ano
2019	E.T.I. Daniel Batista	Professora 2º ano
2020	Cmei Sementes do Amanhã	Professora (1º período) 4 anos
2021	E.T.I. Olga Benário	Professora 2º ano
2023	E.T.I. Monsenhor Pedro Pereira Piagem	Secretária Escolar
2024	E.T.I. Monsenhor Pedro Pereira Piagem	Orientação Educacional
2025	E.T.I. Monsenhor Pedro Pereira Piagem	Auxiliar de Financeiro
2026	E.T.I. Monsenhor Pedro Pereira Piagem	Orientação Educacional

FORMAÇÃO HUMANA/PROFISSIONAL

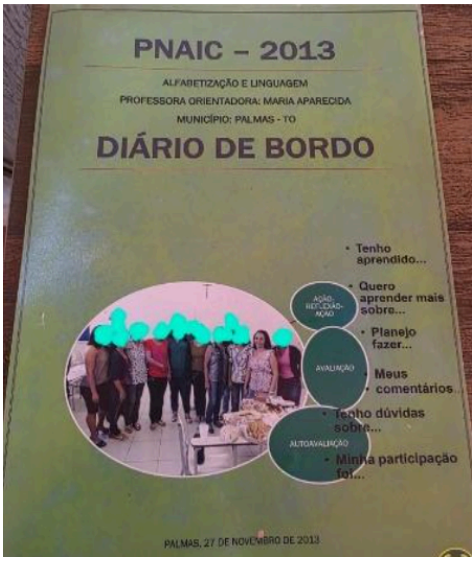
Minha profissão e formação humana caminham juntas. Não conseguindo dissociar as duas, visto que andam em linha contínua, paralela, assim venho alinhando sempre à prática com a teoria. O fazer pedagógico é contínuo e constante ao nosso fazer do cotidiano. O desmembramento do profissional ao pessoal torna-se impossível.

No entanto, a separação de "mundos" é necessária, porém indissociável. Porque a formação humana vai além da aquisição e consolidação dos conteúdos programáticos. É a consciência que temos de nós mesmo no mundo nos torna integrante da/na sociedade, visto que o mundo que nos cerca nos torna humano pertencente ao meio em que estamos inseridos, impossibilitando essa divisão de "caixinhas" em nossa cabeça, por isso somos pertencentes a esse "mundo" do trabalho contínuo e constante.

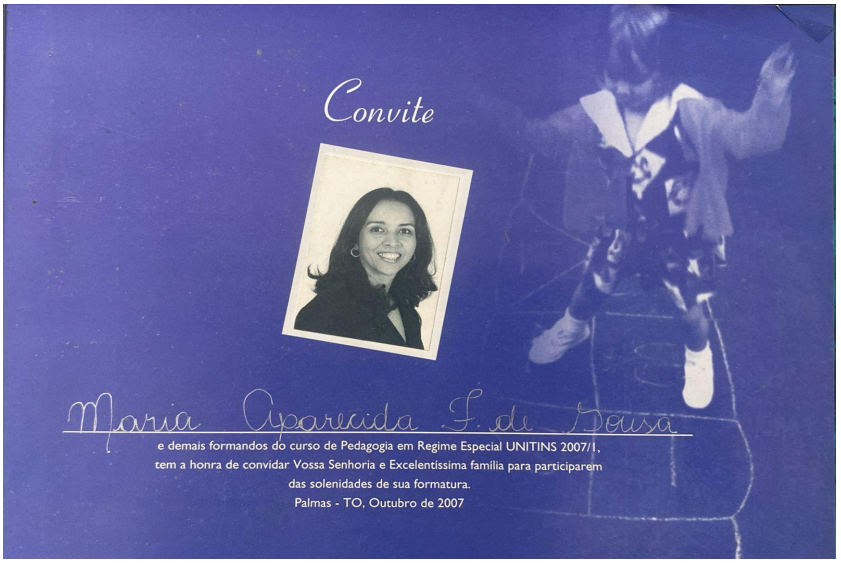
Na escola, venho desenvolvendo às atividades escolares com projetos internos e externos (Dia das Mães; Descasque mais, desembale menos; Festa junina; Dia dos pais; Semana da diversidade; Consciência Negra; Natal; entre outros, visto que estão presentes em nosso cotidiano fora da Unidade Escolar.

Dentro do campo profissional, nas escolas por onde passei, destacaram-se os projetos: FECIT (Feira de Ciências, Inovação e Tecnologia) em 2015, 2016 e 2018 à nível municipal e PNAIC (Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa em 2013 como Professora Orientadora neste município. Com realização também, dos cursos sugeridos pelo MEC pela Plataforma AVAMEC como formação continuada e assim, alinhar com o meu fazer pedagógico.

Professora Orientadora: PNAIC (Programa Nacional pela Alfabetização na Idade Certa



No ano de 2007 acontece minha formação acadêmica profissional. Pedagoga formada pela Universidade Estadual do Tocantins – UNITINS.



Em 2008 começo a questionar internamente algumas situações de ensino e aprendizagem de que algumas crianças não conseguiam aprender como as demais crianças, foi então que procurei um curso de Pós-graduação que aliasse a teoria com a minha prática profissional, cursando Psicopedagogia Clínica e Institucional.

Muitas situações foram esclarecedoras, porque a forma como o trabalho se apresentava para as crianças não bastava, com métodos e metodologias diversas. Reuniões com familiares foram necessárias para mostrar que o problema da criança não seria apenas a de ensinagem, mas sobretudo recorrer à parte clínica e buscar posteriormente outros meios que desenvolvesse o aprendizado na criança em questão.

Percebi que o problema não estava apenas com a maneira de ensinar ou algum recurso metodológico que deixara de ser utilizado. De certa forma veio o alívio, mas por outro lado, a família em parceria

com a escola deveria ser mais atenta e atuante quanto ao tempo de aprender da criança, sobretudo a escola na qual a criança está inserida, uma vez que a criança precisaria de uma equipe multidisciplinar para fazer o aprendizado acontecer.

Em 2009 finalizo o curso de Psicopedagogia Clínica e Institucional e, volto o trabalho para observar o aluno com o olhar "clínico" também, porque o aprendizado em sala de aula tem um tempo determinado para cada etapa da vida e, nesse momento em se tratando de criança. Concomitante ao curso de Pedagogia e Psicopedagogia realizara também cursos de pequena duração que foram oferecidos pelo MEC em parceria com a SEMED (Secretaria Municipal de Educação), entre os anos de 2005 à 2012.

Em fevereiro de 2013 começo com a formação do PNAIC (Programa Nacional da Alfabetização na Idade Certa) como professora formadora para o município de Palmas e, em outubro do mesmo ano entro no curso Progestão oferecido pelo SEDUC (Secretaria de Estado da Educação) do Tocantins, com carga horária de 300 H. Entre os anos de 2014 a 2018 não realizei nenhuma formação acadêmica e profissional, visto que estava desenvolvendo meu trabalho em sala de aula, com projetos externos (FECIT).

No ano de 2017 estava na regência de P.P.T. (Pesquisa e Produção Textual) com alunos do 1º ao 5º ano. Nesse sentido, realizei uma produção com os alunos de um mini jornal com os principais temas desenvolvidos na escola com os educandos, desde o início até final do ano. Nesse jornalzinho tivemos a oportunidade de escrever sobre a importância de cada tema de acordo com o calendário anual e suas festividades. Assim, podemos destacar: dia das mães; festa junina; dia dos pais; dia do folclore; o trânsito; placas de trânsito; dia das crianças e, as crianças com seus direitos e deveres; dia do professor e, as profissões; consciência negra, um breve histórico e natal. Percebemos que o envolvimento dos alunos foi bastante

significativo, pois a cada encontro demonstravam entusiasmo e dedicação com o que era proposto.

Em 2019 entro numa pausa para cuidar da saúde, fazendo uma cirurgia de histerectomia uterina.

Durante esse ano desenvolvi em sala de aula, na turma do 2º ano, um projeto para a construção de um livreto de receitas com o objetivo de desenvolver a consciência da leitura e escrita e para competência de matemática, construir noções de grandezas e medidas na compreensão e interpretação para resolução de situações e problemas de nosso cotidiano. Dentro desse projeto intencional com a parceria da escola na qual trabalhava, fez-se a escolha de um paradidático de uma escritora do Tocantins que tinha como tema o peixe pirarucu.

Pirarucu em: história de pescador

PIRARUCU,
Cadê tu?
Foi pra o Sul?
Estou aqui no Nordeste.
Na casa de Seu Deusdete!
No silêncio do amanhecer!
Já sei!
Foi comer peixinho,
Naquele rio pequenininho,
Está aqui, tão caladinho,
Na baia do rio São Francisquinho!

Autora: Maria Aparecida Fernandes de Sousa

No ano de 2020 busco ingressar na UFT como aluna especial, fazendo duas disciplinas: Prática de Pesquisa Aplicada Interdisciplinar e Construção social da linguagem e letramento. Com a produção de um pré-projeto.

No mesmo ano realizo um curso ofertado pela UFT, Atendimento Educacional Especializado - AEE com foco nas Deficiências Intelectual e Multipla Sensorial, com carga horária de 180 H, coordenado pela Professora Drª Kátia Rose Oliveira de Pinho, sendo que estávamos na pandemia, por esse motivo foi virtual. Com duração de 6 meses (12/2020 a 06/2021.

Durante a pandemia estava trabalhando em um Cmei (Centro municipal de Educação Infantil), com crianças de 4 anos, ou seja, Pré-escolar I e diante dos desafios de saúde pública nacional e mundial tivemos que nos deparar com um novo jeito de ensinar/aprender.

Foi necessário a criação de um canal no youtube para que não perdesse os vídeos que estavam sendo produzidos por mim. Saber manusear os recursos tecnológicos com habilidade e fazer produções de um jeito lúdico, dinâmico e divertido para crianças de 4 anos foi desafiador e que, precisava ser vídeos pequenos para entreter a criança nas atividades propostas que estavam do outro lado da tela.

Os desafios foram enormes porque muitas crianças não tinham alguém disponível para fazer essa intermediação entre o vídeo do professor e a presença dela para a realização da proposta didática, do outro lado da tela, sem contar sobre a grande necessidade de aparelho celular para tal função, pois estávamos aprendendo a nos relacionar com o outro de maneira virtual. Mas as barreiras foram vencidas. Mesmo com as dificuldades encontradas foi possível realizar as atividades e enviar para as famílias mesmo sabendo que o público infantil alcançado seria pequeno para aquele novo jeito de ensinar e aprender. Durante os seis meses longe da sala de aula presencial foi possível produzir alguns vídeos com as propostas pretendidas para a série em que estava atuando no momento, no

ano de 2020, um exemplo destes : https://youtu.be/jt5cuy7PNJU?is=ShdrXscA2Q5bQ6li

No ano de 2021 entro em um processo longo de dores no ciático, coluna lombar e cervical. Passei por um longo período de licença médica a partir de 06/2021 à 10/2022 realizando no mesmo mês a cirurgia da coluna, com diagnóstico de espondilolistese lombar e CID 10: M51.1, M51.3, M43.1, M99.1, M99.7. Fiquei longos períodos longe do trabalho, retornando em outubro de 2023 como secretária interina em uma escola da rede municipal de Palmas. Em 2024 fiquei em remanejo de função para o Setor da Orientação Educacional.

Durante os seis meses que estava em sala de aula, agora em outra escola, em uma escola do ensino do ensino fundamental de 1º ao 5º ano, estava lotada em uma turma de 2º ano, participei de um projeto externo que tinha como objetivo apresentar os produtos in natura para os alunos dessa turma. Mostrando o caminho desses produtos até a mesa de cada criança. Mesmo passando por um processo longo de tratamento pré cirurgia consegui realizar com êxito. O vídeo encontra-se no link abaixo.

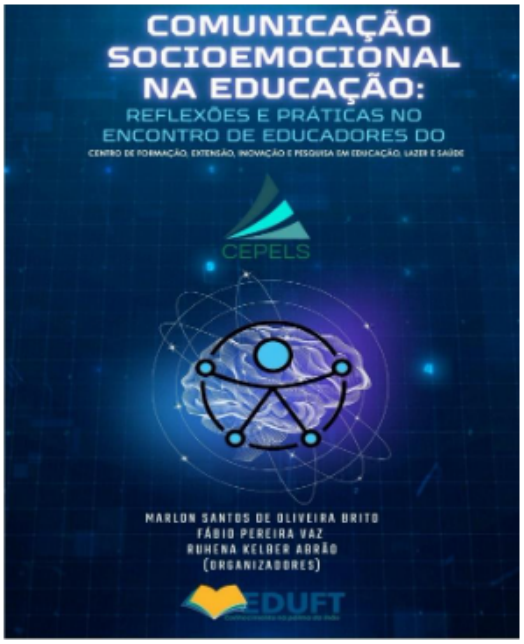
Projeto descasque mais, desembale menos

Em 2025 continuo com o remanejo para Auxiliar de Financeiro e, atualmente, estou de volta à Orientação Educacional, como readaptação no serviço. Como sou professora efetiva, o cargo na Orientação Educacional garante a aposentadoria especial.

Em 2024 participei de uma produção de artigos com o professor da rede municipal, estudante de Doutorado pela UFT com o seguinte tema: A AVALIAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA COMO PRINCÍPIO NORTEADOR DE INVESTIGAÇÃO CLÍNICA E INSTITUCIONAL.

Atualmente finalizando o curso TEA, TDAH e AHSD ofertado pela UFT. No decorrer do curso nos foi proporcionado várias reflexões

a respeito do fazer pedagógico. Assim, os encontros nos permitiram produzir artigos num ebook (COMUNICAÇÃO SOCIOEMOCIONAL NA EDUCAÇÃO: Reflexões e práticas no encontro de educadores do centro de formação, extensão, inovação e pesquisa em educação, lazer e saúde), com organizações dos professores Marlon Santos de Oliveira Brito, Fábio Pereira Vaz e Ruhena Kelber Abrão contribuindo com nossa formação acadêmica e, sobretudo, profissional.



REFLEXÃO A RESPEITO DA SUA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL E ACADÊMICA

No ano de 2025, quando foi ofertado este curso, percebi que teria bastante relevância para minha carreira profissional e acadêmica, mesmo que não esteja lotada em uma sala de aula, mas a vivência do dia a dia com alunos e familiares nos permite entender melhor o processo de ensino/aprendizagem e fazer os encaminhamentos devidos, auxiliando da maneira mais precisa e adequada àqueles que carecem desse auxílio.

Durante toda a trajetória do "ser professor" que não deixou de existir, mesmo que em outros espaços, a interação, o manejo, o ensino, o querer auxiliar esteve presente: nas falas, nos gestos, nos conselhos tanto para as famílias como para os educandos.

Para a minha finalização do curso de Pedagogia fiz uma reflexão para o convite com a seguinte frase: "O curso de Pedagogia não era o tão sonhado, no entanto, estou aqui. Ensinou-me a refletir não somente para o ato de ensinar, mas também, em ser um eterno aprendiz". Realmente o curso cumpriu com seu objetivo, ainda estou aqui! Buscando mais aprendizado para melhor desenvolver a vida profissional e academicamente adquirindo mais conhecimentos.

REFLEXÃO FINAL: O CAMINHO DA JORNADA AO LONGO DA VIDA.

Podemos dizer que somos referências para muitos alunos. O ser professor, não pode se apresentar apenas em sala de aula. Ele vai além das paredes da sala de aula. Carrega consigo a denominação da profissão que não desmembra da vida pessoal, tampouco da missão que é de ensinar. Integra em seu ser de educador, mediador, aprendiz, a vida particular que acabara sendo observada nos diversos espaços que ele, professor, se permitir ir/estar.

A jornada é longa! Mas prazerosa. Encontramos com pessoas que possuem gratidão e encantamento pelo fazer pedagógico. Temos também, àqueles que temem o julgamento e os questionamentos de um professor que busca a reflexão do aprendente, do ser humano. Temos os que são alheios à nossa profissão, os que não valorizam, tampouco a profissão deixará de existir.

Mesmo que a IA ultrapasse as barreiras da luz. A caminhada persiste apesar de longa, dolorosa e prazerosa. O aluno por sua vez, continua existindo, outros professores virão, o ciclo continua

deixando em seu fazer pedagógico, profissionais que dali surgirão para exercerem suas profissões na "roda da vida".

Vejo o quão é significativo e importante o "ser professor". Onde no começo de minha jornada foi apenas para finalizar o curso do ensino médio e que, talvez, cobrir uma parte de meu dia, já que era mãe, dona de casa, com uma jornada de vinte horas. Onde um dia fui atrás de um trabalho, porque tinha acabado o ensino médio e queria exercer a profissão quando, o dono da escolinha em que eu almejava, viu em uma "menina" de 20 anos no currículo, a carga de dona de casa e mãe de 03 filhos, negando assim a oportunidade de um trabalho, porque, segundo ele iria atrapalhar a rotina de sua escola.

Essa foi uma das barreiras encontradas e, muitas outras que passaram pelo meu caminho, mesmo assim, continuei estudando, sendo mãe e "dona de casa". Podemos considerar que esse caminho é um sacerdócio?! É profissão mais para mulheres, como dizia meu esposo?! Essa rota, destino, sucesso, posso dizer que sim, é para quem quiser e gostar de lidar com situações que nos leva a questionar sobre o posicionamento de muitas pessoas, quem gosta de aprender sempre. Ser um eterno aprendiz! É mostrar para o outro que todos somos capazes independente do ponto de vista, dele e do outro.

A profissão de professor também ensina por meio de suas ações, não somente nas quatro paredes da sala de aula. Assim, quando estivermos em outro lugar que não seja o espaço de trabalho, pode ter certeza que existe alguém lhe observando, seja um aluno atual ou de anos anteriores que passaram por nós, professores, e que deixamos nossa marca dentro dele, daí esse olhar de curiosidade, de afeto, de ternura, de admiração, até de compaixão, por tudo que ele vivencia/vivenciou conosco no espaço da sala de aula.

Diante de toda a jornada incessante pelo conhecimento, percebo que tenho que percorrer muito mais, porque meu ponto final na carreira da educação não acaba por aqui. O caminhar, essa construção, é prazerosa, é encantadora, nos torna um ser inacabado, em construção diante dos desafios que nos apresenta queremos desvendá-los, encontrar respostas para a curiosidade que nos cercam nesse mundo do trabalho, chamado educação.

VISÃO DE FUTURO (PROSPECÇÃO) - COMO O(A) AUTOR(A) VÊ O FUTURO E AS LIÇÕES QUE DESEJA TRANSMITIR A SI MESMO.

Ao começar o curso de TDAH, TEA, AH/SD, tinha como objetivo a finalização dele e então tentar o mestrado profissional. Os meses foram passando, a cada encontro na UFT, um professor nos fortalecia com seu aprendizado, deixando em nossas mentes pensantes a sede de mais aprendizado. Percebemos que a "bagagem" de aprendizado que carregamos ainda é pequena diante dos desafios que prepusemos seguir. Essa área de transtornos e altas habilidades e super dotação é bastante prazerosa, mas desafiadora. Requer momentos de investigação, de maiores estudos, de mais conhecimentos para seguir em frente. Diante desses questionamentos e ambições veio à mente o curso de Psicologia, que também é uma área que tinha muito interesse em estudar. Fiz a matrícula em uma Universidade privada e, atualmente estou entrando no segundo período. Quando vejo as pessoas falando que sou bastante corajosa digo: "nunca é tarde para estudar, assim como nosso corpo precisa exercitar, o cérebro também precisa desse exercício para manter a vida ativa".

Conhecer pessoas novas, seguir novos caminhos nos permite vê o futuro de maneira diferente. Como tenho 21 anos de educação, pensei: "porquê não"?! A faculdade de Psicologia durará o tempo que faltarão para a aposentadoria e, então, poderei contribuir de outra

maneira para a sociedade, como Psicóloga. Assim também tenho como objetivo buscar o mestrado profissional para somar à minha carreira e, continuar pesquisando, estudando nas áreas que tenho maior afinidade. É um sonho de longa data, pois quando já, em 2017, venho buscando editais pela UFT para a preparação da seleção de mestrado profissional. Fui selecionada, porém não alcançou a pontuação necessária. Acredito que, atualmente, tenho maiores oportunidades para passar pelo crivo.

Este curso de Pós-graduação oferecido pela UFT foi determinante para que decidisse escolher uma nova faculdade, de Psicologia e, esse legado de conhecimento que adquiri ao decorrer do caminho, no curso, carregarei em toda a jornada acadêmica, profissional e, sobretudo, no convívio daqueles que de minha vida fazem parte.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Marlene. Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática / Marlene Carvalho. – Petropólis, RJ: Vozes, 2005.

PILETTI, Nelson. Psicologia da aprendizagem: da teoria do condicionamento ao construtivismo / Nelson Piletti, Solange Marque Rossato. – São Paulo : Contexto, 2011.

Capítulo 32

DA ALFABETIZAÇÃO EM CASA À PESQUISA ACADÊMICA: CAMINHOS DE FORMAÇÃO E COMPROMISSO COM A EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Marilene Carvalho Soares

RESUMO

Este memorial descritivo apresenta reflexões sobre minha trajetória humana, acadêmica e profissional, evidenciando experiências que contribuíram para a construção da minha identidade como educadora e pesquisadora em formação. Nascida em Gilbués-PI e criada na cidade de Bom Jesus-PI sob os cuidados de minha avó e de minha tia, professora que se tornou minha principal referência de vida, desenvolvi desde a infância valores relacionados à educação, ao compromisso e à responsabilidade. Minha formação escolar iniciou-se no ambiente familiar e foi fortalecida pela convivência com profissionais da educação, despertando o interesse pela docência ainda na infância. Ao concluir o Magistério, mudei-me para Teresina-PI em busca de novas oportunidades de formação, concluindo as licenciaturas em Educação Física pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI) e em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), além da Especialização em Supervisão Escolar. Ao longo da trajetória profissional, atuei na Educação Infantil, no ensino de Educação Física e, posteriormente, na educação inclusiva, experiência que despertou inquietações e interesses investigativos relacionados ao atendimento de estudantes público-alvo da Educação Especial. A atuação como professora auxiliar e, posteriormente, no Atendimento Educacional Especializado (AEE), ampliou minha compreensão sobre acessibilidade, inclusão e formação docente. Paralelamente, busquei qualificação por meio de cursos de formação continuada, participação em eventos acadêmicos e produção de trabalhos relacionados à educação e às tecnologias educacionais. A reflexão sobre essa trajetória evidencia desafios, conquistas, processos de amadurecimento e aprendizagens que fortaleceram meu compromisso com a educação como instrumento de transformação humana e social. Por fim, apresento perspectivas futuras voltadas à continuidade da formação acadêmica em nível de mestrado, com interesse em pesquisas relacionadas à educação inclusiva, formação docente e tecnologias digitais, reafirmando o propósito de contribuir para a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas, acessíveis e comprometidas com a diversidade presente no contexto educacional contemporâneo.

Palavras-chave: Educação. Inclusão Escolar. Formação Docente. Tecnologias Educacionais.

INTRODUÇÃO

Escrever um memorial descritivo é revisitar a própria história e reconhecer os caminhos percorridos que contribuíram para a construção da pessoa, da profissional e da pesquisadora que me tornei. Este exercício de reflexão permite compreender como as experiências vividas ao longo da infância, da juventude e da vida adulta influenciaram minhas escolhas, valores, convicções e projetos de futuro.

Nasci em 1º de agosto de 1970, na cidade de Gilbués, no estado do Piauí. Embora tenha nascido nessa cidade, não foi ali que construí minhas primeiras memórias afetivas. Cresci em Bom Jesus-PI, local onde vivi uma infância marcada pelo carinho, pela convivência familiar e pelas primeiras experiências que moldaram minha identidade humana e profissional.

NARRATIVAS DA FORMAÇÃO HUMANA

Sou filha de um casal muito especial que constituiu uma família com cinco filhos. Meu pai trabalhava como marceneiro e minha mãe dedicava-se aos cuidados do lar. Atualmente, ambos desfrutam de uma vida tranquila e administram uma pequena lanchonete ao lado de sua residência, espaço que se tornou ponto de encontro para amigos, vizinhos e clientes, proporcionando convivência, histórias e afetos. (Figura 1)

Figura 1: Meu pai, minha mãe e meus irmãos - Gilbués (PI)

Fonte: Álbum de família

Embora tenha nascido nessa família, minha criação ocorreu de forma singular. Quando eu tinha aproximadamente três anos de idade, fui morar com minha avó paterna e meus tios, em cumprimento a uma promessa feita por meu pai ainda na juventude, quando se sensibilizou com a viuvez de sua mãe. Durante muito tempo, especialmente na adolescência, essa situação despertou em mim sentimento de rejeição e questionamentos sobre meu lugar na família biológica. Eu acreditava ter sido deixada para trás ou escolhida para viver distante dos meus pais e dos meus irmãos. (Figura 2)

Figura 02: Titia Antonina, titio Plácido, iaiá Benvinda e eu com minha boneca preferida – Bom Jesus (PI)

Fonte: Álbum de família

Com o amadurecimento e a compreensão das circunstâncias que envolveram essa decisão do meu pai, consegui ressignificar essa experiência. Compreendi que não fui rejeitada, mas profundamente amada por pessoas que dedicaram suas vidas ao meu cuidado. Esse processo de cura emocional foi fundamental para minha formação humana e me ensinou importantes lições sobre pertencimento, amor, perdão e gratidão.

Minha avó e minha tia foram figuras centrais em minha educação. Minha avó, a Dona Benvinda acompanhava de perto meu

crescimento, cuidava da casa e zelava para que eu tivesse uma infância feliz. Minha tia, professora de Ciências, tornou-se muito mais do que uma responsável legal, pois ela tornou-se minha referência de vida. Até hoje a considero minha tia/mãe, pois foi ela quem me ensinou valores fundamentais como honestidade, responsabilidade, organização, disciplina, generosidade e compromisso com o próximo.

Guardo com carinho as lembranças da infância vivida ao lado de meus primos, primas e amigas da rua onde morava. As brincadeiras aconteciam no quintal de casa, sob o olhar atento de minha avó. Foram tempos simples, mas profundamente felizes. Meu titio Plácido, estudante de Odontologia em Teresina-PI, também marcou minha infância. Durante as férias, visitava nossa família e sempre trazia pequenas lembranças que eu aguardava com alegria. Sua presença representava para mim uma importante referência afetiva e paterna.

A perda da minha avó, quando eu tinha quinze anos, foi um momento marcante. No entanto, permaneci sob os cuidados de minha tia/mãe, que continua sendo uma das pessoas mais importantes da minha vida. Ainda hoje, sendo eu já adulta, sinto seu cuidado, seu apoio e seu amor presentes em minha caminhada.

HISTÓRIA DA FORMAÇÃO ACADÊMICA

Minha trajetória escolar começou dentro de casa, porque fui alfabetizada por minha tia/mãe antes mesmo de ingressar na escola. Sua dedicação e competência como professora fizeram com que eu chegasse ao ambiente escolar já familiarizada com a leitura, a escrita e os estudos. (Figura 3)

Figura 03: Eu com o uniforme escolar aos 7 anos de idade – Bom Jesus (PI)

Fonte: Álbum de família

Lembro-me de episódios curiosos dessa fase. Algumas tarefas mais difíceis eram realizadas com a ajuda de meus primos ou colegas da vizinhança mais velhos que eu, mas minha tia sempre conseguia perceber quando minhas respostas não correspondiam ao meu processo de aprendizagem. Com sabedoria, ela utilizava essas situações para me ensinar valores relacionados à honestidade, ao esforço e à importância de construir o conhecimento sem atalhos. São ensinamentos que carrego até hoje.

Concluí o antigo 2º Grau com Habilitação para o Magistério na cidade de Bom Jesus PI e aos dezoito anos, mudei-me para Teresina-PI para dar continuidade aos estudos. Essa mudança representou um dos maiores desafios da minha vida, pois significou sair do ambiente familiar, confortável e seguro para enfrentar novas responsabilidades em busca de formação e crescimento profissional, em um local onde tudo era novo. (Figura 4)

Figura 4: Colegas do Curso de Magistério e eu durante a Festa de Formatura – Bom Jesus (PI)

Fonte: Acervo particular da autora

As imagens que compartilho neste memorial representam muito mais do que registros fotográficos de uma etapa acadêmica. Elas simbolizam um período de profundas transformações em minha trajetória de vida. Ao revisitá-las, reencontro a jovem que deixou a tranquilidade de uma cidade do interior para enfrentar os desafios e as oportunidades da capital. Naquele momento, eu me tornei uma estudante profissional e consegui ser aprovada em dois vestibulares. Nesse processo, eu estava ampliando minha visão de mundo e iniciando um processo de crescimento pessoal, intelectual e profissional.

O primeiro ingresso, foi para o curso superior de Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI), e concluí em 1999 com muita alegria e entusiasmada para avançar ainda mais. As imagens abaixo retratam uma fase significativa de crescimento e amadurecimento. A experiência universitária ampliou meus horizontes, favorecendo a construção de novas relações, o desenvolvimento intelectual e o fortalecimento da minha autonomia. Nesse processo, compreendi que a educação ultrapassa a aquisição de conhecimentos, constituindo se como instrumento de transformação pessoal e social. (Figura 05)

Figura 05: Colegas da turma durante as aulas na Universidade Estadual – Teresina (PI).

Fonte: Acervo particular da autora

Ao revisitar esses registros, reconheço não apenas lembranças de uma etapa acadêmica, mas evidências de uma trajetória de formação que me preparou para os desafios profissionais e para os novos caminhos que se abririam ao longo da vida. (Figura 6)

Figura 06: Minha primeira Graduação em Licenciatura Plena de Educação Física pela UESPI - Teresina (PI)

Fonte: Acervo particular da autora

O acesso à Universidade Estadual representou a ampliação dos meus horizontes, e posteriormente, a formação em Pedagogia pela Universidade Federal em Teresina (PI) fortaleceu ainda mais a compreensão sobre o papel transformador da educação e reafirmou minha identificação com a profissão docente. Foi um período marcado por novas aprendizagens, aprofundamento teórico, reflexões sobre os processos de ensino e aprendizagem e pela construção de uma visão mais crítica acerca da realidade educacional brasileira.

As imagens a seguir registram a conclusão da Licenciatura Plena em Pedagogia, com habilitação para o Magistério, pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), em 2000. Ao revisitar esses momentos, reconheço não apenas a conclusão de uma formação acadêmica, mas a concretização de um projeto de vida inspirado, desde a infância, pelo exemplo de dedicação e compromisso com a educação transmitido por minha tia/mãe. (Figura 7)

Figura 07: Colegas da turma durante as aulas na Universidade Federal – Teresina (PI)

Fonte: Acervo particular da autora

Essas imagens testemunham um período de amadurecimento intelectual e fortalecimento da minha identidade profissional. Mais do que a obtenção de um diploma, a formação em Pedagogia representou a confirmação de uma vocação construída ao longo da vida e o fortalecimento do compromisso que continuo assumindo com a educação, com a aprendizagem e com a formação humana.

Ao me reencontrar com o passado, percebo que cada etapa vivida contribuiu para moldar a educadora que me tornei e reforçou a convicção de que a educação permanece sendo uma das mais poderosas ferramentas de transformação individual e social. (Figura 08)

Figura 08: Momentos especiais durante a minha segunda graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) – Teresina (PI)

Fonte: Acervo particular da autora

Posteriormente fiz uma Especialização em Supervisão Escolar, também pela UFPI. Ao longo da minha formação, participei de congressos, seminários, apresentações de trabalhos e publicações acadêmicas, experiências que contribuíram para ampliar minha visão sobre a educação e fortalecer meu interesse pela pesquisa. E nesse movimento, em agosto de 2024 iniciei um Mestrado Internacional na Plataforma Virtual da Must University na Flórida (EUA) no Curso de Tecnologias Emergentes da Educação.

Mais recentemente, participei do curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD), ofertado por meio de parceria entre a Secretaria de Estado da Educação do Tocantins (SEDUC-TO) e o Centro de Formação, Extensão, Inovação e Pesquisa em Educação, Lazer e Saúde da Universidade Federal do Tocantins (UFT).

Essa formação ampliou significativamente minha compreensão sobre as especificidades do desenvolvimento humano, fortalecendo minha atuação junto aos estudantes público-alvo da Educação Especial e contribuindo para uma prática pedagógica mais sensível às diferenças e às potencialidades de cada educando. (Figura 09)

Figura 09: Eu ao lado de professores da UFT durante as aulas da pós-graduação do Curso TDAH, TEA e AH/SD e em pequenos grupos de estudo na Universidade Federal do Tocantins (UFT) – Palmas (TO)

Fonte: Acervo particular da autora

TRAJETÓRIA DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL.

Minha aproximação com a docência começou ainda na infância. Acompanhava o trabalho desenvolvido por minha tia/mãe e admirava seu compromisso com a educação. Lembro-me das ocasiões em que ela trazia pequenos pedaços de giz para casa e eu transformava a porta da varanda em um quadro improvisado, simulando aulas e reproduzindo o que observava em seu cotidiano profissional. Sem perceber, já alimentava o sonho de ser professora.

Minha trajetória profissional iniciou-se ainda durante o curso de Magistério, quando realizei estágio em uma turma de Educação

Infantil. Essa experiência permitiu meu primeiro contato com a prática docente e contribuiu significativamente para a construção da minha identidade profissional.

Atuei como professora da Educação Infantil entre 1987 e 2005, em Bom Jesus (PI), período em que adquiri ampla experiência no trabalho com crianças e no desenvolvimento de práticas pedagógicas voltadas ao processo de alfabetização.

Posteriormente, morando em Teresina (PI), depois de um tempo sendo sustentada financeiramente pela titia Antonina, precisei conciliar meu tempo para os estudos na Universidade e com o trabalho para ajudar nas despesas mensais. Relembrar esse tempo, me traz emoção e alegria pois Deus sempre esteve comigo nesse processo de crescimento pessoal, acadêmico e profissional.

Entre 2005 e 2017, exerci a função de professora de Educação Física, inicialmente por meio de contratos temporários. Em 2010, ingressei na rede pública estadual do Tocantins por meio de concurso público, conquista que representou importante marco em minha carreira profissional.

Posteriormente, entre 2017 e 2021, atuei como professora auxiliar de estudantes com deficiência. Essa experiência despertou meu interesse pelas questões relacionadas à inclusão escolar e evidenciou a necessidade de aprofundar meus conhecimentos sobre acessibilidade, práticas pedagógicas inclusivas e atendimento às especificidades dos estudantes. (Figura 13)

Ao longo da minha formação acadêmica e da trajetória profissional, algumas leituras iniciadas na graduação passaram a adquirir novos significados à medida que passaram a dialogar com minha prática docente, especialmente na educação inclusiva e no Atendimento Educacional Especializado (AEE). Nesse percurso, as contribuições de Paulo Freire fortaleceram minha compreensão da educação como prática de liberdade e transformação social;

Cipriano Carlos Luckesi ampliou meu olhar sobre a avaliação formativa; José Carlos Libâneo aprofundou minha compreensão da organização do trabalho pedagógico; Maria Teresa Eglér Mantoan reafirmou meu compromisso com a educação inclusiva; e, mais recentemente, José Moran e Vani Moreira Kenski ampliaram minhas reflexões sobre inovação pedagógica e o uso das tecnologias na educação.

Hoje compreendo que essas referências ultrapassam o campo teórico, pois elas desenvolveram os alicerces da minha identidade profissional e do meu propósito de contribuir, por meio da pesquisa, para uma educação mais inclusiva, humana e socialmente comprometida.

Ampliando o leque das experiências que somaram para o meu amadurecimento intelectual, destaco o período durante a pandemia da Covid-19 em que atuei na biblioteca escolar Pequeno Príncipe no Colégio Estadual Dom Alano Marrie Du Noday. As fotografias desse período, nas quais todos aparecem utilizando máscaras, representam mais do que um protocolo de segurança sanitária, pois elas registram um momento singular da história da educação, marcado por desafios, incertezas e pela necessidade de reinventar práticas pedagógicas para garantir o vínculo dos estudantes com a aprendizagem.

Nesse contexto, a biblioteca consolidou-se como um importante espaço de acolhimento, interação e construção do conhecimento. Além do atendimento a estudantes e professores, participei da organização e desenvolvimento de projetos de leitura e de outras ações pedagógicas voltadas ao incentivo da aprendizagem e da formação de leitores. Essas experiências fortaleceram minha compreensão sobre a função social da escola e evidenciaram a importância do trabalho colaborativo diante das adversidades.

Ao revisitar essas imagens, recordo não apenas as dificuldades enfrentadas naquele período, mas também os aprendizados construídos coletivamente, a capacidade de adaptação dos profissionais da educação e o compromisso permanente com a formação dos estudantes. Essa vivência ampliou minha percepção acerca do papel educativo da biblioteca e reforçou a convicção de que ensinar e aprender são processos que se renovam mesmo diante dos maiores desafios.

Posteriormente, fui encaminhada para assumir a regência da sala de aula e desde 1º de março de 2023, atuo na Sala de Recursos Multifuncional da Escola Estadual Professora Elizângela Glória Cardoso, desenvolvendo o Atendimento Educacional Especializado (AEE) junto aos estudantes público-alvo da Educação Especial Inclusiva.

O retorno ao trabalho com a educação especial e inclusiva, além de ampliar significativamente minha compreensão sobre inclusão, acessibilidade e eliminação de barreiras à aprendizagem, também tem me encaminhado a (re)construir o meu interesse pela pesquisa a partir de uma curiosidade intelectual e me apropriar das publicações de autores referência nesta área do conhecimento.

Nesse processo, busquei investir continuamente em processos de formação continuada, participando de cursos voltados à alfabetização de crianças com deficiência visual, Libras Básico, atendimento educacional para pessoas cegas e com baixa visão, dentre outros conforme consta do meu currículo lattes. Essas experiências formativas possibilitaram não apenas a aquisição de conhecimentos técnicos, mas também o desenvolvimento de um olhar mais atento às questões relacionadas à acessibilidade, à inclusão e ao direito de aprender.

A escolha da Educação como campo de aprofundamento acadêmico e profissional não aconteceu de forma imediata ou planejada. Ela foi sendo construída a partir das experiências vividas no cotidiano escolar, especialmente durante meu primeiro contato com estudantes público-alvo da Educação Especial.

As inquietações surgidas diante dos desafios pedagógicos, das necessidades específicas dos estudantes e das demandas enfrentadas pelos professores despertaram em mim o desejo de compreender mais profundamente os processos de inclusão escolar. Conviver com colegas que compartilhavam dúvidas, desafios e estratégias de trabalho também contribuiu para ampliar minhas reflexões sobre a necessidade de uma formação permanente capaz de responder às complexidades da educação contemporânea.

Foi nesse movimento de observação, aprendizagem e busca por respostas que nasceu meu interesse pela pesquisa. Compreendi que muitas das questões presentes na prática docente exigem não apenas sensibilidade e compromisso profissional, mas também investigação, estudo e produção de conhecimento. Assim, a inclusão escolar deixou de ser apenas um campo de atuação profissional e passou a constituir-se como um campo de interesse acadêmico, no qual pretendo continuar investindo por meio da pesquisa, da formação continuada e da produção científica.

ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

Ao longo da minha formação acadêmica, participei de atividades de ensino, pesquisa e extensão que contribuíram para o desenvolvimento de competências investigativas e para a consolidação de uma visão crítica acerca do papel social da educação. Essas experiências, registradas em meu Currículo Lattes, incluem participação em congressos, seminários, apresentações de trabalhos científicos, cursos de formação continuada e produções

acadêmicas que, gradativamente, fortaleceram minha aproximação com a pesquisa e ampliaram meu compromisso com a formação permanente.

Entre essas produções, destaco o Trabalho de Conclusão da Especialização em Supervisão Escolar, intitulado "Aspectos da Informática na Educação em Nível de Escolas de Teresina (PI)", desenvolvido sob a orientação do Professor Mestre Francisco Newton Freitas. Essa investigação representou meu primeiro contato mais sistematizado com estudos sobre o uso das tecnologias no contexto educacional, despertando reflexões que permanecem presentes em minha trajetória acadêmica e que, atualmente, dialogam com meu interesse em pesquisar educação inclusiva, formação docente e tecnologias aplicadas ao ensino.

Ao revisitar essa trajetória de vida, admito que cada experiência acadêmica registrada em meu Currículo Lattes representa mais do que um conjunto de certificações ou produções científicas. Elas constituem parte de um processo contínuo de formação que fortaleceu minha identidade como educadora e alimentou o desejo de contribuir, por meio da pesquisa acadêmica, a construção de uma educação mais inclusiva, inovadora e socialmente comprometida e coerente com as transformações da sociedade atual.

EVOLUÇÃO DA TRAJETÓRIA HUMANA, ACADÊMICA E PROFISSIONAL

Ao refletir sobre minha caminhada, percebo que muitos dos valores que orientam minha prática profissional foram construídos a partir das experiências vividas em minha família. A dedicação da minha tia/mãe à educação influenciou diretamente minha escolha profissional e permanece como referência em minha atuação docente.

Reconheço que minha trajetória foi marcada por desafios importantes. Sair de casa ainda jovem para estudar, construir uma carreira profissional, ingressar no serviço público, atuar na educação inclusiva sem formação inicial específica e conciliar trabalho, estudo e vida pessoal exigiram perseverança, resiliência e constante disposição para aprender.

Ao mesmo tempo, também reconheço importantes conquistas, entre elas a aprovação em concurso público, a atuação em escolas de tempo integral, a oportunidade de trabalhar com inclusão escolar, o reconhecimento recebido de estudantes e famílias e a possibilidade de continuar investindo em minha formação acadêmica.

REFLEXÃO FINAL: O CAMINHO DA JORNADA AO LONGO DA VIDA

Há uma frase do célebre educador brasileiro Paulo Freire que considero muito apropriada para encerrar este trabalho acadêmico, pois ela traduz a minha história: "Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando." Ela nos traz a memória que o conhecimento não vem pronto, mas é uma construção gradativa a partir das nossas próprias experiências.

Neste cenário, ao olhar para minha história, percebo que cada etapa vivida contribuiu para minha formação como ser humano, professora e pesquisadora. Compreendo que minha trajetória não foi construída apenas por escolhas individuais, mas também pelo apoio, incentivo e exemplo de pessoas que marcaram minha vida.

A educação foi o fio condutor dessa caminhada de superação, pois mudaram os cenários, os desafios e as responsabilidades, mas o propósito permanecei o mesmo. Primeiro como estudante, depois como professora e, atualmente, também como pesquisadora em formação na expectativa de produzir conhecimento científico para transformar a educação. Cada experiência ampliou minha

compreensão sobre o potencial transformador do conhecimento e reforçou minha convicção de que a educação pode promover inclusão, autonomia e desenvolvimento humano.

PRODUÇÃO INTELECTUAL E RELEVÂNCIA SOCIAL

Para o futuro, desejo continuar investindo em minha formação acadêmica por meio da realização de um curso de mestrado. Pretendo aprofundar meus estudos nas áreas da educação inclusiva, formação docente e tecnologias educacionais, contribuindo para a produção de conhecimento científico e para o aprimoramento das práticas pedagógicas.

Também desejo atuar como pesquisadora e compartilhar os resultados de minhas investigações por meio de publicações acadêmicas, buscando influenciar positivamente outros profissionais da educação.

Como cristã, alimento ainda o propósito de dedicar parte da minha vida ao trabalho missionário, compartilhando valores de fé, esperança e amor ao próximo, inspirada nos ensinamentos de Jesus Cristo, a quem considero o Mestre dos mestres. Assim, sigo minha caminhada acreditando que aprender, ensinar e servir são missões que se complementam e dão sentido à minha existência.

REFERÊNCIAS

ALVES, Lynn; COUTINHO, Isa de Jesus (org.). Tecnologias digitais e educação: novas formas de aprender. Salvador: EDUFBA, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC, 2008.

CAST. Universal Design for Learning Guidelines version 3.0. Wakefield: CAST, 2024.

KENSKI, Vani Moreira. Tecnologias e ensino presencial e a distância. 10. ed. Campinas: Papirus, 2021.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2018.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Summus, 2015.

PLETSCH, Márcia Denise. Educação especial e inclusão escolar: políticas, práticas curriculares e processos de ensino e aprendizagem. Rio de Janeiro: Edur, 2022.

PORTELLA, Fabiani Ortiz et al. Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA): abordagem sociointeracionista unindo para incluir. Revista Psicopedagogia, São Paulo, v. 41, n. 124, p. 133-145, 2024.

PRETTO, Nelson De Luca. Educação, culturas e hackers: escritos e reflexões. Salvador: EDUFBA, 2023.

ROCHA, Aline; SILVA, Fabiana; SOUZA, Rita de Cássia. Tecnologias digitais, acessibilidade e inclusão escolar: desafios contemporâneos. Curitiba: CRV, 2024.

ZERBATO, Ana Paula; MENDES, Enicéia Gonçalves. Desenho Universal para a Aprendizagem como estratégia de inclusão escolar. Educação Unisinos, São Leopoldo, v. 22, n. 2, p. 147-155, 2018.

Capítulo 33

AUTOBIOGRAFIA: MEMÓRIAS QUE CONTAM MINHA HISTÓRIA

Meridiana do Nascimento Bastos

RESUMO

Neste trabalho, compartilho minha história pessoal, acadêmica e profissional, destacando os desafios enfrentados, as conquistas e as aprendizagens que foram fundamentais para minha formação humana e docente. Relato sobre minha infância no campo, em uma família de humildes agricultores, marcada pelas dificuldades de acesso à educação e pelo incentivo constante dos meus pais. Mesmo sem terem estudado, eles não mediram esforços para garantir que eu e meus irmãos continuássemos na escola. Também conto sobre minha mudança para a cidade de Formoso do Araguaia, onde concluí a educação básica e comecei a construir meus objetivos de vida. Apresento também minha formação em Direito, as experiências vividas no empreendedorismo e os desafios enfrentados para conciliar trabalho, maternidade e desenvolvimento profissional. Evidencio o processo de reencontro com a educação, motivado pelo desejo de atuar na área educacional, o que me levou à realização da complementação pedagógica em Letras, ao ingresso no serviço público municipal e, posteriormente, à aprovação no concurso da rede estadual de ensino do Tocantins. Abordo também os obstáculos administrativos e jurídicos enfrentados para garantir minha posse no concurso do município de Porto Nacional em 2020, experiência que exigiu de mim, muita perseverança, resiliência e confiança no que eu acreditava. Trago, ainda, minha busca contínua por formação, por meio da graduação em Pedagogia e de especializações voltadas à educação inclusiva, à neuropsicopedagogia e à gestão educacional, contribuindo para o meu desenvolvimento pessoal e profissional. Por fim, reflito sobre minha atuação profissional e minhas perspectivas futuras, especialmente relacionadas à Especialização em TDAH, TEA, Altas Habilidades e Superdotação. Busco ampliar meus conhecimentos para compreender melhor as diferentes formas de aprender e contribuir para a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas, acolhedoras e significativas. Ao revisitar minha história, reconheço a educação como um instrumento de transformação social, crescimento pessoal e realização profissional, reafirmando a convicção de que nunca é tarde para aprender, recomeçar e construir novos caminhos.

Palavras-chave: Autobiografia. Educação inclusiva. Formação Docente. Transformação.

Apresentação

Meu nome é Meridiana do Nascimento Bastos, tenho 44 anos, sou casada, mãe de três filhos e filha de pequenos agricultores. Nasci em Gurupi, no estado do Tocantins, morei 30 anos no município de Formoso do Araguaia e atualmente moro em Porto Nacional. Minha trajetória é marcada por constantes superações e por determinação em construir uma carreira profissional sólida. Sou graduada em Direito e tenho formação pedagógica em Letras/Português, além de licenciatura em Pedagogia. Também acumulo três especializações nas áreas de Neuropsicopedagogia, Gestão e Docência no Ensino Superior e Orientação Educacional.

A presente narrativa tem como objetivo descrever, de forma reflexiva, os principais acontecimentos pessoais, acadêmicos e profissionais que ajudaram a construir minha identidade e que me conduziram ao ingresso na Especialização em TEA, TDAH e Altas Habilidades e Superdotação na Universidade Federal do Tocantins. A narrativa segue uma ordem predominantemente cronológica, conectando os contextos históricos e sociais que vivi às minhas reflexões pessoais, apoiadas na minha experiência como educadora e como alguém em constante formação.

As primeiras páginas dessa história

Quando eu tinha seis anos de idade, minha família mudou-se para uma pequena fazenda no município de Formoso do Araguaia, interior do Tocantins, adquirida por meu pai com muito esforço. A vida no campo me ensinou valores que carrego até hoje: simplicidade, responsabilidade e determinação. Foi nesse cenário rural que iniciei minha caminhada escolar. Aos oito anos de idade, comecei a estudar em uma pequena escola multisseriada localizada a aproximadamente seis quilômetros de minha casa. Eu e meus irmãos percorríamos diariamente esse caminho a pé, enfrentando sol, chuva e poeira.

Embora a caminhada fosse longa, ela representava muito mais do que um trajeto físico: na verdade, não tínhamos consciência disso, mas era o caminho para um futuro que meus pais sonhavam construir para nós por meio da educação.

Após concluir a alfabetização, meus pais compreenderam que seria necessário buscar novas oportunidades para que continuássemos estudando. Assim, em janeiro de 1991, nos mudamos para a cidade de Formoso do Araguaia, onde cresci, concluí o ensino médio aos 21 anos e dei os primeiros passos rumo à vida profissional.

Escolhas que mudaram minha vida

Em 1997, aos dezesseis anos, conheci Cristiano, que hoje é meu esposo. Sempre muito dedicado à família, aos estudos e ao trabalho, ele se tornou uma grande inspiração em minha vida. Seu exemplo despertou em mim o desejo de continuar estudando e buscar novas possibilidades para meu futuro. Como comecei a estudar mais tarde, concluí o ensino médio aos vinte e um anos. Naquele momento, meu plano era cursar Pedagogia. Entretanto, incentivada por Cristiano, decidi prestar vestibular para Direito como primeira opção e Pedagogia como segunda, na Universidade de Gurupi – UNIRG.

Ao ser aprovada em Direito, segui por esse caminho. Embora tenha concluído o curso no final de 2007, percebi que aquela não era exatamente a área com a qual eu mais me identificava. Ainda assim, a graduação me proporcionou importantes aprendizados, especialmente sobre justiça, cidadania e direitos. Casei-me em 2005 e, em 2009, conquistei uma importante aprovação na primeira fase do concurso do Tribunal de Justiça do Estado do Tocantins, alcançando a quarta colocação para o cargo de Escrivão. Contudo, não obtive êxito na segunda etapa, que consistia em uma prova de digitação. Essa experiência gerou certa frustração e acabou diminuindo meu

entusiasmo para continuar prestando concursos ou seguir carreira na advocacia.

A construção de um novo caminho

Pouco tempo depois, engravidei do meu primeiro filho e fui convidada por uma amiga para ser sócia em uma pequena fábrica de roupas e uniformes. Durante alguns anos, dediquei-me intensamente a essa atividade. Nesse período, também nasceu meu segundo filho. Após a saída de minha sócia, continuei trabalhando e administrando a empresa sozinha. Entretanto, conciliar a maternidade, a gestão do negócio, a vida financeira que não estava muito indo bem e as demandas familiares tornou-se cada vez mais desafiador. Em 2014, engravidei do terceiro filho e percebi que precisava redefinir prioridades. No ano seguinte, decidi vender a empresa. Durante dois anos, dediquei-me exclusivamente aos cuidados da casa e dos meus filhos. Embora fosse um período de muito aprendizado e dedicação, algo martelava dentro de mim, para que eu não desanimasse e nem desistisse dos meus projetos profissionais.

Foi então que despertei para a necessidade de voltar a estudar. Compartilhei desse desejo com meu marido e, posteriormente, com minha cunhada, que já atuava na área educacional. Ela me incentivou a buscar uma formação voltada para a educação. Como já possuía uma graduação, optei por realizar uma complementação pedagógica em Letras/Português. Em 2018, iniciei o curso na modalidade semipresencial. Sem perceber, eu estava encontrando minha verdadeira vocação. Antes mesmo de concluir a formação, surgiu a oportunidade de participar do concurso público para a Educação do município de Porto Nacional. Embora soubesse dos inúmeros desafios que enfrentaria, decidi tentar. Eu precisava acreditar que era possível.

Realizei a prova em agosto de 2019 e alcancei a 60ª colocação, ficando como terceira candidata do cadastro de reserva. Com a chegada da pandemia da COVID-19, o processo de convocação foi retardado, o que acabou favorecendo minha situação, pois me permitiu concluir a formação. No final de 2020, fui convocada. Entretanto, ao apresentar minha documentação, fui informada de que minha formação não atendia às exigências do edital. Aquela notícia parecia colocar fim a um sonho construído. Mesmo diante das dificuldades, não desisti. Com o apoio fundamental de minha cunhada, busquei auxílio junto ao então prefeito Joaquim Maia. Após análise jurídica, foi identificado um dispositivo legal que permitia minha posse. No dia 29 de dezembro de 2020, tomei posse no cargo por meio de um parecer jurídico feito pela Procuradoria do Município.

Porém, a conquista ainda não representava o fim da batalha. Após o primeiro mês de trabalho, percebi que meus colegas receberam seu salário normalmente, enquanto eu não havia recebido. Diante disso, procurei o RH da Prefeitura para saber porque não havia recebido. Fui informada de que havia um procedimento para anular minha posse. A sensação foi devastadora. Senti medo, insegurança e mais uma vez, desânimo. Contudo, novamente encontrei apoio em pessoas que acreditaram em mim. Uma amiga advogada assumiu minha causa e impetrou um mandado de segurança. A Justiça reconheceu a ilegalidade do ato administrativo que pretendia afastar-me do cargo sem o devido processo legal. A decisão judicial garantiu meu retorno ao trabalho e o pagamento dos valores devidos. Mais uma vez, compreendi que a perseverança pode transformar obstáculos em oportunidades de crescimento.

Novos desafios e novas conquistas

Em dezembro de 2021, mudei-me definitivamente para Porto Nacional. Após a pandemia, concluí a Licenciatura em Pedagogia e

realizei diversas especializações na área educacional. Quando foi publicado o edital do concurso da Educação da Rede Estadual, estabeleci uma nova meta. Durante cinco meses, mantive uma rotina rigorosa de estudos, acordando diariamente às quatro horas da manhã e dedicando meus finais de semana à preparação.

Fiz a prova no dia 11 de junho de 2023, um certame difícil. Durante todo o processo, enfrentei o medo e a insegurança, mas procurei manter-me confiante até a divulgação do resultado. Para minha alegria, meu nome constava no Diário Oficial, alcançando a 13ª colocação. Fui convocada logo na terceira chamada, vivenciando a realização de um importante objetivo após um período de dedicação e expectativa. Hoje exerço minha profissão com dedicação, responsabilidade e gratidão. Cada conquista representa a soma de inúmeras renúncias, desafios superados e sonhos que se recusaram a desaparecer.

O QUE BUSCO NESTE CURSO?

Ao me inscrever neste curso, busquei ampliar meus conhecimentos, aperfeiçoar minha prática profissional e fortalecer minha atuação na área educacional. Acredito que a formação continuada é um instrumento muito importante para quem deseja oferecer uma educação de qualidade e contribuir efetivamente para a transformação social. Mais do que adquirir novos conhecimentos teóricos, desejo desenvolver competências que me permitam compreender melhor os desafios da educação e atuar de forma cada vez mais humana, crítica e reflexiva.

VISÃO DE FUTURO: OS PRÓXIMOS CAPÍTULOS DA MINHA HISTÓRIA

Quando olho para o futuro, vejo uma estrada que continua sendo construída diariamente. Aprendi que os sonhos não possuem

prazo de validade e que nunca é tarde para recomeçar. Desejo continuar estudando, aprimorando minhas competências e contribuindo para a formação de crianças, jovens e adultos. Quero ser lembrada como alguém que acreditou no poder transformador da educação e que, mesmo diante das adversidades, escolheu seguir em frente. Se pudesse deixar uma mensagem para mim mesma, seria esta: as dificuldades são passageiras, mas os aprendizados permanecem. Cada desafio enfrentado foi um tijolo na construção da mulher, mãe, esposa e profissional que sou hoje. Minha história é a prova de que a educação transforma vidas. E a minha continua sendo transformada a cada novo capítulo.

REFERÊNCIAS

MORAIS, Joelson de Sousa. Autobiografia, narrativa e pesquisaformação: princípios, conceitos e finalidades nas pesquisas qualitativas em educação. Revista de Educação PUC-Campinas, Campinas, v. 29, e2412953, 2024.

OPENAI. ChatGPT. ChatGPT (modelo GPT-5.5). Disponível em: https://chatgpt.com. Acesso em: 24 jun. 2026.

SANTOS, Yuri Andrei Batista; TORGA, Vânia Lúcia Menezes. Autobiografia e (res)significação. Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 119–144, abr./jun. 2020.

Capítulo 34

O CAMINHO QUE ESCOLHI: MEMÓRIAS DE UMA TRAJETÓRIA ACADÊMICA E PROFISSIONAL

Milena Ferreira Galvão

RESUMO

Este memorial acadêmico apresenta a trajetória acadêmica e profissional de Milena Ferreira Galvão, destacando as experiências, desafios e conquistas que contribuíram para a construção de sua identidade como pedagoga, psicopedagoga e profissional da educação. O percurso formativo teve início com o ingresso no curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins, motivado pelo interesse em compreender os processos de aprendizagem e atuar com crianças que apresentam transtornos do neurodesenvolvimento, especialmente o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Durante a graduação, a participação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) possibilitou vivências significativas na prática pedagógica, no desenvolvimento de pesquisas e na produção científica, contribuindo para a formação docente e investigativa. No âmbito profissional, destacam-se as experiências como atendente terapêutica, coordenadora pedagógica em clínica especializada em neurodesenvolvimento e coordenadora pedagógica na rede pública de ensino, funções que favoreceram o aprofundamento dos conhecimentos relacionados à educação inclusiva, à Psicopedagogia e à Análise do Comportamento Aplicada (ABA). A busca permanente por qualificação levou à realização de cursos de pós-graduação voltados à Psicopedagogia, ao TEA, ao TDAH, às Altas Habilidades/Superdotação e às práticas baseadas em evidências. Atualmente, a atuação na Secretaria Municipal de Educação de Palmas e Secretaria de Estado da Educação tem ampliado a compreensão sobre gestão educacional e políticas públicas voltadas à garantia do direito à educação. A reflexão sobre essa trajetória evidencia a importância da formação continuada, da pesquisa, da inclusão e do compromisso com o desenvolvimento humano. O memorial também apresenta perspectivas futuras relacionadas ao ingresso em um programa de mestrado e ao

aprofundamento dos estudos sobre planejamento individualizado e intervenções psicopedagógicas voltadas a estudantes com Transtorno do Espectro Autista.

Palavras-chave: Educação Inclusiva. Psicopedagogia. Transtorno do Espectro Autista. Formação Docente.

INTRODUÇÃO

A trajetória acadêmica e profissional que construí ao longo dos últimos anos foi marcada por desafios, aprendizados e pela busca constante de aperfeiçoamento. Desde a adolescência, desenvolvi interesse em compreender o processo de aprendizagem e em atuar junto a crianças que apresentam dificuldades de desenvolvimento e aprendizagem, especialmente aquelas com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Movida por esse propósito, escolhi a área da educação como caminho para minha realização profissional, dedicando-me à formação acadêmica, à qualificação continuada e à atuação prática em diferentes contextos educacionais e terapêuticos. Ao longo dessa caminhada, vivenciei experiências que contribuíram significativamente para minha formação humana e profissional, fortalecendo meu compromisso com uma educação inclusiva, acolhedora e baseada em evidências.

CAMINHOS QUE TRILHEI

Formação Acadêmica

Após concluir o Ensino Médio na Escola Estadual São José Operário, em Paraíso do Tocantins (TO), encontrava-me ansiosa para iniciar uma graduação. Motivada por esse desejo, prestei vestibular para o curso de Tecnologia em Alimentos do Instituto Federal do Tocantins (IFTO), Campus Paraíso. Fui aprovada e ingressei no primeiro semestre de 2017. No entanto, ao longo dos primeiros meses,

percebi que não me identificava com a área escolhida e decidi interromper o curso ainda no primeiro período.

Com o passar do tempo, compreendi que essa escolha havia sido motivada mais pela necessidade de dar continuidade aos estudos do que por uma identificação genuína com a profissão. Como acontece com muitos jovens ao concluírem o Ensino Médio, eu acreditava que precisava ingressar imediatamente em um curso superior. Entretanto, essa experiência me ensinou que não bastava iniciar uma graduação; era fundamental escolher uma formação que estivesse alinhada aos meus interesses, aos meus valores e ao propósito que desejava construir para minha vida profissional.

Determinada a encontrar um caminho que realmente fizesse sentido para mim, inscrevi-me, no segundo semestre de 2017, no curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal do Tocantins (UFT) por meio do Sistema de Seleção Unificada (Sisu). Fui convocada no segundo semestre de 2017 e iniciei a graduação no mês de fevereiro de 2018, aos 18 anos de idade.

A escolha pela Pedagogia esteve diretamente relacionada ao meu interesse pelos processos de aprendizagem e pelo desenvolvimento infantil. Desde a adolescência, alimentava o sonho de cursar Psicologia, pois desejava atuar com crianças que apresentavam transtornos e dificuldades de aprendizagem, além de me interessar pela psicoterapia infantil. Contudo, as circunstâncias daquele momento exigiram que eu buscasse alternativas mais viáveis para alcançar meus objetivos profissionais.

Na época, eu residia em Paraíso do Tocantins e tive a oportunidade de obter uma bolsa integral do Programa Universidade para Todos (PROUNI) para cursar Psicologia em uma instituição localizada na cidade de Araguaína. Apesar da alegria pela conquista, a realidade financeira da minha família impossibilitava custear minha permanência em outra cidade.

Além disso, por se tratar de um curso em período integral, seria inviável conciliar os estudos com uma atividade remunerada que garantisse meu sustento.

Diante desse cenário, compreendi que a Pedagogia representava o caminho que me permitiria trabalhar com o que eu almejava. Embora não fosse a escolha inicialmente idealizada, ela me permitiria atuar diretamente com o desenvolvimento humano, os processos de aprendizagem e a educação de crianças. Hoje, olhando para minha trajetória, reconheço que essa decisão foi determinante para minha formação profissional e para as oportunidades que surgiram posteriormente, especialmente na área do neurodesenvolvimento infantil, onde encontrei a realização de um propósito que, de certa forma, já existia desde a adolescência.

Figura 1- Primeiro dia de aula na UFT

Fonte: Fotografia tirada por Milena Ferreira Galvão (2018).

Figura 2- Segundo dia de aula na UFT Fonte: Fotografia tirada por Milena Ferreira Galvão (2018).

Fonte: Acervo pessoal de Milena Ferreira Galvão

Durante a graduação, residia em Paraíso e estudava na UFT, Câmpus Palmas. Fazia esse trajeto todos os dias. Foram anos me dedicando a obter o conhecimento necessário para exercer a profissão escolhida, com muitos aprendizados, evoluções, buscas, descobertas e desafios. Cada conhecimento compartilhado em sala de aula e as outras experiências vivenciadas foram, de maneira indescritível, essenciais.

Durante minha formação acadêmica, tive o privilégio de participar do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), permanecendo no programa por um período de um ano e cinco meses. Essa experiência foi fundamental para minha formação profissional, pois me proporcionou um contato direto com a realidade escolar e com os desafios da prática docente.

Atuei em uma escola da rede municipal de ensino, onde, juntamente com outras bolsistas, desenvolvia e aplicava os planos de aula previamente elaborados. As atividades tinham como foco principal a utilização de jogos matemáticos como estratégia pedagógica, uma vez que as dificuldades relacionadas à

aprendizagem da Matemática haviam sido identificadas entre os estudantes da escola.

Além das atividades desenvolvidas em sala de aula, participei da produção de um artigo científico sobre o uso dos jogos matemáticos no processo de ensino e aprendizagem. O trabalho foi posteriormente publicado em livro, representando uma importante conquista acadêmica e contribuindo para minha formação como pesquisadora.

O tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) surgiu a partir de um recorte desse estudo desenvolvido durante o PIBID. Tive a honra de ser orientada pela professora Carmen Lúcia, uma profissional extremamente competente e pesquisadora da área de Educação Matemática. O processo de escrita do TCC foi desafiador e exigiu dedicação e perseverança, mas consegui superar cada etapa e alcançar a nota máxima na avaliação do trabalho.

A defesa do TCC ocorreu em 30 de junho de 2022, marcando a conclusão de uma importante etapa da minha trajetória acadêmica. Posteriormente, participei da cerimônia de colação de grau, realizada em 11 de agosto de 2022, um momento de grande emoção e significado. Compartilhei essa conquista com minha família, a quem dedico esse título, especialmente à minha mãe, Elizângela, cuja dedicação, apoio e incentivo foram essenciais para que eu chegasse até aqui.

Figura 3 - Apresentação do TCC

Figura 4- Assinatura da ATA de apresentação do TCC

Fonte: Acervo pessoal de Milena Galvão (2022)

Figura 5- colação de grau

Fonte: Acervo pessoal de Milena Galvão (2022)

Figura 6- Eu e minha mãe na minha colação de grau Fonte: Acervo pessoal de Milena Galvão (2022)

Fonte: Acervo pessoal de Milena Galvão (2022)

Experiência Profissional

No ano de 2022, recebi a oportunidade de atuar como Atendente Terapêutica de crianças com transtornos do neurodesenvolvimento. Nesse período, acompanhei duas crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Embora ainda residisse em Paraíso do Tocantins, prestava serviços para uma empresa localizada em Palmas, o que exigia dedicação e compromisso constantes.

Essa experiência foi profundamente transformadora. Dediquei-me intensamente ao trabalho e, após seis meses, fui promovida ao cargo de auxiliar de coordenação pedagógica. Entre minhas atribuições estavam a supervisão das atendentes terapêuticas, a elaboração de materiais pedagógicos adaptados às necessidades das crianças e o desenvolvimento de intervenções fundamentadas na Análise do Comportamento Aplicada (ABA). Recordo esse período com muita gratidão, pois tive a oportunidade de atuar exatamente na área com a qual sempre sonhei.

Durante esse processo, iniciei duas pós-graduações: uma em Psicopedagogia Clínica e Institucional e outra em Análise do Comportamento Aplicada (ABA), para me especializar na área em que havia escolhido trabalhar.

Em setembro de 2022, dei mais um importante passo em minha trajetória ao me mudar para Palmas. Passei a morar sozinha, vivenciando uma realidade completamente nova.

No início de 2023, percebi a necessidade de conquistar maior estabilidade financeira e decidi direcionar meus esforços para o concurso da Educação do Estado do Tocantins. Restavam apenas três meses até a prova, e estabeleci uma rotina rigorosa de estudos. Todos os dias me dedicava à preparação e, nos momentos de cansaço, lembrava-me do propósito que me impulsionava: transformar a minha vida e a da minha família por meio da educação. Eu tinha a convicção de que, se alcançasse essa conquista, minha família também venceria junto comigo.

Após realizar a prova, veio a expectativa pelo resultado. A primeira convocação ocorreu em dezembro de 2023, e fui nomeada em janeiro de 2024. Ver meu nome publicado no Diário Oficial foi um dos momentos mais marcantes da minha vida. Naquele dia, meu pai estava ao meu lado. Nós nos abraçamos, comemoramos, chorei de emoção e imediatamente liguei para minha mãe para compartilhar aquela conquista. Ainda hoje me emociono ao recordar esse momento tão especial. Fui aprovada para o cargo de Coordenadora Pedagógica. Os primeiros meses foram desafiadores, mas fui construindo meu conhecimento na prática, aprendendo diariamente e fortalecendo minha atuação profissional.

Em 2024, participei também do concurso da Secretaria Municipal de Educação de Palmas e fui aprovada dentro do número de vagas. Novamente, fiquei extremamente emocionada e feliz por mais uma conquista.

REFLEXÃO A RESPEITO DA SUA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL E ACADÊMICA.

Hoje compreendo que minha trajetória é marcada pela determinação, pela resiliência e pela capacidade de ressignificar os desafios. Quando percebi que não seria possível cursar a graduação que sempre sonhei, poderia ter desistido dos meus objetivos. Em vez disso, escolhi buscar novos caminhos que me aproximassem do propósito que sempre guiou minha vida profissional. Essa experiência me ensinou que, diante das adversidades, nem sempre podemos controlar as circunstâncias, mas podemos decidir como reagiremos a elas. Para mim, viver significa justamente isso: levantar-se diante das dificuldades, refletir sobre as possibilidades existentes e seguir em frente, sem permitir que os obstáculos interrompam a caminhada.

Foi essa postura que me conduziu até a Pedagogia. Hoje reconheço que essa escolha transformou minha vida. A formação que inicialmente surgiu como uma alternativa revelou-se uma oportunidade de crescimento pessoal e profissional, proporcionando experiências significativas, abrindo portas para minha atuação na área do neurodesenvolvimento infantil e possibilitando minha aprovação em concursos públicos. Olhando para trás, não me arrependo dessa decisão; ao contrário, sinto gratidão pelo caminho que percorri e pelas oportunidades que ele me proporcionou.

Ao longo da graduação, procurei aproveitar ao máximo todas as oportunidades de aprendizagem. Dediquei-me aos estudos, participei ativamente das atividades acadêmicas e tive a oportunidade de integrar o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), experiência que contribuiu significativamente para minha formação docente e para a consolidação da minha identidade profissional.

Além do conhecimento adquirido durante o curso, construí uma base teórica sólida que, posteriormente, foi fundamental para minha preparação para concursos públicos.

Estudar em uma universidade pública foi uma experiência que ultrapassou a aquisição de conhecimentos acadêmicos. Esse percurso ampliou minha visão de mundo, fortaleceu meu compromisso com a educação e, sobretudo, fez com que eu reconhecesse minha própria capacidade de superar desafios e alcançar objetivos que, em outros momentos da minha vida, pareciam distantes. Hoje, tenho a convicção de que os sonhos podem ser concretizados quando são acompanhados de dedicação, perseverança e disposição para transformar os obstáculos em oportunidades de crescimento.

REFLEXÃO FINAL: O CAMINHO DA JORNADA AO LONGO DA VIDA

Ao olhar para minha trajetória, percebo que cada etapa vivida contribuiu para a construção da profissional e da pessoa que sou hoje. Os desafios enfrentados ao longo da formação acadêmica, da atuação docente e da experiência na gestão educacional me ensinaram a importância da perseverança, da responsabilidade e do compromisso com a educação.

A graduação em Pedagogia ampliou minha compreensão sobre o papel transformador da educação na vida das pessoas. As experiências vivenciadas durante o PIBID, os estudos desenvolvidos na área da Educação Matemática e a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso fortaleceram meu interesse pela pesquisa e pela busca constante de novos conhecimentos.

Ao ingressar no campo da Psicopedagogia e da Análise do Comportamento, encontrei uma área pela qual desenvolvi grande identificação profissional. O trabalho com crianças com Transtorno

do Espectro Autista e outros transtornos do neurodesenvolvimento permitiu compreender a singularidade de cada indivíduo e a importância de práticas educacionais inclusivas, humanizadas e baseadas em evidências.

Compreendo que minha jornada ainda está em construção. Os objetivos de ingressar em um programa de mestrado e aprofundar os estudos na área da educação inclusiva e das dificuldades de aprendizagem representam novos passos em um caminho marcado pelo desejo de contribuir cada vez mais para a formação humana e para o desenvolvimento de práticas educacionais que promovam equidade, inclusão e aprendizagem para todos.

Ao refletir sobre minha caminhada, sinto gratidão pelas oportunidades, pelas pessoas que fizeram parte dessa trajetória. Levo comigo a certeza de que a educação continua sendo a principal ferramenta de transformação social e o propósito que orienta minha atuação profissional e meus projetos para o futuro.

VISÃO DE FUTURO

Ao projetar meu futuro acadêmico e profissional, pretendo consolidar minha atuação como pesquisadora e especialista na área da educação inclusiva, contribuindo para a construção de práticas pedagógicas cada vez mais acessíveis e efetivas para estudantes com TEA. O ingresso no Mestrado Profissional em Educação representa uma oportunidade de aprofundar conhecimentos científicos e transformar experiências práticas em produção de conhecimento capaz de impactar positivamente a realidade escolar.

Espero que a pesquisa desenvolvida contribua para fortalecer a formação de professores, ampliar o uso de planejamentos individualizados e favorecer a inclusão escolar desses estudantes. Além disso, desejo continuar atuando como agente de transformação

educacional, colaborando com escolas, profissionais e famílias na construção de uma educação mais humana, inclusiva e baseada em evidências.

Ao olhar para minha trajetória, compreendo que cada experiência vivida reafirmou a importância da formação contínua, da sensibilidade diante das diferenças e do compromisso com a aprendizagem de todos os estudantes. A principal lição que desejo transmitir a mim mesma é que a educação tem o poder de transformar vidas quando é construída com conhecimento, empatia e perseverança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BOSSA, Nadia Aparecida. A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

COOPER, John O.; HERON, Timothy E.; HEWARD, William L. Applied Behavior Analysis. 3. ed. Hoboken: Pearson, 2020.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

PASSERINO, Liliana Maria; VILARONGA, Carla Ariela Rios. Inclusão escolar e tecnologia assistiva. Porto Alegre: UFRGS, 2010.

STAINBACK, Susan; STAINBACK, William. Inclusão: um guia para educadores. Porto Alegre: Artmed, 1999.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes, 2002.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. A formação social da mente. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

Capítulo 35

COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E LINGUAGEM: CONVERGÊNCIAS NA CONSTRUÇÃO DE UM PERCURSO FORMATIVO

Núbia Daiana Mota Carvalho

RESUMO

A elaboração deste memorial permitiu reconhecer que a linguagem sempre permeou minhas experiências, embora essa relação só tenha se tornado evidente há poucos anos. A formação em Jornalismo, a atuação na Educação, a maternidade e o ingresso na Fonoaudiologia revelaram afinidades, até então, despercebidas. Esse movimento de releitura evidenciou meu interesse pela interface entre Comunicação, Educação e Linguagem, conduzindo à busca por respostas para questões relacionadas ao neurodesenvolvimento e aos processos de aprendizagem. Dessa concepção surgiu o esboço de pré-projeto apresentado neste memorial, voltado ao Transtorno do Desenvolvimento da Linguagem (TDL), com foco nas contribuições da Fonoaudiologia para a identificação da condição durante os anos iniciais do Ensino Fundamental.

Palavras-chave: Neurodesenvolvimento. Linguagem. Aprendizagem. Fonoaudiologia.

INTRODUÇÃO

Os acontecimentos e as experiências reunidos neste memorial refletem as escolhas e as oportunidades que, pouco a pouco, conduziram-me até esta especialização. Pela primeira vez, proponho-me a registrar, por escrito, parte significativa da minha história, e, ao fazê-lo, compreender melhor quem me tornei ao longo

destes 41 anos de vida. Voltar a essas lembranças revelou-se um exercício tão desafiador quanto enriquecedor.

Meu nome é Núbia Daiana Mota Carvalho. Sou jornalista, servidora pública estadual na Secretaria de Estado da Educação (Seduc), acadêmica de Fonoaudiologia e pós-graduanda em Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), Transtorno do Espectro Autista (TEA), Altas Habilidades e Superdotação (AH/SD), pela Universidade Federal do Tocantins (UFT).

Minha formação acadêmica e profissional foi marcada pela busca constante por conhecimento e pela convicção de que educação e comunicação constituem instrumentos fundamentais para a inclusão e a transformação social.

Ao olhar para trás, percebo que diferentes fatos foram ampliando minha percepção sobre a educação e o papel da linguagem na comunicação e na aprendizagem. A convivência familiar com educadores desde a infância, a atuação profissional como jornalista na Secretaria da Educação, o contato com o público do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e a maternidade despertaram questionamentos que, ao longo dos anos, passaram a orientar minhas escolhas acadêmicas.

Gradativamente fui assimilando que comunicação, linguagem e educação não eram interesses distintos, mas dimensões de uma mesma inquietação: entender como diferentes profissionais podem contribuir para que o direito à aprendizagem seja garantido a todos com equidade.

FORMAÇÃO ACADÊMICA E PROFISSIONAL

Mesmo reconhecendo toda a relevância do trabalho docente, ser professora não figurava entre meus projetos de infância. Meu

grande sonho era cursar Medicina. Contudo, foi o Jornalismo que escolhi como profissão.

Desde criança fui uma leitora voraz. Na adolescência, aguardava ansiosamente o aviso da bibliotecária sobre a chegada de novos livros na biblioteca municipal. Durante o Ensino Fundamental e Médio destacava-me nas atividades de leitura e produção textual. Aluna com excelente desempenho em Língua Portuguesa venci muitos concursos de redação e sempre demonstrei facilidade para a falar em público. Assim, a escolha pelo jornalismo foi acontecendo naturalmente.

Fui aprovada em meu primeiro vestibular, aos 16 anos. Além da afinidade com a área, o curso representava a oportunidade de dar voz a grupos invisibilizados e contribuir para a democratização da informação. Outro fator decisivo foi a oportunidade de cursar uma graduação pública na então Universidade Estadual do Tocantins (Unitins), que passava pelo processo de federalização.

As vivências na universidade, os estágios, os debates, as greves estudantis e a convivência com colegas oriundos de diferentes regiões do país ampliaram minha percepção de mundo e foram essenciais para a construção de valores que ainda hoje orientam minha atuação, como a ética, a empatia, o respeito à diversidade e o compromisso social.

Durante a graduação, vivi importantes realizações pessoais. Em 2004, tornei-me esposa de Fabiano Cunha e mãe de Marina Mota. A maternidade trouxe novos desafios e exigiu a reorganização da rotina. Passei a trabalhar durante o dia e estudar à noite, conciliando ainda as responsabilidades familiares.

Apesar do apoio recebido de meus pais, de meu irmão e de meu esposo, equilibrar as múltiplas demandas não foi tarefa simples. O último semestre do curso ocorreu em um período marcado pelos desdobramentos do movimento de federalização da universidade,

cuja paralisação das atividades acadêmicas acabou proporcionando o tempo necessário para a finalização do trabalho de conclusão de curso.

A elaboração da monografia intitulada A Espetacularização da Notícia exigiu perseverança diante das limitações tecnológicas e estruturais da época. O acesso à internet somente era possível por meio de conexão discada, geralmente durante a madrugada, quando os custos eram menores e o sinal mais estável. Somavam-se a isso as dificuldades para acessar bibliografia especializada em uma universidade ainda em estruturação.

Porém, todos esses desafios foram superados. Sob a orientação da professora Dra. Walquíria Guimarães, concluí o trabalho com êxito e obtive o título de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, em 2005, já pela Universidade Federal do Tocantins (UFT).

Naquela época, eu não imaginaria que a maior parte da minha atuação como jornalista estaria voltada para a educação pública. Tampouco poderia prever que, anos mais tarde, seria justamente esse universo que despertaria meu interesse pela Fonoaudiologia e pela pesquisa sobre linguagem e aprendizagem.

Telecomunicações, comunicação pública e educação especial

O ingresso no mercado de trabalho não ocorreu inicialmente no Jornalismo. Ainda durante a graduação, atuei no setor de telecomunicações, exercendo funções administrativas e comerciais. Após a conclusão do curso, optei por permanecer temporariamente nesse segmento, uma vez que os veículos de comunicação ofereciam remuneração pouco atrativa e condições de trabalho que não correspondiam às minhas expectativas.

Entretanto, a sensação de não atuar na área para a qual havia me preparado academicamente gerava constante inquietação. O diploma estava guardado, mas o desejo de exercer o Jornalismo permanecia latente.

Só em 2007, iniciei minha carreira na comunicação pública ao ingressar na Secretaria Estadual da Juventude (Sejuv). Embora lotada na Assessoria de Comunicação, minha primeira função foi na equipe de cerimonial. Aos poucos, movida pela vontade de colocar em prática os conhecimentos adquiridos na universidade, fui me aproximando das atividades jornalísticas, conquistando espaço e acumulando funções como mestre de cerimônias e repórter institucional. Foi ali que comecei a sentir o prazer em ser jornalista.

Permaneci na pasta até janeiro de 2011. Contudo, o afastamento da comunicação do Poder Executivo durou apenas um mês. Pouco antes do meu aniversário, em março, recebi o convite para integrar a equipe da Assessoria de Comunicação da Secretaria de Estado da Educação e Cultura (Seduc), desta vez para atuar efetivamente como jornalista.

Na Seduc aprendi as múltiplas dimensões do trabalho de assessoria de comunicação no setor público. Assumi atividades ligadas ao relacionamento com a imprensa, na gestão de crises, na produção de conteúdo institucional e na cobertura de ações educacionais. Além da oportunidade profissional, a Seduc tornou-se um espaço de aprendizado contínuo sobre a realidade da educação básica.

Em 2012, prestei concurso para o quadro geral do Estado e tomei posse, no ano seguinte, como servidora efetiva do Estado do Tocantins, sendo posteriormente redistribuída para a Secretaria da Educação.

Durante os 15 anos de atuação na pasta, acompanhei a implementação de programas, projetos e políticas públicas voltadas

à melhoria da qualidade do ensino, e à promoção da inclusão escolar. Nesse percurso, as pautas relacionadas à Educação Especial passaram a ocupar lugar de destaque em minhas reportagens. O contato frequente com estudantes do Atendimento Educacional Especializado (AEE), professores, equipes multiprofissionais, gestores e famílias, tanto nas escolas regulares quanto nas Associações de Pais e Mestres do Excepcionais (Apaes), despertou em mim o desejo de aprofundar os conhecimentos sobre aprendizagem e neurodesenvolvimento.

Produzi centenas de matérias sobre a Educação Especial e acompanhei importantes marcos da educação inclusiva na rede estadual, dentre eles a criação do Centro de Atendimento Educacional Especializado (CAEE), a implantação da primeira Escola Bilíngue de Surdos do Tocantins, a implementação do Programa de Capacitação Continuada em Neuroeducação e a criação da Lei 4.107, que institui a Política Estadual de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (PEPTEA).

Ainda que minhas funções estivessem vinculadas ao campo da comunicação, percebo que a proximidade com a Educação Especial espalhou as sementes de um interesse que, anos mais tarde, encontraria na Fonoaudiologia e na pesquisa científica novos espaços para germinarem.

Paralimpíadas Escolares: ampliando a compreensão sobre inclusão

Entre todas as experiências vividas na Seduc, a oportunidade de realizar a cobertura jornalística das Paralimpíadas Escolares repercutiu profundamente em minha vida pessoal, acadêmica e profissional. Ao acompanhar a delegação do Tocantins em cinco edições, da maior competição estudantil paralímpica mundial, convivi com estudantes com deficiência em contextos que ultrapassam o ambiente escolar.

Em cada um desses anos, vivenciei momentos de superação, resiliência e determinação. Para além de registrar resultados esportivos, cada história contada mudou meu modo de enxergar o impacto que a escola, a família e as políticas públicas exercem na construção de oportunidades para estes adolescentes e jovens.

O contato direto com os paratletas que apresentavam diferentes necessidades comunicativas ampliou meu entendimento sobre a importância da linguagem, para a acessibilidade e a participação social. Constatei que muitas das barreiras enfrentadas por esses estudantes não estavam relacionadas às suas condições individuais, mas às dificuldades encontradas pelos sistemas educacionais e pela sociedade em reconhecer e responder adequadamente às suas especificidades.

Redefinições do percurso profissional

Durante muitos anos, senti-me plenamente realizada por dar visibilidade às histórias inspiradoras dos estudantes, ao trabalho desenvolvido pelos profissionais da Educação e às políticas públicas educacionais. Sou profundamente grata ao Jornalismo por ter me permitido registrar tantos momentos relevantes da educação tocantinense e por constatar que comunicar também é uma forma de promover a cidadania.

Porém, ao mesmo tempo, começava a me desagradar os novos rumos que o jornalismo tomava. Com a expansão das plataformas digitais, das redes sociais e da inteligência artificial, o exercício profissional passou por profundas transformações e modificou significativamente o mercado de trabalho, exigindo dos jornalistas a aquisição de novas competências. Tudo isso fez com eu cogitasse alçar novos vôos.

Ainda assim, percebo que minha decisão de buscar uma nova formação não nasceu apenas da mudança da profissão. Ela foi consequência da bagagem trazida da educação pública que despertou em mim perguntas que o Jornalismo já não conseguia responder sozinho.

Foi nesse momento que a possibilidade de atuar na interface entre saúde e educação passou a fazer sentido. Hoje compreendo que não abandonei o Jornalismo; apenas encontrei uma nova forma de continuar contribuindo para a educação. Foi ele, afinal, que me conduziu até a Fonoaudiologia.

Empreendedorismo e novos projetos

Paralelamente à atuação no Governo do Estado, vivi uma jornada empreendedora ao lado de meu esposo com a criação do restaurante Beco do Sabor. Durante esse período, direcionei parte significativa da minha atenção para a gestão da empresa e de capacitação relacionados ao setor de alimentação.

Ainda que essa fase tenha reduzido minha participação em atividades acadêmicas formais, proporcionou aprendizagens valiosas relacionadas à liderança, planejamento, gestão de pessoas, marketing, resolução de problemas e relacionamento humano. Empreender trouxe desafios distintos daqueles vivenciados anteriormente, exigindo capacidade de adaptação, tomada de decisão e resiliência diante das incertezas inerentes à atividade empresarial.

Foi uma etapa importante em minha vida, marcada pela aquisição de conhecimentos e competências que continuam presentes em minha atuação profissional e acadêmica.

De volta à universidade: a escolha pela Fonoaudiologia

Com a consolidação do restaurante, reduzi minha atuação na gestão empresarial e tornou-se possível retomar os projetos acadêmicos que haviam sido temporariamente adiados.

O desejo de continuar aprendendo nunca deixou de existir e, nesse período, iniciei uma especialização em Comunicação e Marketing na modalidade de Educação à Distância, buscando aperfeiçoar conhecimentos que pudessem contribuir tanto para minha atuação como jornalista quanto para os desafios do empreendedorismo.

No decorrer dos anos, crescia o interesse quanto à comunicação e aos processos do neurodesenvolvimento. Inicialmente considerei cursar Psicologia, mas foram as especificidades da linguagem humana e sua relação com a aprendizagem que despertaram meu interesse pela Fonoaudiologia.

A escolha pela segunda graduação foi uma importante mudança de percurso profissional. Pela primeira vez, passei a transitar entre os campos da Educação e da Saúde, áreas que, mesmo frequentemente tratadas de forma separada, revelam-se interligadas quando o objetivo é promover o desenvolvimento integral dos indivíduos.

À medida que conhecia as diferentes possibilidades de atuação da profissão, percebia que as especialidades da Fonoaudiologia Educacional e da Linguagem reuniam elementos que dialogavam diretamente com minha história.

Outro aspecto que contribuiu para essa decisão foi a escassez de fonoaudiólogos no Tocantins, especialmente no contexto educacional. O aumento da demanda por serviços ligados ao desenvolvimento da linguagem, às necessidades complexas de

comunicação e aos transtornos do neurodesenvolvimento, evidenciava a necessidade de ampliar o acesso da população a esses atendimentos.

Assim, em 2023, retornei aos bancos da faculdade como acadêmica de Fonoaudiologia no Centro Universitário Unitop, a única instituição a ofertar o curso no Tocantins até então. A nova graduação ocorreu em um período de maior maturidade pessoal, permitindo que eu aproveitasse a formação sob uma perspectiva diferente daquela vivenciada, quando ingressei no curso de Jornalismo.

Voltar à universidade, quase vinte anos após concluir minha primeira graduação, foi uma das decisões mais desafiadoras da minha vida. Eu já não era a jovem de dezesseis anos. Retornava à sala de aula levando comigo as experiências e as responsabilidades acumuladas ao longo dos anos.

No início, senti-me deslocada. A maioria dos meus colegas tinha praticamente a mesma idade da minha filha mais velha, Marina. As metodologias de ensino eram completamente diferentes daquelas que conheci duas décadas antes. Em muitos momentos, questionei se conseguiria acompanhar aquele novo ritmo de um curso presencial. Mas, aos poucos, o medo de fracassar deu lugar ao entusiasmo. Envolvi-me nas atividades acadêmicas, participei de eventos científicos e vivi intensamente a universidade. Continuei sendo uma aluna exemplar, mas agora com uma perspectiva diferente e mais maturidade.

No segundo ano do curso, aventurei-me a participar do Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia, em São Paulo. Eu era a única acadêmica do Tocantins no evento. Conhecer pessoalmente pesquisadores que, até então, faziam parte da minha graduação nas referências bibliográficas foi inspirador. No ano seguinte, lá estava eu novamente. Voltei desses encontros ainda mais convencida de que

havia encontrado nas especialidades de Fonoaudiologia Educacional e Linguagem o campo no qual desejava construir minha carreira.

O retorno à academia foi inspirado pela jornada de minha mãe, que cursou o ensino superior, muitos anos depois de ter finalizado o ensino médio. Com muito sacrifício, trabalhando o dia inteiro e estudando à noite, formou-se em pedagogia e posteriormente especializou-se e educação infantil e alfabetização.

Também a coragem de minha avó materna, Maria Rosa, serviu-me de exemplo. Ela sempre infundiu na família o anseio de estudar. Uma de suas maiores bravuras foi voltou a estudar aos 55 anos. Depois de morar na roça, a maior parte de sua vida, e de criar 12 filhos ela concluiu o curso técnico em enfermagem. Um orgulho para todos nós.

Aproximação com a pesquisa científica

Em 2025, a Seduc e a UFT firmaram parceria para a oferta da especialização em Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), Transtorno do Espectro Autista (TEA), Altas Habilidades e Superdotação (AH/SD). A afinidade entre os conteúdos da especialização e os interesses que vinham se delineando na Fonoaudiologia motivaram minha participação no processo seletivo.

A pós-graduação surgiu como uma oportunidade de expandir os conhecimentos sobre neurodesenvolvimento e aprendizagem. No decorrer do curso, pude conhecer de maneira mais ampla os desafios enfrentados por estudantes com necessidades educacionais específicas. A cada módulo ficava mais evidente a importância da articulação entre saúde e educação na promoção do desenvolvimento e da aprendizagem do público neurodivergente.

No primeiro semestre daquele mesmo ano, também fui selecionada como aluna especial de mestrado do Programa de

Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Tocantins (PPGE/UFT). Foi o início da aproximação com o universo da pesquisa acadêmica.

As atividades desenvolvidas proporcionaram o contato com pesquisadores, grupos de estudo e discussões que ampliaram minha compreensão sobre os processos de produção do conhecimento científico. Destaco, nesse percurso, a influência do professor Dr. Ruhena Kelber Abrão, cuja trajetória acadêmica e generosidade intelectual serviram de inspiração para suscitar a possibilidade de ingressar no universo da pesquisa e produção acadêmica.

Durante as aulas da disciplina do mestrado, conclui que ainda precisava percorrer um caminho importante para me tornar competitiva em futuros processos seletivos. Embora acumulasse ampla experiência profissional, ainda era necessário trilhar um caminho nos espaços de pesquisa.

Essa constatação motivou minha participação em publicações científicas. Entre essas produções, destaco o capítulo Do Bug do Milênio à IA: a revolução e os desassossegos da era das tecnologias digitais, publicado na obra Desassossegos Digitais: Memórias e Experiências no Uso de Tecnologias no Contexto Educacional para a Formação de Professores da/na Amazônia.

Contribui também com a publicação do artigo Educação e saúde na conferência da pessoa idosa na universidade da maturidade: contribuições para o alcance dos ODS 3 e 4 e ainda na elaboração do capítulo Estratégias de Inclusão para Crianças com TDAH: subsídios para coordenadores pedagógicos, produzido no âmbito desta pós-graduação.

Tanto a disciplina do mestrado, quanto a especialização permitiram-me pensar na linguagem e nos processos de aprendizagem como objetos de investigação capazes de produzir

conhecimento e de contribuir para o aperfeiçoamento das políticas públicas educacionais.

A maternidade, neurodesenvolvimento e alfabetização

Entre os acontecimentos mais transformadores da minha vida, está a maternidade. Com o nascimento das minhas filhas, Marina, em 2004, e Helena, em 2014, vivenciei os desafios e as descobertas relacionados ao desenvolvimento infantil e à aprendizagem. De forma especial, a jornada escolar de Marina despertou questionamentos que influenciariam significativamente minhas futuras escolhas acadêmicas.

Marina recebeu o diagnóstico de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) apenas aos 16 anos. Ela apresentava, desde a educação infantil, características do transtorno que hoje consigo reconhecer, à luz dos conhecimentos adquiridos na Educação e na Fonoaudiologia. Na época, entretanto, muitos desses sinais eram interpretados apenas como dificuldades comportamentais.

O processo de alfabetização foi um período particularmente desafiador para toda a família. Meu esposo e eu buscávamos respostas para as questões que ainda não sabíamos explicar. Mudamos de escola, recorremos a aulas particulares, criamos estratégias para incentivar os estudos e participamos de inúmeras reuniões na tentativa de encontrar uma solução para aquilo que chamávamos apenas de "o problema da Marina".

Ela era uma criança inquieta, curiosa e extremamente criativa, mas encontrava obstáculos para se adaptar a determinadas exigências do ambiente escolar. Envolvia-se intensamente com atividades que despertavam seu interesse, mas enfrentava desafios

relacionados à organização e ao acompanhamento de tarefas que exigiam maior concentração.

Lembro-me, especialmente, da dificuldade que ela tinha em permanecer sentada da maneira esperada em sala de aula. Hora sentava-se sobre uma das pernas, hora mantinha os pés sobre a cadeira ou balançava-os continuamente. Naquele contexto, as tentativas de autorregulação eram interpretadas como inadequação ou falta de disciplina.

Uma das inúmeras reuniões escolares ficou marcada em minha memória. A direção da escola sugeriu que "umas palmadas" talvez fossem suficientes para que ela aprendesse a se comportar em sala de aula. Naquele momento, nem a família, nem a escola, dispunha das informações que temos atualmente sobre o TDAH e as diferentes formas de funcionamento neurocognitivo.

O diagnóstico, realizado apenas na adolescência, trouxe explicações para muitas das dificuldades vivenciadas por ela ao longo dos anos. A constatação da neurodivergência não mudou quem Marina era, mas sim a forma como passamos a interpretar sua história escolar.

Depois da descoberta quanto ao “problema da Marina” convivi com a sensação de que, como mãe, eu havia falhado por não conseguir ajudá-la da maneira que ela precisava. Perguntava-me se eu tinha demorado a procurar ajuda, insistia pouco ou deixado de perceber sinais importantes.

O diagnóstico tardio de minha filha veio carregado da culpa materna, mas foi também essencial para assimilar, anos depois, enquanto acadêmica, como a identificação precoce dos transtornos do neurodesenvolvimento e às intervenções adequadas são fundamentais para que as dificuldades de aprendizagem possam ser minimizadas.

O percurso escolar da minha filha mais nova, Helena, também foi marcado por desafios nos processos de aprendizagem. Seu ingresso no Ensino Fundamental coincidiu com o período da pandemia de Covid-19 e com a suspensão das atividades presenciais nas escolas. A adaptação a uma nova escola foi interrompida de forma abrupta e substituída pelo ensino remoto em uma fase decisiva para a consolidação da leitura e da escrita.

Assim que foi possível, devido ao contexto pandêmico, procuramos o apoio de professores particulares para atender às necessidades mais imediatas. Porém, os reflexos daquele período prolongaram-se por mais de um ano.

Preocupados com um possível transtorno do neurodesenvolvimento, o que a esta altura eu já reconhecia ser influenciado por fatores genéticos, buscamos também avaliações especializadas. O resultado afastou a nossa hipótese e apontou dificuldades relacionadas às condições educacionais e às metodologias de ensino às quais ela esteve exposta. Com as intervenções adequadas Helena alcançou a fluência e a compreensão leitora, mas somente ao final do 2º ano do Ensino Fundamental.

Minhas filhas ensinaram-me, por caminhos distintos, que por trás de cada dificuldade existe uma criança com necessidades, potencialidades e contextos próprios. Também mostraram o quanto a escola, a família e os profissionais precisam caminhar juntos neste processo.

Ao recordar esses momentos, noto que muitas das perguntas que direcionam meus estudos sobre a linguagem e a aprendizagem no contexto escolar, nasceram dentro da minha própria casa. Antes de conhecê-las pelos livros, convivi com elas como mãe.

REFLEXÃO FINAL

Ao concluir este memorial, constato que escrever sobre minha história foi muito mais do que recuperar acontecimentos marcantes. Esse desafio permitiu enxergar que as escolhas do passado, que por muito tempo pareceram independentes, revelaram-se parte de uma mesma trama construída entre a vida pessoal, a atuação profissional e a formação acadêmica.

O Jornalismo ensinou-me a escutar com atenção, a reconhecer o valor das vivências e a compreender que o acesso à informação pode transformar realidades. A Educação mostrou-me que ensinar exige sensibilidade e compromisso coletivo. A Fonoaudiologia, por sua vez, fez-me olhar para a linguagem como elemento essencial do neurodesenvolvimento humano.

Foi justamente ao aproximar conhecimentos que antes pareciam pertencer a campos distintos que passei a atribuir novos sentidos aos meus recomeços. Retornar à universidade depois de tantos anos de exercício profissional mostrou-me que a experiência acumulada não representava um ponto de chegada, mas uma base sólida para novas possibilidades de atuação em uma perspectiva multiprofissional.

Julgo que o aprendizado mais significativo deste processo foi reconhecer que as questões que hoje mobilizam meus estudos nasceram do encontro entre diferentes vivências e que agora seguem sendo alimentadas pelo desejo de aproximar saúde e educação, a fim de que a escola possa reconhecer as singularidades de cada estudante e oferecer o apoio necessário no momento em que ele realmente faz diferença.

VISÃO DE FUTURO

As perguntas que surgiram em meu percurso continuam orientando os passos que pretendo dar a partir da conclusão da graduação em Fonoaudiologia, prevista para julho de 2027.

Além de iniciar profissionalmente na nova área, almejo dar continuidade à formação acadêmica por meio da pós-graduação stricto sensu, com foco nas relações entre linguagem, aprendizagem e políticas públicas educacionais. Entre os temas de maior interesse, destaco o Transtorno do Desenvolvimento da Linguagem (TDL), especialmente no que se refere ao seu reconhecimento no contexto escolar e à articulação entre os setores da saúde e da educação.

Espero que o trajeto construído na Comunicação, na educação pública e na Fonoaudiologia permita estabelecer pontes entre esses diferentes campos do conhecimento, produzindo evidências que contribuam para a identificação precoce do TDL e que possam subsidiar políticas públicas voltadas à aprendizagem dos neurodivergentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEFI-LOPES, Débora Maria; SOARES, Aparecido José Couto. Transtorno do Desenvolvimento da Linguagem ao longo do tempo: mudanças diagnósticas e implicações educacionais. In: BRAGA, T.; KIDA, A. S. B.; SOARES, M.; MESQUITA, E. P. (Orgs.). TDL a caminho da visibilidade: definição, avaliação e suporte da infância para a vida. Ribeirão Preto: Booktoy, 2024. p. 62-74.

BISHOP, D. V. M. et al. Phase 2 of CATALISE: a multinational and multidisciplinary Delphi consensus study of problems with language development: terminology. Journal of Child Psychology and Psychiatry, Oxford, v. 58, n. 10, p. 1068-1080, out. 2017.

CONSELHO FEDERAL DE FONOAUDIOLOGIA. Resolução CFFa nº 387, de 18 de setembro de 2010. Dispõe sobre as atribuições e

competências relativas ao especialista em Fonoaudiologia Educacional. Brasília: CFFa, 2010.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JOSSO, Marie-Christine. Experiências de vida e formação. São Paulo: Cortez, 2004.

NORBURY, C. F. et al. The impact of nonverbal ability on prevalence and clinical presentation of language disorder: evidence from a population study. Journal of Child Psychology and Psychiatry, Oxford, v. 57, n. 11, p. 1247-1257, nov. 2016.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Memorial de formação: entre a lógica da avaliação e a (auto)formação. Educação, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-157, maio/ago. 2011.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

Capítulo 36

VIDA É SORTE PERIGOSA: O QUE ELA QUER DA GENTE É CORAGEM

Rickesley da Silva Alves

RESUMO

O presente trabalho aborda as questões de (auto)biografias plurais pessoais do autor, cujo recorte trata da relação entre uma mãe, uma filha com Transtorno de Desenvolvimento Intelectual e um filho cuja escolha pela docência e pela literatura caminha em entreVersamentos e atravessamentos das três histórias. A metodologia qualitativa usada para a escrita foi a escuta ativa aos becos das memórias através de conversas gravadas. Ao final, temos um projeto de mestrado que entrelaça literatura e decolonialidades.

Palavras-chave: (Auto)biografias. Memórias. Inclusão. Projetos de futuro.

HISTÓRIAS CONTÍNUAS E CRUZADAS

PARTE I - MARIA APARECIDA

"Deus vai me instruindo e eu vou fazendo... E eu nem tinha Deus na época!". Disse dona Aparecida, de forma incisivamente enérgica e forte, tal qual a sua personalidade de vida, no dia 21 de abril de 2026. Às 11h59 da manhã, quando narrou tudo de novo para mim...

Assim começa a história de como minha mãe, antes de LBI e de outras legislações da pessoa com deficiência, e antes de ter instruções acadêmicas, fez um trabalho de inclusão com a minha irmã mais velha, hoje com 47 anos, e que vive com Transtorno do Desenvolvimento Intelectual.

"Casei, Rick! Casei com teu pai, porque... Não aguentava mais. Mas só podia sair casada, né? Naquela época era assim. Senão era mulher rameira. Isso eu não sou. Foi aos 15... Aos 17 'tava grávida das meninas."... "Mãe era assim: 'Cê vai, mas né pra voltar mais não! Eu não te aceito em casa não, não adianta pedir ajuda, que eu não vou te ajudar!".

Quando eu engravidei de Shirli, eu não conseguia me alimentar... Só comia fruta. Eu tive vômito até seis meses, minino! Aí ela ficou fraca e desceu sozinha pra sair, pra nascer! ... Eu não conseguia me alimentar porque tudo que batia dentro, batia fora. Eu tinha enjoo. Ela ficou fraca, né?! E ela era gêmea. Duas criança do mesmo sexo. Na verdade, pelo médico, eu descobri quando eu fiz um raio-x. Na época num era ultrassom... "Vamo fazer raio-x pra saber quantos filho" porque o médico me examinava e falava "Tem dois coração bateno". Eu falei "não é, não! É só um!". Ele falou "então sua filha é diferente de todo mundo, porque bate dois coração". Deu dois e ele viu que era menina também...

Eu fiquei triste no momento. Eu tinha feito enxoval só pra uma. Eu morava em dois comodozin, era barraco. Madeira. Tinha vários cômodos emendados. Tipo um cortiço. Aí eu descobri que... Depois eu fui morar com a mãe do teu pai. Meu sogro. Ele, teu vô de consideração, ficou com medo de eu perder a minina, me chamou. Mãe era assim né "cê vai, se é pra casar cedo, cê vai, eu não te aceito em casa mais não... Não adianta vim pedir ajuda que eu não vou te ajudar". Num era ruindade não. Nunca entendi bem minha minha mãe não. Mas aí eu não pedi ajuda pra ela. Ia lá, visitava ela e vinha embora. Passando toda dificuldade eu não contava pra ela. Mas a dona Raimunda, a mãe do teu pai, ela sabia de todas as coisas. Eu contava pra dona Raimunda o que eu passava. A necessidade, fome... Seu Luís comprava, que era o pai do Jura de criação. Meu sogro gostava de mim. Ele me ajudava muito "vou te botar lá em casa que

Raimunda te ajuda, chama médico pra você se cê passar mal". Eu não era de mal com ninguém não. Deu certo. Eu fiquei lá. De madrugada eu levantei um dia e tava só perdendo sangue. Ela chamou o Jura "Jura, leva essa mulhé pro hospital que ela tá perdendo sangue!". Cheguei lá, o médico me examinou "Essas meninas tão encaixadas, elas vão nascer". Eu tinha um papel pra fazer cesário, né?! Uma tava de cabeça pra baixo e a outra de cabeça pra cima. Só que como eu já tava perdendo sangue não dava mais tempo de cesário mais. O médico "não, não tem vaga aqui não, tem que transferir ela". Me transferiu. Não tinha vaga de novo no outro hospital. Me transferiram de novo para outro hospital. Me esqueci o nome. Foi um hospital lá... Eu fiquei nele. O homem da ambulância "olha, eu vou deixar a sinhora aqui, vou rodar mais não, senão esse minino vai nascer dentro do carro" e me deixou lá, mas no hospital me deixaram numa cama...num canto... Naquela época, né?... Eu era a preta no quarto. Foi uma, duas, três mulhé mais clara que eu que chegaram depois, tudo perto de ganhar também, e foram atendidas. Eu apertei pra ganhar elas, elas já iam nascer. Não aguentei. Eu ajoelhei no chão, só que não deu tempo. A mulher viu que eu tava no chão "mulher cuida que cê tá esperando dois minino", "Mas ninguém quer cuidar de mim, aguento mais não, vou ganhar aqui no chão". Uma lá que chamou a enfermeira. Me levaram pra ganhar neném, tinha uma mulhé ganhando. "Cê tem que esperar aí na maca". Não nascia mais quando eu fiz força... foi fórceps, me rasgaram inteira. As meninas... Dr. Alvarenga, eu sei até o nome do médico que fez o parto. Elas não nasciam porque tava ultrapassada. Puxada a ferro. Eles puxaram ela. Shirley nasceu primeiro, roxinha, é que faltou oxigênio, passou da hora. Quinze minutos depois nasceu a outra. Puxaram ela pelos pé, foram tudo pra emergência. Elas tinha um quilo e mei. Foram tudo pra UTI. Falei pro teu pai "Jura, elas nasceram pretinha". "Mas eu ouvi falar que até fi de urubu nasce branco, por que elas nasceram pretinha?"

"Era o oxigênio. Faltou...". Elas nasceram cinco e quinze, e cinco e meia da manhã.

Eu levei pra casa, elas não sugavam peito! Não tinham força pra sugar peito. Um quilo e quinhentos e quinze. O médico falou que tinha que internar elas. Elas tavam perdendo peso em casa. Moraram quatro meses no hospital. Shirli, né, porque a outra morreu com dois meses e vinte e sete dias. Foi de infecção hospitalar. A outra bebê, com dois meses, ela já me conhecia. Sheyla. Já ria pra mim. Quando eu chegava lá ela sabia que eu era a mãe dela. Eu creio que... - Nesse momento do relato não teve jeito, a lágrima simplesmente verteu, minha mãe chorou e ali eu me afligi- ...eu creio que ela era normal... Ela teve alta duas vezes, eu levei ela pra casa, mas ela deu pneumonia. Eu tive que voltar com ela duas vezes. Shirli não tinha tido nenhuma alta. Sheila morreu com dois meses e vinte e sete dias.... Eu pensei que ela tava melhor que Shirley, foi ela quem morreu... Shirley era mais molinha, ela não me conhecia... Eu chegava lá ela me olhava.. me olhava... mas...não ria pra mim... acho que ela não sabia. O caixãozinho branco... Shirli tomou as vacinas... adiantava nada, ela teve todo tipo de doença... A outra morreu de gastrointerite, desidratação, infecção hospitalar...Shirley também teve... era mais resistente.

Eu levei Shirley pra casa com quatro meses. Ela não tinha uma ação de bebê de quatro meses. Eu achei estranho. "Deve ser porque ela tava no hospital. Mas ela vai melhorar!". Fui na consulta. Falei com a doutora "não, ó, vou te encaminhar pro COMPP!"*. COMPP é o mesmo que uma junta médica, que tem psicólogo, tem neuro, tem psiquiatra. Fizeram lá um eletro na cabeça dela. Ela não tava com a idade certa pra mentalidade. Não era certa pra idade. A junta médica falou pra mim "Ela tem doze anos de atraso. Quando ela tiver doze anos é que vai ser como se tivesse um ano". Ele falou "Sempre ela vai ter doze anos de atraso". "A sinhora tá entendendo?" "Tô entendendo!"

"A sinhora compreendeu?" "Compreendi!". "Ela vai crescendo, a sinhora não vai ter ela normal como as outras crianças. A sinhora prepara o seu psicológico!". É duro a mãe ouvir essas coisas...

PARTE II - SHIRLEY

Ela foi pra escola. Muitos meninos judiaram dela. Ninguém queria brincar com ela. Já olhavam ela como uma boba, não como uma criança normal. Eu coloquei todo o amor do mundo por ela. Ela é minha filha. Criei com amor. Dei carinho. Dei proteção. Ela só tinha eu na vida. Ela não tem culpa do problema que ela tem. Ela não tinha nada, Rick! O laudo que saiu mostrou "Hipóxia, dona Maria". "Demorou nascer, deu problema no cérebro". "Ela não entende ela". Eu tinha que amar ela como jamais. Muita gente chamou ela de doida. Rejeitaram ela a vida toda. É doído. Chorei muito. A psicóloga do laudo falava pra mim que era pra eu controlar meu psicológico. Eu tinha que lembrar disso acima de tudo. Eu sei... eu amo a minha filha. "Retardamento no Q.I" o psiquiatra falou. O povo começou falar pra mim "essa menina sua não é normal". Eu botava ela sentada num local, ela ficava lá o dia inteirinho quietinha se eu não tirasse ela do local. Ela não tinha ação. Se eu deixasse ela na cadeira ela ia fazer tudo na cadeira... cocô, xixi. Se desse comida: bem! Se não desse, ela não pedia... Ela não falava.

Com uns três anos e pouco ela andou, as perninhas dela eram fracas, entortou toda. Jura brigava comigo. Eu tinha dois problemas: a menina assim e o pai da menina. Ele não me aceitava. Não aceitava a menina. Ele não queria a filha assim, né. Ele falou que não queria a filha. Que a culpa da menina ser assim era minha. Ele separou de mim. Pra mim era uma revolta muito grande. O povo da rua era menor dos problema, mas a família... É muito doído, né?! O que mais dói é a rejeição da própria família. Ela não tinha culpa. Se ela era minha filha, se eu que botei no mundo, eu aceitei. "Pega essa menina

no braço, essa menina andando é muito feia!". Jura falava assim "Com essa perna toda torta, carrega essa menina que eu tenho vergonha dessa menina". Eu carregava ela pra ir pros lugar. É a vida! Depois aí começa mais luta... O povo da rua xingava ela. Falava que ela era doida. "Ela por acaso já jogou pedra em você pra ela ser doida?" Eu tive muita luta. Ela teve também. Ela sentia, só não entendia.

PARTE III - (RE)EXISTÊNCIA

Coloquei em tudo, Rick! Em tudo! Sabia nada, mas já era mocinha, adolescente, coloquei pra lavar roupa, pra fazer arroz. Queimava o arroz todo, mas fazia. O importante era fazer. A gente comia. Uma hora aprendeu. Hoje ela faz tudo, né, cê vê aí: limpa a casa, lava, passa, cozinha. Coloquei pra fazer as coisa na igreja. Pastor Sebastião, Irmã Joana, ela que deu a oportunidade pra Shirli cuidar do departamento infantil. Cuidou com todo o carinho. Arrumava a salinha da escola dominical e até ajudava a contar as histórias de Jesus quando a professora lá faltava. "A fé vem pelo ouvir. Ouvir a palavra de Deus!". Ela aprendia na doutrina, no culto de domingo e ensinava pras crianças quando a professora faltava. Irmã Joana ficava admirada "Irmã Aparecida, como ela conta bem as histórias para as crianças, ein!" Foi ela quem deu a primeira oportunidade pra Shirli na igreja e Shirli se virou. Fez direitinho. Tanto que até hoje tá lá, né!? As irmãs saíram, trocou o pastor, mas ela ficou lá cuidando.

PARTE IV - VIDA ADULTA

Jasley era um traste. Eu não sabia. Pediu pra namorar ela. Eu deixei. Eu avisei "ó, ela tem esse problema, mas ela cuida da casa, cuida do lar. Minina, ela sabe é tudo!" "Não, irmã, eu não olho pra isso não! Meu amor é por ela". "Shirley, cê quer?" ela quis. Eu expliquei e

deixei. Trinta anos, né. Jasley não conseguiu levar ela pra cama, arrumou outra lá... piranha. Shirley sofreu, Rick. Quase perdeu a fé. Chorava. Mas Deus mandou o Edson. Falei "ó cuida direitinho...". Tá aí, casou, teve Sarinha.

Fui mermo atrás da casa deles! Minha filha ia ter casa Sim! Ela ganhou a casa aí desse programa do governo. Hoje eles têm casa, no nome dela, claro, porque se separar ela fica com a casa. Deixei ela casar igual eu não, que foi no comunhão total de bens. Maior besteira! Ganha a casa primeiro!... Trabalhou lá na creche. Foi demitida. Mas trabalhou! As meninas não tinham paciência com ela. Achavam que ela demorava demais pra limpar o banheiro. Outra luta. Era só ter explicado direitinho "Shirley, tem que ser mais rápido" ela ia fazer, mas é preconceito. Aí preferiram puxar o tapete dela. Mas ela conseguiu casa. No dia da demissão irmã Marta me chamou lá na creche "ó, irmã Aparecida, eu gosto de Shirley, mas ela não tá se dando bem..." Sei... mas Deus é quem sabe de todas as coisas. Eu fiquei triste. Mas foi o tempo de ela conseguir a casa, comprovar renda pra conseguir a casa. Porque o governo deu, mas tem que pagar lá as prestação, né?! Ela tá aí, tá bem. Tem os móveis dela. O marido dela. A filha dela... minha netinha.

PARTE V - RICK

Eu demorei muito a entender que minha irmã, 14 anos mais velha que eu, tinha atraso cognitivo. Era ela quem cuidava de mim quando eu era pequeno. Brincava comigo de "cadê o gato que tava aqui" e assim ia passando o dedo indicador da ponta do meu nariz até o meu sovaco, lugar onde ela supostamente achava o gato e terminava fazendo cosquinhas. Eu ria. Ria muito. "O gato faz bagunça" dizia ela. E lá se iam mais cosquinhas. Não entendia as brigas dela na escola, os afastamentos do povo da igreja do lado dela, assim que ela sentava ao lado de alguém. Foi um dia! Nesse dia

eu entendi tudo. Aí toda a revolta por tudo o que ela passava foi invadindo o meu ser. Eu também queria brigar com o mundo por ela.

Tornei-me professor. "Vou alfabetizar minha irmã!". Casa de ferreiro, espeto de pau! Demorei a me encontrar na sala de aula. Demorei a entender meus alunos típicos e os meus alunos neurodivergentes. Busquei. Eu não sabia o que fazer. Precisei voltar ao meu lugar de origem. Sentar. Ouvir com todo respeito minha mãe me contar toda a história dela e da minha irmã novamente. Chorei. Havia perdido o meu propósito. Estava esgotado na sala de aula. Meus alunos com TDAH e TEA causavam em mim a ansiedade por não saber como ser docente nesses casos. Fui preparado para o conhecimento acadêmico das letras portuguesa, mas não sabia lidar com o humano diverso. Era tecnicista. Vigiar e punir, o lema da educação. O contraste com a necessidade de limite: Freud e o mal estar da civilização! Finalmente veio o autorreconhecimento: "eu tanto aprendi, que finalmente entendo: nada sei!"

Curso para TDAH, Curso para TEA, Curso para Altas Habilidades, Curso para alfabetizar. Curso para trabalhar com Deficiência Intelectual e muita terapia para me entender! Pés calçados para voltar ao chão do meu lugar. Essa é a fé. É nisso em que acreditar. Minha irmã gostava de quando eu lia pra ela. Ficava interessada "E o que aconteceu com ela?" "Nera melhor ela pegar um ônibus e sair daí?" eram perguntas e sugestões para cada história escutada. O caminho veio pela literatura: Shirley aprendeu as letras, até arrisca algumas sílabas, mas não sabe ler... Ainda!

O caminho parece ser pela literatura. Morei em diferentes estados, mas foi esse circular que me fez perceber: precisei sair, para entender onde eu deveria estar. É lá. O meu lugar é ali, ensinando minha irmã mais velha, hoje essa potência de mulher, a completar o ciclo de letramento iniciado por minha mãe. De ampliar dela a leitura de mundo, adicionando aí a leitura da escrita. Sim... ela segue crente,

segue na igreja, com a sua fé, e segue com as fofocas das irmãs da igreja. Mas ainda sonha em ler a bíblia ela mesma. Sonha em ler ela mesma para a filha as histórias que já lhe contei. É o que ela me diz "depois cê traz lá o livro e me ensina quando cê tiver um tempinho, que eu vou ler pra Sarinha!" E até pega os livros infantis e conta as histórias para a própria filha como se ela mesma as estivesse decodificando as palavras...E vai!

É assim, né, a vida:

> esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem. O que Deus quer é ver a gente aprendendo a ser capaz de ficar alegre a mais, no meio da alegria, e inda mais alegre ainda no meio da tristeza!
>
> A vida inventa! (ROSA, 2006. p. 318).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BISPO DOS SANTOS, Antônio. A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC): educação é a base. Brasília, DF: MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em:

http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf . Acesso em: 29 agosto. 2025.

BRASIL. Lei Federal nº. 10.639, de 09/01/2003. Estabelece a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-brasileira no currículo da Rede de Ensino no Brasil. Brasília: Gráfica do senado, 2003.

CARVALHO, T.; SILVA, C.; BIANCHI, E. Análise crítica da pesquisa narrativa. Research, Society and Development, V. 10. n. 8, Julho, 2021.

CÂNDIDO, Antônio. A literatura e a formação do homem. Campinas: remate de males, 2012.

COSSON, Rildo. O paradigma da formação do leitor. In: COSSON, Rildo. Paradigmas do ensino da literatura. São Paulo: Contexto, 2024. p. 127-169.

CUTI. Literatura negro-brasileira. São Paulo: Selo Negro , 2010.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. In: DALCASTANGE, Regina; EBLE, Laetícia Jensen. Literatura e exclusão. Porto Alegre, RS: Zouk, 2017.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: EDUFBA, 2008. FLICK, Uwe. Introdução à pesquisa qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

OSAKABE, Haquira. Ensino de gramática e ensino de literatura. In. GERALDI, João Wanderley (org.). O texto na sala de aula. São Paulo: Ática, 2006.

ROSA, João Guimarães Rosa. Grande sertão: veredas Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.

SANTOS, Boaventura; ARAÚJO, Sara; BAUMGARTEN, Maíra. As Epistemologias do sul num mundo fora do mapa. Sociologias, Porto Alegre, ano 18, n. 43. set/dez 201, p. 14-23.

SARTRE, J-P. A náusea. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020, p. 35.

WALSH, Catherine. Interculturalidade e decolonialidade do poder: um pensamento e posicionamento "outro" a partir da diferença colonial. Revista Eletrônica da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pelotas. V. 5, n. 1, Jan.-Jul, 2019.

Capítulo 37

MINHAS MEMÓRIAS: LEMBRANÇAS QUE ME FAZEM CRESCER

Ronaira Lourenço Gomes

RESUMO

Minha trajetória é marcada por desafios, aprendizados e muitas conquistas construídas com esforço, fé e dedicação. Nascida em Palmeirópolis, Tocantins, cresci em uma família simples, onde aprendi desde cedo valores fundamentais como responsabilidade, respeito e perseverança. Após a perda do meu pai, minha mãe assumiu sozinha a criação dos filhos, tornando-se um grande exemplo de força e determinação em minha vida.

Durante minha caminhada escolar, enfrentei mudanças importantes, especialmente quando me mudei para Palmas. Essa experiência contribuiu para meu crescimento pessoal e ampliou minha visão de mundo. Desde jovem, procurei conciliar estudos e trabalho, sempre buscando novas oportunidades para ajudar minha família e construir meu futuro.

Minha identificação com a educação surgiu durante os anos em que trabalhei no Colégio Marista. Foi nesse período que percebi o quanto a educação poderia transformar vidas e decidi investir na minha formação, concluindo a graduação em Pedagogia. Mais tarde, iniciei minha atuação como professora da Educação Infantil, profissão que escolhi exercer com amor, compromisso e responsabilidade.

A pandemia da COVID-19 trouxe grandes desafios para a educação e para minha prática docente. No entanto, esse período também fortaleceu minha capacidade de adaptação, criatividade e dedicação aos estudantes e suas famílias.

Na vida pessoal, vivi momentos delicados durante minha segunda gestação, considerada de alto risco. As dificuldades enfrentadas fortaleceram ainda mais minha fé, minha resiliência e minha gratidão pela vida, ensinando-me importantes lições sobre superação e esperança.

Atualmente, atuo na Secretaria de Estado da Educação do Tocantins, onde continuo contribuindo para o fortalecimento da educação pública. Além disso, sigo investindo em minha formação profissional por meio de especializações e estudos voltados à educação inclusiva, buscando oferecer uma educação cada vez mais humana, acolhedora e de qualidade.

Ao olhar para minha trajetória, reconheço que cada desafio enfrentado contribuiu para a profissional e a pessoa que sou hoje. Minha história é resultado de muito trabalho, perseverança e do desejo constante de aprender, crescer e contribuir para a transformação da sociedade por meio da educação.

Palavras-chave: Educação; Superação; Formação Continuada.

APRESENTAÇÃO

Este memorial tem como objetivo apresentar minha trajetória de vida, formação acadêmica e experiência profissional, evidenciando os caminhos percorridos até minha chegada ao Curso de Especialização em TEA, TDAH, Altas Habilidades e Superdotação.

Ao revisitar minha história, reconheço que cada desafio enfrentado, cada conquista alcançada e cada oportunidade recebida contribuíram para a construção da profissional e da pessoa que sou atualmente. Este relato representa não apenas uma retrospectiva de minha caminhada, mas também uma reflexão sobre o papel transformador da educação em minha vida.

MINHA HISTÓRIA E ORIGEM

Meu nome é Ronaira Lourenço Gomes, tenho 34 anos e sou natural de Palmeirópolis, município localizado no interior do Estado do Tocantins.

Venho de uma família simples e humilde. Meus pais não tiveram acesso à educação formal, realidade bastante comum para muitas famílias brasileiras de gerações anteriores. Meu pai faleceu quando

eu tinha apenas um ano de idade, fato que marcou profundamente a história da minha família.

A partir desse momento, minha mãe assumiu sozinha a responsabilidade de criar a mim e ao meu irmão. Com muito esforço, dedicação e amor, ela desempenhou simultaneamente os papéis de mãe e pai, tornando-se meu maior exemplo de força, coragem e perseverança.

Foi observando sua luta diária que aprendi valores fundamentais como honestidade, responsabilidade, fé, respeito e determinação.

Figura 1 – Infância em Palmeirópolis

Registro de minha infância em Palmeirópolis, cidade onde construí os valores que norteiam minha vida pessoal e profissional.

Figura 2 – Amizades e convivência na infância

Momentos marcantes da infância ao lado de amigos e familiares, período repleto de brincadeiras, convivência comunitária e experiências que contribuíram para minha formação humana e social.

Minha infância foi marcada por muitas brincadeiras, amizades sinceras, convivência familiar e momentos felizes. Nossa família sempre foi muito unida, cultivando sonhos, projetos e valorizando os estudos como ferramenta de transformação social.

As viagens para Goiânia, Gurupi e Caldas Novas durante as férias constituem lembranças especiais desse período tão significativo da minha vida.

TRAJETÓRIA ESCOLAR

Minha trajetória educacional iniciou-se aos cinco anos de idade. Recordo com carinho meu primeiro dia de aula e minha primeira professora, Sônia, responsável por despertar em mim os primeiros encantamentos pelo universo da educação.

Durante o Ensino Fundamental, tive a oportunidade de aprender com professoras que deixaram marcas importantes, como

querer ser professora em minha formação, especialmente as professoras Ray e Adélia.

Na adolescência, vivi uma das maiores mudanças da minha vida: a mudança de Palmeirópolis para Palmas. Essa mudança ocorreu devido ao desejo de meu padrasto de buscar melhores oportunidades para nossa família. Assim, mudamo-nos para Palmas: meu padrasto, minha mãe, meu irmão e eu.

Apesar da acolhida calorosa recebida pela escola e pela comunidade, a saudade dos familiares, amigos e da cidade natal representou um desafio emocional significativo.

Entretanto, essa mudança contribuiu para meu amadurecimento pessoal e ampliou minhas perspectivas de futuro em querer estudar em uma faculdade, trabalhar e poder ajudar minha mãe, pois meu padrasto nos abandonou então só éramos nós três.

VIDA PROFISSIONAL E FORMAÇÃO ACADÊMICA

Desde cedo aprendi a importância do trabalho.

Aos 14 anos ajudava minha mãe na venda de pamonhas na Avenida Tocantins, em Taquaralto, e também cuidava de crianças para complementar a renda familiar.

Posteriormente, durante o Ensino Médio, passei a estudar no período noturno para trabalhar em um supermercado. Essa experiência me permitiu compreender as dificuldades enfrentadas por muitos trabalhadores brasileiros e fortaleceu ainda mais minha determinação em buscar crescimento profissional por meio da educação.

Após esse período, casei-me com meu primeiro namorado, concluí o Ensino Médio e iniciei minha trajetória profissional na área

educacional, ingressando no Colégio Marista como auxiliar de sala. Foi nesse ambiente que descobri minha verdadeira vocação: educar, acolher e contribuir para o desenvolvimento das crianças.

Trabalhei no Colégio Marista entre janeiro de 2011 e fevereiro de 2018, período marcado por intensos aprendizados, crescimento profissional e construção de vínculos afetivos com estudantes, famílias e colegas de trabalho.

Figura 3 – Conquista da Graduação em Pedagogia

Conclusão do curso de Pedagogia pela UNOPAR, realização de um sonho construído com dedicação, trabalho e perseverança.

Figura 4 – Celebração da Formação Acadêmica

Cerimônia de graduação ao lado de colegas e professores, simbolizando a concretização de uma importante etapa da minha formação profissional.

Figura 5 – Trajetória Profissional no Colégio Marista

Período de atuação no Colégio Marista, instituição que contribuiu significativamente para minha formação humana e profissional.

Durante minha atuação no Marista, concluí minha graduação em Pedagogia pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR), consolidando minha formação acadêmica e fortalecendo meu compromisso com a educação. Esse foi um período de grandes desafios, pois eu já possuía minha própria residência, trabalhava em período integral e, durante a graduação, nasceu minha primeira filha que hoje esta com 11 anos de idade. Com o apoio de minha mãe e de meu esposo, consegui concluir o curso de Pedagogia.

EXPERIÊNCIA DOCENTE E OS DESAFIOS DA PANDEMIA

Em 2020 iniciei minha atuação como professora da Rede Municipal de Ensino, trabalhando com turmas de Berçário II e Maternal I.

Nesse mesmo período, o mundo enfrentou a pandemia da COVID-19, trazendo desafios sem precedentes para a educação.

As escolas precisaram suspender as atividades presenciais e adaptar-se ao ensino remoto. Foi um período de reinvenção profissional, aprendizado constante e superação.

Produzir videoaulas, elaborar atividades remotas e manter o vínculo pedagógico com crianças pequenas exigiu criatividade, dedicação e persistência.

Mesmo diante das dificuldades, mantive meu compromisso com a aprendizagem dos alunos, buscando oferecer o melhor atendimento possível às famílias e estudantes. Foi um processo difícil; entretanto, contei sempre com o apoio de minha mãe e de meu esposo. Mantive-me focada no trabalho e no desenvolvimento das crianças, além de acompanhar minha filha nas atividades remotas, para que ela não sofresse prejuízos em sua aprendizagem.

Em 2021 permaneci na educação infantil, atuando com turmas de Maternal II e Pré-Escola. Onde veio vários desafios como o retorno das aulas presenciais, os cuidados com nós e os alunos, o adoecimento das famílias e também das crianças a falta de interesse dos alunos, mas foi um dia de cada vez para vencer.

MATERNIDADE E SUPERAÇÃO

Um dos momentos mais marcantes de minha vida ocorreu durante minha segunda gestação.

Durante o ano de 2021 enfrentei uma gravidez de alto risco, exigindo acompanhamento médico constante e diversos cuidados especiais.

Mesmo diante das limitações, mantive minhas atividades profissionais até o nascimento prematuro de minha filha.

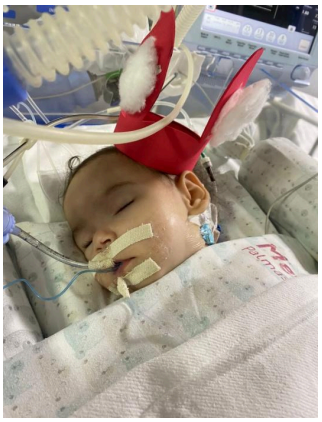
Após seu nascimento, ela permaneceu internada por 26 dias para ganho de peso.

Posteriormente, enfrentamos novos desafios relacionados à COVID-19 e, alguns meses depois, uma grave pneumonia que exigiu internação em Unidade de Terapia Intensiva (UTI).

Foram momentos de medo, angústia e incerteza.

Entretanto, com fé, apoio familiar e acompanhamento médico adequado, minha filha superou todas as dificuldades e hoje apresenta desenvolvimento saudável, sem sequelas neurológicas ou físicas.

Figura 6 – Superação e Vitória



Momento que simboliza a recuperação e superação das dificuldades enfrentadas por minha filha, uma das experiências mais marcantes de minha trajetória pessoal.

Essa experiência fortaleceu ainda mais minha fé, minha resiliência e minha capacidade de enfrentar desafios.

ATUAÇÃO NA SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO TOCANTINS

Em 2023 iniciei minha atuação no Gabinete da Secretaria de Estado da Educação do Tocantins (SEDUC).

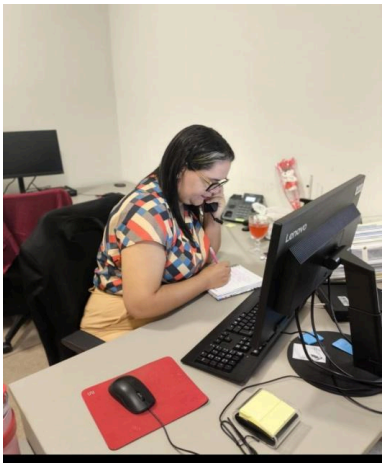
Posteriormente, passei a integrar a Superintendência de Educação Básica, onde atualmente exerço a função de Assessora.

Essa experiência ampliou significativamente minha compreensão sobre gestão pública, políticas educacionais e planejamento estratégico da educação.

Tenho orgulho de fazer parte da educação tocantinense e acompanhar de perto os avanços conquistados em nosso estado.

Reconheço que a melhoria da qualidade da educação resulta do trabalho conjunto realizado pelos profissionais da Secretaria de Educação, pelas Superintendências Regionais de Educação, pelas equipes gestoras e pelos professores que atuam diariamente nas escolas.

Figura 7 – Atuação na Secretaria de Estado da Educação do Tocantins



FORMAÇÃO CONTINUADA E PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Ao longo da minha trajetória, sempre busquei investir em formação continuada.

Além da graduação em Pedagogia, concluí especializações em:

- Gestão, Orientação e Supervisão Escolar;
- Educação Infantil;
- Gestão Estratégica e Marketing Educacional.

Também realizei especialização pela UNINASSAU por indicação da Secretaria de Estado da Educação do Tocantins e atualmente estou concluindo mais uma pós-graduação.

A Especialização em TEA, TDAH, Altas Habilidades e Superdotação representa mais uma oportunidade de aprimoramento profissional, permitindo ampliar conhecimentos e fortalecer práticas educacionais inclusivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao revisitar minha trajetória, percebo que minha história é resultado da combinação entre esforço, oportunidades, fé e perseverança.

Sinto orgulho de ter superado desafios pessoais, familiares e profissionais, saindo de uma realidade simples para alcançar conquistas que um dia pareciam distantes.

Tenho orgulho da filha que sou, da esposa que sou, da mãe que sou e da profissional que me tornei.

Acredito profundamente que a educação transforma vidas e que investir no conhecimento é um dos caminhos mais poderosos para construir uma sociedade mais justa, inclusiva e humana.

Finalizo este memorial reafirmando meu compromisso com a educação pública, com a inclusão e com a formação continuada, sempre buscando contribuir para o desenvolvimento integral dos estudantes e para a melhoria da qualidade da educação tocantinense.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARKLEY, Russell A. Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade: manual para diagnóstico e tratamento. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2022.

CUNHA, Eugênio. Autismo e Inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. 9. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2023.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 79. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão Escolar: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Summus, 2015.

VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

Capítulo 38

ENTRE A EXPERIÊNCIA E A REFLEXÃO: UMA TRAJETÓRIA EM CONSTRUÇÃO

Rosimere Pinheiro da Silva

RESUMO

O presente memorial descritivo apresenta-se como um espaço de memória e reflexão, um ponto de partida e de chegada no qual ocorre entre o presente da minha atuação prática e o passado das minhas origens. Trata-se de uma narrativa pessoal e subjetiva que busca reviver os sentimentos e as experiências que influenciaram de forma decisiva a minha trajetória pessoal e a construção da minha identidade profissional. O percurso estruturado nesta escrita abrange desde as minhas raízes familiares e os desafios iniciais de escolarização até o ingresso no ensino superior e a conclusão da graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Discuto, ainda, a consolidação da minha atuação profissional a partir da aprovação em concurso público estadual e o meu consequente retorno à escola de origem na função de Orientadora Educacional. Diante das demandas complexas e singulares do cotidiano escolar, esta narrativa fundamenta a necessidade da formação continuada em nível de pós-graduação com ênfase em TDAH, TEA e Altas Habilidades/Superdotação, buscando subsidiar uma atuação educacional comprometida com a inclusão, o acolhimento e a valorização das singularidades dos estudantes. Por fim, apresento uma reflexão epistemológica sobre a historicidade do meu processo formativo e as minhas prospecções de futuro voltadas para o fortalecimento da escola pública tocantinense.

Palavras-chave: Memorial Descritivo; Trajetória Acadêmica; Orientação Educacional.

INTRODUÇÃO

Ao iniciar o exercício de revisitar o meu passado, busco compreender a complexa relação entre as vivências acumuladas e as escolhas que delinearam a minha identidade atual. Escrever este memorial descritivo exige, fundamentalmente, um retorno às minhas origens. Pertenço a uma família de bases humildes. Meus avós maternos, José Pinheiro de Carvalho e Maria Domingas Batista de Carvalho, bem como meus avós paternos, Ana Gama (in memoriam) e Vitalino (in memoriam), foram lavradores sem instrução acadêmica formal. Para eles, o sustento familiar era o principal objetivo de vida, garantido pela lavoura e pelo esforço do trabalho braçal.

Meus avós maternos atuavam como vaqueiros em fazendas no município de Lizarda (TO). Devido ao isolamento do meio rural, minha mãe teve a oportunidade de frequentar a escola somente aos nove anos de idade, quando a família se mudou para Rio Sono (TO) minha cidade natal, localizada a 174 km da capital, Palmas, cujo acesso se dar por estradas de terra. Meu pai, por sua vez, embora tenha frequentado a escola, não concluiu o ensino fundamental. Ele precisou abandonar os estudos para auxiliar seus pais no sustento doméstico, além de relatar que a escola da época não se mostrava atrativa; hoje, ele domina a leitura de forma superficial e escreve de maneira básica.

Meus pais se conheceram na adolescência. Minha mãe engravidou de mim aos 14 anos e, diante da falta de apoio de seus pais, que a expulsaram de casa e romperam relações, foi acolhida pelo meu pai na residência de minha avó paterna, Ana. Esse processo culminou na interrupção precoce da trajetória escolar de minha mãe. Ao refletir sobre esse período, penso constantemente nas inúmeras renúncias, medos e inseguranças que ela enfrentou.

Nasci no dia 17 de julho de 1992, fruto da união de dois jovens que iniciavam a construção de uma família. Posteriormente, nasceram meus dois irmãos, Jarlan e Adriano, com intervalos de dois anos entre

as gestações. Durante nossa infância, meu pai trabalhou como caseiro em diversas fazendas onde residimos. Desse período, guardo memórias felizes de contato íntimo com a natureza. Contudo, ao atingirmos a idade escolar, meus pais tomaram a firme decisão de retornar à área urbana de Rio Sono para nos garantir o direito de estudar, período em que conquistaram a tão sonhada casa própria.

Respaldada por memórias afetivas ainda que nem todas estejam aqui, pois a memória muitas vezes é fugaz, procurei ser o mais fiel possível e expressar, por meio das palavras, um pouco do que foi vivenciado ao longo dos anos. Ao longo desta escrita, procuro evidenciar como os contextos familiares, sociais, econômicos e educacionais influenciaram a constituição da minha identidade pessoal e profissional. Mais do que relatar acontecimentos, este memorial representa um exercício de reflexão crítica sobre os caminhos percorridos, os desafios enfrentados e as aprendizagens construídas em cada etapa da vida. Nesse sentido, revisitar minha trajetória permite compreender que a formação de um educador não se limita aos espaços formais de ensino, mas é tecida pelas experiências, pelas relações humanas e pelas oportunidades que moldam a forma como compreendemos o mundo e atuamos nele.

TRAJETÓRIA ACADÊMICA

Recordo-me com clareza do meu primeiro dia na escola, recém-chegada do meio rural, retraída e tímida. Foi na Educação Infantil que experimentei o contato inicial com o universo das descobertas mediadas pelos livros. Sempre fui uma estudante aplicada e entusiasmada, embora também me recorde de momentos de distração e receio. Minha mãe relata que precisava ser rigorosa para que eu me concentrasse e aprendesse a ler, dada a minha dispersão habitual.

Foto 1 – Carnaval da Pré-Escola.

Arquivo pessoal, 1998.

Paralelamente, vivenciei um processo que guardo com profundo apreço: o retorno de minha mãe aos estudos para concluir o Ensino Médio. Mesmo com três filhos pequenos, sem o apoio sistemático de meu pai, trabalhando durante o dia para nos sustentar e estudando no período noturno, ela persistiu e alcançou a certificação. Essa determinação tornou-se um referencial ético e de persistência para mim.

Concluí o Ensino Fundamental na Escola Estadual Novo Horizonte, instituição pública onde estudava no turno matutino. Mantive um desempenho satisfatório, com boas notas, e participava ativamente de atividades que hoje compreendo como práticas de protagonismo juvenil, incluindo o grêmio estudantil e os jogos escolares. No período vespertino, integrei por um longo período o Programa Pioneiro Mirim, iniciativa que oferecia reforço escolar, oficinas de artesanato, jogos e um auxílio financeiro essencial para a manutenção de nossa casa e para a minha formação humana. Compreendo o Ensino Fundamental como uma etapa na qual obtive excelentes resultados diante das condições socioeconômicas que nos eram apresentadas.

Foto 2 - Formatura da Pré-Escola, eu e minha mãe.

Arquivo pessoal, 1998.

Foto 3- Eu com o uniforme dos Pioneiros Mirins, minha mãe que voltou a estudar e irmãos, no desfile 7 de setembro

Arquivo pessoal, 2012

Em 2009, concluí o Ensino Médio no Colégio Estadual Rio Sono, cursado no período noturno. Foi nessa fase que surgiram os questionamentos sistemáticos sobre o futuro e o desejo de ingressar no Ensino Superior. Por residir em uma cidade do interior e de difícil acesso geográfico, compreendi precocemente que, para avançar academicamente, precisaria deixar Rio Sono, uma vez que o município ofertava apenas a educação básica e, naquele momento, não havia a expansão dos cursos na modalidade de Educação a Distância (EAD) como se observa hoje.

Foto 4 – Minha turma da 3 série do ensino médio.

Arquivo pessoal, 2009.

Ciente de que meus pais não possuíam condições financeiras para me manter em Palmas (TO) capital e a cidade mais próxima com oferta de cursos superiores, enfrentei tentativas frustradas no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Permaneci em Rio Sono por dois anos sem perspectivas concretas, o que me gerou desânimo em relação aos estudos. Em 2012, decidi mudar-me para Palmas, onde fui acolhida por minha tia paterna, Isabel. Meu objetivo imediato consistia em obter inserção no mercado de trabalho para garantir minha subsistência.

Meu primeiro emprego foi como auxiliar de turma em um berçário. Essa experiência inicial foi decisiva para que eu identificasse, mais tarde, minha vocação educacional. Naquela época, sem uma definição clara sobre qual carreira seguir, simpatizava com as áreas de História e Psicologia. No entanto, tratava-se de opções inviáveis, pois dependiam de recursos financeiros indisponíveis para minha família. Estabeleci, portanto, duas premissas realistas: meu ingresso deveria ocorrer em uma universidade pública e em um curso de turno noturno, permitindo que eu trabalhasse durante o dia para me sustentar.

Nesse processo de busca, ingressei, em 2014, no curso Técnico de Segurança do Trabalho no Instituto Federal do Tocantins (IFTO). Essa experiência representou o meu retorno à rotina de estudos após um período de inatividade. Embora tenha me apropriado de conhecimentos valiosos relativos às Normas Regulamentadoras (NRs)

e à saúde do trabalhador, percebi que não possuía identificação profissional com a área. Contudo, mantive o compromisso acadêmico e concluí a formação técnica de dois anos de duração.

GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA - UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS (UFT)

Após concluir o curso técnico, realizei novamente o ENEM e obtive a aprovação para o curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal do Tocantins (UFT). Em 14 de maio de 2015, iniciei minha trajetória de graduação. Tratou-se de um período marcado pela alegria, mas também por severas instabilidades conjunturais no país. O Brasil enfrentava o início de uma crise econômica e política profunda, culminando no processo de impeachment da então presidente Dilma Rousseff.

Em decorrência desse cenário de cortes orçamentários na educação e reivindicações salariais das categorias, as instituições federais de ensino superior iniciaram uma greve nacional em 28 de maio de 2015. Foram 139 dias de paralisação, com a retomada das aulas apenas em outubro daquele ano.

Apesar dos percalços, a graduação consolidou-se como um momento único: eu era a primeira pessoa de minha família a ingressar no Ensino Superior público. Para me manter, trabalhava como babá em uma residência familiar durante o dia e frequentava as aulas à noite. Essa rotina exigia um desdobramento físico e mental exaustivo; muitas vezes chegava à universidade cansada e, em ocasiões específicas, precisei me ausentar temporariamente das aulas para acompanhar a família empregadora em viagens de trabalho.

O êxito nessa jornada foi viabilizado pelo apoio de colegas que se tornaram amigos e pela atuação de um corpo docente de

excelência. Componentes curriculares como Introdução à Pedagogia, Alfabetização e Letramento, Psicologia da Educação e Seminário de Pesquisa fundamentaram minha visão crítica sobre a prática pedagógica. Destaco a influência marcante de docentes como a Professora Patrícia Medina, cuja postura ética e didática me inspirava profissionalmente, o Professor Wagner, o Professor José Wilson, a Professora Carmem e a minha orientadora, Professora Jucy Evangelista.

A realização dos estágios curriculares supervisionados na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental especificamente na Escola de Tempo Integral Padre Josino foi o momento em que consolidei minha identidade docente. Vivenciar a práxis educativa me permitiu compreender que o ensino vai além da técnica, configurando-se como um ato de transformação social. Como bem pontua Paulo Freire (1996, p. 47):

"Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção."

Com base nessa concepção freiriana, direcionei minha pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para a modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA), sob a orientação da Professora Jucy Evangelista. Investigamos o seguinte problema de pesquisa: Quais os princípios político-pedagógicos propostos por Paulo Freire para nortear o processo de ensino-aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos (EJA)?

O objetivo geral do estudo foi identificar os princípios político-pedagógicos freireanos aplicados a essa modalidade. Especificamente, buscamos caracterizar os fundamentos teórico-metodológicos da obra do autor voltados à EJA e refletir sobre a relevância de tais princípios para a emancipação desses sujeitos históricos. Concluí a graduação em agosto de 2019, coroada

com uma cerimônia de colação de grau que compartilhei com orgulho junto à minha família e amigos.

Foto 5 – Minha turma, na colação de grau do curso de Pedagogia UFT.

Arquivo pessoal, 2019.

Foto 6- Eu e minha mãe, realizando um sonho nosso.

Arquivo pessoal, 2019

ASPECTOS DA FORMAÇÃO HUMANA E PROFISSIONAL

Após a formatura, permaneci trabalhando como babá, experimentando certo receio e acomodação diante da incerteza do

mercado de trabalho na área educacional. No final de 2019, o cenário global foi alterado pelo surgimento da Covid-19, classificada como pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS) no início de 2020. Em março de 2020, o avanço rápido dos casos no Brasil impôs o fechamento das instituições escolares e o isolamento social. Vivenciamos um período marcado pelo medo coletivo, pela crise sanitária e por tensões políticas na gestão da saúde pública nacional e na aquisição de vacinas. Com a progressiva cobertura vacinal e a consequente flexibilização das restrições sanitárias em 2022, a rotina social começou a se restabelecer.

Diante do anúncio de que o Governo do Estado do Tocantins realizaria o concurso público para a Rede Estadual de Educação após um hiato de 14 anos, decidi me preparar de forma sistemática. Realizei uma pós-graduação lato sensu em Gestão Escolar (compreendendo as áreas de Administração, Supervisão e Orientação) pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI), na modalidade EAD, garantindo a titulação necessária para os requisitos do certame.

No dia 11 de junho de 2023, prestei a prova objetiva do concurso estadual. A conquista da aprovação representou um marco de profunda validação pessoal e profissional, simbolizando também uma homenagem ao esforço histórico de minha mãe.

Como forma de complementar as informações sobre minha trajetória, produções acadêmicas, participação em eventos e histórico profissional detalhado, disponibilizo e acesso ao meu currículo cadastrado na Plataforma Lattes, que pode ser consultado por meio do seguinte endereço eletrônico: https://lattes.cnpq.br/4669318095691573

A PRÁTICA COMO ORIENTADORA EDUCACIONAL

Em 2024, iniciei de forma efetiva o exercício profissional na educação pública, atuando precisamente no Colégio Estadual Rio Sono a mesma instituição de ensino onde cursei e concluí o Ensino Médio. Assumir a função de Orientadora Educacional nesse espaço de memória pessoal configurou-se como uma experiência simbólica e profundamente desafiadora.

Essa atuação diária tem se mostrado uma prática enriquecedora, exigindo mediação constante de conflitos, aconselhamento pedagógico e o desenvolvimento de estratégias de busca ativa para estudantes desmotivados e em risco de evasão escolar. Deparo-me cotidianamente com vulnerabilidades socioemocionais e socioambientais que ultrapassam os limites estritamente pedagógicos da escola, demandando intervenções humanizadas e articuladas com as redes de apoio social.

Buscando fundamentar teoricamente essa desafiadora prática escolar, ingressei, em 2025, no curso de pós-graduação em Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade, Transtorno do Espectro Autista, Altas Habilidades e Superdotação, ofertado pela UFT em parceria com o Governo do Estado e o CEPELS. Compreendo que a diversidade cognitiva, comunicacional e comportamental dos estudantes exige um corpo técnico preparado para acolher a neurodiversidade sob a ótica dos direitos humanos e da equidade pedagógica. Minha expectativa central com este curso é instrumentalizar minha atuação profissional para promover intervenções inclusivas eficazes que favoreçam o sucesso escolar e o bem-estar subjetivo de todos os discentes.

O PERCURSO DA JORNADA QUE MOLDA NOSSA VIDA.

No decurso desta caminhada, por vezes me deparei com sentimento de frustração ao comparar minhas realizações profissionais e etárias com as de pares geracionais que,

aparentemente, haviam alcançado estabilidade ou titulações de forma mais célere. Contudo, ao compartilhar esse sentimento com um amigo estimado, recebi um conselho que alterou minha perspectiva analítica sobre minha própria história:

"Rosimere, você realizou o melhor trabalho possível com as oportunidades de que dispunha. Olhe para a sua trajetória como a de uma vencedora."

Essa reflexão ressoa com a concepção freiriana de que somos seres históricos e inconclusos, cujo valor reside no processo contínuo de fazer-se e refazer-se nas condições materiais concretas de existência. Ao analisar retroativamente minha história familiar, o analfabetismo funcional de meus pais, a origem rural de meus avós, as barreiras geográficas de Rio Sono e as exigências de sustento na capital, sinto um profundo orgulho da trajetória construída. O percurso acadêmico e profissional que tracei até aqui não é um dado isolado, mas uma conquista coletiva que resgata a dignidade e o direito ao saber de gerações que me antecederam.

CONSTRUINDO O FUTURO.

Olhar para o futuro sob a perspectiva da prospecção me convoca a encarar a carreira na Orientação Educacional não como um ponto de chegada, mas como um dinâmico ponto de partida. A educação, em sua essência transformadora, exige postura constante de pesquisa, humildade pedagógica e atualização científica.

Pretendo dar continuidade ao meu processo de formação continuada, com vistas ao ingresso em programas de pós-graduação (Mestrado e Doutorado), focando na área da Educação Especial Inclusiva e das Políticas Públicas Educacionais no estado do Tocantins. Desejo consolidar no Colégio Estadual Rio Sono um trabalho de orientação que priorize a escuta atenta, o combate às

desigualdades escolares e o pleno desenvolvimento cognitivo e emocional dos estudantes.

A lição fundamental que transmito a mim mesma para as próximas etapas desta jornada é a de que o tempo pedagógico e o tempo de vida não obedecem a métricas de comparação externa, mas sim ao ritmo ético de nosso próprio compromisso com a realidade do outro. Sigo esperançosa e comprometida, ciente de que cada ato de acolhimento e escuta ativa no espaço escolar é, em si, um ato político de compromisso com o futuro das novas gerações tocantinenses.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Lei nº 14.254, de 30 de novembro de 2021. Dispõe sobre o acompanhamento integral para educandos com dislexia ou Transtorno do Deficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) ou outro transtorno de aprendizagem. Brasília, DF: Presidência da República, 2021. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/l14254.htm. Acesso em: 25 jun. 2026.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 25 jun. 2026.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

MANTOAN, M. T. E. Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

TOCANTINS. Lei nº 4.220, de 28 de agosto de 2023. Institui o Programa de Fortalecimento da Educação - PROFE das Unidades Escolares da Rede Estadual de Ensino, e dá outras providências. Palmas: Governo do Estado, 2023.

WALKER, Nick. Neurodiversity: some basic terms & definitions. Neuroqueer, 2012. Disponível em: https://neuroqueer.com/neurodiversity-terms-and-definitions/. Acesso em: 25 jun. 2026.

Capítulo 39

A EDUCAÇÃO COMO PROJETO DE VIDA: MEMÓRIAS DE FORMAÇÃO, RESISTÊNCIA E ESPERANÇA.

Santina Faustina Passos

RESUMO

O presente memorial acadêmico tem como objetivo analisar e sistematizar, de forma crítico-reflexiva, a trajetória pessoal, acadêmica e profissional de uma pedagoga cuja formação foi marcada pela superação de desafios socioeconômicos, familiares e profissionais. Originária do interior de Goiás, a autora descreve seu processo de escolarização, as dificuldades enfrentadas durante a juventude e a busca pela autonomia por meio da educação, culminando na graduação em Pedagogia e em posteriores especializações. A narrativa evidência a construção da identidade docente a partir da atuação na Educação Infantil, no Ensino Fundamental, na Educação de Jovens e Adultos e na Educação Profissional, com destaque para a coordenação pedagógica no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI). Fundamentada nos referenciais teóricos de Libâneo, Saviani, Nóvoa e Tardif, a prática profissional desenvolvida pautou-se na reflexão crítica, na mediação do conhecimento e na promoção de uma educação comprometida com a transformação social. O memorial também destaca experiências desenvolvidas no Tribunal de Justiça do Estado do Tocantins, especialmente na elaboração de relatórios técnicos, na realização de depoimentos especiais e na aplicação do Protocolo NICHD em contextos de proteção de crianças e adolescentes vítimas de violência. Essas vivências ampliaram a compreensão da função social da Pedagogia para além dos espaços escolares, reforçando sua atuação na garantia de direitos e na promoção da cidadania. Posteriormente, a autora apresenta sua atuação na Secretaria da Educação do Estado do Tocantins, participando de projetos voltados ao fortalecimento da gestão democrática, ao combate à violência nas escolas, à recomposição das aprendizagens e às políticas de acesso, permanência e busca ativa escolar. Atualmente, desenvolve atividades

na Diretoria de Desenvolvimento Socioemocional, acompanhando programas educacionais e sociais de grande relevância para a rede pública de ensino.

Conclui-se que a trajetória relatada demonstra como a educação se constituiu em instrumento de emancipação pessoal, ascensão profissional e transformação social. O percurso evidência a formação contínua como elemento essencial para a consolidação de uma prática pedagógica humanizadora, crítica e comprometida com a promoção da justiça social, da inclusão e da garantia de direitos.

Palavras-chave: Memorial acadêmico; Formação docente; Gestão educacional; Prática pedagógica; Direitos humanos; Transformação social.

INTRODUÇÃO

O presente memorial constitui-se como um relato reflexivo de uma trajetória humana e profissional da crença no poder emancipatório da educação. Configura-se como a exteriorização de um percurso marcado pela resiliência, pela necessidade de superação de barreiras socioeconômicas e de gênero, e pelo compromisso ético-político com o fazer pedagógico.

A gênese desse percurso localiza-se no interior do estado de Goiás, cenário das primeiras décadas de vida e do processo inicial de letramento. Impulsionada pelo anseio de autonomia e pela busca de romper com ciclos de dependência, a escolha pela graduação em Pedagogia representou o marco inicial de uma sólida identidade profissional. Consequentemente, o subsequente deslocamento geográfico para Palmas, capital do Tocantins, operou como um catalisador de novas inserções profissionais e acadêmicas.

Ao longo desta narrativa, evidencia-se que a práxis docente inicialmente exercida na Educação Infantil e no Ensino Fundamental pautou-se constantemente no diálogo entre a prática e a teoria, com arrimo em referenciais de relevo como Libâneo, Saviani, Nóvoa e Tardif.

Ademais, a evolução profissional expandiu os limites da sala de aula convencional, projetando-se para a gestão educacional no ecossistema da educação profissional (Sistema S) e para a atuação especializada no Poder Judiciário, mediante a aplicação de protocolos científicos como o NICHD em contextos de vulnerabilidade social.

Atualmente consolidada na Secretaria da Educação do Tocantins, a trajetória aqui sistematizada reflete a maturidade de quem compreende o conhecimento não como um fim em si mesmo, mas como um instrumento humanizador capaz de transformar realidades.

Desse modo, este documento convida à reflexão sobre os desafios e as conquistas que fundamentam a consolidação da identidade de uma educadora engajada com a gestão democrática e a excelência pedagógica.

TRAJETÓRIA ACADÊMICA

Este memorial é um relato de uma jornada marcada pela necessidade e também por acreditar na transformação dos estudos podem nos ajudar a transformar a educação. Trata-se da história de uma vida que se deslocou do interior de Goiás, carregando consigo a vontade de crescer profissionalmente e, o vínculo prematuro com o conhecimento e a certeza absoluta de que o afeto, a empatia, o engajamento e a constância no aprendizado constituem os instrumentos mais eficazes de transformação.

Minha trajetória tem a origem no interior de Goiás, região onde estive radicada durante as duas primeiras décadas de minha vida. Sou a segunda de uma prole de três irmãos, cujos progenitores possuíam um letramento incipiente, tendo concluído apenas

parcialmente o ensino fundamental. Ele, atuando como motorista, e ela, dedicada à gestão do ambiente doméstico.

Fomos criados em Anápolis, imersos em um idioleto singular uma mistura entre as influências mineiras e goianas, permeadas por regionalismos culturais adaptados à oralidade local. Impelidos pela esperança de ascensão socioeconômica e pelo anseio de novos horizontes, realizamos o fluxo migratório de Goiânia para Rubiataba e posteriormente nos mudamos para Anápolis/GO.

Escolarização e Formação Inicial

A partir desse deslocamento, iniciou-se efetivamente meu processo de letramento. Em 1986 até aos sete anos, ingressei na Escola Municipal Anhanguera, onde fui alfabetizada pela professora Carmem Lúcia. Guardo, de forma nítida, a memória da primeira atividade pedagógica: a elaboração de um desenho que representava minha residência e um coqueiro. Esse marco assinalou o início da minha decodificação do código escrito e a subsequente aquisição da leitura

Durante a terceira série, ocorreu uma transição significativa para Porangatu/GO, onde fui matriculada em uma instituição da rede privada. O cenário de competitividade acadêmica despertou em mim um forte engajamento, impulsionado pelo desejo de obter um desempenho satisfatório. Contudo, ao final daquele ano, minha família retornou a Anápolis. Em 1993, concluí o ensino fundamental.

Figura 1 - 1ª série da Escola Anhanguera, 1986.

Fonte: Arquivo pessoal

Ensino Médio e Inserção no mercado de trabalho

Em 1994, iniciei o ensino médio no Colégio Estadual de Anápolis, ambiente onde enfrentei sérias dificuldades de integração interpessoal. O sentimento de isolamento e a dificuldade em acompanhar a dinâmica das aulas culminaram na minha desmotivação e posterior evasão escolar no primeiro ano.

No ano seguinte, em 1995, retomei meus estudos no Colégio Estadual Dr. Genserico Gonzaga Jaime, cursando o ensino médio concomitantemente ao técnico em contabilidade, formação que concluí com êxito em 1998. Após tentativas frustradas de ingresso no ensino superior, migramos para Palmas (TO).

Figura 2 - Turma do 3º ano do Colégio Estadual Dr. Gesenrico Gonzaga Jaime.

Fonte: Arquivo pessoal

Em 1999, minha família mudou-se para Palmas, no estado do Tocantins. Nesse período, ingressei no mercado de trabalho atuando no estabelecimento Caçulinha nas funções de operadora de caixa e recepcionista, permanecendo nessa atividade por aproximadamente três meses. Entretanto, as condições de trabalho caracterizadas por longas jornadas em pé e pela dificuldade de realizar as refeições adequadamente levaram-me a refletir sobre minhas perspectivas profissionais e sobre a necessidade de investir em minha formação.

Diante dessa realidade, compreendi que a educação é um importante instrumento de transformação social e pessoal. Com isso, passei a considerar a realização de um curso superior como um caminho para ampliar minhas oportunidades de crescimento profissional e alcançar maior autonomia.

Em 2001, retornei à cidade de Anápolis, Goiás, e iniciei minhas atividades profissionais na empresa Viação Araguaína, atuando no setor de vendas de passagens. Foi também nesse período que constituí matrimônio, iniciando uma nova etapa em minha trajetória pessoal e familiar.

Em 04 de junho de 2004, nasceu minha primeira filha, momento que marcou profundamente minha vida e me levou a vivenciar intensamente as responsabilidades da maternidade e da gestão do ambiente familiar. Nesse contexto, surgiu um conflito entre meus projetos pessoais e as expectativas de meu cônjuge, que não apoiava minha continuidade nos estudos.

Contudo, motivada pelo desejo de construir uma trajetória diferente daquela vivenciada por minha mãe, marcada pela dependência econômica, busquei romper com as limitações impostas ao meu desenvolvimento pessoal e profissional. Compreendi que a

educação representava a principal ferramenta para alcançar autonomia, reconhecimento profissional e independência financeira.

Formação superior e especialização

Foi nesse cenário que decidi ingressar no ensino superior. Optei pelo curso de Pedagogia por identificar nessa área a possibilidade de conciliar a realização profissional com as responsabilidades maternas. Assim, participei do processo seletivo da Universidade Evangélica de Goiás (UniEVANGÉLICA), em Anápolis, dando início a uma nova e significativa etapa de minha formação acadêmica e de minha construção como educadora.

"Segundo o autor, a entrada da mulher no espaço público e no mercado de trabalho não foi acompanhada por uma redistribuição equânime das tarefas domésticas, gerando tensões e negociações constantes no seio familiar." (Baseado em Bruschini, 2007).

Figura 3 - Centro Universitário UniEvangélica Anápolis – GO.

Fonte: Arquivo Pessoal

Formação superior e especialização

A conclusão da graduação em Pedagogia em 2009 foi o resultado de quatro anos de resiliência e superação de barreiras pessoais e familiares. O início da trajetória acadêmica foi marcado

por desafios significativos, especialmente pela ausência de apoio no ambiente doméstico para o cuidado com os filhos. Graças à rede de apoio familiar, representada por minha mãe, Dirce Francisca, foi possível conciliar a maternidade com as exigências do curso, mesmo diante de uma segunda gravidez no início da graduação. Ao finalizar o curso superior galguei para realizar uma pós graduação em Gestão, Orientação e Supervisão Educacional onde conclui com êxito.

Figura 4 – Cerimônia de colação de grau acompanhada de minha mãe, Dirce Francisca.

Fonte: Arquivo Pessoal

Experiência Prática e Inserção profissional

No segundo período do curso, surgiu a oportunidade de estágio no Colégio São Francisco de Assis Anápolis-GO. Após processo seletivo com candidatos em períodos mais avançados, fui selecionada para a vaga. Minha atuação na instituição evoluiu rapidamente: após uma semana de estágio, fui contratada para integrar a coordenação pedagógica, função que me permitiu alinhar a prática profissional à rotina familiar.

A rotina era intensa, dividida entre o trabalho diurno, as aulas presenciais à noite e a realização de trabalhos acadêmicos durante as madrugadas.

Figura 5 – Imagem Fachada do Colégio São Francisco de Assis

Fonte:https://www.pulsarimagens.com.br/foto/Fachada-do-Col%C3%A9gio-S%C3%A3o-Francisco-de-Assi

Desafios Finais e Conclusão da graduação

No último semestre da graduação, um novo obstáculo surgiu com a mudança da família para Palmas (TO), devido à aprovação do meu esposo em um concurso público. Diante da impossibilidade de transferência imediata sem prejuízo à carga horária, optei por permanecer em Anápolis (GO) com meus filhos para concluir os seis meses restantes.

A graduação foi finalizada com êxito em 2009. Embora a ausência de apoio conjugal tenha persistido até a cerimônia de formatura, o suporte da minha família foi o pilar necessário para a concretização desse objetivo fundamental em minha vida. Ao chegar em Palmas –TO, decidi me qualificar novamente onde ingressei em uma pôs graduação em Gestão, Orientação e Supervisão educacional, que foi concluída com sucesso.

Figura 6 – Cerimônia de Colação de grau.

Fonte: Arquivo Pessoal

ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Educação Básica

Após a colação de grau, direcionei meus esforços para a carreira pública. Em 2010, meu esposo passou em um concurso Público em Palmas Tocantins e nos mudamos para Palmas Tocantins e foi quando iniciei minha atuação na rede estadual de ensino em Palmas. O que seria uma substituição temporária de um mês estendeu-se por três anos.

Durante esse período, atuei na Educação Infantil e no 1º ano do Ensino Fundamental, lecionando disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Artes e Filosofia e nas series finais com aulas de artes no Centro de Atenção Integral à Criança (CAIC), localizado no Jardim Aureny IV.

A fundamentação da minha prática docente pautou-se na busca constante por referenciais teóricos que sustentassem uma

abordagem crítica e reflexiva do conhecimento. Conforme defende Nóvoa (2009), a formação do professor deve ir além da técnica, construindo-se em um processo de reflexão sobre a própria prática e na consolidação de uma identidade profissional engajada com a realidade social.

No campo pedagógico, essa prática dialoga com o conceito de Transposição Didática de Yves Chevallard, essencial para compreender como o "saber sábio" se transforma em "saber ensinado". Essa mediação pedagógica é reforçada por Tardif (2009), que destaca a importância dos saberes experienciais e da mobilização de diversos conhecimentos para a eficácia do ensino em sala de aula.

Figura 7 – Centro de Atenção Integral à Criança (CAIC), localizado no Jardim Aureny IV.

Fonte: Arquivo pessoal

Após o período de três anos de atuação na Escola CAIC, em Palmas, dediquei um ano de exercício profissional em um Centro de Educação Infantil (creche), especificamente no berçário. Ao ingressar na unidade, deparei-me com uma resistência inicial da equipe de servidores, que manifestavam ceticismo quanto ao meu desempenho em razão das minhas graduações e vestimentas. Contudo, demonstrando competência técnica e compromisso, consolidei um trabalho de excelência, vindo a assumir a regência da sala. Nessa função, tornei-me responsável pela elaboração do planejamento pedagógico e pela organização das escalas das servidoras.

Ao final daquele ano, retornei à rede estadual de ensino, onde atuei por seis meses no Colégio Estadual Duque de Caxias. Minhas atribuições contemplaram o Ensino Médio, como professora de Língua Portuguesa, e o atendimento à Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Educação Profissional no SENAI/Tocantins

No mesmo ano, logrei aprovação em processo seletivo para o SENAI/TO, ingressando no "Sistema S" em julho de 2014.

Como coordenadora pedagógica na educação profissional, fui inserida em um ecossistema distinto da minha experiência anterior. O cargo representou um desafio significativo, envolvendo a gestão de 135 docentes, a mediação com pais e alunos de diversas faixas etárias, além do aprofundamento na Metodologia SENAI de Educação. De 2014 a 2026, tenho atuado em cursos de iniciação, aperfeiçoamento, qualificação e técnicos, acompanhando as equipes de docentes e discentes em suas demandas pedagógicas.

Figura 8 - Acompanhamento da 1ª turma do Curso Técnico em Segurança do Trabalho do SENAI Tocantins.

Fonte: Arquivo pessoal

Experiência no Poder Judiciário e Depoimento Especial

Paralelamente, em 2018, submeti minha inscrição para prestar serviços ao Tribunal de Justiça do Estado do Tocantins (TJTO),

conforme o Edital de Credenciamento nº 005/2021. Atuei por três anos na elaboração de relatórios técnicos especializados na área da Pedagogia.

Em 2019, realizei o curso "Depoimento Especial – Teoria e Prática" pela Escola Superior da Magistratura (EsMat). Esta capacitação, que contou com instrutoras da Central de Depoimento Especial de Pernambuco (referência nacional recomendada pelo CNJ), proporcionou três dias de imersão teórica e prática. O objetivo foi a habilitação para a atuação em processos reais, lidando diretamente com crianças e adolescentes vítimas de violência. Como mediadora no processo de responsabilização de agressores, atuei em colaboração direta com operadores do Direito, ciente da elevada responsabilidade social e ética inerente à função, cujas decisões impactam profundamente a vida dos envolvidos. Permaneci nesta atividade pelo período de um ano e seis meses.

Escuta Especializada e Metodologia Científica

A partir de 2021, a prática profissional direcionou-se à Escuta Especializada. Durante oito meses, aplicou-se o Protocolo National Institute of Child Health and Human Development (NICHD), técnica de entrevista forense padronizada para a coleta de dados com vítimas ou testemunhas de violência. Conforme postulam Williams et al. (2014).

Seu objetivo é o de propiciar o levantamento de informações sobre determinados acontecimentos dessa ordem em que há implicações criminais ou em que se busca a proteção da vítima.

Por oito meses fiquei de plantão todas as quartas-feiras no Centro 18 de maio onde realizei procedimentos em ambiente controlado, com suporte audiovisual para garantir a fidedignidade dos dados. Após cinco anos de prestação de serviços para tribunal

de justiça, recebi a proposta de renovar o contrato, mas recebi o convite para ir para secretaria da educação do Tocantins.

Figura 9 – Atuação na Escuta Especializada.

Fonte: Arquivo pessoal

Atuação na Secretaria da Educação do Tocantins

Em 2023 participei de um concurso público e fui aprovada, na esperança de ser convocada, precisamente em agosto, ingressei na Gerência Fortalecimento da Gestão Democrática e Apoio Pedagógico para desempenhar o papel de analista de Educação II, trabalhando diretamente com Prêmio Escola que Transforma e Processo seletivo de Diretores e ajudando a escrever o Protocolo de combate à Violência nas Escolas. Por lá permaneci por um ano sendo assessora da gerente que estava coordenando a equipe. Em abril de 2024, houve uma reviravolta e a gerente de gestão foi promovida a diretora de Formação Inicial e continuada.

Nesse sentido fui convida para ir para diretoria de formação, aceitei o desafio e comecei a desenvolver atividades de acompanhamento da Recomposição das aprendizagens,

Afastamento Profissional de servidores da Seduc e análise e desenho didáticos para emissão de parecer e por último estava responsável pelo controle da frequência dos servidores e encaminhamentos de minutas e memorandos. Por lá permaneci por exatamente um ano.

Figura 10 – Cerimônia de entrega do Prêmio Escola que Transforma,

Fonte: Arquivo pessoal

Em abril de 2026, fui convidada a integrar a equipe de assessores da Diretoria de Desenvolvimento Socioemocional, onde acompanho o Núcleo de Apoio às Políticas de Acesso, Permanência e Busca Ativa Escolar (NAPAP-BAE) da Secretaria de Educação. Minha função consiste em acompanhar e dar suporte à equipe técnica na elaboração e correção de minutas, atuando diretamente nas seguintes frentes: Programa Pé-de-Meia; Busca Ativa Escolar; Sistema Presença (Bolsa Família); Presente Profe; Selo UNICEF.

Nesse papel, permaneço em constante aprendizado, sendo desafiada na redação de memorandos, minutas e atas de reunião. Atualmente, divido minha jornada entre a Secretaria de Educação e a Educação Profissional no SENAI Tocantins. Tenho a expectativa de ser convocada no concurso público em breve, o que me permitirá reduzir

a carga horária de trabalho e alcançar melhores perspectivas de vida.

Ampliação dos Horizontes: Da Gestão à Atuação Intersetorial

A trajetória na educação profissional e a imersão no "Sistema S" a partir de 2014, atuando como coordenadora pedagógica no SENAI/TO, abriram as portas para um ecossistema complexo e dinâmico. A gestão de 135 docentes e a mediação com uma comunidade escolar multifacetada exigiram não apenas competência técnica, mas uma profunda mobilização dos saberes da ação (TARDIF, 2009). Essa experiência consolidou minha capacidade de liderança e resiliência, qualidades que mais tarde ancorariam minha inserção em um campo ainda mais delicado: o Poder Judiciário.

A partir de 2018, ao prestar serviços para o Tribunal de Justiça do Estado do Tocantins (TJTO), a Pedagogia revelou sua dimensão social mais profunda. Através do curso "Depoimento Especial Teoria e Prática" pela EsMat (2019) e do uso do Protocolo NICHD no Centro 18 de Maio, atuei diretamente na garantia de direitos de crianças e adolescentes vítimas de violência.

Essa prática forense, pautada na escuta qualificada em ambiente controlado, demandou um compromisso ético inabalável, onde a fidedignidade dos dados coletados servia de base para decisões judiciais que transformariam vidas. Foram cinco anos divididos entre a docência, a coordenação e a justiça protetiva.

Em 2023, um novo marco reconfigurou minha atuação: a aprovação em um concurso público e o convite para integrar a Secretaria da Educação do Tocantins (SEDUC). Na Gerência de Fortalecimento da Gestão Democrática, colaborei em projetos de grande impacto, como o Prêmio Escola que transforma e a escrita do Protocolo de Combate à Violência nas Escolas. Minha capacidade

adaptativa foi novamente posta à prova em 2024, ao assumir atribuições na Diretoria de Formação Inicial e Continuada, lidando com a Recomposição das Aprendizagens e o desenho didático de pareceres.

Atualmente, desde abril de 2026, faço parte da equipe de assessores da Diretoria de Desenvolvimento Socioemocional, e acompanho especificamente no Núcleo de Apoio às Políticas de Acesso, Permanência e Busca Ativa Escolar (NAPAP-BAE). Dividida entre a SEDUC e a Educação Profissional no SENAI, acompanho frentes de alta relevância social, aprimorando continuamente competências de escrita técnico-institucional e aguardando a sonhada convocação no concurso público para otimizar minha carga horária.

REFLEXÃO FINAL: O CAMINHO DA JORNADA AO LONGO DA VIDA

Ao olhar para trás e revisitar cada capítulo desta história, percebo uma jornada composta por intensos altos e baixos. Conheci novas realidades, acolhi novos saberes e deixei para trás contextos que já não cabiam no meu projeto de vida. Contudo, o momento atual traz consigo o peso do cansaço e uma cobrança legítima por reconhecimento: não há como mascarar a insatisfação com o retorno financeiro diante de tanto esforço empenhado.

Como bem ecoam os versos da canção dos Titãs, "Devia ter complicado menos, trabalhado menos, ter visto o sol se pôr". A rotina extenuante de dupla jornada, embora tenha me moldado profissionalmente, muitas vezes cobrou seu preço no tempo de calmaria e contemplação. A busca por estabilidade tem sido uma constante, e a sensação de que essa vitória ainda não foi plenamente alcançada gera inquietação. No entanto, é essa mesma inquietação que me impede de estagnar.

A caminhada até aqui prova que a educação me transformou, mas a busca por dias melhores e por mais tempo para o autoaperfeiçoamento continua sendo o combustível que me move. Contínuo seguindo com diz São Francisco de Assis.

"Comece fazendo o que é necessário, depois o que é possível e, de repente, você estará fazendo o impossível." (São Francisco de Assis)

VISÃO DE FUTURO (PROSPECÇÃO)

O futuro se projeta não como uma linha de chegada estática, mas como a expansão de novos horizontes. Minha meta imediata é a estabilização financeira e funcional por meio da aprovação e posse em um concurso definitivo na área da educação, garantindo a solidez necessária para os próximos passos.

A médio e longo prazo pretendo unir a experiência pedagógica e social acumulada no Tribunal de Justiça a uma nova graduação: o curso de Direito. O objetivo principal é a realização de um sonho antigo e maduro: ingressar na carreira pública como Delegada da Polícia Civil, unindo o acolhimento humano e a técnica investigativa na defesa social. Paralelamente, o desejo de contribuir para a pesquisa acadêmica permanece vivo, materializado no plano de cursar um Mestrado, consolidando uma trajetória que começou no interior de Goiás e que recusa fixar limites para a sua própria evolução.

"O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim terás o que colher." — Cora Coralina

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Livro didático e saber escolar (1810-1950). São Paulo: Escrituras, 1993.

BRAUDEL, Fernand. Escritos sobre a história. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

FAUSTO, Boris. A conciliação e o Império: um estudo sobre o sistema político brasileiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBSBAWM, Eric J. Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.

NÓVOA, António. Professores: imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009.

SAVIANI, Dermeval. Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política. 41. ed. Campinas: Autores Associados, 2009.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

VILAR, Pierre. Pensar a história. Lisboa: Edições 70, 1991.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. Protocolo brasileiro de entrevista forense com crianças e adolescentes vítimas ou testemunhas de violência: depoimento especial e escuta especializada. Brasília, DF: CNJ, 2020. Disponível em: https://www.cnj.jus.br. Acesso em: 02 fev. 2026.

TOCANTINS. Tribunal de Justiça do Estado do Tocantins. Edital de Credenciamento nº 005/2021: Credenciamento de pessoas físicas para prestação de serviços especializados na área de Pedagogia. Palmas: TJTO, 2021.

WILLIAMS, L. C. A. et al. Entrevista forense com crianças e adolescentes: o protocolo NICHD. São Carlos: UFSCar, 2014.

ASSIS, Francisco de (São). Frases e Pensamentos. [S. l.: s. n.], [12--?]. Disponível em: <Acesso em domínio público>. Acesso em: 19 maio 2026.

BRITTO, Sérgio. Epitáfio. Intérprete: Titãs. In: A MELHOR banda de todos os tempos da última semana. São Paulo: abril Music, 2001. 1 faixa compacta (4 min 06 s).

CORALINA, Cora. Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais. São Paulo: Global, 2001.

BRASIL. [Estatuto da Criança e do Adolescente (1990)]. Estatuto da criança e do adolescente: Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Brasília, DF: Secretaria Especial de Direitos Humanos, 1990.

Capítulo 40

MEMORIAL DESCRITIVO E REFLEXIVO: REVISITANDO O PASSADO, RESSIGNIFICANDO HISTÓRIAS E PROJETANDO O FUTURO

Verônica Marques Barbosa

RESUMO

O presente memorial descritivo e reflexivo apresenta uma análise crítica e retrospectiva da trajetória pessoal e profissional da autora, articulando os marcos de sua formação com os processos de construção de sua identidade. Inicialmente, aborda-se o impacto de uma criação tradicional e os desafios de superação de dogmas sociais e familiares, culminando em um processo de amadurecimento, conquista de autonomia e fortalecimento do amor-próprio. No âmbito acadêmico e profissional, relata-se a graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Tocantins (UFT) e a subsequente aprovação em concursos públicos nas redes municipal e estadual de ensino. O percurso culmina na atuação atual como Técnica Educacional na Diretoria de Educação Inclusiva e Acessibilidade, experiência que motivou o ingresso na pós-graduação e o interesse em verticalizar os estudos na área de Educação Especial. Por fim, o trabalho projeta as aspirações futuras direcionadas ao ingresso no mestrado e doutorado. Conclui-se que a sistematização desta escrita autobiográfica atua como um instrumento de autoconhecimento e ressignificação, demonstrando que as experiências passadas servem de combustível para a evolução contínua.

Palavras-chave: Autobiografia. Amadurecimento. Identidade. Educação Especial.

INTRODUÇÃO

Escrever sobre si mesma não é um mero exercício de recordação, mas um ato de coragem e profunda investigação identitária. Esta narrativa autobiográfica, apresentada sob a forma de memorial reflexivo, tem o objetivo fundamental de resgatar, analisar e problematizar as nuances da minha trajetória de vida, cruzando as dimensões pessoais, acadêmicas e profissionais que me constituem. Longe de ser um inventário estático de datas e acontecimentos, este texto propõe-se a ser um espaço de diálogo entre a Verônica do passado — com suas marcas, bloqueios e descobertas — e a Verônica do presente, articulando de maneira consciente as minhas principais aspirações, visões de mundo e projeções para o futuro.

A justificativa para a tessitura desta obra reside na premissa de que olhar para a própria história é uma ferramenta indispensável de autoconhecimento e emancipação. Como pedagoga e especialista na área do desenvolvimento humano, compreendo que o passado não deve ser encarado como um registro imutável de fatos, mas sim como um território vivo a ser constantemente revisitado e interpretado. Compreender os caminhos percorridos permite ressignificar as dores e os erros, desconstruir padrões que antes me limitavam e, com a devida justiça, celebrar as vitórias que pavimentaram minha independência.

Além disso, esta escrita assume uma função social e dialógica. Ao partilhar publicamente as minhas vulnerabilidades e superações — desde o impacto de uma criação tradicional e rígida até as complexas rupturas da vida adulta e as conquistas no cenário dos concursos públicos —, pretendo estender uma ponte ao leitor. O intuito é inspirar outras mulheres e profissionais que possam se identificar com as minhas lutas, encontrando neste relato um eco para suas próprias buscas por autonomia.

Por fim, ao projetar as próximas etapas da minha jornada acadêmica e profissional, este memorial funciona como um mapa de intenções rigorosamente traçado. Transformar memórias em narrativa é o combustível necessário para os meus próximos passos, sedimentando o solo sobre o qual pretendo erguer novos horizontes, como o mestrado e o doutorado. É, em suma, a afirmação de que a minha história continua em plena e consciente construção.

MEMORIAL

A elaboração deste memorial autobiográfico revelou-se um grande desafio. O processo de redigir, apagar e repensar cada linha me mostrou que a autocrítica é profunda, sobretudo em um momento de transição e construção da minha identidade. Inicialmente, tentei resumir minha história para evitar a superexposição, mas compreendi que a verdade da minha trajetória exigia mais. Escolhi, portanto, aceitar o desafio e relatar minha vida de coração aberto, ressignificando a importância deste trabalho que, no início, cheguei a subestimar.

Minha história começa na bela Miracema do Tocantins, onde nasci no dia 25 de julho de 2025. Olhar para as minhas origens me enche de orgulho: pertenço a um estado que, mesmo diante de tantos desafios, destaca-se por sua riqueza cultural, paisagens inesquecíveis e um espírito de superação que trago como herança para o meu futuro. Meu pai, Joaquim, é um homem de fé e um batalhador que cresceu na roça. Foi ali, no campo, que ele e minha mãe me criaram. Ela, uma mulher amável e igualmente guerreira. Ambos tiveram pouco acesso à educação formal na infância. Meu pai, no entanto, concluiu o Ensino Médio por volta dos 35 anos, após nosso incentivo para que ele voltasse a estudar; já minha mãe não chegou a concluir o Ensino Fundamental. Ainda assim, ambos

possuem uma sabedoria e uma resiliência de vida que me enchem de orgulho.

Fui criada entre cinco irmãos: Mônica, Wesley (a quem chamamos carinhosamente de Ley), Pedro Neto, Valéria e Beatriz. Na minha infância, desejei inúmeras vezes crescer; desde pequena me imaginava como alguém 'importante', bem-vestida e em um bom emprego. Hoje, aos meus 33 anos, graduada e concursada, percebo que alcancei os sonhos daquela menina. No entanto, em meio às conquistas da vida adulta, sinto saudade do convívio e da simplicidade da nossa infância. Hoje, dentre a correria do dia-a-dia, pouco nos falamos, mas ainda nos reunimos pra comemorar as datas festivas do calendário, como dia das mães, dos pais, natal e outras.

Definir minha própria personalidade é um grande desafio; confesso que sempre senti uma ponta de admiração e inveja de quem consegue falar de si com facilidade. O fato de ser mulher, ter vindo de uma família rigidamente cristã e ter crescido em uma realidade socioeconômica desfavorecida criaram barreiras complexas na construção da minha identidade, exigindo de mim um esforço constante para entender quem eu realmente sou.

Minha formação como pedagoga foi um divisor de águas, me ajudando a compreender e teorizar muito dessa construção identitária. Fui criada sob uma autoridade moral muito forte; meu pai era extremamente rígido na correção do nosso comportamento, cercando nossa infância de proibições e 'não podes'. Embora essa criação rigorosa tenha me moldado como uma pessoa honesta e de valores sólidos, ela também me inibiu em diversos aspectos, marcas e bloqueios que, hoje, aos meus quase 34 anos, ainda luto diariamente para superar e ressignificar.

A comunicação e a socialização sempre foram terrenos complexos para mim; há bloqueios internos que eu mesma ainda tento decifrar. Após me especializar em Transtorno do Espectro

Autista (TEA), cheguei a cogitar se minhas características não se enquadrariam no espectro. No entanto, hoje pondero que grande parte desse meu retraimento se deve ao ambiente rígido em que fui criada. Estabelecer amizades sempre foi um desafio, e são raras as pessoas com quem consigo interagir com alguma desenvoltura e verdadeira liberdade.

Há um ano e meio, precisei, de forma forçada e urgente, buscar a terapia. Embora eu saiba da importância de cuidar da minha saúde mental, o pontapé inicial se deu por uma circunstância dolorosa: o divórcio após um relacionamento de 13 anos. Esse processo me quebrou e me reconstruiu ao mesmo tempo. Ele me fez perceber o quão complexo é estabelecer uma vida a dois quando você ainda está em pleno processo de amadurecimento, e o quanto é vital — e raro — que a pessoa ao seu lado tenha a maturidade necessária para compreender e respeitar esse tempo de evolução.

Mais uma vez, minha formação acadêmica entra como elemento crucial de amadurecimento nessa trama da minha vida. Após esse acontecimento, busquei em teorias para refletir sobre o matrimônio que, segundo o sociólogo clássico Émile Durkheim, funciona como uma instituição social reguladora, essencial para dar ordem e estabilidade à vida dos indivíduos. Olhar para o casamento através desse prisma me permitiu entender o peso cultural e moral que eu carregava sobre a durabilidade da relação, ajudando-me a desconstruir a culpa e a entender que a dissolução dessa instituição na minha vida privada foi o passo necessário para a reconstrução da minha própria individualidade. Outro pensador que fundamenta essa reflexão é Zygmunt Bauman. Em sua obra, o sociólogo discute como o matrimônio deixou de ser uma instituição rígida e indissolúvel para se tornar uma dinâmica baseada em conexões maleáveis e fluidas.

Embora tenha sido um processo doloroso, hoje compreendo o quanto amadureci com essa experiência; apesar de difícil, ela me tornou uma mulher mais forte e, acima de tudo, livre. Fui educada sob a premissa de que a mulher necessita de um cônjuge para alcançar uma vida de ordem e estabilidade social, e de que, sem isso, seria incompleta. A religião cristã sustenta fortemente essa ótica, e foi por ela que pautei grande parte da minha vida — um dogma que hoje consigo ressignificar.

Olhar para trás me faz perceber que passei anos tentando me edificar a partir do olhar do outro, uma tentativa dolorosa de caber em fôrmas que nunca foram minhas. Hoje, a maturidade me trouxe a liberdade de me (re)inventar e guiar meus passos apenas pelo que me inspira genuinamente. Se antes eu buscava a completude no externo, hoje entendi que o amor próprio é a única base sólida e fiel que me sustenta nessa nova jornada. Tem sido uma fase linda e fascinante esse processo.

Sou Verônica Marques Barbosa, pedagoga graduada em 2016 pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). A educação sempre esteve presente em minha vida; embora meus pais fossem tradicionais, eles sempre enfatizavam que os estudos seriam o caminho para uma vida melhor. Foi nessa área que busquei minha ascensão, motivada por uma afinidade genuína e inspirada pelos professores que marcaram meu processo de escolarização.

Tenho imenso orgulho de ter me qualificado na UFT, uma instituição de excelência. Os frutos dessa trajetória logo apareceram: em 2019, conquistei minha primeira aprovação no concurso para professora em Porto Nacional - TO. Já em 2023, alcancei a segunda aprovação, desta vez como Coordenadora Pedagógica na Rede Estadual de Educação do Tocantins. Atualmente, atuo como Técnica Educacional na Diretoria de Educação Inclusiva e Acessibilidade,

onde tenho a honra de contribuir com a Educação Especial, uma área que tem me fascinado a cada dia.

É justamente esse trabalho na Diretoria que tem impulsionado minha busca por especialização, motivando meu ingresso na Pós-Graduação em TEA, TDAH e Altas Habilidades ou Superdotação. Mais do que uma função, busco a qualidade técnica e humana. Meu propósito é servir à sociedade com excelência, impulsionando uma educação inclusiva que de fato traga transformações profundas e progressos significativos para todos.

Olhando para o futuro, vislumbro a continuidade dessa qualificação por meio do mestrado e do doutorado. Toda a transformação que vivenciei em minha vida pessoal serviu como um despertar, impulsionando-me a buscar o topo da minha evolução profissional. Sei que o caminho da pesquisa e da docência superior exige renúncias e que o processo é difícil; no entanto, a história que construí até aqui me provou que nada é impossível para quem aprendeu a se reconstruir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BDURKHEIM, Émile. O suicídio: estudo de sociologia. Tradução de Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DURKHEIM, Émile. Da divisão do trabalho social. Tradução de Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

Capítulo 41

PROJETO DE PESQUISA

Zirlene Morais da Silva

RESUMO

O presente trabalho apresenta um memorial descritivo e um projeto de intervenção desenvolvidos como requisito para a conclusão do curso de especialização. O memorial descreve a trajetória pessoal, acadêmica e profissional da autora, evidenciando as experiências que contribuíram para sua formação, bem como os desafios enfrentados e as aprendizagens construídas ao longo de sua caminhada.

A narrativa destaca a importância da educação como instrumento de transformação pessoal, social e profissional, reforçando o compromisso com a formação continuada e com a promoção de práticas educacionais inclusivas.

Como complemento ao memorial, apresenta-se um projeto de intervenção voltado à prevenção, identificação e enfrentamento do cyberbullying no ambiente escolar. O projeto tem como objetivo promover ações educativas e preventivas junto a estudantes de 13 a 17 anos, buscando conscientizar a comunidade escolar sobre os impactos emocionais, sociais e educacionais da violência virtual e contribuir para a construção de um ambiente mais seguro, respeitoso e acolhedor para todos.

Conclui-se que a formação continuada, aliada ao compromisso com a educação inclusiva, ao respeito às diferenças e à valorização do desenvolvimento humano, constitui um importante instrumento para o fortalecimento da prática profissional e para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Palavras-chave: Educação Inclusiva. Cyberbullying. Desenvolvimento Humano. Formação Continuada.

INTRODUÇÃO

O presente memorial descritivo tem como objetivo apresentar minha trajetória pessoal, acadêmica e profissional, evidenciando as

experiências, os desafios, as conquistas e os aprendizados que contribuíram para a construção da minha identidade pessoal e para o desenvolvimento da minha atuação profissional. Trata-se de um exercício de reflexão que possibilita revisitar momentos significativos da minha história de vida, reconhecendo as vivências que influenciaram minha formação e fortaleceram meu compromisso com a educação e o aperfeiçoamento contínuo.

Meu nome é Zirlene Morais da Silva, nasci em Araguaína, no Estado do Tocantins, e resido atualmente em Palmas - Tocantins, onde vivo há mais de vinte anos. Sou graduada em Serviço Social pela Fundação Universidade do Tocantins (UNITINS) e exerço minhas atividades profissionais na Secretaria de Estado da Educação do Tocantins (SEDUC), atuando na área educacional e contribuindo para o fortalecimento das políticas públicas voltadas à educação.

Ao longo da minha trajetória, vivenciei diferentes experiências que foram determinantes para meu crescimento pessoal e profissional. Minha caminhada foi marcada por desafios, superações e pela constante busca por conhecimento, sempre compreendendo a educação como um instrumento fundamental de transformação social, promoção da cidadania e desenvolvimento humano. Desde a infância, os valores transmitidos por minha família, como responsabilidade, respeito, ética, perseverança e valorização do conhecimento, constituíram a base das minhas escolhas e continuam orientando minha vida pessoal e profissional.

A elaboração deste memorial representa uma oportunidade de sistematizar minha trajetória de vida, refletir sobre os caminhos percorridos e reconhecer a importância das pessoas e das experiências que contribuíram para minha formação. Além disso, este trabalho permite compreender que minha vivência acadêmica e profissional despertou o interesse pela formação continuada, motivando minha participação na Especialização em Transtorno do

Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), Transtorno do Espectro Autista (TEA), Altas Habilidades e Superdotação, ofertada pela Universidade Federal do Tocantins.

Por meio deste memorial, apresento uma reflexão sobre minha história de vida, minha formação acadêmica, minha experiência profissional e minhas perspectivas futuras, reafirmando a importância da educação continuada como elemento essencial para o aprimoramento das competências profissionais, para a promoção de práticas inclusivas e para a construção de uma atuação cada vez mais comprometida com a transformação da realidade social.

MEMORIAL DESCRITIVO

Minha História de Vida

Meu nome é Zirlene Morais da Silva. Nasci em Araguaína, no estado do Tocantins, e atualmente resido em Palmas- Tocantins, cidade onde construí grande parte da minha trajetória pessoal, acadêmica e profissional.

Sou a filha mais velha de seis irmãos, sendo a única mulher entre cinco homens. Minha infância foi marcada por experiências que contribuíram significativamente para a formação da pessoa que sou hoje. Entre os acontecimentos mais marcantes desse período está o falecimento do meu pai, quando eu tinha aproximadamente sete anos de idade. Essa perda representou um momento de grande impacto em minha vida e trouxe novos desafios para minha família.

Após o falecimento do meu pai, fui criada por uma forte rede de mulheres formada por minha avó, minha mãe e minhas tias. Cada uma delas desempenhou um papel fundamental em minha criação, oferecendo apoio, acolhimento, orientação e ensinamentos que permanecem presentes em minha vida e influenciam minhas escolhas até os dias atuais.

Cresci em um ambiente familiar simples, mas alicerçado em valores como respeito, solidariedade, responsabilidade, honestidade e dedicação. Esses princípios foram essenciais para minha formação humana e serviram de base para a construção da minha identidade pessoal e profissional.

Entre as lembranças mais significativas da minha infância destaco a convivência com minha avó materna, uma mulher que, apesar de não ter tido acesso à educação formal, compreendia profundamente o valor do conhecimento. Ela sempre incentivava seus filhos e netos a estudarem, afirmando que a educação era um patrimônio que ninguém poderia tirar de uma pessoa. Mesmo sem ter frequentado a escola, acreditava que o conhecimento tinha o poder de abrir portas, transformar vidas e proporcionar oportunidades capazes de modificar o futuro.

Esses ensinamentos exerceram profunda influência em minha formação e fortaleceram em mim a convicção de que a educação constitui um dos mais importantes instrumentos de crescimento pessoal, desenvolvimento profissional e transformação social. Ao longo da vida, mesmo diante das dificuldades e das interrupções que marcaram parte da minha trajetória acadêmica, mantive firme o propósito de continuar aprendendo, buscando novos conhecimentos e investindo em minha qualificação profissional.

Ao revisitar essa etapa da minha história, reconheço que grande parte dos valores que orientam minha vida pessoal e profissional foi construída durante a convivência com minha família, especialmente com as mulheres que assumiram minha criação. O incentivo constante aos estudos, o exemplo de perseverança e a valorização da educação foram fundamentais para a formação da profissional que me tornei e continuam inspirando minha busca por novos desafios e pelo aprimoramento contínuo.

Contexto Familiar e Social

Minha trajetória de vida está profundamente relacionada aos valores familiares que recebi ao longo dos anos. Cresci em um ambiente em que, apesar das dificuldades, sempre houve incentivo constante à busca pelo crescimento pessoal por meio da educação, do trabalho e da responsabilidade.

A convivência com minha mãe, minha avó, minhas tias e meus irmãos contribuiu de forma significativa para a construção da minha visão de mundo, permitindo que, desde cedo, eu compreendesse a importância da união familiar, da solidariedade e do respeito às pessoas, princípios que passaram a orientar minhas relações pessoais e profissionais.

Embora tenha nascido em Araguaína, grande parte da minha trajetória foi construída em Palmas, cidade onde resido há mais de vinte anos. Foi nesse município que desenvolvi minha vida acadêmica, profissional e social, estabelecendo vínculos importantes e ampliando minhas experiências pessoais e sociais. Ao longo dos anos, tive a oportunidade de conviver com diferentes realidades sociais, o que contribuiu para uma compreensão mais ampla sobre as necessidades das pessoas e sobre a relevância das políticas públicas voltadas à promoção da cidadania e da inclusão social.

Essas vivências despertaram em mim uma sensibilidade maior para compreender as dificuldades enfrentadas por diferentes grupos da sociedade, influenciando diretamente minhas escolhas acadêmicas e profissionais, especialmente minha decisão de ingressar na área do Serviço Social.

Com o passar do tempo, compreendi que os ensinamentos recebidos na infância e na juventude foram fundamentais para a construção dos valores que orientam minha atuação profissional. O compromisso com a ética, o respeito às diferenças, a valorização da

educação e a preocupação com o bem-estar coletivo permanecem como princípios que norteiam minha caminhada.

Ao refletir sobre minha trajetória, reconheço que minha família exerceu papel essencial na formação da pessoa que sou hoje, contribuindo para o desenvolvimento da responsabilidade, da perseverança e da disposição para enfrentar desafios, bem como para a busca contínua por novos conhecimentos e pelo aprimoramento pessoal e profissional.

Formação Acadêmica

Minha trajetória acadêmica foi construída de forma gradual, sendo marcada por diferentes experiências de vida e por escolhas que, em determinados momentos, me levaram a interromper temporariamente os estudos formais para me dedicar a questões pessoais e profissionais.

Entretanto, os ensinamentos recebidos durante a infância, especialmente aqueles transmitidos por minha avó sobre a importância do conhecimento, permaneceram sempre presentes em minha formação pessoal. Com o passar dos anos, compreendi que a educação se constitui como um instrumento essencial para o crescimento pessoal e profissional, bem como para a ampliação de oportunidades e transformação da realidade social.

Motivada por esse entendimento, retomei meus estudos e concluí a Educação Básica do Ensino Médio no município de Palmas - TO. Esse retorno representou importante conquista em minha trajetória, pois reafirmou minha capacidade de superar desafios e alcançar objetivos por meio da dedicação e da perseverança.

Em seguida, ingressei no curso de Serviço Social da Fundação Universidade do Tocantins (UNITINS), motivada pelo interesse nas questões sociais, na promoção da cidadania e na defesa dos direitos

das pessoas em situação de vulnerabilidade. Durante a graduação, tive a oportunidade de ampliar meus conhecimentos sobre políticas públicas, direitos sociais, desenvolvimento humano e inclusão social, o que contribuiu significativamente para a construção da minha identidade profissional e para o fortalecimento do meu compromisso com a justiça social.

Posteriormente, com a conclusão da graduação, vivenciei diferentes experiências profissionais que contribuíram para meu crescimento pessoal e para a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos ao longo do curso. Embora tenha permanecido por um período afastada da formação acadêmica formal, mantive constante o interesse pelo aprendizado e pela busca de novos conhecimentos.

Atualmente, estou cursando a Especialização em Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), Transtorno do Espectro Autista (TEA), Altas Habilidades e Superdotação, ofertada pela Universidade Federal do Tocantins. Essa formação representa uma importante oportunidade de atualização e aprofundamento profissional, reforçando a convicção de que o aprendizado deve ser contínuo ao longo da vida.

Ao refletir sobre minha trajetória acadêmica, reconheço que cada etapa vivenciada contribuiu de forma significativa para meu desenvolvimento pessoal e profissional, fortalecendo valores como perseverança, responsabilidade e compromisso com a educação e com a transformação social.

Trajetória Profissional

Minha trajetória profissional foi construída a partir da formação em Serviço Social e do interesse em contribuir para o desenvolvimento humano e para a promoção dos direitos sociais.Após a conclusão da graduação, iniciei minha atuação

profissional em ações e projetos voltados ao atendimento de pessoas em situação de vulnerabilidade social. Uma das experiências mais significativas ocorreu na Casa Compaixão, Instituição que desenvolvia um projeto voltado à implantação de uma instituição de longa permanência para idosos no município de Palmas. Nesse contexto, atuei como Assistente Social, participando de ações de acolhimento, orientação e acompanhamento social.

Embora o projeto não tenha sido concluído em razão do falecimento da principal responsável pela iniciativa, essa experiência contribuiu de maneira significativa para minha formação profissional, fortalecendo meu compromisso com a promoção da dignidade humana, da cidadania e da inclusão social.

Posteriormente, ingressei na Secretaria de Estado da Educação do Tocantins (SEDUC), onde atuei por aproximadamente quatro anos como Assessora da Diretoria de Formação Continuada. Durante esse período, participei de atividades relacionadas ao planejamento, desenvolvimento e acompanhamento de ações voltadas à qualificação profissional e ao fortalecimento das políticas educacionais.

Atualmente, exerço a função de Assessora na Diretoria de Desenvolvimento de Competências Socioemocionais da SEDUC, função que desempenho há aproximadamente seis meses. Essa experiência tem ampliado minha compreensão sobre a relevância das competências socioemocionais no contexto educacional, contribuindo para o aprimoramento da minha prática profissional e para a construção de uma visão mais ampla sobre os desafios da educação contemporânea.

Assim, ao longo da minha trajetória profissional, busquei atuar com responsabilidade, ética e compromisso social, reconhecendo a importância da educação e das políticas públicas como instrumentos

fundamentais para a promoção de oportunidades, a redução das desigualdades e o desenvolvimento das pessoas e da sociedade.

A Especialização e sua Importância

A oportunidade de ingressar na Especialização em Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), Transtorno do Espectro Autista (TEA), Altas Habilidades e Superdotação surgiu a partir da minha atuação profissional na Secretaria de Estado da Educação do Tocantins (SEDUC).

Durante o exercício das minhas atividades profissionais, tive acesso à possibilidade de inscrição no curso ofertado pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Ao conhecer a proposta da especialização, identifiquei uma temática diretamente relacionada à minha formação em Serviço Social e à minha atuação no contexto educacional, o que despertou grande interesse em aprofundar meus conhecimentos na área.

O interesse pela formação esteve relacionado à relevância dos conteúdos abordados, especialmente aqueles voltados à inclusão, ao desenvolvimento humano e às necessidades educacionais específicas. Nesse sentido, compreendi que a especialização poderia contribuir de forma significativa para o aprimoramento da minha prática profissional e para a ampliação da minha compreensão sobre os processos educacionais inclusivos.

Durante o curso, tive a oportunidade de aprofundar estudos sobre o TDAH, o TEA, as Altas Habilidades e a Superdotação, além de refletir sobre a importância da construção de práticas pedagógicas inclusivas e do respeito à diversidade humana. Essa formação proporcionou novas aprendizagens e ampliou minha visão sobre os desafios enfrentados por estudantes com necessidades educacionais

específicas, fortalecendo minha compreensão sobre inclusão, desenvolvimento e garantia de direitos no contexto educacional.

Além de representar uma importante qualificação profissional, a especialização reforçou em mim o desejo de dar continuidade à formação acadêmica, reconhecendo a educação como um processo permanente de aprendizagem e aperfeiçoamento.

Dessa forma, considero que essa experiência acadêmica contribuiu significativamente para meu crescimento pessoal e profissional, agregando novos conhecimentos à minha trajetória e fortalecendo meu compromisso com a promoção da inclusão, da equidade e do desenvolvimento humano.

REFLEXÃO FINAL

Ao refletir sobre minha trajetória de vida, reconheço que cada experiência vivenciada contribuiu de maneira significativa para minha formação pessoal e profissional. As dificuldades enfrentadas ao longo do caminho, especialmente durante a infância, foram ressignificadas como oportunidades de aprendizado e fortalecimento, auxiliando na construção de valores que permanecem presentes em minha vida até os dias atuais.

A convivência com minha família, especialmente com minha mãe, minha avó e minhas tias, ensinou-me a importância da responsabilidade, da perseverança e da valorização da educação. Esses ensinamentos foram fundamentais para que eu compreendesse o conhecimento como uma ferramenta capaz de transformar realidades, ampliar oportunidades e promover o desenvolvimento humano.

Minha formação em Serviço Social e minha atuação profissional contribuíram para o aprofundamento da minha compreensão acerca das necessidades humanas, das políticas

públicas e da relevância da promoção da inclusão e da cidadania. Ao longo dessa trajetória, participei de diferentes experiências que favoreceram meu crescimento pessoal e fortaleceram meu compromisso com a transformação social.

A participação na Especialização em Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), Transtorno do Espectro Autista (TEA), Altas Habilidades e Superdotação representou uma etapa importante desse percurso formativo. O curso ampliou meus conhecimentos sobre inclusão, diversidade e necessidades educacionais específicas, proporcionando aprendizagens relevantes que certamente contribuirão para o aprimoramento da minha prática profissional.

Compreendo que o processo de aprendizagem é contínuo e permanente, e que cada nova experiência representa uma oportunidade de crescimento e ressignificação da prática profissional. Dessa forma, encerro esta reflexão com sentimento de gratidão pelas oportunidades vivenciadas e com a convicção de que ainda há muito a aprender, contribuir e construir ao longo da minha trajetória.

VISÃO DE FUTURO

Ao projetar o futuro, pretendo continuar investindo em minha formação acadêmica e profissional, buscando a ampliação constante de conhecimentos e o aprimoramento da minha atuação nas áreas da educação, da inclusão e do desenvolvimento humano.

A experiência adquirida ao longo da minha trajetória profissional, aliada aos conhecimentos proporcionados pela Especialização em Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), Transtorno do Espectro Autista (TEA), Altas Habilidades e Superdotação, fortaleceu ainda mais meu interesse pelas temáticas

relacionadas à educação inclusiva e às necessidades educacionais específicas.

Pretendo dar continuidade a minha atuação na área educacional, contribuindo para o fortalecimento de políticas públicas, projetos e ações que promovam a inclusão, o respeito às diferenças e a valorização das potencialidades de cada indivíduo.

Da mesma forma, almejo seguir investindo em minha formação contínua, participando de novas capacitações e buscando constante atualização profissional, compreendendo o conhecimento como um processo permanente e essencial para o desenvolvimento pessoal e profissional.

Meu objetivo é, assim, contribuir de forma significativa para a sociedade, utilizando os conhecimentos adquiridos ao longo da minha trajetória para promover ações que favoreçam o desenvolvimento humano, a inclusão social e a construção de ambientes mais acolhedores, justos e acessíveis para todos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). Diário Oficial da União: Brasília, DF, 9 nov. 2015.

BRASIL. Lei nº 14.811, de 12 de janeiro de 2024. Institui medidas de proteção à criança e ao adolescente contra a violência nos ambientes digitais. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 15 jan. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília: MEC, 2018.

FANTE, Cleo. Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas: Verus, 2005.

MORAN, José Manuel. Metodologias Ativas para uma Educação Inovadora. Porto Alegre:Penso, 2018.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Educação Inclusiva e Direitos Humanos. New York: ONU, 2020.

UNESCO. Behind the Numbers: Ending School Violence and Bullying. Paris: UNESCO, 2019.

UNICEF. Impactos da violência digital na infância e adolescência. Brasília: UNICEF, 2022.

Sobre os autores

Aldilene Borges Asevêdo
Graduada em Administracão pela Unirg. Especialista Gestão Ambiental e Manejo Florestal -UFLA -MG Profissional de Apoio rede Municipal Gurupi Especialista em TDAH, TEA, Altas Habilidades e Superdotação E-mail: asevedoaldilene@gmail.com.

Alessandra Andrade Rezende
Graduado em Pedagogia pelo Instituto Tecnológico BITS de Manaus/AM Professor de AEE da Escola Referência do SESI Palmas Especialista em TDAH, TEA, Altas Habilidades e Superdotação E-mail: alemodas2000@gmail.com

Ana Cristina Viana Ribeiro Verçosa
Graduada em Ciências Biológicas pela Fundação Universidade do Tocantins e Pedagogia (FAEL) Professora da rede estadual do Tocantins Especialista em TDAH, TEA, Altas Habilidades e Superdotação E-mail: cristinavrv@gmail.com

Andrei da Silva Sousa
Graduado em Letras/ Literatura pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão Professor da rede estadual Especialista em TDAH, TEA, Altas Habilidades e Superdotação E-mail: andreisousascj@gmail.com.

Camilla Coáglio Peixoto
Graduada em Direito pela Universidade Luterana do Brasil e em Letras pela Faculdade UniÚnica. Advogada - Técnica em Assuntos Jurídicos e Ouvidoria da Superintendência Regional de Educação. Especialista em TDAH, TEA, Altas Habilidades e Superdotação e Direito Público. E-mail: Camilla_coaglio@hotmail.com

Célia Cirqueira da Silva
Graduada em Serviço Social pela Unidade de Ensino Superior do Sul do Maranhão (UNISULMA) Servidora Pública do Estado do Tocantins como Assistente Social do Hospital Regional Augustinópolis. Especialista em TEA, TDAH, Altas Habilidades e Superdotação E-mail: celia15cirq@gmail.com

Cleide Diamantino Lopes
Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Professora da rede municipal - Palmas-TO. Especialista em TDAH, TEA, Altas Habilidades e Superdotação. E-mail: cleidegbito@gmail.com.

Edinalva Luiz Cardoso
Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás. Professora da rede estadual do Tocantins. Especialista em TDAH, TEA, Altas

Habilidades e Superdotação E-mails edinalvacardoso@professor.to.gov.br.

Elizia Aparecida Pinheiro
Graduada em: Ciências Biológicas (UEMG); Matemática (UNITINS); Pedagogia (UNISA). Especialista em: Educação Ambiental (UNIPAM); Avaliação Escolar Matemática (CESGRANRIO); Educação Especial e Inclusiva (UNINTER). Mestra em Ecologia de Ecótonos (UFT). Professora da Rede Estadual do Tocantins Especialista em TDAH, TEA, Altas Habilidades e Superlotação E-mail: eliziapinheiro@professor.to.gov.br

Flávia Lustosa de Alencar
Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí. Professora da rede estadual Especialista em TDAH, TEA, Altas Habilidades e Superdotação E-mail: flavia.alencar@professor.to.br

Gabriela Silva dos Santos
Graduada em Educação Física pelo Instituto Federal do Tocantins (IFTO) Professora da rede estadual do Tocantins Especialista em TDAH, TEA, Altas Habilidades e Superdotação E-mail: profgabriela17@gmail.com

George José dos Santos
Graduação: pedagogia pela Universidade Federal do Tocantins (UFT) Professor da educação básica Especialista em TDAH,TEA, Altas Habilidades e Superlotação E-mail: georgesantosuft@yahoo.com.br

Helane Dias Rodrigues
Graduada em Pedagogia pelo CEULP- ULBRA Professora da Educação Básica do Estado do Tocantins Especialista em TDAH, TEA, Altas Habilidades e Superdotação E-mail: helanerodrigues@seduc.to.gov.br

Hilton Oliveira Nogueira da Silva
Graduado em Letras/Português pela Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB). Professor da rede municipal. Especialista em TDAH, TEA, Altas Habilidades e Superdotação E-mail: profhilton17@gmail.com

Isabelle Gomes do Nascimento
Graduada em Enfermagem pela Universidade Paulista. Servidora Municipal - Semus - Palmas-TO. Especialista em TDAH, TEA, Altas Habilidades e Superdotação E-mail: isabellegn.enf@gmail.com

Ivaneide da Conceição Pitanga
Graduada em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Professora da rede estadual do TO especialista em TDAH,TEA, Altas Habilidades e Superdotação E-mail : neyddebarbosa@hotmail.com

Jadson Lobato Gonçalves
Bacharel em Direito pela Universidade da Amazonia e Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará; Advogado e Professor da Rede Estadual do Tocantins Especialista em TDAH, TEA, Altas Habilidades e Superdotação E-mail: jadson.goncalves@professor.to.gov.br

Jaumineide Oliveira dos Santos Soares
Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Tocantins - Unitins. Professora da Rede Municipal de Araguatins. Especialista em TDAH, TEA , Altas habilidades e Superdotação Email: jaumineide16@gmail.com
Kátia de Almeida Macedo
Graduada em Letras/Português pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professora da rede estadual . Especialista em TDAH, TEA, Altas Habilidades e Superdotação E-mail: katiaalmeida.macedo@professor.to.gov.br

Kátia Cilene Siqueira da Silva Leite
Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Tocantins Professora da Rede Estadual do Tocantins Especialista em TDAH, TEA, Altas Habilidades e Superdotação E-mail: katiasiqueiraleite@gmail.com

Leilane Silva Carvalho
Graduada em Química pela Universidade Federal do Maranhão Professora da Educação Básica Especialista em TDAH, TEA, Altas Habilidades e Superdotação E-mail: leilanecarvallho@gmail.com

Marcelene Batista Cunha
Graduada em Pedagogia e Letras pela UFT , especialista em Coordenação Pedagógica pela UFT, mestre em Letras pela UFT. Professora da rede Estadual do TO. Especialista em TDA H, TEA, Altas Habilidades e Superdotação E-mail:marcelenebatistacunha1@gmail.com

Maria Aparecida Fernandes de Sousa
Graduada em Pedagogia pela Fundação Universidade do Tocantins - Unitins Professora da rede Municipal de Palmas-TO Especialista em TDAH, TEA, Altas Habilidades e Superdotação E-mail: mariaapfs2013@gmail.com

Marilene Carvalho Soares
Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) Professora da Rede Estadual em Palmas - TO Especialista em TDAH, TEA, Altas Habilidades e Superdotação E-mail: marilene.soares@professor.to.gov.br

Meridiana do Nascimento Bastos
Graduada em Pedagogia pela Universidade Norte do Paraná - Unopar.

Professora da Rede Estadual. Especialista em TDAH, TEA , Altas habilidades e Superdotação Email: meridiana.bastos@professor.to.gov.br

Milena Ferreira Galvão
Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Tocantins Professora da Educação Básica Especialista em TDAH, TEA, Altas Habilidades e Superdotação E-mail: milena.galvao@professor.to.gov.br

Núbia Daiana Mota Carvalho
Graduada em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal do Tocantins -UFT, assessora de comunicação da Secretaria de Estado da Educação, acadêmica de Fonoaudiologia, especialista em TDAH, TEA, Altas Habilidades e Superdotação E-mail: nubiadaianamota@gmail.com

Rickesley da Silva Alves
Graduado em Letras Português pela Universidade Católica de Brasília - UCB Professor da rede estadual. Especialista em TDAH, TEA, Altas Habilidades e Superdotação E-mail: rickesleyalves@gmail.com

Ronaira Lourenço Gomes
Graduada em Pedagogia pela UNOPAR Professora/Técnica Pedagógica da SEDUC-TO Especialista em TDAH, TEA, Altas Habilidades e Superdotação E-mail: ronairagomes@seduc.to.gov.br

Rosimere Pinheiro da Silva
Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Tocantins Professora da rede estadual Especialista em TDAH, TEA, Altas Habilidades e Superdotação E-mail: rosimere.silva@seduc.to.gov.br

Santina Faustina Passos
Graduada em Pedagogia pela Universidade UniEvangelica Anápolis-Go Assessora da Diretoria de Desenvolvimento de Competências Sócio emocionais /SEDUC, especialista em TDAH,TEA, Altas Habilidades e Superdotação E-mail : tina04.passos@gmail.com

Verônica Marques Barbosa
Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Tocantins. Professora da rede estadual. Especialista em TDAH, TEA, Altas Habilidades e Superdotação E-mail: veronica.barbosa@professor.to.gov.br.

Zirlene Morais da Silva.
Graduada em Serviço Social pela Unitins. Assessora da Diretoria de Competências Socioemocionais(SEDUC). Especialista em TDAH, TEA, Altas Habilidades e Superdotação. E-mail: zirlenemorais@gmail.com

Sobre os organizadores

Kelber Abrão

Professor Associado da Universidade Federal do Tocantins (UFT) e Coordenador do Centro de Formação, Extensão, Inovação e Pesquisa em Educação, Lazer e Saúde (CEPELS), leciona nos cursos de Educação Física e Psicologia. É também Coordenador e Professor Permanente do Mestrado Profissional em Rede em Educação Física e do Doutorado em Educação na Amazônia e no Mestrado acadêmico Educação. Atua como Presidente da Editora Universitária da UFT (EdUFT). Entre os projetos coordenados, destacam-se quatro cursos de pós-graduação lato sensu (especialização), desenvolvidos em parceria com a Secretaria de Educação do Estado do Tocantins (SEDUC): Pós-Graduação em Bem-Estar, Saúde e Lazer Docente; Pós-Graduação em Inovação Pedagógica na Educação Digital; Pós-Graduação em Gestão de Equipes e Liderança Educacional; Pós-Graduação em Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade, Transtorno do Espectro Autista, Altas Habilidades e Superdotação. É Coordenador de Gestão do PIBID. Na UFT, foi Diretor Interino do Câmpus Universitário de Miracema (2021) e Vice-Diretor (2017-2021). Atuou como Assessor Técnico na rede TOPAMA (Ministério da Saúde e UFT, 2019-2023), na produção de Materiais Didáticos e como Coordenador do Programa de Inovação Pedagógica (2020-2025). Acumulou 12 anos de experiência na Educação Básica antes de ingressar no Ensino Superior, em 2008. Seus principais campos de atuação incluem docência e gestão nas áreas de Educação e Saúde, com foco em: Formação de Profissionais para a Docência, Estudos do Lazer, Educação Especial, Inclusiva e Adaptada, Gestão e Planejamento, Políticas Públicas em Saúde, Ciclos de Vida.

Fábio Pereira Vaz

Doutorando em Educação na Amazônia (UFT). Secretário de Estado da Educação do Tocantins (2023-2026). Mestre em Gestão de Políticas Públicas (UFT-2020); Especialista em Metodologia de Ensino e Linguagens pela EDUCON (2009) e licenciado em Letras pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (2003). Atuou na área da Segurança Pública, Juventude e Finanças, possui vastos conhecimentos sobre políticas públicas. Servidor efetivo da Rede Pública Estadual de Ensino do Tocantins, com experiência em docência e gestão pública. Na área política atuou em cargos eletivos no município de Palmeirópolis/TO,

como vereador (2005 a 2008) e prefeito (2009 a 2012 e 2017 a 2020). Professor; Pesquisador e Palestrante. Áreas de pesquisa: Educação; Formação de professores; Saúde, Bem-estar e Qualidade de Vida; educação infantil, estudos da língua portuguesa e literatura e gestão pública. Pesquisador do Centro de Formação, Extensão, Inovação e Pesquisa em Educação, Lazer e Saúde.

Thiago Nilton Alves Pereira

Possui graduação em Ciências Biológicas (Bacharelado e Licenciatura) pela Universidade Federal do Tocantins (2007), mestrado em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Câmpus Botucatu (2010), e doutorado em Ciências pela Universidade de São Paulo (2014). Atua nas áreas de formação de anatomia animal comparada do Sistema Nervoso Central de Peixes, bem como na formação de professores para o ensino de Ciências, Zoologia, adoecimento docente e aspectos pedagógicos e biológicos do neurodesenvolvimento. Atualmente, é Professor Adjunto IV do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Tocantins e Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade, Ecologia e Conservação. Exerce a função de vice-coordenador da Especialização em Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade, Transtorno do Espectro Autista, Altas Habilidades e Superdotação. É vice-líder do Centro de Formação, Extensão, Inovação e Pesquisa em Educação, Saúde e Lazer (CEPELS) e Coordenador Administrativo do Programa de Apoio Técnico e Financeiro à Formação Continuada para Diretores Escolares e Técnicos das Secretarias de Educação (PRODITEC/UFT). Foi coordenador do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas no período de 2016 a 2018 e atuou como Diretor de Pesquisa entre 2022 e 2025.

Apoio:

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

FAPTO
FUNDAÇÃO DE APOIO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO DO TOCANTINS

GOVERNO DO TOCANTINS
TRABALHANDO E CUIDANDO DE TODOS

CEPELS